This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

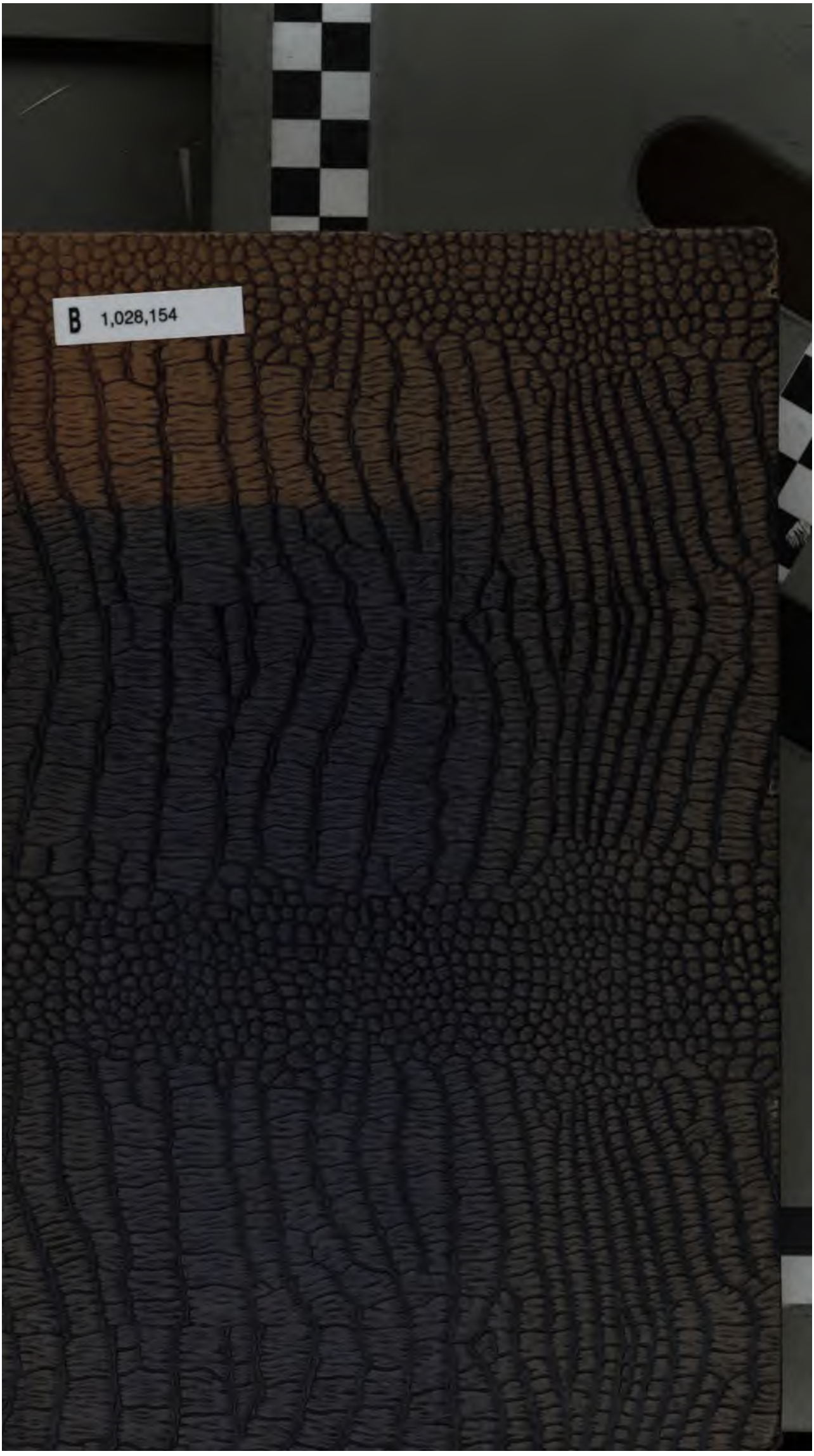
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`


B 1,028,154

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

PORTUGAL E BRAZIL

Quinto anno

ABRIL DE 1864

V

LISBOA
Escriptorio da REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL,
Calçada do Sacramento n.º 7, sobre-loja.
1865

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

PORTUGAL E BRAZIL

Quinto anno

ABRIL DE 1864

V

LISBOA
Escriptorio da REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL,
Calçada do Sacramento n.º 7, sobre-loja
1865

v.5

Lisboa.—Typ. Franco-Portugueza—Rua do Thesouro Velho n. 6.

J. B. de Almeida-Garrett.

Lit. d'Annoni Rand R.A. de Lis.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT

João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett, visconde d'Almeida Garrett, do conselho de Sua Magestade, par do reino, ministro de Estado honorario, chronista mór, juiz do tribunal do commercio, e maior por suas obras que por seus titulos, é dos vultos predominantes, que ficam em pé no ádito dos seculos, como representantes d'elles. De taes homens não se diz *foram*, porque não deixaram de ser: diz-se *sam*, porque a sua melhor vida vem a começar na posteridade!

O nome do visconde d'Almeida Garrett é tanto para inflammar o enthusiasmo em quem o escuta, como para infundir um respeitoso temor em quem o evoca. Ao poente da humanidade, detraz

dos cómoros cinerarios, ergue-se a aurora da gloria para as grandes figuras, em que se consubstanciam os caracteres de uma época. Não se passa ante essas figuras, ou ante os seus monumentos, sem inclinar a fronte, ou dobrar o joelho. A oração contemplativa acompanha a genuflexão reverente.

Da penumbra do tumulo o visconde d'Almeida Garrett poude ver ainda aos pés uma geração acurvada á sua fama.

O derradeiro suspiro cruzou-se-lhe nos ares com o brado da nação que o levantava principe, preparando-lhe a resurreição no horto da agonia. Estas honras sòberanas, votadas á custosa realesa do engenho, tornaram-lhe em solio o mausoleu, coroando o espirito que imperará sobre as edades. Quando de um lado se fecharam as portas funeraes cerradas sobre a cinza das paixões, logo do outro se lhe abriram de par em par as da immortalidade!

Garrett, nascendo com a nossa época para ser instaurador litterario d'ella, como o haviam sido, ou tentado, em datas anteriores e diversas, Garção seu predecessor, Camões seu mestre, e Bernardim seu typo, impregnou-se de todas as novas idéas, e em seu serviço empenhou inteira a caudal valia dos seus dotes intellectuaes.

Cursando a faculdade de jurisprudencia na Universidade de Coimbra, revelou para logo a sua alta vocação. Os ensaios, em que tenteava a lyra inexperiente, foram saudados com auspicioso fervor pela selecta mocidade academica, apesar de ter já então por digno emulo outro poeta primoroso, que é hoje semrival.

Emigrando, tractou em Paris com o exul Francisco Manoel do Nascimento, mais conhecido pelo nome de Fylinto Elysio, e ahi se lhe desenvolveu nos amargores do desterro a graça melancolica da musa, que, nascida entre as gentilidades de Grecia e Roma, volvêra á casta religião da patria pelo culto da lingua na severa escola do traductor dos *Martyres*. Fylinto, espirito justo, mais inspiração mediocre, mais precursor que remidor, traçára o prologo da nova renascença: os principaes capitulos da obra reservara-os a Providencia ao author de *Camões* e *D. Branca*, melhor fadado para tal emprehendimento. Garrett tornou-se desde então o poeta da melopéa nacional.

Nenhum de seus progenitores e avós na grande familia dos lyricos portuguezes lhe póde ser tão comparado como o gracioso e amoravel Bernardim Ribeiro; e talvez essa natural affinidade e predilecção naturalissima fizeram d'este o protogonista do *Auto de Gil Vicente*, que inaugurou no theatro uma nova era, como os poemas seus irmãos a tinham inaugarado na im-

prensa, e ainda mais no espirito da geração que se levantava.

Do cantor das saudades ao vate do Romanceiro vae a differença da cultura. É este o legatario e aperfeiçoador d'aquelle. Descende d'elle como Tibullo descendia de Tyrteo; como de ambos descenderam na Allemanha Voss, Gray na Inglalerra, e em França successivamente Ronsard, Gilbert, Millevoye e Lamartine. O que em Bernardim é phantasia espontanea, viço fortuito, incorrecção nativa, eflorescencia agreste, em Garrett, é pensado desalinho, indole chã, gosto depurado, fino sentimento, laborioso peculio, thesouro discreto.

Vê-se porém que fôra educado nas mais correctas tradicções da poesia antiga. De Athenas lhe sopraram as auras matutinas da inspiração, como elle proprio confessa no prologo da sua *Mérope*, escripto en 1841. Veio-lhe talvez d'ali o amor á elegancia da fórma, como da leitura frequente dos bons modélos italianos a preferencia pelas elocuções suaves. Não admira pois que sacrificasse algumas vezes nos altares de Horacio, e brindasse no banquete de Anacreonte. Forçoso era que visitasse as ruinas do Parthenon, e se detivesse a admirar os restos mutilados das estatuas de Venus e Marte, as symbolicas divindades que resumiam a existencia na patria de Helena e de Achiles.

Na lyrica de *João Minimo* a arte pagã e a arte christã, mesclando-se repetidamente, fazem lembrar o *in Deo summus in Deo vivimus* de S. Paulo encontrando-se com o *Jupiter est quodcumque vides* de Lucano, prodigiosa analogia que estampou n'um admiravel ponto de intersecção a solemne confissão do Ente Supremo, saindo gemea de cultos rivaes! Ao reler aquelle poetico festão, que delicia pelo frescor e suavidade, sente-se uma quasi tentação de imitar a innocencia monachal e a supersticiosa candura dos primeiros seculos quando transfiguravam a Venus pudica em Magdalena arrependida.

É facil porém conhecer que, para criar tão entranhado affecto á musa da sua terra, nem só de leituras peregrinas nutrira o espirito. Nas *Ferias*, pequena peça, lepida e jovial, galantemente desenvolta nas apostrophes satyricas, as Armias, as Marcias, e as Belmiras, innocentes anagramas da Arcadia, abundam no poemeto como o author pretende que no Porto abundavam; e na *Ode a Fylinto*, elegia profundamente sentida e ás vezes faustosamente levantada, como que ainda vibram algumas cordas dos delirios facticios de Diniz. Ali o poeta, criado no regime da periphrase timorata, hesita ainda entre o Parnaso herdado e a arejada paizagem natal.

Os poemas de *Camões* e *D. Branca* despontaram emfim apoz

estes varios tentames, e consolidaram os alicerces da grande e merecida reputação do visconde d'Almeida Garrett.

O apparecimento d'estes inesperados cantos patrioticos foi applaudido com um enthusiasmo, que as circumstancias contribuiram para exaltar. O instincto da nação via clarear-lhe do Levante um novo sol, o sol de uma primavera muito tempo annuveada.

A poesia estava cançada de pedir a alma emprestada a gregos e romanos. Gastára-se o velho molde da epopéa, desconjuntado e roto de muito servir á plebe dos plagiarios. Ferreira e Sá de Miranda, com a sua cultura artificial, tinham adiantado não pouco em beneficio da fórma. O estro nacional apagára-se porém nos seus continuadores. Haviamo-nos aperfeiçoado nas letras; haviamol-as feito tudo, menos portuguezas! Veio depois o reinado das *decimas* e dos *sonetos*. A ambição do poeta era ser, ou parecer, improvisador. A litteratura só aspirava aos cenáculos. O acrostico equilibrava-se desde o seculo XVI, e deleitava os fabricantes de versos symetricos. Bocage, Malhão, Curvo Semedo, e Guerreiro tinham sido apenas luzeiros fugitivos scintillando n'um cahos.

O povo queria outra coisa.

Em tal conjunctura e disposição dos espiritos, os dois poemas, que pelo estylo e pelo sentimento fallavam tanto ao coração de Portugal, foram, como deviam ser, duplamente acclamados em nome do passado e em nome do futuro. A poesia de convenção cedia o logar á poesia da patria. Os modélos, que haviam servido como de leito de Procusto, eram em fim racionalmente applicados. Resurgia a ardente musa peninsular. Atava-se a cadeia das tradições continuando os fastos interruptos. Entendia-se finalmente, ao cabo de muito desvio e aberração, que, para ser poeta como os antigos, importava, antes de tudo, ser da sua terra, como elles,—modular o canto no diapasão natural, temperar a lyra pela toada materna, beber a inspiração nas suas fontes vivas.

Está o mais elevado merito do Garrett em ter contribuido tanto para esta resurreição. A sua superioridade consiste principalmente em ter sido o primeiro que para nós decifrou no seculo actual a mysteriosa palavra, que é o segredo de cada edade. Da historia vemos que sempre a clara interpretação d'essa palavra collocou o poeta e o artista ao nivel dos maiores vultos,—o Dante a par dos Medicis, o Ticiano ao lado de Carlos V.

A nação, que não era versada na *Theogonia dos deoses*, lem-

brava-se todavia do mytho popular. Infiltrava-se-lhe a liberdade por todos os poros, nas instituições e nas letras, porque estas emancipações correm de ordinario parallelas. Quebrado o jugo caduco de Hesiodo, o povo alegrou-se de ver as moiras encantadas, e as fogueiras, e os folguedos de uma noite de S. João, que eram coisas suas e conhecidas.

Na *Adozinda* continua o poeta o nobre pensamento de restabelecer uma arte nacional com as lendas nacionaes, ou nacionalisadas. São restaurações pela maior parte, mas com toques de uma creação vigorosa. Ninguem soube ainda imitar aquelle gracioso desatavio, aquella attractiva lhaneza com que torna tão de aqui, tão naturaes, e tão accessiveis os sentimentos e as paixões

Era sua e caracteristica a arte de levantar a mais triviaes plebeidades a gallas senhoris, e de nobilitar as phrases mais chãs e communs. Por essa, e por isso, era elle o poeta indispensavel do *Romanceiro*, ramo de flores dispersas, laboriosamente colhido, e esmeradamente matisado pela mais esperta mão de jardineiro, que nunca se foi a colligil-as e respigal-as por agruras abandonadas.

No theatro as duas tragedias *Catão* e *Mérope* foram os primeiros ensaios, conservados e publicados pelo author, cujo lavor litterario se desenvolve pelos vinte e quatro volumes, que são a escala da sua gloria. *Catão* e *Mérope*, pertencem d'alma ao genero classico. Enthusiasmou o *Catão* os moços academicos de Coimbra; e de certo, salva a *Ignez de Castro* de João Baptista Gomes, havia muito que tão formosos versos se não repetiam sobre as taboas de um theatro portuguez.

A applicação da idéa patriotica ao theatro começou porém em Garrett pelo *Auto de Gil Vicente*. É digna de meditar-se a introducção que o explica. Era ainda o mesmo pensamento debaixo de outra fórma. Aquelle drama, acolhido com merecido enthusiasmo, tornou-se, como a *D. Branca* e a *Adozinda*, um signal de regeneração, o pharol acceso nas trevas de que a arte se colmara. Foi a sua primeira representação uma festa nacional. Saíram todos encantados de ouvir aquelle Bernardim Ribeiro, que fallava como o *Livro das Saudades*, e aquelle Gil Vicente, que acertadamente se gabava de ter vencido o seu rival castelhano Juan de Encina. Era emfim um drama portuguez. E portuguez ficou, e portuguez será, em quanto houver quem aprecie a indole e os intuitos do theatro.

Apoz a *Sobrinha do Marquez*, uma comedia que ha de permanecer na historia, veio *Fr. Luiz de Souza* rematar ao seu author

a gloria, que pouco antes lhe accrescentára com largo applauso o *Alfageme de Santarem*. Saudára o povo no Alfageme o irmão do trabalho, que sentia no peito um coração, rijo como as couraças que forjava, e ao mesmo passo affectuoso como a poesia que o embalára. Saudára-o e sympatisára com elle, porque o via por um aspecto mais feito para ennobrecer do que o do outro povo da *Sobrinha do Marquez*—não menos verdadeiro todavia.

Sympathisou com o *Alfageme* o povo; mas *Fr. Luiz de Sousa* será sempre uma das glorias monumentaes da nação!

Fr. Luiz de Sousa é uma solemne e dolorosa elegia allemã, colorida com as tintas do Meio-dia, fundida de um jacto no mais puro e perfeito molde que seja possivel admirar-se. Tem muito da tragedia antiga na magestosa attitude da estatuaria, e ainda mais do drama hodierno no apaixonado movimento e profunda sensibilidade dos intimos affectos. Sente-se logo, com as primeiras scenas, n'aquella casa á beira-rio, marulhar em ondas a piedade, rebentar sobre a piedade o terror, e crescer, e recrescer, e ir subindo irresistivel como um pégo encapellado. Tumultuam ali as tempestades do coração com verdade tão humana e tão portugueza, que doe e enleva ao mesmo tempo. Negrejam ellas sobre um horisonte, tão patriarchal e sereno pouco antes, que não sei de contraste mais poderoso, nem mais artisticamente tirado da propria indole e costumes de uma terra.

O que o poeta foi como romancista dizem-n'o o *Arco de Sant'-Anna*, e aquelle delicioso livro das *Viagens na minha terra*. O que podia ser como estadista revela-o o *Portugal na balança da Europa*. O mais que, depois de muito, promettia como orador, sente-se nos eccos eloquentes, que ainda não se esvaíram na tribuna parlamentar, onde justou em torneios memoraveis com o maior vulto d'ella.

Similhante á de quasi todos os homens valiosos d'esta época —muitos dos quaes desappareceram já tambem,—a vida do Garrett abraçou-se estreitamente com a vida politica da nação em trinta e quatro annos de luctas e alternativas. N'esta arena todos o viram; e o silencio dos antagonismos, que param ante a valla da eternidade, deixa desaffrontada a voz para lhe honrar as aspirações. O magistrado, o diplomata, o conselheiro, o legislador, o ministro, e o soldado, conquistaram distincto logar entre os acontecimentos e os homens. No turbilhão das paixões, no ardor das controversias, no tumulto dos conflictos é facil confundir, ou divisar mal. Com a morte porém começa a imparcialidade, porque se levanta a historia. A historia, nos seus

fastos constitucionaes, não póde negar condigna menção ao visconde d'Almeida Garrett.

Toma-o a chronica desde as trabalhadas lides do Porto, ao lado do grande historiador, do pensador profundo, do erudito philosopho, honra como elle da patria, que, entre o fogo dos reductos, ensaiava na harpa austera os rigidos hymnos, anteloquios de outro egual renascimento, por sua parte meditado sobre o pó dos archivos. Toma-o ahi a chronica, troca-lhe a escopeta de voluntario em penna de publicista, e não o perde mais dos olhos até que o assenta nos bancos do parlamento, nos conselhos da Coroa, e na cadeira de Secretario d'Estado.

Quando já estanceava n'essas alturas, d'onde melhor se avistam os desenganos, olhou, e descobriu aos pés o derradeiro d'elles. A eminencia a que subíra tinha á raiz a voragem insaciavel!

Viram-n'o todos então descer, grave e reflexivo, como advertido de uma voz interior. Viram-n'o caminhar lentamente, com o pallido e triste sorrizo dos dias do outomno, a encostar-se no leito do final repouso.

E ainda ahi foi grande, foi maior talvez do que nunca, porque a sua agonia teve a augusta magestade do silencio!

Cortava a alma o ver a angustia d'aquelle ingente espirito, no seu ermo calvario, sem as affectuosas consolações da familia. Ao mesmo passo desafiava lagrimas piedosas o desvello com que os amigos—os raros amigos das horas nefastas—procuravam solicitos dulcificar a dor que o anciava.

Crescia o mal, que do coração lhe vinha, como a todos os homens que muito tem vivido do coração. Com o mal lhe crescia a firmeza varonil, que se fortalecêra encarando á Eternidade. Quem tão pathetico e mavioso cantára a saudade podia esquecel-a no transe final? Não a esqueceu, que a levou bem no peito, e bem no rosto,—não saudade da vida que torva e agra lhe travára por vezes,—mas saudade da herdeira do seu nome em que tanto deixava para amar, mas saudade da patria em que deixava tanto por fazer.

Nem uma nem outra saudade porém, com serem tão cortantes ambas, lhe lacerou o animo. Chegando o momento, o poeta levantou-se christão para morrer homem, deixando escorregar das mãos desfallecidas a lyra, que o paiz levantou reverente para sagral-a á gloria!

Estas breves paginas, rapidamente extractadas do que ha perto de oito annos, recente ainda o golpe, dediquei á memoria do que me foi modêlo, incitador, amigo, e mestre, tenho que não

haverão perdido a opportunidade. Homens como Garrett não envelhecem na lembrança dos que sentem e prezam o eminente espirito, que tam copiosas e tam dileitaveis lições nos deixóu. O seu nome cada vez se recommenda mais a mais ao respeito e á estimação dos seculos, por que mais e mais sobem em valía os padrões monumentaes que legou aos vindouros.

Perante esses padrões, rasto explendido e sempre visivel d'um engenho laborioso e creador, não se dirá só: *passou aqui um grande talento*; gravar-se-ha: *aqui se levantou um grande cidadão, por que foi um cidadão util!*

E não será este o seu mais somenos elogio. Ha talentos que fulgem como relampagos, e só dam chammas para atear incendios: d'esses não ficam senão cinzas, devastação, escuridade, e horror. Ha genios que scintillam perennes clarões, e tornam-se como outros tantos astros na densidão nocturna: por esses se nortea a humanidade!

Garrett é dos ultimos.

Abril 10 — 1864 MENDES LEAL.

OS GOTHERRES

III

Ello, por ello

disciplina dos cavalleiros das ordens militares era n'estes tempos tão austera, como frouxa e desordenada a dos guerreiros seculares, que sem nexo regular, nem salario fixo, seguiam o pendão de seus senhores até o primeiro recontro, recolhiam os despojos da victoria, e voltavam em debandada para os seus campos, e herdades, até nova chamada. Por isso aquella primeira classe de soldados se distinguiu, e avantajou nas guerras da nossa edade, levando ao cabo as mais gigantescas empresas, e trazendo sempre de vencida as turbas desordenadas do inimigo. Haja vista aos cavalleiros de S. João nos campos da Palestina, aos de S. Thiago na conquista das Hespanhas, aos nossos do Templo, aqui, na Asia, em toda a parte, em quanto o ciume dos monarchas os não arrojou á fogueira, e ao exterminio. A disciplina porém d'aquellas ordens era bem differente da nossa apoz as praticas rudes da peleja vinham os exercicios santos da religião; o cavalleiro marchava do côro para o combate, e finda a batalha depunha na sala d'armas o seu bro-

quel e couraça e ia prostrar-se ante as aras de Deus coberto das vestes, e insignias sacerdotaes.

Os trinta e seis cavalleiros do Templo, que deixámos no capitulo antecedente enfileirados na crasta, não foram por tanto d'ali para os seus corceis de guerra, què no pateo do mosteiro os aguardavam; mas encaminharam-se á capella de Sob-Ripas, a preparar-se ante o altar de Jesus Christo, com a fé viva e enthusiasmo religioso, que formavam o caracter dos valentes d'aquellas eras.

D. Affonço caminhava na frente da primeira desena, e substituia galhardamente as vezes do irmão, no garbo cavalheiroso da sua figura, como no campo a braços com o inimigo, guapamente saberia tambem substituir as suas façanhas. O mister porém d'agora era mui outro. Os deveres religiosos da ordem tinham praticas e ceremonias peculiares, e secretas, desconhecidas dos profanos; e o joven Gotherres, viu-se confuso e apanhado no meio dos confrades, sem poder atinar com o fio cabalistico e misterioso dos simbolos do Templo. Tambem não trepidou ante o seu proposito; voltou-se para o mestre ergueu a viseira, e disse com a expressão da franqueza e da lealdade.—Um homem como eu não sabe profanar esta abobada sacrosanta com o labéo d'uma mentira. «Eu não sou o cavalheiro D. João, senhor, eu não pertenço á ordem do Templo.»

Mais de trinta punhaes sairam a um tempo das bainhas, caminho do impavido coração do mancebo. Um acceno do mestre os fez recuar ás suas guardas. «Eu não sou um espião, nem um cobarde, senhores, continua o moço, eu sou um homem d'honra, eu sou um rico homem, e um cavalleiro, eu tenho pendão e caldeira, terras, e vassallos, eu sou D. Affonço Gotherres, e appello do vosso juiso, para o juiso de Deus em singular combate, se fôr necessario.»

Passaremos em claro as duvidas, as explicações, as contrariedades, que se seguiram, a inflexivel inteiresa d'este improvisado tribunal, e a energica defensa do gentil advogado de sua honra, e da honra de seu irmão.

A necessidade de marchar em continente, caminho de Ourem, abreviou o conciliabulo. O julgamento do ausente ficou adiado para mais tarde.

D. Affonço foi acceito elle por elle; e na presença de Deus e dos homens, em face dos instrumentos e de tetricas ceremonias, invocando as divindades do céo e as potestades do inferno, pronunciou com a mão direita estendida para o fogo o juramento mais terrivel: «Se antes de duas horas o cavalleiro refractario não estiver em nossas fileiras, eu entregarei ao Templo a rica herança de meus paes, e tomarei o habito e as insignias da ordem.»

Preso assim por esta cadeia d'honra, que era uma realidade n'es-

tes tempos, obteve depois licença para ir á cella de seu irmão, onde á pressa deixou gravadas na parede algumas palavras; e foi encontrar-se no pateo com a luzida cavalgada, onde lhe foi concedido um logar inferior aos professos, mas assás nobre para poder ser occupado por uma espada, e um coração d'aquella igualha.

Ao signal da trombeta desceram as portas de Almedina, atravessaram a ponte, enfiaram pela calçada de Santa Anna na margem opposta, e desappareceram caminho d'Ourem.

As damas da côrte e dos arrabaldes ao ver passar a donosa phalange, voltavam os olhos das cruzes vermelhas dos Templarios para admirar a singular gentilesa e novidade de guapo cavalleiro addido.

IV

De como a rainha D. Mencia veio metter o nariz em nossa historia

Tempo vem de darmos razão do estranho acontecimento, que poz em dura prova a honra dos dois Gotherres, e que atou o nó do nosso drama.

Reinava em Portugal o misero rei D. Sancho II; e haviam decorrido os primeiros annos do seu governo. As gentilesas, e gloriosas entradas d'este monarcha pelas terras do infiel, glorias que nem seus mais abjectos calumniadores poderam apagar das tradições e da historia, haviam afrouxado todavia e os cavalleiros das ordens militares deixados sósinhos no campo, retrafam-se aos seus mosteiros e castellos, e conservavam-se em vigilante defensiva. O coitado do rei tinha a combater um inimigo mais forte; por isso se viu obrigado a abandonar a seu despeito o nobre campo dos Algarves tão matisado de seus louros. D. Sancho houvera concebido um projecto gigante, que seu irmão com mais astucia, e hypocrisia quasi effectuou depois. Não contente de libertar as terras do jugo mourisco, tentou ao mesmo tempo emancipar os povos do jugo pesado. As ordenanças que promulgou, e as correcções que ordenou, e fez pelas casas, e terras dos ecclesiasticos, provam mais que muito esta verdade. Mas a theara de S. Pedro, e o poderio do clero secular eram então mais fortes que os sceptros dos reis. D. Sancho succumbira na desegual peleja. Roma excommungara-o; os povos aterrados pelo legado, pelos bispos, e pelos frades dominicos, e franciscanos, acceitavam a absolvição do seu juramento de fidelidade. O infante de Bolonha nomeado governador do reino pelo papa, caminhava a mar-

chas forçadas sobre Portugal. E D. Sancho reconcentrado na côrte de Coimbra, sob a fiel salva-guarda de Martim de Freitas, e outros alcaides móres, primeiro que tudo portuguezes, e leaes a seu rei, soffrêra dentro dos proprios muros invenciveis de sua capital o enxovalho mais injurioso, que motivára o motim, e rebate em que já fallámos, e que só por si é bastante para patentear até que ponto o fanatismo, e a prepotência haviam levado a desordem, o despejo e o abandono no coração da monarchia. Um troço de cavalleiros capitaneados por um fidalgo das fronteiras de Gallisa, Raymão Viegas de Porto-carrero, havia penetrado Coimbra dentro, em pleno dia até ao real alcaçar, havia-se apoderado da pessoa da rainha; e em um relance havia saido a bom trote, com a rica presa pelas portas d'Almedina, caminho de Ourem. Eis o motivo do rebate, e desordem de ha pouco, e do precipitado apercebimento, e saída dos cavalleiros do Templo, que seguiram, ao menos n'esta commum affronta, as partes da realesa.

A cavalgata de Sob-Ripas, sempre de esporas na ilharga dos ginetes, informada da direcção dos raptadores, tomára a estrada de Santarem, e não parára senão no recente castello, das Arrhas da rainha, a bella villa d'Ourem, seguindo sempre a pista dos fugitivos. Estes porém só poucas horas se haviam demorado no castello, e embrenhados nas mattas e charnecas da Estremadura haviam desapparecido para sempre. Nem se imagine a difficuldade da desapparição. A charneca immensa, que então cobria quasi toda aquella provincia, fructo de tres séculos de combates entre duas raças gigantes e inimigas, e cujos restos inda hoje duram em partes e até no caminho e visinhanças do mencionado castello, era fendida por sós duas estradas que levavam de Coimbra, a Cintra e Lisboa pelo antigo castello fronteiro, de Leiria, e de Coimbra a Santarem pelo castello de Ourem, ou Ourama.

O pratico que pudesse fender para a direita ou esquerda atravez das selvas e brenhas incommensuraveis, estava livre da perseguição de homens. Por isso os nossos Templarios estacaram em Ourem, e o caminho que d'ali fizeram seguir á raptada, ficou com o seu destino envolto nas trevas do mysterio para todo o sempre.

Alguns dos cavalleiros foram mandados na madrugada do dia seguinte, voltar para o mosteiro de Sob-Ripas, que quasi ficára abandonado. Entre estes, ancioso por novas do irmão, e todo fulminado pela força do seu juramento e rigor do seu fado, vinha o triste D. Affonço, a quem acerbas memorias do caro objecto de seus amores, agora tão contingente, trazem desvairado dos companheiros, todo entregue ao poderoso instincto de seu corcel andaluz que trotava desaffrontado e briosamente via de Coimbra.

V

De como os escudeiros velhos d'hoje, inda se parecem com os d'algum dia

Entre as poucas habitações, que se haviam aventurado desde o começo da monarchia, a vadear para a margem opposta do Mondego, avantajava-se o magnifico solar dos Gotherres, que phantasias d'um avoengo haviam transferido de Voimaraes. Não longe da fonte e quinta real, a que mais tarde um feito nefando e doloroso da chronica dos nossos principes deu o nome de lagrimas e amores, elevavam-se uns paços de modesta apparencia para os nossos tempos, de soberba magnitude para aquellas eras. Já com elles travamos leve conhecimento quando do terraço de Sob-Ripas vimos resplendentes com os primeiros raios do sol nado os vidros multicôres de suas gelosias. Agora praticaremos com elles mais de perto, e para seguirmos aquelle preceito do pae Aristoteles que mandava saber das cousas pequenas para as grandes, começavamos a nossa visita domiciliaria por uma loja terrea, proxima das cavalhariças, e humilde habitação d'um velho servo da familia Gotherres. E não dizemos humilde, por estar proxima das cavalhariças, que essa era em taes tempos de bentos costumes uma das mais nobres pertenças dos edificios, como inda hoje acontece em alguns antigos solares provincianos, inacessiveis á invasão do progresso, e onde mais se cuída de cavallos que de livros, de cães que de gente. Não se assustem todavia nossos leitores com a idéa de que descemos á descripção de tão modesto aposento. Deixamos isso para a penna mais aparada de certos escriptores, que nos desfiam uma por uma todas as peças da espelunca, e do lupanar, e com muita preferencia da taverna, que é logar favorito em certos romances, como se a sociedade que pensa, e lê devesse reformar os seus costumes pelo quadro ás vezes torpe, e inconveniente da sociedade, que nem lê, nem pensa, ou se a philantropia da gente delicada não podesse por tal excitar-se, que por imagens de impudente grossaria, e por palavrões de diccionario das torpesas.

Iremos por tanto sem mais rodeios surprehender estirado no seu pobre catre o velho servo, entre os fumos mal extinctos de duas garrafas, ora vasias, que familiaridades de creado antigo lhe forneceram modo de subtrair á vigilancia do mordomo. Chamava-se o bom homem Mendo Peres, e abaixo da adega de seu amo, e de certa matrona visinha, que já tinha sido moçoila e bella no seu tempo, os maiores amores do velho eram o seu amosinho novo, o seu guapo D. João, cavalleiro do Templo, que já nos seus braços e hombros

trouxera bastas vezes em dias mais felizes. Eram quatro da tarde do dia de Pentecostes. A porta do aposento abriu-se subitamente e sem ceremonia. E quem ha de apparecer aos olhos espantados e semidormentes do regalão! nada menos que o seu amado senhor, o Sob-Ripas, nada menos que o nosso heroe, com fumos de celibatario, o cavalleiro D. João de Gotherres.

«Bento nome de Deus grita Mendo esfregando os olhos, e endireitando-se difficultosamente n'um pulo no meio do seu cubiculo; vossa mercê por cá, senhor meu amo! vossa mercê sem a cruz de Jesus Christo, sem o seu capirote branco, e assim com esses olhos espantados, essa cara de cera, e esses cabellos descompostos! tenho um dedo que adivinha, meu fidalgo; e já de moço conheço as manhas da familia.

Se soubesse uma que fez o senhor seu pae! Ora pois anda por ahi moça roubada, ou moça perdida.

Eu que sou o bem parado, cá vem ter comigo!»

Um gesto imperioso do cavalleiro impoz silencio á desembaraçada lingua do servo. E não tardaram em seguir-se estas expressões assaz terminantes, para não serem escutadas com toda a attenção.

—Mendo, quero o melhor cavallo das cavalhariças de meu pae; quero a melhor armadura de meu irmão;—e um segredo absoluto.

Cortaremos aqui o dialogo para deixar ir o bom Mendo, que não póde achar argumento contra o triplece, cathegorico decreto, cumprir os desejos de seu querido amo, que desempenhou cabalmente, não sem tentações diabolicas de infringir a terceira parte. Mas d'esta unica vez teve mão na lingua; e ao cabo de poucas horas estava de volta com cavallo e armadura, ao que ajuntou por curiosidade sua alguns misteres, e arranjos de jornada, que lhe pareceram consequencia d'aquellas ordens. E tudo foi com tal manha, que de nada se aperceberam no solar de Gotherres.

D. João ficára sósinho no cubiculo do criado.

Passeava a largos passos no pavimento mal assente, e revolvia no pensamento as aventuras do dia.

Com effeito era um vero romance. O tempo que durára a fatal vertigem não poude elle saber. Largo foi todavia. E achara-se ao cabo d'ella *vis-à-vis* d'uma dama já nossa, e sua conhecida. Não era porém a linda Beatriz, era a encarquilhada sua aia que o conduzira pela mão até á porta escusa

O cavalleiro deixava-se guiar impassivel, não sem voltar-se escontra a janella, onde se desenhava uma figura vaporosa, de cujos labios pareciam escapar estas palavras—Á meia noite.

O Templario encostado, ainda meio vertiginoso á esquina de S. Thiago, soubera, pela conversação d'alguns populares, do rapto da

rainha, da saída dos cavalleiros do Templo em esquadrão serrado, da gentil presença do campeão aggregado, e de mil outras circumstancias, que lhe fizera conhecer quão perigoso e inutil era agora apresentar-se em Sob-Ripas, quando a desaffronta da sua e alheia honra, em quanto á troca das vestiduras, já não era cousa de fazer-se. E ignorante do fatal juramento de seu irmão, todo embevecido nas visões angelicas da passada manhã, e arrebatado pelo condão seductor de sua estreia, deixára-se levar pelos mal seguros passos até á margem do Mondego, estirava-se em um batel, onde vagou á mercê do barqueiro, dando ordem aos seus pensamentos, e projectos. E chegado á opposta margem, saltára em terra, e se enderessára cautelloso por desviadas sendas entre os canaviaes e arvoredos da encosta, ao solar de seus maiores.

O projecto, que o mancebo houvera concebido no seu transito, e que lhe senhoreava inda todo o coração e vontade não desdizia do extraordinario romance de seus feitos matutinos. E se tão bom cestro continuasse a favorecel-o, que desejo não levaria ao cabo o nosso atrevido cenobita!?

Havia n'aquellas eras um seguro porto de salvamento para os corações amorosos, como tambem para as almas devotas, e supersticiosas, para os grandes criminosos, para os vassallos refractarios, e mais que tudo para os corredores de aventuras. O nosso heroe tinha todos estes cinco predicados; namorado, e supersticioso como um hespanhol, via-se refractario ás leis da ordem, criminoso d'um rapto, e o amor das aventuras não era o menor dos seus alvitres, e naturaes propensões. A imagem fascinadora da terra santa adejava-lhe pois ante os olhos, formosa como um prisma reluzente. Raptar a dama, leval-a atravez das brenhas da Estremadura de Lisboa, embarcar com ella na frota dos cruzados que ali aportára dias antes, e que seguia o seu caminho de Flandres para a Syria,—alistar-se na milicia sagrada trocando a cruz do Templo por outra talvez mais humilde, porém mais livre, e parelha em glorias;—lavar nas aguas do Jordão a sua culpa, e gozar limpo e feliz sob as tendas do deserto, ou as palmeiras de Jerichó sua ventura, e seus amores;—era isto uma serie de acontecimentos tão trivial e tão consequente com as boas fortunas da madrugada que não lhe poz obstaculos o seu raciocinio.

E com effeito á hora da meia noite, dois vultos ligeiros, e quasi aereos, envoltos na mesma cobertura, e de braços entrelaçados por cima dos hombros desciam a travessa de S. Thiago, ganhavam os salgueiraes do rio, atiravam-se n'um batel á outra banda, subiam a encosta da Piedade, e abrindo mui de manso a porta do terreo cubiculo, apresentavam aos olhos do bom Mendo, á luz do baço lam-

padario, o mais guapo, e voluptuoso par de raptador, e raptada, que nunca egual tiveram em seus modêlos os Appelles, e Raphaeis, e de que os pintores fabulistas copiariam o mais bello quadro de Helena, e Paris.

Meia hora mais tarde cavalgava caminho de Lisboa um gentil montador com uma dama de garupa, e ouvia-se uma voz dizer mui manso dos umbraes do cubiculo. — Boa viagem.

(Continua)

VISCONDE DE GOUVÊA.

A JUDIA

Recitada pela actriz Emilia Adelaide Pimentel, no theatro normal, em a noite do seu beneficio.

Corria branda a noite; o Tejo era sereno,
a riba silenciosa, a viração subtil;
a lua, em pleno azul, erguia o rosto ameno;
no ceo inteira paz, na terra pleno abril.

Tardo rumor longinquo; airoso barco ao largo,
bordava aureo listrão do Tejo ao manto azul;
cedia a natureza ao celestial lethargo;
traziam meigos sons as virações do sul.

Ó noites de Lisboa! ó noites de poesia!
auras cheias de aroma! esplendido luar!
vastos jardins em flor! suavissima harmonia!
transparente, profundo, infindo o ceo e o mar!...

Se a triste da Judia ousasse ter desejo
de patria sobre a terra, aqui prendêra o seu;
um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo,
e eleito da minh'alma um coração só meu...

.....
.....
.....
.....

Corria branda a noite; immersa em funda magoa
fui assentar-me triste e só no meu jardim;

ouvi um canto ameno! e um barco ao lume d'agua
vogava brandamente. A voz dizia assim:

—«Dormes? e eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi;
dorme—Impossivel— que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu descanto aqui.

Dorme! eu descanto a acalentar-te os sonhos,
virgens, risonhos, que te vem dos ceos!
dorme! e não vejas o martyrio, as magoas
que eu digo ás aguas, e não conto a Deus!

Anjo sem patria! branca Fada errante!
perto ou distante que de mim tu vás,
ha-de seguir-te uma saudade infinda,
hebréa linda, que dormindo estás!

Onde nasceste? onde brincaste, ó bella,
rosa singela que não tens jardim?
no Cairo? em Malta? em Nazareth? no Egypto?...
mundo infinito, e tu sem berço? oh! sim,

folha que o vento da fortuna impelle,
victima imbelle, que um tufão roubou!
flor, que num vaso se alimenta, cresce,
ri, desparece, e nunca mais voltou!!!

Filha d'um povo perseguido, e nobre,
que ao mundo encobre o seu martyrio, e crê!
caminha sempre, é a sina de Ashevero,
mas firme, austero, entre os baldões e a fé;

porque ha-de o lume de teus olhos bellos
mostrar-me anhelos de infinito ardor?
porque esta chamma a consumir-me o seio?...
Deus de permeio nos maldiz o amor!...

Peito! meu peito, porque anceias tanto?
pranto! meu pranto, basta já, não mais!
é sina, é sina! remador, voltemos,
não na acordemos... para quê, meus ais?...

Dorme, que eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi;
dorme —Impossivel— que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu não volto aqui!»—

Sumiu-se a barca, e eu chorava
debruçada sobre o Tejo;
a aragem trouxe-me um beijo
que nos meus labios tomei;
ergui-me cheia d'affecto;
vi scintillar inda a esteira
da barquinha feiticeira,
e disse ás auras: —«Correi!

trazei-m'o; quero contar-lhe
o fundo tormento enorme
da Judia que não dorme
a penar de ignoto amor!
voae! trazei-me o seu nome,
o seu retrato, o seu canto,
uma baga do seu pranto,
trazei-me o meu trovador!...»—

Ai! não; que ha na minha historia
que lhe suavise a tristeza?
Nasci na triste Veneza
onde perdi minha mãe:
acalentaram-me lagrimas
que derramava a saudade,
na desgraçada cidade
que não tem patria tambem.

Cresci; meu pae uma noite
disse-me: —«É já tempo agora:
ergue-te ao romper d'aurora,
vamos partir amanhã;
vamos ver as terras santas,
sepulcros de teus monarchas:
a patria dos patriarchas
desde o Egypto a Canaan.»—

Fui; corri o mappa immenso
das montanhas da Judéa;
ai! patria da raça hebréa
ai! desditosa Sião!
que extensos montes sem relva!
que paragens sem conforto!
onde se estende o Mar-morto,
e onde serpeia o Jordão!

Aqui, de Hemor os vestigios;
de Zife, além o deserto;
longe, o Sinai encoberto;
d'Horeb o morro, inda além;
d'este lado, o Mar-vermelho;
d'aquelle... nada! uns destroços,
ruinas, campas sem ossos;
e ao fundo, Jerusalem!

Meu pae chorava, e eu chorava,
vendo morta e sem prestigio
terra de tanto prodigio
maldita agora de Deus.
Tudo silencioso, esteril!
tudo vastos cemiterios,
onde ruinas de imperios
ficaram por mausoleus!

— «Meu pae — disse eu — tenho sêde!»—
— «Vê, filha, a aridez do monte!
só Deus dava ao ermo a fonte
em que bebia Ismael»—
—«Pae, cancei; mostra-me a patria,
quero dormir sem receio...»—
— «Filha, encosta-te ao meu seio,
que não tem patria, Israel.»—

.....
.....

Em todo o mundo estrangeira!
toda a vida, peregrina!
vede se ha mais triste sina:
ser rica, e não ter um lar!

sempre a lenda do Ashevero!
sempre o decreto divino!
sempre a expulsar-me o destino
como Abrão á pobre Agar!

Que pode valer á hebréa,
sentir n'alma chamma infinda?
como a linda Esther ser linda,
e amada, como Rachel?
se o coração da Judia
se entr'abre do amor aos lumes,
não lhe dá tempo aos perfumes
o seu destino cruel.

Ai! trovador nazareno,
não voltes, tenho receio...
Dizes que é Deus de permeio?
não! blasphemaste! Deus, não!
poz o mundo esse *impossivel*
entre o desejo e a ventura;
o amor, chama-lhe: — loucura;
e o preconceito: — razão.

Deus é Deus! e um só existe;
cego é o mundo, e varia a crença!
mas esta cupula immensa
é tecto de todos nós;
este ambiente que respiro,
da lua e do sol os brilhos,
hão-de ser de nossos filhos!
foram de nossos avós!

Mas se a crença nos separa,
e o mundo exige o supplicio?
dê-se o amor em sacrificio,
mas deixe-se o pranto á dor;
eu, cerro o peito á ventura;
tu, esmaga o teu desejo;
não mais virei junto ao Tejo...
não voltes mais, trovador.

THOMAZ RIBEIRO.

A ERMIDA DE CASTROMINO

XXIII

oi grande novidade em Coimbra a chegada de Henrique de Mello, porque todos suppunham que depois do restabelecimento de Salvador Lopes, buscaria o desditoso noivo de D. Anna affastar-se de uma casa onde não podia ter o que vulgarmente se chama *posição official*, e onde qualquer outra não parecia condizer com os nobres sentimentos do filho de D. Barbara.

Contribuira para arreigar mais esta opinião a conhecida loquacidade do mano Christino, que na Calçada, na ponte, no jardim, e nas salas das principaes casas da cidade não estancava nos louvores á delicadeza de Henrique de Mello que o obrigára muito sensatamente a partir para a Bairrada, unico meio de provar que o sacrificio da mão de D. Anna fôra em verdade um acto de abnegação virtuosa.

—Eu conheço bem Henrique de Mello, exclamava o sr. Alvaro de

Araujo. Verão o que elle faz. Aposto que não volta a Coimbra senão depois de casado, e ainda assim estou seguro que ha de frequentar pouco a casa de Manoel de Oliveira. Henrique é um fidalgo em toda a extensão da palavra.

—Então acha que elle casa? replicava ás vezes algum interlocutor malicioso que lobrigava de longe o alvo a que atirava o mano Christino.

—Pois que ha de elle fazer? Em primeiro logar é uma satisfação dada a Salvador Lopes que já não é esposo moribundo, e testador complacente. Agora que está restabelecido, e por assim dizer curado, o caso é muito differente. Em segundo logar aquelles amoricos de um homem como Henrique de Mello com a filha de um negociante rico, é cousa muito conhecida. Duram o que podem durar, mas não imprimem caracter. Não lhe faltaram adoradores a D. Anna. A final escolheu o brasileiro rico e agonisante. Fez muito bem. Elle melhorou. Paciencia. Mas são ou doente é seu marido, e os adoradores que vão adorar outros santos a outras egrejas. Não se hão de matar por se ter casado a filha do sr. Oliveira de Coimbra com o sr. Lopes do Brasil, de Cantanhede, ou d'onde elle é.

Com estas e outras se foram dispondo todos os animos a accreditar que Henrique de Mello não voltaria tão cedo a Coimbra, e que por ventura se casaria breve na Bairrada, no Porto ou em qualquer outra parte, pois que não faltariam noivas a homem de sua pessoa tão ricamente prendado, e senhor de uma boa casa.

Grande foi pois o espanto de todos os ociosos de Coimbra, quando um dia pela tarde viram sair pela rua da Sophia Manoel de Oliveira e a irmã em carruagem, e Salvador e D. Anna a cavallo, e voltarem logo em companhia de Henrique de Mello tambem a cavallo á esquerda da que fôra sua noiva, como nos tempos em que todos os dias, ora de manhã ora de tarde, saíam a correr desafogadamente pelos arredores da cidade, naquelles innocentes passeios em que primeiro se manifestou o amor de Henrique e o de D. Anna.

Espalhou-se logo a nova, e não houve senhora temente a Deus, nem homem de moral severa que não murmurasse á larga n'essa noite e nos dias seguintes, principalmente quando Alvaro de Araujo correu todos os cantos da cidade a referir como Henrique de Mello não só viera, deixando por assim dizer ainda quentes as cinzas da mãe, mas até se fôra hospedar para casa de Manoel de Oliveira, o que a todos parecia incrivel por mais que o mano Christino asseverasse que muita gente os vira passar na Calçada, continuar até á Portagem, subir pela Couraça de Lisboa, e pelo Arco da Traição caminharem para os lados do Jardim Botanico, apeando-se todos á porta do palacio de Manoel de Oliveira.

Uns diziam, rindo sardonicamente, que Salvador Lopes era um bom homem, e Manoel de Oliveira um excellente pae de familia. Outros notavam a semcerimonia de Henrique de Mello que aos olhos da cidade inteira parecia querer ser ainda o noivo de D. Anna. Algumas senhoras achavam que a filha de Manoel de Oliveira exagerava a liberdade dos costumes inglezes que tomára da mãe, e não lhes parecia que fosse bom exemplo de donzellas ou de meninas recem-casadas. Da tia realmente satisfeita de ver reunida em torno de si a gente a que era mais affeiçoado, e de saber que já não havia casos tristes a recear, chacoteavam homens e mulheres, e perguntavam se na leitura da *Mocidade enganada e desenganada* teria ella encontrado casos como este.

Escusado é dizer que a ninguem occorria o pensamento nobre e elevado de Salvador e de D. Anna, e muito menos o sacrificio de Henrique á felicidade de todos.

Encontra o publico facilmente motivos ignobeis a todas as acções. Se lhe indicarem outros, ri-se. E como não ha de rir-se, coitado! o pobre publico, se elle não está acostumado a assistir com frequencia a actos de virtude? Affeito a encontrar no interesse os motivos de todas as acções, ahi os busca sempre quando a curiosidade o incita a indagar as causas do que observa. Não accusemos o publico. É melhor dar-lhe bons exemplos, de sorte que venha a ser trivial e crivel o que pela raridade parece fabuloso aos espiritos mediocres, ou prevertidos.

Acceitou Henrique sem resistencia a hospedagem offerecida por Salvador Lopes e pela sua nova familia. Esquivar-se era desconfiar de si proprio, e imaginar que alguem pudesse suspeitar de D. Anna. Estava certo de que os não havia de poupar a maledicencia, mas D. Anna e Salvador não eram inclinados a dar conta das suas acções ao publico, e elle ainda menos. Sabia que a sua presença daria valor a D. Anna, mitigaria os delicados remorsos de Salvador, e completaria a paz e descanso da velhice de Manoel de Oliveira. Por isso viera e resolvêra ficar ali entre os dois que elle proprio unira para eterno tormento do seu nobre coração.

D. Anna apenas o avistára ao entrar na ponte de Agua de Maias, obrigou o cavallo a galopar, adiantou-se até chegar a Henrique, e estendeu-lhe a mão affectuosamente. Aos olhos de ambos assomaram lagrimas de que a morte de D. Barbara era a causa apparente, mas que por ventura n'aquella occasião brotavam tambem com a lembrança do atribulado e singular destino que lhes talhára a Providencia. Porém tão sincera e profunda era a dor de ambos, e tão arreigada a intenção de a dominar e vencer, que não chegaram a verter-se aquellas lagrimas, e como que em pleito de generosa reserva

seccaram para nunca mais darem amostra de si. Quando se reuniu a comitiva toda, os olhos de D. Anna, e de Henrique estavam enxutos. Se havia signaes de grande commovimento intimo era em Salvador Lopes e em Manoel de Oliveira. N'este de puro gosto de ver Henrique; n'aquelle de afflicção de ser a origem innocente de tamanha desventura e de sacrificios para que se poderia julgar acanhado todo o valor humano.

Nos primeiros dias depois da chegada de Henrique, a familia de Manoel de Oliveira não o deixava um instante. D. Anna fallava-lhe da mãe, e consolava-o com o sincero tributo de saudade pago á memoria de D. Barbara. Salvador planeava excursões ao campo, e subidas a todas as montanhas por entre as quaes o Mondego desce desde a Serra da Estrella até Coimbra, e sem alludir nem levemente á situação em que se collocára na esperança de morrer. Dispunha tudo de maneira que Henrique de Mello nunca mais se separasse d'elle. Exultava de contentamento o velho Oliveira, e dizia a cada passo a toda a gente «que lhe casára uma filha, mas que lhe ficára um filho que o não deixaria agora mais» com o que Alvaro de Araujo tripudiava na Calçada, dando por tonto o velho que se julgava feliz de ter dois genros para uma só filha O mano Christino era assim. Já o conhece bem o leitor.

Das angustias de Henrique e de D. Anna mal poderiamos nós dar conta se não restasse precioso documento que as refere. Dores ha que a arte não sabe traduzir por mais que se esmere em possuir-se dos sentimentos que as produziram. Sentiu-as o martyr. Não as póde contar o narrador. Será pois do proprio Henrique que o leitor saberá a historia intima do familia Oliveira depois da morte de D. Barbara. Trasladaremos aqui uma carta de desventuroso mancebo ao seu parente e condiscipulo Ayres de Mendonça e Albuquerque, aquelle respeitavel fidalgo do Serrado que de tão longe veio ás exequias do *Ermita de Castromino*.

Coimbra 18 de abril de 184...

Meu querido Ayres. Tens razão. Eu devo escrever-te com maior frequencia e mais extensamente. Não basta dizer-te que vivo. É necessario contar-te como e para que estou vivendo d'esta vida que nem tu pódes entender bem, que é um martyrio incrivel, e que eu não trocára por nenhuma outra!

Eu amo-a como sempre. Não me crimines. Amo-a, como quando tu abençoavas este amor, e te convidavas a ti proprio para serés padrinho do nosso casamento. Quero-lhe como lhe queria então, e

como hei de amal-a até morrer. Amo-a como o homem deve amar a Deus. É demais? Pois é assim.

E ella a triste, a desconfortada victima de nós todos, ella ama como no primeiro dia em que na sala verde, confessando com a singela candura dos anjos todo o seu amor, ouviu a minha promessa de a não desamparar nunca. Mas não é a esposa de Salvador, que essa unicamente vive para seu marido. É a filha do meu velho Oliveira, é a minha noiva, é a minha querida Anna, que já não existe senão para mim, que é espirito milagrosamente separado do corpo para me acompanhar sempre, para me segredar amores na solidão da noite, no ideal dos sonhos, nas minhas horas de meditação, e para esperar annos e annos com inquebrantavel fidelidade até ao dia em que junto ao throno do Eterno, a benção de Deus nos una em perennal consorcio

Deliro! Sim deliro, meu querido Ayres. E como não hei de eu delirar, se tudo quanto me cerca, é mais lugubre, mais afflictivo, mais cruciante de que os tormentos que o Dante imaginou para o seu inferno, e que te angustiavam em sonhos, quando no seminario andavas decifrando os versos do poeta italiano? Deliro sim, quando vejo que amo, que não posso, nem quero destruir o seu amor, e que ambos nós amamos Salvador Lopes como elle nos ama, o infeliz, ralado de remorsos de viver, e sem poder queixar-se, nem recordar o passado, nem dirigir o presente, nem alludir ao futuro. Que homem! Que alma! Que sublime delicadesa!

Tu admiras o meu valor, e minha resignação, e a grandeza dos meus sacrificios. Admira essas qualidades em Salvador Lopes. Em mim pouco valem. Eu amo, e quem ama tem força para tudo. Mas elle não tira do amor os estimulos das suas virtudes. Saem-lhe naturaes da innata bondade do coração, e dos sentimentos agradecidos por onde se afferem os quilates das almas superiores. A energia com que se dedicou á felicidade d'esta familia, é qualidade propria sua. A minha nasce do amor que tenho a D. Anna, e por ventura é um reflexo do vigor de Salvador Lopes. Quem não seria honrado com tal exemplo!

Está completa uma parte da nossa missão. Manoel de Oliveira falleceu ha tres semanas. Morreu cercado de quantos o amavam, e de todos os que elle mais prezava, seguro de que as desventuras commerciaes resultantes das quebras de Hamburgo e de Londres não diminuiram o credito da sua firma, e convencido de que a sua familia era a mais feliz do mundo. Nunca adivinhou o sacrificio da filha nem o meu!

Tudo lhe pareceu natural para salvar o credito da casa e firmar o que elle chamava o «futuro da sua querida Annica.» Nasceu, viveu

e morreu negociante. Abençoados pezares os nossos, que lhe deram na velhice e na hora derradeira a tranquillidade que tanto merecia aquelle honrado ancião e meu segundo pae.

Poucos minutos antes de morrer quiz ficar só comigo. Sairam todos do quarto, e eu aproximei-me da cabeceira do leito, junto do qual tomára a posição mais affastada que me cabia como estranho pelo sangue.

—Venha cá, Henrique. Ha de prometter-me uma cousa que lhe quero pedir.

—Prometto de certo, meu bom amigo.

—E sou, disse elle tomando a minha mão, e muito, muito amigo, como se fosse pae. Por isso lhe peço que vele sempre na felicidade da Annica. Ella é feliz com Salvador, mas elle póde faltar... uma desgraça que sobrevenha... uma fallencia... e não ha sempre amigos. Não os desampare nunca, Henrique. Sem o seu auxilio não se tinha salvado esta casa. Prometta-me... quero acabar tranquillo...

—Prometto, sr. Oliveira.

Não póde pronunciar nenhuma palavra mais. O velho apertou-me com força a mão que tinha na sua, e empallideceu rapidamente. Eu saí do quarto banhado em lagrimas, e fui sentar-me em um sophá na sala verde para chorar em plena liberdade. Aquellas palavras foram as ultimas do velho Oliveira.

Pouco depois entrou D. Anna; não me viu, e sentou-se á mesa com a cabeça entre as mãos, e tambem chorando. Como eu ficava mais perto da porta, quiz retirar-me para não perturbar a sua dor, e para evitar, como temos evitado sempre, as occasiões de nos encontrarmos sós. Esta desconfiança de nós mesmos era o unico pensamento de amor que nós podiamos revelar, sem desar nosso. Quando me retirava porém, caiu um livro que estava sobre o sophá. D. Anna voltou a cabeça, e viu-me já perto da porta.

—Não saia d'aqui, Henrique, disse ella em voz lacrimosa. Hoje podemos chorar ambos, porque ambos eramos filhos.

Aproximei-me da mesa sem receio. Parecia-me que n'aquella occasião o amor filial apagára, sequer momentaneamente, qualquer outro sentimento. Confiei na minha dor e na sua. Levantou para mim os olhos inundados de lagrimas; ia a estender a mão para apertar a minha, mas deixou-a cair sobre a mesa; accudiu-lhe ás faces um rubor extraordinario, e dando um ai sentidissimo occultou o rosto no lenço. Recuei de mansinho até á porta, e fui para o meu quarto. Não sei como não morri então. Angustia maior não a ha, não a póde haver.

E ahi tens a minha vida toda n'esta scena tão curta e quasi muda. Saudades e penas. Saudades dos que se vão finando; penas por

causa dos que vivem. Amor intensissimo sem a minima esperança, e o que é mais, sem desejo de a poder ter!

E querias que eu saisse de Coimbra, e que fosse robustecer a alma na tua quinta do Serrado, onde bem sei que tu e os teus se empenhariam em me soccorrer com todos os calmantes que a amisade sabe preparar, e a que a solidão campestre muitas vezes dá maior força? Não posso. Prometti a Salvador Lopes, a D. Anna, a Manoel de Oliveira e a mim proprio, que não me separaria mais d'esta familia, e hei de cumprir a promessa.

Vê tu, meu querido Ayres, como a gente se engana a si e aos outros. Allego a promessa para não acceitar o teu convite, mas a minha palavra não me ligou quando a dei, porque ligado estava eu para sempre a D. Anna no consorcio espiritual que nenhuma lei humana póde quebrar, e que a nossa resignação tem sanctificado.

Tu dizes que me suicido aspirando cada dia o veneno que me vae consumindo. Que importa? Morto já eu estou, e antes morto aqui do que vivo em outra parte. Queres que a desampare? Definhar-se-hia em breve. E que tormento para Salvador Lopes! Não sabes que o meu maior empenho é occultar-lhe as minhas magoas, e que D. Anna não se esforça menos para se mostrar resignada? Se aquella alma exaltada e nobre soubesse o que nós padecemos... Não o saberá nunca inteiramente.

E poderás tu acreditar que no meio d'este viver doloroso anda tua prima Christina a vêr se no despeito que ella me attribue ás vezes, ou no amor saciado que a maldade do irmão apregoa, encontra ensejo de casar comigo? É uma rapariga intelligente e de coração melhor do que geralmente se diz, mas a vaidade e a ambição cegam-lhe o entendimento. Casar comigo! Que bom marido que havia de ser agora!

Faltava este intento ridiculo e persistente para que por todos os modos fosse crudelissima a triste amargura que me opprime! Não quiz occultar-te esta circumstancia. Desejo que saibas tudo, e sinto certo allivio em desafivelar a mascara, e mostrar-te o estado a que me reduziram os incriveis successos da minha vida.

Adeus, meu querido Ayres, tenho por unica ventura hoje possuir um amigo como tu, e poder depositar no teu bondoso coração todos os segredos da minha attribulada alma. Adeus.

Teu primo e am.° do c.—HENRIQUE.

(Continua)

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

F. Lec.
a Lisbonne
1863
24 Mai

UMA GRAVURA DE S. M. EL-REI O SR. D. FERNANDO

aliosas e significativas provas de apreço e sympathia tem sempre merecido a *Revista Contemporanea*, ao regio artista. Todos os quatro volumes já publicados encerram desenhos do seu gracioso e singular buril. Realisou assim o talento do homem a protecção do rei. Operario tambem do futuro quiz alistar-se na phalange dos que trabalham pelo seu engrandecimento. É que o não deslumbra o esplendor da purpura; é que avista sempre o horisonte em que irradia o sol da intelligencia; é finalmente que sustenta com vivo realce a dupla corôa que cinge na fronte.

Para attestar a continuação do seu honroso patrocinio, S. M. El-rei o sr. D. Fernando brindou este numero, que vai encetar o quinto anno, com uma nova gravura. Talvez pensem ao vê-la, que foi mais um capricho ou mais uma fantasia do real artista? Pois enganam-se: aquelle pequeno qua-

dro é uma copia do natural. Existe o macaco e existem as flores na quinta da Abelheira, em Cintra. De uma janella que deita sobre o jardim, é que S. M. observando o effeito burlesco do travesso animal sentado no meio das flores e colhendo-as raivoso para as desfolhar, se lembrou de reproduzir tudo na chapa. Não resistiu porém á tentação de pôr um chapéo na cabeça do macaco! Tornava-o assim mais caracteristico. Depois raro é o desenho de S. M. El-rei o sr. D. Fernando em que não transparece um sorriso. N'aquelle sorriso revela-se-lhe a alma e a vida.

Sabemos que o real artista trouxe um precioso album de impressões da sua viagem ao estrangeiro e que tenciona reproduzir com o buril o que então só traçou ao correr do lapis.

Resta-nos accrescentar para nossa gloria e para enlevo dos assignantes, que a *Revista Contemporanea*, honra-se já com a promessa de alguns typos de tão bella e verdadeira collecção.

ERNESTO BIESTER.

CHRONICA POLITICA NACIONAL E ESTRANGEIRA

I

ão é extraordinaria nem original a situação politica que vamos atravessando, mas avultam n'ella algumas circumstancias especiaes a que não será inutil attender para apreciar bem os acontecimentos, e para conjecturar com alguma probabilidade ácerca do futuro.

São normaes as condições do governo. Possue a confiança da corôa, tem na camara electiva maioria dedicada, e na casa hereditaria não lhe faltam elementos de coadjuvação por ventura menos enthusiasta, mas ao cabo de tudo bastantemente efficaz nas votações. Com esses elementos se defendeu de muitos perigos, affastou responsabilidades graves, e conseguiu que os seus actos mais censurados obtivessem approvação legal. N'esse campo venceu os seus adversarios.

Mas com vistorias tão repetidas ficou mais vigoroso, mais alentado, e mais apto para governar desassombradamente colhendo os

fructos de tantas batalhas ganhas? É licito duvidar, e mais do que uma questão importante, sujeita a addiamentos prolongados e cautellosos parece confirmar a nossa duvida.

E a opposição tantas vezes vencida nas votações, e em alguns casos mais pelo numero do que pelo vigor dos argumentos, adquiriu novas forças, e alcançou o prestigio que a razão publica outorga sempre, mais cedo ou mais tarde, aos que pelejam pela justiça contra o numero? Seja-nos tambem permittido hesitar na resposta, e adduzir como prova de que é rasoavel esta hesitação, não estar hoje a opposição mais poderosa do que antes das pelejas em que os seus adversarios foram favorecidos da fortuna, e não ter podido accrescentar o numero dos seus partidarios na casa electiva do parlamento.

Não queremos accusar de fraqueza o governo ou increpar de nimia prudencia a opposição. É desnecessario procurar nome bem acceito de todos para designar a natureza da energia com que procedem os partidos; basta dizer que de um e de outro lado avulta essa qualidade, se não querem que lhe chamemos defeito.

A muitas e variadas causas é devida a atenuação da iniciativa politica dos partidos.

Recordaremos algumas.

Deve contar-se entre as principaes estar hoje a crença liberal no seu primeiro periodo triumphante, em que já se não disputa ácerca dos principios, e a liberdade recebe homenagens sinceras de amigos e de adversarios. Bem sabemos que as questões de applicação têem assignalada importaacia, e que já vamos entrando n'ellas com vigor, mas desde que reconhecemos todos certos principios, a intensidade da luta diminuiu consideravelmente. Ainda ha de renovar-se com vehemencia, mas agora estamos repousando tranquillamente dos combates e perigos de tantos annos á sombra da arvore que plantaram os primeiros iniciadores do governo liberal entre nós, e que só agora principia a dar sombra, a desabrochar flores e a prometter fructos.

É verdade que n'estes ultimos tempos algumas vezes nos esquecemos das condições especiaes que temos indicado, e tentamos resuscitar em sublevações inesperadas, em repressões rigorosas, e em manifestações impacientes na tribuna e na imprensa, a energia demasiada de épocas já mui distantes. E de que serviu essa galvanisação do cadaver? As paixões extinctas ergueram-se para tornarem logo a caír. Quem tentou excital-as, sentiu extenuarem-se-lhe as forças na renovação da luta. As paixões de hoje não podiam ser as de hontem.

Cada dia tem as suas.

Não vae longe o tempo em que se aboliram os morgados, em que se propoz a eliminação da pena de morte, e em que se legislou ácerca dos mais importantes interesses da propriedade nas providencias relativas ao credito hypothecario. Foi unanime, porque assim o digamos, a approvação dos principios que serviram de base a tão avultadas innovações. Imaginem que um partido qualquer tentava alguma d'essas reformas ha vinte annos. Como lhe responderia o paiz? Revolucionando-se immediatamente.

Outros tempos, outras paixões.

A estas causas de apparente enfraquecimento politico, pois que geralmente damos este nome á substituição de um genero de actividade por outro, accresce agora uma circumstancia, cuja influencia na vida publica é já conhecida. Alludimos a aproximar-se o tempo de se dissolver a actual camara electiva, e de se realisarem as eleições geraes, conjunctura a que não podem ser indifferentes nem os governos, nem as maiorias, nem as opposições, e em que as forças mais energicas da nação como que se concentram para se manifestarem depois com duplicado alento.

Tal se nos afigura a situação politica do reino ao findar o mez de abril, de cujos successos principaes nos cabe ser agora mui conciso chronista e apreciador desapaixonado, e ainda nos parece que de todas as causas apontadas por nós resultou egualmente, chegar o praso ordinario da legislatura sem que estivessem concluidos alguns trabalhos parlamentares que exigiam resolução immediata. Onde falta vigor juvenil, onde se reparte em demasia ou se desperdiça, são morosas e tardias todas as decisões.

Não culpamos o parlamento nem o governo. Um e outro viveram e vivem sobre o influxo das condições geraes que regulam a actividade do paiz. Se procedessem de outra forma, teriam creado uma situação falsa, inutil para o bem, e só accommodada a prejudicar a todos. Obedecer rasoavelmente ao impulso das circumstancias que os cercam, é dever dos que governam.

Prorogado pois o parlamento até 14 de maio, approvou a camara dos deputados com as alterações feitas pela commissão o projecto do tabaco, em que o governo acabando com o monopolio, rejeitando a *régie*, e não ousando proclamar a liberdade completa, procurára inventar um systema baseado no principio da liberdade, mas com numerosas precauções em favor dos interesses do thesouro.

A discussão foi das mais esclarecidas e sensatas de que póde gloriar-se o parlamento portuguez, com quanto fosse visivel a escassez de informações exactas, que é inevitavel nos paizes desprovidos de trabalhos regulares de estatistica. Para os defensores da liberdade plena havia a presumpção em prol dos resultados de tão salutar

principio. Os outros abonavam o seu parecer com calculos, de cuja exactidão mutuamente duvidavam as diversas parcialidades. Todos receiavam a diminuição dos rendimentos do thesouro, e o proprio governo só á força de grandes limitações se julgou no caso de responder pelo equilibrio futuro do orçamento.

Confiou a maioria nas provisões do governo, e nem attendeu aos que propunham a *régie* como transição, nem aos que pediam que se proseguisse no systema de arrematação até estarmos em circumstancias de correr o risco de novidade que lhes parecia perigosa. Prevaleceu o projecto do governo, e com a sancção dos deputados passou para a camara hereditaria, onde foi incumbido o seu exame a a diversas commissões reunidas.

D'ahi resultou a alteração de projecto, admittindo todos o principio da liberdade, addiando para janeiro de 1865 a execução, e dispondo que prorogado por dois mezes o contrato actual de accordo com os caixas geraes, se arrematasse de novo por seis mezes, e que na falta de offertas acceitaveis administrasse o estado por sua conta durante esse tempo. Concordou o governo em adoptar esta proposta das commissões, bem como outras alterações menos valiosas, e n'este sentido se abriu na camara dos pares a discussão que apenas se póde dizer encetada.

Como a *régie* seria lei no 1.º de maio, e não contava no parlamento com o favor das maiorias, propôz o governo um projecto especial para a prorogação do monopolio por dois mezes, o qual apresentado no dia 26 foi logo approvado em ambas as camaras.

Na camara electiva principiou e tem continuado a discussão do orçamento com numerosos pedidos de despeza que dão honra ás aspirações dos povos e dos seus representantes, mas que nem sempre correspondem aos meios de que ao thesouro é licito dispôr. Foi melhorada n'este anno a fórma do orçamento, mas do que hoje é ao que o interesse publico está pedindo que seja, e não só na fórma como na essencia, ainda vae grande distancia. Deve o orçamento ser o livro mais verdadeiro de quantos o governo publica, e nem sempre o é.

Na discussão do orçamento suscitou-se a questão do trabalho livre ou forçado nas possessões portuguezas de Africa, ácerca do qual fallaram varios deputados e o sr. ministro da marinha. Foi memoravel o discurso do sr. Mendes Leal não só pela elevação dos conceitos e belleza da dicção, em que s. ex.ª é sempre muito primoroso, como pelos sentimentos christãos e sãs idéas de governação, de que mostrou estar possuido. Um discurso do sr. Francisco Luiz Gomes, e ainda algumas explicações do sr. Pinto de Magalhães vieram patentear mais uma vez a propensão para adoptar e seguir os pensamentos generosos, que se manifesta sempre nas assembléas portugue-

zas. A liberdade dos negros e o intuito humanitario de promover a sua civilisação obtiveram a geral homenagem da camara.

Na camara alta foi approvado o parecer da commissão de inquerito ácerca dos acontecimentos de Villa Real, no qual se recommendava aos dignos pares que não apreciassem as questões sujeitas aos tribunaes administrativos, mas que fulminassem a doutrina anti-constitucional das suspeições politicas. Assim o fizeram de accordo com o governo.

N'esta questão ha de ainda dar o seu parecer a commissão da camara electiva, e está-se agora publicando no *Diario* a syndicancia que o governo mandou abrir em Villa Real pelo sr. governador civil de Braga, elevado para esse fim á cathegoria de commissario regio. E um negocio pendente, do qual provavelmente puderemos narrar o desenlace na revista do mez seguinte.

Ainda na camara dos pares foi addiado o projecto relativo ás aposentações dos empregados das alfandegas, para que se generalisasse o principio ou qualquer outro que parecesse mais accommodado a preencher o intuito do governo, e votou-se a maior parte dos artigos do projecto ácerca das licenças dos juizes, apesar de considerações muito equitativas, e de todo o ponto deduzidas dos principios constitucionaes, que na discussão foram apresentadas pelos srs. Miguel Osorio, Ferrer e Seabra.

O sr. bispo do Porto chegado á camara depois de estar concluida a questão relativa ao secretario da camara ecclesiastica de Coimbra, leu um discurso em favor do veneravel prelado d'aquella diocese, mas observando-lhe o presidente que o regimento prohibia a leitura de discursos escritos, e não tendo havido quem pedisse a palavra, não se prolongou este incidente.

Na camara dos deputados vae-se tratando das questões relativas á parte do orçamento que se discute, e espera-se brevemente a discussão da nova lei da liberdade de imprensa proposta pelo sr. ministro da justiça, segundo o principio geral adoptado pelo sr. Miguel Osorio em um projecto seu, apresentado na camara dos pares. A proposta ministerial acata e desenvolve o principio liberal, e põem ao abuso os obstaculos com que se firma e assegura o direito de todos e o credito da imprensa.

Na camara electiva foram ultimamente attendidos os officiaes inferiores que tinham servido no exercito de D. Miguel, aos quaes finalmente aproveitou o espirito de progresso e de civilisação, com que vamos apagando os vestigios das nossas dissenções civis.

Tambem se approvaram em ambas as camaras tratados celebrados pelo governo portugeez com os da Belgica e dos Paizes Baixos ácerca do resgate dos direitos do Escalda, e com o governo da Suecia a res-

peito da propriedade adquirida ali pelos portuguezes ou em Portugal pelos suecos.

Estes foram os principaes assumptos em que durante este mez se empregou a actividade parlamentar. Só nos resta accrescentar que o sr. deputado Figueiredo Faria propoz que a camara manifestasse a El-rei o desejo de que Sua Magestade não fosse viajar, como geralmente se dizia. Esta moção mal acolhida na imprensa foi retirada pelo seu auctor no dia seguinte, e os jornaes cessaram de discorrer ácerca das vantagens e dos inconvenientes de uma viagem de que não havia certeza e de que se não conheciam os fins. Imitaremos essa prudente abstenção.

Ainda devemos accrescentar que de differentes pontos do reino se tem allegado escassez de cereaes, e pedido providencias a tal respeito, porém segundo as melhores informações os receios não são por ora tão fundados como se allegava.

No dia 3 celebraram os realistas uma reunião politica para elegerem a commissão central que ha de dirigir a sua intervenção nas eleições. A assembléa procedeu pacificamente, e o governo respeitou, como devia, o direito constitucional dos seus adversarios. São preciosos symptomas de actividade politica, de respeito ás leis e de espirito de civilisação.

Abriu-se o caminho de ferro de Coimbra ao Porto. A affluencia de viajantes tem sido numerosissima, passando muitas vezes de quinhentos por dia, e o regosijo dos povos manifesta-se por todos os modos. Não ha melhoramento que o nosso bom povo não comprehenda, e a que se não affeiçôe desde logo.

No dia 8 do corrente foi lançada ao mar na presença da real familia, dos altos funccionarios do Estado, e de grande multidão de povo a corveta *Duque da Terceira*, principiada a construir a 23 de junho do anno passado. El-rei bateu por essa occasião a primeira cavilha da canhoneira Rio Minho, e diz-se que brevemente se principiará a construcção de uma fragata.

O sr. Mendes Leal tem-se distinguido pela incansavel actividade em promover o desenvolvimento da nossa marinha de guerra, como era de esperar de quem aprecia bem que o futuro de Portugal depende principalmente do que a tal respeito e ácerca das colonias soubermos ir melhorando.

E pois que viemos a concluir em negocios do mar, mencionaremos a chegada a Lisboa do principe de Joinville, tio afin d'El-rei, e como todos sabem, antigo e distinctissimo official da marinha franceza. Sua Altesa visitou alguns dos nossos vasos de guerra em companhia de Sua Magestade, cujos primeiros annos foram tambem passados nas lides do mar.

II

Não era ao principiar o mez de abril tão bonançoso como o nosso o horisonte politico da Europa, e todavia a julgarmos pelas manifestações publicas do intelligente e astuto soberano francez, as probabilidades ácerca do futuro são pacificas. Assim o escreveu ha poucos dias o imperador Napoleão III ao seu ministro da fazenda ao sugerir-lhe a idéa de supprimir o segundo decimo do imposto de registro, agora que a evacuação do Mexico pelas tropas francezas veio alliviar de pesados encargos o thesouro imperial.

Acceitemos como de bom agouro as esperanças pacificas do imperador, mas não lhe attribuamos valor maior do que na realidade podem ter. Se a França não dispende mais com o Mexico, antes vai receber do novo emprestimo avultadas sommas, e se todo esse capital ha de supprir o imposto que o imperador deseja abolir, os meios do thesouro francez não diminuem, e a guerra que era possivel até agora apesar das despezas da luta na America, ainda menos perigosa será hoje não havendo desfalque no rendimento, e estando mais concentradas as forças do imperio.

Napoleão dispõe de maior numero de soldados, conserva a receita que tinha, e diminue a despeza. E a este melhorar de circumstancias devemos accrescentar o augmento da popularidade pela suppressão de um imposto, a segurança que este facto parece dar á Europa, e a satisfação de imitar o governo inglez, dispondo em favor dos contribuintes da receita applicada ás despezas extraordinarias, como intentára o ministro britannico Gladstone ao dar conta de que o excedente da receita era de mais de dous milhões de libras esterlinas.

Devia influir muito no animo do imperador esta ultima circumstancia, porque tendo o governo francez notado as vantagens que lhe dera o tratado de commercio no augmento das exportações, o gabinete inglez tambem agora celebrára a utilidade do tratado para o commercio inglez por egual motivo. Era pois indispensavel que a França se mostrasse tão desassombrada de encargos e difficuldades financeiras como a sua rival.

Infelizmente não são estas lutas da paz as unicas da Europa. Na peninsula do Jutland arde ainda a guerra, e o assalto e tomada das fortificações de Duppel, ultima victoria dos prussianos, immolou ás aspirações guerreiras da côrte de Berlim grande numero de victimas, cujo sangue por ventura se poderia ter poupado, até porque a proximidade da conferencia como que estava pedindo ao espirito christão dos belligerantes a suspensão das hostilidades.

Não é facil prever o que a diplomacia resolverá na conferencia;

provavelmente descobrirá algum meio provisorio de satisfazer estes ou aquelles interesses, e de addiar a solução completa do negocio na esperança de que o tempo ou o accaso facilite outros desenlaces futuros. Antes que a medicina se declarasse expectante, já a diplomacia tinha feito essa preciosa descoberta.

A Dinamarca está opprimida mas não subjugada. A disposição geographica do territorio é o seu mais poderoso e fiel alliado, mas para a occasião suprema póde contar com outros, sendo dos principaes o governo sueco, já auctorisado pelo Storting a dispôr das forças de mar e terra a favor dos Dinamarquezes. Aqui seja dito de passagem, que os dois principaes partidos da Suecia propendem por differentes modos para o principio da união scandinava, e segundo os interesses d'esta idéa se lançariam na luta com maior ou menor vehemencia, passando do appoio moral ao auxilio material.

Uma das grandes vantagens dos dinamarquezes, e ao mesmo tempo fiador da paz europea, é não saberem ao certo nem os prussianos nem os austriacos o que desejam. E tão cumplicada é a situação de cada uma d'estas potencias que a Austria exigiu um fio telegraphico especial e separado para de Vienna mandar ao Holstein e ao Schleswig as suas instrucções aos generaes e aos commissarios civis. Isto parece mostrar que a alliança vae até ás ordens secretas, mas exclusivamente.

O desaccordo visivel das idéas austriacas com as prussianas e de umas e outras com as da confederação germanica já produziu effeitos salutares, porque se deve attribuir a elle certa uniformidade de intuitos entre e França e a Inglaterra, a que o conde de Carendon, segundo dizem, veio a Paris dar maior unidade. Talvez serviu de base a esta combinação o principio do suffragio popular e nacional nos ducados, proposto pelo governo francez em nota de 20 de março. A publicação d'ella como que o está revelando agora, até porque o espirito é essencialmente o mesmo da nota de 24 de fevereiro expedida pelo governo inglez e tambem hoje publicada.

A serem exactas as considerações que sujeitamos ao juiso do leitor, as esperanças de paz são bem fundadas, porque onde a França e a Inglaterra disserem que não haverá guerra, será difficil encontrar quem praticamente e sem grande perigo se atreva a desmentil-as.

Tambem é penhor de paz saber-se que na primeira sessão de conferencia se reuniram os representantes de todas as potencias, o que não se esperava.

Ha quem pense que a demissão do ministro Stansfeld fôra um penhor dado á renovação da alliança franceza, e Deus sabe as supposições a que terá dado occasião n'este sentido a inesperada partida

de Garibaldi para a ilha de Caprera, depois de ter recebido em Londres acolhimento que poderia causar inveja a muitos soberanos europeus, sendo circumstancia notavel a visita do principe herdeiro da corôa.

A que veio Garibaldi a Londres? Não o sabemos. Para incommodar Napoleão III de certo não foi, porque os governos serios não se divertem com pirraças de criança, nem o celebre caudilho italiano é tão hostil ao imperador dos francezes como Garibaldi gosta que se diga. Grande parte das homenagens tributadas ao hospede da Inglaterra eram dirigidas pelos protestantes ao adversario de Roma, porém ainda nas restantes ha muito em que meditem politicos. Deixemos Garibaldi no seu regresso a Italia. O tempo nos mostrará a inteira significação d'esta viagem.

Não esqueçamos todavia que a saude do Pontifice não lhe promette longa vida, e que o fallecimento do Papa não ha de ser um acontecimento indifferente na conjunctura actual. O que então fizer Garibaldi, dirão todos que é inspiração da Inglaterra. Queira Deus que as occorrencias d'essa época não destruam de um dia para o outro as combinações diplomaticas inventadas para evitar a guerra, que ora ameaça da Polonia, ora parece querer surgir da Hungria. ora se devisa ao longe nos principados danubianos, e que na Italia está á espera da primeira voz de commando.

Entretanto vae por assim dizer já caminho do Mexico o novo imperador escolhido na casa de Austria, e apesar da declaração parlamentar com que o congresso dos Estados-Unidos quiz fulminar a nova monarchia, assumpto de que o senado addiou a discussão, é fóra de duvida que o throno de Iturbide vae ser occupado pelo archiduque Maximiliano. Temporaria ou definitiva, segura ou perigosa, a monarchia mexicana é agora tambem uma solução europea.

Emquanto a Europa se agita para conciliar tantos animos discordes, a Russia continua a não se entender bem com a Prussia nem com a Allemanha, e todas as questões conhecidas esperam de abalos geraes a desejada solução. — Os nossos visinhos hespanhoes intentam graves alterações constitucionaes, preparam mudanças na lei de liberdade de imprensa, organisam um codigo penal de eleições, declaram livre o fabrico e venda da polvora, e meditam reformas liberaes de bastante alcance.

E comtudo é ainda anormal a situação de Hespanha, e ha de continuar a sel-o emquanto um dos seus partidos mais numerosos, o progressista, se conservar na perigosa abstenção de actividade politica a que julgou conveniente resignar-se. A direcção inconstitucional dos partidos, embora justificada por exclusões teimosas e systematicas, é peior do que a propria guerra civil, porque se lhe não

podem calcular as eventualidades, em todo o caso perigosas para o Estado e até para a dynastia.

Da America não ha que dizer. Nos Estados Unidos guerra de exterminio. Nas republicas hespanholas agitações continuas. No Brazil os resultados beneficos do principio monarchico, apurados pelo feliz acaso de um principe esclarecido e profundamente dedicado aos interesses d'aquelle importante e florescente imperio.

Mas ao cabo de tão longo dizer mais importaria ao leitor que lhe annunciassemos se da situação actual da Europa ha de brotar a guerra ou a paz. Não lh'o podemos affirmar, porém elle proprio acceitando na sua accepção natural as phrazes esperançosas da carta do imperador dos francezes, e notando que nenhuma das grandes questões europeas se aproximou ainda da solução que todos lhe procuram, poderá calcular as probabilidades de solução pacifica ou guerreira.

Muitos dizem que a Europa está sobre barris de polvora. Que importa, se não houver quem lhe chegue o fogo? A polvora não se incendeia espontaneamente. Esta é uma das suas melhores qualidades.

A. A. Teixeira de Vasconcellos.

CHRONICA BIBLIOGRAPHICA

No horisonte litterario principia a despontar uma epocha de renascença. Assim o inculca a nova pleiada de talentos que, dia a dia augmenta, ostentando gallas esplendidas e espalhando viçosas flores. Assim o provam alguns livros ultimamente publicados e firmados por vocações que se estreiam. Assim o denunciavam já outras obras, que appareceram mais cedo e em que a critica saudou pela primeira vez os auctores. Assim o dizem finalmente Thomaz Ribeiro, Pinheiro Chagas, Theophilo Braga, M. Roussado, E. Vidal, Augusto Sarmento, Bernardino Pinheiro e Osorio de Vasconcellos. A poesia, o romance e a sciencia!

O poema *D. Jayme*, foi uma revelação que logo assignalou ao au-

clor um lugar entre os nossos melhores poetas. Tamanha gloria impunha grandes deveres. Soube todavia cumpril-os, escrevendo a *Festa e a Caridade*, a *Judia*, as *Novas conquistas*, poema dedicado ao Centro promotor das classes laboriosas, e a *Mulher do mal*, de que já tem dois cantos, e manifestando em tudo os superiores dotes de uma imaginação ardente e de uma arrojada phantasia.

Na *Gazeta de Portugal*, tambem soube ganhar Pinheiro Chagas, em curto espaço de tempo, invejavel prestigio e merecidos louvores como folhetinista e como romancista. Os seus folhetins são graciosas e illustradas palestras que seduzem pela justeza dos conceitos, pela fina observação das analyses, pela delicada satyra e pela elegancia da fórma. Os seus romances, são pequenos quadros, umas vezes coloridos pelo sentimento, e fallando docemente ao coração; outras pelo ridiculo e provocando espontaneamente o riso. Mas além de romancista e folhetinista, Pinheiro Chagas é poeta.

A valia d'este já a conhecem os leitores da *Revista Contemporanea*, e no seguinte numero terão occasião de lhe medir todo o seu alcance e grandeza, lendo o primeiro canto do *Poema da Mocidade*. Será ou não um talento fecundo e privilegiado o que se revela assim aos vinte annos? Será ou não Pinheiro Chagas, um escriptor que tem diante de si um futuro vasto e brilhante?

Vidal é igualmente um poeta de subido merecimento. Nos seus versos ha uma singelesa encantadora, uma harmonia admiravel, um raro primor de fórma. Vê-se que Bulhão Pato é o seu modêlo, e modêlo que tem sabido imitar com verdadeira gloria.

Uma parodia ao *D. Jayme*, intitulada *Roberto ou a dominação dos agiotas*, fez proclamar o seu auctor, Manuel Roussado, um digno seguidor de Tolentino.

Tres romances, a *Providencia*, de Augusto Sarmento e *Arzilla* e *Sombras e Luz*, de Bernardino Pinheiro, attestam inquestionavelmente duas lisongeiras e esperançosas vocações, que cultivadas com esmero, promettem sobresahir n'este genero de litteratura.

Osorio de Vasconcellos nas revistas scientificas publicadas na *Gazeta de Portugal*, tem sabido mostrar-se homem de saber e escriptor distincto.

Reservei para o fim Theophilo Braga, por que é d'elle um dos livros que tenho para annunciar como novidade d'este mez. Chama-se o livro *Visão dos tempos*, e é dividido em tres partes que o auctor classifica assim:

1.º A poesia grega ou a fórma, o objectivo, o visivel. Tentamol-o na *Bacchante*.

2.º Poesia hebraica ou a adoração do absoluto, o invisivel. Eis a *Harpa de Israel*.

3.º A poesia do christianismo ou a transubstanciação, a passagem do visivel para o invisivel, do real para o ideal subjectivo — a *Roza mystica*.

É pois uma obra de grande arrojo e vastissima concepção, e que só um talento superior e vigoroso emprehende e realisa. É trabalho para um poeta e para um philosopho. Theophilo Braga provou todavia, que era ambas as coisas, e até deixou ver que o philosopho dominava o poeta. Agradou-me tanto uma rapida analyse d'este bello livro que li no jornal o *Seculo* XIX, que vou transcrevel-a aqui. Eil-a:

«O auctor da *Visão dos tempos*, teve em vista apresentar-nos a historia da humanidade, resumida nas tendencias mais profundas do sentimento humano atravez das idades. — Se o conseguiu absolutamente, não o diremos nós. Descer a todos os infernos, voar a todos os paraisos, que a alma do homem tem atravessado desde a hora primeira do seu genesis, não é trabalho d'um livro nem d'um poeta. Victor Hugo não o chegou a fazer na sua legenda dos seculos.

Mas que monta isso? O que a arte pedia aqui não era a totalidade dos periodos historicos, mas sim a verdade d'um ou alguns d'elles. As idades em que o poeta tocou com a sua vara magica, erguem-se vivas no seu poema, e quaes foram, quaes deveram ser, verdadeiras, sentidas, levantam-se, e apparecem brilhantes de realidade movendo-se no largo campo da arte. Estudar a antiguidade, é facil; interpretal-a póde fazel-o a meditação; sentil-a, isso só o olhar prophetico do poeta o logra. A Grecia, principalmente, mostra-se ahi tão serena, tão pura, tão allumiada pela luz do céu azul da Arcadia, que nos achamos mais de uma vez duvidosos, se é um homem do seculo XIX que escreve, se um antiquario que publica alguns cantos ineditos de Anacreonte ou Sapho, agora descobertos n'algum templo da Jonia ou do Pireu. Mas não: o poeta moderno vê-se ali, vê-se ali o artista, que estuda tanto, quanto sente, na arte infinita com que soube juntar n'um poema todos os elementos da vida da Grecia patriarchal. Os amores e os deuses, os sacrificios e as navegações, o prazer voluptuoso e os fados escuros, tudo ali se enlaça harmoniosamente em volta á mesma concepção, como nos templos d'Attica porticos, altares, estatuas, columnas, todas as fórmas se combinam n'uma só e unica idéa artistica.

Podemos dizer d'este livro que o peior que tem... é o publico.»

É o publico, sim, porque é limitada a parte d'elle que está no caso de entender uma obra d'aquella elevação, o que lhe demorará a venda; mas em compensação ha de acolhel-a com enthusiasmo todo o homem illustrado, e toda a livraria escolhida.

A *Visão dos tempos* conquistou desde já a Theophilo Braga um logar entre os bons poetas nacionaes.

Mencionarei agora a publicação do *Annuario Portuguez, scientifico, litterario e artistico,* pelo sr. J. J. de Sousa Telles. É um livro curioso e interessante. O seu auctor, dedicando-o ao nosso distincto bibliophilo o sr. Innocencio Francisco da Silva, prestou uma justa homenagem.

O nosso incançavel romancista Camillo Castello Branco, tambem acrescentou mais um volume ás suas obras. Intitula-se *Noites de Lamego,* titulo que elle julga necessario explicar, e que explica assim:

«Chama-se este livro *Noites de Lamego,* em razão de serem proverbiaes em comprimento, profundidade e largura as noites d'aquella terra, a tantos respeitos interessante, e, sobre todos os respeitos, interessante pelos excellentes presuntos que a caracterisam na historia da civilisação culinaria a mais prestadia de quantas ha. Para uma d'aquellas noites infinitas, cuida o auctor — pedindo venia da immodestia — que este seu livro deve ser, n'umas compleições, leitura de engalhar o somno rebelde; n'outras, distractivo expediente para aligeirar as horas. Está dada a razão do abstruso titulo.»

Abrindo em seguida as *Noites de Lamego,* encontram-se varios contos e anecdotas realçados por aquelle espirito sempre original e feiticeiro! Que risonhos e sentidos quadros matisam aquelle livro! Que impressões não deixa n'alma aquella singella historia, *Como ella o amava!...*

Fecharei a chronica noticiando a segunda edição da *Fundação da monarchia portugueza,* narração anti-iberica, por A. A. Teixeira de Vasconcellos. Descreve o auctor n'este livrinho como foi fundada a monarchia portugueza, e quantos trabalhos custou a creação d'esta vigorosa nacionalidade, tantas vezes combatida, e sempre sustentada pelo esforço do nosso braço, pela sagacidade dos nossos estadistas, e tambem pelas virtudes dos generosos soberanos e principes das dynastias portuguezas.

ERNESTO BIESTER.

CHRONICA DO MEZ

screvo em viagem. Deixei Lisbôa em pleno sabbado de alleluia. O judas de palha foi a unica impressão que trouxe do meu paiz. Ó saudade!

Ao menos pude avistar-vos ainda, minhas leitoras, durante as endoenças, girando apressadas de egreja em egreja; isso sim que era humildade, devoção e fé! Coisa bonita para ver, o bulicio e inquietação nervosa com que ieis voando de templo para templo, curiosas andorinhas da religião e da elegancia! Ha quem se afflija e ralhe por ver brilhar n'essas festas a pompa da vaidade humana — como se fóra da vaidade humana houvesse alguma coisa n'este mundo; para mim, porém, é caso assentado que o luxo é santo. A decadencia do véu produz uma sensação penosa na população lisbonense, cuja gravidade é bastante austéra para dispensar o tradicional trapinho de filó, mas pouco a pouco ir-se-ha acreditando que o chapéu não chega a impossibilitar as damas de

agradarem a Deos. E depois, o véu durava annos, e o chapéu dura um mez! Que nos importa o que dispende o mundo? Sem a vergonha da esmola nem a injustiça da expoliação, irá o luxo cumprindo a divisão dos haveres, e fazendo participar os pobres dos bens dos ricos; tal é a sua missão e a sua gloria. Quantas vezes o capricho de uma *coquette* salvará a virtude de uma costureira infeliz! Mais valia a republica de Athenas do que a Lacedemonia. Não intimideis as senhoras; deixae-as ser bellas e surrir contentes; que seus fresquissimos hombros resplandeçam no setim e no velludo, e seus dedos delicados, envoltos na mais fina luva, agitem garridamente o leque! A inveja da burguezia é que atira pelo mundo essas tontas apostrophes ao luxo. O povo estima-o, e sente-se feliz em o contemplar ; não será elle que accuse a vossa formosura nem os enfeites com que a exaltaes: admira aquella e fabrica estes, na sua condição de artista e de operario. Mudae bem a miudo de vestidos e de chapéus — por patriotismo, quando mais não seja; quasi todas essas sedas que compraes nas casas de modas são productos da industria portugueza e saem das fabricas Cordeiro, Ramires, etc; os rotulos são ainda francezes, mas as fazendas já são nossas. A nossa sociedade caminha; mas para que não tropece, convém que tenha os olhos fitos no futuro, e não voltados para o passado; nada de imitações retrogradas; quem anda a olhar para traz arrisca-se a cair. Se o véu enfeitou nossas mães, não é rasão para ser immortal. Bem sei que considerações elle inspira hoje á edade provecta; não ignoro mesmo que foi estando ella de véu que o avô do leitor, pela semana santa, fez uma côrte religiosa e grave a sua avó, minha senhora; creio mesmo que o véu tivesse influencias pronunciadas sobre a deliberação matrimonial d'esse varão respeitavel; o chapéu é capaz de fazer perder casamento a algumas; o chapéu não é bastante sisudo, é taful, é francez, tem historia elegante, e tem feitio — tem feitio, o perfido! — e deixa ver o rosto — tentador, o endemoninhado inimigo da tranquilidade conjugal; com elle a esposa fica mais bonita: de véu, não fica bonita nem feia, fica escondida, livre da luneta dos mirones e da perigosa amabilidade dos janotas — confessae, todo o mal está n'isto!

Não me arguam por haver partido sem assistir ás festas da paschoa. Que posso eu pedir a Deos, e que força tem o supplicar-lhe de mãos erguidas que affaste de nós a adversidade, prolongando-nos os gosos, e protegendo no céu os amigos que nos leva? Cuidam então que uma palavra de qualquer de nós tenha influencia nos seus decretos e mude as leis de sua providencia? Estão persuadidos que seja como os reis da terra, que não estão ao facto das afflições dos povos e precisam ser admittidos em sua clemencia ou

equidade? Confiarmos no nosso poder, é duvidar do seu. Tudo que d'elle nos vier, fortuna ou revez, adorêmol-o; agradecer-lhe ás vezes, abençoal-o sempre — mas pedir-lhe não, que é considerál-o homem e tratal-o como tal. As resas, intendidas d'essa maneira, são quasi impiedades. Perdoa-as Deos porque é bom, não as desdenha porque é grande, mas não póde attender-lhes por ser justo!

O peor de tudo, todavia, no ponto de vista da chronica, não é o haver eu partido em sabbado de alleluia, senão o ignorar completamente quanto se tem passado em Lisboa durante este mez: essa é que é a grande impiedade, a maior de todas, para o jornal, para o leitor, e para mim. Apostou comigo Francisco Palha diante de Ernesto Biester, no escriptorio da *Revista Contemporanea*, em como eu não me lembraria de mandar a chronica para Lisboa: do que elle proprio não se lembrou foi de estabelecer a mulcta ao que perdesse, mas lembro-me eu agora de uma coisa e d'outra; aqui envio a chronica, e que Francisco Palha... — a leia. Não o mulcto em mais, e dou poderes a Ernesto Biester para verificar essa execução.

Completamente isolado de jornaes portuguezes, de correspondencias, e de noticias, recorro ao expediente de dar ao leitor alguma coisa da minha propria chronica. Não posso facultar-lhe um capitulo d'esta nossa viagem, por estar destinada a outra serie de trabalhos, mas offereço-lhe as primeiras folhas da minha carteira de apontamentos. É sobre estes esqueletos que depois se enchem livros! Dizem assim:

Parto no comboio de Badajoz ás oito e meia da noite de 26 de março. Tenho por companheiro o meu amigo o conde d'Obidos. A nossa entrada na carruagem produz longo murmurio entre os membros de uma familia dos Olivaes, de quem temos o prazer de ser companheiros até á segunda estação; dá motivo a isto a nossa *toilette* um tanto complicada; o conde n'um copioso trajo do *touriste*, capote á hespanhola, bolsa a tiracol, sacco n'uma das mãos, bengala rija na outra, e uma almofada de vento debaixo de cada braço; eu, quasi em estylo de peregrino, chapéu desabado, jaqueta felpuda, uma almofada de vento pendurada a um sacco-malla, um sacco-malla pendurado a um chapéu de sol, um chapéu de sol pendurado a mim; — sensação no publico. Os guardas contemplam-nos como a dois homens que partem para a Terra Santa.

Conversámos até ás onze horas: nenhum de nós quer dormir; á meia noite já dormimos ambos. Badajoz surprehende-nos pela madrugada; é logo bastante bom um dos habitantes d'esta capital de provincia para passar em costume hespanhol áquella hora, e dar-me

uma forte dóse de côr local! A cidade cercada de muralhas, estende-se por uma collina coroada com as ruinas de um castello velho. Cae uma chuvinha que lisongeia a providencia do meu chapéu de chuva, entramos n'um carro que nos obriga a bailar sentados o *bolero*, saltando de barranco para barranco, n'um caminho atroz que conduz da estação á cidade durante meia hora. Hospeda-nos a *fonda* das *Tres Naciones*, cóio ignobil, sem luz, sem roupa, sem creados, e onde se vive mais caro que em Londres ou em S. Petersburgo.

Miguel Beriol, o antigo e intelligente chefe do movimento na estação de Santa Apollonia tinha-me dado o *Itinerario da Hespanha e Portugal*, uma carta de recommendação, e um charuto bom; fumo o charuto, guardo a carta, e olho para o livro... fechado: é que tem oitocentas e oito paginas! e a mim assustam-me os livros volumosos; não me atrevo a principial-os com medo de não os poder acabar. Estou em preferir uma estrophe de Horacio á Iliada ou á Odysséa, e qualquer breve linha do Tacito ao mais bello periodo de Cicero. Dava-me por feliz se pudesse encerrar a historia n'uma pagina, metter a philosofia n'uma phrase, e apertar toda a poesia humana n'alguns versos. Agora por exemplo que é abril, não respirâmos nós toda a primavera n'uma só flôr? Se pudesse ser assim com os livros, por alguma arte magica!

Fumei o charuto durante estas considerações — e passo a entregar a carta de recommendação, que é para mr. De Varenne, chefe da estação de Badajoz. Ao subir a escada, encontro uma gentil hespanhola de dezesseis annos, que a desce cantando, pulando, e rindo; cumprimenta-me com um ar scintillante de alegria, e precipita-se no jardim, chilreando sósinha como um bando d'aves. Que saltinhar gracioso! Á proporção que se affasta do solo, rouba o que quer que seja aos céus, aonde parecia querer chegar; desabrocha-lhe nos labios uma trova andalusa, como flôres prophecticas de Hespanha: páro um instante a escutal-a; larga a voz n'uma maviosa canção d'amores, em que a idéa desprende as azas e a alma se eleva em toda a luz como o passarinho que no vôo deixa brilhar as côres!

Subo. De Varenne está n'um gabinete ao lado da sala onde espero algum tempo. Algumas vozes de mulheres, brincando, cercam, interrompem e suffocam a d'elle; ahi me apparece de novo a desconhecida do jardim, e vae misturar-se ao côro. Que casa é esta? Instantes depois, em conversação, fico sabendo que De Varenne é casado, que a visão que me surprehendeu á entrada é uma visinha, e que as outras vozes são as de suas tres irmãs, todas bonitas, todas de feição ardente e peninsular como ella, cabellos negros, olhos de longas pestanas que lhes resguardam a luz para nos não cegar,

figura esbelta, surriso limpido, voz melodiosa e seductora. De Varenne é casado com uma compatriota nossa, linda filha de Coimbra que o destino enviou a Badajoz para gloria da formosura portugueza. A ruidosa galhofa das visinhas, em visita ali, visita intima, visita de toda a hora, explicou-se-me pois: eram hespanholas em vida familiar — o que significa que eram o que póde haver de maior vivesa, jovialidade e travessura sob o tecto de uma casa. Que graça, que animação, que ardôr galante! No theatro, essa noite, — porque em Badajoz ha theatro, por signal que o chão é de ladrilho! — estiveram essas meninas explicando-me quem eram as pessoas que eu via nos differentes camarotes.

— E aquelle? perguntei, indicando um d'elles.

— Um proprietario.

— Riquissimo?

— Não!

— Pobrissimo?

— Tão pouco. Regularissimo!

A vida em Badajoz é de uma insipidez honesta: de manhã trata-se dos negocios; á tarde vae-se para o campo de São João, praça onde está a cathedral, o theatro, a melhor pharmacia, o melhor botequim, — que botequim, Deos meu! — e, ao centro muitos *embuçados* como nos melodramas, desde o elegante com a sua capa de bandas de velludo carmesim, até ao maltrapilho que se embrulha com o maior garbo nos farrapos de um capote paradoxal; e á noite, as donzellas vão fallar com os seus namorados da janella baixa de grades, emquanto os *serenos* entoam o seu pregão de hora em hora: *Ave Maria purissima, son las diez, y está sereno*, ou *Ave Maria purissima, son las onze y lhove!*

Depois de esperarmos dois dias que houvesse logares na malla-posta, partimos para Madrid. O conde d'Obidos, que em todo o tempo de Badajoz esteve dirigindo apostrophes ao destino, encontra-me cheio de cabellos brancos, ao passo que eu o observo transparente: attribuimos estes phenomenos aos dois dias que passámos na *fonda* das *Tres Naciones!* A malla-posta consta de uma serie de caixas, uma para guardar o correio, outra para guardar as bagagens, e outra para guardar os passageiros, — tudo velho, tudo a desabar, tudo seguro por cordas, puchado por sete mullas que voam por campos e valles com uma orchestra de pragas, gritos e chicotadas do cocheiro! Já vae fugindo o sol, as casas ficam lá ao longe, alargam-se os horisontes, tudo é charneca e montanhas. Vamos em Hespanha. Ó longas contemplações, ó sonhos poeticos, ó saudosa lembrança dos contos e lendas d'este paiz encantado, tenho-vos eu bem presente e não irei perder-vos pelo caminho?

A estrada vae trepando sempre, e gyra, e volta, e sobe, e redemoinha em innumeraveis series de valles, montes, collinas silenciosas e desertas. A fresca madrugada desprende depois o seu accento de timida luz por aquelles campos sem habitantes, sem casas, sem arvores. Á esquerda, estende-se a magestosa serra de Guadarrama em ondulações rapidas e imprevistas que nos mergulham o espirito nas mesmas meditações austeras que o mar suscita! porque fluctua a mesma idéa do infinito n'aquellas curvas magnificas que parecem a superficie inquieta das vagas cortadas ao longe pelo vento; e a impressão é mais irresistivel ainda, porque, na calma ou na tormenta, tem vozes o mar que não se callam e ondas que não descançam, e a serra está sempre muda, sem movimento e sem vida, confundindo nas nuvens a sua corôa de neve!

Principia para nós outro extenso dia e outra longa noite de malla-posta, alimentando-nos apenas de chocolate que tomamos a ferver, com uma pressa impia, nas localidades em que ha muda. Em Tragillo ha um theatro e um casino em frente mesmo da *venta;* este esmero de civilisação leva-me a pedir manteiga á locandeira; traz-me manteiga de porco e diz-me:

— *Si usted la quiere, ès de cierdo: no hay de otra!*

Fulminado pela descoberta de que em Hespanha não ha manteiga, continuo recorrendo ao pão secco para acompanhar o chocolate de cada dia. Do Carrascal até Almaraz, quatorze legoas, temos o luxo de possuir um postilhão, de chapéu na orelha, jaqueta arruinada, grandes botas fanfarrans, esporas compridas, olhos de uma mobilidade extrema, voz vibrante, cabellos á mercê do vento. Já dançam os guisos, e, ao ruido d'esse acompanhamento caprichoso, a imaginação do viajante vae tambem trotando, retendo-se ás vezes com o andar indeciso da pesada malla-posta, de outras deixando-se ir ao acaso das suaves e cambiantes ondulações do horisonte. O postilhão é um aragonez, que anda ha vinte e seis annos n'este serviço improbo de cavalgar todos os dias quatorze horas, a cair neve no inverno, e no verão sob um sol que abraza, — para ganhar duas *pecetas,* dezeseis vintens!

Jantamos em Talaverra la Reina. Tremo que me dêem sopas de chocolate, e interrogo timidamente o cocheiro sobre o genero de refeição que nos espera n'essa cidade tão anciosamente desejada pelo meu estomago inquieto: — « *Una comida formal!* » responde esse excellente hespanhol, a quem eu houvera querido presentear com um par de castanholas pela sua resposta consoladora. A *comida formal* em Hespanha consta de uma sopa bastante nutriente, um prato de grãos cozidos com chouriço, toucinho e carne de vac-

ca, coelho guisado, e quasi sempre um assado de carneiro; o vinho é excellente, e tive repetidas occasiões de fazer saudes á minha patria com um Valdepenas digno do brinde.

Partimos de novo. É ao cair da tarde. Ha apenas uma claridade indecisa e descontente. Avistam-se ainda nas pastagens alguns bois pequenos, de um amarello vivissimo, que contemplam com uma especie de ironia a capoeira em que vamos, e seguem brandamente o seu caminho, por uns campos pardacentos onde obstinados archeologos iriam debalde esgravatar a relva sem poderem encontrar os restos dos famigerados castellos da Hespanha; alguns nos apparecem ainda, a grandes distancias, visivelmente enfastiados de estarem para ali no esquecimento, occupados apenas em sustentarem conforme podem as tradições do paiz.

Ainda uma longa noite de malla-posta, acompanhados unicamente por montes que se confundem com a serra em transições tão insensiveis como as da serra a confundir-se no céu, e sem encontrarmos senão algum raro viandante, de carabina ao hombro, lenço atado na cabeça, chapéu de abas largas, manta traçada, e polainas altas, e, de legua em legua, os soldados que patrulham de vigia á estrada.

Vae amanhecendo. Os cavallos fatigados encontram emfim alamedas magnificas. Por entre arvores de todos os lados, avista-se ao longe a casaria. Passa-me no espirito um turbilhão de idéas que se combatem, umas a fallarem-me de feudalismo, de inquisição, de fanatismo, outras de castanholas, de pandeiros, de cachuchas, de serenatas, de costumes poeticos e pittorescos. Já se erguem no horisonte as grandes torres escuras. É Madrid! Ah! É Madrid emfim!...

JULIO CESAR MACHADO.

CHRONICA DE MODAS

stou-me já deliciando, minhas queridas leitoras, só com o pensamento de vêr passar, na lanterna magica da imaginação, as differentes physionomias, contrahidas pelo mesmo movimento de curiosidade, dos assignantes, dos dois sexos, da *Revista Contemporanea*, quando, ao folhearem distrahidamente a brochura que tiverem recebido momentos antes, e ao encontrarem n'ella esta nova secção, correrem apressadamente á assignatura, e acharem, em vez d'um nome que lhes sacie a curiosidade, um nome enigmatico, mysterioso, que demais a mais illude com uma franqueza incompleta, revelando o nome do baptismo, revelação, que não é senão uma perfidia, uma *coquetterie* de disfarce, uma desculpa apresentada pela inicial que se lhe segue.

Assemelha-se n'isso um pouco á pessoa mascarada, que, em vez de conservar o rosto impenetravel como o d'um cavalleiro da idade

media que a viseira escondia, levanta rindo o folho do *loup* de setim, e, concedendo á curiosidade esse ligeiro favor, irrita-a ainda mais, abre ainda melhor o campo ás conjecturas, e permanece no desesperador *statu quo* d'uma charada, cuja primeira syllaba já se adivinhou, mas cujo conceito está ainda protegido das vistas profanas pelos véus d'um impenetravel mysterio.

E julgam que me não dou bem com elle? Oh! se dou! Mysterio, risonho mysterio, suave crepusculo que dás tanto encanto aos objectos que se occultam na tua deliciosa penumbra! candido véu de vaporosa gaze, sob cujas ondulações não ha estatua, que não pareça de Phidias, não ha quadro, que não pareça de Raphael! leve mantilha, que, ao fluctuar vagamente em torno d'um vulto feminino, fazes com que elle rescenda aromas de poesia, effluvios de ideal, perfumes de voluptuosa graça! suavissima toada d'um cantico ouvido ao longe, que te deixas embalar pela viração, e que dás um não sei que de ineffavel e de sublime ás notas, que mal se distinguem, d'esse cantar distante! fada benevolente, cuja missão na terra é toda de indulgencia, que suavisas, idealisas, que tens um prisma por varinha de condão, com cujo auxilio tinges de côr de rosa todos os horisontes da vida! Mysterio! dulcissimo mysterio ó que seria do mundo se tu não existisses?

Diga, minha querida leitora, se o seu coração tornou a pulsar com tanta força, como lhe pulsava no collegio, quando á hora do sol posto, emquanto as suas companheiras doidejavam brincando nas ruas do jardim, lançava um olhar furtivo para essa janella distante, em cujos vidros scintillava um ultimo raio do astro moribundo, e em cujo parapeito se encostava uma figura, que via confusamente, mas que por uma indizivel sympathia se conservava n'aquelle sitio, emquanto não expirava a hora do recreio?

Com que attenção não seguia o lento affrouxar da luz, que innundava os vidros chammejantes da mysteriosa janella! Que devaneios tão gentis não tumultuavam confusamente na loira cabecinha de v. ex.ª! Que de sonhos amorosos se não abrigavam por baixo d'essa fronte limpida, onde a innocencia ria! E, diga-me sinceramente, não soltava essa avesinha de brilhante plumagem, que se chama a imaginação, e não a deixava ir esvoaçar em torno d'esse raio de sol, d'esse travesso raio de sol, que tão alegremente brincava na bemaventurada janella, e que, vendo-se proximo da morte, se divertia em dar um festim de luz aos pobres vidros, um pouco abandonados nas horas do seu esplendor?

E, diga-me ainda, não eram deliciosos os segredinhos que a ave gentil lhe contava ao voltar da sua excursão? Que heróes de romance que ella lhe descrevia! Que principes de contos de fadas!

Obermann e René eram uns burguezes, comparados com esse typo ideal! O rosto d'Anzoleto era peior do que o de Quasimodo junto da gentil physionomia, cujo retrato a imaginação lhe trouxera!

E diga-me! ainda que o mysterioso habitante da agua furtada não fosse um bochechudo estudante da aula do commercio — isso podia muito bem succeder; a gente nem já se póde fiar nos typos das aguas furtadas — ainda que fosse um moço elegante e distincto, podia ser, nem por sombra, o typo devaneado?

Lembram-se do *Ruy Blas?* Lembram-se do terno amor, que a rainha d'Hespanha consagrava a esse adoravel desconhecido que lhe enviava todos os dias um ramalhete anonymo, e que deitava uma carta sem estampilha na caixa de correio d'umas madresilvas, a esse heroico enamorado, que não temia rasgar a pelle, e, o que era peior, umas rendas de Malines, de cujo preço Victor Hugo se esqueceu de nos informar, para ter o prazer inexcedivel de entrar, galgando os muros, n'um sitio onde todos podiam entrar pela porta?

Pois bem! caío o véu do mysterio, que envolvia o aventuroso amante. Ruy Blas deu-se a conhecer. O que succedeu? O amor da rainha esfriou immediatamente. — Esfriou? diz a leitora estupefacta. De certo, e a prova d'isso foi que fez logo o seu amante ministro d'estado!

Professando estas idéas, vejam se não hei de gostar de conservar o meu nome na *tibia luz temperada para escriptoras de chronicas de modas*, como Garrett não disse.

«Quem será esta Clotilde Z? diz o pae da familia, o chefe da tribu, franzindo as sobrancelhas como Jupiter fazia no tempo d'Homero, e levantando os oculos para a testa, como Jupiter faria no tempo dos oculistas, quem será esta serpente que se enrosca na arvore da *Revista Contemporanea,* e vae fazer com as minhas Evas uma orgia de maçãs, vindas de França, com o nome de *Journal des demoiselles?* Quem será este Satanaz ou antes este *Zatanaz* para satisfazer ás exigencias da inicial, que lhes vem explicar o espantoso desenvolvimento da folha de figueira, que se apresenta agora sob as multiplices denominações de seda, veludo, tafetá, tarlatana, *tulle, organdi, grenadine, alpaga,* etc, etc, etc, e cujo verdadeiro nome por fim de contas é legião?»

Ha-de ser, responde a si mesmo o pae de familia a pensar já na discussão do orçamento domestico, alguma velha hedionda, e extravagante, de rosto encarquilhado, e sorriso de bruxa, emfim (voltemos ao *Ruy Blas*) alguma

horrible compagnonne
Dont le menton fleurit, et dont le nez trognonne

«Quem será esta Clotilde Z? pergunta a minha joven leitora, encostando o rosto na mão, e dando a esse rosto gentil uma expressão adoravel de curiosidade, que o seu espelho assevera ficar-lhe admiravelmente. Ha-de ser provavelmente alguma menina das minhas amigas com quem eu talvez me encontrasse no baile Penafiel, alguma heroina superior ás antigas romanas, as quaes, segundo diz o papá, sacrificavam seus filhos no altar da politica, emquanto esta sacrifica o namorado no altar da moda, obrigando-o a esperar duas horas no meio da rua que ella acabe de fornecer a republica feminina do armamento indispensavel, para jungir ao seu carro de triumpho os Jugurthas de casaca e luva branca. Mil vezes maior é o sacrificio. Os filhos das matronas romanas conquistavam ou morte gloriosa ou os loiros do Capitolio. O namorado da Cornelia moderna conquista ou um defluxo teimoso, ou uma noite passada no Carmo, sendo preso por suspeito. Oh! quem quer que sejas recebe as bençãos das tuas amigas, que colhem o fructo do teu sacrificio obscuro.»

Sim, minhas senhoras, e meus senhores, sou tudo isso, e até muita coisa mais. Sim, meu caro Desiderio, sou uma velha rabugenta. Hontem mesmo me offereceu uma pitada, fallando-me com um suspiro no achrostico, que me fez ha quarenta annos no meu anniversario natalicio. Sim, amavel Timotheo, sou eu mesma, aquella com quem ante-hontem teve uma longa discussão ácerca dos esplendores do minuete, e da corrupção da época, em que vivemos. Sim, querida Carmo, sou eu quem estava junto de ti, quando aquelle galante rapaz de olhos negros te deu déstramente um bilhetinho, informando-se com summo interesse das differentes peripecias do catarrho de tua tia. Sim, sou eu, Elisa, quem estava no camarote fronteiro ao teu em D. Maria II e era para mim que se assestava aquelle oculo da platéa, cuja direcção tanto te inquietava. Sim, sou a velha impertinente, sou a rapariga estouvada, sou a mãe de familia carinhosa, sou o espirito alado, que volteia á noite em torno das cortinas brancas do vosso leito virginal, sacudindo do regaço sobre as vossas frontes, ó juvenís leitoras, esplendidos sonhos de *toilettes* deslumbrantes! Sou o demonio perseguidor, que vae, ó paes de familia, collocar nos vossos barretes d'algodão horridos pesadelos de despezas fabulosas! Sou eu quem faz volteiar, em torno da vossa fronte humida de suor, esse enxame phantastico de modistas de vestidos e de chapéus, ourives, luveiros, figuras que dançam no vosso quarto agitando róes de dez paginas com tremendas addições! Sou tudo isso, e nada d'isso sou! Sou um mytho, sou um symbolo, sou um ente, a quem daria nomes muito exquisitos, se eu tivesse previsto que

havia de escrever este periodo, e tivesse consultado os escriptores da escola litteraria transcendental, sou Clotilde Z emfim, Clotilde Z, que, depois d'este immenso prologo, lhes vae dar a final as seguintes informações ácerca das modas parisienses.

A grande novidade nos circulos elegantes é a reforma dos chapéus. Devo advertir as minhas queridas leitoras, de que as noticias das mudanças d'organisação dos chapéus tem caminhado no mundo das modas a par das noticias das hesitações do archiduque Maximiliano no mundo da politica. Com effeito as modistas de Paris receiavam tanto aventurar-se no terreno escorregadio da mudança dos chapéus, como o pobre Austriaco no terreno agitado do seu novo imperio. Finalmente as modistas e o archiduque deram o golpe d'estado. As primeiras proclamaram a reforma, o irmão do imperador d'Austria acceitou o diadema imperial americano. Sejam todos muito felizes.

Comtudo tambem nos chapéus ficaram officiaes francezes a commandar os mexicanos, isto é sem metaphora, não foi completa a mudança. As modistas limitaram-se a fazer os chapéus tão fechados e tão baixos, quanto foram altos e abertos os do anno passado. Reacção inevitavel. Comtudo este é apenas o primeiro periodo da transição. As modistas não querem parar em tão bom caminho, e já alguns Christovãos Colombos femininos da sua classe se arrojaram aos mares da imaginação, procurando descobrir um novo mundo... para a cabeça das senhoras.

Tenhâmos mais confiança no genio das modistas parisienses, do que os marujos hespanhoes tiveram no genio do ousado genovez.

As côres, que hão de predominar nos chapeus d'estio, serão a verde e a azul. Céo e terra. Verde — a côr dos prados, azul — a côr do firmamento. A moda, de vez em quando, faz-se bucolica.

Preparam-se em Paris muitas *capotes* de tafetá verde com lilaz branco, ou plumasinhas negras e verdes. Fitas verdes e negras para os chapéus de manhã. Chapéus para *toilette* de mais ceremonia, de crepe azul com pluma branca; dentro uma rosa com tufos de *tulle* branca. Outros de crepe branco com filetes de seda; *marabouts* brancos, velando duas rosas com espinhos; uma banda de *tulle* passa por cima das duas fitas.

Quando a moda entra nos dominios do idyllio, não pára facilmente. São quasi sempre as soberanas quem a guia para esse caminho. A rainha Maria Antonieta fundou a moda das pastoras de Trianon. A imperatriz Eugenia tem innundado as *toilettes* d'uma vegetação tão luxuriante, que um vestido da esposa de Napoleão III causaria inveja ás paredes musgosas e cobertas de hera de um castello arruinado. A moda tem seguido tão fielmente as indica-

ções da imperatriz, como a politica as indicações do imperador. Desde as saias até aos toucados,

Ce ne sont que festons, ce ne sont qu'astragales.

Isto é não se vêem senão jasmins de Virginia, rosas de Bengala, rosas sem bengala, mimosas, ramos de limoeiro, emfim um verdadeiro delirio de flores e de verdura.

Devemos confessar que estes enfeites são de um lindo gosto, principalmente nos toucados, e principalmente quando os diamantes se encarregam de resplender, gotas d'orvalho millionarias, no calice das modestas flores.

Os diamantes actualmente fazem furor em França; não podemos dizer precisamente que seja moda; porque essa rainha despotica ainda não promulgou um decreto, ordenando ás suas subditas o possuirem vinte ou trinta milhões. Pois é pena.

Mas, como disse, os diamantes fazem furor em França! E os mais furiosos são os que os não têem. Isso percebe-se.

Querem ouvir a descripção da *toilette* com que a imperatriz se apresentou na recepção do pobre archiduque Maximiliano? (notem que eu disse pobre archiduque, e não archiduque pobre). Oiçam, e ousem depois alcunhar de fabulosa a cayerna d'Ali-Baba.

No meio do toucado, sobre a testa, estava collocado o famoso diamante da corôa, que se intitula o *Regente*, grande modestia n'um diamante, que se podia incontestavelmente denominar o *Rei;* cadeias, cachos de diamantes, um diademasinho de diamantes sobre a trança; e um tufo de *marabouts* negros, no meio dos quaes scintillavam os diamantes como as estrellas no véu escuro das noites.

O vestido era de um azul pallido, guarnecido de *tülle*, de *ruches* e de rendas brancas. Diamantes em toda a parte, na saia, em colchetes, segurando, a distancias desiguaes, ramalhetes de acacia. Tres esplendidos collares.

Tudo isto adornando uma formosura, que até pelos japonezes foi admirada.

Continuemos os nossos annuncios de primavera.

Os *paletots* de seda hão de se ornar com alamares. Os coletes-amazonas hão de ter botões largos. Tomam o nome de coletes *pierrots*. São de panno de côr, ou de seda, da mesma *nuance* que o vestido. Se o colete for de velludo podem-se pôr largos botões de aço.

Os chapelinhos redondos continuar-se-hão a adoptar.

E já que estamos outra vez nos chapéus, digâmos sempre que

a sua nova fórma é achada geralmente deselegante; porque ficam muito agarrados ao rosto. Os outros estavam demasiadamente desviados d'elle. Venha o termo medio. Acceite-se o novo projecto com emendas.

Vou já dar fim á chronica, mas não sem descrever uma *toilette* muito simples e muito bonita.

Consiste n'um vestido de *moiré* antigo, enfeitado de bandas de veludo com franjas e pregadas com botões. Corpo d'abas cortadas, forros e canhões de veludo.

Penteado de tranças; diadema, e botões de oiro.

É de um admiravel effeito.

Agora reparo, minhas queridas leitoras, que n'este primeiro artigo fallei em tudo, menos em modas, ou pelo menos estas occuparam um logar insignificante. Desde já prometto emendar-me. Este artigo é prologo, e nos prologos portuguezes é costume fazer-se uma longa dissertação sobre todas as coisas d'este mundo *y muchas más*, exceptuando o livro que se vae lêr. Eu segui o exemplo d'esses escriptores. E, ajustando bem as contas, ainda as minhas leitoras me devem ficar agradecidas. Sabem porquê?

Porque não lhes fallei nem na esthetica, nem na plastica, nem em muitas mais coisas, que eu não entenderia, e as leitoras tambem não.

E comtudo podia fazel-o, devia até fazel-o se quizesse seguir os bons modêlos, porque as regras actuaes, que presidem á boa composição dos prologos portuguezes, ordenam que sejam feitos de fórma que os leitores os não entendam, e o auctor ainda menos que os leitores.

CLOTILDE Z.

Tomaz Ribeiro

Est d'dos d. Real R.d. de Lx.ª

THOMAZ RIBEIRO

I

rassou, ha annos, entre nós uma doença, de que enfermaram espiritos sinceros: a exaggeração de melancholia litteraria. Tremeu-se pelos destinos da poesia, immortal como o sentimento. Viu-se quebrado o instrumento sublime que faz vibrar todas as cordas da alma humana. Exhausto o manancial onde a inspiração se banha e fortalece. Desthronada a realeza imperecivel dos poetas, a cujo sceptro de ouro se acurvam as multidões, absortas e escravas, quer delirem frementes de enthusiasmo na febre da victoria, quer gelem de terror ante a explosão tremenda dos revezes.

Quando a escuma e o limo das vinganças fluctuam á tona das sociedades; quando emancipados da escravidão humilhante de seculos os povos se precipitam da liberdade honesta e viril, na licença cynica e hedionda, e o scepticismo ergue petulante a cabeça sobre as ruinas de todas as crenças; acaso não caminhá quasi a passo egual o archanjo da poesia a dissipar os phan-

tasmas sinistros, a alentar os animos, a evocar a bonança do seio da tormenta? Providencia das nações allucinadas, alumia-lhes as profundezas obscuras do caminho a trilhar, e descerra-lhes as perspectivas encantadas, onde se recortam no céu azul, inundadas de luz, as cumiadas brilhantes da liberdade e da fé. Maná celeste, refrigera as almas devastadas. Balsamo divino de esperança e religião, sára as feridas gotejantes da impiedade e atheismo.

Sobre a *Encyclopedia* ergue-se magestoso o *Genio do Christianismo*, na aurora nascente d'este seculo. Ás gargalhadas estridentes de Voltaire, á malicia incredula de Parny succedem os *Martyres*, monumento de paixão e eloquencia, orvalhado das lagrimas de Chateaubriand vertidas na mesma Jerusalem, onde dezoito seculos antes chorára a Magdalena.

Na visinha Hespanha, hesitante entre as visões sombrias do absolutismo decrepito e os horisontes da liberdade politica avermelhados pelos clarões da guerra civil, Martinez de la Rosa, e Angelo de Saavedra, depois duque de Rivas, luctavam nobremente pela alliança das crenças poeticas e religiosas com os sentimentos e instituições liberaes, tão oppostas ás abjecções do despotismo como ás saturnaes da anarchia.

Entre nós, apoz a victoria das idéas novas, quentes ainda as bocas dos canhões, ennegrecidos do fumo das batalhas os rostos dos combatentes, póde dizer-se, que os derradeiros brados de vingança, trovejados do alto dos pulpitos convertidos em tribuna politica por apostolos fanaticos de retrocesso social, se cruzaram nos ares com as melodias austeras e eloquentes da *Voz do Propheta* e da *Harpa do Crente*.

Interpretes de uma musa inspirada e christã, tão sincera na crença como calorosa nas idéas, aquellas melodias, suaves como os sons do orgão, cantavam a pureza da religião, o restabelecimento dos altares abatidos no pó da metralha, as ceremonias poeticas do culto, proscriptas dos santuarios desertos, não as divorciando, mas sim associando-as á liberdade vencedora.

A causa da verdadeira, da pura liberdade ornava-se com as mais viçosas flores da litteratura e da poesia. Nos alahudes romanticos desferiam-se canções de amor, perfumadas do incenso mystico das aras sagradas.

Alexandre Herculano e Almeida Garrett, soldados e poetas, bardos guerreiros das victorias da ilha da Praia e da Asseiceira, temperavam os canticos triumphaes com os hymnos da fé. Armando-se, como a Pallas mythologica, o genio poetico dos dois cantores da liberdade, isempta de manchas e pura de crimes,

dava batalha ás imprecações atheas do Bocagianismo, ás audacias blasphemas da «pavorosa illusão», reluzentes de pompas metricas. Aos primeiros golpes caíam no chão estatelados os velhos idolos! Como por milagre, estancavam os mananciaes empeçonhados do materialismo senil do seculo XVIII, espraiando-se limpida e caudal a corrente do lyrismo christão, liberal, philosophico e espiritualista.

Em 1848, n'essa França, que é ao mesmo tempo facho deslumbrante de luz e volcão temeroso de incendios, não se viu serenar um grande poeta as vagas irritadas da democracia, preservando as nações da guerra sanguinolenta, cujo theatro occuparia pelo menos o continente europeu, de Lisboa a S. Petersburgo? A Europa deveu então a paz a Lamartine! O grande poeta — e grande coração tambem — represára nos diques da mais assombrosa eloquencia a torrente ameaçadora.

Quando os poetas obram prodigios taes, como acreditar não estarem predestinados a missão providencial e salvadora nas sociedades humanas?

II

Apesar da evidencia irrecusavel d'esta verdade, os criticos melancholicos julgaram-n'a para sempre dispersa, vagabunda e errante como a raça d'Agamemnon, a nobre familia dos poetas! Suspiraram elegias sobre a desventurada poesia, condemnada a succumbir, como expira na haste o lyrio dos campos, ferido pelo ferro da charrua. Apavorou os criticos o mercantilismo invasor da época. No sentir d'elles, a vida complexa da civilisação actual, as preoccupações utilitarias haviam de suffocar as aspirações ao ideal. O estridor das machinas ululando nas manufacturas, os eccos confusos da orchestra immensa do trabalho abafariam os gemidos poeticos da dôr, as canções festivas da esperança. Emmudeceriam as harmonias e murmurios do lyrismo, sussurrantes no mais secreto das almas como brisas na folhagem de bosque cerrado e frondoso. A tuba épica, quem a embocaria n'uma sociedade, onde só fende os ares o silvo agudo da machina de vapor, ou o apito nocturno dos guardas municipaes? Como exhalar em notas elegiacas as traições do coração e os tormentos da saudade, no centro de uma atmosphera caliginosa e opaca de gazometros, de fabricas de moagem, de lanificios, de pelames, tão outra dos céus retinctos do rubor matinal d'aquella alvorada confidente dos colloquios de Romeo e Julieta: atmosphera onde nenhum astro clemente espira

suave claridade, e apenas bruxelea, a espaços, o clarão das locomotivas, flammejante como o olho do Cyclope?

Aos pios agoureiros dos mochos litterarios responderam as vozes enthusiastas e juvenis de uma pleiada de poetas, opulentos de phantasia.

Na historia da arte moderna, o *Trovador* de Coimbra é mais do que um marco milliario, é um monumento ornado de todas as graças do lyrismo moderno.

Castilho e Mendes Leal remontavam ás mais elevadas regiões do estro. Bulhão Pato illuminava composições deliciosas com o fogo voluptuoso e apaixonado da musa peninsular. Palmeirim vibrava a lyra patriotica e popular de Béranger. Soares de Passos acordava os eccos commerciaes do Porto com doces elegias. João de Lemos, Augusto Lima, e Rodrigues Cordeiro soltavam cantos inspirados.

Que revelavam tantos fructos dourados a resplandecerem nos vergeis da poesia, senão que ella é imperecivel como a consciencia nacional?

De feito, o theatro, o romance, a poesia são as manifestações d'essa consciencia, a qual se reflecte na litteratura d'imaginação como n'um espelho fiel. A vida moral das nações affirma-a esta litteratura, orgão do pensamento geral, interprete do crer e sentir do povo onde se revela. D'entre a nova geração, honra e gloria das lettras portuguezas, um novo poeta surgia, ha pouco, cingido da aureola luminosa da fama, e sagrado por applausos unanimes. Era Thomaz Ribeiro.

III

É a região campesina de Parada de Gonta, aldêa encantadora da Beira, onde Thomaz Ribeiro descerrou os olhos á luz em 1 julho de 1831, verdadeiro berço de verdura e de flores. A poucas leguas, erguem-se coroadas de neve as cordilheiras da Serra da Estrella, — pagina granitica dos feitos de Viriato, o indomavel Mithridates do occidente, ante o qual abateram o vôo de cançadas as aguias romanas; amphora agigantada donde manam quatro grossos rios: o Alve, o Zezere, o Ceira, e o Mondego.

Não se póde duvidar quanto o aspecto da natureza phisica prepondera na imaginação e na sensibilidade.

Onde bebeu Theocrito as inspirações do genio rural, senão nas reminiscencias do céu ameno e das pingues pastagens da Sicilia?

Quem nos assegura, que o sentimento apaixonado da natu-

reza transluziria nas descripções de Rousseau com tão grande eloquencia, se os caprichos da organisação do poeta e os do destino o não houveram impellido a trepar aos cerros nevados da Suissa, ás montanhas da Italia, e embrenhado pelas espessuras silvestres de Montmorency, regiões variadas, céus differentes, d'onde extrahiu tintas vivissimas para a sua palheta de colorista?

Poderiam accumular-se exemplos para comproval-o.

Ora, se sob este céu destoldado de nevoas, bello como o de Napoles ou de Florença, a poesia se desata em strophes espontaneas, calcule-se, como não excitaria a phantasia poderosa de Thomaz Ribeiro a paisagem ridente que lhe foi berço infantil.

Escoou-se-lhe a meninice e boa parte da adolescencia por entre os laranjaes da sua terra, carregados de pomos d'oiro, atravez dos vinhedos pendurados das collinas, onde os pampanos se entrelaçam como em graciosa grinalda de Bacchante.

Era alli, no silencio dos campos, deitado na relva macia dos outeiros, aveludada pela primavera; debaixo das faias e dos olmos sacudindo, agitados pela brisa, a melena humida ainda do orvalho matinal e baloiçando-se sobre a corrente espelhada do Pavia onde projectam a sombra verdejante; era no regaço d'esta meiga naturesa, idyllio animado e perenne, que Thomaz Ribeiro via rolar a onda murmurante da existencia a brincar com os seixinhos prateados das margens, bordadas de flores.

Forçoso lhe foi renunciar ao Eden de seus descuidosos annos juvenís para gostar os fructos amargos da sciencia. Dizendo adeus ás doçuras bucolicas e innocentes partiu o moço imberbe para Vizeu, onde residiu até concluir os estudos preparatorios, e d'esta cidade seguiu para Coimbra a cursar a faculdade de direito.

Nos tres primeiros annos das disciplinas universitarias votou-se o mancebo á religião glacial do Digesto e ao culto amoravel das Camenas, que tão complacentes sorriem aos seus devotos nas margens do Mondego, onde sob a espessura dos salgueiros (oh! profanação!) occultam não raro as formas nuas mas desgraciosas e flacidas as *serventes* dos estudantes,—Galatheas locaes nada poeticas.

Não estava escripto no horoscopo do poeta, que houvesse de concluir as disciplinas austeras de Justiniano, e encerrar as Pandectas—prodigas de textos e de papoulas—com a remansada serenidade da lympha do Mondego e do seu patrio Pavia derivando em meandros de christal por entre as esmeraldas dos campos.

IV

A insurreição escholastica, notavel episodio da academia de 1854, penultimo da formatura de Thomaz Ribeiro, recrutou-o entre os mais intrepidos legionarios. Descaíram n'umas quasi *Vesperas Sicilianas* as folias carnavalescas d'aquelle anno.

Foi uma verdadeira tempestade n'um cópo d'agua a causa originaria da famosa revolta.

Coimbra inteira doidejava de alegria. Misturavam-se louços e ebrios de contentamento os academicos com os habitantes em folguedos genuinamente primitivos. Respirava-se uma atmosphera suffocante de pós. Amiudavam-se tanto os borrifos d'agoa, que ao cabo d'algumas horas estava apaulado o largo da Feira, circo jovial dos gladiadores coimbrãos.

Quando o delirio tocava o apogeo, um projectil culinario, germen de futura gallinha e materia prima de gemadas, foi vibrado por mão d'estudantinho garraio a uma janella. Espanejava-se n'ella repleto e contente um roliço burguez. Nas faces nedeas luziam-lhe as rosas purpurinas da digestão com um escarlate mais do que vivo, assanhado. Mal o projectil arrebentando em cheio no rosto do obeso expectador lhe franjára de arabescos amarellos a purpura luzidia, assoma á janella fatal uma cosinheira; mas que cosinheira, meu Deus! uma verdadeira irmã de Plutão, supplemento medonho ás Górgonas infernaes, hirsuta, desgrenhada.

Ardendo em furia, a Megera dos fricassés precipita, impellindo-a com o vigor de dois braços nodosos, uma panella enorme sobre um grupo d'estudantes, ferindo um d'elles gravemente.

O sangue espadanou da ferida, salpicando de laivos o largo da Feira, theatro dos brinquedos recentes. Os estudantes vozeavam com estupenda grita: *morra! morra!* A cada momento engrossava a torrente da academia enfurecida. *Jam proximus ardet Ucalegon*. Coimbra, a romantica, a cidade poetica de Sisnando abrasava-se nas labaredas da guerra civil!

Desenhando o quadro com as tintas expressivas do estylo official, o magistrado administrativo de Coimbra escrevia ao ministro do reino n'uma metaphora impetuosa, «que a panella fôra a faisca do grande incendio»! O codigo administrativo nunca previu de certo a energia colorida d'esta locução cheia d'audacia.

Com as trévas da noite, condensadas de terrores, cresceu a revolta escholastica.

D'algumas janellas disparavam-se tiros sobre os estudantes. Estes agglomeravam-se nas ruas bramindo vingança.

Cada porta, ao abrir-se, vomitava *futricas* raivosos, que pareciam outras tantas hyenas fugidas das jaulas. Os Gracchos da universidade abandonaram a cidade baixa, e recolheram ao bairro alto, seu Aventino tradicional. Ahi congregados durante alguns dias resolveram abandonar o alcaçar das sciencias, dando tregoas á estaferma milicia dos archeiros, os quaes, havia dias, passavam insomnias de terror, em pé de guerra, e encostados ás alabardas incruentas e virginaes.

Imagine-se a chusma buliçosa de mais de quatrocentos estudantes a desfilarem pelo Ó da Ponte, em nobre desordem, precedidos da tenue bagagem, caracteristica da modestia e simplicidade escholasticas.

Eil-os que trepam ás alturas ingremes de Santa Clara, em demanda das ferteis margens do Nabão, aquecidos pelo enthusiasmo da mocidade, o mais creador de todos os soes sublunares.

Esta seria como outras de que todos nós fomos heroes, uma Odyssea entretecida de lances galhofeiros á Gil Braz!

Se a ucharia dos mancebos insurgidos era mingoada, podemos crer que o apetite seria devorador, a saude invulneravel, a alegria oh!.. a alegria dos vinte annos. Que abençoada quadra aquella, toda riso e festas, murmurios e canções! Dizem d'ella que é um sonho; será; mas risonho e feiticeiro como a mesma felicidade, sonho do qual jámais quereriamos despertar.

Com um fragmento de pão alvo, outro de queijo fresco, e uma libação de vinho espumoso a sorrir no cópo transparente,—vinho ligeiro como os juramentos que inspira,—dizei-me vós os que possuistes o thesouro dos vinte annos (ha creaturas de quarenta sem haverem passado pelos vinte!) que gentilezas se não commettem, difficuldades se não superam, perigos se não arrostam com o valor d'Achilles e a fortuna de Cesar!

Acampadas as hostes, Thomaz Ribeiro, um dos Tyrteos da juventude de Minerva, nunca cessou de espertar nas phalanges intrepidas o fogo do enthusiasmo.

Em seguida, os emissarios vindos a Lisboa a tratar com o governo as condições d'uma paz honrosa regressaram ao campo nabantino, e persuadiram o grosso do exercito a recolher á lusa Athenas, onde já os bons burguezes e bonitas burguezinhas suspiravam pelos sublevados; aquelles, d'interesse mercantil, e ellas, de saudades nem sempre castas.

No anno immediato, Thomaz Ribeiro coroava os estudos pelo acto de formatura, deixando nas aulas honrosa memoria, no palco academico nobres tradicções, e nos jornaes litterarios de Coimbra lampejos scintillantes de engenho poetico.

De volta ao bello torrão natal, pouco tardou que o não chamassem a exercer n'um concelho visinho o cargo de administrador, inspirando-se, n'estas funcções, de espirito tolerante e conciliador.

Em 1861, recebia o baptismo politico do suffragio popular conferido pelos eleitores de Tondella, cujas sympathias e confiança careára desde a adolescencia, para merecer honra tão subida, em tão verdes annos.

Penetrando no terreno agitado e ardente da politica, Thomaz Ribeiro não perdeu no recinto tempestuoso do parlamento a bonhomia natural do caracter doce, insinuante, e expansivo, alcançando logo a estima de amigos e adversarios.

Modesto como o verdadeiro talento, Thomaz Ribeiro não abusa da palavra nas luctas quotidianas, como tantos garrulos, maltrapilhos da grammatica, aleijados do senso commum, que estão chamando por um asylo de mendicidade intellectual aonde se alberguem.

Orador correcto, facil, imaginoso, dotado de phisionomia attractiva, que dous olhos rasgados e expressivos animam de vida meridional, a camara escuta-o cheia d'interesse, cortando o silencio attento por demonstrações calorosas de applauso.

Uma oração sobre as congregações religiosas, e outra exclusivamente politica, pronunciada na legislatura de 1863 na resposta ao discurso da corôa, são manifestações elevadas e felizes da sua vocação para os certames da palavra.

V

De 1862, no intervallo da sessão legislativa, data o principal acontecimento da vida litteraria de Thomaz Ribeiro com a publicação do poema, *D. Jayme*. O mancebo poeta galgára d'um salto arrojado as margens escarpadas da fama! D. *Jayme* não era apenas o preludio esperançoso da lyra juvenil; era a revelação poderosa e robusta d'um talento poetico de primeira plana.

Pouco nos commoveram dissertações e tractados das velhas poeticas, arrancados então das estantes polvereas para sentenciarem o poema notavel.

Não queremos saber se medida pelas craveiras aristotelicas, a obra de Thomaz Ribeiro poderá conservar como titulos de posse legitima os foros e preeminencias epicas de que gosou, logo ao despontar no horisonte da poesia nacional.

É possivel que a contextura se não ajuste servilmente aos moldes consagrados; que por vezes o heroe do poema renuncie

á grandeza epica da epopea, para assumir as proporções romanticas dos personagens byronianos. Não levamos a mal aos Serenos da arte-poetica a sollicitude,—se é que não chega a ser zélo pharisaico e intolerancia inquisitorial—pela manutenção severa dos preceitos classicos. A missão póde ser honrosa, mas a nossos olhos preferimos as irregularidades bellas, á correcção da vulgaridade rasa.

Quão pouco invejavel classicismo o dos poemas gelados e seccantes, embora adscriptos á gleba d'Aristoteles e de Boileau!

Thomaz Ribeiro despede chammas vivissimas de talento no decurso inteiro do poema, não sómente quando esboça com tintas suaves e d'uma frescura palpitante os quadros da vida campestre, mas quando vibra a imprecação eloquente, fulmina os raios do sarcasmo, e profunda os variados aspectos da alma humana.

Parece-nos escutar n'aquelles cantos a toada devaneadora e ligeira de Musset, interrompida pelo rir satanico de Espronceda. Sobre o poema sentem-se pairar, dando-se as mãos, a fantasia dramatica e o lyrismo pomposo de Zorrilha.

Em outros trechos vêem-se refulgir os relampagos sinistros do cantôr da Parisina e do Chil-Harold atravez do crepusculo melancholico do céu lamartiniano.

Não deve ser um esboço biographico, tocado de traços rapidos, thema para dissertações criticas; por isso mui deliberadamente as evitamos.

Affirmando que o *D. Jayme* encerra valiosas riquezas de concepção e de arte, que é prodigo de matizes e de colorido, traduzimos as apreciações geraes, e, o que mais val, rendemos homenagem á verdade, isenta de affeições. Em redor do pedestal da gloria do poeta não tem até hoje emmudecido o rumorejar das auras populares, que o acariciaram desde a primeira apparição. Este é o condão das obras perduraveis.

VI

A estrea poetica tão auspiciosamente encetada estão reservadas novas e assignaladas victorias.

Thomaz Ribeiro não é luctador que adormeça indolente no seio perfido dos triumphos.

Hercules, o symbolo poetico da perseverança e da força, não repousou a clava aos primeiros commettimentos, e mais era um semi-deus!

Diversas composições lyricas e dramaticas não tardarão a ver a luz publica, inspiradas pela explendida fantasia do cantor de *D.*

Jayme. Ácerca d'ellas não queremos fazer commentarios antecipados. Preferimos investil-as na facil missão de justificarem as nossas previsões.

Ainda recentemente vibravam os eccos do theatro de D. Maria com applausos frementes a uma poesia deliciosa, «a Judia», onde sorriem bellesas delicadas de fórma por entre perolas de sentimento, não falsas, senão perolas purissimas, extrahidas da alma, a Ceylão riquissima dos poetas.

Em conclusão, é uma lyra graciosa e sonora a de Thomaz Ribeiro.

Enfloram-na rosas d'Abril; bafejam-na as Graças com sopro invisivel. Exhalam perfume seductor as corôas e grinaldas—flora de Virgilio e de Theocrito—que a cingem. Sob as mãos eloquentes do poeta, como as cordas da sua lyra de marfim — electricas e inflammadas — semeam vida e fogo e paixão!

Mas a primavera, felizmente para tão precoce talento, não é ainda a quadra da plena fructificação. O que não auguram primicias tão brilhantes?

Aguardae que o estio creador lhe faça lourejar as messes poeticas, e empunhae então, ó ceifeiros do bom e do bello! as vossas foices de prata. Como haveis de vergar ao peso das espigas d'ouro d'aquella musa, já hoje tão abundante e prodiga de inspirações!

Nem só a terra é fertil; tambem o é a poesia, est'outra Ceres não menos fecunda do sentimento e da imaginação.

Abril 6 — 1864.

RICARDO GUIMARÃES

OS GOTHERRES

VI

Em que se mostra como gasta os tijolos do chão o scismar em mulheres, depois de velho.

(Conclusão)

eixemos a loge terrea do pobre Mendo. Entremos no lageado pateo do edificio, trepemos os quatro degraus empinados do tosco balcão, atravessemos o deserto salão da entrada com sua vasta chaminé, e brasões d'armas, as empoeiradas alcatifas e espaldares da sala de honra, as grosseiras colunatas d'uma galeria aberta onde se pavoneiam dois falcões de caça, e mordem as suas prisões, alguns cães atrellados, e erguendo o canto de um reposteiro, espreitemos o que se passa no aposento do dono da casa.

Dispensem-nos a descripção do aposento, e mesmo a do senhor semifeudal, dos Paços, que todavia devêra ser uma figura respeitavel, de longas barbas ruças como todos os velhos figurões do romance.

O velho D. Paio Gotherres, tinha como seus filhos a boça peripatetica notavelmente desenvolvida; na parte material já se entende. Passeava como um endemoninhado. E qual ha ahi personagem de novella, que nos instantes de amargura não passeie a largos passos no pavimento, onde d'esta vez ao menos não estremeciam lapides

nem se acordavam echos sepulchraes, porque o passeio contra as regras d'arte, em vez de ser no cemiterio ou no claustro, era no seu quarto, cujo pavimento se compunha de bons tijolos bem argamassados sobre a terra, inda que tão gastos pelo frenesi peripatetico do velho, como os tijolos de Cintra que o misero Affonso VI consumira a scismar na corôa, e na mulher, de que seu irmão o desherdára em vida.

O nosso velho D. Paio scismava sómente n'uma mulher, que não n'uma corôa. Na ausencia de seu filho Affonso, cujas aventuras ignorava, e que aguardava a cada instante com os olhos no reposteiro da entrada, corriam-lhe todavia as horas ligeiras, percorrendo na phantasia as lembranças d'uma épocha de delicias, que a voragem do tempo engulira ha muito.

A luz da alampeda, que allumiava o aposento, embaciava-se de cançada. O vario reflexo desenhava por entre as phantasticas figuras dos pannos de raz, a magra sombra gigante e movediça do passeador solitario, e dava uma côr de vida áquellas imagens do passado. O mesmo acontecia com as reminiscencias do velho, agora reanimadas com o clarão da saudade.

«Como eu amei, dizia D. Paio, oh! como eu amei aquella mulher! Á esposa que me deu o céu não tive mais que amisade, santa e pura amisade. Deu-me os dois filhos queridos de minhas entranhas, e morreu-se depois companheira dos anjos a que foi unir-se. Morreu-se, e eu quedei-me sósinho na terra, sósinho e triste, sósinho e sem esperança, sósinho e ebrio de mocidade e de força. Eu tinha visto e amado e fugido aquella mulher antes de casado; ella veiu sahir-me ao caminho depois de viuvo; ella como a branca rosa encontradiça no passeio do valle.

Quem não colheria aquella rosa! — Eu tomeia-a nas minhas mãos, pul-a no meu seio, cheguei-a aos meus labios, embriaguei-me com o seu perfume, guardei-a nas mais finas jarras de alabastro do meu palacio, adormeci com ella á cabeceira de meu leito, prendi ás suas folhas mimosas a cadeia de minhas venturas; e ao cabo..... pobre D. Paio!»

Aqui pararam as palavras e o passeio do velho, como parou contrahido o movimento de seu coração quasi estalado no peito. Duas grossas lagrimas sahiram como duas bolhas de seus vidrados olhos, resvalaram pellos brancos pelos hirsutos das barbas, e foram embeber-se a seus pés deixando duas manchas sobre o tijolo.

Aquellas duas lagrimas seriam um holocausto ás cinzas da linda rosa que o vento dos tumulos desfolhára ha quinze annos, — ou iria envolvido com ellas um remorso, pelas consequencias, talvez por nós ignoradas, de seus criminosos amores?....

Não pudemos dar largas a nossas reflexões porque n'este instante ergueu-se de repente o reposteiro da entrada, e um velho de sinistro aspecto, e humildes trajes avançou afadigado pelo aposento. D. Paio correu sobresaltado e convulso a encontral-o: travou-se entre os dois um colloquio animado, em voz baixa; até que o ricohomem desembaraçando-se da terrivel visita, correu á porta, gritou pelos pagens e escudeiros, e exclamou com voz dolorosa que fazia mover as pedras em seu soccorro — «amigos meus accudi-me! as mais finas armas, os mais ligeiros cavallos! por S. Thiago, não vos demoreis um instante!»

E poucos instantes depois sahia com effeito o bom velho do pateo do seu palacio, montado em leve ginete, seguido de sua leal gente, correndo a toda a brida caminho do meio dia.

VII

Uma peripecia de familia

Não percamos de vista o guapo celibatario de Sob-Ripas com sua dama de garupa.

O formoso par tomára o caminho de Cintra, que não o de Santarem. Era o mais curto para Lisboa. D. João não tivera ainda tempo de reflectir no romanesco de sua fortuna; ver uma dama, adoral-a, cortejal-a, e raptal-a, no espaço de vinte e quatro horas, quasi sem dizer palavra, e sem alfazer que deixar livrar-se pela sua boa sorte, e pela favoravel complacencia d'uma beldade cujo comportamento singular tem toda a apparencia d'uma fada, ou feiticeira de Tasso e Ariosto; tudo isto era para dar em que pensar, a quem pensasse. D. João só se lembrou de pensar, quando após boa milha de rijo trote, o frescor da noite, ou alvorada, lhe começou a dissipar os fuanos de sua ardente imaginação.

A formosa Beatriz, que desde a porta escusa de S. Thiago, até ao solar de Gotherres, e d'ahi até ao ponto da nossa historia, mal tivera tempo e vontade de chegar algumas vezes os mimosos labios aos rijos bigodes do cavalleiro, e de dizer-lhe, com a derretida e mal distincta expressão da ternura e da surpresa: «eu te amo.» Beatriz começava a coordenar no seu pensamento uma phrase mais completa, que por ventura illucidaria o raptador ácerca da mutua posição, quando entraram em um pequeno povoado, a antiga Antanhol, celebre por gentilesas dos naturaes em tempo de Mouros. E mal tinham tocado as primeiras casas, quando por encanto viram illuminar-se de fachos todas as portas e janellas, e uma descommunal vozeria, acompanhada de bons arremeços de seixos, re

bentou de toda a parte, logo o sino a tocar a rebate no campanario, e estas vozes a fazerem-se bem distinctas: = a Rainha! a Rainha! o raptador da Rainha!

Estas vozes foram um raio que fulminou os fugitivos. D. João para quem a roda da fortuna parecia desandar a primeira vez, conheceu o arriscado de sua posição, pelo fatal equivoco que o faria perseguir por toda a parte onde tivessem chegado as novas do recente rapto de D. Mencia, mas como valente que era não recuou, nem trepidou; passou para o arção da cella a linda raptada para melhor a segurar e escudar com seu corpo dos arremeços que vinham pelas costas, deu de esporas ao ginete, e voou como um relampago atravez das turbas apinhoadas.

Seus esforços porém eram baldados. O equivoco fatal de D. Mencia acompanhava-o, ou antes o precedia por toda a parte. O rebate dos campanarios, era um brado electrico que se communicava invencivel na linha da estrada. Os bronzes do seu corcel furioso, e quasi deslocado, echoando alta noite pelos valles denunciavam a sua chegada a um quarto dos povoados. Aquelle terrivel grito = a Rainha! prendam o raptador da Rainha! = era uma voz de maldição, que parecia pegada ás pregas de seu manto aereo.

O corcel na sua rija carreira galgava cancellos e vallados; atropellava esquadrões de povo apinhado no caminho; atravessava nuvens de pedra; voava com os cavalleiros por batureos e silvados; e summia-se entre as trevas da noite como uma estrella que voa. A dama ía ha muito desmaiada nos braços de D. João. O seu véo, as suas rendas, as guarnições de sua longa saia, ficavam com as plumas e manto do cavalleiro retalhadas e desfiadas em centenares de tiras e fragmentos pelos abrolhos, e paredes. A trança da donzella pendia desatada, e enrolava-se ás escamas de ferro da armadura. Os pés quasi descalços, e pendurados sem movimento gotejavam sangue. O cavalleiro tentava ás vezes servir-se da espada, mas o peso da dama, e o cuidado das redeas não lhe dava logar. E o ginete corria sempre, corria como um possesso. Mais do que elle só voavam as novas de sua passagem, as vozes fatidicas, e infernaes = prendam o raptador da Rainha, = que o precediam sempre como uma sombra implacavel.

Até que emfim o pensamento do Templario teve força para reflectir que não longe da velha Conimbrica havia um estreito atalho que atravez d'umas brenhas, communicava aquella estrada com o caminho de Santarem. O seu braço teve valor para torcer a redea do ginete. — E eil-o em poucos instantes livre da fatal via de Cintra, e suas vozerias, e embrenhado voando sempre, n'uma solidão favoravel.

Passado algum tempo o corcel afrouxára a sua carreira, e desaffrontado dos gritos, e pedradas, vendo-se em paiz de conhecimento fitou as orelhas, e estacou ao topar com um largo desassombrado de arvores. O cavalleiro apeou-se, depôz a dama sobre um tufo de relva macia, reanimou-a com alguns cordeaes fructos da previdencia do bom Mendo, e olhando em torno para reconhecer a sua posição, viu admirado que tinham corrido todo o transito entre os dois caminhos, e se achavam n'um sitio deserto da estrada de Santarem.

O sol tinha despontado no horisonte; mas hoje vinha ardente e afogueado; e um fogo abrasador de vento leste fazia rugir as folhas do ermo prognosticando um temeroso dia de calma. Quão differente e animador havia surgido o mesmo sol na vespera quando encontrou os dois irmãos no terrado de Sob-Ripas! Começava apenas de brotar este pensamento na mente de D. João quando sentiu para o lado do meio dia rugir mais forte as folhas, e logo as distinctas pegadas d'um cavallo, e logo um cavalleiro de estranho vestuario a correr para elle de viseira callada. e lança em riste que do rouco peito deixava escapar apenas estas vozes mal distinctas: = Apercebe-te, e larga essa dama.

O Templario teve apenas tempo de montar no ginete e de correr escontra o desconhecido campeão. As lanças voaram em pedaços no segundo recontro. Os cavallos vacillaram escoados em sangue no terceiro. Os gritos e rogos da donzella espavorida foram inuteis. Os cavalleiros encontraram-se em terra, peito a peito, de espada em punho, e combateram como leões. As armaduras, e escudos dos dois guerreiros, resistiram por muito tempo, aos botes furiosos dos espadões de Damasco. Até que emfim, a lamina mais fina, ou o braço mais forte de D. João falseou a couraça do seu contendor; e entrou-lhe aquella pelo seio; sua foi a victoria. O sangue jorrou em borbotões da larga ferida. O cavalleiro caiu por terra. O Templario precipitou-se sobre elle, fincou-lhe os joelhos no peito, e descobrindo o rosto para melhor saborear o triumpho ergueu no braço direito o ferro ensanguentado, desatou-lhe com a mão esquerda as fitas do elmo, e levantou-lhe a viseira. Mas qual o seu turpor e assombro ao reconhecer na face do campeão mal ferido as feições desbotadas de D. Affonso de Gotherres seu irmão em sangue! Mas não parou n'isto o espanto e desventura do mal fadado. Beatriz cobrára alento A sua dextra, ora de ferro, trava do braço de D. João, e afasta-o de cima do vencido.

Precipita-se depois nos seus braços debulhada em lagrimas, e exclama: = D. Affonso, D. Affonso, meu unico amor, que me enganaram!

D. Affonso repelliu respeitosamente o braço de Beatriz, endirei-

tou-se com um penoso esforço, ergueu-se em pé, e ficou immovel, com os dentes rijamente fincados no labio inferior deixando correr á vontade um rio de sangue de sua ferida, impassivel como a estatua da desesperação.

Como a estatua da desesperação ficou tambem em pé collado á terra, pallido como um defunto, o misero Templario.

As lagrimas da donzella tambem lhe recuaram dos olhos para escaldar-lhe as entranhas; tambem a misera ficou a terceira estatua d'este grupo de infelizes.

Qual seria dos tres o mais desditoso!!

A esta scena de horrivel silencio, seguiram-se as explicações.

D. João era o mais desarrasoado, todavia generoso. O coitado tinha visto desapparecer como o fumo o mais bello quadro de suas illusões. O coitado havia quebrado a sua leal palavra de cavalheiro, atraiçoado involuntariamente a honra de seu irmão, posto a mão criminosa e adultera sobre a sua dama; o coitado havia sellado com sangue innocente o seu delicto. Despresado, e falsario, trahido, e traidor, renegado e assassino! a roda da fortuna voltára-se bem ligeira contra elle de sol a sol.

Ao cabo do dialogo, D. Affonso o mais sereno dos tres, dizia assim: — Ora pois, eu quero crer na pureza d'esta mulher, porque os teus e os seus olhos não mentem; mas eu sou um homem de honra; a minha espada de cavalleiro não se tingirá no sangue de meu irmão. Beatriz fulminará nossa sentença. Aquelle de nós ambos que ella escolher, desapparecerá d'este logar, e a levará comsigo. O outro ficará resignado. Aceitas irmão? — Aceito.

Beatriz ía fallar; os olhos sofregos, e anciosos dos dois Gotherres, estavam pendentes da boca formosissima, e dos pallidos labios da dama, quando um novo cavalleiro a toda a brida vem esbarrar o seu corcel espumante e semi-morto junto do curioso grupo, e precipitar-se no meio d'elles. Estas vozes angustiadas e frizantes o precediam d'alguns instantes: = Suspendei-vos em nome do céu! Vós sois irmãos d'esta dama; sois todos tres meus filhos. = Os dois moços quedaram-se estaticos, na attitude da mais crua desesperação, como fulminados pelo raio. Beatriz não ficou assim. A mesquinha que nunca mãe nem pae conhecêra, que vira desabrochar a sua mocidade encerrada entre quatro paredes, sob a guarda insulsa e austera d'um homem sem alma, d'uma velha sem coração; a misera que, á mingoa dos carinhos maternaes, e dos laços de familia, votára todas as faculdades de sua existencia moral, ao sentimento do amor mais requintado, e que via na precedente aventura, quebrado e enxovalhado o mimoso encanto das suas illusões; a coitada da donzella entregou-se inteira á expansão d'um sentimento novo, ao

conhecer que tinha um pae; precipitou-se de joelhos, e suffocada em lagrimas aos pés de D. Paio, abraçando e beijando a poeira de seus cothurnos de ferro:

=Meu pae! meu pae! que já não morro desgraçada!=A pobre Beatriz n'este momento supremo e memorando, correspondia pela unica vez na sua vida á significação de seu nome,—Beatriz era ditosa.

Trinta dias após esta fatal e unica entrevista dos quatro Gotherres, cada qual d'elles jazia bem distante, e bem mudado.

A dama recolhida ao noviciado no mosteiro de Sant'Anna estreava-se no barbaro systema de definhamento e agonia, que embrutecendo e aniquillando uma por uma todas as faculdades d'alma, e do coração, termina com a morte precoce da victima.

D. Affonso, curado das suas feridas, livre porém do seu juramento, encerrado no mosteiro de S. Francisco da Covilhã, expiava com a mais rude penitencia, a trinta legoas da patria nos pincaros gelados do Herminis, o seu peccado, ou a sua desgraça.

D. João a braços com os Mouros na guerra do Algarve arremeçava-se ao mais pelejado das batalhas, atirava-se de peito nu ao encontro das lanças Ismaelitas, e barateava por mil feitos e maneiras a existencia. Era debalde. A colera de Deus desviava-lhe as lanças de cima do coração, e embotava o fio dos alfanges inimigos. O infeliz vivia sempre.

D. Paio tinha morrido. O pobre velho vergára sob o peso do abandono, e dos remorsos. Uma ligeira falta dos seus verdes annos havia causado a desgraça de seus tres filhos, envenenado os extremos dias de sua velhice, e riscado para sempre da face da terra, o seu nome e descendencia.

VISCONDE DE GOUVEIA.

POEMA DA MOCIDADE

(INEDITO)

INVOCAÇÃO Á MOCIDADE

Sonhos da mocidade! ardentes devaneios,
que me affagais gentís quando esmorece o sol!
frescas visões de amor! suavissimos gorgeios,
que desprende em meu peito ignoto rouxinol!

vagas aspirações! poemas indiziveis,
que na fragrante balsa e no rosal colhi!
vago e meigo scismar d'amores impossiveis
com virgens ideaes, phantasmas que entrevi!

sois o enlevo gentil, que a mente me extasía!
Oh! loira juventude! oh! nume incantador!
quero no teu altar, que hoje profana a orgia,
puro incenso queimar, sagrar-te um casto amor!

Hoje d'um meigo olhar fulgida lux divina
nem já desperta amor n'um joven coração!
juvenís corações, sómente os illumina
com chammas infernaes satanica ambição!

Oh! quem fôra cantor de lyra omnipotente,

para estampar «infamia» em fronte juvenil,
que arranca desfolhada a c'rôa d'innocente,
e a arroja ao tremedal d'um egoismo vil!

Outr'ora, antes de entrar na solidão da vida,
vasto areal que rouba ao triste as illusões,
tragando-as sem cessar, e o deixa, hastea partida,
sem flores, que uma a uma as colhem os tufões,

era oasis gentil a mocidade ardente!
sentia-se girar o sangue com fervor!
Era a idade louçã; pura se erguia a frente,
desabrochavam n'alma os canticos d'amor!

Para um beijo colher em labios de donzella,
por trémulo apertar d'alva, pequena mão,
para que um vulto esquivo assome na janella,
e a noite encha de luz, radiante apparição!

fôra a vida arriscar joven apaixonado!
Oh! loucuras gentis! creio ainda escutar
no campo, ao longe, ao longe, o canto enamorado
de fresca serenata em noites de luar!

Hoje, só prosa vil! Noites de primavera,
debalde vos perfuma o laranjal em flor!
Poetico scismar, sois uma vã chimera!
A nova geração sabe zombar do amor!

Eu, ao ver despontar ridente o sol da vida,
amo, canto, respiro as auras da manhã!
brisas da mocidade! aurea estação florida!
da existencia sem luz aurora tão louçã!

E creio com fervor! sinto, na mente, puro
o fogo da poesia audaz resplandecer!
Guardo no coração, como em sacrario obscuro,
o amor da natureza, o culto da mulher!

Vela no peito meu sempre o fogo sagrado,
musa do puro amor, ó candida vestal!
Nunca o sopro do mundo, atroz, impio, malvado,
te infame, te macule a fronte virginal!

A simples canção, que a fresca mocidade
me fez brotar da mente, acolhe-a tu, gentil
archanjo d'annos vinte, anjo da fórea idade,
ó nume inspirador do canto juvenil!

Meus versos illumine a luz, que te rodeia!
Flores do teu regaço os venham perfumar!
No peito do cantor sagrada chamma ateia!
Beija-lhe as canções! Inflamma-lhe o cantar!

CANTO I

Idyllio

Chama-se Arthur o heroe do meu poema!
«Poema!» diz um critico severo.
Desculpe, meu senhor, é meu systema
meus filhos baptisar, como eu bem quero.
Assim, posto o principio, eu creio e espero
que não me ha de negar este dilemma:

Ou não ha de, ao estendal fastidioso
de nomes, chamar «critico bosquejo»
dando a sólidos nome tão pomposo,
ou deixa baptisar, como eu desejo,
versos que eu fiz no dia mais chuvoso,
que tem vindo este inverno ao patrio Tejo.

Do nome do heroe não me diz nada?
Achei em nome tal mesmo um thesoiro!
Qual é a donzellinha apaixonada,
que não sonha um Arthur, pallido e loiro,
soltando á mansa brisa perfumada
amorosas canções na lyra d'oiro?

A mente da poetica leitora
já do heróe esboçou risonha imagem!
A acção d'este poema incantadora!
A heroina — da mais nobre linhagem!
altiva castellã, que se enamora
d'Arthur, o mais formoso e gentil pagem!

Vède a escada de seda fluctuante!
Para colher mil beijos seductores

intrepido lá galga o esbelto amante!
Da nupcia os rouxinoes são os cantores;
e à lua, com seu cinto radiante,
a branca fada, que protege amores!

Que doces emoções! que sobresalto
não colhêra a leitora! oh! tenho medo
de o dizer! a verdade, a que eu não falto,
me obriga a confessar, mas em segredo,
que se passa do meu poema o enredo
n'esta era fatal do chapéu alto!

Para um amor, ardente e apaixonado,
não ha era nem trajo mais fatal!
Vejam como é prosaico um namorado
de casaca e chapéu! e o virginal
pudor á protecção está confiado
da patrulha e do gaz municipal!

Era mais semsabor, fastidiosa,
o mundo nunca viu, nem ha de vêr!
Deixemos digressões; sei que anciosa
deve estar a leitora por saber,
como eu serei capaz de descrever
um Arthur n'uma época de prosa!

Na fronte rasgada, sem nuvens, fulgente,
derrama o talento torrentes de luz!
que a fronte inspirada d'um genio eminente
tem mystico brilho, que a todos seduz!

O negro cabello, que ondeia ao de leve,
um rosto moldura de nobres feições!
Os olhos são negros, e a boca tão breve,
sorrindo suave, tem mil seducções!

Se o fogo sagrado lhe fulge na mente,
lampejos divinos fulguram no olhar;
no pallido rosto reflecte-se ardente
paixão ou delirio, que o possa inspirar!

Donzella, que o veja passar, sopeando
com mão feminina fogoso corcel,

sorrindo-se o fita; murmura, corando,
«que esbelto mancebo!» e a linda infiel,

ouvindo ao seu noivo requebros, finezas,
suspira, pensando no moço gentil.
caprichos de damas! têm taes subtilezas,
que nem as percebe sophista subtil!

Tal era Arthur. Aos vinte annos
na senda agreste da vida
entrára, cabeça erguida,
franco, aberto o coração!
e nunca pelos espinhos,
que achou á beira da estrada,
deixou, pendida, rasgada,
alguma santa illusão!

Julgava a mulher um anjo,
reflexo da divindade,
mas n'ella vio falsidade,
pela virtude... desdem:
vio triumphante a devassa,
ia renegar o culto...
Nos labios morreu o insulto,
ao lembrar-se de sua mãe.

Lembrou-se do anjo, que vira
dar a seu pai a ventura;
como ella, tão meiga e pura,
quiz outro anjo encontrar.
Cada mulher, que fitava,
d'incantos mil revestia,
e o idolo, que hontem erguia,
hoje caía do altar.

Um dia... quem me explicára
essa voz mysteriosa,
meiga, fatal, poderosa,
que nos arrasta ao amor,
e que nos diz: «N'esses olhos
vês a chamma da innocencia?
A luz da tua existencia
é seu vivido esplendor.»

«Has de seguil-o arrastado
por um poder invencivel;
essa attracção indizivel
sempre te ha de fascinar.
Vês a teus pés um abysmo?
Segues a luz fementida,
e honra, crenças, e vida
vais n'esse abysmo lançar.»

Vagueava Arthur no campo,
sósinho e triste, scismando;
no occaso a luz afrouxando,
ia sumindo-se o sol.
Vago o rumor da cidade
só ao longe se escutava;
na balsa preludiava
com doçura o rouxinol.

De repente, a uma janella
d'uma vivenda elegante,
lindo perfil radiante
d'uma donzella assomou.
Bateu de chapa no rosto
um raio do sol poente;
meigo sorriso innocente
nos labios lhe doidejou.

Seu olhar, meigo, expressivo,
só candura reflectia;
era o archanjo da poesia,
era a estatua do pudor.
Lindos cabellos castanhos
o rosto lhe emmolduravam,
onde os raios scintillavam
do moribundo esplendor.

Encostou a mão no rosto,
e ficou-se pensativa!
dissereis a casta diva,
que o paganismo ideou,
assomando, pura e meiga,
no seu carro d'alvo argento,
quando inda no firmamento
o sol um rasto deixou.

Fitou-a Arthur enlevado!
Sua ardente phantasia
já cerava de poesia
a seductora visão.
Fitou-a e disse: «Esta imagem
era a imagem, que eu sonhava,
que em sonhos evocava,
a affagar-me o coração!»

Desde então o falso brilho
do prazer febricitante
foi offuscal-o, radiante,
da nova estrella o fulgor.
Que importa o mundo, se á sombra
do ninho, involto em delicias,
se entrelaçam meigas caricias,
ventura, encantos, e amor!

Que linda noite de Junho,
fresca, risonha, sem vêo!
A lua, pallido lyrio
do vasto jardim do céo,
derrama o claro argenteo
na verdura, no arvoredo,
e vae reflectir-se a medo
no rio, que, entre a ramagem,
lá se espreguiça no val!
Da lua a fugidia imagem
era semelha uma nympha,
que nos seios d'entre a lymphe,
e que a caricia vacilla
na sua movente crystal,
ora nas aguas scintilla,
e as gotinhas radiantes,
que vão mansas a deslisar,
mudas em syrphos diaphanos,
que lá travessas dançar!

Serena e tepida a aragem
vem dormejar na campina:
a voz etherea, divina
do mavioso cantor,
que os segredos namorados

conta á rosa purpurina,
sôa ao longe na devesa,
cheia de frescura e amor,
traducção inebriante
do hymno, que a naturesa
manda ao throno do Senhor!

Ha n'estas noites d'estio,
ridentes, voluptuosas,
em que o seio nú das rosas
pede frementes caricias
á brisa doida e fugaz,
não sei que fatal mysterio,
que faz sonhar mil delicias
d'um amor apaixonado,
a quem cede, fascinado,
áquelle incanto fallaz!

N'esse ambiente embalsamado
ha não sei que tentação!
O sangue gira apressado,
pulsa ardente o coração!
Casta donzella innocente,
sentindo o seio fremente
com ignota agitação,
nega... suspira... e consente!
em louco, fatal delirio,
curva-se o pallido lyrio
ao vendaval da paixão!

Ai! noites d'intenso ardor,
o vosso incanto é traidor!

Corria a noite serena!
pallido e meigo o luar!
e a brisa, dizendo amores,
nas folhas a doidejar!

Que fina esbelta cintura!
Que face nivea e rosada!
Que languidez, que doçura
n'um olhar fascinador,
cuja luz serena e pura

prometie, affrouxando o ardor,
a quem fitar com ternura
um inferno de loucura,
um paraiso d'amor!

Junto ao rio, que deslisa,
banhando o pé dos salgueiros,
cujos ramos vem a brisa
sobre o rio debruçar,
que lhes vae contando amores
no seu continuo palrar,
vagueia, colhendo flores,
a pura, a ingenua donzella,
cuja candida influencia,
do meu heróe na existencia,
casta flôr d'etherea essencia
fizera desabrochar!

Arthur, a um tronco encostado,
fronte pendida na mão,
mirando, como enlevado,
a seductora visão,
na mente phantasiava
ligeira candida fada,
que travêssa volteiava
a sabor da viração;
e quasi tremia, ao vel-a
tão aircsa e tão subtil,
que, ao romper da madrugada,
desfeito o incanto gentil,
se esvaecesse, deixando,
da apparição em signal,
um tenue fio doirado,
cinto aéreo e infeitiçado
solto á brisa matinal.

Vêde-a! lá vae a fada graciosa
poisar junto d'Arthur; as longas tranças
fluctuam sobre o collo assetinado!
Na mão d'Arthur lá poisa a mão nevada,
inclina para elle o rosto lindo,
e murmura mansinho estas palavras,
tão manso, que dissereis harpa eolia,

quando, ao roçal-a, a viração da tarde
lhe beija as cordas, e desperta a medo
na fibra harmoniosa um som plangente.

— Tristezas! Sente a saudade
d'antigo, olvidado amor?
Loucuras da mocidade,
ou sonhos de trovador?

— Meigo sonho de ventura,
se é sempre, sempre infiel,
não dá prazer, dá tortura.

— É lindo o sonho?
— É cruel.

— Fugaz devaneio de mente exaltada
é flor que a inconstancia faz logo murchar!

— Não póde a florinha, no peito arreigada,
a brisa inconstante do peito arrancar.

— Promessas mentidas!
— Ardente protesto!
— Amor de poeta!
— Que inflamma a paixão!

— Extingue-se, e fica remorso funesto.

— Oh! nunca se apaga fulgente visão!

Soltando o protesto ousado,
na mãosinha incantadora
da gentil fascinadora
Arthur louco, extasiado,
poisa os labios com fervor.

Ao tocar de mão profana
se retráe a sensitiva!
Tal foge a donzella esquiva;
porém dos olhos emana
meigo, languido fulgor!

A boca balbuciante
um severo «não» murmura,
mas cora a donzella pura,
e no olhar deslumbrante
brilham promessas d'amor!
.....
.....
E a noite sempre serena!
pallido e meigo o luar!
e a brisa, dizendo amores,
nas folhas a doidejar!

D'entre a balseira virente
o rouxinol namorado
mais puro canto soltou!
e a rosa, n'hastea tremente,
do calice embalsamado
mais doce aroma exhalou!

Sons d'uma flauta em distancia
quebram da noite a mudez!
não sei que vaga fragrancia
de suave languidez
tem essas notas aladas,
aéreas, infeitiçadas,
a volteiar embaladas
nas azas da viração!
Era uma valsa, tão triste!
Que profundo sentimento
n'essa ardente melodia,
que incanta, endoida, inebria
e espalha immensa alegria
á noite, em aureo salão!
Nas salas folga, delira
e agora geme, suspira,
e um vago presentimento
desperta no coração!
Ó mysterio da harmonia,
celeste irmã da poesia,
que inspira melancholia
na mais alegre canção!

Ao som da valsa... tão triste!
Arthur, dos labios frementes,

singelas trovas ardentes
soltou, suspirando amor!
A musa da melodia
do poeta a mente inflamma,
e fulge inspirada chamma
no olhar do trovador.

«Gentil florinha, que sorris fagueira
junto á balseira que te viu nascer,
porque despresas meu amor ardente?
Quer a innocente sem amor viver!

Ai! sem amores de que vale a vida?
Só, escondida, sem allivios dar,
não quer a esquiva que ninguem a côlha,
e folha, a folha, quer pender, murchar!

Ai! flor, que viça no rochedo agreste,
a flor celeste, de modesta cor,
roxa violeta, nos traduz, resume
no seu perfume delirante amor!

E quando a aragem, baloiçando o arbusto,
lhe diz com susto, a murmurar subtil;
«Amo-te, linda» a timidez esconde.
«Amo» responde aquella flor gentil.

Só tu formosa mas cruel florinha
queres sósinha definhar, morrer?
E, em vez d'esp'rança, meu gentil incanto,
dás-me só pranto d'infernal soffrer?

Sina fatal lançou-te aos pés, violeta,
doido poeta, todo crença e amor,
e, em vez de aroma, só lhe dás espinhos;
sonhou carinhos, encontrou rigor.

Gentil violeta que sorris fagueira,
junto á balseira, que te viu nascer,
Oh! não desprezes seu amor ardente!
deixa-o sómente de te amar viver!»

Calou-se, e fitou tremendo
a sua musa graciosa;

a mais purpurina rosa
não tem mais vivo rubor!
Tremèra a branca mãosinha,
nas mãos d'Arthur apertada;
ficára immovel, calada,
falla por ella o pudor.

Ergueu os olhos radiantes,
onde a luz d'amor fulgura,
com meigo olhar de ternura
fitou Arthur, e sorrio!
Depois hesita um instante,
e nos labios do poeta,
ligeira qual borboleta,
seus labios poisa... e fugio!

Primeiro beijo, perfumado, ardente!
primeira estrophe da gentil canção,
que, em doidas horas de prazer fervente,
á flôr dos labios vem dizer «paixão.»

Tenue murmurio, a suspirar caricias!
Aéreo sopro, respirando ardor!
Meigo prefacio d'essas mil delicias,
do gosto ethereo d'um primeiro amor!

Beijar a furto uma boquinha airosa,
fugir, ceder á tentação fatal,
bem como a abelha, a volteiar medrosa
por entre as rosas do gentil rosal,

que poisa e suga a perfumada essencia
da flôr tremente d'um gosar sem fim!
roubar assim, d'almo prazer na ardencia,
a puros labios virginal carmim!

É sonho louco de ventura e enleio!
É vêr nas trevas o esplendor do céu!
Da casta virgem pudibundo seio
palpita, rasga da innocencia o véu!

Os labios tremem da gentil donzella
refogem, voltam de delirio a arfar!

oh! n'essas horas amorosa estrella
inunda a vida de fulgor sem par!

Depois extingue-se a visão brilhante!
Voltam as trévas, quando morre a luz!
Finda o romance da existencia amante
de fria campa em solitaria cruz!

.....
.....

E a noite sempre serena!
pallido e meigo o luar!
e a brisa, dizendo amores,
nas folhas a doidejar!

.....
.....

Eu estou vendo d'aqui a fronte austera
d'um austero censor franzir-se irada,
e oiço-o já bradar, com voz severa:
«A geração actual está depravada!»
E talvez, se honra tal eu merecêra,
mande os versos queimar pela criada!

Etherea emanação da divindade!
sonho incantado d'um primeiro amor!
Timida flor, que o sol da mocidade
inunda com seu placido fulgor!
Minha ingenua visão, dize, quem ha-de
manchar-te as vestes de brilhante alvor?

Quem se não curva ao poderoso imperio
d'um meigo olhar fulgente, enamorado?
O amor então é divinal mysterio!
é puro incenso, ardendo resguardado
no coração, thuribulo sagrado,
urna singela d'um perfume ethereo!

Um beijo ardente, que traduz ternura,
é puro, é santo, porque é santo o ardor.
Em torno á virgem, n'um primeiro amor,
respira-se um ambiente de candura,
onde paira, sorrindo, a imagem pura
do meigo archanjo do infantil pudor!

A impureza é na orgia, é no devasso,
que escarnece do amor, e da virtude,
que nos prega moral no tom mais rude,
e entra no lupanar, trémulo o passo,
a prostituir, em repugnante abraço,
a casta flor da etherea juventude!

Vergonha sobre o impio, que despresa
mimosas affeições do coração,
gentil grinalda d'infantil simpleza,
de puras flores virginal festão,
e vai, cingindo a c'rôa da impureza,
sentar-se no festim da corrupção!

Vergonha sobre o hypocrita, o descrente,
tartufo, que se involve em castos véus,
ao nome de paixão louca, fremente!
O amor é santo, porque vem de Deus!
e um beijo puro, apaixonado, ardente,
faz sorrir de prazer anjos nos céus!

M. Pinheiro Chagas.

CONTOS

DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

IV

UM DIA GRANDE EM S. DOMINGOS

avam dez horas da manhã. O sol entre nuvens ora golphava alguns raios esmorecidos sobre o adro e alpendrada do convento de S. Domingos, e sobre as paredes denegridas do paço dos Estáos, asylo mysterioso da inquisição, vulgarmente conhecida pelo nome de Santo Officio, ora, escondendo-se, acabava de desmaiar cobrindo de sombras as ruas, travessas e becos enredados em confusa meada aos lados e por detraz dos edificios de varia architectura, que olhavam d'esta parte para a praça do Rocio, aonde a estatua de pedra de Neptuno, na sua eterna e nunca aplacada sêde, pedia em vão no estio uma gota de agua pura ás exhaustas urnas da fonte, a que presidia.

As torres do convento repicam ao desafio. Dir-se-ia que os sinos se desfazem em cascatas de notas desde o timbre juvenil e argentino da sineta até aos sons graves e compassados do idoso decano dos

campanario. Que arruido pelos dormitorios e claustros! Que agitados enxames a correrem, a acotovellarem-se, e a zumbirem pelos extensos corredores! Uns compõe de caminho sobre os hombros as dobras da capa; outros, menos activos, ainda retesam, a meia a estalar na perna; alguns apertam com enfado a fivela do sapato, obra prima e garrida das fórmas da rua nova; este ageita apressado as pregas da tunica; aquelle endireita o escapulario. Banhado em suor e rosto de enthusiasmo, o mestre dos noviços, fr. Praxedes, percorre vigilante o seu rebanho indisciplinado, e alinha as fileiras, que a devota communidade principia a estender. Pressurosos e assanhados em vivas cores os religiosos conspicuos aguilhoam a inercia dos padres mais ronceiros, que baixam murmurando e contando os passos dos andares de cima á portaria.

O provincial, o prior, os definidores, os mestres e prégadores emeritos, rôxos de impaciencia e esfalfados de cançasso, arquejam no adro fallando a um tempo, tossindo, exclamando, e interrompendo. Este côro discorde e tumultuoso e por vezes superado pelo falsete espremido do mestre de ceremonias, fr. Barnabé, o qual, invencivel aos annos e fadigas, esponja com o lenço a calva luzidia, e as nedias faces, mais cheias e rosadas com os jejuns e penitencias, do que as do sybarita mimoso com os regalos e delicias. Abrazado em santo zelo, traça a capa, e alonga o braço fóra da manga, sem nunca desmentir as posições e gestos academicos moldados durante a sua larga residencia de Italia. Apparecendo em toda a parte, aqui emenda um aleijão de symetria, ali corrige uma deformidade digna de reparo, mais adiante despeja a correr dois punhados de incenso nos thuribulos de prata, balouçados nas mãos de sachristães boçaes. É um espanto vel-o! Aonde não alcança com a presença chega com a voz! Ora vôa aos leigos, que alastram de espadanas e rosmaninhos o atrio e o pavimento do templo, ora acode a reanimar os brios do corpolento servo de S. Domingos que arvora, não sem gemer, a pesada cruz de prata, rodeada de tocheiros enormes, que só em dias assignalados saem da casa do thesouro para ornar as pompas da ordem.

Que novidade roubava ao remanso do estudo, ou ás solitarias contemplações os padres mais caseiros, os theologos mais indifferentes ao bulicio da cidade, e os prelados de ordinario tão diligentes no governo da numerosa familia sujeita á sua obediencia? Duas palavras a explicam. O conde de Aveiras, gentil-homem da camara, chegara a S. Domingos muito cedo, e mandando recado ao prior, que era seu parente, deixou cair no ouvido do reverendo a confidencia importante, de que Sua Magestade determinava pagar n'aquella manhã uma promessa feita a Nossa Senhora do Rosario, para o que estaria ás dez horas e meia, o mais tardar, na egreja, visitando de-

pois a religiosa communidade, cujos trabalhos apostolicos queria agradecer com esta prova não esperada da sua benevolencia.

Escutando o conde, fr. Paulo, prior n'este triennio, mestre de Exegetica, e prégador da capella real, em um accesso subito de alegria frenetica levou ambas as mãos á cabeça, e trouxe n'ellas feito em dois o barretinho de seda, que servia de alvo á inquietação dos discipulos nos dias de aula, exposto sobre a mesa ao lado do compendio. As faces entumeceram-se-lhe; os olhos, pequenos e quasi alvadios, esgazearam-se-lhe; e o ventre empinado saltou debaixo do habito em dois pulos de jubilo. Por alguns segundos vacillou entre uma apoplexia fulminante e um ataque de delirio, salvou-o um assalto de tosse secca. Depois de abraçar o sobrinho silenciosamente pela noticia, gemendo e assoprando, trepou a dois e dois os degráos de pedra da immensa escadaria, sem cabeça para se congratular com elle ao menos pelo cuidado do aviso opportuno.

Os dois pararam ao limiar da cella do padre provincial, pessoa douta, austera e esguia, de poucas carnes e de menos palavras ainda. A porta estava cerrada, fr. Paulo empurrou-a, precipitou-se dentro da casa, e collocado deante do superior como um ponto de interrogação, abriu tres vezes a bocca sem fallar afogado em tosse. Mas o seu olhar triumphante deu rebate á curiosidade do prelado, que mettendo os occulos entre as folhas do livro, que estava consultando, e erguendo-se com a caixa de rapé na mão e a pitada a duas linhas do nariz, aguardou a communicação. Coube ao conde a gloria da embaixada, e a despeito da humildade monastica, o provincial, ouvindo-a, não pôde conter os primeiros assomos de um orgulho desculpavel. A visita real era o premio dos seus esforços constantes como successor de tantos varões illustres e decidido adversario da heresia, do judeismo, e das outras pestes, horror e escandalo da egreja.

— «Louvado seja Deus para sempre!» exclamou fr. Placido depois de ruminar por um minuto em extasis a feliz nova, e de espetar a vista no tecto com beata compunção. «Sua Magestade n'esta casa! Tamanha honra no meu triennio! Fr. Paulo! Fr. Paulo! *Surge et ambula!* A pé! Mande juntar a communidade ao som de campa tangida. Chame a conferencia extraordinaria o definitorio. Avise o mestre de ceremonias! O dispenseiro que venha aqui! Quero todos, todos já! Que honra para o nosso convento. *Decus et gloria!*»

— «*Deus nobis dedit!*» atalhou o prior ainda convulso e afogueado.

— «E verdade, é verdade! Tudo nos vem d'essa divina fonte. *Gracias tibi domine!*»

— «E que bofetada sem mão na casa professa de S. Roque! Como

hão de ficar em o sabendo os da companhia de Jesus?!» observou fr. Paulo esfregando as mãos e a testa, sacudido desde a nuca até aos pés por uma d'aquellas estrondosas risadas, que se refugiaram nos mosteiros desde que os deuses do paganismo baqueiaram do Olympo.

— «Coitados! Que se mordam de inveja e se ralem nas murmurações! Chegou em fim o nosso dia. *Vicimus! Ad huc vicimus!*

— «Sobrinho és a perola da familia! Deus te conte tantos annos de fortuna como instantes de alegria me estás dando!» acudiu o prior enlaçando os braços curtos ao airoso corpo do conde de Aveiras, que assistia, sorrindo-se e callado, a esta scena de interior fradesco. Decorridos alguns momentos, em que os dois dignatarios dominicos se contemplaram em silencio, quasi duvidando de que tudo isto não fosse ainda mais do que um sonho, o prior, buscando por costume o solideo ausente sobre a calva, e sepultando os dedos na caixa de rapé, que o prelado conservava na mão aberta, disse-lhe com um suspiro:

— «*Benedicite, pater!*» Vou dar as ordens.»

— «Um momento fr. Paulo. Pergunte ao sr. conde se não quer nada da nossa pobresa, umas ameixas cobertas, uns pecegos doces com um copo de agua, ou alguma coisa mais solida antes da meridiana...»

— «Muito obrigado, padre provincial, almocei no paço antes de vir.»

— «Quem não janta, só se forem viboras, ou escorpiões, são os padres da Cotovia e de Santo Antão, aposto! exclamou o prior.» Tanto riram de nós que lhe subiu o riso á cabeça... Ainda bem. Estou em braza. O contentamento sempre faz uma sede e uma tosse! E em um impeto de enthusiasmo e distracção deitou a mão a uma taça da India, cheia de caldo de galinha, que esperava o vagar do provincial em cima do bofete, e engolio-a em tres sorvos, declamando depois com beiços untados e a chavena nos dedos o famoso verso de Virgilio!

Claudite jum rivos pueri, sat prata biberunt!

«—Misericordia com os nossos inimigos, Fr. Paulo! retorquiu o reverendissimo, o qual occupado em desprender a capa do cabide e em lhe acertar as prégas sobre os hombros, não pôde ver por isso o rapido eclipse do caldo, nem apreciar a inimica gastronomica do orador.»—Os padres da companhia seguramente não nos querem bem, é sabido. Paciencia! A culpada do seu odio é a nossa vigilancia em materia de dogma e em pontos de fé!... Queixam-se da Santa Inqui-

sição porque censura os seus livros e as suas doutrinas?... Escrevam melhor e préguem com mais cuidado. Emfim, coitados, deixal-os. Este golpe prostou-os. Não se levantam... Não ha tempo a perder! O meu caldo? Ah! Dê cá padre mestre. É um instante em quanto o bebo...»

E o digno provincial illudido estendia a mão para a chavena vasia, e que fr. Paulo recuava do seu alcance sem animo de lhe revelar o sacrilegio commettido pela sua inadvertencia. O conde testemunha silenciosa d'este lance comico, mordia os beiços, e compremia não sem custo o riso, que o suffocava.

«—O caldo? Dê-mo? Não vê que temos pressa? «insistia o prelado seguindo pela cella as evoluções de fr. Paulo, que retirava um passo á medida que fr. Placido adiantava outro.

«—O caldo?!. reverendissimo... esqueci-me... bebi-o! Eu é que fui! *Mea culpa! Mea maxima culpa!* Tinha sede e tomei-o por um pucaro de agoa.»

«—Ah! exclamou o provincial, apertando-se-lhe as fauces, e deixando descair ambos os braços. Bebeu o caldo por esquecimento?!. E eu?! Muito bem, padre fr. Paulo, para a outra vez, peço-lhe que se lembre menos do seu estomago e mais do meu. Fico em jejum Não importa. Um dia não são dias. A alegria tambem sustenta. Vamos.»

(Continua)

L. A. Rebello da Silva.

CHRONICA POLITICA NACIONAL E ESTRANGEIRA

Não houve mudança na situação politica. Proseguiu o governo nas diligencias para obter a approvação das suas propostas, e encontrou na maioria a costumada vontade. Pela sua parte a opposição nem desamparou o campo, nem se reforçou, nem se enfraqueceu. N'estes ultimos dias têem sido mais aggressivas as discussões da imprensa relativas a pessoas, e por consequencia menos cuidada a controversia ácerca das doutrinas. Entretanto esta animosidade na polemica não se manifestou no parlamento.

Foram prorogadas as côrtes até ao fim d'este mez de maio, e em ambas as camaras alcançou maioria a lei do tabaco, já hoje sanccionada por El-Rei, e publicada no *Diario*, no qual appareceu tambem o annuncio para a arrematação do novo contrato até ao fim de 1864.

Mereceu igual benevolencia do parlamento o projecto do Banco Ultramarino, tambem já hoje transformado em lei do Estado. A discussão d'este assumpto em ambas as camaras foi curta mas conscienciosa, e não revelou da parte da opposição o dezejo de impedir, que é tão natural em todas as opposições.

Tão importantes questões foram interrompidas por um requerimento dos estudandes de Coimbra pedindo perdão de acto em commemoração do nascimento do principe real. Entendeu o governo que lhe cumpria desattender o pedido, e roborar o principio de que a dispensa das habilitações academicas, estabelecidas por lei, não cabe nas attribuições do executivo. Os estudantes mostraram-se offendidos da redacção da portaria em que o governo lhes respondêra, e retirando-se para o Porto requereram ás côrtes que tambem lhes indeferiram o requerimento.

N'esta conjunctura o vice-reitor da universidade, estranho a todos os precedentes da questão, exhortou os estudantes a que regressassem

a Coimbra, e tão affectuosamente lhes pediu, que para logo voltaram á cidade e proseguiram na frequencia das aulas. O governo amnistiou o que nos actos academicos se podia chamar culpa, e por meio d'esta reciproca moderação se desvaneceram todos os vestigios da pendencia.

Mostraram os estudantes que prezavam a propria dignidade, embora fossem exagerados na apreciação do que lhes serviu de estimulo, e o governo deu provas de firmeza e de moderação. Todos procederam segundo lhes requeriam os annos mais ou menos verdes.

Ás discussões que mencionamos seguiram-se as dos differentes orçamentos, sobresahindo no das obras publicas vivissimos desejos de que todo o reino possa aproveitar-se dos caminhos de ferro. E tão viva era esta anciedade que a camara dos deputados auctorisou o governo a contratar linhas de viação ferrea no Algarve, na Beira, no Minho e em Tras os Montes, autorisação que elle já possuia, e impoz-lhe a obrigação de submetter os contratos á approvação das côrtes, dever que já lhe incumbia por lei!

Veremos de que modo o governo se utilisa d'esta superabundancia de autorisação dada pela camara electiva no ultimo anno da legistura. Ambas as camaras approvaram a venda do caminho de ferro do sul á companhia ingleza, e as estipulações mencionadas no contrato ácerca da prolongação das linhas. N'este assumpto fallou com o costumado acerto na camara dos pares o sr. conde de Avila.

O sr. deputado F. L. Gomes interpellou o governo a respeito de varias infracções de lei praticadas na India, e o sr. ministro da marinha na sua resposta não as defendeu, antes proclamou os bons principios que devem reger a administração das colonias. A imprensa de todas as cores politicas, ou pelo silencio, ou pela declaração franca das suas opiniões, animou o ministro nos seus sinceros e honrados desejos de acudir convenientemente ás necessidades do serviço publico nas possessões ultramarinas.

Não foi prolongada a discussão dos orçamentos da guerra e da justiça. O do reino ainda continua. Aos negocios militares accresceu agora a reforma intentada pelo sr. ministro da guerra, a qual suscitou opposição acalorada em algumas folhas, e varios pareceres entre os officiaes do exercito. Com os negocios das justiças têem connexão intima sete projectos apresentados agora pelo ministro competente.

Na camara dos pares voltou á commissão por accordo do governo o projecto das aposentações dos empregados das alfandegas, e houve uma interpellação ácerca de planos de *União iberica*, com o que não anda agitado o reino, e por ventura nem o governo que no *Diario* declarou falsos todos os boatos a tal respeito. A camara dos depu-

tados approvou um tratado postal com a Prussia, e resolveu o negocio da pensão do sr. conde de Penafiel autorisando o governo a transigir a tal respeito.

Correram boatos de que o sr. ministro da marinha pedira a sua demissão por terem sido desapprovadas pelo principe de Joinville as construcções navaes portuguezas e varias outras providencias maritimas. Desde logo o governo contestou a verdade de tal noticia, e veio a saber-se que o principe visitára o sr. Mendes Leal, usára para com elle de singulares distincções, e por fim mandára servir na esquadra portugueza seu filho o duque de Ponthièvre, já hoje segundo tenente da marinha nacional.

Foram trasladados para Aveiro os despojos mortaes do grande orador José Estevão Coelho de Magalhães, e acompanhou-os do cemiterio dos Prazeres á estação do caminho de ferro o numeroso concurso de pessoas, que era devido á memoria de tão illustre cidadão, ao affecto da capital, e ao decoro do paiz.

Espera-se que o credito predial será organisado brevemente, e affirma-se que o chefe d'este importante estabelecimento é o sr. conde de Avila. Tambem pertence a este mez a novidade de se ter aberto á circulação a linha do caminho de ferro do norte, de Lisboa a Soure.

É natural que as côrtes sejam prorogadas outra vez, porque ha negocios importantes cuja resolução depende ainda do parlamento. Taes são a reforma do exercito, a abolição da pena de morte, a liberdade da imprensa e a conclusão do orçamento.

N'estes ultimos dias propoz o sr. Pinheiro Osorio, deputado por Lamego, a abolição da hereditariedade do pariato. A proposta já foi lida duas vezes segundo ordena a Carta, e dá segunda mereceu a approvação da camara inteira com excepção de cinco deputados.

Diz-se que para terminar este isolamento, a que muitos chamam castigo providencial, viera por diversas vezes a Pariz o conde Clarendon, e que chegára a conseguir renovar sob novas bases a antiga alliança. Accrescentam que d'ahi provém realisar-se a conferencia, e adoptar-se logo o armisticio de um mez sob o principio da situação actual dos belligerantes (*uti possidetis*), e levantando os dinamarquezes o bloqueio dos portos allemães.

Não se alcançou porém este resultado sem que as forças navaes dos alliados saindo de Cuxhaven se encontrassem defronte de Héligoland com os vasos de guerra dinamarquezes, e sem que pelejassem ficando maltratados os austriacos, e attribuindo-se as marinhas adversas a victoria que nenhuma d'ellas alcançou completamente.

Na conferencia de Londres se está agora tratando de buscar o desenlace dos negocios da Dinamarca, e accredita-se geralmente que

a Inglaterra póde contar com a cooperação franceza para todos os esforços favoraveis á paz, e para algumas hypotheses de guerra. São todavia tão variados os pareceres a tal respeito que melhor é esperar pelos resultados do que aventurar juizos precipitados, e por isso menos reflectidos.

Está hoje a França livre das despezas e trabalhos do Mexico, porém a sua honra ainda se conserva empenhada ali, até que o novo imperio, constituido regularmente, assuma responsabilidade propria. Incommoda agora os francezes uma nova insurreição em Argel, e no corpo legislativo falta a antiga homegeneidade, bem que desappareceu ao mesmo tempo da maioria e da opposição. Os ministeriaes que resistiram á proposta da abolição do decimo de guerra, deram exemplo ás divergencias de Julio Favre e de Emilio Olivier na questão dos operarios.

Convém não occultar porém que muitos attribuem a resistencia dos ministeriaes a conselhos do proprio governo, cubiçoso de mostrar-se pacifico, e inclinado a diminuir as despezas, mas desejando que os deputados lhe obstem ao empenho. Referimos; não affirmamos.

Com quanto os destinos da Europa como que dependam da conerenciá de Londres, e das estipulações ajustadas dos dous lados do canal da Mancha, é certo que o estado do resto do continente ha de preponderar no animo dos diplomatas reunidos na capital da Inglaterra, e ainda que os assumptos da conferencia por sua naturesa sejam limitados á questão da Dinamarca, dos outros negocios europeus resultará a solução desejada ou a impossibilidade de a conseguir.

A Russia reune tropas na Bessarabia, e ameaça os Pincipados Danubianos por causa dos conventos gregos. O principe Cousa fortifica-se adoptando o suffragio universal. A Turquia previne-se com receio, e a diplomacia em Constantinopla entrega o negocio a uma commissão, que neutralisa as impaciencias de uns e o temor de outros. Ao mesmo tempo o governo russo parece alliado aos gabinetes de Berlim e de Vienna, e procura intervir no negocio enviando a Copenhague o proprio herdeiro da coroa.

II

Voltam-se ainda para as trez ilhas da Dinamarca os olhos da Europa, e discorrem a tal respeito com diversa opinião os homens mais versados nos assumptos politicos. A exiguidade da victima obriga a meditar nas cauzas que influem no animo dos sacrificadores, nem a Prussia pediria o auxilio da Austria, se não previsse desde logo que a Europa lhe quereria adivinhar os intuitos.

Se a Dinamarca fosse no Wurtemberg, em Nassau ou em Hesse

Darmstadt, a questão perderia grande parte da sua importancia, mas a contenda é com a nação que por accordo europeu tem nas mãos a chave do Baltico, e que pelo valor da sua marinha servia de contrapeso ás ambiciosas aspirações navaes da Prussia. E demais a Dinamarca é um estado sinceramente constitucional, um perigo permanente de contagiõ liberal para o governo de Berlim, e uma sentinella incommoda, collocada nas fronteiras da Allemanha que a ambição da Prussia deseja possuir.

Augmenta a gravidade da questão o facto de não ser a acção dos alliados proporcionada aos motivos que lhe deram origem, e notar-se que os principios de direito publico internacional, professados pela Austria e pela Prussia, dependem unicamente dos accasos da guerra, como se o invasor fosse aquelle Napoleão I, contra quem se coalisou a Europa queixosa de que ao norte e ao sul, ao nascente e ao poente dispozesse d'ella como os governos de Berlim e de Vienna querem fazer do Holstein, do Schleswig, e até do proprio Jutland. A Austria e a Prussia já se julgam desligadas dos compromissos de 1852, só porque as suas tropas venceram com o numero o valente e patriotico exercito de Dinamarca.

Tem semelhança com a entrada dos austriacos no Piemonte a invasão dos ducados. Questões de longa data, exacerbadas pelas negociações, em que se lhe procurava desenlace, antagonismo nos principios do governo, e na sua direcção politica, visinhança incommoda, confiança em alliados no territorio invadido, e necessidade de ir assegurar na guerra de hoje a paz de ámanhã. Todas estas causas influiram na invasão do territorio piemontez pelos austriacos, e não foram estranhas á occupação dos ducados pela Prussia e pela Austria.

Mas ao passar o Mincio os austriacos encontraram Napoleão III com a espada de França desembainhada em favor de uma idéa, segundo a phrase do proprio imperador dos francezes, e os prussianos não viram na margem de Elba o leopardo britannico, nem encontraram no Baltico as esquadras inglezas, com quanto soassem por toda a Allemanha as vozes do povo inglez promettendo auxilio e protecção á Dinamarca, e sollicitando uma e outra cousa da madureza de lord Palmerston e da gravidade do conde Russel.

Ao gabinete inglez não pareceu boa a conjuntura para imitar Napoleão III, e antes quiz passar na opinião geral por menos efficaz na protecção dos seus alliados, do que affrontar os perigos de uma guerra em que a França poderia não querer empregar-se activamente. Houve um instante em que a Inglaterra se viu mais isolada do que a França quando convidava a Europa a resolver no congresso de Pariz todas as questões do mundo.

Dá cuidado ao Czar a guerra da Dinamarca, porque todos os negocios para lá do Rheno podem cedo ou tarde determinar uma crise proveitosa ou fatal na questão polaca.

É contrario á Dinamarca o sentimento da Allemanha no que diz respeito á nacionalidade, mas desde que á questão se der outro caracter, as ambições da Prussia, e os interesses particulares da Austria não encontrarão talvez igual unanimidade na opinião das côrtes allemãs.

Está tranquilla a Italia, e os suppostos intuitos de Garibaldi ainda se não manifestaram por obras. Se por lá ha desordens, é nas universidades de Turim e Pavia, que o governo mandou fechar por não quererem os estudantes que um novo regulamento vigorasse no fim do anno lectivo. Em Roma ha tranquilidade, e a saude do pontifice não peorou.

Em Hespanha governam os moderados com pensamentos liberaes, e os progressistas, antigos adversarios da rainha Christina, mostram-se propensos á reconciliação, e de nenhum modo oppostos a que ella regresse a Madrid. N'este ensejo a Hespanha não parece desejar envolver-se nas questões europeas, e o governo anda empenhado em remover suavemente as difficuldades interiores que podem suscitar de futuro gravissimos incommodos.

As questões principaes de hoje, principiam logo além do Rheno, vão até aos pontos mais affastados do norte, e voltando pelo oriente, chegam pelo Tyrol ao quadrilatero italiano e podem avançar até Roma. E como as decisões da conferencia de Londres devem enfraquecer ou fortificar alguns dos interessados n'esses importantissimos negocios, a solução forçosamente será estudada nas exigencias do que chamam *equilibrio europeu* apezar dos desenganos com que a experiencia está advertindo os governos e os povos ácerca da impropriedade d'aquella expressão.

Na Europa ha impaciencias de paz e impaciencias de guerra; mas aos desejos pacificos não poderão sacrificar-se interesses que prejudicados causariam proximamente novas e mais porfiosas lutas, e os impulsos guerreiros terão de ceder á prudencia dos governos, e ás exigencias da civilisação actual.

Uma guerra como a dos Estados Unidos, agora entrada no seu quarto anno, e com apparencias favoraveis aos confederados, ninguem acredita que seja possivel na Europa apezar do desfavor com que muitos julgavam superior ao progresso moral do velho mundo o espirito juvenil dos republicanos do norte.

Emfim hoje póde dizer-se que as apparencias são de paz, e os estimulos todos de guerra.

A. A. Teixeira de Vasconcellos.

CHRONICA DO MEZ

conheço um bom homem — o que é raro, bem sei; se não fosse raro, não valia a pena de lhes dar parte d'isto. É da provincia, de onde são os bons homens todos. A reapparição da *Revista Contemporanea* produziu-lhe tal impressão, que o bom do homem, encontrando-me hontem, quiz communicar-me as suas sensações.

Está-me vendo, presadissimo amigo, — me disse — envergonhado e contricto a um ponto que não sei referir-lhe, e ao mesmo tempo bem satisfeito, — satisfeitissimo. Tão depressa arrisco um juizo, logo me cumpre reconhecer-lhe o erro: sou dotado de um genio bem intencionado, mas asno; ainda n'esta hora lhe soffro as consequencias, e é com summo gosto que me retracto n'uma opinião que aventurei á tôa. Quando me disseram que a *Revista Contemporanea*, — que tem sido, e cada vez o é mais, o jornal litterario por excellencia d'este paiz, — dava alta nas biographias escriptas por autores diversos, e apenas reservava para caso de excepção o não serem todas da mesma penna, imaginei que havia guerra entre os litteratos e todo o meu empenho foi pensar na maneira de estabelecer de novo a concordia entre escriptores que são as minhas delicias. Principiei a prégar a harmonia, a justiça, a fraternidade, o respeito reciproco do talento e do individuo. Sou de costumes suaves, tenho vivido longe do ruido, e sinto-me acima de todas as considerações amante da paz: — julguei tudo perdido. Gemi amargamente ao pensar que talentos tão queridos de nós todos, estavam talvez, Deus o sabia, a ponto de cruzarem a penna e esgrimirem até se escorcharem mutuamente. Cuidei ouvir assoviar todas as serpentes da discordia no campo das amadas lettras, e principiei a procurar com toda a pressa no jornalismo provas em auxilio dos meus receios. Noticiarios, folhetins, variedades, correspondencias, communicados, de toda a especie de periodicos que até então me eram

desconhecidos,—uma pessoa não póde conhecer tudo — reuni quanto se offereceu á minha avidez, disposto a ler fosse o que fosse, na esperança de que, por maior bordoada que reinasse entre os litteratos, tudo havia de serenar ao fazer-se-lhes sentir que semelhante desordem era em prejuizo seu. E ahi voltava eu as folhas, e lia, e procurava, e estava sempre á espera de encontrar diatribes salgadissimas e polémicas apimentadas...

Que admiração não foi a minha! Que pasmo! Que estupefacção deliciosa! Á proporção que caminhava, mais se me ia esclarecendo o horisonte. Céu azul por toda a parte, sol sem nuvens, uma serenidade universal. Elogios em toda a fileira, e que elogios! Um concerto de louvores rompendo como devota simphonia, nuvens de incenso capazes de fazerem espirrar os deuses todos da mithologia. Aqui um dithyrambo em honra do sr. Romualdo, verdadeiro hymno em prosa de atirar com um homem para o numero dos semi-deuses, cantado á maneira epica com quanto folego se póde desejar. Triunfo cortejo, e apotheóse. Nada chega a Romualdo. Romualdo é o Deus nos acuda do talento. Tudo aquillo de um effeito de ficar o leitor a tardar-lhe a falla. Receio que o sr. Romualdo, cuja modestia não entra em duvida, se tenha apoquentado com tanta ovação. Mais adeante dá-se uma serenata debaixo das janellas do sr. Tertuliano. Boa musica, melodias inexgotaveis, e modinhas a capricho; desde a introducção até ao descante não lhe falta nada; ha principalmente um sollo de flautim de uma doçura!... Lá me pareceu ouvir, mais d'aqui, mais d'alli, o estallar dos pratos, mas hoje gosta-se de bulha nas orchestras. e o sr. Tertuliano é tão bondoso que talvez nem désse por tal.

N'outro logar, alguns trechos apenas, mas muito sentidos e n'um estillo correctissimo, de uma composição do sr. Amancio, — com a competente apreciação. Ahi a superioridade do escriptor apresenta-se-nos duplicada pelas qualidades do homem, e offerece-se ao nosso enternecimento sua vida privada mais a sua estimavel familia: boletim circumstanciado de todas as phazes da sua carreira já tão fecunda, flores atiradas com antecipação á sua campa, consolação dos descendentes que talvez um dia venha a ter: descrevendo sem emphase suas perfeições mais intimas ao passo que vae contando a historia da sua magnifica obra. Diz-se alli de boamente que grandissimo talento tem, e o grande homem que é, além de sua boa figura, nobreza e dotes d'alma. Occupa tudo isto poucos paragraphos; não se podem fazer as coisas com mais simplicidade: é o que me encanta. Não se faz idéa quanto me é util para apreciar sensatamente a vallia e o estillo de um livro ou de um drama, obter taes revelações desafeitadas a respeito da pessoa de seu auctor, e ficar ao facto

de aonde é elle empregado, se gosta do actual ministerio, quantos annos tem, saber-lhe a côr dos cabellos e se os conserva todos.

Prosegui na minha tarefa, jornaes e mais jornaes, devorando-os cada vez com mais ancia.

Ahi deparei com um, consagrado á exaltação do sr. Ezequiel. N'um tom grave, sisudo, de convicção, analysava-se o seu merecimento tão variado e ao mesmo tempo tão profundo. Como se lhe percebêra o condão! Como lhe denunciavam as prendas! Até que emfim prestava-se-lhe justiça; justiça sem restricção, nem sombra de critica, observação de qualidade alguma que viesse perturbar o enthusiasmo; avultava a obra na sua immaculada alvura como uma perola pura sobre o velludo escuro do cofre. Perdôe-se-me esta bolha de poesia, arrastou-me o exemplo; o que eu queria dizer na minha é que essa joia litteraria era digna do cravadôr.

Depois, inchado de satisfação, passei ainda alguns jornaes pela vista e convenci-me que o sr. Hemeterio não tem de que ter inveja dos seus emulos; dá-se-lhe tambem um bom quinhão de louvores; não se esqueceram d'elle, está senhor de uma carrada de loiros! Não coube nas minhas forças ler mais, estavam a arrasar-se-me os olhos de dôces lagrimas, parei ditoso apesar de estafado; são proprias da felicidade certas deliciosas canceiras.

O grande caso é que encontrei juizes para prestarem aos litteratos predilectos o tributo, que merecem por tão justos titulos. Seus dictames, que parecem fallar pela voz da minha alma, são perfeitas coroações e déra-me por feliz se houvesse dictado taes recompensas. Pois, os considerandos! aquillo é que era fallar! Eu proprio, em toda a minha dedicação illimitada, não era capaz de ir mais longe. Menos habil nas prendas e gallas do dizer, póde ser que não houvesse dito tanto. Faça-se por isto idéa da minha alegria! E eu, injusto e cego, que ousára suspeitar os litteratos de não terem meiguices para os seus rivaes! Falsissimo; não tinha visto bem, tinha sido mal informado, folgo de o declarar, nada ha que esteja mais longe da verdade augusta. Encontrei ás vezes, isso sim, diatribes acerbas, cruellissimas personalidades, e pitadas escandalosas... mas, que importa lá! que avultam essas isoladas dores perante o magnifico espectaculo que se offereceu a meus olhos? Quando se elevam as argentinas vozes de um concerto seraphico, porventura póde o ouvido encantado escutar os assovios da vibora escondida por baixo da relva? Perdôe-se-me novamente este rasgo, mas não sei que repuxo de lyrismo me subiu hoje á cabeça, resultado sem duvida do alegre abalo por que passei, e que, provavelmente, não será de longa duração.

E, apesar d'isso,—custa a crer! ninguem de hoje em deante pó-

de admirar-se de coisa alguma!— houve quem pretendesse empanar a alegria sem mescla de que meu coração se acha inundado. É certo. Um sujeito houve de animo tão ruim, que tentou arrancar-me esta alegria, despoetisando a plausibilidade de minhas impressões novas e desfigurando o nobre motor das pennas mais sinceras. Ha gentinha d'esta laia, indoles inviusadas, genios pichosos, quezilados de tudo e por tudo, e não vendo senão o ladó feio das coisas. Triste officio, que bem merece mais o dó que a colera; naturezas infelizes com as quaes uma pessoa não deve sequer occupar-se. Fez-me observar esse individuo, um ponto em que eu não tinha reparado, — o qual vem a ser que o periodico que gabava tanto o sr. Romualdo é o mesmo periodico em que o sr. Romualdo publica de ordinario as suas producções: que o jornal que consagra elogios fervorosos ao sr. Tertuliano, é o jornal que o sr. Tertuliano honra habitualmente com a sua collaboração: que a folha, que celebra o sr. Ezequiel com tanta expansão, publica ao mesmo tempo escriptos do dito sr. Ezequiel: que o mesmo acontecia ao sr. Hermeterio, ao sr. Cyrillo, ao sr. Amancio, e ao sr. Athanazio. Até intentou demonstrar-me que em muitas circumstancias ía o elogio antes da obra, que ficava por essa maneira acclamada antes de ter nascido!

E então? Que mais?! Já cuidam por isto que dou com as opiniões em terra? Que é que provam essas perfidas insinuações senão o espirito de benevolencia e de fraternidade que inspira os litteratos entre si, independente da alta que se deu nas biographias da *Revista*, visto que em todos os jornaes é a mesma coisa! O que póde haver mais pathetico, do que vel-os prestarem-se por este feitio alternada homenagem, um depois do outro, cada qual por sua vez, e sem nenhum perder o quinhão que lhe toca, esperando que lhe chegue a occasião! Quando mesmo tão legitima homenagem se eleve do grupo que elles formam reunidos, do edificio que sustentam em commum, do mesmo jornal emfim, não deve ver-se n'isso mais uma prova do pouco ciume que os anima e de sua pasmosa imparcialidade? Pois que! Apesar da intima visinhança em que vivem, estimam-se e congratulam-se! Que melhor resposta se póde dar aos que pretendem que jámais a guerra é tão viva como entre visinhos e dentro das familias? Pelo que me respeita, acho esta devota alliança, esta simpathica organisação em sociedades de soccorros mutuos, seja-me licito dizer assim, do melhor e mais proficuo exemplo, e sinto-me sensibilisado no fundo do meu coração.

Considere de mais a mais de que vantagem isto não é para mim ledôr constante, e que preciosa economia de tempo e de fadiga. Em um dos meus auctores predilectos publicando um escripto, que eu tenha lido e de que deseje formar uma opinião cordata, incapaz co-

mo sou de o julgar por mim, recorro aos jornaes;— não ha coisa mais simples!— e evito por essa fórma qualquer embaraço, livrando-me de ir consultar os auctores competentes, ou de andar por esse mundo de Christo a fazer perguntas a um e a outro, tremeleando entre pareceres diversos; d'aquella maneira, é ir um homem por caminho direito: não ha coisa mais commoda.

Podem responder-me a isto que, segundo esta regra, os trabalhadores solitarios que não pertençam a grupo algum nunca poderão obter o seu contingente de elogios, expostos perpetuamente ás descargas de todos os pelotões; não me deem razões tão ruins: despreso completamente quem não sabe arranjar amigos. O grande caso para mim é que nada perco que a *Revista Contemporanea* dê todas as biographias pelo seu director ou as encommende fóra; e mesmo se não continaurem de numero em numero, ficando assim, como outro dia ouvi dizer no Passeio um sujeito que me asseguraram ser o sr. Ricardo Guimarães — «a biographia mais estensa que a vida do biographado,»— nada tenho a recear, porque me consolarei com os jornaes do paiz, que todos os dias me estão a dar a respeito dos litteratos opiniões bem assentadas, de que uma pessoa póde servir-se á noite para as sustentar em qualquer conversa, quando não tenha mais que fazer, em casa de alguma familia onde se tome chá. Já me disseram, um d'estes dias, que ainda ha alguns jornaes, tão pirronicos e fosseis, que recusam adoptar um methodo tão perfeito; não posso crêr, mas, se assim é, espero que o tempo e o exemplo ponham cobro n'isso!

Assim fallou o bom homem, meu conhecido.

Não faço considerações ácerca do que elle disse para não demorar a chronica, que hoje de mais a mais não tem assumpto; os assumtos que ha, são os unicos que podem esperar; aos que não ha, é preciso acudir-lhes logo: é da praxe. Vamos a elles.

No theatro de D. Maria appareceu, e por signal bem traduzido, o melodrama *Helena*. Não sendo da competencia dos chronistas julgar convenientemente esta obra, foi preciso chamar um chimico; o chimico está occupado em estudar as combinações illicitas d'este attentado em cinco venenos,—ou, digo, em cinco actos. Estão principalmente implicados n'esse desacato o sr. Theodorico, por se permittir namorar, caindo de joelhos aos pés da sr.ª Gertrudes; e a sr.ª Manuela Rey, por accumular os empregos de tysica e envenenada, não morrendo de uma coisa nem d'outra, e até salvando-se da tysica pelo veneno. Esperam-se os artigos da *Gazeta Medica* e do *Escholiaste* a este respeito.

Um menino de nove annos, loira e formosissima creança em cuja phisionomia inspirada o dedo de Deus marcou o rayo do genio: ga-

lante *migalha de gente*, como diz o povo, com a alma de um poeta e a força de um artista: um pianista pequenino, com o talento de um grande pianista: um Liztz de jalequinho de velludo, a quem as senhoras dão beijos, os homens palmas, os empresarios dinheiro, e os donos de casa bôllos: genio infantil, que tão depressa se incendeia nas confidencias ardentissimas da sua alma com o piano, como brinca e surri ingenuo, mais alegre pelo seu chapeo novo do que pelos seus triunfos, e capaz de responder como o pequeno de um conto hespanhol a quem perguntavam que coisa é o orgulho — «O orgulho..., é quando me vejo ao espelho e acho que tenho os olhos bonitos!»: um artista, emfim, porque o é, um pianista, um concertista, applaudido e festejado em Lisboa pelo melhor publico *dilletante*, o publico dos salões, victoriado tambem nos theatros pelo enthusiasmo instinctivo das platéas, hoje conhecido de toda a gente e de quem toda a gente ha-de lembrar-se ámanhã; Hernani, para que tudo diga, Hernani, o pequeno portuense, que, tanto como outr'ora Victor Hugo pela poesia, merece pelo dom da musica o epitheto de *enfant sublime*, deu no salão do theatro de D. Maria o seu concerto de despedida, e parte em breve para o Brasil, que de certo fará justiça ao scintilante talento, á execução vigorosa que de fórma alguma denuncia um pulso de creança, ao ardor, ao enthusiasmo, e mais que tudo, á paixão,— dote que de ordinario só acompanha as almas que teem já atravessado a vida e que não apontam apenas innocentes e descuidosas no limiar da existencia. O piano debaixo d'aquelles dedinhos frageis torna-se n'uma verdadeira orchestra; são rajadas de notas que passam no teclado com a rapidez e o estremecimento de um vento de tempestade na rama das florestas. É incrivel que uma creança consiga taes prodigios de execução! Que brilhante futuro deve o trabalho reservar a quem como promessa já Deus deu tanto!

Tambem de nós se despedem os campanologos, indo ao Porto *em companhia da companhia* do Gymnasio. Esta alegre familia que parece haver inventado a paciencia, e que, desde a sineta de portão de quinta até á campainha de colleira de cão, descubriu e calculou toda a gamma com tal precisão harmonica que é maravilha, tem dado ao theatrinho do Gymnasio, mesmo atravez dos calores de maio, enchentes successivas; isto deve-se em parte á certeza em que desde logo se acha o publico de que vae ouvir um instrumento muito seu conhecido e que elle proprio toca com frequencia e exito, — campainha de porta! Nasce d'esta importante circumstancia um duplo interesse,— e assim se explica tambem essa enorme afluencia, elevando-se os bilhetes da melhor platéa a oito tostões, o que é quasi o preço por que se compra... um sino!

Na ultima chronica Miguel Keriol,—peço aos srs. compositores que não componham *Girasol*—foi crismado em Beriol. Beriol em estyllo popular é um termo de alcoolica gravidade, que a ninguem vae menos que áquelle cavalheiro, tão excellente empregado como *sobrio particular*. É verdade que tambem eu na chronica lhe chamei activo e os srs. compositores preferiram chamar-lhe *antigo*, passando-o a veteranos sem mais attenção. O que haverás tu pensado de todas estas desattenções, meu bom Keriol!?—Peço aos srs. compositores que não componham *Caracol!*

As duas grandes novidades do mez, são o assassinato na pessoa da sua amante por um soldado da municipal,—se já a policia mata quem hade agora fazer a policia... da policia?—e o predio novo ao Passeio Publico, predio que tem estado em exposição. A toda a hora, mesmo emquanto ha sol, não cessa de estar gente parada examinando-o; outros mais curiosos ou mais felizes sobem, entram, e veem depois dar voto ácerca da excellencia das salas, das magnificas pinturas de Procopio, da elegancia de construcção, e até da belleza dos papeis que forram alguns quartos: durante este tempo, o povo ao longe, como nos bastidores de theatro, sussurra: «O terceiro andar anda em 800$000 réis!»

Em 800$000 reis um terceiro andar?! Assim é. Para ser admittido a entrar como inclino de semelhante propriedade, suppõe-se necessario um grande numero de condições que escapam á primeira reflexão; é muito menos difficil, como sabem, entrar para socio da academia. Faz-se idéa de que um pretendente a inclino de qualquer andar d'este predio precisa ter com o senhorio explicações as mais minuciosas. O senhorio primeiro que tudo mostra-o á sua familia e faz consulta; se o sujeito não é reprovado á simples vista, fecha-se com elle n'um gabinete, examina-o com descanço, e se o homem não tem uma phisionomia desagradavel, se tem boas maneiras, voz insinuante, e bonito cabello, manda-o sentar e pergunta-lhe quantos annos tem, como se chama, qual é a sua profissão, se é de temperamento lymphathico, ou sanguineo, bilioso ou nervoso, apalpa-lhe o pescoço, despede-o se o homem tem pescoço curto e favoravel a apoplexias, depois quer saber a que horas recolhe, que amigos tem, se fuma, se pertence á maçonaria, se usa bota cosida ou pregada etc. etc., e, no caso de o acceitar, intima-lhe suas condições não esquecendo a de estar á janella duas vezes por dia, esfregando as mãos ou cantando, para inspirar inveja a quem passa pela rua e dar valor ao predio. E o povo, ao longe, continua a sussurrar: «Oitocentos mil réis! O terceiro andar em oitocentos mil reis!!!»

JULIO CESAR MACHADO.

CHRONICA DE MODAS

ou eu!

Não me esperavam já, não é verdade? Folheavam, folheavam a brochura, e approximavam-se da ultima pagina, esquecendo-se totalmente da minha existencia, quando eu, que procurára um abrigo á sombra da capa amarella do folheto, saio da minha emboscada, e lhes brado com a ufania d'uma pessoa, que tem a consciencia de cumprir religiosamente as suas promessas: «Eis-me aqui.» Acolham-me bem ou mal, mostrem prazer ou despeito vendo-me surgir inesperadamente, o que é certo é que eu fui ponctual, muito mais ponctual do que se se tratasse d'um *rendez-vous*.

Mas, para lhes dizer a verdade, o termo da comparação foi mal escolhido; porque se ha coisa, em que a ponctualidade da parte das senhoras seja absurda, é n'uma entrevista amorosa.

Leitoras, agrupem-se em torno do meu pendão. A divisa, que eu n'elle inscrevi, vale por si só um tratado completo d'estrategia feminina. Essa divisa é a seguinte: «Fazer-se esperar.» É este o elixir de longa vida dos namoros. Resume-se n'esta frase o segredo do nosso imperio.

Dizem-me que um sugeito romano, que vivia no tempo em que toda a gente ia a Roma e não via o Papa, pelo simplicissimo motivo de o não haver ainda, um figurão chamado Ovidio, pessoa que tinha um grande talento, e um nariz ainda maior, era tão versado em todas as manhas femininas, tão habilidoso em as desconcertar, tão experimentado em casos d'amor, que se déra ao trabalho de escrever dois livros, um intitulado *Arte de amar*, e outro *Arte de desamar*, nos quaes elle ensinava todos os preparatorios do namoro, e todas as tricas da separação. Na rede subtil, composta por elle, iam-se embrenhar todas as mosquinhas gentis, que esvoaçavam no Passeio publico de Roma, e não havia armadilha feminina, que resistisse ao sopro triumphante d'esse doutor em amores.

Vivesse elle no nosso tempo, o sr. Ovidio Nasão, e Clotilde me não chame eu, se o não fizesse assistir, durante uma noite inteira, á grandeza e decadencia da espertina das patrulhas, ao ponto dos

varredores, e á passagem dos leiteiros. Arranje-me a costureira uma cintura abominavel, se não fosse capaz de conduzir atados ao meu carro de triumpho todos os exemplares dos dois poemas, e o seu auctor *par dessus le marché*.

«Fazer-se esperar» eis as duas palavras magicas, que reduzem a nada todas as theorias de Ovidio, e dos seus sectarios.

Vem o namorado ás onze horas da noite: v. ex.ª, minha gentil leitora, já esta por traz dos vidros da janella contemplando os ares triumphadores com que elle chega, vê-o parar diante da casa, e esgotar todo o reportorio dos avisos lyricos convencionados; a pouco e pouco vê-o desanimar, impacientar-se, abaixar-se, apanhar uma pedra, escorregar, quem sabe? caír talvez; deixe-o cair, os trambulhões avivam o amor, e este affecto, como Anteo, toma novas forças ao tocar na terra. Vê-o depois atirar a pedrinha com mão destra e ligeira, esperar com o ouvido á escuta, passeiar com modos affectadamente distrahidos para não dar suspeitas ás patrulhas, contar as horas, que soam no relogio mais proximo, cantarolar uma aria impossivel, e bater o compasso no chão com um pé impaciente. E, depois de o ter visto afflicto, desesperado, torturado, dirigindo ás paredes gestos de imprecação, erguendo para o firmamento as mãos e o chapéu, appareça magestosa, tranquilla, serena, radiante de belleza, adoravel como a estrella que fulge apoz a cerração, e vê-o-ha ébrio d'alegria, d'alegria tanto maior quanto maior for o abysmo de desesperação, em que pouco a pouco se engolphára, e conhecerá quanto é verdadeira a maxima, que eu cifro nas duas simples palavras: «Fazer-se esperar.»

Maxima que eu ponho em pratica, como vêem, excitando a curiosidade da leitora, e demorando-me em satisfazel-a. Tenha paciencia. Se o Purgatorio é a ante-camara do Paraiso, consintam em que este prologosinho *de ma façon* seja tambem a ante-camara do Paraiso das modas parisienses, onde vou finalmente fazel-as entrar.

Não sabem o que lá vai por França? Que agitação, que perturbação, que desordem! Os homens roubam ás senhoras o seu trajar, e as senhoras não desdenham as represalias! As fitas femininas fluctuam nos chapéus masculinos; substituem as gravatas, e o *bonet* de pala dos tocadores de realejo vai-se poisar atrevidamente nas tranças fartas das parisienses. O sexo forte inunda de joias o seu vestuario, e o bello sexo trata de adoptar as jaquetas militares, e, o que ainda é peior, os fraques.

Eu não sei como nos salões se hão de distinguir os dois sexos. Um myope corre o seu risco de fazer uma declaração a um elegante, e uma senhora, que tenha a mesma falta de vista, póde trocar olhares cheios de fogo com uma sua amiga de collegio, que ella não co-

nheça, vendo-a revestida do trajo feminino, com as emendas masculinas.

Que mania teremos nós de ir procurar no desgracioso fato do outro sexo um ou outro fragmento, que annexemos ao nosso, incontestavelmente mais elegante? É inexplicavel, e estes caprichosinhos estão dando direito aos homens de nos fazerem essas banalissimas accusações de leviandade, que constantemente nos dirigem.

Eu não quero dizer que não julgue gracioso o revestir-se uma ou outra vez uma senhora elegante com o fato masculino, e mostrar que a belleza, como o sol, illumina os objectos mais horrendos. Desenhe, de vez em quando, o casaco justo uma delicada cintura, e saiam do chapéu, posto *coquettement*, os anneis loiros ou negros d'um fino cabello ondeado. É original, é elegante. E Hégésippe Moreau, poeta que, como podem imaginar, eu nunca li, tinha razão em entoar, com enthusiasmo, uma canção que eu não conheço, apresso-me em dizel-o, e cujo estribilho, que eu adivinhei, diz assim:

Oh! qu'elle est bien!
Oh! qu'il est bien!
Beau masque, à ce joli costume
Pour mon bonheur ne change rien.

Ainda assim, quando o capricho das senhoras as levar a mascararem-se de homens, aconselhar-lhes-hia que revestissem o delicioso trajar do seculo XVIII. Um pé bonito brilha mais encerrado no mimoso sapatinho *au talon rouge* dos nossos antepassados, do que na bota grosseira dos nossos contemporaneos. Os cabellos, ligeiramente polvilhados, formam uma linda moldura a um rosto gentil, e dão um grande realce ao brilho aveludado dos olhos.

E a proposito de pós, souberam que a moda em França mostrou certas tenções de voltar aos bons tempos de Versailles e Trianon. O pó começava a introduzir-se a pouco e pouco, subtilmente (como é natural) sorrateiramente, apresentando-se primeiro sob um aspecto doirado, com o modesto e despretencioso fim de dar mais esplendor ás tranças loiras das senhoras. Comtudo a moda parou de repente n'esse caminho retrogrado, e sentiu-se possuida d'uma subita sympathia pelos cabellos ruivos. Actualmente é moda em França ser ruiva. A Adriana de Cardoville de Eugenio Sue teve uma rehabilitação posthuma.

Mas o que ha de fazer quem não fôr ruiva? pergunta a leitora. O que ha de fazer? Tingir o cabello; a moda dá essa authorisação; é horrivel, não é verdade?

Ah! que se essa despotica soberana não apresentasse, para com-

pensar os seus abusos de poder, uma nova e deliciosa fazenda de verão não sei se lhe perdoaria. Mas que remedio! se os seus caprichos ás vezes são tão incantadores!

A nova fazenda tem sido baptisada por differentes maneiras. Umas vezes chama-se tafetá da China, outras vezes *foulard* do Japão, outras vezes tecido mexicano. E sabem por fim de contas o que é este tecido mysterioso que só quiz acceitar cartas de naturalisação em differentes imperios, e que esteve á espera da decisão do archiduque Maximiliano para receber o terceiro baptismo? É simplesmente pello de cabra, muito largo, muito fino, muito sedoso, muito brilhante, macio e forte ao mesmo tempo, e sempre ligeiro; emfim o bello ideal das fazendas de estio.

Esta fazenda ha de se usar muito na calida estação, como se póde imaginar que succederá a uma novidade; tambem não hão de ser desprezados os vestidos brancos, com enfeites pretos de veludo e rendas, ou enfeites de tafetá de côres vivas.

As sombrinhas estão classificadas por dimensões. A sombrinha marqueza só anda de carruagem, é toda pequenina e mimosinha, guarnecida de rendas. A sombrinha, que anda a pé, é um pouco maior; as côres adoptadas são cinzenta, branca ou *havana*.

Os chapéus redondos continuam a usar-se para o campo, porém mais compridos adiante e atraz, e mais curtos dos lados.

Conclui. Eu restringi-me d'esta vez, porque tinha immensas coisas que noticiar. Não quero ser infractora da regra da rhetorica moderna que ordena: «Fallar muito, quando não ha nada que dizer.»

CLOTILDE Z.

José da Silva Carvalho

Rot d'Acad Real B. d. de Lo.

JOSÉ DA SILVA CARVALHO

I

Quando recordâmos os successos, que encheram de ruido e catastrophes a primeira metade d'este seculo, quasi que duvidâmos da realidade, e tudo nos parece devaneio, ou sonho!

Os acontecimentos correm e atropellam-se por tal modo; a scena e os actores mudam tanto a miudo; e as revoluções rebentam e seguem-se com tão incrivel rapidez, que a imaginação suspensa não sabe qual deva admirar mais, se o repente e novidade das cousas, se a grandesa e instabilidade dos poderes, que a fortuna caprichosa levanta e derruba um apoz outro com assombro dos contemporaneos, e pasmo talvez da posteridade.

Nós os herdeiros dos sacrificios e do raro esforço da geração, que nos precedeu (da qual estamos vendo desapparecer os ultimos representantes), ainda nos achâmos muito proximos dos

homens e dos factos para os apreciarmos imparcialmente. Cegam-nos os prodigios com o seu fulgor, e a voz imperiosa das paixões não consente por ora que escutemos a grande voz da historia. Quando a distancia se alargar, e o silencio emudecer os echos do que hoje é presente, quando bater a hora do porvir e da verdade, terá chegado o momento de contemplarmos o monumento á sua luz, e de julgarmos os obreiros sem illusões.

Entre os vultos, que sobresahiram na agitada época, que rompeu com a aurora da liberdade em 1820 e se corôou com as palmas e louros do Porto e dos Açores em 1833, um dos mais illustres foi José da Silva Carvalho. Superior na constancia e na generosidade, a sua alma não cabia em terra tão pequena; e se lhe correspondessem espirito, e engenho de iguaes quilates, Portugal, nos modernos tempos, apontando só para este filho, poderia disputar primasias ás nações mais desvanecidas com a extensa galleria de seus varões insignes. Poucos, nenhum talvez atravessaria dias tão tempestuosos, colheria dos proprios exemplos a fortaleza contra o proprio infortunio, e pelos milagres de sua fé e a energia da sua vontade acabaria por suplantar a desgraça, vencendo o impossivel!

Afrontar a morte no campo entre o sibillar dos pelouros e a brava alegria das batalhas é muito menos, do que esperal-a sem tremer perto das escadas do patibulo, ou vel-a avisinhar-se, fria e desconsolada, pela mão da enfermidade, rodeada das tristezas e miserias do exilio. Ambas estas dores filhas da injustiça dos odios civis, visitaram a Silva Carvalho, duas vezes proscripto, e duas vezes restituido á patria. O valor do seu animo nunca se desmentiu; e quando raiou de novo o dia da lucta a necessidade inexoravel encontrou-o outra vez no seu posto em toda a esperança e viço dos annos da juventude como se a idade madura não tivesse já chegado para elle. Os perigos já o conheciam. Arrostando-os na serena intrepidez de um coração affeito a desprezal-os; vendo-os crescer e apertar com a indifferença sublime, de quem fôra educado na escola dolorosa da experiencia, commovia-se menos, com seus assaltos, do que os veteranos endurecidos e familiarisados na companhia d'elles.

O duque de Bragança, que não era facil de enganar com os homens, formava elevado conceito do seu ministro. Tinha-o avaliado em mais de uma occasião suprema, d'essas em que os minutos se contam por seculos, e os mais bellos instinctos se revelam sem véo, e sabia que nos maiores lances podia contar com elle como comsigo. Entre as incertezas de hoje e os receios

de ámanhã, entre a morte do soldado e o supplicio do proscripto, havia-o observado, e nunca devisára n'aquella grande alma signaes de susto, ou torvação. Quando os mais fortes vacilavam e estremeciam de não poderem romper as trevas, que os rodeavam, nunca no semblante do confidente de seus heroicos designios percebêra leve um relampago de temor, ou o menor assomo de sobresalto. Fiel ao culto do dever, resignado com a sorte, que Deus quizesse mandar-lhe, offerecia a cabeça ás balas ou ao verdugo, que de um para outro instante podiam vir, se uma das brechas guardadas quasi a peito descoberto, désse entrada aos que dia e noute as combatiam, ajudados das estreitesas do assedio, e dos flagellos do contagio.

Concluida a missão da guerra e silenciosas e ensarilhadas as armas, fallaram os principios, e coube ao imperador e a seu ministro a maior gloria de serem ainda os fundadores da liberdade portugueza, duas vezes aclamada e duas vezes demolida pelo erro dos que a não tinham sabido edificar.

Foram muito estranhadas dos devotos do altar e dos devotos da doutrina liberal essas leis da primeira dictadura, verdadeiros plebiscitos promulgados por entre o fumo da polvora e o clamor das facções. Era o machado lançado á raiz do velho tronco, e os que se alimentavam da seiva entorpecida, que elle ainda conservára, não perdoaram aos vencedores a queda dos antigos abusos e a queda das antigas esperanças. Os golpes apontados debalde em 1821 e 1826 aos esteios apodrecidos do absolutismo feriram certos d'esta vez, e vendo por terra todos os andaimes, d'onde tinham apupado e perseguido a salvo o systema representativo, os homens do passado principiaram a receiar, que fosse de todo impossivel para elles uma terceira resurreição.

Os decretos de Mousinho da Silveira, de Joaquim Antonio de Aguiar, e de José da Silva Carvalho derrubaram as cidadellas da reacção, e desobstruindo o terreno proporcionaram aos que vieram depois a área precisa para mais solidas construcções. Os fanaticos, os hypocritas e os falsos sacerdotes do regimen constitucional queixam-se e accusam de exagerados os ministros de D. Pedro. Queriam talvez, que a revolução triumphante fosse ajoelhar em S. Vicente junto das cinzas de D. José I, ou de D. João V, ou que limpando dos fios da espada o sangue a gotejar, e do rosto o suor e o pó dos combates, os soldados e os estadistas da nova época se deixassem adormecer, como os legisladores de 1820 e os timidos doutrinarios de 1827, ao som dos hymnos, das proclamações, e dos discursos.

D. Pedro vio melhor; vio mais adiante! Metade da guerra fôra feita e vencida com as armas; restava a outra metade, mais difficil talvez, mais fecunda de certo pela acção que ia exercer sobre o futuro, e essa não podia ser acabada senão com a penna. O principe honrou-se concluindo ambas; e o seu nome, e o dos que o coadjuvaram, ainda será mais illustre pelo que destruiram e fundaram no gabinete, do que por tantos rasgos portentosos, que ornaram a sua Illiada desde a Terceira até Lisboa!

II

José da Silva Carvalho nasceu em uma pequena terra da Beira, chamada a villa Dianteira, no concelho de S. João de Areias, districto de Vizeu, no dia 19 de dezembro de 1782, foram seus pais José da Silva Saraiva e D. Anna de Carvalho, lavradores pobres, mas laboriosos aos quaes a estreiteza dos meios não tolheu o honroso proposito de educarem seus tres filhos para os primeiros cargos do paiz. Primogenito, e estimado de seus irmãos e parentes pelas qualidades, que desde a infancia principiou a manifestar Silva Carvalho, cursou no seminario episcopal e no collegio das artes de Coimbra os estudos preparatorios com aproveitamento e matriculou-se alumno da nniversidade, na faculdade juridica, no anno de 1800. O seculo começava, e das sementes lançadas pela revolução de 1789, apesar de toda a vigilancia de um governo timido, como era o do principe regente D. João, algumas tinham já caido sobre o nosso solo adormecido, e iam germinando, encobertas e comprimidas, no espirito inclinado a novidades de um, ou outro mancebo mais inquieto.

Apesar de muito aplacados n'este reinado os rigores do governo severo e reformador de D. José I, Silva Carvalho conteve tão pouco o seu enthusiasmo juvenil pelas idéas de Mirabeau, e de Meunier, que mezes depois da sua formatura a policia e a inquisição se uniam para syndicarem do seu procedimento, e de suas idéas. Não custou porém, a açaimar as iras dos dois cerberos. O santo officio, desde que o marquez de Pombal lhe vedára os sequestros já não ardia no mesmo zelo, e a fogueira do padre Malagrida, mais politica, do que religiosa, fôra a ultima fogueira acesa por elle. A policia, ainda boçal e inexperiente, tentava ensaios encolhidos, porém estava ainda longe das perfeições, que annos depois caracterisaram a sua actividade.

Sem brilhar como estudante de grande fama, Silva Carvalho applicou-se com a assiduidade necessaria para merecer a approvação dos lentes, e em 1805 sahia da cidade das lettras para a

capital presado dos amigos e bemquisto dos professores. A sua leitura no desembargo do paço, feita dois annos depois, não o prejudicou; e no mez de agosto de 1810 já nas vesperas da segunda invasão franceza abrio-lhe a carreira, da magistratura o despacho de juiz de fora da villa de Ricardães, terra situada na orla da estrada militar de Lisboa ao Porto, proximo de Agueda e do Sardão, aonde as tropas em suas marchas pernoitavam quasi sempre. Todas as povoações visinhas padeciam òs estragos com que mesmo a guerra defensiva assola os sitios, que atravessa. N'esta lucta sem quartel, ferida de uma parte por Wellington, e da outra por Massena, jogavam-se os ultimos golpes, e os boletos, transportes e requisições de viveres, agravados pelas rapinas e insolencias da soldadesca desenfreada acabavam de arrazar o que a furia inimiga tinha poupado.

Dotado de animo generoso e indole compassiva, e obedecendo aos nobres impulsos do coração, o novo magistrado empenhou todos os poderes da sua auctoridade em minorar aos infelizes moradores o peso insupportavel das extorsões militares, sustendo a balança igual, quanto possivel, entre humildes e poderosos. O governo, cousa rara (!) soube e premiou estes actos. Ao findar o seu triennio em Ricardães com a reputação de intrego e humano Silva Carvalho recebeu em 1814 o despacho de juiz dos orphãos do Porto, cidade aonde ainda hoje são lembrados os rasgos de caridade, com que honrou a sua administração.

Esta recompensa de serviços prestados em cargo obscuro foi devida, segundo se affirma, á recommendação omnipotente de lord Wellington, attraido pela presença e modos hospitaleiros do juiz de Ricardães, e á petição quasi unanime dos habitantes da villa e seu termo. A regencia ordenou que elle exercesse commulativamente com as funcções de juiz dos orphãos as de auditor militar na provincia de Entre-Douro e Minho. Mal previa ella, que patenteava sem o suppor, a entrada da arena politica ao homem, que seis annos depois havia de ser o campeão estrenuo das idéas novas e das liberdades publicas!

A conspiração denominada de Gomes Freire, suffocada pelo algoz com severidade pouco penetrante, deu o primeiro rebate. O patibulo de S. Julião da Barra e as fogueiras do campo de Santa Anna não fizeram senão irritar a cholera do paiz contra o jugo estrangeiro, cholera agravada pela submissão do governo á tutela ingleza. A ausencia do soberano, a emigração das familias nobres, e as remessas de grossos cabedaes para o Brazil, desfalleciam o reino, tornando-o quasi colonia opprimida

e estancada. A regencia, frouxa, inhabil, e detestada, estava aos pés de lord Beresford. O sangue dos martyres de 1817 poz remate á sua impopularidade. O resentimento de tantas humilhações, a impaciencia da servidão mal disfarçada, e o espectaculo dos acontecimentos de Hespanha, não concorreram pouco para animar as esperanças dos poucos, mas escolhidos cidadãos, que desde 1818 se votaram á causa liberal. Entre elles deve reputar-se verdadeira alma da empreza Manoel Fernandes Thomaz, juiz da relação do Porto, muito conceituado pelos seus escriptos e pela sua rectidão. Agregando ao plano da revolução os homens, de que mais podia confiar-se, no fim de tres annos de continuados esforços vio-os coroados de glorioso resultado na manhã de 24 de agosto de 1820. Silva Carvalho, confidente de seus designios desde o começo, assim como Ferreira Borges, João Ferreira Vianna, e Gomes da Silva, tomou desde então nos successos a parte importante, que o seu merecimento e o pendor das cousas lhe facilitaram.

Membro da junta provisoria do governo supremo do reino em 1820, presidente do senado de Lisboa em 1821, e depois ministro e secretario de estado dos negocios da justiça teria salvado a liberdade no momento opportuno se ella não custasse sempre aos povos um longo noviciado de lagrimas e sacrificios. Agradavel e gentil, cheio de benevolencia no caracter e nas maneiras, mais homem de acção, do que de theorias e palavras, póde dizer-se que resumia, e quasi consubstanciava em si as prendas e tambem os defeitos felizes d'essa democracia incipiente, culta, e meio envergonhada, cujas illusões deleitavam as apostrophes do honrado e candido Borges Carneiro, as dissertações academicas do sabio Trigozo, e a facundia natural do impetuoso Moura. Cercado de amigos e rodeado de sympathias entrou no paço, e assistio aos conselhos e despachos do senhor D. João VI, com aquella isempção nobre, que sem ommittir o respeito, nunca se quebrou em lisonjas, ou em condescendencias aulicas, nem soube nunca mentir ao rei, ou á verdade. D'estas relações se gerou no coração do monarcha a amisade, que não encubrio mesmo aos inimigos do ministro, e no animo hostil da rainha, talvez ferida de alguma offensa de orgulho femenil, o odio implacavel, que a queda, as desgraças, e o tempo não amorteceram.

São muito conhecidos os successos de 1823. Reanimada pelos erros do governo e do congresso pelas circumstancias, e pelos auxilios de fóra, a reacção triumphou. D. João reassumio o poder absoluto, não sem alguma saudade talvez da sua tão com-

moda inviolabilidade constitucional, e a famosa proclamação de Villa Franca registrou a solemne promessa de concessões liberaes, que a diplomacia da santa alliança e os enredos da politica domestica não consentiram que se cumprisse. Silva Carvalho, e alguns deputados mais apontados pelas opiniões, não esperaram que a vingança da facção apostolica os alcançasse. Quando el-rei entrou na capital já se achavam a bordo, e começavam pelo primeiro exilio o longo cyclo de seus infortunios.

Emigrado e perseguido, residio em Inglaterra com alguns portuguezes, tambem desterrados, aos quaes o governo por frouxo, e não por tyranno, continuou a fechar as portas da patria. Corria o anno de 1825, e era nosso embaixador em Londres o marquez de Palmella, precipitado do ministerio e preso pela audaciosa tentativa de 30 de abril de 1824. D. João VI desassombrado dos facciosos, que o tinham opprimido, bom e indulgente por inclinação, cobria-os com o seu perdão cuidando desarmal-os; mas não se atrevia a mostrar-se generoso com esses foragidos liberaes que o numero, a honrada pobresa, e o procedimento exemplar recommendavam á sua clemencia muito mais do que os conspiradores incorregiveis. O caracter do marquez de Palmella suavisou na sua embaixada os rigores da adversidade a alguns dos seus antigos adversarios. José da Silva Carvalho foi um d'elles. Reduzido pela sua indigencia a viver escassamente em Londres cahio em grave enfermidade de corpo e de espirito, e o seu estado chegou á noticia da Marqueza. Esta escondendo a mão para não fazer pesado o beneficio acudiolhe com todos os soccorros, mandando até de sua propria mesa os caldos ao enfermo. Rasgo admiravel, que nobilita duas grandes almas, a da compadecida dama, que no fervor da caridade esquece tudo para ver só a dor e o desamparo, e a do homem reconhecido, que em toda a sua vida nunca cessou de o celebrar por gloria sua e d'ella!

A morte de D. João VI e a outhorga da carta restituiram outra vez a Portugal o ministro decahido em 1823; mas no curto espaço que medeiou até ao desembarque do sr. D. Miguel de Bragança nas praias de Belem, veio encontrar os amigos tão mudados, vio as desconfianças entre os liberaes de 1820 e os constitucionaes de 1826, tão exacerbadas, e achou tão frios e circumspectos com elle os que governavam, que se decidio a ir esconder os dissabores e aprehensões no seio da sua provincia natal e na tranquillidade da vida domestica, esperando que as tempestades politicas não penetrassem nas montanhas da Beira. Illudio-se. Apenas a contra-revolução absolutista acabou de

se apoderar do estado, dissolvendo as cortes, abolindo a carta, e usurpando a corôa expedio ordem ao governador militar da provincia para que mandasse preso para Lisboa, a José da Silva Carvalho, provando assim como era longa e tenaz a sua memoria, e inextinguivel o seu odio. O futuro ministro de D. Pedro salvou-se disfarçado em almocreve, e foi refugiar-se outra vez em Londres, aonde o duque de Palmella, representante diplomatico do partido da rainha, o nomeou vogal da commissão de soccorros aos emigrados.

Cedo havia de abrir-se para elle a scena, em que todas as contrariedades e obstaculos, que podem oppôr-se á vontade de um homem, e ao exito de uma causa, se levantaram em vão para o supplantar servindo só de attestar a rara firmesa da sua alma e os prodigios da sua fé. A victoria foi-lhe devida em grande parte.

III

Nas praias estrangeiras, ou nos rochedos da Terceira, qual era o portuguez, que estendendo então os olhos pelo futuro o não via carregado de sombras, sentindo apertar-se-lhe o coração com a idéa de que nunca mais tornaria a beijar a terra sagrada do seu berço, aonde dormiam seus pais, e na qual seus ossos talvez nunca repousassem?! Um acontecimento inopinado, alentando os animos esmorecidos rasgou novos horisontes á esperança. D. Pedro abdicando a corôa do Brazil, voltou á Europa, e tinha desembarcado em Falmouth no mez de junho de 1831. Diziam uns, que o seu intento era passar a Munich e recolher-se desenganado ao silencio da vida privada. Asseguravam outros, que a sua alma, heroica e ardente, concebêra o grande designio de restaurar o throno da rainha, libertando Portugal. Silva Carvalho não deixou escapar a occasião. Multiplicou as instancias, e avivando o quadro das lastimas dos subditos fieis da senhora D. Maria II, o avultou habilmente aos olhos do imperador a immensa gloria de restituir a patria a tantos infelizes, cingindo de novo o diadema na fronte de sua filha. Escutou-o D. Pedro; a expedição foi resolvida, e o ex-ministro da revolução de 1820 acompanhou-a á Terceira com as funcções de auditor geral das tropas.

Ao desembarque não disputado nas praias do Mindello, á occupação da cidade do Porto alcançada sem se disparar um tiro, não corresponderam os progressos rapidos, que tinham sido afiançados. A guerra civil travou-se de parte a parte, e os liberaes, cercados de inimigos por todos os lados, e reduzidos ao

perimetro de suas linhas fortificadas á pressa, cedo se convenceram, de que seriam obrigados a conquistar o reino palmo a palmo, pagando por doloroso preço cada um de seus triumphos. José Xavier Mousinho da Silveira, o ministro, que em suas leis, mais havia sido o homem do porvir, do que o homem do seu tempo, chegando a janeiro de 1833, recuou deante dos apuros do thesouro do regente; e sobre tudo em presença da necessidade inexoravel de adoptar medidas violentas, que não sabia, ou não queria propôr. Era exagerar o rigor dos principios aos estremos quasi da innocencia. A causa liberal não podia ser sustentada e a caixa militar fornecida senão apellando-se para os remedios heroicos. Aonde a guerra e a necessidade fallam absolutas não ha logar para falsos escrupulos, nem espaço para idealidades vans. Silva Carvalho chamado pelo imperador n'esta hora de anciedade aceitou a pasta da fazenda, que Mousinho deixára cair das mãos, e o Porto foi salvo.

O Porto foi salvo, de proposito o dizemos, porque a hora da empreza prevalecer, ou acabar ali, desamparada dos que a haviam intentado, era aquella! Os que pensavam mais e sentiam menos, os que a razão allumiava e o enthusiasmo não arrebatára, olhando para aquelles reductos e parapeitos rotos e batidos diziam que sete mil e quinhentos homens mal armados não podiam desafiar sem loucura um exercito de oitenta mil! Todas as cousas do mundo estavam com os sitiantes, porém, Deus, a esperança e o futuro estavam com os sitiados. Os prudentes clamavam que a resistencia não podia continuar mais quinze dias sem prodigio, e notavam de traidores os que propunham dilatal-a. D. Pedro ouvia-os e ficava! Tinha jurado vencer, ou sepultar-se com seus companheiros de armas debaixo das ruinas. Silva Carvalho não hesitou. A tentativa tão nobre como arriscada, tão heroica como aventurosa, que via tratar de temeridade insana figurava-se-lhe a elle não só possivel, mas fadada a triumphar. Não discorria dentro dos limites das probabilidades humanas, deixava-se guiar pelos instinctos da sua alma, e adivinhava! Sublime confiança, que explica os arrojos de uma lucta, que hoje contemplada a trinta annos de distancia se nos representa um poema fabuloso!

Os cofres publicos achavam-se exhaustos, e os armazens e depositos varridos de viveres e munições; dentro do paiz não havia credito; fóra, as contingencias, mais do que duvidosas da guerra, desmaiavam os capitalistas. As tropas inimigas estreitavam a cidade por terra apertando-a mais de dia para dia. O inverno tempestuoso fechava a barra a todos os soccorros. A

fome e as enfermidades desfaleciam os braços mais vigorosos; e aos horrores de um cerco prolongado juntavam-se para maior tormento os estragos da peste, do cholera-morbus, que então visitava Portugal pela primeira vez. Devia-se aos soldados e officiaes muitas semanas de soldos e prets; devia-se aos fornecedores; devia-se a todos. A esquadra por falta de pagamentos estava a ponto de se dispersar, e o almirante não podia já conter as guarnições. A dor, o lucto e a miseria, cortejo lugubre de calamidades que nunca vem sós, flagellavam com os ultimos rigores esta cidade de oitenta mil almas, que as iras do céu e a furia dos homens pareciam condemnar a uma ruina proxima e inevitavel.

Silva Carvalho diante do espectaculo de desastres, que eram para quebrantar a vontade mais firme, colheu animo da propria desesperação. Não escolheu os meios, empregou-os todos. Alentou os fracos, persuadio os timidos, confirmou os fortes. Uma commissão creada por elle para coadjuvar as operações do thesouro cooperou para o bom resultado com o zelo e energia de seus membros. Era indispensavel pagar para ter dinheiro, e abrir livremente ao commercio todas as entradas para ter subsistencias. Os alvitres absurdos, ou traiçoeiros, praga sabida dos governos ameaçados, não se esqueceram tambem de agravar os cuidados do ministro. Uns propunham exagerados direitos de importação nas alfandegas, outros embargos fiscaes nos generos, alguns finalmente o *maximum* não sabendo quasi o qne propunham. Nenhum foi ouvido, e a constancia em respeitar os principios economicos não deve merecer pequeno louvor a esta gerencia atribulada. Levantando emprestimos patrioticos, e distribuindo com a possivel equidade a contribuição de guerra, e castigando opportunamente a usura mordente de um ou outro monetario ávido, Silva Carvalho, mais feliz do que Pompeo, tocou com o pé n'aquella terra heroica, e fez surgir d'ella os recursos e as legiões.

As nuvens mais escuras principiaram emfim a desfazer-se, e os vaticinios dos falsos prophetas a ser desmentidos pela realidade. O enthusiasmo vira melhor do que a rasão. No fim de um anno de sacrificios e combates a capital e a maior parte do reino era dos sete mil e quinhentos loucos, quasi apupados pelos censores, que do alto do seu tribunal os tinham lastimado com sincera compaixão. O duque de Palmella duas vezes em Londres acudira com o seu valimento aos apertos e difficuldades dos cercados. O sr. Gomes de Castro, hoje conde de Castro, no Porto prestára os serviços efficazes proprios da sua capaci-

dade. As horas de amargura e estreitesa já não eram tão frequentes. A chegada de Napier, a expedição do Algarve devida ás instancias de Silva Carvalho e do duque de Palmella, as victorias do almirante e a derrota dos inimigos na Piedade abriram as portas da capital ao duque da Terceira e chamaram a Lisboa D. Pedro e o seu ministerio. A rainha vio o seu reino, e uma serie de triumphos rematou rapidamente a obra miraculosa da restauração liberal.

IV

A guerra, verdadeira lucta de gigantes, corrêra com as difficuldades do presente. Restava a obra do futuro. Restava levantar o monumento da nova era, dando vigor e força ás leis, ás reformas radicaes e tremendas, que o ex-imperador do Brazil e o seu ministro José Xavier Mousinho da Silveira tinham dictado de uns escolhos solitarios no meio do Atlantico marcando o termo da velha sociedade e os exordios auspiciosos da que ia começar inaugurada pelas armas e pelo pensamento. Para publicar essas leis, mesmo no meio do ruido e confusão de um mundo a desabar, mesmo favorecido pela omnipotencia da victoria, foi necessario um valor summo. Nem todos os representantes do passado estavam nos arraiaes contrarios. Os decretos de 16 de maio, de 30 de julho, e de 13 de agosto de 1832 revolviam mui profundamente a terra, a industria, a familia, a governação e os interesses, transformavam de um modo mui violento a constituição physica e social do reino, lançavam ao longe germens mui poderosos de democracia, para a immensa revolução contida n'elles não sobresaltar, não encher de espanto até os que não entendiam o seu alcance formidavel. D. Pedro deixou tremer os timidos, deixou clamar os abusos embravecidos, deixou carpirem-se os devotos do passado. Com a mesma mão que empunhára a espada cunhou funda e solida a effigie do porvir no rosto do velho Portugal, e insuflando-lhe o sopro vivificador do seculo, disse ao esvaido e fatigado paralitico: «ergue-te e caminha»!

E o milagre fez-se! O decrepito remoçou. O paralitico sacudio o turpor dos membros, afiou o ouvido, sentio que o chamavam de cima, e indireitou os primeiros passos ainda tremulos, ainda encostados ao arrimo da mão audaz do imperador, que por desgraça o soltou na flor da idade e no principio da melhor e mais gloriosa parte da sua vida. Silva Carvalho, Agostinho José Freire, Candido José Xavier, e Joaquim Antonio d

Aguiar foram os homens d'esta rapida e atrevida transfiguração imposta por elles, mal aceita de muitos, mas sem a qual é de crer que as más sementes e os espinhos ajudados das oscillações do governo, e dos desvarios da opinião tantas vezes injusta e ingrata, desenvolvendo-se e crescendo, chegassem a abafar, mais cedo, ou mais tarde, como em 1823 e 1828, a arvore ainda fraca e tenra da liberdade.

Aos golpes cerceos da regencia da Terceira seguiram-se os golpes, não menos decisivos e necessarios, da dictadura de Lisboa. As ordens religiosas extinctas, os antigos tribunaes abolidos, os principios da carta applicados, os privilegios reduzidos á innocencia das vaidades nobiliarias, e os asylos, e appoios carcomidos do regimen absoluto, feridos um apoz outro, e desamparada e alluida a base que os sustinha, vieram ao chão. Serviço inapreciavel, que não se vio então, mas que todos reconhecem hoje! Audacia e previdencia raras, a que devemos os progressos e a tranquillidade actuaes! Pelo que nos custou a queda do ultimo padrasto d'essas cidadellas que diziam inoffensivas — a lei dos vinculos — podemos avaliar os annos e os combates, que levariamos a assaltar e demolir as outras, se esta occasião unica não se tivesse aproveitado, como sinceramente pediram os que não queriam aprender nas lições da experiencia o segredo de destruir no presente para edificar no futuro.

O discurso pronunciado na abertura das côrtes de 1834, os relatorios dos ministerios da fazenda e da guerra d'esse anno, o orçamento de Silva Carvalho, e por ultimo o seu manifesto de 1835, pintam com as proporções naturaes, embora a grandeza dos successos as tornem gigantescas e quasi epicas, as anciosas eventualidades, que desde o berço até ao dia do triumpho assignalaram todas as phases atribuladas da expedição dos Açores. Nas palavras proferidas pelo princepe perante a assembléa nacional, assim como nos algarismos eloquentes apontados pelos seus ministros, está resumida a acção incrivel, quasi superior ao possivel, d'esses dois annos de heroicas temeridades e de sublime abnegação. Armand Carrel, que sabia tomar o peso aos grandes acontecimentos, e que não se illudia de leve no juizo dos grandes homens, qualificou (*National du 1er decembre 1834*) o primeiro orçamento de Silva Carvalho como o documento financeiro mais importante estampado depois do de Neker.

Passou em julgado a sentença. Hoje, que a nevoa das más paixões se desfez aos raios do sol da posteridade; hoje, que já volvemos ha annos aos caminhos direitos da iniciativa fecunda

e do desenvolvimento successivo das fontes de riqueza publica, olhando para as estradas, para as vias ferreas, para as instituições de credito, e para as reformas, de que esperamos com viva fé o nosso engrandecimento, e a confirmação da nossa autonomia, quem deixará de confessar, que as grandes idéas e os grandes designios da escolla de 1834 encerravam todas as verdades que podiam salvar-nos, verdades que levámos quasi vinte annos a contestar e atrazar, duvidando d'ellas sem motivo para nos abraçarmos a illusões vans e parricidas?!

A morte do imperador no momento, em que mais necessaria se tornava a auctoridade do seu nome e do seu exemplo, as iras e resentimentos dos partidos, nascidos nas tristezas da emigração, e azedados por offensas mutuas, a par de malquerenças e rivalidades de pessoas, desatinavam o povo, e enfureciam as facções, que nunca apontam certo, nem justo. A calumnia, funesta alliada, que nunca dispensam, enegrecia os actos mais puros, e desbotava da sua côr de patriotismo desinteressado as acções mais nobres. Associaram-se a esta guerra sem quartel as invejas e ambições impacientes, e principiou a arder encuberto o fogo, que inflammado em 9 de setembro de 1836, queimou com incendio, mais, ou menos intenso, mas sempre o mesmo, as melhores esperanças e os maiores commettimentos em tantos annos de odios, de duvidas, e de reviramentos.

Alvos preferidos dos tiros, Silva Carvalho, o duque de Palmella, e Agostinho José Freire infamados por mil aleives, eram accusados de todos os crimes. Filha das exagerações a revolução de setembro fez expiar estas culpas aos que a adoptaram. O sangue de Agostinho José Freire vertido em um impeto de cega demencia doeu como um remorso no coração generoso dos ministros, que não poderam salval-o. O desterro de Silva Carvalho, do duque de Palmella, e de outros vultos notaveis, ostracismo forçado com que a plebe premiava os que tinham servido a patria com tanto zelo em lances arriscados magoou, dentro e fóra do paiz, a quantos desejavam abençoada pela sabedoria do governo a restauração liberal. N'aquelles sombrios dias tornaram os campos a estremar-se, e tão divididos ficaram e inimigos, que a conciliação apetecida, só muito tarde realisou.

Não escrevemos a historia contemporanea. Estão mui proximos os factos, e ainda é cedo para a sua pintura imparcial. Apenas ligámos os traços capitaes para dar fundo á tela, em que desejámos avivar algumas feições do homem admirado des-

de a infancia como modêlo de virtudes civicas e domesticas, como typo de estremosa e desvelada amisade. Não tentâmos tambem a sua biographia para a qual nos escaceia aqui o espaço, e ainda não colligimos todos os subsidios essenciaes. Apontámos sómente as épocas mais importantes, desenhamos ao fugir do lapis a expressão da sua phisionomia. Quando bater a hora da posteridade será tempo de escrevermos na chronica dos ultimos cincoenta annos os capitulos, que de direito lhe pertencem n'ella.

Depois que se recolheu do exilio, Silva Carvalho, fiel á sua divisa, e aos sentimentos elevados, que nunca trahio, conservando-se longe do poder, proximo dos negocios, esqueceu as injurias, estendeu generoso a mão aos adversarios, e continuou a sua carreira de legislador e de magistrado, desenganado das falsas pompas e cada dia mais ardente nos affectos de sympatia e benevolencia. Ministro e secretario de estado do sr. D. João VI na repartição dos negocios ecclesiasticos e da justiça, do ex-imperador do Brazil e regente de Portugal o sr. D. Pedro IV na dos negocios da fazenda, e de sua filha a sr.ª D. Maria II no mesmo ministerio, deputado ás côrtes em 1821 e 1823, em 1834 e 1836, e de 1838 a 1841, par do reino depois de restaurada a carta em 27 de janeiro de 1842, vice-presidente da camara hereditaria, conselheiro de estado effectivo, presidente do supremo tribunal de justiça, gran-cruz em Portugal da ordem de S. Thiago da Espada, e da de Carlos III em Hespanha «pelos serviços prestados á liberdade da Peninsula», socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa e do Instituto Historico do Brazil, a variedade de tantos cargos eminentes, a accumulação de tantas honras merecidas, e a consciencia do grande papel representado nos dois periodos notaveis da historia constitucional, nunca venceram a modestia e singeleza do seu coração, nem os fumos da vaidade, subindo-lhe á rasão, offuscaram d'ella as noções claras da honrada, plebeia, e virtuosa mediocridade do seu berço.

Quiz morrer como nascêra. Gloria da classe media, e um dos primeiros n'ella, engeitou sempre titulos e distincções, que o tornassem o ultimo da aristocracia heraldica. Fez bem! No seu tumulo pobre, mas ornado dos brazões populares de uma larga serie de serviços e sacrificios, falla mais alto o seu nome só, como elogio e epitaphio, do que uma longa serie de avós esquecidos, ou peior ainda, do que a fatuidade de uma corôa de conde, ou de um coronel de marquez. Não é delicto, ou erro querel-as, ou aceital-as em paiz monarchico; porém quem fez

o seu apellido tão illustre, que a patria não ha de esquecel-o, pécca contra a sua memoria cobrindo parte d'elle com o véu aulico d'esse meio homisio cortesão. Os grandes da historia não precisam para nada de serem tambem os grandes da côrte. A cada um o que lhe compete! Os titulos aos que não teem outra cousa, e a fama de nobres e invejados feitos aos que Deus predestinou para os praticarem! Silva Carvalho previo que o seu nome, padrão da época liberal, devia chegar puro, como o recebêra de seus pais, á posteridade, e guardou-o com o nobre orgulho de uma grande alma. Teve razão. Basta cital-o para vermos pequeno e acanhado tudo o que n'estes nossos dias é tão differente na altura e nas apreciações, homens e cousas, comparado com a geração, que ousou conceber, e executar a regeneração de 1820, e a restauração de 1834. Somos quasi os pigmeus depois dos gigantes.

L. A. Rebello da Silva.

O LEILÃO DE JOSÉ ESTEVÃO

I

uem está livre de ser perseguido em sonhos pelos *diabos azues* de Stello?

Eu tinha passado uma noite pouco boa; apenas de madrugada, depois de laboriosos esforços para propiciar Morpheo, podera conciliar o somno.

Ás dez horas da manhã, a que acordei,—manhã nevoenta e tristonha de março d'este anno — as golphadas de aguaceiro succediam-se frequentes, o vento sibilava agudo, as nuvens negras e densas corriam impellidas com extrema violencia, embaixada atmospherica do temporal imminente. Dentro em pouco o vento recrescia de furia; o Tejo indignado contra o jugo granitico dos caes que pretendem senhoreal-o, galgava sobre elles fremente de colera, alastrando-os de espuma. Com a face collada aos vidros da minha janella, achava-me condemnado ao papel

monotono de comparsa n'este drama de grande espectaculo da naturesa, quando do meio d'este diluvio (chovia então a cantaros), surgia á minha porta lavada das agoas do céo o entregador do jornal, novo corvo emigrado da arca.

Pouco edificado com a parte doutrinal do periodico, cujo publicista cerzia em vigesima transformação uns retalhos desbotados de Benjamin Constant, aproei a vista em direcção ao noticiario, onde o escandalo, a anecdota, o boato, e sobre tudo a péta creada e amamentada pelo celebre *Almocreve* de mentirosa memoria se encontram em ruidoso *pandemonium*.

N'este rapido relancear não tardou que meus olhos topassem com o annuncio do leilão de mobilia e livros de José Estevão para aquella mesma manhã, ás 11 horas.

Não perdi um instante. Dentro de um quarto de hora, graças aos prodigios hippicos de uma parelha de magros rocins, esporeados até aos intestinos por um d'estes *batedores* de praça, cuja unica gloria consiste, me parece, em arrebentarem gerações inteiras de cavallos, e povoarem de innumeras victimas os cemiterios de irracionaes, apeava-me á porta da casa, na qual ia em breve realisar-se o leilão annunciado.

Quem do largo da Patriarchal Queimada, hoje praça do Principe Real, desce pela rua Formosa, a poucos passos andados encontra á direita, a meia ladeira, a frontaria taciturna e sombria de um mosteiro de monjas.

É verdadeiro sepulchro de gente viva este monumento consagrado á prece e á asthma, da qual são protectoras frestas esguias e somiticas, por onde o ar da saude não se digna certamente penetrar até ao pulmão ascetico das esposas do Senhor.

Uma travessa estreita e sinuosa interrompe a continuidade das edificações, interpondo-se entre o mosteiro, a cuja portaria, proximo do locutorio, vereis estacionar largas horas a sentinella devota de um sachrista desorelhado e boçal, esgoto ambulante das bentas galhetas, e a casa pouco vasta e isolada, que de um lado entesta n'aquella travessa e do outro olha para a rua. Contiguo a este predio de um andar, com seis janellas de sacada, designado com o numero 125 pela arithmetica municipal, corre parallelo á rua um muro por fóra esfumado e escuro pelas inclemencias do tempo, por dentro vestido de trepadeiras floridas, alteando-se por detraz d'elle e encurvando sobre a tosca cimalha os braços verdejantes alguns arbustos do jardim, para onde dá outra fachada interior da modesta habitação.

II

Illic flevimus...

Ao penetrarmos aquelle limiar, apoderou-se de nós uma dor indisivel. Aquelle pateo de entrada, que pisavamos, era o mesmo onde na noite de 3 de Novembro de 1862, noite fatal e dolorosa, estancearam durante horas arquejando de anciedade, de dôr, e tambem de esperança enganosa, muitos amigos do moribundo illustre. Debalde os bafos amoraveis da amisade se amiudavam, pretendendo reavivar aquella luz, ha pouco deslumbradora, já mortiça como cirio de finados.

Acontece com a lampada da existencia o mesmo que com todas. Nutre-a o espirito vital, como as outras se alimentam do oleo, mas apenas aquelle começa de desamparal-a, em vão se procurará na sciencia ou nos mais entranhados affectos o milagre de lhe prolongar a chamma. Apagou-a Deus! Inutil é depois aguardar que rebrilhe o jorro de luz, reflectido do candelabro de oiro; só negrejam com pavoroso silencio as sombras funebres das catacumbas.

Mais se nos entenebreceu o animo, quando ao passo que agitavamos n'elle piedosas lembranças, pois a amisade é uma religião, nossos olhos não encontravam senão rostos desconhecidos, phisionomias umas indifferentes, espelho outras da avidez de obter a rasto de barato o espolio do finado. Apenas tres ou quatro amigos se mesclavam com a turba mercantil dos cabeças de páo refractarios ao fogo do sentimento, indo ali em romagem affectuosa a buscar um objecto, pelo menos, a que se associasse a lembrança querida do amigo defuncto.

Oh! meu Deus! vêr aquella casa, verdadeiro templo da hospitalidade, aonde o grande orador acolhia amigos e inimigos com braços abertos, com franquesa verdadeiramente provinciana, com simplicidade patriarchal; — elle que sabia e possuia todas as finuras, todos os artificios, todas as seducções da elegancia! —; contemplar aquellas paredes, testemunhas silenciosas de tanta felicidade intima, de tanta alegria desaffectada, confidentes discretas de affectos nobres, de pensamentos elevados; vêl-as invadidas e profanadas pelo *leilão*, — este exterminio judicial de tudo a que mais queremos no lar domestico, depois das santas affeições do sangue; este divorcio forçado da nossa pessoa com o nosso leito, com a nossa mesa de estudo, emfim, com tantos companheiros mudos e fieis de ventura ou infor-

tunio, cada um dos quaes é quasi sempre commentario eloquente de uma época da vida, interprete apaixonado de um segredo do coração!

Estes arcanos, estas reminiscencias gratas ou dolorosas do passado, os sacrificios de dinheiro e investigações pacientes de gosto para alcançar ás vezes — o que? — um vaso de jaspe, um prato de Sèvres, uma jarra do Japão, uma virgem de Murillo, um frade de Zurbaran, um quadro do Grão Vasco, um nicho rendado d'ebano no stylo neo-gothico para uma imagemsinha devota de marfim, prodigio da arte italiana dos melhores mestres; o desvelo sollicito em guardar um *ecran* bordado pelas mãos gentis da mulher que adoramos, tudo anniquilla de um golpe e sem piedade o mercador endurecido e callejado nos espolios dos mortos! Vêde-o; como mira e remira aquella chavena delicada! Que lhe importa a elle que seja de finissima porcellana, a cinja na borda superior uma renda subtil, quasi invisivel, da fragil substancia, e lhe esmaltem o bojo transparente as flores douradas pelos processos ignorados da industria chineza, inveja e desespero da imitação europea? Preoccupa-o, absorve-o todo n'aquelle momento a acquisição de um aparador colossal de madeira de carvalho, encommenda assalariada de um negociante de escravaria, recem-chegado da Costa d'Africa.

O prospero chatim vem á côrte, pelos modos, a mendigar uma commenda para pendurar da lapella esquerda da casaca rebelde, premio concedido pelas nações, que se gloriam de christãs e philantropicas, aos traficantes de carne humana.

Sobre aquella mesa de estudo está patente um livro; abrindo-o, veem-se alguns trechos annotados pelo grande orador. São orações e tratados philosophicos de Cicero.

Quaes seriam as reflexões do orador portuguez ao conversar em espirito com o seu irmão em eloquencia? O ignobil *cabeça de páo* folhea desdenhoso o livro, atira-o para longe porque não lhe soffre o animo deixar de cobrir o lanço de duas cortinas de chita franceza annunciadas em tres pregões successivos sem o triumpho da hasta publica.

Irmão gemeo do coveiro, o cabeça de páo revolve impiamente os penhores do affecto, as lembranças da familia, como aquelle profunda sete palmos de terra nos vallados funebres dos cemiterios.

A symetria,— não servil, retezada, tirada a cordel,— mas symetria livre, harmoniosa e intelligente, com que o *amador*, deixem-me usar da palavra, o homem de gosto dispoe e orde-

na a collocação dos moveis, e principalmente dos objectos artisticos, augmentando-lhes o realce pela antithese feliz, pela gradação calculada dos cambiantes, esta combinação elegante, segredo e encanto das salas caprichosamente adornadas, quebra-as e mutila-as a garra bestial do *leilão*.

Ao aproximar-se este hospede importuno,— usurpador legal, inimigo jurado dos haveres herdados e dos commodos laboriosamente conquistados a preço de vigilias e fadigas, — desprendem-se das paredes os quadros; apeam-se os bustos; os lustres de christal misturam-se com as serpentinas de bronze; a baixella de prata enfileira-se ás vezes (oh profanação!) ao lado da bateria de cobre da cosinha; n'uma palavra, confundem-se, baralham-se, atropellam-se desgraciosamente todos os moveis. Perdeu-se em minutos o vestigio da phantasia, desmaiou o perfume da imaginação creadora de todo aquelle conforto!

E depois, o que ha mais sublime e santo no lar fica exposto aos baldões e ás injurias sacrilegas do leilão.

Haveis de ver o *prie-Dieu* de velludo carmesim onde ajoelha a esposa querida e murmura orações quotidianas ao Senhor pela felicidade dos seus, arrancado do aposento conjugal, — asylo simultaneo de piedade e amor, — e ignobilmente desterrado para a casa de banho, entre um *duche* e uma tina de lata! Não scintillam já alegremente os rubis do vinho do Porto dentro das vossas garrafas de cristal; arrancaram-lhes as rolhas ponteagudas; eil-as sobre aquella vasta mesa cobertas de pó, entre rumas encastelladas de pratos, terrinas de sopa e bilhas de Estremoz, especimen distincto da olaria nacional.

O cofre com lavores de madre perola, onde encerraveis em discreta reserva as cartas traçadas com mão tremula ou apaixonada por uma amante, e escondieis — envolta em papel perfumado de seda côr de rosa — a trança dourada de cabellos de outra, penhor de uma affeição fluctuante como elles, jaz no chão, cavalgado por um selim, que quasi o esconde com as suas abas de moscovia.

O barril da agoa, esse mesmo comparece n'este tremendo *juizo final!* eil-o triumphante sobre o vosso piano d'Erard!

Dentro d'aquella caixa de rebeca, aberta, e orphã da melodiosa inquilina, o que vejo meu Deus? um pequeno crucifixo de páo santo com a imagem do Redemptor, toda de marfim, em cuja phisionomia o artista derramou toques de suave melancholia, e divina resignação, que não ha olhos enxutos de quem a contempla!

A gaiola dourada com zimborio mosqueado de arabescos, pa-

rodia em miniatura de um kiosco do Cairo ou de Constantinopla, onde o vosso pintasilgo trinava suas canções matinàes saudando a alvorada, os verdugos do leilão desprenderam-na do vão da janella do vosso gabinete de estudo guarnecida de cortinas de cassa, transparentes, brancas, e arfando com a aragem, como os seios alvos de neve de uma virgem de dezeseis annos palpitam á primeira declaração de amor.

Vêde-o, o palacio aereo do vosso implumado cantor! alli, por terra, arrimado á capoeira tosca atravez de cujas grades já não passeia meneando a crista de purpura «o vaidoso marido da galinha,» nem se ouvem gemer as odaliscas do soberbo sultão dos gallinheiros. Assim faz o leilão em toda a parte, assim fez em casa de José Estevão.

III

Penetremos na sala verde, decorada com a elegancia tam outra d'este gosto burguez, decretado despoticamente por um armador rotineiro e prosaiso. N'esta sala, ora em redor da mesa oval, coberta de um pano de *rapps* de seda, ora em torno do fogão de marmore branco de Italia, coroado por um espelho grande lindamente moldurado de verde e oiro, ao qual flanqueam de um lado e outro sobre a pedra de Carrara candelabros e grupos de bronze de engenhoso lavor, reunia-se pelas noites de inverno a respeitavel e attractiva familia do orador.

Então, em sincera liberdade, em despreoccupada confiança, se soltavam azas á conversação espirituosa, á anecdota jovial, ao epigramma innocente, ao paradoxo imaginoso. Então sussurravam todas as graças de uma phantasia unica e assombrosa, qual era a de José Estevão; e povoava este recinto o zumbido suave de uma sociedade não menos polida nas maneiras do que fina nos sentimentos. Aquella é a vasta *causeuse* de veludo verde, do centro da qual se ergue airosamente um castiçal dourado destinado a allumiar as leituras dos poetas, dos dramaturgos, dos escriptores, ou já sagrados pela opinião, ou ambiciosos de inscreverem o nome ignorado no livro de ouro do patriciado litterario.

Tão perto de mim que lhe toco com a mão, está a cadeira de espaldar alto, trabalhada em rendados e canelluras de páo santo, de estofo molle, ao mesmo tempo severa e airosa, onde José Estevão buscava um somno leve mas reparador, apoz as luctas da tribuna. A ultima cadeira foi esta, dizem, onde repousou, antes de cair no leito da agonia. Uma mão amiga salvou da voragem do *leilão* especulador a veneranda reliquia.

Sobre aquellas bancas pequeninas de pé torneado em spiral pousavam vasos esbeltos de flóres. Delicadas e mimosas eram, e tractadas pelas mãos do órador.

Nas paredes refulgiam pinturas; apoiavam-se *etagéres* e aos cantos da sala livrariasinhas graciosas encerrando volumes dourados; d'aqui pendiam dois espelhos venesianos, d'ali baixos relevos e medalhas artisticas.

O leilão, Attila feroz, açoite do conchego e das commodidades tranquillas, despoja todas as paredes, e n'um sopro redul-as á mais deploravel desnudez.

Oh! como detesto com entranhado rancor este ignobil esmerilhador dos inventarios, este espião de todos os espolios, este profanador de todos os legados, este assassino das memorias mais santas do coração!

N'aquella sala e na immediata, destinada a receber as pessoas de menos intimidade, e adereçada com nobre simplicidade, aonde espelhos dourados e fronteiros reflectem duplamente os vultos, ambas tapessadas de alcatifas aveludadas que abafam o rangido desagradavel e aspero das botas; n'aquelle recinto só povoado pelo doce *charlar* da conversação e animado pelo espirito dos homens politicos mais grados, dos oradores mais eloquentes, dos ministros mais poderosos, dos jornalistas mais celebres; n'aquelles logares aonde tantos soberbos cá fóra — á luz do sol — se dobravam em reverencia turca, ajoujados de condecorações e honrarias, esmolando uma pasta, sollicitando para si ou para os parentes um logar, uma mercê; sob aquelles tectos onde o grande tribuno acordava, rodeado de mais numerosos clientes do que nenhum patricio n'esta terra apesar de tão favoravel, como ella é, ás arvores genealogicas, ás enxertias nobiliarias, ás culturas heraldicas, eccoava rouquenha e ingrata uma só voz: a do pregoeiro.

IV

Ao ver desguarnecerem-se as salas, de tantos moveis e adereços cada um representando para a familia do grande cidadão uma data, uma commemoração, um lance da vida, uma historia intima talvez, tristes cogitações me avassalaram o espirito. Amaldiçoei o talento e a gloria, brindes funestos da Providencia, que não perdoam sequer a um homem de genio, inflammado no amor santo da liberdade e da patria, conquistadas ambas nos campos de batalha, a injuria covarde e posthuma de um leilão para pagamento de dividas!

Indignei-me principalmente, quando vi escarnecida é affrontada a religião dos mortos pelo vozear irreverente dos phariseos do *leilão*, e profanados aquelles penetraes até ali inviolados, por não sei que bruto com mascara de homem. O animal ria alvarmente de haver partido em pedaços com o volume dos tecidos adiposos, com a carga de sua vil materia uma cadeira franzina e airosa de acajú, com estofo de velludo!

Acabada que foi a devastação judicial no primeiro andar, desceu de tropel a turba multa ao rez do chão. Á direita de quem desce pela escada interior é a casa do jantar, simples, modesta, bem ventilada por duas janellas, que dão para o jardim, donde se exhala o aroma dos jasmineiros e alecrins do norte. Difficilmente poderiam cumprir-se com mais graciosa urbanidade as leis da cortezia hospitaleira, e digamos a palavra, da sinceridade portugueza, do que o eram n'estes pavimentos que vamos pisando.

Um bello tanque de loiça da India, onde nadando em agoa pura, cuidadosamente renovada, uns poucos de peixes vermelhos ostentavam aos raios do sol as suas escamas de oiro, foi adjudicado por preço relativamente elevado a um proprietario de *bazares*. Algumas jarras do Japão de caprichoso feitio, enfeite dos aparadores, poderam, ainda bem, escapar á voracidade dos leiloeiros de profissão. O mesmo destino coube á maior parte da mobilia d'esta sala, onde José Estevão e sua esposa, senhora não menos intelligente do que amavel, presidiam á mesa, comprazendo-se em acolher os amigos da casa com affabilidade sollicita, temperada de bom humor e despreoccupada alegria.

Somos entrados nos dois aposentos proximos, destinados, um a escriptorio, gabinete de trabalho e livraria, outro a quarto de vestir e casa de banho. Communicam-se interiormente, e do primeiro dá serventia para o pateo de entrada uma porta baixa de estreita e trabalhosa passagem. E comtudo, acanhada como era, por ella passavam folgadamente requerentes, amigos, correligionarios, deputados e jornalistas, grã-cruzes e ministros, *dandys* e ociosos. A todos recebia José Estevão em audiencia descerimoniosa, com o sorriso nos labios, o corpo envolvido n'um roupão de casemira franzido na cintura em pregas abundantes, os pés sepultados em amplas chinellas marroquinas.

Em raros homens difficultosamente se encontrarão reunidos como em José Estevão, uma mobilidade extraordinaria de espirito, uma phantasia aventurosa, alliadas ao culto supersticioso de todos os commodos da vida sedentaria. Assim é, que, para

não dar um só passo inutil no seu quarto, José Estevão mandára pendurar do tecto a iguaes distancias — perpendicularmente á sua poltrona e mesa de escrever — não menos de tres cordões de campainhas, que retiniam no andar superior, impellidas ao menor movimento de sua mão, sem para isso carecer de se levantar da vasta cadeira de espaldar.

N'este quarto cercado de objectos tão intimamente associados á lembrança do finado, assim como no immediato, onde o leito lhe foi tumulo; n'aquelle theatro recente de uma agonia que foi a dor de toda uma cidade e de um paiz inteiro, ainda foi concedido á amisade fazer piedosa colheita.

Pequenos quadros, vasos, estatuetas, poucos livros, e miudezas só grandes pela saudade, foram preservados da lufada furiosa do *leilão*, arrancados á voragem, onde se subvertem reliquias preciosas e adoradas. Pol-as a bom recato a grata memoria de amigos, enthesoirando-as onde não póde alcançar a garra sinistra dos abutres de *bazar*. Honra lhes seja! salvaram o que era demasiadamente puro para rojar pelos esterquilinios mercantis.

Concluira-se tudo; sahi.

Aqui viria a pello, talvez, como breve mas expressiva conclusão d'estas impressões melancholicas, geradas de um espectaculo triste, allumiado por um céo tenebroso, o perguntar, se a satisfação generosa das dividas de um homem illustre, como José Estevão, modêlo da mais perfeita e estoica abnegação, não seria rigoroso dever de gratidão — e até incentivo a estremadas e nobres virtudes civicas, — para o paiz que o viu nascer, a quem elle tanto amou e tão dedicadamente serviu com a penna de jornalista, com a espada de soldado, e com a mais pomposa e varonil eloquencia de que resam entre nós os fastos da palavra. Responder-nos-ha a consciencia publica, se os partidos e os homens politicos nos oppozerem o silencio pusillanime e as reticencias criminosas da indifferença.

As nações que voltam o rosto á admiração e reconhecimento para com os seus homens illustres, enganam-se, se cuidam viver vida robusta e duradoura, envolvendo-se no manto do materialismo ingrato e egoista.

Illusão fatal! o manto insolente póde tornar-se em mortalha!

RICARDO GUIMARÃES

PALESTRAS ARTISTICAS

Exposição da sociedade promotora das bellas artes

erminou n'este mez a exposição da Sociedade Promotora das Bellas Artes. Cerraram-se os aditos do templo e agora pontifices, sacerdotes e povo deram outra direcção a seus passos, depois de ali se aprazarem para d'aqui a um anno, e vão fugir, os felizes, ao bulicio da cidade e esquecel-o nas vastas solidões dos campos. Retemperados na natureza voltarão os espiritos refeitos e preparados para recomeçar a batalha da vida, porque é nos campos que, mais perto de Deus e da consciencia pelo isolamento, o poeta, o politico ou o artista concebem este o seu melhor quadro, aquelle o seu systema mais completo, o outro o romance ou o poema onde ha mais luz divina, mais amor, maior inspiração.

É lá que, a sós com a natureza, o artista procura surprehender ao sol algum dos seus innumeros segredos, para vir depois,

cheio de jubilo, depol-o nos alcaçares doirados da opulencia. Felizes tres vezes, os que gosam essas horas de ocio e que, agradecendo-as, podem dizer com o poeta

..... deus nobis hæc otia fecit.

Para elles o sol tem suave esplendor e as aves ternas melodias; os ribeiros murmuram brandamente por baixo dos salgueiraes e as messes ondeiam incessantes, como um occeano d'oiro, ao passar da brisa. Succedem-se-lhes deante dos olhos as mil scenas do espectaculo grandioso da creação, e vem o scismar melancholico, a *rêverie* apossar-se do espirito quando, em contraposição á aurora que promette alegrias, o pôr do sol, prenuncio de trevas, deixa a alma oppressa de saudades. Horas agradaveis, quão breves correis na vida! Momentos rapidos em que o espirito passa do desconhecido physico para o desconhecido moral como de um para outro infinito; em que o homem é absorvido pela natureza como o filho que volta ao seio da mãe e com ella se confunde em affectuoso amplexo, trazendo d'esse mundo, por elle quasi esquecido, suaves mas indisiveis recordações.

São hoje poucos aquelles a quem a sociedade concede a extravagancia do ocio. A politica cada vez mais popular, a industria creando novas necessidades, as sciencias applicadas, a invasora burocracia, tudo ameaça converter os homens em outros tantos Prometheus a quem é Caucaso uma mesa, no gabinete, na secretaría ou na officina.

A ave presa olha a grade de ouro que a rodeia, mas nós! Quasi se póde dizer que a architectura existe no passado, e que é do dominio da historia da arte. As nossas construcções publicas ou particulares, habitações ou templos, levantadas por homens que tomam a si os nomes dos Brunnelleschi e dos Bramante ou por humildes mestres d'obras ramerraneiros, são feias e sem originalidade. E não é só entre nós, onde o curso d'architectura se reduz ao estudo do desenho d'ella, na academia das bellas artes, e onde o Governo consente que um homem qualquer, ignorante ou miseravel, muitas vezes ambas as coisas, nos amesquinhe a vida negando-nos o ar e a luz, que isto acontece; tambem em França se nota a mesma deficiencia de architectos, e o Duque de Valmy, no seu livro—*Le passé et l'avenir de l'architecture*—, diz que as composições da architectura moderna assemelham-se a traducções de Homero e Virgilio cheias de solecismos e barbarismos.

Parecerá arrojado e imprudente o que acabamos de escrever,

mas dizemos o que sentimos e aqui fica n'estas palavras feita a a nossa profissão de fé. Das construcções modernas que conhecemos poder-se-ha dizer que abundam em commodos, mas ninguem affirmará que sejam elegantes e bellas; consideradas como obras d'arte, não valem nada. Citámos as palavras de um escriptor francez a respeito de coisas da sua terra, e já esperamos que algum d'esses pensadores-carangueijos, dos muitos que por aqui avultam, nos venha dizer que somos muito exigentes, pois queremos que haja em Portugal o que se não conseguiu em França. Sim, queremos. O que obsta á realisação do nosso desejo? Os quarteis, os palacios da industria, os paços do concelho, as officinas, substituam o castello, o convento e a cathedral da edade media.

Aos governos pertence o resto. Os homens d'estado entenderam que a arte moderna não está á altura da nossa civilisação e por isso, em França, na Inglaterra, na Allemanha e na Belgica occupam-se elles sériamente em pôr ao alcance de todas as populações as artes do desenho.

A Belgica que possue muitas academias ou escólas d'arte, em consequencia da imperfeição do ensino não tem tirado até agora os resultados que esperava, e, na ultima exposição universal, os seus artefactos eram inferiores em qualidades artisticas aos das outras nações. Tomou o governo isso em consideração, nomeou immediatamente commissões para inspeccionarem as academias, e nós tivemos occasião de ver os excellentes relatorios que ellas apresentaram ao governo e onde se achavam expostas com clareza e concisão notaveis as necessidades d'aquelles estabelecimentos. A reforma não se fez esperar. O mesmo succede em França e nos outros paizes onde se pensa, e onde a arte, embora se não ache nas condições de grandeza das suas eras passadas, encontra no povo, na litteratura e nos governos, a protecção devida á cultura de um sentimento sublime do homem, o bello.

II

Na historia de Portugal encontram-se de envolta com os nomes dos reis e dos capitães os dos raros artistas que floresceram e abrilhantaram a sua época. A par do Mestre d'Aviz veem os architectos da Batalha: lêem-se na mesma pagina os feitos de Vasco da Gama e a historia da construcção da graciosa torre de Belem e do magnifico templo de St.ª Maria do Rastello: os desperdicios e a magnificencia do reinado de D. João V ficaram escriptos na basilica de Mafra e no aqueducto das aguas livres, e a cidade nova mandada levantar pelo grande marquez diz-nos bem qual era o

estado da arte em Portugal, na sua architectura alinhada, rectangular e fria.

Apesar de não encontrar protecção intelligente, a pintura tem sido cultivada em Portugal por homens de grande talento, em tres differentes épocas. No reinado de D. Manuel foi o pintor mais distincto o Grão Vasco. Na academia de Lisboa existem quatro admiraveis quadros d'este mestre que não teve successores na arte como os não encontrou na governação publica o rei que foi chamado o venturoso. Mais tarde, nos fins do seculo 18.º, os dois Vieiras, o Pedro Alexandrino e o ultimo e o maior de todos e um dos primeiros do mundo, o grande Sequeira, tentaram, mas em vão, levantar o templo da arte. Não eram os tempos para isso, e uns e outros curvaram a cabeça diante da indifferença do seculo, e desviaram os olhos com tristeza do povo que os rodeiava. Faltou-lhe o ar n'essa atmosphera onde respirava a ignorancia e a intriga fradesca, e onde tripudiavam sobre o cadaver de um povo heroico as nullidades dos casquilhos e das damas da côrte.

Domingos Antonio de Sequeira era um gigante. Nasceu cincoenta annos mais cedo do que devia ser, para o seu nome ter a popularidade europea que merece. Os quadros admiraveis que d'este artista possue a casa dos duques de Palmella, os innumeros esboços e desenhos que deixou mostram bem a grandeza e a poesia do pensamento de Sequeira, que, contrariado em toda a sua vida, patriota e liberal, envolvido nas questões politicas do nosso paiz, em que se laceram e quebram muitos espiritos, foi terminar em Italia, no meio do respeito e admiração dos estrangeiros, os ultimos dias da vida, que tão agra e cruel lhe fôra na patria.

A terceira época data nominalmente da creação da Academia das Bellas Artes de Lisboa, mas realmente, só desde que a geração nova, que entrou desassombrada no terreno da arte, livre de preconceitos, e consultando a natureza como o grande mestre, veiu completar o movimento que se tinha operado no dominio da litteratura e da arte dramatica.

Antes d'esta Academia existira uma escóla d'arte no palacio da Ajuda. Sequeira foi por algum tempo director d'ella; mas não era aquelle espectaculo de servilismo, de nullidade e de odiosa preguiça, repasto agradavel para olhos de um grande artista.

Para Domingos de Sequeira a escóla d'Ajuda representava um ordenado, nada mais. Sente-se verdadeira dôr d'alma ao escutar a narração do modo porque aquelles pseudo-artistas malbaratavam os dinheiros que deviam ser o premio do merecimento real e do trabalho util. Dava materia para um volume a ridicula e vergonhosa historia d'aquella chamada escóla.

A moderna Academia, devida a Passos Manuel, mas formada de restos da escóla d'Ajuda, não produziu nos primeiros annos fructo algum: faltava-lhe para se obter esse resultado tudo, desde os professores que, com poucas excepções, eram completamente nullos até aos modêlos para estudo dos discipulos, já em esculptura, já em pintura, architectura ou desenho. A semente lançada por esses cultivadores no campo da arte era má e nada produziu.

Antes assim, fizeram o unico serviço que podiam prestar. Não deixaram discipulos.

III

Os governos que se tem succedido desde Passos Manuel, tem cuidadosamente procurado evitar a accusação em que incorreu Pericles por parte dos seus inimigos, segundo se lê em Plutarcho.

«A Grecia, diziam elles, não póde esquecer-se de que, pela mais injusta e tyrannica depredação, as sommas por ella destinadas aos gastos da guerra, tem sido empregadas em doirar e embellezar a nossa cidade como uma mulher garrida que se sobrecarrega de pedrás preciosas, e teem servido só para levantar estatuas magnificas e construir templos dos quaes um só custou mil talentos.» Poderão ser accusados de tudo, menos de gastar os dinheiros publicos com os embellezamentos da capital, em proveito da arte e sem attenderem ás necessidades materiaes do nosso seculo, os homens que ostentam uma tal impassibilidade que é verdadeiramento estoica, e que porfiam em negar a sua protecção aos artistas, por uma falta deploravel de intelligencia, como se entendessem que a arte não é filha da civilisação e uma das suas mais esplendidas manifestações.

No fim da rua de S. Francisco, no centro da cidade e a dois passos da rua mais frequentada de Lisboa, vê-se uma parede com algumas janellas sem symetria, e uma porta pequena por onde não podem entrar duas pessoas ao mesmo tempo. Aquillo que em architectura não tem nome, aquillo que é uma ruina, constitue a fachada da Academia das Bellas Artes, é documento do nosso atraso e sancção official do rifão que diz «em casa de ferreiro espeto de pau.» Aquillo é o prospecto do systema politico, lê-se ali a imperfeição da nossa educação apesar de possuirmos escólas superiores e inferiores, justifica com muitas outras coisas o juizo que de nós fazem os estrangeiros, é labeo miseravel que lançamos a nós mesmos, e que, como miseria, só póde ser excedida pelo espanto que causariam no espirito dos Catões de toga de seda de qualquer assembléa politica, estas palavras, se, o que é impos-

sivel, ellas podessem ir lá distrahil-os das suas graves meditações de campanario.

Tem sido muito discutida a utilidade das academias. Queremnas uns conservar como depositos das tradições da arte n'um tempo em que o espirito dos povos evocado á liberdade pelas revoluções prefere aos prazeres puramente intellectuaes ou moraes das artes, o goso de commodidades de que esteve sequestrado por muitos seculos, e que devem ellas servir para abrigar a arte dos ataques da iconoclacia industrial e burgueza de uma geração que conserva nos seus habitos vestigios de uma outra sociedade onde não havia liberdade, nem educação publica que desenvolvesse egualmente todas as faculdades humanas, quer estas se applicassem ás artes ou ás sciencias: outros, isolando-se no terreno purumente artistico, não admittem a relação de dependencia natural que existe entre o estado social e as differentes maneiras de manifestar o pensamento, e, firmados unicamente na historia das artes, perguntam em que Academias estudaram Raphael, Ticiano ou Vinci.

A verdade está com os primeiros, e, apesar de reconhecermos as vantagens que tem o ensino livre, entre outras a liberdade e a unidade que são difficeis de obter no das Academias, comtudo defenderemos a existencia d'estes estabelecimentos porque elles tem por fim no nosso tempo sustentar e educar o publico no culto do bello. Aos que argumentam em pró do ensino livre com os nomes dos grandes artistas da renascença ou dos tempos antigos, responderemos com a historia que as circumstancias especiaes do tempo favoreceram extraordinariamente o engrandecimento das artes plasticas e da pintura. A renascença foi o accordar para a luz de muitos povos de costumes assás caracteristicos e differentes, foi o hymno da alvorada da moderna civilisação. Barbaros vieram, rompendo as legiões romanas, sentar-se nos palacios dos Cesares, mas a embriaguez do triumpho turvára-lhes o olhar que não podia ainda fitar-se com intelligencia sobre as maravilhas que os rodeiavam. Com o progresso do tempo, confundidos já os vencedores com os vencidos, adquiridos novos habitos e modificados os antigos, calou-lhes na alma a admiração em frente das maravilhas do genio antigo..... *patuit dea*. O grito que soltou Corregio ao ver as pinturas de Raphael ouvia-se sair de todos os peitos. Anch'io son pittore, disse o italiano. Tambem nós n'esse terreno vos venceremos, disseram os recem-chegados á Europa; e a Phidias, responde Miguel Angelo; a Homero o Dante, o Tasso, o Ariost, e Camões; a Apelles, a Protogenes, a Zeuxis, a Pharrazio, o grande Leonardo de Vinci, Raphael o divino, toda a es-

cóla veneziana, desde Giorgione e Ticiano até Carpaccio, e Rubens, Rembrandt, Murillo, Velasquez e Ribera; e cheios de vida e enthusiasmo os povos modernos só pararam quando se achava concluido o padrão glorioso e que estava levantada outra a par da estatua antiga que os deslumbrára, cheia de luz e radiante de formosura.

A imprensa tomou o sceptro das mãos da pintura, e desde então as sciencias e as lettras chamaram a si os talentos e disputaram á arte a attenção das multidões. Principiou a apparecer a grande familia dos eruditos, os Valla, e os Poggio, e o publico começou a ser iniciado nos altos mysterios da interpretação e a ouvir longas e massudas discussões onde os litteratos nem sempre se conservavam na região serena dos principios e em que muitas vezes a proposito de um *a* ou de um *e* os illustres discursadores desciam a particularidades genealogicas com pouco merecimento litterario. Eram no mundo do pensamento como poeira que o vento agita. O genio era o vento.

Os tres seculos que medeiam entre nós e a renascença, tem sido trezentos annos de discussão, desde as mais insignificantes questões de erudito que consome annos em recompor o texto de um manuscripto até ás mais elevadas de philosophia, de historia ou de litteratura, desde o libello litterario de Filelfo até as obras que trazem os nomes de Luthero, Galileo, Descartes, Newton ou Rousseau e com elles uma revolução. No que deixamos dito parece-nos estarem as verdadeiras causas da decadencia da arte, que foram as descobertas litterarias e scientificas, as questões religiosas, e as guerras de reforma, que trouxeram comsigo a decadencia do partido religioso e a da nobreza.

(*Continúa.*)

ZACHARIAS AÇA.

CHRONICA SCIENTIFICA

A sciencia hoje é para todos — Qual é o fim da Revista scientifica — O universo é grande e o homem é pequeno — Pluralidade dos mundos — Ilhas d'estrellas no espaço — O sol é um astro pallido entre as estrellas — Involtorios do sol — Abismos do astro luminoso — O sol apagado — Distancia do sol á terra — Volume e massa do sol — Está o sol mais perto de nós do que se julgava — Planetas pequenos. Ha já 80 d'estes astros — Os meteoros luminosos — Avaliação da altura da nossa atmosphera — A terra tem dois involucros gazozos — Um aeorolitho analysado.

sciencia hoje funda-se sobre a observação exacta dos factos, e não sobre vagas hypotheses, feitas mais para occultar a ignorancia do que para esclarecer a verdade. Estudar os phenomenos da natureza, interpretar a significação verdadeira d'esses phenomenos, comparal-os entre si, para deduzir as leis que os regem e descobrir as causas que os determinam, buscar a simplicidade dos meios que a naturesa emprega para obter os mais esplendidos resultados atravez da immensa variedade de aspectos que apresenta o universo, eis o methodo e o fim da sciencia moderna. Os resultados são na verdade maravilhosos; e como de cada novo descobrimento o engenho humano busca tirar applicações, proveitosas para o desenvolvimento da rasão ou para o engrandecimento da industria, claro está que a todos os homens interessam os progressos da sciencia.

Os mysterios, em que se envolviam os sabios nos antigos tempos, acabaram: a sciencia é hoje de todos e para todos. São os sabios verdadeiros operarios que trabalham com incansavel zelo para o bem commum de todos os homens; já aprofundando as graves questões da philosophia, abrindo assim mais largos horizontes ao espirito, e elevando ao mais alto gráo de perfeição a alma humana indefinidamente perfectivel; já descobrindo novas propriedades á materia ou novos modos de manifestação á força, que origina todos os phenomenos do mundo physico, tornando assim mais seguro o dominio do homem

sobre a naturesa, augmentando-lhe o poder de applicar em utilidade propria os variadissimos recursos que Deus dispoz em roda d'elle.

Delicados processos de experimentação, observações minuciosas e complicadas feitas por meio de instrumentos construidos, muitas vezes com perfeição admiravel, mas que nem sempre é facil comprehender, longos raciocinios, applicações complexas da indução ou do calculo, uma nomenclatura difficil de perceber, uma multiplicidade infinita de factos no meio dos quaes só os homens de verdadeira sciencia se não perdem, eis o que torna arduo o accesso da sciencia aos que a não professam. É indispensavel, não confundir os resultados da sciencia com os meios que ella emprega para chegar a esses resultados; estes são necessarios aos sabios para trabalharem e para apreciarem a importancia e valor dos trabalhos scientificos; aquelles são os fructos d'esses trabalhos, os quaes, com maior ou menor difficuldade, podem ser comprehendidos por todos, e que a todos interessa conhecer. Pôr ao alcance dos homens intelligentes, embora se não dediquem especialmente ao estudo das sciencias, os mais importantes resultados, obtidos pelos trabalhos e meditações dos sabios, vulgarisar o conhecimento da naturesa nas suas admiraveis manifestações, popularisar os processos da industria em todos os seus variados ramos, é uma das necessidades do nosso tempo. É quasi sempre difficil expôr os principios das sciencias a quem não tem preparado o espirito para os intender; mais difficil é ainda fazer perceber a importancia de um descobrimento, o valor de um resultado novo da experiencia ou da observação, a quem desconhece os fundamentos e a historia das sciencias. Uma revista scientifica, porém, n'um periodico que se não occupa especialmente de industria e sciencia não póde deixar de dar noticia dos factos e descobrimentos mais salientes e importantes, buscando tornal-os, quanto possivel, perceptiveis para a generalidade dos leitores, isto é, procurando antes de tudo a simplicidade e a clareza, sem lhes sacrificar porém o rigor e severa exactidão scientifica.

Interessar pela sciencia os leitores da *Revista Contemporanea*, fazendo-lhes conhecer os trabalhos dos sabios, e expondo-lhes os seus mais notaveis resultados, dando-lhes noticia das maravilhas que o engenho humano está todos os dias creando na industria, e apreciando a sua influencia nos progressos da civilisação, eis o intuito com que é escripta a *Revista Scientifica*, que começamos hoje a publicar. Buscaremos satisfazer a este difficil empenho, quanto o permittirem os nossos recursos e o consentir a estreitesa do espaço, que na *Revista Contemporanea*, por em quanto, póde ser dedicado á *Revista Scientifica*.

A contemplação do firmamento produz uma profunda admiração,

e uma viva curiosidade em todos os homens; para todos ha nos espaços celestes, onde brilham miriades de astros, uma maravilha e um segredo, o prodigioso espectaculo da grandesa do universo, e a sublime manifestação da eterna harmonia. Mas quando a rasão busca comprehender as leis que regem os mundos, quando a observação quer descobrir a constituição dos astros, e o pensamento se esforça por alcançar a noção completa da materia, do espaço e do tempo no universo, é então que o homem sente elevar-se á concepção do eterno e do infinito; é então que elle, consolando-se com a superioridade que o pensamento lhe dá sobre os outros seres habitantes da terra, avalia com pasmo a exiguidade do planeta que habita, e fica assombrado da sua propria pequenez.

A terra gira perpetuamente em roda do sol; como ella, outros planetas descrevem em torno do astro luminoso curvas regulares. Esta reunião de mundos, girando em volta do sol, acompanhados alguns de outros globos menores, que volteiam em torno d'elles como elles o fazem em torno d'este astro, constituem um systema, regido pelas leis simples da atracção. O systema planetario do sol é apenas uma unidade, entre a infinidade de sóes que nos apparecem, com diverso brilho, variada côr, e differente grandesa, scintilando no céu durante a noite; sóes que se nos afiguram apenas como pontos luminosos de maior ou menor intensidade, estrellas que como pela distancia nos pareçam de diversas grandezas, até se confundirem n'essa nuvem luminosa, a que chamamos a *via lactea*. Comparar a grandesa physica do homem á immensidade do universo é comparar o finito ao infinito, o atomo ao ilimitado. A terra é immensa em relação á grandeza do homem; e a terra é apenas um grão de pó obscuro, perdido na multidão incomensuravel dos mundos. A espessura da terra é egual a seis milhões de vezes a altura do homem, e com tudo a terra tem uma massa muitas mil vezes menor do que a do sol: do sol á terra ha uma distancia egual a onze mil vezes a espessura da terra. Mesmo correndo com a maxima velocidade de uma locomotiva sobre um bom caminho de ferro, seriam necessarios mais de 135 annos para ir da terra ao sol. Apezar d'esta distancia, que se nos afigura enorme, deve saber-se que a terra é um dos planetas mais visinhos do sol, e que d'elle recebe mais luz e calor.

Para avaliar distancias tão grandes, como as que medeiam entre os astros, são insuficientes as nossas medidas terrestres. É pelo tempo, que a luz gasta em ir de um a outro astro, que podemos melhor conceber as distancias nos espaços celestes. N'um segundo de tempo a luz percorre mais de 300:000 kilometros; n'um oitavo de segundo póde ella fazer a volta da terra. O tempo gasto pela luz para vir de um qualquer astro até á terra póde servir de medida para a distan-

cia a que esse astro se acha de nós. A mais visinha das estrellas fixas, o centro mais proximo de um systema planetario, provavelmente semelhante ao nosso, está duzentas mil vezes mais longe de nós do que o sol: para vir do sol á terra a luz gasta 8 minutos e proximamente 18 segundos; para nos chegar a luz da mais proxima estrella não póde gastar menos de tres annos e um mez.

As estrellas distinctas, mesmo empregando o auxilio dos poderosos telescopios, que tornam visiveis para nós as profundidades do céu estrellado, por mais inconcebivel que seja a sua distancia á terra, por mais inapreciavel á nossa rasão que seja o seu numero, ainda nos não dão idéa da grandeza do universo. Além d'essa nuvem d'estrellas luminosas, que fórma o limite da via lactea, d'esta ilha de estrellas isolada na amplidão do espaço, existem ainda milhares de ilhas luminosas, que a vista póde descortinar com o auxilio das poderosas lunetas, e que, pela sua apparencia de luz pallida e confusa, os astronomos denominaram *nebulosas*. Esses grupos de sóes, que a observação mostra dispostos em vastas e brilhantes espiraes, são numerosissimos: e alguns dos já observados estão a tal distancia da terra que, para nos chegar a luz que elles emitem, é necessario um milhão de annos!

O estudo de tão grandes maravilhas, como as que se observam nos espaços celestes, não póde deixar de impressionar profundamente o espirito humano, sempre curioso de descobrir os mysterios da natureza, e sempre a encontrar novos mysterios á medida que augmenta, pelos instrumentos aperfeiçoados e pelos methodos rigorosos, o campo das suas observações. As *nebulosas*, essas accumulações de sóes «tão numerosos como os bagos de areia, tão numerosos como os grãos de pó» tem sido objecto de observações importantes, pelo emprego de telescopios de dimensões excepcionaes: não é porém d'ellas que hoje temos que dar noticias, é só de um astro luminoso, do mais proximo de nós, do que nos dá a luz e o calor, do sol emfim que vamos occupar-nos agora.

O sol não póde contar-se entre os astros mais brilhantes do universo; é um astro pallido e amortecido em comparação de outras estrellas cuja intensidade de luz tem sido avaliada pelos astronomos. A estrella Sirio, uma das que mais brilham no firmamento, se fosse trazida á mesma distancia em que se acha o astro do dia, dar-nos-hia uma luz egual á de 146 sóes, isto é, uma luz que os nossos olhos não poderiam supportar. É tão pequena a luz do sol que, visto do planeta Neptuno, elle deve dar um clarão comparavel ao da lua cheia. A que deve o sol a sua luz? É elle um astro em plena combustão? O que sabemos nós sobre a constituição do sol?

Vejamos o que a sciencia nos diz sobre este curioso assumpto.

Segundo as observações do Rev. W. Dawes, astronomo que tem

feito do aspecto physico do sol assumpto de longos, difficeis e minuciosos estudos, a superficie d'este astro apresenta-se enovelada, formada de elevações arredondadas de uma materia luminosa, imperfeitamente separadas umas das outras por linhas de pequenos pontos negros. Os intervallos entre estes pontos são muito pequenos, e occupados por uma materia menos luminosa do que o resto da superficie do astro. Os poros, as pequenas pontuações escuras, não são geralmente redondas, mas antes representam estreitas linhas ou fendas. O astronomo Dawes nota, que a proporção da area occupada na superficie do sol pelos espaços menos illuminados, comparativamente com a que n'ella occupam as massas mais luminosas, é sujeita a consideraveis variações. D'aqui resulta qne a intensidade luminosa do sol póde mudar em differentes épocas; isto é, que o sol se deve collocar entre as estrellas de luz variavel. O sol não tem em todos os tempos illuminado egualmente a terra e os outras planetas; nem se póde contar que no futuro a sua luz seja sempre egual á que elle hoje apresenta. As chronicas dos antigos tempos dão noticia de se haver escurecido o sol por diversas vezes; e ainda ultimamente um sabio inglez, o sr. Carrington, encontrou n'um velho livro a noticia de se haver, no tempo do papa Leão III (de 796 a 816), apagado o sol durante dezoito dias.

A apparencia geral da superficie luminosa do sol, da *photosphera* como lhe chamam os astronomos, é, segundo a expressão do Herschel comparavel á da pelle rugosa de uma laranja. Sobre as massas luminosas, que se erguem na superficie do sol, correm linhas, listões de luz intensissima, aos quaes se deu o nome de *faculas*. Estas faculas brilhantes são como as cumeadas de altas serras de nuvens luminosas: o que o sr. Dawes poude reconhecer, observando a *photosphera* nos bordos do sol, onde as elevações e depressões se recortam como se fossem elevadas serranias. Este envoltorio, diversamente luminoso em differentes logares, cheio de elevações e depressões, crivado de pontos ou fendasinhas escuras, e mudando de aspectos em tempos pouco affastados, a photosphera emfim rompe-se com frequencia, e deixa ver o que por baixo d'ella existe no astro luminoso. As aberturas da photosphera apresentam-se como manchas escuras mais ou menos largas, as quaes, formando-se ás vezes com grande rapidez, occupam maior ou menor extensão do disco solar, contribuindo assim para lhe variar o brilho e a irradiação calorifica. É por essas largas aberturas que o olho telescopico póde penetrar nos abysmos do sol, e descubrir os segredos que se escondem por baixo do seu manto de luz. Os bordos luminosos d'estas manchas são irregularmentes cortados, e d'elles parecem partir estrias luminosas, qne na aparencia se podem comparar a pequenas palhas entrelaçadas; as quaes formam, ás vezes, como uma ponte lançada sobre o insondavel abysmo.

Segundo o sr. Dawes, as manchas do sol, cuja fórma é infinitamente variavel, apresentam caracteres importantes que as destinguem umas das outras. Em geral pódem ellas dividir-se em manchas *profundas* e manchas *superficiaes*.

As manchas profundas são rupturas de todos os envoltorios do sol, desde a photosphera até á massa central, ao globo que fórma o nucleo do grande astro. No fundo das largas manchas, que apresentam uma tal ou qual symetria, apparece, junto ao centro, uma porção perfeitamente negra, que o astronomo, de cujos trabalhos estamos dando noticia, considera como o nucleo, o corpo central do sol. Em torno d'esta porção negra apparece o primeiro involucro, o mais profundo, o que immediatamente cerca o globo solar: este involucro é escuro, e como formado de uma pesada massa de nuvens, que se encastellam a diversas alturas; as mais baixas são mais escuras, as mais elevadas illuminam-se frouxamente, como reflectindo a luz dos estractos superiores. No rebordoi nterno d'esta camada nebulosa, no que fica immediato ao nucleo, parece que as nuvens se erguem como impellidas por uma força, que vem do corpo central do astro.

O segundo envoltorio, que existe por cima d'aquelle que fica descripto, parece ter luz propria, mas de muito menor intensidade que a da camada exterior. O rebordo interno das aberturas d'esta *penumbra* é tambem levantado como o do envoltorio interno. Esta mesma apparencia tem os bordos da rasgadura da photosphera, no logar em que se abrem os largos abysmos que obscurecem uma parte do disco solar.

Para explicar a formação das manchas, o sr. Dawes suppõe, que do nucleo solar irrompem, com prodigiosa força, grandes massas de um gaz não inflammavel, impellidas por uma força volcanica. A dilatação d'este gaz pela acção do calor, á medida que elle se aproxima da photosphera, explica a fórma de *funil* que tem as ropturas dos involucros do sol. O fundo das manchas, d'esses vastos e profundissimos abysmos, apresenta um continuado e tempestuoso movimento, algumas vezes com tendencias á rotação, o que ainda se póde explicar pela violencia das corrupções gazosas.

Além d'estas manchas profundas, outras ha, mais pequenas e menos obscuras, que só parecem interessar a camada luminosa superficial do sol.

O sol é pois, segundo estas observações, uma grande esphera obscura, envolvida n'uma vasta atmosphera formada de estractos distinctos, sempre em continuo tumulto, e permanente temporal. D'estes involucros, o mais interno é nebuloso, escuro, pesado e crasso; o immediato é luminoso por si, e tambem nebuloso; o externo é como um vasto mar coberto de vagas luminosas, e rasgando-se por

vezes, já em fendas estreitas, já em abysmos de vastissimas dimensões.

O volume do sol é um milhão e quatrocentas mil vezes maior do que o da terra; comtudo, como na sua constituição entram grandes massas de materias em estado gazoso, por isso a sua massa estava calculada, segundo a opinião até hoje seguida, apenas em 355:000 (354:946) vezes a massa da terra. A distancia do sol á terra, segundo as determinações geralmente admittidas, era egual a 24:000 vezes o raio da terra, ou 152 milhões de kilometros. Estes numeros devem ser, porém, corrigidos em virtude das determinações da distancia do sol á terra, que acaba de fazer o astronomo Hansen, tomando por base as desegualdades do movimento da lua: esta determinação deve considerar-se exacta, por concordar com os resultados obtidos pelo celebre physico Leão Foucault, e com modernos e rigorosos trabalhos astronomicos. O sol é definitivamente mais visinho nosso do que ha pouco ainda se julgava: a distancia que d'elle nos separa é proximamente de 148 milhões de kilometros. D'aqui resulta que a massa do sol se deve calcular em menos do que até aqui, reduzindo-a a 320:000 a massa da terra. A astronomia póde pesar e medir os astros com grande exactidão, partindo das leis da *gravitação*, que n'uma proxima *revista* explicaremos resumidamente aos nossos leitores; como porém os calculos, que servem para chegar ás determinações do peso e do volume dos astros, dependem de dados da experiencia, é claro que, á medida que se forem aperfeiçoando os meios de observação, ir-se-hão corrigindo os pequenos erros, que ainda ha n'alguns dos resultados, geralmente admittidos como suficientemente exactos.

Passemos agora do sol, centro de atracção do nosso systema planetario, aos astros de menores dimensões que giram em torno d'elle. Entre os grandes planetas, astros comparaveis inteiramente á terra em que habitamos pelas suas propriedades geraes, giram muitos pequenos astros, planetas em miniatura, cujo numero vai de dia para dia crescendo nos catalogos da astronomia do systema solar. Todos estes pequenos planetas giram em torno do sol entre Marte e Jupiter. No fim do anno passado era setenta e nove o numero d'estes asteroides. O sr. Pogsono, director do observatorio de Madrasta, descobriu já n'este anno um novo planeta telescopico, o qual foi denominado *Sapho*. Ha pois a contar 80 asteroides conhecidos no nosso systema.

Além d'estes asteroides, pequenos planetas que giram como os grandes em roda do sol, e que parecem ter, segundo observações por ora incompletas, um movimento de rotação em volta do seu eixo em 24 horas como a terra, existem, nos espaços percorridos pelos

planetas, massas de materia cosmica, materiaes de planetas que se não formaram, os quaes, ao entrarem na nossa atmosphera, nós vemos debaixo da fórma de estrellas cadentes, de bolides, ou mesmo de aerolites, quando chegam a cair na superficie da terra. A apparição d'estes meteoros luminosos, d'alguns dos quaes já foi possivel medir a altura acima do nivel da terra, tem servido para nos dar uma idéa mais aproximada da altura real da nossa atmosphera; objecto sobre o qual os conhecimentos scientificos eram inexactos. A observação das auroras boreaes, esplendidos phenomenos luminosos, provavelmente devidos á electricidade, que se passam nos confins da atmosphera, e as determinações da variação das temperaturas e das densidades na atmosphera, ultimamente feitas em ascenções aerostaticas, confirmam os dados, deduzidos da altura das estrellas cadêntes, ácerca da espessura do nosso envoltorio gazoso.

Partindo de uma lei de decrescimento da densidade do ar, supposta verdadeira, os physicos chegaram a calcular que a atmosphera terrestre tinha, aproximadamente, quinze leguas de altura. Ora, o estudo dos phenomenos luminosos, a que acima nos referimos, mostra que, além da atmosphera em que nós os homens vivemos, existe uma outra atmosphera mais serena, mais inflammavel, mais transparente, a qual se estende a grande distancia da terra. N'essa atmosphera brilham as estrellas cadentes, resplandecem as auroras boreaes, umas e outras apagando-se ao tocarem na atmosphera respiravel. Segundo o sr. Nenton, os raios de uma aurora boreal, por elle observada em Nova-York, estavam á altura de quinhentas milhas. Algumas observações feitas em França deram, para certas estrellas cadentes, uma altura de cem leguas. Outras estrellas cadentes observadas em Roma apresentaram a altura de oitenta kilometros.

Estas considerações, fundadas sobre observações numerosas, levam o sr. Quetelet (de Bruxellas) a admittir que em torno da terra ha duas atmospheras, dois *estractos* como no sol; um inferior e nebuloso; outro superior, immensamente mais elevado, onde se passam os grandes phenomenos da physica do globo, taes como o apparecimento das exhalações meteoricas, as auroras boreaes, as grandes acções magneticas, etc. Qual é o limite d'esta segunda atmosphera? Qual é a sua composição? Nada authorisa a sciencia a responder hoje a estas interessantes questões.

As apparições luminosas, que cortam em linhas de fogo o envoltorio gazoso da terra, são phenomenos que profundamente impressionam os povos. Costumados á immobilidade aparente do céu, os homens difficilmente vêem sem terror tudo o que perturba aquella solemne quietação. Um globo brilhante, que subitamente illumina o horizonte; uma estrella correndo pelo espaço, e deixando após si

um rasto de fogo mais ou menos apparente; uma pedra abrazada caindo do céu; um cometa estendendo sobre as estrellas a sua vasta cauda luminosa; tudo o que altera a tranquillidade apparenta da abobada celeste, é origem de medos, de preconceitos, de tristes illusões. para os que não conhecem a historia scientifica e a explicação d'esses phenomenos esplendidos.

Os cometas são nevoas tenuissimas da materia *cosmica*, da materia primitiva dos mundos, da materia extremamente rarefarta, e illuminada apenas. As estrellas cadentes, os bolides, os aerolithos são fragmentos solidos de massa *cosmica*; pequenos asteroides, que a terra encontra na sua marcha pelo espaço, e que vem incendiar-se na camada superior da atmosphera, n'esse segundo *estracto* de que acima se fallou. Quando a direcção do movimento d'esses asteroides, combinada com a acção attractiva da terra, faz com que elles entrem na camada inferior da atmosphera, e venham a cair, tem a sciencia occasião de pesar, de medir, de analysar a substancia de que se compõem os corpos, que giram no espaço fóra dos limites assignados á individualidade planetaria em que habita o homem, á terra. Um *aerolitho*, uma pedra que cáe dos céus, é uma occasião opportuna de estudar physica e chimicamente o systema planetario.

Em 7 de dezembro de 1863, um aerolitho caíu junto de Louvain, na Belgica. — Esta pedra meteorica foi assumpto de um curioso e interessante estudo feito por um sabio já conhecido e estimado, o sr. Pisani. Em resumo reconhece-se que, nos corpos existentes fóra do nosso planeta, se encontram substancias elementares identicas áquelles que existem na terra. O aerolitho de Louvain contém o ferro, o nickel, o estanho, o enxofre, o ferro-cromado, o silica, a alumina, o oxido ferroso, o oxido manganoso, a magnesia, a cal, a soda e a potassa. A materia, como a força, é a mesma em todos os corpos celestes; e toma, debaixo da acção de causas e leis geraes, fórmas identicas por todo o universo.

J. D'A. Corvo.

CHRONICA POLITICA NACIONAL E ESTRANGEIRA

I

oram prorogadas as côrtes, como haviamos previsto, mas não se resolveram todas as questões que parecia terem determinado a prorogação. Concluiu-se a discussão do orçamento do Estado em ambas as camaras, e a do orçamento ultramarino acolhida com o alvoroço da novidade tambem não encontrou obstaculos. Votou-se egualmente a reforma do exercito, prestando a camara alta especial attenção a algumas particularidades lembradas pelo sr. marquez de Sá, e que não serão de certo desprezadas pelo governo.

Teria o parlamento encerrado gloriosamente a legislatura, se discutindo a lei da liberdade de imprensa, afastasse as interpretações variadas com que os tribunaes julgam diversamente os pleitos de imprensa, e se resolvesse definitivamente a causa da abolição da pena de morte. Ambas estas decisões mostrariam á Europa, e com verdade, que o estado da civilisação portugueza nos faculta o que outras nações não ousam emprehender.

Era facil resolver esta ultima questão, porque á convicção geral de que a sociedade não tem direito de matar, accresce não estar em uso desde muitos annos a applicação da pena capital, já abolida nos crimes politicos. A lei que banir de entre nós a pena de morte, será a photographia dos costumes portuguezes, e por consequencia a melhor entre todas as leis.

Tinha sido unanime na Europa o applauso desde que se annunciou que o parlamento parecia inclinado a prestar homenagem aos bons principios philosophicos. Infelizmente a geral approvação não instigou mais o animo dos membros da camara electiva. Entenderam tal-

vez que não urgia resolver uma questão, já decidida pela benevolencia da corôa, e que por isso mesmo cumpria proceder de modo que desde logo ficasse nas leis criminaes convenientemente supprida a pena extincta.

N'este caso a camara e o governo sacrificaram a gloria á circunspecção. É licito duvidar se a prudencia realmente devia embargar, ao menos temporariamente, os desejos humanitarios da camara electiva, mas não cabe censura ao addiamento fundado em intuitos de maior perfeição.

As camaras fecharam-se no dia 18 d'este mez, assistindo suas magestades á sessão real do encerramento. El-rei pronunciou o discurso do costume. Desde esse dia cessaram quasi todas as discussões politicas, provavelmente até á época em que fixando-se os prasos eleitoraes, se accenda de novo a peleja entre os partidos. Por ora além dos juisos retrospectivos ácerca da camara, não anda geralmente na imprensa nenhum assumpto que não seja pessoal.

Pouco antes de se encerrarem as cortes, chegou noticia ao governo de que em Coimbra pessoas desconhecidas, logo depois de principiarem os actos, intentaram lançar fogo ás casas de dois lentes, accusados de severidade nos exames. Causou grande espanto o attentado, e a faculdade de direito deu-se por inhibida de continuar os actos, como se a perturbação da ordem fosse permanente. O governo mandou continuar os trabalhos da universidade, enviou a Coimbra na qualidade de governador militar o sr. Vasco Guedes, e pelas acertadas providencias d'este cavalheiro de accordo com o governador civil, conseguio manter a ordem na cidade, e restituir os estudos á sua anterior regularidade.

Diz-se estar preso um dos complices da tentativa de incendio, que a maioria dos açademicos reprovou com a indignação propria dos generosos brios da juventude.

N'estes ultimos dias o governo deliberou acabar com a companhia *União Mercantil*, que de nenhum modo satisfazia as obrigações do seu contracto, e muito logicamente usou egual severidade com a companhia das aguas, que desde 1858 não conseguira adquirir os meios de abastecer a cidade, segundo promettera no seu contracto. A opinião geral foi muito favoravel a estas duas decisões do sr. ministro das obras publicas.

No horisonte politico vê-se de um lado desapparecer no occaso a acção politica da camara electiva que uns bemdizem e outros apedrejam com reciproca e apaixonada exageração, e de outro lado surgir a aurora das eleições, luz de esperança para muitos, triste miragem para outros, e annuncio de luta porfiada para todos.

Depende do suffragio popular o futuro do paiz, e se, como todos

dizem, o governo quer manter ao voto dos povos a maxima liberdade, a camara que vae ser proximamente eleita, boa ou má, será a expressão genuina das aspirações do paiz e da civilisação nacional.

II

É a questão dano germanica a que ainda hoje prende principalmente a attenção da Europa. Entretanto surgiram muitos outros acontecimentos importantes ácerca dos quaes são encontradas e contraditorias as noticias.

A pendencia do Schleswig Holstein procura, embora lentamente, um desenlace que duvidamos seja favoravel á conservação da paz europea.

Antes de reunir a conferencia de Downing-street, tinham as potencias signatarias do tratado de 1852 declarado que estavam concordes em acceitar este contracto como base de negociações, ou antes como ponto ácerca do qual todos estavam de accordo. É pois motivo de surpresa que hoje se tenham completamente posto de parte as convenções firmadas n'aquelle anno.

Convêm ter presente que n'essa época se fez em Londres um tratado, que regulava a ordem de successão ao throno dinamarquez, e além d'isso se firmaram estipulações em virtude das quaes as grandes potencias allemãs não insistiam na união administrativa do Schleswig e Holstein, obrigando-se em troca a Dinamarca a não dar passo algum tendente a unir o Schleswig ao resto da monarchia.

A respeito do tratado não existe a minima divergencia; todos concordam em que Christiano é o soberano legitimo da Dinamarca, mas o que de certo está revogado são as convenções accessorias que diziam respeito aos ducados.

Durante as primeiras sessões da conferencia, a Dinamarca recusou tenazmente negociar sobre base, que não fosse a da conservação da integridade da monarchia.

Não podiam porém os plenipotenciarios allemães, orgulhosos pelas vantagens obtidas na guerra que as ambições das suas côrtes tinham provocado, consentir em tal convenio. Propunham que se separasse o Holstein e todo o Schleswig do reino dinamarquez, vindo a formar um estado independente, mas sujeito pelos vinculos federaes á dieta germanica.

Entre tão contrarias pretenções não era facil haver concordancia; por isso a Inglaterra apresentou uma proposta de mediação em virtude da qual se separava da Dinamarca o Holstein e o sul do Schleswig até á linha do Schlei, e Danewircke. A idéa formulada n'este projecto foi adoptada pelos plenipotenciarios allemães *ad referendum*,

e tambem mereceu accolhimento dos dinamarquezes depois de algumas hesitações. Parecia assim approximar-se o termo das negociações, e portanto a paz, mas as potencias germanicas, levadas de insaciavel cobiça, não se contentaram com a divisoria offerecida, e exigiram a linha de Apenrade a Tondern. Para se comprehender quão infundada é esta pretenção, é preciso saber que o ducado de Schleswig se póde dividir em tres zonas bem distinctas, a do sul habitada principalmente por allemães, e a do norte em que predomina o elemento dinamarquez. Entre estas corre uma faxa onde as raças scandinava, e teutonica estão irregularmente misturadas. A proposta ingleza cedia aos allemães a primeira d'estas divisões e parte da segunda, mas estes pretendem não só a zona mixta, mas ainda uma porção da que é quasi exclusivamente dinamarqueza.

Para cortar taes difficuldades lembrou a França, proseguindo no seu empenho de defensora das nacionalidades, que se consultassem as populações do Schleswig pelo suffragio universal.

A proposta franceza encontrou tambem serias difficuldades; é uma a repugnancia da Austria, que sendo um amalgama heterogeneo de raças differentes, não lhe convém que o principio das nacionalidades adquira foros de cidade na Europa. Objectam os dinamarquezes que não póde ser genuina a expressão do suffragio universal, exercido debaixo da pressão do exercito prussiano, e objectam bem.

O sr. de Birmarck, para satisfazer os seus intuitos espoliadores, entendia que deviam votar conjunctamente todos os habitantes do ducado contestado, isto com o fim de ver se o elemento germanico levava de vencida o scandinavo. A França com rasão pediu o voto por districtos. Seja-nos permittido dizer que o expediente apontado pelo governo imperial não podia surtir bons effeitos sem se desattender em parte os resultados do escrutinio. Effectivamente a divisão que fizemos do Schleswig não é tão absoluta que não haja grupos importantes de população allemã encravados nos districtos dinamarquezes, e reciprocamente. É pois claro, que tanto a parte annexada á Dinamarca como a separada ficariam formadas de retalhos absurdamente distribuidos, se se pretendesse tomar só em conta a expressão dos votos populares.

A opposição da Austria, Inglaterra e Dinamarca fez abortar o projecto francez até ás ultimas sessões da conferencia, mas n'estas com geral surpresa appareceram os plenipotenciarios da Prussia e da Dieta tentando resuscitar a idéa lembrada pelo principe de La Tour d'Auvergne.

Lisongeava-se a Prussia com a esperança de se annexar grande quinhão do Schleswig Holstein, mas vendo frustados os intentos em presença da attitude das outras potencias, tentou ganhar pelos votos

populares, o que em intrigas diplomaticas ou campos de batalha não póde obter. Occupando militarmente os ducados, não lhe parecia difficil obrigar o suffragio universal a dizer o que mais conveniente fosse aos seus interesses. Tinha rasão.

N'este conflicto dano-germanico, o cruzar de ambições oppostas tem dado lugar a incidentes, que tocam as raias do burlesco. A tenacidade prussiana, que se aferrou com persistencia allemã ao dominio mais ou menos disfarçado dos ducados, levou o rei Guilherme a esposar as pretenções do principe de Augustenburg vendendo-lhe o auxilio em troco da esperada submissão. O principe, que durante a guerra desapparecêra quasi da scena politica, aproveitou o ensejo do armisticio para emprehender uma viagem de correição pelo Holstein com o intuito de aquecer o enthusiasmo dos futuros subditos. N'este empenho andava, quando urgentes mensagens do rei Guilherme o chamaram a Berlim. Ahi encontrou o sr. de Bismarck que depois de admoestal-o paternalmente pelas suas velleidades constitucitucionaes, lhe deu a entender quanto a Prussia desejava protegel-o, e procurou convencel-o de que esta benevolencia adquiriria a maxima efficacia, se o pretendente se prestasse a reconhecer a suzerania do rei da Prussia. É axioma antigo que nada ha como as viagens para instruir o mocidade; o principe com ser de idade madura, recebeu optimo ensino das suas diggressões.

Viu, que os do Holstein tanto não morrem de amores pelos seus libertadores prussianos quanto presam as instituições liberaes. Respondeu pois decidamente agradecendo as generosas offertas do sr. de Bismarck, mas sem as acceitar. Foi grande a indignação do ministro prussiano, vendo-se ludibriado pelo pretendente, que primeiro despresára, e agora tinha querido affagar. Jurou que a audacia lhe custaria a corôa, e de feito passados dias todos os jornaes officiosos começaram a pôr em duvida os direitos hereditarios do principe; n'esta louvavel tarefa proseguem.

Coincidiu com a nova phase da politica prussiana a desistencia que o imperador da Russia fez dos seus contestados direitos á posse dos ducados do Elba em favor do gran-duque de Oldenburg. Se pouco vale a cedencia, é de grande preço a protecção do Czar, e por isso temos que a estrella do principe de Augustenbourg soffreu eclypse pelo menos parcial. É porém a dieta de Francfort quem naturalmente terá de decidir esta questão.

O outro ponto de contestação alevantou-se no seio da conferencia de Londres. De ha muito pensa a Allemanha em tornar-se potencia maritima; negou-lhe porém a natureza o dom de portos favoravelmente dispostos para a proponderancia militar e maritima, e por isso mais teima em converter a excellente enseada de Kiel em Sebastopol germanico.

Querem tambem que Rendsburg se torne fortaleza federal, quer dizer prussiana, para lhes servir de sentinella avançada no norte.

A primeira pretenção vae de encontro aos interesses inglezes e russos, e é além d'isso adversa ao importante movimento commercial de Kiel, cujos habitantes já representaram contra as velleidades guerreiras dos pacificos allemães. A segunda é prejudicial aos dinamarquezes, a quem não agrada que se erga junto das suas futuras fronteiras tão formidavel padastro.

No dia 12 de Junho terminava a suspensão de armas, que se tinha assignado por um mez.

Os austro prussianos que estão de posse dos territorios contestados desejavam que se prolongasse o armisticio por dois mezes, mas aos dinamarquezes não convinha o alvitre, porque assim só poderiam começar as hostilidades quando as tempestades e os gelos lhe paralisassem a esquadra, que é o seu principal recurso. As instancias das potencias neutraes conseguiram alcançar tréguas até ao dia 26, no qual nos parece inevitavel a continuação das hostilidades.

Bastantes são as questões que preoccupam o gabinete das Tulherias, e todas importantes.

Vem em primeiro lugar a questão do Mexico. Com a acclamação do imperador Maximiliano esperava o governo francez poder livrar-se dos encargos e desprazeres da intervenção na America. Enganou-se.

Foi grande parte do emprestimo mexicano empregado em pagar as dividas do novo imperador; o resto consumir-se-ha nas primeiras despezas da installação. Não será por isso mui proximo, nem mesmo mui provavel, que o thesouro francez reembolse as sommas que tem despendido.

O partido de Juarez que se julgava morto levantou de novo a cabeça. Pertence-lhe ainda mais de metade do largo territorio mexicano, e póde dispor de um exercito de vinte e cinco mil homens quasi todo composto de brancos. N'esta força figuram doze a quinze mil soldados aguerridos, que desertaram ou foram mandados desertar do exercito norte americano. É além d'isso evidente a má vontade com que os Estados Unidos olham para a intervenção franceza, e é possivel que, domada a revolta do sul, o gabinete de Washington volte as suas forças contra o nascente imperio mexicano. N'este caso o brio da França não lhe permitte abandonar o Estado que tentou organisar, e não nos parece que na America possa o imperio francez resistir aos immensos recursos da gigantesca republica anglo-saxonia. É portanto sombria a perspectiva.

Em Argel continua a revolta, e apezar das asserções dos jornaes officiosos francezes, ainda com forças taes que não teme conservara offensiva. Á testa do governo d'esta possesão falleceu o Duque de Malakoff.

Com a revolta de Argel coincide a que ha pouco estallou na regencia de Tunes. Sublevaram-se os arabes contra as extorsões do Bey. Até ás ultimas noticias tem a insurreição crescido em intensidade e extensão, e já começaram os revoltosos a aggredir os christãos.

Na Italia continuam com persistencia os rumores desfavoraveis á saude do Pontifice.

O governo de Turim adopta providencias administrativas e financeiras para organisar o reino, cujas forças militares já attingem uma cifra respeitavel.

Continua em Hespanha á frente dos negocios publicos o governo moderado proseguindo com intuitos liberaes. No congresso discute-se uma lei de liberdade de imprensa, que colloca as publicações periodicas em melhor situação, abolindo a censura previa, e modificando em sentido liberal a legislação vigente.

Trata de organisar-se o partido progressista, e á sua frente se queria collocar o sr. Olosaga, mas oppoz-se-lhe ao intento o antigo caudilho, duque da Victoria.

Manifesta-se descontentamento nas provincias do sul, e o governo envia para ali tropas para prevenir algum movimento.

Travou-se um conflicto entre a Hespanha e o Peru. Aproveitando pretextos pouco justificados os agentes hespanhoes atacaram o Peru sem previa declaração de guerra, e praticaram outros actos contrarios ao direito internacional.

Na ilha de S. Domingos forças hespanholas tomaram Monte Christi, e esperam vencer a revolta, mas o principal inimigo é o clima que n'outro tempo devorou ali quarenta mil francezes.

Nos Estados Unidos continua sem treguas nem descanço a guerra de exterminio que ha tres annos começou. Seria impossivel hoje na Europa uma luta como a que com mutua obstinação devasta a grande republica americana. Não são do nosso seculo essas batalhas de oito dias em que os vencedores perdem quarenta mil homens. Na America tudo se explica, por que ali o progresso da civilisação moral não tem acompanhado com geral desenvolvimento o da civilisação material. Em sciencias e melhoramentos materiaes os Estados Unidos caminham na vanguarda do seculo XIX; em sentimentos moraes pouco distam dos tempos de Attila.

Ate 4 de maio apenas tinha havido combates de pequena importancia em que os separatistas quasi sempre levaram a melhoria, mas n'esse dia Grant, general em chefe do norte, transpoz o Rapidan e apoz uma batalha de oito dias, semeando nove mil homens em cada milha de terreno conquistado, obrigou o seu habil competidor Lee a recuar até Spotsylvania. Interrompeu o mau tempo as operações

militares, que só poderam de novo começar em fins do mez passado, e continuam até hoje. Grant chegou finalmente a menos de quinze milhas de Richmond, e está eminente grande batalha, que por ventura decedirá da sorte da confederação do sul.

Reviamos as provas d'este escripto quando chegados á linha anterior, recebemos o seguinte despacho telegraphico:

Compenhague 26 de junho ás 4 horas da tarde.

Os prussianos principiaram o fogo esta manhã contra a ilha de Alsen. Continua a guerra.

N'isto parou a conferencia de Londres! Bem dizia o conde Russell recusando annuir ao congresso de Paris, «que na Europa todos estão muito fortes e ricos, de modo que ninguem quer ceder».

Vae guerra no mundo novo, e o velho recomeça a pelejar. Que resultará d'esta situação inquieta e assustadora? Na America a abolição da escravatura, e na Europa a consolidação dos principios liberaes. Deus escreve direito por linhas tortas, diz com o costumado acerto o nosso povo.

A. A. Teixeira de Vasconcellos.

CHRONICA DO MEZ

áe do fundo da Durruivos esta chronica. Escrevo na solidão da aldêa, defronte de um ramo de giestas, saragoças, flôres de cavalleiro, verdiselas e suspiros do campo. Havia já mais de um anno que eu não vinha aqui: tive a mais entretida jornada que póde dar-se; conduziu-me a prudente diligencia do José Paulo, em companhia de alguns rheumaticos, que se dirigiam ás Caldas. Levei todo o tempo a espalhar a vista pelos campos, sem querer informar-me se as fazendas são de Sancho ou Martinho, e se o administrador tem o projecto de pôr uma taboa por cima de um regato para ficar com a consciencia de haver dado uma ponte á localidade; procurei unicamente sensações frescas, sem comparações nem reminiscencias; não quiz pensar que a terra é explorada pelos homens; e esqueci o util para pensar no bello, e sentir o movimento das fórmas e das côres!

O caminho é lindissimo. As oliveiras erguem-se cheias de vida, os carvalhos agitam as folhas, e á borda dos regueiros brilham os malmequeres, os valancos, os almeirões e as cardazolas, entre as silvas e as flôres d'amora. Pobres creaturinhas que assim ficam solitarias, destinadas a morrerem ámanhã, tendo-nos olhado um instante só, e florescendo apenas sua belleza para ser admirada por dois segundos! Que ellas lá têem um mundo muito para si, todo aquelle povo de lagartos que viajam entre a relva, e as vespas que lhes saltinham no calix: é um mundo como o nosso, e acho que são felizes em abrirem assim, e depois fecharem, os pallidos olhos ao sopro suave da brisa!

A estrada curva a cada momento ergue até se perder de vista a branca cintura em redor das collinas com movimento sinuoso de infinita graça; é uma longa fita a apertar-lhe ao corpo o véo das loiras seáras ou o vestido de prados verdes. São planicies, elevações, declives, de tanta expressão como as fórmas humanas, mas mais variadas, mais singulares e de mais brilhantes attitudes: lá em baixo,

no horisonte, quasi escondidas atraz das outras, surriem timidas e debeis, umas faias, coroadas de vaporoso gaze, formando á borda do céu, como que uma cadeia, que o vento interrompe sem que ellas deixem de olhar com ternura para os agitados seres perdidos em seu seio; outras varrem rudemente o sollo com os escuros ramos, os campos de centeio vão subindo na encosta, o sol beija a terra, e dos pinhaes, das collinas, das planicies, sáe a grande alma vegetal que se eleva a encontrar-lhe os raios!

Aqui, um dos passageiros, sacerdote que vae em companhia da sua ama, e que discute acalorado com um visinho ácerca do tratamento que acompanha as águas de Caldas, pucha-me pela manga e grita-me:

— Pois a carne do coelho não é quente?

— Valha-o Deus! redargue o outro. Quem é que lhe diz que o coma! Eu fallei em coelho, como podia fallar na serpente. Pois se o sr. em tomando as aguas nunca mais póde apanhar sol, nem ar, nem vento, nem sair á noite, nem de tarde, nem beber vinho, nem comer....

— Nem comer?!...

— Nem comer senão o seu frangainho cosido, e á sobremesa o seu perinho assado!

— Hein?

— O seu perinho assado!

— Isso não é vida, homem! Isso dá caimbras ao estomago! Jesus Maria! Em que eu me vim metter! Quando mesmo um christão se salve da molestia, morre do tratamento! Nosso Senhor nos acuda!

Chegâmos á Palhoça; apeio-me da diligencia para ir montar n'um burrinho sem cerimonia, que está á minha espera, paternalmente estabelecido atraz de uma taverna que lhe serve de cocheira. O céu está purissimo, o sol claro, e fresca a viração. Os pinheiros purificam o ar, com aquelle bom cheiro resinoso d'elles. Já avisto os moinhos da Vermelha e os do Barrocalvo: D. Quixote não haveria vivido muito tempo n'estes sitios: lá estão já os moinhos da Durruivos, espertos, alegres, independentes, com vento que os procura por todos os lados, sem precisão de irem estabelecer-se nos cabeços, como os dos arrabaldes de Lisboa, para apanharem ao acaso o pobre sopro de um zephiro tysico; moinhos infatigaveis sempre de panno inchado, a mó em movimento, e o zoar ruidoso. Na baixa, estão as casinhas brancas, a avistarem-se por entre a rama dos sobreiros, que cortam o prado onde pastam as vaccas e os carneiros; o sol vem espreguiçando-se pela herva e pelos ramos, allumiando-os com um vivo reflexo: na baixa, á beira do regato, os chopos e os salgueiros arrastam a sombra sobre a relva; tudo se inunda de luz,

suave como uma caricia e de tão intima harmonia que falla ao coração; as fazendas da aldeia respiram alegria: as arvores vergam de fructos, e em toda a parte onde poude brotar uma espiga, semeou-se um grão de trigo; um bando de codornizes e escravelhas ergue-se das seáras, e ouve-se de quando em quando o tiro do caçador por necessidade, que trata de juntar para entregar á camara tantas cabeças de pardaes quantas importa a sementeira que fez!

A aldeia está tranquilla e deserta; anda todo o povo do logar ao trabalho; ouve-se apenas o zum zum do moinho e a espaços o latir dos cães: ha em tudo isto uma serenidade suavissima que convida ao trabalho; depois de abraçar minha mãe e descançar por um pouco, vou-me tambem á minha enxada, que é menos pesada do que a dos trabalhadores do sitio, mas mais penosa talvez, e que por isso mesmo, — quem sabe? — se chama penna!

Abro os meus apontamentos, e encontro desde já a *Pobreza doirada*, drama em quatro actos, de Ernesto Biester. É lamentavel que para me dar o entono de uma imparcialidade academica, tanto mais acredora da admiração das turbas quanto é de peso a circumstancia de ainda ha pouco o sr. Biester me haver dedicado n'esta mesma folha um artigo de todo o ponto indulgente, eu não esteja resolvido a esquecer quanto me agradou este drama, ou a disfarçar pelo menos esse contentamento, pondo a cada instante com prudencia engenhosa e doutissima pontos e virgulas á minha admiração. O sr. Biester não se portou n'isto muito obsequiosamente para comigo; cumpria-lhe haver composto um drama monotono, baseado em velharias, e que me désse occasião de deplorar o extravio do seu talento dramatico, que não soubera ser mais uma vez afortunado e fertil. Ó amigo infiel! Com que mão experiente e habil traçaste logo a exposição da peça, aquelle bello primeiro acto em que o interesse vai nascendo, augmentando e desenvolvendo-se com cada personagem, n'um mundo real e vivo, em que se ouvem pullar os corações debaixo da seda dos vestidos e do panno dos fraques! É o desabrochar de uma flôr, todo esse acto; prepara-se, dispõe-se, estabelece-se a acção, as figuras apparecem sem precipitação nem tumulto, constitue-se o quadro e enlaça-se o drama, enredando-se desde logo com audacia. É um drama burguez: uma idéa, um thema, mais que um typo, uma classe da sociedade vae tratada n'esta obra, sem que se confunda a arte e a moralidade, condições que é bom unirem-se, mas de essencia evidentemente distincta, nem procurar apenas por sermões em vez de lances impressionar o publico. Conforme o titulo denuncia, esta peça é o drama de muita gente: pobreza doirada, isto é, pobreza que se enfeita, que acompanha e em muitos pontos iguala a existencia da gente rica, sacrificando tudo á apparencia, vivendo para os

outros, soffrendo torturas no flagello da sua mediocridade, e doirando-a pelos jantares, pelas festas, pelos espectaculos, por tudo, menos pela alegria! Apesar do pensamento que preside a este drama, e que parece convertel-o em estudo philosophico, elle nem despreza a paixão, nem chega nunca a esfrial-a pela analyse; soffre e geme, sem olhar para o seu soffrimento nem escutar os proprios gemidos; apenas o *centro*, no terceiro acto, rompe em philosofar a sua falsa situação, em voz alta, o que me parece uma imprudencia de *pae nobre;* ha coisas que desagradam ouvirem-se no theatro: não estão fóra d'elle, estão talvez abaixo, pelo desagradavel effeito que suscitam, principalmente quando como na *Pobreza doirada* se falla a um auditorio que por assim dizer... é da familia! O que prova quanto este drama captiva o espectador, é que havendo duas figuras completamente estranhas á acção, os primos; e um acto, o terceiro, que nada a adianta, e que poderia eliminar-se, preparando o desafio no final do segundo acto, o que daria mesmo mais magestade á sahida do pae, — o publico como que agradece estas subejidões, dos primos por serem dois typos de comica verdade, figurões que se apregoam parentes de todos os fidalgos, e do terceiro acto pelo encanto e viveza das scenas, que escorregam, fogem e passam com a sonoridade acariciadora de um instrumento magico, harmonia perpetua que suspira, geme, e vai extinguir-se no desenlace, sem que a commoção repouse e o coração deixe de pulsar mais accelerado de lance em lance, — tudo segredos de theatro, dotes de auctor dramatico, que, depois do sr. Mendes Leal, nenhum escriptor ainda entre nós possuio de certo em tão subido grau como o sr. Biester.

O desempenho foi notavel pelas sr.as Emilia Adelaide e Delfina, e pelos srs. Tasso, Theodorico, Santos, Izidoro, e Cesar. A peça deu-se em beneficio do actor Theodorico, a quem o publico no fim do espectaculo festejou largamente; merece-o pela sua extensa carreira, durante a qual, Joaquim Lopes dos originaes, tem salvo muitos naufragos em tres e cinco actos; e mesmo pela execução da noite o mereceu, porque soube conservar-se o artista de elevado talento que sempre applaudimos n'elle, e dispensar-se de excessos que uma ou outra vez teem chegado a fazer-nos pena de não haver afinadores para as vozes como ha para os pianos. Theodorico é um dos gloriosos, um dos marechaes, um dos ultimos bravos da grande campanha da arte em Portugal; produziu-me uma impressão melancholica ver esse actor que foi durante muitos annos o tirano e o gracioso por excellencia do nosso theatro, receber no fim da sua recita, com a cabelleira branca e calva de *pae nobre,* salvas de applausos da platéa e uma corôa de um camarote. *Les dieux s'en vont!* Morreram Epifaneo e Victorino, e estão nos paroxismos a graça de Sargedas, a mocidade

de Tasso, a caracterisação de Rosa, e a vehemencia de Theodorico. Quando o Doge de Genova desempenhára por dois annos o seu cargo, iam buscal-o ao Palacio Ducal e levavam-o para a sua antiga residencia dizendo-lhe: *Vostra Serenita a finito suo tempo. Vostra Eccelenza se ne vada a casa.* «Vossa serenidade acabou o seu tempo, volte vossa excellencia para casa!» Assim é a ordem expressa e severa que a edade dirige tarde ou cedo ás celebridades; e não só o tempo mas as vozes dos srs. Taborda, Santos, Izidoro, Cesar, parecem dizer de vez em quando aos grandes artistas da *velha guarda*: «Vossas serenidades acabaram o seu tempo, voltem vossas decadencias para suas casas!» Triste, triste!...

No Gymnasio, o beneficio de Taborda attrahiu como sempre o publico effectivo dos seus admiradores: dito isto assim parece que foi lá *toda a gente*, mas não; muitos lembraram-se de que o theatro é pequeno e que não podendo accomodar Lisboa inteira cumpria que só lá fossem n'essa noite... os que lá coubessem. Deu-se pela primeira vez uma scena comica de Duarte de Sá, *O Sultão;* é Taborda o Sultão, um Sultão a quem a sociedade implacavel apagou no olhar as chammas do desejo, e que, por entre os amplas mangas da sua opa oriental, anda com os braços cahidos que nem lyrios quebrados, suspirando de enfado, sem fazer caso de seus vastos dominios que bastariam por cem annos para dar hospitalidade a todos os reis do universo, do tabaco especialissimo que arde em seu cachimbo, do marfim da India, da purpura de Kashmyr, dos espelhos e vidros com amores pintados, da sua mobilia abundante e rica, da copiosidade de seus banquetes, das boas moças que tem em casa, *et cætera, et cætera, et cætera;* seu espirito atravessa a crise atribulada da quinta essencia do *spleen*, o *spleen* do oriente, e o homem acha-se reduzido a não saber ainda quando toca a campainha, se quer chamar a favorita ou o eunuco! — Apesar de Duarte de Sá espalhar n'isto a sua graça, Taborda o seu talento, e uma parte da platéa o seu riso, o publico do Gymnasio não chegou a enfastiar o Sultão, porque o viu só n'essa noite!

Se o Rio do Janeiro tivesse por lá alguns musicos novos, era boa occasião de nol-os emprestar, porque para lá vão mais dois n'este paquete, o joven violinista Pereira da Costa, e o pequeno pianista Hernani. Na viagem d'este ultimo ha alguma coisa de original e triste; ir ao Brazil dar concertos aos nove annos, é uma d'essas excentricidades da nossa epocha de caminhos de ferro e telegraphos electricos, e de tudo quanto vence o tempo! Na edade em que elle devia andar brincando nos jardins, vão fazêl-o atravessar o mar para depois o sentarem ao piano em successivos concertos e soirées deante de um publico, que terá o direito de fazer a critica d'esta creança, porque comprará o seu bilhete!

Outro dia, lendo a vida de Herz, encontrei mil pontos de contacto com o destino de Hernani. O pae, assim que elle teve tres annos e meio mandou fabricar para a creança um pianinho da altura de uma cadeira; sentava-se o pequeno n'um tamborete, o pae n'outro, e para alli se entretinham horas e horas a qual havia de mecher mais depressa os dedos sobre o estreito teclado d'aquelle instrumento para brincar. Assim que o pequeno cresceu deram-lhe um piano maior, mas ainda proporcionado ao seu tamanho. Depois, quando fez seis annos, subiu de posto, foi-lhe concedido um piano regular, e o pae deu-lhe umas botas: — «Já estás um homem! Faze por te mostrares merecedor da bondade com que te trato, dando pouco uso ás botas e muito uso ao piano!» Aos oito annos deu-lhe um relogio de prata, para marcar as horas de estudo. Aos onze, appareceu uma creada, com uma roldana que pregou no tecto onde rolava uma corda comprida que sustinha a uma das pontas uma taboinha de meio metro de comprimento; em cada extremidade da taboa estavam dois cordelinhos com duas argolas: o pequeno passava nas argolas os dois dedos mais rebeldes, e a creada principiava a fazer girar a corda na roldana, de maneira que para chegar com os dedos ao nivel do teclado era necessario um esforço, que na opinião do pae, — inventor do machinismo! — devia favorecer em muito a independencia do terceiro e do quarto dedo, sempre manhosos e contumazes! Estavam uma hora n'aquella gymnastica, deitavam-se á meia noite, e ás seis da manhã o pae, que dormia no quarto ao lado do do filho, principiava a bater-lhe na parede e a gritar ao martyr que eram horas de ir para o piano. O pequeno levantava-se aos trambulhões, mettia a cara em agoa fria para accordar de todo, e ia estudar. A historia de Hernani é menos cruel, mas é cruel tambem. Cára lhes sáe a gloria e a precoce fortuna, a esses pequenitos illustres, que por especial talento e impio exercicio senão abuso da sua aptidão, partem para a riqueza e para a victoria com mais probabilidade de cairem idiotas do que de chegarem a triumphadores! Este ao menos parece que logo depois de se fazer ouvir no Brazil irá para o Conservatorio de Paris estudar sériamente. Que assim seja! Tão inspirado talento, organisação tão privilegiada e sublime, merecem realmente preparar-se para mais do que para os ephémeros triumphos d'infancia, que são muito como promessa, mas que o tempo mesmo apaga, não lhes deixando nenhuma gloria definitiva!

Emquanto ao violinista Pereira da Costa, portuense, como Hernani — é um moço de estudo aturado e consciencioso, discipulo do professor Allard, de Paris, sabendo já hoje servir-se com vigor do seu instrumento, porventura o mais apaixonado e expressivo de quantos

ha, e carecendo apenas de que lhe desabrochem um pouco mais os encantos e segredos da paixão e do gosto; tem a força e a serenidade do saber, a graça vem mais tarde, vem com os devaneios, vem com o amor, vem com o capricho!

Tambem outro artista novo, o sr. Xavier, discipulo do sr. Meumann, deu este mez um concerto. É ponto de fé para mim, que o publico considera as attitudes fogosas e os relampagos de olhar dos pianistas como metade do seu talento; um homem sereno e modesto, que não espalhe em redór da fronte uma tempestade de cabellos, que não se atire ao piano com ares phreneticos de o querer quebrar, que não olhe para o publico com o superior desdem de um ente sobrenatural, que não seja dotado de figura excentrica phisionomia fantastica, casaca de prestidigitador, e o quer que seja de raridade em sua sublime pessoa,—não é acceito como pianista, mas como homem que toca piano. Está n'este caso o sr. Xavier, notavel executor de musica classica,—já de si pouco apreciada pela maior parte da gente, que considera Beethoven e Mendelssohn chôchos melodistas—a quem falta a exterioridade, a audacia, o *applomb*, que se impõe, e domina o publico; ha porém na sua execução uma parte solida queprevalece, e que por si propria recommenda este artista,—é o seu merecimento.

Fóra do theatro, a grande novidade do mez é a mulher da barba; uma barba linda, assedada, espessa, longa, magnifica! Não sei se o leitor é enthusiasta de cabellos, e capaz de ir buscar ao inferno uma trigueira de longas tranças negras a quem haja visto um dia, ou se apenas o seduz a belleza timida e effeminada das loiras, que de ordinario teem o cabello tão fino... que parece pouco! Ainda não ha muitos dias dois amigos nossos, do leitor e meus,—conhece-os muito!—diziam no Chiado:

—De que provém hoje esse teu ar de triumpho?

—E tu, onde foste inventar esses modos de matta sete?

—É que encontrei n'este instante uma adoravel trigueirinha!

—E eu uma loira de endoidecer!

—Não posso soffrer as loiras!

—Nem eu as trigueiras.

—São gostos!

—Ainda bem; não corremos o risco de nos namorarmos da mesma mulher!

—As trigueiras são mais apaixonadas!

—As loiras mais sentimentaes!

—As trigueiras teem nos olhos o rayo da fascinação!

—E as loiras uma suave luz, que embriaga!

—Aquelle tom de pelle das trigueiras, severo e viril!

—A pelle das loiras é mais fina, mais illuminada, mais transparente; cobriu-as Deus de folhas de rosas!

—Minerva era trigueira!

—E Venus loira!

Ah! Este assumpto daria para uma dissertação gravissima, — e reparem, que os que fazem questão das loiras e das trigueiras não é tanto pela côr nem pelo caracter d'ellas, como pelos cabellos,—pelos cabellos! tentação que acabará por perder o mundo!

Ora, se a febre da seducção tem consumido tantos adoradores da sobrancelha espessa, pestana longa e trança farta: se, por causa de um signal na face da esposa teem sido assassinados muitos maridos, e por amor de algum malicioso buço está o inferno povoado de peccadores,—o que seria, pensem por um instante o que seria, quando appareceu em Lisboa esta mulher, dezoito vezes extraordinaria, que tem cabellos nas costas em formosissimas latadas e allegretes, cabellos nos braços, cabellos na testa, e uma barba abundante, comprida, bem talhada! Ah! tem sido um delirio! Ha tal que já não jura senão pela mulher da barba, nem pensa, nem ama, nem suspira, nem se exalta, nem vive, nem faz a propria barba, senão por causa das barbas d'ella!

—Isto de barba o que será? exclamava um adorador ao sair de ver esta rarissima pessoa pela primeira vez.—Os eunucos, corre por certo que não teem barba: os homens que teem cabello por todo o corpo como os macacos, passam por ser os mais vigorosos; esta mulher, que se Deus a ajudar virá a ter ainda mais dia menos dia cabellos na palma da mão e na planta do pé,—deve ser vigorosissima! Tambem considero que os eunucos não teem barba, mas teem cabello, sobrancelhas e pestanas; logo, o cabello não quer dizer nada e a barba é o que faz ao caso; esta creatura é mulher e tem barba, deve ser vigorossissima! Os Orientaes em casando, nunca mais rapam a cara; é porque precisam então d'ella mais que nunca; sentimento de consideração!

—O marido d'esta mulher tentadora—alli está elle á porta a vender os bilhetes!—deve ser um maganão feliz! não tem barba, e escusado é, lá a tem em casa, é sua, — não dá homem por si, mas dá mulher!...

A concorrencia tem sido grande. Ha mesmo espectadores constantes, admiradores extaticos, que alli se encontram todas as noites. Vae abrir-se assignatura para os amadores.

De onde ella veiu e como veiu, é o que ninguem sabe; appareceu aqui vestida de homem, foi ao Passeio Publico algumas tardes, pediu lume a muita gente, esteve na trincheira do Campo de Sant'Anna, teve uma desordem no Caes do Sodré, e bateu-se á pistolla com um

estrangeiro, em consequencia de uns ditos, haverá vinte dias na Tapada!

Na viagem, consta que deu logar a uma revolução a bordo. Foi um caso profundamente grave. Por muito tempo nas conversações da tolda ha de citar-se essa noite memoranda...

Os conjuges haviam-se apresentado no vapor com os seus passaportes respectivos; tudo era confusão, tudo era gritaria, ordens do commandante, suspiros dos viajantes, chôro dos parentes que se despediam. A mulher da barba procurou logo o beliche que o numero do seu bilhete de passagem lhe destinava, levou para lá o sacco de viagem, e ainda o vapor não largára já ella estava deitada tranquillamente, deitada muito a seu commodo, deitada de lado, voltando as costas para o beliche fronteiro, que, por signal, ainda não tinha ninguem.

Havia um pouco de vento. Duas horas depois do vapor partir, os viajantes principiaram a bocejar e a apalpar o nariz,—o que, como sabem, é evidente indicio do enjôo. Uma onda menos cortez alagou a prôa e brincou até á tolda; algumas pessoas tinham marcado logares pondo um objecto qualquer, lenço d'assoar, bolso de viagem, occulo, chapéu de sol, em cima dos bancos; outras estavam já sentadas; veiu um furacão que atirou com os objectos ao chão, e com as pessoas para ao pé dos objectos. Toda a gente gritou «Ah!» á excepção do capitão que disse apenas «Oh!» e dos homens do leme, que não disseram nada. O mar engrossou de repente; o vento refrescou cada vez mais; era ao cair da noite; a viagem tomou um aspecto aterrador; todos os passageiros, já lividos e cambaleantes desceram conforme poderam aos seus camarotes. Depois de procurar por algum tempo o numero do seu, uma senhora encontrou finalmente o beliche que lhe estava marcado, entrou tremelhicando de frio e ancias, despiu-se e deitou-se. O camarote tinha dois beliches: no outro estava já uma senhora, embrulhada na roupa e dormindo.—«Feliz! disse a recem-chegada. Feliz, que dormes!»

Poz-se uma noite verdadeiramente horrivel. O costado do vapor produzia um som rouco e medonho, ao cair sobre as ondas depois de atirado ao ar por ellas; o estridor do vento era cortado apenas pelos assobios de bordo; uma vaga mais forte reppeliu o barco com tal vehemencia, que a senhora, que acabo de citar, soltou um grito de agonia e olhou para a sua companheira que acordára n'esse instante, e estava voltando-se para o seu lado: o grito, porém, suspendeu-se-lhe na garganta, e o frio do horror passou-lhe nas veias,—acabava de ver a seu lado, deitado no outro beliche... um homem!..

Queria gritar, queria pedir soccorro, queria invocar o respeito das leis e o decóro da sociedade, queria increpar o commandante, chamar

imbecil ao commissario, expulsar d'aquelle leito o miseravel atrevido que assim fôra deitar-se defronte de uma senhora. Mas... porque não o diremos? Mas... teve medo, teve um medo horrivel; elle tinha umas barbas pavorosas; umas barbas, que, vistas á luz bruxuleante da lanterna de bordo, lhe davam o ar espectaculoso de um d'aquelles bandidos da Calabria que contam os crimes pelos dias...

Depois de uma noite de sustos, em que, suffocada e tremula, a cada movimento do mysterioso personagem cuidava haver chegado para ella o instante da vergonha ou da morte, e a si mesma perguntava o que poderia ter originado este acontecimento funesto e novo, abrindo na inquieta reminiscencia um indice salteado de todos os caprichos, volubilidades e ingratidões da sua vida, que podessem ter dado logar a uma vingança planeada com originalidade e vagar... Depois de ter dito dez vezes entre si—«É o Hygino!» e dez vezes respondido a si propria—«Mas o Hygino, a quem eu namorei por ter um bigode comprido, e que depois larguei por ver que elle tinha o espirito mais curto que o bigode, era loiro, muito loiro, loirissimo!» ou:—«Se fosse o João Nepumoceno, de quem eu infelizmente estive a ponto de gostar mais do que de meu marido, valendo-me apenas elle ter um amigo de quem logo gostei mais que d'elle! Não póde ser. O Nepumoceno tinha uma sombra de pera, e uma suspeita de suissa! Mas quem, pois? quem, Deus meu? É um namorado, um ladrão, um vingador, ou um facinora?!»

Raiára a manhã, e os primeiros albores do dia encontraram-a agradecendo ao Senhor por uma prece o haver-lhe conservado a vida, e a virtude, *que é ainda mais preciosa!* O barbas não lhe dirigira uma só palavra, não a incommodára com um só gesto, e, quando na madrugada ella principiára a vestir-se, observou que elle não a perseguia com vistas indiscretas.

—É um malvado cortez; ao menos!

Tão depressa se apanhou de pé, abriu a porta do camarote e olhou para elle uma vez ainda antes de sair; o incognito reclinava suavemente a cabeça na almofada e a longa barba negra destacava sobre o lençol: ella demorou-se um instante a contemplal-a:

—Será por engano que este homem aqui está? Haverá enjoado, e na sua perturbação entraria para este camarote e deitar-se-hia n'aquelle beliche cuidando ser o que lhe pertence? Em todo o caso, para facinora parece-me tão pacifico! Emfim, cumpre que eu falle ao commandante, e corte de uma vez esta situação melindrosa. Que bonitas barbas tem, o scelerado!..

O commandante estava no seu camarote tomando o primeiro almoço, café e cognac.

—Commandante! exclamou a senhora entrando resoluta.

—Em que posso ser-lhe agradavel? perguntou o capitão, sensivelmente surpreendido d'esta visita matinal.

—Ha um homem n'um dos camorotes das senhoras!

—Um homem!..

—Um homem, commandante! Um homem que passou a noite a meu lado, de porta fechada, sem eu me atrever a reclamar soccorro, tão presa me senti do medo!

—E esse homem..?

—Dorme ainda. Quer vel-o?

—Immediatamente!

Um instante depois o commandante e a senhora acham-se deante do desconhecido, que muito bem deitado ainda, principiava a ler n'um jornal. O commandante lançou-lhe um olhar de indignação:

—Como se explica senhor que eu o encontre aqui?

—Porque vou de viagem! respondeu o sujeito.

—Mas n'este camarote, mas n'este beliche?

—Porque n'este camarote ha este beliche, que é o meu!

—O commissario! gritou o commandante a um creado. O commissario immediatamente!

D'alli a nada o commissario appareceu.

—Senhor commissario, a lista dos passageiros?

—Eil-a! respondeu este, tirando um papel da algibeira e entregando-lh'o.

—Camarotes das damas, numero 18 beliche 2, madame Glofullia!

—É o meu nome! respondeu o desconhecido.

—Hein? retorquiu o commandante.

—É o meu nome!

—Oh! exclamou a senhora.

—Oh! balbuciou o commissario.

—Como suppõe que eu possa interpretar esse gracejo de um atrevimento...—respondeu o commandante cheio de colera.

O desconhecido, que tinha o jornal na mão, um jornal dos Estados Unidos, leu este annuncio em voz alta: «Precisa-se para completar uma companhia de artistas ambulantes, um pianista para acompanhar, um clarinete, e um phenomeno humano, gigante, anã, mulher collosso ou mulher barbada. Preferir-se-hia uma mulher que tivesse cabeça de defuncto.»

—E então...? disseram todos.

—E então, não podendo arranjar para o logar da minha uma cabeça de defuncto, mas sendo dotada pela naturesa com uma barba magnifica, de vinte e sete centimetros de comprimento, apesar de mulher, como posso provar-lhe pelos attestados dos principaes medicos da Europa, acceitei o annuncio para o anno que vem, porque

me dirijo agora a Lisboa, e irei em seguida a Inglaterra! Tenha a bondade de tirar os attestados d'essa bolsa de viagem, e examinal-os!...

—Pois é possivel! exclamou o commandante.

—Pois é possivel?! exclamou a senhora.

Emquanto ao commissario, excellente homem aliaz, que vira e escutára tudo isto de bocca aberta, consta que nunca mais disfructou completamente a riqueza de suas faculdades, e que é dado á mania de andar sempre a puchar pelas barbas... que não tem, repetindo estonteado sob a influencia de uma idéa fixa:

—Vinte e sete centimetros!..

JULIO CESAR MACHADO.

A. Gonçalves Dias

Rec. d. Acad. Real B. A. de Lis.

A. GONÇALVES DIAS

(ESBOÇO CRITICO)

I

ma das manias do nosso seculo consiste em fazer descer do seu pedestal os vultos mais notaveis, em procurar acanhar-lhes as proporções, a fim de poder medir pela bitola vulgar essas estatuas gigantes, ante as quaes todos se curvam com um involuntario respeito.

Os nossos contemporaneos não gostam da vaga e mysteriosa auréola, que circumda as frontes, que se elevam acima do nivel commum. Não querem entrever apenas, lá ao longe no Capitolio inaccessivel, os vultos dos semi-deuses, cercados da luminosa nebulosidade da gloria. Não descançam, emquanto não arrancam o diadema a essas frontes sublimes, não socegam emquanto as aguias não baixam o vôo, para se prestarem á banal curiosidade das aves vulgares, que, encerradas na gaiola da vida material, não podem seguir com a vista o vôo da rainha dos ares no espaço illimitado. Não acreditam no Deus, emquanto não presenceiam a incarnação. Divinisam com a condição de se convencerem

que são homens aquelles, cuja apotheose fizeram. Sois grande? Embora! mostrai-nos, primeiro que tudo, que podeis ser pequeno. Tocais com a fronte no céu? para nol-o provar curvai-a até chegar ao nivel da nossa. Sois Cesar? Para nos convencermos d'isso é preciso que nos mostreis os titulos que podeis fazer valer para assumir a dignidade de João Fernandes.

É por isso que se procuram e lêem com avidez as biographias dos grandes homens, as memorias da sua vida intima, as revelações do seu criado de quarto. Que prazer sabermos por exemplo que Victor Hugo toma café com leite exactamente como qualquer de nós! Esta communidade de gosto já nos approxima um tanto mais do grande poeta! Isto basta para nos convencermos um pouco que somos collaboradores do proscripto d'Hauteville-House! Quando estamos saboreando uma chavena da deliciosa bebida, hesitamos em decidir, com a mão na consciencia, se estamos almoçando, se estamos escrevendo as *Orientaes*.

O poeta, o phylosopho, o historiador, o guerreiro, o romancista, o naturalista, o mathematico existem em pincaros inaccessiveis ao vulgo, em regiões defezas e mysteriosas, aonde, por mais audazes que sejam, não podem chegar nem os passos nem as vistas dos curiosos. Mas a par do poeta, do sabio, do pensador ha o homem, o homem, que fica preso ao tremedal em quanto o grande espirito desprende as azas candidas, e se eleva aos espaços serenos da inspiração.

Aarão caminha sempre a par de Moysés. Mas quando a voz do Senhor Deus troveja nas alturas, quando os cimos graniticos do Horeb cingem a sua corôa de relampagos, quando o chammejante tabernaculo illumina com os seus reflexos escarlates o campo israelita, então é só o austero patriarcha quem ousa galgar até á deserta planura, só elle ousa ir encontrar-se com os raios que lambem as rochas com as suas linguas de fogo, é elle só quem ousa interpor entre si e o mundo real o véu de chamma que o esconde aos olhos do povo hebreu. Aarão, o inseparavel, fica no meio dos seus; os descendentes de Jacob prostram-se com a fronte no chão, ao ouvirem o echo longinquo do mysterioso dialogo de Jehovah e do seu confidente, mas, familiares com o irmão do propheta, fazem chegar sem escrupulo aos seus ouvidos gritos de desobediencia, e fabricam e adoram, a seu pezar, o idolo sacrilego, o impio bezerro d'ouro.

Todo o homem de genio tem consubstanciados em si mesmo o sublime propheta, e o sacerdote banal, Moysés e Aarão, Moy-

sés que impõe o respeito, Aarão que incita a familiaridade, Moysés que se perde aos olhos do vulgo no insondavel mysterio do deslumbrante Sinai, Aarão junto do qual a turba passa indifferente, e que nada tem que o distinga do resto das tribus, senão o ser irmão de Moysés.

É a entidade prosaica, a entidade vulgar aquella, d'entre estas duas, que o publico deseja mais conhecer. Como que tremendo que o homem portentoso deixe de pertencer á humanidade, lança mão do laço que o retem á terra e procura convencer-se, certificando-se da sua propria semelhança com Aarão, que póde ser igualmente semelhante a Moysés! Pequena vaidade! Ligeira velleidade d'orgulho!

Este seculo tem satisfeito prodigamente o desejo do publico.

Em poucas épocas tem havido uma tal quantidade d'apontamentos biographicos, de noticias, de memorias, etc.

Haverá poucas pessoas que tenham lido todas as obras de Balzac, mas tambem ha poucas que desconheçam as mais minuciosas particularidades do modo de viver do auctor da *Comedia humana* na sua propriedade das Jardies! Nem todos saberão ao certo sobre que assumptos escreveu Jean Jacques Rousseau, mas todos sabem a côr da casaca do phylosopho suisso e a fórma da sua bengala. Tem havido n'estas coisas um verdadeiro delirio de minuciosidades!

N'uma época assim parece incrivel que eu me encarregasse de escrever um artigo para acompanhar o retrato do sr. Gonçalves Dias, sem possuir um unico apontamento biographico, sem saber um unico facto da sua existencia. Eu explico o motivo.

O motivo é doloroso. O sr. Gonçalves Dias está sendo victima d'uma terrivel doença. Os seus padecimentos aggravaram-se de maneira, que se vio obrigado, por ordem do medico, a deixar de repente Portugal, para ir procurar um ar mais vivificante, um clima ainda mais suave. O estado cruel, em que partio, não consentio que podesse deixar em Lisboa apontamentos, que promettêra. Urgia o tempo. Era forçoso que a *Revista Contemporanea* pagasse a sua divida ao grande poeta brasileiro. Era incompleto o pagamento? Antes isso do que ser nullo, antes isso do que ficar vago, na galeria d'este jornal, o logar que pertencia a Gonçalves Dias.

Eis o motivo porque saío esboço critico, o que devêra ser simultaneamente esboço critico, e esboço biographico.

II.

Que terra de poesia, que berço de poetas não deve ser a esplendida região de Santa Cruz! terra onde tudo são aromas, balsamicos ou mortiferos, onde o sol abraza a tez e incendeia a imaginação, inflamma no sangue ardente paixões devoradoras e infiltra doce languidez nas veias das provocadoras creoulas, onde a poesia emfim ri no firmamento azul, chammeja nos olhos do jaguar, murmura nas ondas do Amazonas, brame na catadupa do Tejuca, e desfia o seu triplice collar de diamantes um no firmamento em diamantes de luz que são as estrellas, outro para bordar o manto verdejante da terra com os diamantes vegetaes—as flores, e outro que vae ora esconder-se nas entranhas do solo, ora entremeiar-se com as doiradas palhetas dos areiaes.

Terra abençoada! terra d'encantos e prodigios! Esgote embora a cubiça dos homens os thesouros, que se escondem no teu seio, has de offerecer sempre o teu inexhaurivel thesouro de maravilhas aos olhos do poeta e do contemplador.

Decepe embora a mão ávida do commercio as tuas arvores gigantes, sempre o sopro fecundo da natureza ha de fazer surgir harpas ingentes, onde a viração desprenda hymnos melodiosos! esgote a cubiça as tuas aureas minas, sempre o sol ha de entornar nos palmares as torrentes d'oiro dos seus raios! colham á porfia as mãos do escravo nas praias dos teus rios as joias preciosas, sempre o colibri ha de esvoaçar, alado diamante, entre a espessa ramagem das florestas! Obscureça embora o fumo dos vapores a tua limpida atmosphera, rasguem embora as suas quilhas a campina azul dos teus golphos, e dos teus rios, sempre as ondas do Oceano hão de vir beijar-te amorosamente, e sempre do seio d'ellas ha de surgir, risonha Aphrodite, sacudindo o manto d'espuma, a namorada dos viajantes, a tua donosa capital!

Oh! se Deus lançasse nas praias brazileiras, em vez de os collocar nas margens do Mediterraneo, os compatriotas d'Homero e d'Hesiodo, quanto mais graciosas não seriam ainda as suaves ficções do paganismo! Alli sim! O sol ardente dos tropicos, brincando nas aguas espumantes do Tejuca, que formosas nymphas não faria brotar de cada gota d'agua, que fecundasse doirando-a! Como as dryades se regozijariam com o asylo umbroso das florestas virgens, e que suave abrigo não encontraria a candida Diana para os seus mysteriosos amores com o formoso pastor! Que de Paphos e Cytheras não espalhou por alli a na-

tureza, com mão prodiga, para serem o esplendido templo de Deusa do prazer! Que suaves colibris, que lindos beija-flores não correriam prestes a tirarem o doirado carro de Venus!

Ó Anacreonte! a tua lyra marchetada, não já de marfim mas de fulgidas gemmas, que suaves harmonias desprenderia, quando tu te recostasses á sombra do verdejante docel das bananeiras! voluptuoso cantor, que leitos perfumados te estava preparando a risonha região, cuja existencia ignoraste! Loireiraes de Délos, rosaes de Cythera, olivaes d'Athenas, que sois vós junto dos opulentos vergeis da terra americana?

Predestinado berço da poesia! Que de galas prodigalisadas em vão! que de riquezas escusadas! Que de *coquetterie* perdida!

Mas se não foi nas aguas do Amazonas que se baptisou a poesia, podia pelo menos retemperar-se n'ellas. D'alli deve surgir juvenil e mais fecunda inspiração!

Ha de succeder assim, não succedeu ainda. Por ora os poetas americanos são ainda europeus, e pedem, das plagas do novo mundo, a lyra cançada dos poetas do mundo antigo.

Os poetas brazileiros estão ainda na sua patria, como os nossos antepassados nos paizes, que descobriam e exploravam. A naturesa Indica mostrava-se-lhes com todos os seus encantos e terrores, e elles contemplavam-n'a atravez do prisma da sua terra natal. A pimenteira do Indostão derramava a seus pés a sua amphora de perfumes excitantes, e elles juravam que se viam no meio dos laranjaes do Riba-Tejo; a *stanopéa* fazia brotar o marfim vegetal das suas flores, e os bons dos guerreiros asseveravam que não era mais que uma açucena. As paizagens do Ganges eram miragens do Tejo, os templos subterraneos rasgados no granito, affiguravam-se-lhes ser as mesquitas moiriscas, onde ainda recentemente elles haviam decepado a meia lua para erguerem a cruz. E assim percorriam, quer fossem chronistas quer fossem poetas, Albuquerque ou Camões, assim percorriam o esplendido Oriente!

Veja-se a paisagem da ilha dos Amores nos Lusiadas! Para pintar aquillo não precisava o grande poeta de passar de Cacilhas.

Os escriptores brazileiros estão ainda no mesmo caso. O fogo dos tropicos não lhes incendeia os periodos, e as paizagens, que descrevem, conhecemol-as nós melhor do que elles. O corpo dos poetas americanos está na terra de Colombo, a sua alma está na Europa.

Não diremos que Gonçalves Dias está isento d'este defeito. As suas predilecções são as d'um poeta do nosso hemispherio. Mas

as poesias americanas, que escreveu, revelam que, se se quizesse entregar exclusivamente áquelle genero, havia de fundar uma esplendida e original escóla.

III

Gonçalves Dias foi, de todos os poetas brazileiros, aquelle cujos canticos encontraram echos mais favoraveis no coração dos portuguezes. E com razão, porque nenhum dos poetas seus compatriotas attingio ao mimo de fórma, que se revela em algumas das suas composições lyricas, á elevação de pensamento, que se encontra n'outras, á opulencia d'imagens que possuem quasi todos.

Gonçalves Dias teve uma honraria, que elle deve prezar acima de todas quantas tenha tido; logo no principio da sua carreira litteraria, quando ainda a sua vocação se mostrava incerta e balbuciante, mereceu a Alexandre Herculano um d'esses artigos esplendidos, como elle os sabe escrever ou antes gravar em paginas de bronze archivadas respeitosamente pela nossa historia litteraria. Propicios fados sorriam ao juvenil poeta. Ainda não obtivera decisiva victoria, e já tinha o triumpho decretado, já a sua estatua campeava no Capitolio. Apenas sôltára as pandas velas á brisa da publicidade, logo o Argos poetico subira a transformar-se no firmamento em luminosa constellação.

Era digno do triumpho o triumphador! Mostraram-n'o as successivas victorias, que depois alcançou. Alexandre Herculano não teve que se arrepender da indulgencia, com que animára e acolhêra o poeta brasileiro. Gonçalves Dias não adormeceu á sombra dos loiros, que lhe enramavam tão precocemente a fronte. O fumo do incenso, rescendendo em thuribulo manejado por thuriferario tão prestigioso, não o embriagou enervando-o, deu-lhe brios e animo para progredir. Da ebriedade não colheu a languidez, colheu a excitação. Alexandre Herculano, nos *Primeiros cantos*, não sentira de certo tanto o poeta, como o presentira. Não o enganou o instincto poetico. Se o auctor dos *Primeiros cantos* não era ainda um escriptor de cunho, foi-o o auctor dos *Segundos cantos* e principalmente o auctor dos *Novos* e dos *Ultimos*. O progresso é sensivel. O *Canto do guerreiro* é o precursor *d'Y-Juca-Pyrama*; nas *Poesias diversas* do primeiro volume presente-se o poeta magistral das *Sextilhas de fr. Antão*.

Gonçalves Dias tem duas feições distinctas, a do poeta ame-

ricano, e a do poeta europeu. A primeira adoptou-a, não porque a isso o chamassem as tendencias do seu genio, mas porque estava intimamente convencido que devia tentar aquelle genero, que devia abrir o exemplo, e fundar ou procurar fundar a poesia nacional.

Essas tentativas tiveram o resultado, que se podia esperar do immenso talento de Gonçalves Dias, mas ficaram, apezar de tudo, um pouco descóradas, porque o poeta, a quem a tendencia natural da sua Musa estava constantemente chamando para outro campo, não conseguio impregnar-se completamente das paixões dos vultos, que punha em scena, nem resentir a influencia das paizagens da sua patria, elle que tinha os olhos constantemente fitos, atravez do Occeano, nas paizagens européas.

Nas paginas do livro de Gonçalves Dias não projecta a bananeira, agitada pela aragem, a sua sombra vacillante, e o grito de guerra dos Tamoyos não resôa estridulo e selvagem nos bellos versos das acabadissimas composições lyricas do poeta brasileiro. Gonçalves Dias pertence demasiadamente á raça dos conquistadores. Vê-se que o não compungem os infortunios das pobres tribus erradías e perseguidas na sua patria, fugindo aterradas diante dos exploradores, e caíndo prostradas pelo gladio portuguez, como as arvores das suas florestas caiam decepadas pelo machado interesseiro. A singela poesia da sua linguagem, a tristeza caracteristica d'aquellas raças não as reproduziu Gonçalves Dias como na America do Norte as reproduziu Fennimore Cooper. É porque Gonçalves Dias pinta, como o *touriste*, que, vendo um sitio pitoresco, traça á pressa o seu esboço nas paginas do album de viagem, em quanto Cooper pinta como o artista enthusiasta, que se apaixona pelos seus modêlos. É porque Cooper foi em espirito para os selvagens do seu paiz, o que o seu heroe predilecto, Nathaniel Bempo, o fôra em corpo e alma. Estudou-os, amou-os, familiarisou-se com elles, apaixonou-se pelos seus habitos, pelos seus pensamentos, pela sua linguagem, partilhou as suas tristezas, soffreu com os seus infortunios, indignou-se com as suas indignações. Por isso, mesmo os que não podem avaliar por esse lado as obras de Cooper, sentem instinctivamente a profunda verdade das suas descripções percebendo ao mesmo tempo o que ha de ideal nos typos traçados por Chateaubriand na sua *Atala* e nos seus *Natchez*.

Gonçalves Dias foi para os selvagens da America do Sul o que Chateaubriand foi para os da America do Norte. Escreveu a respeito d'elles poesias admiraveis assim como o auctor do

Genio do Christianismo escreveu a respeito d'estes ultimos paginas admirabilissimas da sua poetica prosa. Mas tanto um como o outro involuntariamente deram trajos europeus ás suas figuras.

É certo que os costumes, os habitos, os pensamentos dos indigenas são fielmente reproduzidos pelo poeta brazileiro, e pelo prosador francez. É certo que se lêem com immenso deleite os periodos da *Atala* e as poesias americanas dos *Ultimos Cantos*. Mas o que lhes falta? Não sei. Perguntem-n'o á sombra de Cooper.

Procurem uma nova pythoniza d'Endor, obtenham d'ella a apparição do phantasma do auctor do *Ultimo dos mohicanos*, e perguntem depois a este o segredo da mysteriosa tinta, com que dava uma tão vigorosa accentuação á physionomia dos seus heróes.

É só isto o que falta ás poesias americanas de Gonçalves Dias para serem perfeitas.

Podemos n'este caso inverter os dois versos das *Contemplações* de Victor Hugo.

Tout c'est-à-dire hélas!
Peu de chose!

IV

O talento do auctor dos *Cantos* tem uma vaga semelhança com o talento de Gonzaga. Admittam a transmigração das almas, e convencem-se de que o espirito de Dirceu revive em Gonçalves Dias. Attendam, já se vê, á differença das épocas e á differença das escolas. Gonzaga romantico seria Gonçalves Dias, Gonçalves Dias classico seria Gonzaga.

Ambos os poetas possuem o mimo da fórma, a delicadeza do sentimento, o espirito phylosophico, e as tendencias para o scismar contemplativo desfiguradas em Gonzaga pelas manias bucolicas do seu tempo e pelo deploravel systema da imitação dos gregos e dos romanos. Soltem Dirceu das cadeias com que voluntariamente se prende a Anacreonte, livrem-n'o do menino Idalio, de Venus e do cortejo Olympico, deixem-n'o soltar as azas e verão se elle não escreve os *Seus olhos*, e outras composições lyricas de subido merecimento, perolas que encontrâmos a granel no livro de Gonçalves Dias.

Se quizermos fazer a comparação, se quizermos mostrar a vaga analogia que existe entre os dois poetas compatriotas, se-

parados por um seculo, e por um seculo tal que bastou para rasgar entre estes dois talentos talvez irmãos um precipicio, que não abririam de certo intervallos de tempo duplos ou triplos em épocas anteriores, se quizermos indicar o ar de familia, o cunho de parentesco litterario que existe entre o poeta brasileiro do seculo XVIII e o poeta brasileiro do seculo XIX, é necessario que ponhâmos de parte a scintillante alfayada das duas escólas, de que os mais talentosos escriptores não podem deixar de se revestir.

Para se reconhecer a verdadeira indole dos grandes poetas é necessario ter-se a paciencia sufficiente para arrancar o oiropel, com que os desfigura sempre mais ou menos o genero mais ou menos piegas em voga no seu tempo. É raro que o publico, idolo em cujos altares os escriptores se vêem sempre obrigados a sacrificar, não exija que estes queimem nos thuribulos, d'involta com o mais puro incenso, a herva menos aromatica que é possivel encontrar-se. E é para ver como o bom do publico se delicía com o equivoco perfume da hervasinha rasteira. E nuvens balsamicas do incenso, que sobem ennovelando-se nos ares, passam despercebidas para o vulgo, e vão incantar os olfatos mais delicados d'um pequeno numero de apreciadores.

O oiropel, que deslumbra o vulgo, a herva, cujo aroma o inebria foi no seculo XVIII o madrigal, no seculo XIX a chacara ao principio, depois a poesia para recitar ao piano. Para podermos avaliar os grandes poetas do seculo XVIII temos de os descascar pacientemente de duas ou tres camadas de madrigaes, d'achrosticos, e de trocadilhos, como para avaliarmos a belleza d'uma cathedral gothica temos de esperar que o obreiro destrúa as coiraças de cal com que os artisticos sacerdotes do nosso tempo costumam defender das vistas dos profanos as obras primas do passado, ou como para se encontrarem os escriptos dos gregos e dos romanos tiveram os bibliophilos da renascença de fazerem desapparecer dos pergaminhos os codices monasticos, que escondiam os austeros pensamentos de Cicero ou os doces versos de Virgilio debaixo das parvas locubrações do beaterio fradesco.

Seguindo este systema com o amante de Marilia, havemos de perceber que apesar das Venus, dos templos do ciume, e das settas e aljavas de Cupido, Dirceu possuía fino sentimento, e uma vaga tendencia para a *rêverie*, qualidades que encontrâmos em Gonçalves Dias no grau mais elevado.

Ainda que o antigo poeta se disfarce debaixo dos trajos usados do pastor bucolico, ainda que o moderno se apresente na-

turalmente diante do publico, é igual o affecto, que ambos consagram aos campos, é igual o vivo sentimento da natureza, é igual o doce enlevo, em que se perdem, quando a saudade lhes vem affagar com as suas negras azas a fronte pensativa. Lembram-se d'uma das lyras melancolicas da *Marilia de Dirceu*, em que o poeta não reconhece os sitios onde vagueou outr'ora feliz e descuidoso? Lembram-se d'essa obra prima de sentimento, de naturalidade que tem este estribilho, por cuja exactidão me não responsabiliso porque cito de cór:

São estes os sitios
São estes, mas eu
O mesmo não sou,
Tu chamas Marilia!
Espera que eu vou!

Lembram-se, não é verdade? Apreciaram a suavidade, o sentimento, a graciosa gentileza d'aquella obra prima? Abram agora os *Segundos cantos* de Gonçalves Dias, vejam a obra prima, que se intitula *Solidão*, uma pérola de lyrismo e de frescura, e digam-me se Gonzaga, vivendo no meio em que vivia o moderno cantor, não a escreveria tambem pouco mais ou menos assim.

Permittam-me que cite algumas estrophes:

Fujâmos para o deserto;
Vivâmos alli sósinhos,
Sósinhos mas descuidados,
D'estes cuidados mesquinhos;
Tu o azul do espaço olhando
E eu só a rever-me em ti!
Quando depois nos tornarmos
Á terra serena e calma,
Aqui acharei tua alma,
E tu me acharás aqui.
.....
.....
Tu verás como a luz brinca
Nas folhas de côr sombria,
Como o sol, pintor mimoso,
Seus accidentes varia;
Como é doce o romper d'alva,
Como é fagueiro o luar!

Como alli sente-se a vida
Melhor, mais viva, mais pura,
N'aquella eterna verdura,
N'aquelle eterno gozar!

Vem commigo, oh! vem depressa,
Não se esgota a natureza;
Mas desbota-se a innocencia,
Divina e santa pureza,
Que dá vida aos objectos,
Feituras da mão de Deus!
Vem commigo, ó doce amada,
Que são estes os caminhos,
D'onde eu enxergo os anjinhos,
Que tu vês nos sonhos meus.

Como vêem, Gonçalves Dias é principalmente um poeta mimoso, de inspiração suave, e de suaves paixões; é um d'estes poetas, que, ao contemplarem o sol posto, se enlevam na doce melancolia, que espira essa hora tão saudosa, e não se prendem em phantasiar palacios incendiados, vulcões, cataractas de chammas, nas nuvens do occidente sobre as quaes lança reflexos escarlates o clarão moribundo do sol que se atufa nas aguas.

Comtudo isso não obsta a que as suas poesias sejam sempre revestidas d'um esplendido colorido, e que as mais opulentas roupagens se despreguem e ondeiem em torno da idéa suave e mimosa. As poesias de Gonçalves Dias são como que rainhas melancolicas; arrastam sedas e oiro, veludos e brocados, mas não erguem a fronte altiva e soberana, deixam-n'a descair ao peso de languida tristeza, e o orgulho do throno não lhes encrespa os labios, onde fluctua apenas um vago e meigo sorriso.

Phylosopho e crente, ha nas poesias, a que deu o nome de hymnos, a suave uncção religiosa de Lamartine. Como o poeta francez, gosta de ir orar sósinho ao templo, quando a nave mysteriosa recebe apenas o timido clarão do crepusculo. Como o poeta das *Meditações*, ao debruçar-se sobre o cadaver, sente vigorarem-se-lhe as suas crenças na immortalidade, e na effusão do seu coração, solta dos labios esta magnifica estrophe:

Sae da larva a borboleta,
Sae da rocha o diamante,
De um cadaver mudo e frio
Sae uma alma radiante.

Não posso terminar este rapido esboço critico, sem fallar n'uma optima producção de Gonçalves Dias, em que se revela exuberantemente não só o poeta, mas o erudito, em que o seu talento se não esfolha já em poesias fugitivas, mas em que prova a sua robustez d'um modo esplendido. Refiro-me ás poesias, a que elle deu o nome de *Sextilhas de fr. Antão.*

Disfarçando-se debaixo d'este pseudonymo, adoptou Gonçalves Dias a linguagem, e a pittoresca ingenuidade litteraria d'um monge poeta do seculo XVI. Depois de Castilho no maravilhoso auto que vem no drama *Camões*, ainda ninguem foi tão feliz no ousado commettimento.

As *Sextilhas* são verdadeiramente um thesouro, um thesouro de graciosa singeleza, de fino espirito, de primorosa narração. *Mustaphá e Gulnare* principalmente é uma composição admiravel. Mostra-se ali de quão subidos quilates é o merecimento do poeta brasileiro.

Eu tinha tentações de tudo citar; não m'o permitte o espaço de que disponho. Não resisto com tudo a transcrever, ao acaso, estas sextilhas do *Soláo de Gonçalo Hermigues*, em que o bom do frade falla com muita graça e ingenuidade de expressão na antiga usança dos torneios:

A abelha construe seus favos
Em troncos alevantados;
E eis a hera graciosa
Que, em abraços apertados,
Não cinge mesquinhos juncos,
Mas carvalhos alentados.

Boa era a ley—mas eu creio
Que lhe descubro hum senão;
Quem nos diz que o mais valente
Deva de ter mais razão,
Porque seja a sua dona
Como hum vaso d'eleição?

Seria coiza de vêr-se,
E coiza de mui folgar,
Vêr um dragão de mulher,
Chamada a bella sem par,
Á pura força da espada
Sem mais pôr, nem mais tirar!

He bella: e al não digais,
Sob pena d'hum fendente,
Que vem do céo, como hum raio,
Provar ao villão que mente,
Co'os dentes que tem na bocca,
Como hum perro maldizente!

Se houvesse jornaes no tempo de fr. Antão, estou que o monge era proclamado folhetinista por unanimidade de votos.

É realmente admiravel como Gonçalves Dias conseguiu impregnar-se do tom da época, sem por isso se tornar pesado, antes fazendo muito e muito deleitosa a leitura d'aquelles versos.

Admirando todas as producções do poeta brasileiro, estou em asseverar que as *Sextilhas de fr. Antão* são a sua obra prima.

Ahi têem, em rapido esboço, o que é e quanto vale Gonçalves Dias como poeta. Talento delicado, imaginação opulenta, erudição pouco vulgar.

O Brasil, quando proclamou a sua emancipação politica, não conseguiu proclamar ao mesmo tempo a sua emancipação litteraria. Possúe grandes talentos, mas estes seguem ainda passo a passo as transformações da litteratura da sua antiga metropole. Os rouxinoes abundam, os colibris ainda não nasceram. Ha muitos Washington Irving, Cooper ainda nenhum.

Mas no meio d'essa gloriosa phalange, cujos membros são saudados como irmãos pelos nossos grandes poetas, avulta incontestavelmente o escriptor, cujo retrato abrilhanta as paginas d'este numero da *Revista*. Pena é que uma doença cruel o impossibilite de continuar a enriquecer a litteratura da sua patria com mais obras primas, e de accrescentar o seu diadema, já tão esplendido, com diamantes que seriam, (o seu incessante progresso o revela) cada vez mais polidos, cada vez mais primorosos!

M. Pinheiro Chagas.

CONTOS

DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

IV

UM DIA GRANDE EM S. DOMINGOS

l-rei Nosso Senhor, como então se dizia e ainda se disse muito depois, foi pontual. Sabia talvez o famoso dito de Luiz XIV, seu augusto modêlo, de que a exactidão é a cortezia dos principes, e seguia-o. Ás dez horas da manhã o seu coche rodava deante da frontaria do convento. O monarcha poz o pé no estribo apeiou-se com o sorriso nos labios e a mão estendida aos osculos dos seus leaes vassallos. Atravessando por entre duas álas de frades tão curvados, que pouco faltava para as suas cabeças varrerem o chão, subio as escadas vagarosamente, trazendo á sua direita, porém um pouco atraz, o provincial quasi dobrado ao meio pela adulação, e á sua esquerda o prior mais inchado, do que a rã da fabula. Os ex-provinciaes e ex-priores, os definidores, os mestres e os theologos da Ordem engrossavam o cortejo. D. João V entrou na egreja debaixo do pallio, no meio de nuvens de incenso, e por cima de flores. O orgão inundava

de harmonias as abobedas do Templo, e as vozes dos cantores entoavam melodiosos hymnos, com que o ritual romano festeja os Ungidos do Senhor. A communidade ajoelhou na capella mór, e o povo em mós compactas encheu as naves e o corpo da egreja, e transbordando para fóra, espraiou-se em ondas pelo adro e terreiro contiguo a esperar a saida do Soberano.

A oração de Sua Magestade ao Santissimo Sacramento e ao altar da Senhora do Rosario foi longa e devota. Reinava em torno silencio profundo. O orgão e os canticos tinham emudecido. Os frades e os fieis imitavam a contricção do rei, ou os menos penitentes simulavam imital-a. Passados mais de dez minutos D. João ergueu-se do genuflexorio, persignou-se, e correu a vista pela multidão, que o cercava. Por um acaso inexplicavel, ou por effeito de occulta attracção, a curta distancia das grades, que dividiam a capella mór do corpo da egreja, os seus olhos encontraram uns olhos negros, rasgados e languidos de tristesa, que não lhe eram estranhos, e que sem elle o saber lhe afrontaram o rosto de leve e subito rubor. Eram os da menina da rua da Padaria. Ás feições mimosas da donzella realçava ainda o encanto a suave pallidez, de que o amor tantas vezes desbota as formosuras delicadas. O principe estremeceu, e quasi involuntariamente tornou a fitar a amante do alferes. Um sorriso deslisou-se-lhe á flor dos beiços e desvaneceu-se logo quasi imperceptivel. O que queria elle significar?

Era effeito de uma recordação repentina, ou a figura brutesca do anão Braz Topete, perfilado a dez passos da irmã de fr. Policarpo com os oculos assestados e as orelhas espalmadas provocára a alegria de Sua Magestade? Para disfarçar o momentaneo enleio el-rei virou-se para o provincial e fez-lhe uma pergunta lisonjeira, d'essas que na bocca dos reis pagam aos subditos todas as fadigas. Quando fr. Placido acabou de responder, e não foi breve, o Soberano volveu de novo a vista para o sitio, aonde primeiro devisára Ritta, porém já a não descobriu no mesmo logar. A visão tinha-se apagado, e a aguda barba da sr.ª Perpetua em intimidade com o nariz do seu compadre inculcava aos observadores, que as duas virtuosas creaturas empregavam aquelles instantes de ocio, não em adorar a Deus, mas em espicassar na reputação dos proximos. O filho de D. Pedro II sorriu-se segunda vez, encolheu os hombros, e em um gesto gracioso exprimiu ao prelado o desejo de principiar a sua visita. Foi obedecido promptamente.

Vaidoso com a gloria de representar a ordem n'este dia notavel, o provincial não poupou a el-rei o exame de nenhum dos primores, de que mais se ufanava o convento. Começando pelo côro, junto da capella mór, e servindo de *cicerone* o padre fr. Bernabé que se presava de grande entendedor de pinturas, talvez só por haver estudado em Roma,

o monarcha e o seu numeroso prestito demoraram-se a contemplar os quadros de Bento Coelho, citados como maravilhas da arte, e os paineis originaes das escólas italianas, que o incendio ateado pelo terramoto de 1755 consumiu depois. Dos prodigios da tela e do pincel passaram aos do bastidor e do cinzel, admirando o precioso ornamento de veludo bordado em relevo de ouro, e destinado á festa de S. Pedro Martyr, os paramentos ricos da irmandade dos Passos encerrados em um cofre de prata, algumas lampadas e candelabros de feitio e lavor raros, e duas figuras de Santos esculpidas em madeira com tal correcção de fórmas, e encarnadas com tanta viveza d'expressão, que sem receio disputavam a primazia ás boas estatuas dos mestres. Subiram depois ao dormitorio de cima, e as duas bibliothecas, sobre tudo a da sala grande, proporcionaram a fr. Paulo occasião propicia para discorrer eruditamente ácerca dos principaes auctores dos livros encadernados em pasta dourada, que repousavam nas estantes bem alheias da eloquencia difusa, prodigalisada para os recommendar. Das livrarias desceram ao refeitorio, entraram na casa capitular, correram os claustros e dormitorios, viram a botica presidida pelo vulto collossal do archanjo S. Miguel, e foram descançar a uma sala espaçosa, armada de razes, e inundada de luz, aonde estava posta a meza d'estado para offerecer a Sua Magestade o cópo de agua.

Em toda esta cançada peregrinação o Senhor D. João V, cumpriu resignado os deveres do seu officio de rei, conservando sempre o semblante risonho e as maneiras affaveis, que tinham animado os attentados fradescos contra a sua paciencia. Fiel á pragmatica ouviu sem pestanejar, as explicações interminaveis, as reflexões pueris, e as lendas enfadonhas, e só quando avistou, afinal, a casa do refresco, e tomou assento na vasta cadeira de braços estufada de veludo carmezim é que respirou de prazer como o navegante anciado de enjoos teimosos sente desapparecer de golpe a molestia com a voz, que o gageiro levanta, annunciando a terra.

A refeição era delicada e foi servida com grandesa. O apetite do principe honrou a hospitalidade monastica. Emulo de seu avô o sr. D. João IV e de seu pae D. Pedro II nas proesas gastronomicas, Sua Magestade não conhecia rival. Semelhante a Luiz XIV á mesa era ainda rei, deixando muito longe, ou muito atraz a gula mais afiada e o estomago mais robusto.

Terminado este acto, que suppunham ser o ultimo da sua visita, el-rei voltou-se para fr. Placido, e disse-lhe, como se a idéa lhe occorresse de subito:

«—Padre provincial vimos toda a devota communidade? Não falta nenhum religioso.»

«—Toda, meu senhor, redarguiu o prelado inclinando-se, á excepção de tres padres doentes na enfermaria.»

«—Ah! observou o principe. Mas não de cuidado?»

«—Dois póde dizer-se que estão curados. O terceiro, que adoeceu a noite passada, disse o medico da casa, que precisará d'alguns dias para se restabelecer.»

«—E a molestia é?..»

«—Uma pontada sobre o lado direito.»

«—Ah! Uma pontada! Ás vezes são peiores que as picadas de florete essas dores repentinas. O doente chama-se?..»

«—Fr. Polycarpo. Viveu no seculo até aos vinte e oito annos; mas seu pae e sua mãe cairam em grande pobresa, e elle, desenganada e arrependido, veiu bater ás portas do nosso claustro.»

«—Muito bem. Diga-me, padre provincial, e a familia de fr. Polycarpo—julgo que lhe deu este nome—era limpa e honrada?. »

«—Muito honrada, meu senhor, acudiu o prior fr. Paulo, interpondo-se.

«—Sim? Então o padre póde dizer-me alguma cousa a respeito d'ella?»

«—Tudo, real senhor. Fr. Polycarpo e eu somos segundos primos. Antes da desgraça que arruinou a sua casa...

«—Que desgraça?

«—Uma divida antiga á fazenda real, já paga, que lhe pediram segunda vez, e o incendio dos titulos de tres vinculos, que possuia. As execuções fiscaes levaram-lhe tudo e seu pae morreu de desgosto. Em quanto a mãe foi viva trabalhou para a sustentar, e depois confiou sua irmã aos cuidados da avó, e sepultou-se n'esta casa, aonde nos edifica a todos com os bons exemplos. Dá lições de cravo e de latim, e o que recebe é para soccorrer aquellas suas infelizes, que não teem outro amparo...

«—Estimei ouvil-o fr. Paulo. A historia de fr. Polycarpo não ha de esquecer-me. Sabe que mais padre provincial? Não me vou do seu convento sem ver todos os religiosos. Vamos á enfermaria consolar os nossos padres doentes. Visitar os enfermos e encarcerados é uma das obras de misericordia.

«—A presença de Vossa Magestade será para elles um balsamo de saude!» replicou o provincial acompanhando a phrase de uma genuflexão ainda mais aduladora, do que a lisonja.

«—Vamos então. São horas.» observou o principe levantando-se e encaminhando-se para a porta.

A enfermaria bem arejada, e alegre, não esperando por esta visita, foi colhida em habitos menores como diriam das bellesas da moda de então os seus adoradores, se a vista dos profanos as tomasse de sobresalto entre o leito e o toucador. Mas o governo da ordem era

cuidadoso, e a caridade de fr. Placido sincera e vigilante. Tudo respirava aceio; a alvura das roupas deslumbrava; e a regularidade e decencia não tinham que invejar ao hospital visinho de todos os santos. Dois leigos e dois serventes acudiam aos menores desejos dos doentes, e pareciam infatigaveis em compor todos os arranjos e miudesas da casa. D. João V subiu tão depressa, que o mestre dos noviços, expedido pelo prelado como expresso, mal tinha tido tempo de apontar á porta e de exclamar: «é el-rei! ahi vem el-rei!» quando o monarcha assomava ao limiar entre as duas columnas firmissimas da religião dominicana.

Ninguem, quando queria, representava melhor o seu papel, de que o filho de D. Pedro II. Adiantando-se para os dois enfermos velhos, que se haviam erguido espantados das poltronas, em que dormitavam, e forcejavam todos tremulos por ajoelharem a seus pés, levou-os nos braços, deu-lhes a mão a beijar, e obrigou-os em nome da obediencia, que lhe deviam, a tornarem a sentar-se. Depois de algumas perguntas sobre o seu estado, e de curtas respostas suas para os consolar com palavras de esperança e conforto, aproximou-se da cama de fr. Polycarpo, e carregando o semblante de modo tão severo, que o disfigurava contemplou o doente por alguns momentos em silencio como se lhe estivesse estudando as feições. O irmão de Rita commovido e perturbado, não tirava tambem os olhos de el-rei, interrogando a memoria recente, que lhe recordava a noute e o sitio em que notara uma phisionomia parecida com aquella. Era a primeira vez, que via D. João V, e admirava-se, portanto, da semelhança, que lhe descubria com outra pessoa, de que não podia lembrar-se sem as dores, que padecia, se lhe avivarem.

«—Esta aqui ha muito tempo?» perguntou o principe com a viseira descida, como diziam os cortesãos, quando Sua Magestade se dignava cubrir d'uma nuvem sombria o seu rosto de ordinario ameno e aprazivel.

«—Desde hontem, meu senhor,» respondeu fr. Polycarpo em voz sumida, pasmado de escutar de novo o som de voz, que ainda trazia nos ouvidos.

«—Adoeceu de dia, ou de noute? Hontem, ou hoje de madrugada?» Esta pergunta, que de certo significava mais, do que dizia, acabou de transtornar o frade, que, suppondo descuberto o segredo da sua aventura nocturna caiu em um accesso de terror, e paralisado de forças e de animo se teve aiento para pôr as mãos e implorar silenciosamente com a eloquencia da vista e do gesto a descripção do soberano. D. João V não abusou da sua superioridade. Acercando-se ainda mais do leito, esclarecendo com um sorriso a phisionomia, e inclinando-se para o enfermo suspenso com a subita metamorphose, murmurou-lhe ao ouvido: «Vamos a ella?»

Fr. Polycarpo era homem de espiritos altos. Apenas a allusão clara ao duelo da vespera o tocou, recobrou-se do susto instantaneo, e conhece do que el-rei fôra o aggressor, percebeu a delicadesa da visita e as grandes promessas que encerrava. Sentando-se com impeto na cama, apesar do braço, e pagando o sorriso ironico do monarcha por outro sorriso não menos fino, redarguiu-lhe no mesmo tom: «Pois vamos! Ha duas horas que o estou esperando!»

«—E não esperou em vão, bem vê!» retrucou o principe apertando-lhe a mão, e desviando com um gesto as orelhas dos dignitarios, que se tinham avisinhado insensivelmente, no passo surrateiro e quasi felino que a curiosidade monastica costumava para apanhar os segredos vedados ao confessionario.

«—Perdão, meu senhor, disse fr. Polycarpo beijando repetidas vezes a dextra do monarcha, sou réo de um grande crime. Levantei o braço contra o meu rei...»

«—E deus castigou-o pela minha mão,» interrompeu sorrindo-se D. João e obrigando-o a reclinar-se nas almofadas da cama.» Deixemos essas cousas para depois. Vamos, como se acha?»

«—Melhor do corpo, mas cada vez mais atribulado de espirito.»

«—Bem! Ponha-se são do corpo, que do espirito me encarrego eu. Entrou sem ser sentido? Não deram pela sua falta? Como lhes encobriu o ferimento?»

«—Tem sido tudo, até agora um verdadeiro milagre!.. Vossa Magestade dignou-se... tremo da ousadia de o dizer! Mas não sabia meu senhor...

«—Ah! Falla da ousadia de subir á janella do seu quarto por cima do meu hombro?...

A graça era um pouco pesada, de certo, porém como uma vez não são vezes, supponha que el-rei se esqueceu, e que o hombro dorido se lembra. E depois?...»

«—Depois arrastei-me, como pôde, e estive quasi sem sentidos encostado á cama. A ligadura abriu-se e o sangue tornou a correr. Por fortuna aquelle leigo da enfermaria, meu amigo, é homem discreto e muito callado. Entrava de semana, passou por acaso ouvio-me gemer, e bateu. Contei-lhe a verdade, pedi-lhe segredo, e chamou logo o cirurgião. Inventou-se uma pontada no loda trouxeram-me para aqui, e estou penando como Vossa Magestade vê os meus peccados, cheio de dores e de cuidados, porque amarrado a este leito não posso...

«—Bem sei! Mas socegue. Não haverá novidade.»

«—E o alferes, meu senhor?! Minha irmã ama-o, e tenho medo...»

«—Não tenha. Respondo por ambos. Ha uma hora estava sua irmã na egreja resando como uma santa. Tracte-se, restabeleça-se depressa, e esteja certo de que não perdeu nada em nos encontrarmos. Contaram-me a historia da sua familia, e, segundo creio, deve emen-

dar os erros da minha fazenda. O dote de sua irmã, e o adiantamento do noivo tomo-os sobre mim. Agora o padre... se quizer secularizar-se, e entrar outra vez no mundo... não é tão facil, mas tenho algum valimento em Roma, ajuntou com um sorriso.—Póde acontecer, que a minha intercessão lhe não seja de todo inutil. Agora adeus! Em estando bom vá ao paço. Quero vel-o logo para lhe dar outra lição de esgrima.»

E furtando-se aos testemunhos de reconhecimento de fr. Policarpo, el-rei separou-se d'elle, mas uma lagrima veiu humedecer o osculo agradecido do irmão de Rita na mão do monarcha. D. João V insinuou sem elle o perceber, a sua bolsa debaixo do travesseiro, e erguendo depois a fronte com o riso nos labios, chamou o provincial e o prior, e disse-lhes:

«—Padres mestres este doente fica a meu cuidado. Quero que m'o tractem com o maior desvelo, e que o mandem ao paço assim que poder saír para eu saber se as minhas ordens foram cumpridas.»

«—A recommendação de Vossa Magestade é para todos nós um preceito,» respondeu o prelado, curvando-se.

«—Conto com isso, padre provincial. O nosso doente está um pouco desanimado, mas prometti-lhe cural-o do corpo, e do espirito, e hei de fazel-o. Palavra de rei não volta atraz. Queira em meu nome dizer a toda esta devota communidade, que sahi edificado de S. Domingos, e que levo tantas saudades do seu convento, que muito cedo tornarei a visital-o.»

Proferidas estas palavras, que foram para bons religiosos um estimulo soffrivel de orgulho e regosijo, desceu á portaria, saudou com uma inclinação de cabeça as álas estendidas até á portinhola do seu coche e voltou ao paço, esfregando as mãos, rindo, e murmurando a meia voz.» Se o alferes terá já mandado Diogo de Mendonça pentear monos ao Brazil! Será capaz? Veremos!»

L. A. Rebello da Silva.

PALESTRAS ARTISTICAS

IV

O passado é bem proprio para inspirar saudades, o presente mesquinho, e o futuro, servindo-nos das palavras de Castilho, na admiravel ode á Tedesco, é apenas um vago som que vem lá do nascente. Foi isto, porém, incentivo para os que tentaram estabelecer entre nós uma associação protectora dos artistas, e que não desanimaram, apesar da frieza com que o publico parecia acolher aquella idéa. Homens de talento e coração esperaram por melhores tempos, e mais tarde viram realisados os seus desejos e a Sociedade, ainda apenas nascente, mostrar vigor e prometter longa e prospera vida.

Approvados os estatutos da Sociedade Promotora das Bellas Artes por carta regia de 8 de agosto de 1861, foi no seguinte anno que ella abriu ao publico a sua primeira exposição que constava de 78 objectos de arte. O numero dos socios era de

242 e as acções por elles tomadas 284. A receita total foi de réis, 1.656$920, os artistas expositores receberam 1:174$500 réis, a despeza montou a 1:501$270 réis, e ficaram em caixa 155$650 réis.

A exposição do anno social de 1862 a 1863 constou de 124 objectos. Concorreram 29 artistas que receberam 1:362$000 réis. Eram 273 os socios, 329 as acções por elles acceites e 32 os premios. A receita total foi de 2:059$300, a despeza 1.826$280 e o saldo em caixa 223$020 réis.

Os noticiaristas dos jornaes de Lisboa occuparam-se d'estas duas exposições e escreveram a respeito d'ellas com a costumada indulgencia e riqueza de adjectivos. Distrahidos entraram na sala mas ficaram logo deslumbrados. Passaram immediatamente alguns diplomas de colorista e de desenhador, e sahiram com o ar magestoso de quem tem a consciencia do que é.

Dos relatorios apresentados pelo conselho administrativo extrahimos as cifras que mostram bem qual o acolhimento que a sociedade recebeu do publico. É elle em extremo lisongeiro, nas circunstancias do nosso paiz, e, n'este anno, que é o terceiro da sua existencia, tanto o numero dos socios, que sabemos serem 450, como o dos objectos expostos, que foram 133, são documento de que a opinião publica continua a ser favoravel a esta sociedade que, esperamos, prestará com o tempo importantes serviços ás artes em Portugal.

A sala da *exposição*, cedida pela academia para este fim, não tem as condições indispensaveis para a boa collocação dos quadros, a luz que recebe é má, e só um dos lados da casa é illuminado por luz directa, obrigando isto a uma collocação forçada n'essa parede que fica coberta de telas, que, pela sua proximidade, se prejudicam. É desejo que procura realisar o conselho, tão depressa o permittir o fundo da sociedade, a construcção de um edificio que, tendo por fim principal as exposições artisticas, servindo de centro de reunião aos amadores e artistas, e facilitando as suas salas áquelles que pretenderem dar cursos publicos livres litterarios ou scientificos, possa tambem ser util ás associações industriaes e agricolas do paiz. É costume nosso pedir tudo ao governo e esperar d'elle o que devia sahir da iniciativa particular. Depois de exigirmos que os ministros cumpram com as leis e curem das necessidades do povo, tanto materiaes como intellectuaes, juntamos sempre um appendice em que se requer um favor. Nós, que professamos outros principios, se insistimos para que o governo mande edificar casa elegante e decente para as artes, que a não tem, não vamos mais longe do que isto, e não partilhamos da opinião dos que entendem que do Governo deve partir

a iniciativa, mesmo quando se trata de interesses particulares, e que os cofres publicos hão de estar abertos e ser generosos em tudo e com todos. Em qualquer outro paiz a sociedade já tinha casa sua feita com dinheiro proprio, mas lá fóra ha vida intellectual, ha actividade que aqui não existe, porque em Portugal temos ainda muita gente que censura o governo que destruio os conventos.

Do tempo ha a esperar o desapparecimento d'esses erros e a generalisação dos verdadeiros principios de educação publica que fazem a grandeza e força das nações.

Agora, passando do futuro para o presente, entremos na sala da exposição.

Aqui, teem o primeiro logar os professores da academia. Fallaremos, primeiramente, do mais popular d'elles, o sr. Annunciação, talento tão elevado quanto modesto. O estudo paciente e profundo da natureza, continuado por tantos annos que de necessidade se tornou habito, porque Annunciação estuda sempre, um grande conhecimento das tintas e manejo largo do pincel, verdade e belleza de tom e um grande sentimento, são as qualidades que distinguem este eminente pintor. Sente-se a natureza nas suas paisagens. Grandes quadros ou simples esboços feitos ao correr do pincel, em todos se vê o cunho do mestre. Consciencioso e juiz severo de si proprio, observa-se na sua pintura o progresso que só consegue realisar quem ao talento junta o estudo e a meditação que o avigoram. E comtudo Annunciação nunca viajou pelos paizes estrangeiros, e o leitor ficará de certo admirado quando lhe dissermos que as digressões artisticas, e as visitas aos museus, feitas por elle, limitam-se a ir passar de tempos a tempos meia duzia de dias nas lezirias do Riba-Tejo. Os seus quadros são todos portuguezes; o artista nunca sahio além das nossas fronteiras.

No entender de muitos o talento em Portugal vem ao mundo manchado de uma especie de peccado de origem de que precisa purificar-se no Jordam de Paris: sem essa lustração é impossivel a sua existencia. A originalidade vae-se buscar a Paris e a Londres talvez, mas traz-se uma copia e nós julgamos preferivel um original com defeitos a uma copia correctissima. Á volta d'essas viagens, ainda os menos patriotas sentem no espirito um frio de morte quando comparam o que viram com o que veem, o anceiar constante pelo melhor que se sente n'essas nações e o lethargo intellectual em que jazemos. É essa a lição que se colhe d'essas digressões. É amarga; oxalá que fosse util.

O sr. Annunciação tem na sala 15 quadros, todos de pequena dimensão, mas alguns d'elles de grande merecimento. Como com-

posição, tem o primeiro logar a *entrada para a arribana* cuja côr e desenho são excellentes. Os bois e vitello amontoados forcejam por entrar ao mesmo tempo, apertam-se, as cabeças elevam-se sobre os largos dorsos e os musculos retesados mostram bem a acção e a resistencia. Ha mais tranquillidade na *passagem d'um pantano*, excellente estudo de cavallos. Guiados por um jockey camponio, vão socegados e sem se incommodarem. Andam simplesmente, sem pretenção. Nada mais se póde exigir de quem teve a condescendencia de nos mostrar as suas fórmas robustas e a forte côr do seu pello. Não são como os cães de um outro quadro do mesmo artista que, não satisfeitos com serem acariciados pela brisa do mar e banharem-se na limpha tranquilla, pretendem entrar nos dominios do homem e dar lições de philosophia á sociedade que tão bem os acolhe. Isto não o dizemos nós, lêmol-o n'uma revista que um jornal de Lisboa publicou a respeito da exposição. O auctor lá o diz, lá o entende.

Depois das ratas sabias, vem os cães philosophos. Nihil mirari..

Pela nossa parte tivemos a desgraça de não entender nem os cães nem o auctor da revista, que talvez seja um philosopho completo no futuro se conseguir aperfeiçoar a logica e livrar-se das contradicções a que parece ser sujeito.

O *boi na leziria* é, no nosso entender, o melhor quadro do sr. Annunciação, na exposição presente. Tem muito acabamento e bastante vulto. Nas *gallinhas* observa-se movimento e côr superiores ao desenho, e na *espera*, das tres figuras que compõem este quadro, a que nos pareceu melhor foi o cavallo; o vestido da saloia, que está encostada ao animal, confunde-se pelo tom com elle, e o cão que lhe fica aos pés não está bem deitado. O *Ribatéjo* é um delicioso quadrinho pintado com muita largueza. Um salgueiro tombando os seus ramos dentro d' agua, mais ao longe uns bois banhando-se, e depois um horisonte a fugir, são todo o quadro. É uma ecloga escripta com o pincel. Cala na alma uma doce melancolia ao vermos aquillo tão só, tão tranquillo. A *manhã de inverno* é o principio de um d'esses dias asperrimos em que

Treme o frio em cada membro.

A nevoa ensombra todo o campo; o sol debalde lucta para romper o cerrado véu que lhe occulta a terra, os animaes teem vontade de não estar ali, gelam e fugiriam se podessem, e o espectador faria o mesmo se o quadro não fosse pintado por Annunciação.

Sempre fugiram, os infelizes. São aquelles que vemos correr pelo Campo grande. Preferem ser farpeados em Lisboa a soffrer com resignação o frio de uma manhã de inverno. Serão philosophos talvez, mas decerto não pertencem á seita dos estoicos. Mas, quantum mutatus ab illo! Pobres animaes, o cansaço e a poeira mudaram-lhe o aspecto, veem todos de feia catadura e correm! santo Deus! Dentro em pouco estão ao pé de nós. Fujamos.

Géricault, um dos maiores talentos da arte moderna, pintou a *Jangada da Medusa*. O sr. Barradas pintou e expoz tambem uma jangada. O assumpto é difficil, o terreno escorregadio e o abysmo proximo. São terriveis estas scenas de agonia lenta em que os laços sociaes e naturaes se quebram e acima de todas domina a lei da propria conservação; porém, quando ellas são tratadas como no quadro n.º 18, a impressão é nulla porque se está muito longe da realidade. E como escapámos d'este naufragio, voltemos ao mar e fallemos dos *peixes* do sr. J. Belem. Este quadro tem algumas partes bem pintadas; notámos comtudo uma certa falta de vigor na pintura, a excessiva abundancia da composição e a grandeza da tela que poderia bem ganhar em qualidades artisticas o que perdesse em extensão; e no de *natureza morta*, do sr. S. Belem, que está soffrivelmente pintado e desenhado, ha uma ave que, comquanto esteja em posição natural, tem a cabeça disposta de modo que parece pertencer a outro corpo.

A *scena domestica* do sr. Camarate é um quadrinho agradavel. Aqui traz o catalogo o nome de um quadro do sr. Chaves, que nos agradou bastante, mas que não produziu o mesmo effeito no espirito da commissão de admissão. Considerado como obra d'arte o *Beijo* é uma prova do talento do artista, que deve, proseguindo no seu estudo, vir a ser um bom colorista; a expressão do rosto da mulher é muito verdadeira e tanto mais difficil quanto o typo, por pouco caracteristico, não se presta a reproduzir o sentimento. A luz egualmente distribuida pelas duas faces não lhe dá todo o effeito de claro-escuro de que elle era susceptivel, e a côr é um pouco monotona porque na tela ha massas apenas differençadas pelo tom e sem contraste que as faça valer. Emquanto á moralidade ou immoralidade do assumpto, não a discutiremos, porque temos para nós que um beijo dá-se ou recebe-se, mas não se discute. A commissão entendeu que se compromettia admittindo aquelle quadro. Reconhecemos e respeitamos a excellencia da intenção; mas parece-nos ter havido alguma precipitação na decisão tomada, porque não foram attendidas as rasões attenuantes. É fóra de duvida que a algumas pessoas desagradou a pintura, mas o maior numero censurou a rejeição. O quadro esteve exposto, todos o vi-

ram, a imprensa occupou-se d'elle e, se bem nos lembramos, só um escriptor approvou o proceder da commissão. Poderia acontecer que um homem menos delicado fallasse inconvenientemente a proposito do *Beijo*, mas é isso muito mais provavel quando se expozerem estudos do nú, e, comtudo, não podem estes ser excluidos de qualquer exposição, sob pena de retrogradar a arte e voltar a *maneira* da pintura e esculptura byzantina, o que equivaleria a desprezar e calcar aos pés os trabalhos de todas as escólas da Renascença. A commissão, quando discutia a admissão do melhor quadro de um artista moço e de talento, devia antes pensar que todos os que concorressem á exposição tinham a necessaria educação, do que o contrario. Em questões de direito deve haver a maior circumspecção, e nós insistimos n'esta porque temos ouvido censurar como demasiada a importancia que se lhe deu. Uma commissão futura póde, sem o motivo que até certo ponto justifica a actual, prejudicar um artista nos seus interesses e reputação, e é isto que é conveniente evitar, porque no respeito pelo direito está a força de todas as sociedades. Como estas reflexões poderão ser attribuidas a predilecção pelo genero de pintura a que pertence o quadro em questão, diremos que assim como Victor Hugo é preferivel, no nosso entender, a Alfredo de Musset, temos tambem por melhor do que a arte ligeira de Boucher e Watteau a seria e elevada de Raphael ou Vinci.

Na sala via-se um outro quadro do sr. Chaves, intitulado as *Flores colhidas*. É uma creança com o regaço cheio de rosas. A idéa é graciosa; na execução manifestam-se as mesmas qualidades de colorista, mas em grau inferior ao *Beijo*, e a physionomia não tem a expressão indecisa caracteristica d'aquella idade. Os olhos teem vinte annos.

Dos esboços apresentados pelo sr. Costa Junior diremos que não satisfazem. Estes trabalhos são para os mestres, e não poderão ser perfeitos quando saem das mãos inexperientes do discipulo. São n'este caso tentativas, ensaios, que se devem guardar no *atelier* como reminiscencias, e que, ás vezes, mais tarde, quando se tem adquirido a força, podem ser utilisados nas grandes composições. Assim como em litteratura nem tudo o que se escreve se publica, assim na arte muito trabalho deve ficar occulto como os alicerces dos grandes monumentos. A *cabeça de estudo* do mesmo artista tem bastante empaste, mas a côr não é bella e tem pouca transparencia.

O sr. Resende, professor da academia do Porto, expoz 5 quadros. O *Vareiro* e a *mulher de Mortosa* teem bonita tinta e o traje da mulher é muito pittoresco, mas n'estas como n'outras obras de

artistas nossos a côr é superior ao desenho. Os pés da mulher são mal desenhados e o braço esquerdo do *vareiro* tambem tem o mesmo defeito, é muito curto. De todos os quadros do distincto pintor, o que agradou mais foi o de natureza morta. É admiravel, realmente, o tom, a frescura e a facilidade do pincel. Melhor do que aquillo só o faz..... Deus.

No catalogo devia lêr-se — numero 80 — *Quadro de natureza viva.*

As *flores*, do mesmo artista, teem excellente tom e são muito viçosas, mas não são irmãs, e o cristal, que ellas ornam, não merecia esta honra porque tem pouca transparencia e a fórma é pouco elegante.

A largueza de toque que se vê nas flores do sr. Resende, e o tom quente dos seus quadros faltam nas paisagens do sr. Riviere. Aquella vegetação é americana..... no catalogo, mas, apesar tiva.

de muito fria, a pintura tem muita harmonia e boa perspec-

Nas paizagens do sr. Isaias Newton a luz é habil e escrupulosamente reproduzida em todas as suas gradações, cada um dos planos é, considerado isolado dos que o rodeiam, de um acabamento, de uma verdade, dignos de elogio, mas apesar d'estas qualidades que nos dão direito de classificar este artista como pintor realista de muito merecimento, e talvez mesmo por causa d'ellas, o effeito geral das pinturas é pouco harmonioso e conhece-se que o sr. Newton não possue ainda a força que imprime um caracter de unidade e o cunho de uma idéa superior ás imitações da natureza.

A *prova*, do sr. Leonel M. Pereira, pertence ás composições chamadas de genero e que fizeram a reputação da escóla flamenga. Era para desejar que os nossos artistas cultivassem com mais frequencia esta pintura que é com a paizagem a que comportam as modernas salas. No quadro do sr. Leonel a perspectiva está um pouco despresada, tem mais de um ponto de vista. As figuras teem vulto e revellam estudo, é notavel a finura do toque em alguns accessorios, mas não queriamos ver ali o bello sexo em volta de um tonel, e os fatos das provadoras são um pouco duros.

D'estas mulheres á de marmore, não vae muito : apenas a distancia que medeia entre uma adega e o salão luxuoso de uma dissoluta. Além está recostada a formosa sobre uma perna de um homem que é, á imagem e similhança de Deus, isto é, altissimo. O gigante faz passeiar no ar acima da cabeça da mulher uma bolsa que ella segue com olhos e mãos cubiçosas. Á porta um Mephistopheles embuçado na capa observa a scena e completa a composição. Á primeira vista o quadro parece immoral, porque nos apresenta o

penultimo acto de uma orgia. Se o examinarmos bem vemos que é pura e simplesmente uma lição de doutrina; aqui a carne, além o mundo, ao fundo o diabo. É a trilogia da tentação *au grand complet*.

O pensamento do quadro é bom, mas a execução foi inferior á idéa. Na tinta ha talvez mais verdade do que á primeira vista parece, porque é rica e tem certa falta de gosto que é propria d'estes logares. O desenho na face do homem não é bom e tanto elle como o pôr da tinta revellam mão que não está ainda muito familiarisada com este genero de trabalho artistico; comtudo o effeito do quadro é agradavel. O sr. Bordalo Pinheiro expoz em outro quadro o *julgamento de uma feiticeira*, mas, a julgarmos pelas apparencias, a mulher de marmore promette mais feitiços, mais encantos, do que a pobre rapariga que foi accusada, mas que parece estar vendida.

Ai, leitor, aqui já anda bruxaria. Combinaram-se contra nós as duas feiticeiras e quasi que nos empalmaram o sr. Prieto Onde está aquelle excellente moço que nos apresentava todos os annos admiraveis fructos da sua palheta? Onde está? Eil-o aqui entre os paizagistas.

O sr. Prieto desertou para o campo, mas o transfuga não foi de certo muito bem recebido nos novos arraiaes, a avaliarmos pelas impressões que de lá trouxe. As suas paizagens são muito inferiores aos seus quadros de natureza morta, e é ainda a *Cosinha na Paschoa* o seu melhor quadro n'esta expoição. Entre as paizagens distinguimos a d'Arroios, a da *estrada da Feteira*, e os *rochedos dos arrabaldes de Lisboa*, como tendo maior harmonia de colorido. O artista de 1864 ficou vencido pelo de 1862, mas é de esperar e crer que elle volte nas futuras exposições a occupar o logar que lhe compete.

Fallamos em feiticeiras ou, para melhor dizer, quem fallou n'ellas foi o catalogo, que nos diz ser bruxa a rapariga de phisionomia mais innocente que temos visto. Seria artificio novo de Satanaz? Talvez. Mas temos para nós que só podem pretender este nome a *esperança* e a *saudade* do sr. Lupi. Estamos certos que foi este o quadro que teve maior numero de admiradores, tão perfeita é a expressão das duas figuras, uma melancholica, outra deixando transparecer no rosto a tranquillidade de sua alma, sentimento ainda um pouco triste de quem vê a possibilidade de um futuro adverso. Achamos que o artista conseguiu uma excellente expressão, mas, repetindo aqui a opinião de um nosso amigo, diremos que quem pinta tão bem a saudade não poderá realisar na tela a esperança com egual felicidade, e com quanto menos formosa

agradou-nos mais a *saudade*. O colorido n'esta como nas outras pinturas do sr. Lupi é delicado e vaporoso, mas desejavamos mais vigor e empaste de tinta sem que por isso participemos da opinião dos que insistem sobre a abundancia de tinta como vantajosa, e pretendem transformar a pintura em baixo relevo. No Fr. Luiz de Sousa, nas obras que expoz na exposição anterior e nas què apresentou na actual, sobrelevam as duas qualidades que caracterisam o talento do sr. Lupi, o desenho e a expressão.

As obras do sr. Marciano da Silva tiveram um dos primeiros logares na exposição, destruiram a má impressão que o *Tasso* deixou no espirito do publico, e provaram mais que este distincto artista possue grandes conhecimentos da sua arte. Não é pela expressão que primam as suas figuras, mas pelo colorido transparente e verdadeiro. O *guerreiro* não póde batalhar, a *saudade* talvez nunca tivesse affeição a ente algum, e a *innocencia* parece ter má vontade á pomba que aperta de encontro ao peito. Mas se todas estas pinturas não tem a expressão indicada pelo catalogo, tem de certo a dos modêlos e testemunham do sr. Silva como bom colorista. É excellente o *retrato d'uma senhora* assim como a *innocencia* em que ha transicções de admiravel delicadeza. O *guerreiro* tem a face um pouco amarellada e os labios no retrato do sr. Lobo que nos dizem assaz parecido com o original, são muito vermelhos. Ha ligeiras incorrecções no desenho das mãos, mas são estas faltas attenuadas pelo brilho e pureza da tinta, e nós não podemos senão applaudir a acertada escolha que o sr. marquez de Sousa Holstein fez tanto d'este artista como do sr. Lupi para occuparem os logares de professores vagos na Academia.

Nos rotratos pintados pelo sr. Stewart ha, em geral, dureza no desenho e na tinta, que tem o mesmo tom em quasi todos; para verificar isto basta comparar entre si os retratos do sr. marquez de Niza, do sr. Mouchet e o de uma menina.

São excellentes como retratos os de alguns navios apresentados pelo sr. Pedroso. Como pintor de marinhas o sr. Pedroso está muito longe da perfeição; falta-lhe para isso a intelligencia larga da natureza; a sua interpretação actual amesquinha os assumptos. O desenho das ondas é acanhado; não ha ali os grandes movimentos das massas d'agua agitadas pelos ventos, e a côr malachite, que parece ser a predilecta d'este pintor, não é verdadeira. Artista laborioso, o sr. Pedroso merece-nos o conceito de homem consciencioso nas suas obras e o que lhe dizemos, com quanto não sejam elogios, esperamos será bem recebido no seu espirito que deve preferir a verdade de uma critica, embora severa, ás mentiras de louvores banaes, e ter presente o que Boileau disse,

n'um livro, que não é só uma arte poetica e que em muitos logares traz excellentes preceitos para bem viver:

> Tel vous semble applaudir, qui vous raille et vous joue.
> Aimez qu'on vous conseille, et non pas qu'on vous loue.

Todos sabem isto, mas o elogio tem bellezas apparentes superiores ás da verdade, e no nosso tempo de fraqueza moral é melhor viver entre indifferentes do que entre inimigos.

O sr. João Christino da Silva expoz obras de merecimento, e em geral, superiores ás suas na exposição anterior. Talento fogoso, o sr. Christino deixa-se frequentes vezes arrastar a excessos de côr nas suas paizagens. Preoccupado do effeito, intenta tomar de assalto a attenção do espectador. Desapparecem as transições delicadas e naturaes para ficarem unicamente os contrastes violentos das côres oppostas, e então os seus quadros compoem-se de duas partes bem distinctas, luz e trevas. Este processo, que se acha dentro do limite das combinações das côres, não tem verdade e é para lamentar que o distincto professor adoptasse uma senda errada, e que a imprensa, até agora, indifferente a tudo o que é arte, animasse com palavras de louvor o que no nosso entender merecia censura.

Os jornaes, occupando-se do sr. Christino, tem dito que elle é colorista. É-o algumas vezes e poderia sel-o sempre se não forçasse o seu talento, desnaturando-o. Perfeitamente senhor do pincel, trabalhando com grande rapidez e possuindo muita firmeza de toque, com todas estas qualidades e com uma imaginação facil, é antes nos esboços de que nos grandes quadros que este artista se mostra colorista. Ali está o primeiro, o verdadeiro sentimento da luz. Porque não pinta o sr. Christino sempre assim? É como o seu o methodo de Eugenio Delacroix: exagerar a cor e o desenho para augmentar a força e o sentimento, mas isto que, até certo ponto, tem desculpa na pintura das paixões humanas, não a póde achar quando se trata da producção dos effeitos athmosphericos em que a natureza quasi sempre se manifesta grandiosa mas tranquilla, e as gradações da luz são todas suaves e harmoniosas.

A presente exposição prova-nos que o sr. Christino já procura evitar o defeito que lhe apontamos. A *vista do Bussaco* é um delicioso quadro, bem pintado e com harmonia. Nos quadros que reproduzem alguns dos sitios da pittoresca Cintra ha excellentes effeitos de luz, boa escolha de linhas e alguns terrenos muito bem tratados. O *Porto de S. Martinho* é um bom quadro, que tem bastante effeito, mas pareceu-nos excessiva a claridade que a lua espalha sobre a agua. Na *Estalagem* ha accessorios muito bem pin-

tados, mas este interior precisa de mais acabamento, tanto na pintura como na perspectiva. Assim como está é um esboço. *Ao pôr do sol* é um quadro todo luz, boa e verdadeira, e são de um optimo effeito as figuras illuminadas só por um lado. A severidade do nosso juizo sobre o sr. Christino da Silva é motivada no talento que todos reconhecemos n'este artista e que desejamos lhe seja de maior gloria e interesse. As nossas reflexões seriam inuteis a um individuo incapaz de aperfeiçoamento mas, dirigidas ao nosso amigo, terão senão a felicidade de achar bom acolhimento no seu espirito, pelo menos a de justificar a sua severidade, se a ha, com a estima e consideração que professamos pelo artista, cujo elevado talento nos impõe o dever de sermos exigentes.

É digno de menção especial o quadro de animaes — *Mãe e filhos*, pintado pelo nosso amigo Gonçalves Pereira. Representa uma familia de coelhos. Costumes e posições, tudo está bem estudado, e, á excepção de um pequeno que está no fundo da téla, todos os outros coelhos teem bastante vulto. As folhas, que se vêem no chão, são tocadas com muita franqueza, e os ramos de pinho, que formam uma especie de barraca aos pacificos roedores, tem bonito e vigoroso tom, mas parece-nos que se aproximavam muito do primeiro plano e que por isso este era um pouco prejudicado. O sr. Gonçalves Pereira já tem exposto alguns quadros onde se revelava talento, mas consideramos este como a sua verdadeira estreia. D'entre os modernos discipulos da Academia é o sr. Pereira e o sr. Chaves que, conjuntamente com o sr. Prieto, promettem continuar e sustentar as tradicções da escóla de Annunciação e de Metrass.

Voltemos ao mar. Estamos em pleno occano, a agua é transparente, o céu plumbeo de um lado, tem no outro admiraveis tons, e um navio de panno largo, em calmaria, conserva a tranquillidade d'este bom quadro, o melhor que o sr. Luiz Tomazini expoz. Vem depois da *calma*, o *cahique*, a *chalupa*, e a *gaivota*, e em todos elles se observam as mesmas qualidades que o distinguem; quizeramos, porém, encontrar nas aguas e nos céus mais vigor, maior rudeza nas linhas, emfim, é escusado dizel-o ao sr. Tomazini, mais côr local. Estes predicados adquirem-se com um exercicio continuo, porque, embora a memoria seja robusta e o artista veja bem a natureza, muitas vezes o pincel tem medo, vem o receio de ser exagerado, e foge-se naturalmente para o lado opposto, d'ahi a falta de largueza na pintura, que, aliás, tem sentimento, e que colloca o distincto amador no primeiro logar entre os nossos pintores de marinhas.

As *flores e fructos* do sr. Lassere, são bastante correctas no desenho e tem boa côr, mas não agradou, em geral, a composição

que não tem massas e por isso perde o effeito. O que é talvez, mais difficil n'esta pintura, o toque, no quadro do sr. Lassere tem alguma dureza e por isso não representa bem as inflexões delicadas das flores. São bem pintados os fructos e os accessorios.

Occupam um logar muito distincto na sala os quadros de Ziena e de Tetar van Elven, pertencentes a Suas Magestades que graciosamente os offereceram para abrilhantarem a exposição. O de Ziena é uma vista de Veneza, de um optimo effeito, e o de van Elven, que representa um mercado; é notavel pelo manejo facil de pincel, pelo movimento das figuras e excellente perspectiva.

Os quadros do sr. Rangel de Lima são inferiores ao que apresentou na passada exposição. A exm.ª sr.ª Silva Reis expoz tres paizagens de merecimento superior ás suas de 1863. São dignas de menção as obras dos srs. Pinto Ribeiro, Corrêa da Silva Junior, Martins e Nunes Junior, estes dois da Academia de Lisboa, as aguarellas da exm.ª sr.ª D. Celina da Silva e as excellentes gravuras em madeira executadas pelo sr. Pedroso e publicadas no bom semanario, dirigido pelo sr. Silva Tullio.

Chegamos ao fim d'esta gostosa, mas difficil tarefa. Na apreciação das obras de artistas que nos honram quasi todos com a sua amisade e a quem agradecemos a benevolencia e a delicadeza com que sempre nos teem tratado, procurámos ser justos e imparciaes, e dissemos, sem rebuço, o que era nossa opinião. Estimamos que ella encontre ecco no espirito do publico, para quem a escrevemos, e, antes de levantar mão do papel, repetiremos que é conveniente, mais do que conveniente, necessario, que o governo e os opulentos protejam os artistas e procurem fazer descer a todas as classes da sociedade os elementos das artes que tanto elevam o nosso espirito, musica, pintura e esculptura. Não continuemos por mais tempo a imitar a mulher de Loth, trabalhemos com valor por melhorar o presente, tenhamos fé no futuro e cultivemos a arte, a flôr immortal, divina, das civilisações.

ZACHARIAS AÇA.

O MASTHODONTE

(POEMETO)

I

O sol em braza, ao longe, no occidente
Desmaiado dardeja!
O torvelino varre o areal ardente,
Como faminta féra que fareja:
Onda apoz onda no deserto agita,
D'um nimbo atro e poento o ar povôa;
Tal por sobre a cidade impia e maldita
O flagello de Deus rapido vôa!

Mostra o simoum de ingente masthodonte
Alva, gigante ossada,
Do sol, que luz na extrema do horisonte,
Jorra atravez luz palida, coada.
Como as cavernas de galera enorme
Arroja o mar ao areal deserto,
O vento ergue o sudario do que dorme,
Faz do ranger dos ossos um concerto.

II

A Pyramide do deserto e o Masthodonte

A PYRAMIDE

Como surges, e vens secco, mirrado
Da penumbra do tempo? e assim te inquietas
Á luz! oh conversemos do passado.

Sejamos como dois anachoretas,
A quem chamou de longe ignota fala,
E decrepitos vão já de muletas.

É minha voz o raio que me abala,
Responde pois com o ranger dos ossos,
E sirvam-nos os páramos de sala.

Vi baquearem imperios e colossos,
E erguer-se a humanidade triumphante,
Como Deus, creadora em seus destroços.

Venço impávida o tempo! espero, adiante,
Estar á sombra da arvore da sciencia,
Quando este orbe fôr astro irradiante,
E o homem tenha a angelical essencia.

O MASTHODONTE

Quando no seio a terra me trazia
Contou como tambem foi clara estrella,
E que embebida em sua luz um dia
Deus afastára a vista de sobre ella!
Perdida como a nota d'alguma aria
Dos córos mais jocundos,
Deixou-a em trevas, fria, solitaria
Arrastada no turbilhão dos mundos.

E a terra a Deus se eleva pesarosa:
«Senhor! é santa a luz, se eu a contemplo
«Na sombra que me envolve, silenciosa,
«E vejo como alampadas de um templo

«Absôrtas n'essa graça que lhes déste
«Brilhar, bordando a cupula celeste,
«Minhas irmãs estrellas!
«Oh deixae-me outra vez luzir entre ellas.»

—De que val o clarão que um sôpro apaga,
Que o espaço absorve e tanto te fascina?
Se tens o homem cuja fronte alaga
Da intelligencia a luz alta e divina?
E a terra immersa na gelada treva,
Ouviu de Deus o perennal juizo,
E para o berço de quem tanto a eleva
Formou o paraiso.

III

Rangeu assim do altivo Masthodonte
Branca, gigante ossada;
Do sol, ardente na orla do horisonte,
Jorra atravez luz palida, coada!
Como as cavernas de galera enorme
O mar engole no golfão aberto,
O vento passa e esconde a ossada informe
Na mole das arêas do deserto.

THEOPHILO BRAGA.

CHRONICA SCIENTIFICA

Relações do homem com o mundo exterior. — Movimento communicado. — Choque produzindo vibrações, e estas dando sons. — Sons perceptiveis e sons imperceptiveis. — O movimento transformado em calor. — O calor é um movimento de vibração. — O *ether*. Provas da sua existencia. — Quando as vibrações moleculares se acceleram apparece a luz. — As cores são notas de uma escala luminosa. — O numero das ondulações do ether determina a cor, como o numero das ondulacões do ar determina o som. — Numero prodigioso de vibrações que dá a luz; extrema pequenez d'essas ondulações. — O espectro corado; comparação com a escala musical. — Acções variadas, e propriedades do espectro. — Discussão de theorias; prova da plausibilidade da theoria das ondulações. — A luz unida á luz pode dar trevas. — O som somado ao som pode dar o silencio. — Experiencias do dr. Koenig. — O calor medido com os olhos. — Expectros imcompletos. — Espectros caracterisando as substancias.

pela impressão, que nos nossos orgãos produzem os objectos exteriores, que nós temos conhecimento da sua existencia, e os distinguimos uns dos outros pelas suas propriedades. Os sentidos são impressionados pelas forças da natureza em acção, por movimentos de diversas ordens, quer das massas dos corpos ponderaveis, quer das muleculas d'estes corpos, quer emfim das tenuissimas e imponderaveis particulas do *ether*; fluido que enche o espaço celeste, que penetra por entre os elementos constitutivos dos corpos, que vibra e se agita sem cessar em nós ou em torno de nós. Onde ha para os nossos orgãos sensação, ha fóra d'elles movimento capaz de os impressionar.

Os corpos em movimento chocando outros corpos em repouso, communicam-lhes uma parte da energia que trazem em si; produzindo uma deslocação em toda a massa, ou apenas n'uma parte d'ella, ou pondo em vibração as particulas que a constituem: manifestando-se essa vibração por phenomenos de diversas naturesas. Uma bola em movimento batendo n'outra bola de iguaes dimensões, em repouso, communica-lhe uma parte do seu movimento, e, depois do choque, ambas caminham com uma velocidade, que depende de circumstancias que a sciencia avalia hoje exactamente.

Se em vez de chocar um corpo não elastico e livre, o corpo em movimento bate contra uma corda elastica fixa nos seus extremos, e n'um certo estado de tensão, como a corda de um piano, esta corda, em vez de se deslocar, entra em vibração; isto é, as suas muleculas, tiradas do equilibrio pelo choque recebido, tendem a voltar á sua posição de repouso; mas, antes de a alcançarem, oscilam longa e rapidamente áquem e além d'essa posição. Estas oscilações communicam-se ao ar, formando n'elle ondas mais ou menos largas, mais ou menos rapidas, do mesmo modo que uma pedra deitada n'um lago produz, na superficie da agua, ondulações perfeitamente destinctas e regulares. São as ondas do ar, posto em movimento pela vibração dos corpos elasticos e sonoros, que, chocando o nosso ouvido, n'elle produzem uma sensação, que chamamos *som*. Quando as vibrações são continuas, rapidas e eguaes em relação ao tempo da sua duração, o *som* tem o caracter de som musical; o numero de vibrações n'um tempo dado distingue os sons *graves* dos *agudos*. Uma corda, ou outro corpo sonoro, dando 32 vibrações por segundo produz um som grave, já perfeitamente perceptivel para o ouvido do homem; acima de 70000 vibrações no mesmo tempo o ouvido deixou de ser impressionado por se tornar em extremo agudo o som. Estes limites para menos e para mais podem ser um pouco diversos para differentes pessoas e em varias circumstancias, mas, em geral, são os que se podem adoptar, segundo as experimentações dos physicos. No som, resultado da vibração dos corpos sonoros communicada ao ar em ondas rapidas e regulares, temos a prova de que o movimento, a acção da energia da natureza transportada ás particulas dos corpos, póde tornar-se perceptivel para nós por meio de um sentido especial, por um modo diverso d'aquelle porque o movimento dos corpos, em geral, se nos faz perceptivel ao tacto. Vê-se pois que o movimento de um corpo, communicando-se a uma corda elastica e sonora, origina vibrações, e estas se transportam por ondas successivas do ar, ou de outros corpos elasticos, até ao ouvido, para ahi produzirem a sensação do som. Encontrando um obstaculo á sua propagação, as ondas sonoras refletem-se, desviam-se do caminho que seguiam para tomar outra direcção, segundo certas leis. A força do choque do corpo em movimento contra o corpo sonoro, influe na amplitude das oscilações, mas não no seu numero; isto é, influe na *intensidade* do som, mas não na sua maior ou menor *gravidade*.

Um corpo em movimento batendo contra outro corpo, que subitamente o faz parar, produz calor. Um martello batendo sobre uma bala de chumbo aquece-a. Caindo de uma altura de 424 metros a bala de chumbo, ao encontrar uma superficie resistente que lhe impedisse o movimento, produziria um calor sufficiente para elevar de 30 gráos,

do thermometro centigrado, a sua propria temperatura. O movimento, cessando de manifestar-se por uma causa que a elle se opponha, póde, pois, transformar-se em calor; isto é, a força mecanica em acção produz movimento, e, quando se não póde empregar em mudar de logar a massa do corpo em que actua, põe em vibração as suas particulas, faz oscillar estas, mais ou menos rapidamente, em torno da posição em que ellas, no estado de repouso, estão em equilibrio. Vibrando entre certos limites, os corpos elasticos produzem ondas successivas no ar, e essas ondas chocando o timpano do ouvido dão a sensação do som. Quando as vibrações são entre todas as particulas dos corpos, de uma velocidade enorme, e de um caracter especial, essas vibrações, chegando aos nossos orgãos, communicam-se-lhes e dão a sensação do calor; esta communicação póde fazer-se ou pelo contacto immediato do corpo aquecido, ou a distancia. Para nos chegar aos ouvidos o som, produzido por um corpo em vibração, é preciso que entre elle e nós haja uma substancia vibrante, o ar geralmente, pela qual passem as ondas sonoras: as vibrações do calor precisam para se communicar de um fluido mais subtil do que o ar, o *ether*, pelo qual possam passar as ondas, pequenissimas e rapidissimas, que dão origem aos phenomenos, cuja causa denominamos *calôr*. Existe o *ether?* A sciencia não póde deixar de admittir a sua existencia, apezar de o não poder separar dos corpos ponderaveis, e sujeital-o a uma analyse, da natureza d'aquella a que póde sujeitar o ar e outros gazes, por mais subtis que sejam: a existencia do *ether* que transmite as ondas do calor da luz, da electricidade e do magnetismo, reconhece-se pelos phenomenos a que elle dá logar, percebe-se pelos seus effeitos.

O sol está a uma distancia de nós que excede 148 milhões de kilometros, e, apesar d'isto, o calor que elle emite chega-nos atravez do espaço em tal quantidade que, se fosse distribuido uniformemente por toda a superficie da terra, bastaria para fundir n'um anno uma camada de gelo de 31 metros de espessura, que involvesse inteiro o planeta que habitamos. O calor, todas as observações e experimentações o demostram, é um movimento vibratorio; ora, para que esse movimento se faça sentir a distancia, é preciso que haja um fluido que o communique, de um modo semelhante áquelle porque o ar communica os sons; é pois fóra de duvida que entre o sol e a terra existe um fluido d'esta natureza, pois que o calor do sol nos chega de um modo tão manifesto e com tão grande intensidade. Esse fluido é o que se denomina o *ether*. As ondulações do calor passam atravez dos corpos, havendo uns que se deixem atravessar pelo calor melhor do que outros; admittida, o que não póde deixar de fazer-se em vista dos factos, a doutrina das ondulações, para explicar a

producção e transmissão do calor, não póde deixar de se reconhecer que o *ether*, transmissôr d'essas ondulações, penetra por entre as particulas dos corpos, e transmitte o calor, mais ou menos facilmente, segundo as disposições relativas dos atomos n'esses corpos.

Quando as causas que produzem calor actuam poderosamente sobre os corpos, estes ou mudam, sem transição, de estado, isto é, sendo solidos passam a ser liquidos, ou sendo liquidos se vaporizam e passam a gazes, ou se tornam luminosos antes de mudarem o estado de agregação das suas particulas. O calor resulta de um movimento vibratorio das particulas dos atomos dos corpos; á medida que, por qualquer causa, as vibrações se vão tornando mais rapidas, váe o corpo *tornando-se mais quente*, e quando o numero das vibrações atinge um certo limite, o corpo torna-se incandescente, emite luz. Assim como uma corda ou uma vara metalica póde vibrar, sem que produza um som em quanto as suas vibrações não chegam a ser, pelo menos, trinta e duas por segundo; assim tambem os corpos podem vibrar nas suas particulas e communicar ondulações ao ether, dando origem a phenomenos de calor, sem que essas ondulações impressionem os nossos olhos, dêem luz; porque esta só se manifesta quando as vibrações chegam a um certo numero por segundo. A incandescencia dos corpos começa a 500 graus do thermometro centigrado; d'esta temperatura para cima os corpos manifestam phenomenos de luz, que nos mostram haver n'esta uma verdadeira escala, como a ha nos sons. A primeira côr que se observa nos corpos incandescentes é a vermelha obscura: á medida que sobe a temperatura vem o *tom* amarello misturar-se com o vermelho, dando ao corpo incandescente luz de côr alaranjada, até que o amarello se torne dominante: depois a transição é rapida, e alguns corpos incandescentes tornam-se brancos. A prata, que se funde a 1000 graos centigrados, lança, a uma temperatura mais elevada, vapores luminosos de bella côr verde. O ouro, que passa ao estado do liquido, que se funde só a 1250 graos, dá, n'esse estado e a essa temperatura, uma luz verde azulada. As vibrações do ether, que até um certo limite produzem o calor, acelerando-se dão a luz: transmitte-se esta a distancia, como o calor, por meio das ondulações do ether; a sua transmissão vae mais longe do que a do calor. A luz e o calor do sol chegam até á terra, e fazem-se n'ella sentir poderosamente; mas das estrellas só nos chega a luz, perdendo-se no espaço as vibrações do calor, que naturalmente esses astros brilhantes produzem do mesmo modo e pelas mesmas causas que o sol. Um faxo acezo produz luz e calor; mas este só a pequena distancia se faz sentir emquanto que a luz impressiona com as suas vibrações os nossos olhos mesmo a grandes distancias.

A luz póde ser produzida por vibrações de maior ou menor comprimento, de maior ou menor rapidez, e os olhos percebem essas differenças, como os ouvidos distinguem nos sons a grandeza e rapidez das vibrações dos corpos sonoros. Emquanto o numero das ondulações do ether é inferior a 400 billiões por segundo, produzem-se os phenomenos do calor mas não os da luz; estes só são manifestos quando as ondulações chegam de 400 a 420 billiões, e deixam de perceber-se quando excedem 800 billiões de ondulações por segundo. Se o numero das ondulações da luz em relação ao tempo é tão grande, que o espirito difficilmente o chega a conceber, não é menos para surprehender a rasão a extrema pequenez d'essas ondulações. As maiores d'estas ondulações têem apenas de *comprimento* 74 centesimas millesimas partes de um millimetro; as mais pequenas unicamente 39 d'essas pequenissimas fracções do millimetro. Para bem se perceber a significação do que fica dito, lembraremos que o comprimento de uma ondulação é a distancia que vae da elevação da onda á depressão correspondente. Quando se deita uma pedra n'agua forma-se, em roda do ponto em que a pedra mergulha, uma successão de circulos concentricos, que vão como empurrando-se uns aos outros: cada um d'esses circulos é uma elevação da agua a que se conjuga uma depressão tambem circular; a distancia do ponto mais alto da onda ao mais baixo da depressão correspondente, medida na direcção do raio do circulo formado pela onda, é o que se chama comprimento da ondulação.

Conhecido o comprimento das ondulações, que o ether recebe dos corpos luminosos e communica mesmo ás enormes distancias que medeiam entre as estrellas e a terra, póde calcular-se a quantidade de ondas que occupam a extensão de um metro, e passar d'ahi para a quantidade que occupa o espaço percorrido pela luz n'um segundo. Das ondas menores luminosas contam-se 1.351:000, proximamente, n'um metro percorrido pela luz, e das maiores 2.564:000 no mesmo espaço; ora como a velocidade da luz é, com pouca differença, de 300:000 kilometros por segundo (298:000 segundo Foucault) vê-se que n'este espaço se devem encontrar mais de 400 billiões de ondas de maiores dimensões, e mais de 750 billiões das outras. As ondas do ether entram no olho com esta prodigiosa rapidez, e exercem milhões de choques successivos na retina, para nos darem a sensasão da luz e da *côr*.

Luz e côr, eis o que nos prepara os mais esplendidos espectaculos na natureza, o que nos faz conhecer e distinguir os corpos que existem longe de nós, o que estabelece as nossas relações com a immensidade do universo. A luz é uma fórma do movimento, uma vibração como o som; a côr é na luz o que a *nota* é na escala mu-

sical, o resultado da relação entre o numero de ondulaçõs e o tempo. A luz branca perfeita é uma *harmonia* formada pela impressão simultanea de todas as *notas* da *escala luminosa*. Por um meio simples a sciencia póde separar umas das outras as notas d'essa harmonia, e com ellas combinar *melodias* mais ou menos gratas aos olhos.

Fazendo com que um raio de luz branca, de luz electrica, bata sobre a face de um prisma, formado de substancia perfeitamente transparente e incolor, de vidro, por exemplo, póde observar-se que a luz como que se desdobra ao atravessar o prisma, e fórma, ao sair d'elle e sendo recebida n'um alvo, uma faxa luminosa, onde se nota uma successão de cores vivas. A passagem de uma a outra d'essas cores faz-se por gradações successivas. É esta faxa corada que se chama um *espectro*.

O raio de luz branca ao passar do ar ao vidro desvia-se da sua direcção, mas como não é simples, mas sim uma combinação, uma harmonia, como já se disse, de tons luminosos, nos quaes é differente o numero das ondulações por segundo, cada um d'esses grupos diversos de ondulações se desvia differentemente, e assim vemos como desdobrar-se o raio branco em raios corados no espectro. Observando o espectro, podem notar-se *sete* cores distinctas, as quaes são, a partir da que menos desvio do direcção soffrer em sua passagem pelo prisma, as seguintes: *vermelha*, *alaranjada*, *amarella*, *verde*, *azul*, *anillada e violeta*. Todos têem visto um *espectro corado*, mesmo sem haver feito a experiencia de que se acaba de fallar: o arco iris é um espectro grandioso, formado pela decomposição da luz do sol nas gotas d'agua suspensas na athemosphera. Quando se olha para os prismas de vidro lapidado, que pendem dos lustres e candelabros nos salões, facil é notar que a luz se decompõe ao atravessal-os; e, observando com attenção, reconhece-se a separação das cores na ordem em que ellas se acham no espectro.

Cada uma das côres é uma *nota* da escala luminosa, resultado da relação entre o numero de vibrações e o tempo; a *nota* mais grave, perceptivel aos olhos do homem, é a côr *vermelha*, a mais aguda é a côr *violeta*. Áquem e álem dos limites, em que a luz corada se manifesta, ha ainda ondulações; porém estas produzem effeitos diversos d'aquelles que impressionam os olhos, e que nós chamamos *luz*.

Áquem do vermelho, já fóra do espectro corado, encontram-se as manifestações do calor. Com prismas de substancias que deixem bem passar o calor nota-se, que a parte mais quente do espectro visivel é o vermelho, mas que só áquem do vermelho é que o calor chega ao seu maximo. A luz exerce sobre certos corpos uma acção *chimica*, a qual modifica a sua constituição de varios modos, que

seria fóra de proposito descrever aqui; basta recordar o facto bem vulgar da destruição das côres, de origem vegetal, pelos raios do sol, e a acção da luz nas preparações empregadas na photographia. Observando sob o ponto de vista da sua acção chimica o espectro, reconhece-se que elle não tem em toda a sua extensão a mesma intensidade de influencia, mas que esta é mais forte no raio *violeta*, no raio de luz produzido pelas vibrações mais rapidas, e se estende para além do violeta, onde o espectro já não é visivel. O maximo calor, e a maxima intensidade de acção chimica estão nos dois extremos do espectro; a parte mais luminosa mostra-se n'uma das cores centraes da faxa corada, na cor *amarella*. Estas observações provam que os nossos sentidos são differentemente dispostos para perceber a acção das ondulações ethereas, como o são para apreciar as ondulações do ar posto em movimento pelos corpos sonoros; e provam igualmente, que as ondulações, segundo são mais ou menos rapidas e segundo é maior ou menor o seu comprimento, actuam differentemente sobre os corpos. Até um certo limite de grandeza as ondulações aquecem; menores, aquecem e illuminam; menores ainda abalam as particulas dos corpos e promovem transformações nas suas propriedades.

Suppondo que o leitor teve a paciencia de seguir, com a indispensavel attenção, o que até aqui temos procurado resumir com a possivel clareza n'esta breve exposição, ainda assim nos parece que se lhe não devem ter apagado do espirito todas as duvidas ácerca da plausibilidade da theoria, que attribue a luz e o calor a ondulações e a movimentos vibratorios, e não á emissão departiculas de calor e de particulas de luz abandonadas pelos corpos. A explicação dos phenomenos de calor e de luz, assim como dos da electricidade e do magnetismo pelas ondulações, communicadas ao *ether* que enche o espaço, é uma explicação *theorica*; e para muita gente, que mal sabe ligar ás palavras o seu verdadeiro sentido, *theoria* é sinonimo de extravagancia, de sonho da imaginação exaltada. Esses taes, que tem em tão má conta as *theorias* e os *theoricos*, não perdem occasião de inventar por sua conta explicações tontas para os factos que observam mal, e tornam-se por este modo fazedores de theorias, mas da peior especie, da especie absurda ou ridicula. É indispensavel que ás palavras se dê o seu verdadeiro sentido, o sentido que ellas tem quando são tomadas a serio pelos homens que pensam e que sabem respeitar a razão humana. A theoria, nas sciencias physicas e naturaes, deve dar a explicação dos factos da observação e da experimentação em certa ordem de phenomenos, deve nascer d'esses factos e de todos elles dar razão cabal. A theoria, quando é digna da sciencia, serve de ponto de partida para novos descobrimentos, e se es-

tes a não contrariam antes a confirmam, deve isso considerar-se como a melhor sancção que a theoria póde receber.

A antiga theoria das emissões, a que suppunha a existencia de differentes fluidos sem peso, que saiam em successiva emissão dos corpos luminosos, quentes, magneticos ou electrisados, não está de modo algum de acordo com os factos, não explica muitos dos phenomenos que a scicenia conhece, e é contraria á harmonia e simplicidade das leis que regem a natureza. A theoria das ondulações explica tudo; a transformação do movimento mechanico em calor; a metamorphose do calor em luz; a marcha da luz pela immensidade do espaço e atravez dos corpos: a distinção das côres; e as acções physicas e chymicas de certos raios luminosos. Para firmar melhor, porém, as idéas do leitor sobre a importancia e plausibilidade d'esta theoria, citaremos um phenomeno curioso, que lhe dá a mais cabal confirmação, e que, de mais, merece ser conhecido porque serviu de ponto de partida para as maravilhosas determinações da grandeza e volocidade das ondas luminosas. Este phenomeno interessante é o das *interferencias* da luz.

Quando dois raios de luz, partindo da mesma origem, com a mesma intensidade ambos e da mesma côr, se cruzarem, formando um angulo, o que deve acontecer, se fôr verdadeira a antiga hypothese que atribuia a luz a uma substancia material, ainda que excessivamente tenue, lançada em torrente pelos corpos luminosos? A resposta é simples, e não póde ser senão uma. No logar em que os raios se cruzarem, em que a substancia luminosa se accummular, deve observar-se um ponto mais brilhante do que em qualquer outro logar por toda a extensão dos raios luminosos. É porém o contrario que succede. Onde os raios se encontram a luz desapparece. A luz unida á luz dá trevas.

Se n'um quarto escuro se fizerem entrar, por duas pequeninas aberturas, dois raios de luz produzidos pela mesma causa, e ligeiramente inclinados um para o outro de modo que venham a encontrar-se, vêr-se-ha, no ponto de cruzamento, desapparecer a luz. É a esta obscuridade, resultante da união da luz, que os physicos chamam *interferencia*. Se de um ponto luminoso cair a luz sobre as duas faces de um prisma de vidro triangular, que tenha um angulo muito aberto, e por conseguinte os outros dois muito agudos, e se um observador olhar, pela face mais larga do prisma, para a luz collocada do lado do angulo mais aberto, verá, em vez de um ponto luminoso dois, e ao mesmo tempo notará, entre as duas imagens da luz, uma serie de linhas alternadamente brilhantes e obscuras. Estas linhas obscuras são o resultado da interferencia das ondulações luminosas, que, atravessando as duas faces do prisma, se encontram e cruzam em angulos agudos. Este cu-

rioso phenomeno é a prova mais completa que se póde dar da racionalidade da theoria das ondulações. Se deitarmos duas pedras de egual tamanho, e com egual impulso, na superficie tranquilla da agua de um lago, veremos que, em torno dos pontos em que as pedras cairem, se formarão ondulações circulares e successivas: ora, quando os dois systemas de ondulações se cruzarem, observaremos, se a elevação de uma onda encontrar a depressão da outra, que ellas se destroem mutuamente, e a agua ahi se apresenta liza e tranquilla. Dois sons perfeitamente unisonos, da mesma intencidade e timbre, produzidos na proximidade um do outro, em vez de se reforçarem atenuam-se. É isto que provam experiencias curiosas feitas ultimamente pelo sr. Koenig, com um apparelho simples, em que funccionam dois tubos de orgão, e em que o som se torna, por assim dizer, visivel, por meio de luzes de gaz, que se agitam com os movimentos de ondulação do ar dentro dos tubos, no acto de se produzir o som. Os phenomenos da *interferencia* da luz explicam-se na theoria das ondulações, como nos exemplos que ficam citados. Empregando o prisma para produzir as interferencias, os celebres Fresnel, e Fraunhofer e outros phisicos poderam medir a espessura das ondas luminosas.

A observação de todos os phenomenos, de que n'esta revista se dá noticia, levou os homens de sciencia a admittir a theoria das ondulações, como a unica que dá dos phenomenos da luz uma explicação facil e completa. A theoria das ondulações é verdadeira em relação ao calor e á luz, do mesmo modo que o é indubitavelmente em relação ao som. As analogias entre os factos acusticos e os opticos é completa; a diferença está na proporção das vibrações, na grandeza da massa em que ellas se manifestam, e no meio elastico que as transmitte. É inteiramente verdadeira a identidade de natureza dos phenomenos da luz e do calôr; uns, e outros são o resultado das vibrações moleculares dos corpos actuando sobre um fluido, o *ether*, que enche o universo, e produzindo n'elle ondulações. Todas as particulas de materia estão em perpetuo movimento, mas esse movimento não o podemos nós perceber senão pelos resultados, que impressionam os nossos sentidos; esses resultados percepetiveis para os nossos sentidos são o calôr, a luz, a electricidade e o magnetismo. Quando as vibrações que dão o calôr, como vimos, passam de um certo limite de rapidez e diminuem de comprimento apparece a luz, primeiro dando origem a phenomenos de calôr, mais tarde apparecendo como separada d'estes phenomenos. Á medida que o numero das ondulações cresce, e o seu comprimento diminue, a luz apresenta successivas modificações de côr, constituindo uma escala de sete côres, que se podem adimittir como bem caracterisadas, mas entre as quaes se observa

uma successão quasi incalculavel de cambiantes de côres de transição.

Nas relações entre a rapidez das vibrações calorificas e a côr, e intensidade da luz, que apresentam os corpos incandescentes ha, como pelo que fica dito se reconhece, uma relação; assim, pela observação da transformação do calôr em luz se póde reconhecer a *temperatura* dos corpos incandescentes. É sobre este principio que acenta um apparelho optico, proposto pelo sr. Becquerel, para determinar as altas temperaturas, não pela acção que ellas tem na dilatação no augmento de volume dos corpos, mas pela luz que emitem os corpos incandescentes, comparada com a luz invariavel de uma lampeda.

Os corpos, como todos sabem, mudam de volume com o calor; é sobre este facto bem conhecido que assenta a construcção dos termometros, instrumentos que hoje andam nas mãos de todos: mas, passado um certo limite de temperatura, variavel para differentes corpos, produz-se a mudança de estado, ha a passagem dos solidos a liquidos, e dos liquidos a vapores. Esta circumstancia explica a difficuldade de construir um termometro para medir altas temperaturas, sendo aliás a medição d'essas temperaturas de grande utilidade na industria. Tem-se inventado apparelhos, a que se deu o nome de *pyrometros*, para medir essas temperaturas elevadas, mas taes apparelhos são indubitavelmente imperfeitos. O apparelho, o *pyrometro optico* do sr. Becquerel, fundado no principio da intensidade da luz nos corpos incandescentes, póde talvez dar resultados mais seguros do que os obtidos pelos antigos pyrometros. Poder-se-ha com o novo pyrometro medir o calor com os olhos.

Prosigamos no nosso estudo da luz, afim de completar as noções que reputamos indispensaveis para se intender a rasão e a importancia de um dos mais brilhantes descobrimentos da sciencia nos ultimos tempos, o descobrimento da analyse da composição dos corpos por meio da luz decomposta, por meio do *espectro*.

Quando um corpo emite luz branca, esta luz é o resultado da união harmonica de luzes de diversas côres: esta harmonia póde resultar da união de todos os *tons* da escala luminosa, ou de alguns d'elles unicamente. Assim, por exemplo, o verde e o vermelho violacio dão o branco; o violeta e o amarello dão branco igualmente. Quando uma luz branca, ao decompor-se n'um prisma, dá um espectro com todas as côres, e sem interrupção alguma, é porque n'essa luz se contém todas as côres e cambiantes do espectro, toda a escala luminosa, sem excepção. É isto que se observa no espectro da luz electrica, e nos da luz emitida por corpos solidos não volateis, isto é, que não cedem á chamma nenhuma particula da sua substancia. Não succede o mesmo quando a luz, de que se

observa o espectro, é dado pelos vapores de um corpo: e a razão é facil de encontrar. É porque essa luz, quasi sempre corada, não contém todos os tons da escala musical, não dá origem a series de ondulações em todas as proporções possiveis, tanto em relação ao tempo como ao espaço.

Volatilisando entre as pontas de uma lampeda electrica o cobre apparece uma luz verde: esta luz não tem evidentemente senão alguns tons da escala luminosa. A analyse, pela decomposição n'um prisma, prova que n'esta luz não entra senão o verde: o espectro reduz-se a linhas verdes brilhantes. Se o metal volatilisado fôr o zinco, notar-se-ha uma luz purpurina: a analyse mostra, que esta luz dá um espectro formado unicamente de linhas azues e vermelhas. A luz do zinco é uma harmonia, em que entram apenas algumas notas. Quando n'uma chamma de espirito de vinho se introduz um pouco de sal marinho (composto de cloro e de sodium), ou outro sal em que entre o sodium, a chamma torna-se amarella: decomposta pelo prisma esta luz não póde dar senão o que contém, o amarello. O espectro do sodium é apenas uma linha amarella. Em todos estes espectros, que resultam da decomposição de luzes coradas, pela presença de substancias em estado de vapor, apparecem só linhas correspondentes á natureza das côres que se decompozeram; e *o resto do espaço, que no espectro completo é illuminado de differentes côres, fica inteiramente obscuro.*

Ao conhecimento da interessante observação, de que acabamos de dar noticia, deve ajuntar-se o de outra observação de maior interesse para as sciencias physicas: e é a seguinte. Cada metal, posto em estado de emitir luz, n'uma chamma de elevada temperatura, dá um espectro que lhe é proprio, que o caracterisa e o faz distinguir de todos os outros. Isto quer dizer, que cada qualidade de materia metallica, quer isolada, quer combinada, posta em vibração molecular a ponto de dar luz propria, origina ondulações de uma grandeza e rapidez determinada, e inteiramente differentes das produzidas pelas vibrações luminosas das outras qualidades de materia: cada substancia na natureza emitte um tom corado, ou uma combinação de tons, formando uma harmonia.

N'uma proxima revista mostraremos a applicação d'estas observações ao estudo da composição dos corpos.

J. D'A. CORVO.

CHRONICA DO MEZ

Os revisteiros de Lisboa precisavam serem dotados da sobriedade do camêlo, que atravessa o deserto sem tomar alimento durante semanas! Aqui se tem passado este Julho encantador sem mais novidades do que um romance traduzido, e um actor original: o actor é o sr. Joaquim Augusto, do Brazil: o romance, a *Graziella* de Lamartine, versão de Bulhão Pato.

Romance, disse eu? E porque não?! Se a natureza humana é como a paizagem, se podem os mestres reproduzil-a por mil fórmas, todas ellas verdadeiras e sem uma se parecer com a outra, compreendendo cada pintor de modo diverso as arvores, as aguas, os horisontes, e conservando todos quasi no mesmo grau o fundo sentimento da realidade estampado na sua obra,— porque não hão de os grandes romancistas estarem sujeitos á mesma lei? Escriptores da phantazia ou do positivismo, da idealidade ou do bom senso, todos teem razão; nem ha para a arte outra formula que não seja a da liberdade; acceitemos quantos reproduzem alguma coisa em que a verdade exista;

que de vezes não se tem comparado Camillo Castello Branco a Balzac; todavia o methodo de um não é certamente o do outro, mas no fundo os dois mestres attingiram a realidade, e na multiplice revelação do coração humano, da sociedade, da natureza, mysteriosa revelação de cada dia n'uma linguagem que a turba não percebe e que os melhores talentos mesmo não intendem de todo o ponto, penetraram elles e contaram-nos alguns segredos, sem um nem o outro se enganarem, apezar de não haverem ouvido as coisas pelas mesmas palavras.

Considerar Lamartine como romancista, é ir ao encontro de outros horisontes, de outras almas, e de outra maneira de vêr este mundo, desde as grandes paizagens até á phisionomia humana; mas é genero tão de lei como os mais, e não se podem mesmo considerar como simples poesia essas bellas paginas, porque, depois de vêr o homem por um aspecto, cumpre examinar se não ficará modificado sob aspecto differente, e não proscrever para todo o sempre o excepcional e o bello.

E como foi que appareceu assim de repente entre nós, paiz dos frialões, tão elegante, tão admiravelmente contada em portuguez aquella historia encantadora e simples de *Graziella?* O caso passou-se assim: dois mancebos de condição distincta, querendo usufruir dos creditos e sympathias que as suas qualidades inspiravam na sociedade, lembraram-se de querer d'ella um pouco mais do que a galanteria de lhes tirar o chapéu na rua, e convidaram-a a receber todas as semanas quatro folhas de impressão em casa; tratava-se de uma publicação pelo theor e indole das edições populares da França, isto é, dar n'um folheto de 80 paginas a materia de um romance de dois volumes, e offerecel-o ao assignante pela terça parte do custo das edições usuaes; amigos intimos de Bulhão Pato alcançaram-lhe o nome para a lista dos collaboradores, e um dia chegou em que foi preciso que esse nome representasse um livro; n'essa hora elles estremeceram de esperança e de susto e foram ao encontro do poeta, receiosos de que, caçador infatigavel, nem elle estivesse em Lisboa. Felizmente estava; e caçava de certo apesar d'isso, senão nos matos, ao menos na idéa, talvez saltando pelas praias do Pacifico, atravessando as florestas virgens das Cordilheiras, passando da facil captura das perdizes ás vivas commoções de uma batida aos tigres, correndo em França na pista do veado, perseguindo a raposa na Inglaterra, e desfructando todas as cambiantes peripecias de intrepido *sportman!* De mais a mais, se o titulo de caçador tem muita valia, e se poucos ha que saibam caçar, mais limitado é ainda o numero dos que sabem contar em conversação imaginosa e facil seus heroismos: *Pauci quos amavit Jupiter;* ora, Bulhão Pato é pelo menos

tão bom conversador, quanto caçador excellente, o que nos prova que Jupiter lhe quer bem, e, acordando do seu sonho, narrou-o, descreveu-o, pintou-o n'um d'aquelles monologos preciosos de colorido com que este Rembrandt da palavra tantas vezes encanta os seus amigos: d'essa vez os srs. Pedro Corrêa da Silva e Galacho não puderam vencer-se sem lhe lembrarem ser elle além de bom caçador e bom conversador ainda melhor poeta, e exigiram-lhe o cumprimento da palavra dada de lhes traduzir um romance de sua escolha, em vez de sonhar e conversar.

Esse romance devia, effectivamente, ser a *Graziella*. A maneira eminentemente singela d'essa narrativa, que é como que um capitulo de memorias, não procurando nunca aventuras e deixando os effeitos irem apparecendo pelo simples contacto dos acontecimentos e dos corações, devia seduzir o nosso poeta. Que admiravel pureza de traços! Ali não se intenta nunca surprehender por imprevistos recursos nem pelas singulares combinações das circumstancias ou das scenas, que vão arrastando o leitor, perdido na attracção de uma falsa psychologia, que sonha typos impossiveis ou monstruosos, para tentar o vulgo com o luzir das lantejoulas: ali é tudo natural e simples, e o estylo liberta-se mesmo do abuso da methafora a que o poeta francez é dado com frequencia, e consegue reduzir ao tom humilde de uma narração facil a fórma de sua sonorissima dicção; a allada musa desce á terra; percebem-se-lhe ainda as azas, mas vê-a a gente andar por entre nós. Com o profundo sentimento dos generos, que é o condão do talento, e pelo poder encantador dos que sabem ser senhores da sua propria força, Lamartine não abdica na *Graziella* a sua tempera poetica, mas reprime-a e dirige-a; d'ahi provém, essa bella prosa harmoniosa, que Bulhão Pato conservou abundante e flexivel prestando-se tanto ás particularidades comezinhas como ás descripções sumptuosas, e sentindo-se-lhes sempre não sei que meigo e suavissimo rythmo, semelhante ao perfume vago de uma flôr escondida!

Todos conhecem *Graziella*, e ainda bem, porque a simplicidade do enredo é tanta, que não poderia contar-se: está tudo no sentimento que se respira na novella, na vida que a anima, na graça e belleza austera das minucias que a revestem. Em que prosa se havia de analysar a suavidade e familiar elevação d'esse typo? Tudo que n'ella existe de admiravel e profundo apenas se revella ao leitor attento; conta-se rapidamente uma aventura, esboça-se a lapis em levissimos toques uma physionomia, mas não se descrevem em poucas palavras almas d'aquellas, que requerem um largo estudo; quem se atreveria a tental-o depois de Lamartine? Acresce que com as mais notaveis obras litterarias o querer apartar-lhes o plano, a primeira idéa, o

assumpto, do esplendido involucro que as arroupa, é sujeitar as imaginações mais fecundas a parecerem estereis, a quem só fique tendo d'ellas conhecimento tão superficial. Que o enredo de *Graziella*, se a gente fôr a contal-o não só ha de parecer simples mas velhissimo, e hoje não se falla por ahi senão de coisas novas, coisas novas! como se os melhores assumptos não fossem eternos, e depois de inspirarem os primeiros rapsodistas, depois de apaixonarem as almas dos poetas da Grecia e de Roma, não houvessem durado atravéz das idades, visitando sempre como fantasmas luminosos os grandes espiritos dos tempos modernos. A differença está em os remoçar, cada um dos que os vae cantando, segundo sua phantasia, modificando-os, transformando-os, e dando-lhes nova luz. Quantos poetas não têem dito as alegrias e penas do amor, sem todavia se repetirem?

Se fosse dado n'esta terra constituir moda um livro, a traducção de *Graziella* deveria alcançar tal distincção; sinto que não me permitta o espaço d'esta chronica citar ao menos alguns dos excellentes versos que terminam o volume, aquelle encantador *Premier regret*, tão admiravelmente vertido em portuguez. Sejamos breves: Bulhão Pato conservou á novella de Lamartine a fórma, a vida, o sentido, e a sua alma de poeta irradiou-lhe o estylo de igual explendor.

A morte do senhor conde de Vimioso foi o acontecimento triste da semana. Deploram todos n'este cavalheiro o sympathico gentil-homem, que tanto como pela nobreza do seu nome se distinguia pela originalidade do seu espirito e pelos dotes affaveis do seu genio popular. Damos saudosamente os pezames a seu irmão D. Pedro de Portugal e Valença, nosso bom e antigo amigo.

Entremos no Gymnasio. O scenario representa uma vista agreste; rebenta uma trovoada medonha; está em scena um marujo cego: tudo treme de medo: cambaleam de horror os bastidores; a companhia do Gymnasio deve estar detraz do panno do fundo accendendo cirios, e o ponto engana-se a cada passo e reza a *magnifica* em vez de ler os versos: o marujo pragueja furioso, ao desafio com os trovões, dirije a Deus apostrophes vehementes accusando-o de o haver cegado, suppõe-se por instantes em pleno mar, no navio em perigo, imita as vozes de commando, tenta executar as manobras, e, caindo prostrado, arrepende-se das blasphemias e implora o seu perdão a Deus.

Tal é a scena *Cerração no mar*, que o actor brazileiro Joaquim Augusto representou no theatro do Gymnasio, a instancias dos seus collegas de Portugal, que desejavam ter occasião de o applaudirem. A scena denuncia haver sido escripta sem outras ambições, senão a de realisar uma moldura destinada a receber do artista um retrato de

mão de mestre; Joaquim Augusto converte essa breve poesia, em que aliás ha merecimento, n'um poema de que elle fica sendo o verdadeiro auctor. É um artista dotado de grande sensibilidade, comprehensão poetica, e insinuante expressão; o seu jogo de scena é amplo, harmonioso, e tem aquella verdade intelligente que não copia apenas a natureza, — que a explica. A sua dicção é tão correcta, que o ouvido do publico de Lisboa não chegou a estranhar-lhe a pronuncia; e pelo gesto, pela attitude, pelo expressar de physionomia, por tudo que constitue a linguagem do instincto, ha n'elle a energia do genio ardente, mas não se lhe observam nunca os extravios da exageração desordenada; na caracterisação assim como na recitação foi o mesmo talento sobrio e methodico, impregnado sempre da magestosa tristeza que soube pintar admiravelmente no caracter do pobre marujo cego. O publico fez mais do que applaudil-o, comprehendeu-o; e o seu enthusiasmo saudou duplamente n'elle um irmão, e um artista da nossa eschola, da nossa litteratura e da nossa épocha.

Na Praça do Campo de Sant'Anna deu-se a famosa toirada em beneficio do Asylo da Mendicidade; eram tres os cavalleiros: os toiros, dezenove; muita concorrencia, e muita animação... nos espectadores; como os toiros não prestavam, ninguem olhava para o circo mas para os camarotes; verdadeira toirada de sociedade! O publico foi duas vezes caridoso, concorrendo á festa e aturando a burla, já que os lavradores, offerecendo de graça bois d'aqelles, fizeram meia caridade ao asylo e uma judiaria inteira ao respeitavel publico; houve toiros de mais e toirada de menos; toda a gente, depois de corridos os dezenove, retirou na situação de Messalina, moida mas não satisfeita: *Lassiata sed non satiata!*

Os jornaes de Lisboa, que ha alguns tempos parecem nutrir uma paixão pelos japonezes, occupando-se d'elles com frequencia, acabam de dar a noticia de um valioso presente que o Taicum do Japão envia a S. M. El-rei o senhor D. Luiz; soube-se tão boa nova pelo *Tassi yang-kuo;* o brinde consta de espadas, sedas, veludos, crepes, obras de charão, porcelanas, e uma grande figura de homem em chrystal. Esta «grande figura de homem em chrystal» produziu já entre nós, á simples noticia, grande commoção. Diz-se que foi entregue ao nosso consul em Kanagawa, mas sempre suspeito que os embaixadores por ahi nos appareçam, e até me inclino a crer que devem ser os mesmos que já cá estiveram, e que eu tive o gosto ha tres mezes de encontrar em Paris. É verdade que não ha coisa mais parecida com um japonez do que outro japonez, e os jornaes de lá annunciam sempre que os seus embaixadores, assim que regressam á presença do monarcha, apressam-se logo em abrir a barriga. No Japão, por um piscar de olho, por um espirro, por qualquer

coisa, os homens abrem logo a barriga. Vae o sugeito jantar a ca de um amigo, acha a sopa insonsa; passa á saleta immediata, abre a barriga. Encontra o japonez uma europêa, e tem a impr dencia de se agradar d'ella; visto não ser da sua religião, é ca de abertura; se em quanto por cá andaram nenhum se abriu, porque nenhuma lhes pareceu bonita. O sr. Marçal José Ribeir dignissimo diplomata, que houve por bem servir-lhes de interpret tinha sempre a maior hesitação em os divertir, como se observo por saber quanto os prazeres lhes podiam ser fataes, e que quan melhor era a festa mais elles scismavam na barriga! Emfim! De os traga mais esta vez, e os conserve inteiros para nossa alegri

JULIO CESAR MACHADO.

CHRONICA POLITICA, NACIONAL E ESTRANGEIRA

I

o encerramento das côrtes succedeu tão geral e profunda quietação na capital e no reino que nem o bulicio do movimento eleitoral conseguiu ainda perturbal-a.

Não dormitam em lastimosa somnolencia os eleitores, antes é já visivel a acção dos influentes, sabida a diligencia e energia dos candidatos, notorio o antagonismo dos que aspiram á eleição pelo mesmo circulo, e palpaveis as difficuldades que a descentralisação eleitoral suscita a algumas candidaturas, mas esse redemoinhar politico, consagrado pela constituição e notado de feliz indicio pelos publicistas, nem perturbou a paz publica, nem se quer deu maior vivacidade ás lutas partidarias.

Todo o reino é paz. Não respira guerra feroz a opposição, e o governo pela sua parte dá o exemplo de serenidade ou o toma do paiz. É natural todavia que depois de publicado o decreto designando o dia das eleições se manifestem maiores signaes de agitação, sem que em paiz já tão acostumado ao exercicio do direito eleitoral o fogo das paixões politicas exceda o que se observa em casos identicos nas nações civilisadas.

O decreto a que nos referimos ainda não appareceu, e é esperado todos os dias.

Se nos negocios eleitoraes ha tamanha mansidão e cordura, nos outros não é maior o arruido e a energia dos que interessam n'elles. Não excitou o espirito publico o caso da *União Mercantil*, e se as sessões da assembléa geral da companhia das aguas não tem sido inteiramente pacificas, o desaccordo dos accionistas não chegou a ser turbulencia digna de reparo.

Fallou-se de que o governo ia agora contractar um emprestimo, mas quando a discussão principiava a apreciar a opportunidade e mais circumstancias da operação, acudiu o ministro competente com a declaração official de que não era verdadeiro o boato. Morreu ahi a questão.

Da carestia dos cereaes escreveram os jornaes, queixaram-se os negociantes e padeiros, e todos requereram pelo povo que não se queixava muito. O preço do pão justificava o queixume, mas os boatos favoraveis ácerca da colheita obrigavam a prudencia e cautella. O governo pediu informações aos governadores civis dos districtos.

Na situação politica não houve mudança visivel e o assumpto geral das conversações e dos trabalhos do maior numero é a campanha eleitoral, como já indicavamos na revista anterior; e tão subordinados andam a essa proxima solemnidade constitucional todos os negocios que nenhum adquire verdadeira importancia em quanto a urna não declarar ao paiz quaes são os seus futuros representantes.

A quadra é de esperar. Esperemos.

II

A ilha de Alsen foi tomada, e os prussianos parecendo ameaçar a de Fionen não chegaram comtudo a aggredil-a. Tambem por esse tempo caiu em Copenhague o ministerio liberal, e organisou-se sob a presidencia do conde Moltke um gabinete mais propenso a tratar com a Prussia e com a Austria, e menos vigorosamente appoiado pelo povo dinamarquez.

O novo ministerio acceitou o encargo de negociar a paz, reccorreu á benevolencia da França para o auxiliar, e dirigiu-se ás potencias invasoras tentando obter directamente o que a conferencia de Londres não havia podido conseguir.

Correram então boatos singulares ácerca das pretensões da Prussia que pedia os ducados, uma enorme indemnisação pelas despezas da guerra, e toda a esquadra da Dinamarca. Por ventura d'estas

exageradas condições partiram os exforços para conseguir uma paz fundada na justiça e no equilibrio europeu, e por consequencia a unica duravel.

Concordou-se em armisticio até ao fim de julho, e em que as negociações seriam em Vienna onde com effeito se reunem os plenipotenciarios para esse fim. O sr. Drouyn de Lhuys em nome do governo francez aconselhou aos governos allemães a moderação que só póde consolidar as victorias.

No meio d'estes graves negocios em que não mencionamos a viagem do duque de Glucksburgo, irmão do rei de Dinamarca, por lhe ignorarmos o objecto, publicou o *Morning-Post* varios documentos relativos aos tratados dos soberanos do norte em Kissingen. As embaixadas russa, prussiana e austriaca em Paris desmentiram logo a folha ingleza, que todavia corroborou a sua affirmativa.

A questão da Dinamarca é ainda a mais importante da Europa, e agora aggravada pela occupação de Rendsburgo em que os prussianos entraram menospresando a auctoridade da confederação germanica no Holstein. Hoje a maior difficuldade das potencias invasoras é a grandeza da victoria que alcançaram. Destruiram a Dinamarca; sentem hoje a sua falta no equilibrio europeu, e não sabem como haver-se n'este passo difficil.

A Dinamarca confessa a sua fraqueza, e a falta de condições de independencia. Quer unir-se á confederação. Ninguem acceita esta solução que entregaria á Allemanha e á Prussia as chaves do Baltico.

Quer tambem unir-se á Suecia, mas de nenhum modo o consente a Russia que mais depressa desejaria fazer de Stockolmo o que a Prussia fez da ilha de Alsen, do que augmentar a importancia de um visinho hostil accrescentando-lhe o territorio, e desenvolvendo-lhe os elementos de força naval.

Mas então reconstituam a Dinamarca, entreguem-lhe de novo os ducados, regulem melhor as relações entre elles e o governo de Copenhague, e desfaçam com a penna o que talharam com a espada. Tambem não ha quem acceite este desenlace.

Veremos se Vienna consegue encontrar a solução que se não póde descobrir em Londres, e se a França auxilia o que visivelmente não quiz coadjuvar até agora.

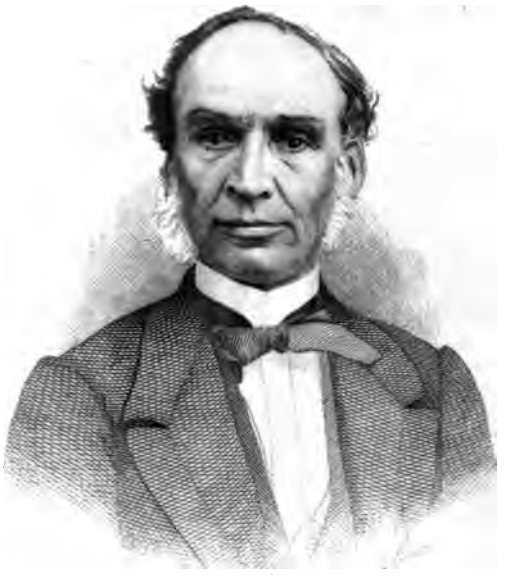
Em Hespanha fallou-se ultimamente da crise ministerial como acontece a miudo, promulgou-se nova lei de imprensa e resolveu-se que El-Rei fosse a França visitar o Imperador Napoleão como no verão passado a Imperatriz dos francezes viera visitar a Rainha D. Isabel II. Napoleão terá tambem em Vichy a visita do rei dos Belgas.

O ministerio Palmerston resistiu á questão dinamarqueza, mas ha

de ser longa a convalescença de enfermidade em que teve arriscada a vida, e não nos parece muito segura a saude do gabinete.

Mais firme se nos está affigurando a paz, até porque a concluir-se em Vienna será mais uma circunstancia desagradavel ao amor proprio britannico e pouco propicia á popularidade do ministerio inglez.

A. A. Teixeira de Vasconcellos.



James Montieu

Est. d'Acad. Real B. A. de Lx.a

JOSÉ GOMES MONTEIRO

Carta ao proprietario da REVISTA CONTEMPORANEA

Meu amigo.

u persegui, um anno, José Gomes Monteiro, a pedir-lhe o retrato para a tua «Revista». Á primeira sollicitação respondeu com uma formal negativa; ás instancias incessantes de viva voz e por cartas, respondeu com esperanças. Eu já as tinha perdidas, quando tu appareceste no Porto, graças ao vapor, e á tua gloria dramatica. Indagaste a residencia de José Gomes Monteiro, e foste deixar-lhe um bilhete e um comprimento. No dia seguinte, apresentei-te ao nosso esquivo litterato, que tu andavas já requestando. Occasionou-se a opportunidade. Intalamol-o com os mais affectuosos requebros. Gomes Monteiro ractificou as suas promessas, com o amavel sorriso de um estadista, que promette dois despachos a dois influentes eleitoraes. Eu, não obstante, ia jurar que as tuas instancias seriam tão malogradas como as minhas, quando José Gomes Monteiro, no proposito de se desapertar de nós, te deu um retrato.

Temos já meia victoria: faltam-nos os apontamentos para a biographia. Quem me ha de contar o que eu não sei da vida de

Gomes Monteiro? Se lh'o pergunto a elle, dá-me um sorriso, e encolhe os hombros, como quem diz: «Eu não sei sinceramente o que vossê quer saber de mim! Eu estudei, trabalhei, e vivi obscuramente.»—Mas as phases da sua vida intellectual?—replicaria eu. O douto investigador responderia, como de feito, e substancialmente, me ha respondido: «O que havia de imprimir relevo na minha vida intellectual não quizeram as minhas doenças que eu podesse tiral-o a limpo. A biographia de um homem de lettras não póde coordenar-se com elementos que não se expozeram ao juiso publico.»

Esta resposta grave e sentenciosa não dá razão a José Gomes Monteiro, nem me demove a mim de lhe entrar na intimidade de sua vida estudiosa por portas travessas. Theophilo Braga, o brilhante poeta da «Visão dos Tempos» está muito ligado de coração com José Gomes Monteiro. Conversam largas horas; o erudito que está ao par de todas as litteraturas, aconselha, encaminha, censura, ou applaude as donosas e arrojadas concepções do moço. Theophilo Braga é quem nos ha de apontar ardilosamente a biographia do seu amigo.

Acceita o encargo; escreve bellas paginas de apreciação litteraria; mas, no ponto essencial da sua commissão, diz: «Meu amigo, eis o que sei de José Gomes Monteiro: elle não me ha dito mais do que haver-me mostrado em tempo os seus trabalhos ineditos, e dar-me a honra de ouvir alguns excerptos. Mostrei-lhe este juiso para ver se me dizia alguma cousa mais: era um modo de pedir apontamentos um tanto mais pudico do que o usual. Só me mandou riscar algumas verdades que feriam a sua modestia....»

Quer dizer que não obteve os apontamentos. Alegra-me isto; é consolador para a minha vaidade de syndico das vidas alheias que Theophilo Braga se achasse logrado, apesar da sua artimanha fóra de uso, como elle diz; e alegra-me tambem, por que o affectuoso e estremado poeta, nas notas que me deu, intercalou relanços de analyse geral ás litteraturas contemporaneas, com os quaes tu aformosearás algumas paginas da tua «Revista».

Resta-nos para dar fórma a um estudo biographico do eminente escriptor os seus trabalhos conhecidos, e d'estes haviremos inducções para o que ainda não foi estampado.

Nasceu José Gomes Monteiro, no Porto, em 1807. Aos dezeseis annos foi cursar na Universidade de Coimbra as faculdades de leis e canones. Com o quarto anno de formatura, deixou os estudos e a patria. Não foram certamente os antevistos terrores da perseguição partidaria que lhe anteciparam a expatriação.

É, todavia, certo que o academico, alguns mezes depois, seria dos primeiros a emigrarem, por que o seu espirito estava decidido pelas idéas que afervoravam o animo da mocidade. Gomes Monteiro, em quanto a mim, sahio de Coimbra, cheio de tedio, tedio dos canones, tedio dos bancos escholares, tedio dos doutrinarios em capêllo e borla, tedio das congostas lamacentas, tedio da cabra, tedio de tudo aquillo, que se acha hoje consubstanciado nos Adriões, e Neivas, e Bernardos.

Gomes Monteiro viajou: sobravam-lhe bens de fortuna á mediania de suas ambições; queria enriquecer-se espiritualmente; abeirou-se aos mananciaes d'onde lhe affluia copiosa a sciencia nova, que era ainda heretica na Universidade portugueza. Estanceou dois annos em Inglaterra, e fixou a sua residencia em Hamburgo, associado commercialmente em negocio de grande porte, e de futuros revezes que lhe absorveram o seu valioso patrimonio, tão depressa e inesperadamente que José Gomes Monteiro apenas teve tempo de comprehender que a transição de uma vida abastada para a pobresa relativa é coisa de si tão facil que não merece a pena de historiar-se.

Conheceu no estrangeiro Almeida Garrett, e ligou-se-lhe com a sympatica effusão de dois grandes espiritos, ambos saudosos da patria, e ambos aporfiados em lustral-a como lapidarios de seus brilhantes. O cantor de Camões emparelhava na intensidade de zelo com o restaurador de Gil Vicente. Garrett colhia as flores abertas, e aspirava-lhes o perfume; Gomes Monteiro preparava o terreno para novas flores. Um escutava a inspiração; e outro tenteava a sonda da critica.

Emprehendeu o nosso estudioso mancebo escrever uma historia litteraria de Portugal: audacioso alvitre em paizes estranhos, minguados de livros portuguezes, ao passo que o plano da obra lhe traçava largos limites, onde se haviam de encadear as sciencias philosophicas com a theologia, a jurisprudencia com a litteratura, o progresso timido de uma phase com o espantoso retrocesso de outra. Não era isto um trabalho de alphabeto como elle se nos depara nos bosquejos ambiciosos de historia litteraria, modelada pela de Costa e Silva. Seria uma historia litteraria de Portugal, como a não temos, nem a promettem os contemporaneos de quem a patria espera muitas flores e alguns fructos sorvados.

Cumpria ao primoroso collector dos *subsidios*, nome modesto com que apequenava o seu grande lavor, despir os feios ornatos com que andavam desfigurados os principaes cultivadores e mestres da nossa lingua, e revestil-os com as louçanias proprias

e nativa singelesa que lhes era a sua mais formosa feição. Estreou-se José Gomes Monteiro, de collaboração com José Victorino Barreto Feio, na celebrada edição de Gil Vicente. Pertence a Gomes Monteiro a introducção, escripta com admiravel minudencia, e noticiosa de hypotheses tão engenhosamente firmadas sobre probabilidades, que força nos é admittil-as como traços veracissimos da vida conjectural do Plauto portuguez. Os illustrados editores da *Bibliotheca portugueza*, reproduzindo Gil Vicente, dizem no prefacio de sua edição com referencia á de Hamburgo: «.... Finalmente illustraram a edição com um interessante *Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil Vicente*, e com uma *Taboa glossaria*, mostrando a significação conjectural de alguns termos antiquados e rusticos portuguezes e castelhanos que se não encontram nos melhores diccionarios das duas linguas.»

E terminam: «convencidos de que a respeito da vida e obras do novo poeta não poderiamos dizer mais nem melhor do que os illustres editores da 3.ª edição, resolvemos extrahir d'ella o já citado *Ensaio*....» A edição dos Lusiadas é um trabalho do mesmo cunho, para o qual José Gomes Monteiro subsidiou com as suas pacientes investigações, tendentes a restaurar os viciamentos e mutilações do texto. Só os engenhos fadados para estas canceiras de pouco luzimento, em ordem á muita fadiga que custam, com justeza lhe avaliam as difficuldades, os desalentos e as aborridas horas em que o mais robusto animo, desajudado no estrangeiro de cooperação de livros, que nem sequer possuimos na patria, se deve sentir descorçoado para emprezas d'estas, sem gloria nem lucro correspondentes.

Entranhou-se em José Gomes Monteiro ardente affecto a Luiz de Camões, pelo muito que lidou com elle, e das muitas amarguras que lhe adivinhou pela dupla intuição da intelligencia e do coração. D'esse affecto, muito de alma cheia de amor patrio, nasceu aquella mimosa e doutissima carta ao fallecido Thomaz Northon, outro enthusiasta illustrado de Camões, sobre a situação da Ilha de Venus. Accudio o eminente escriptor pela veracidade com que o seu dilecto poeta cantava não uma phantastica ilha dos Amores, mas sim a formosa Zanzibar, á luz inspiradora do canto da Odyssea em que Ulysses é acolhido aos olorosos jardins de Antinôo.

O livrinho que versa n'este assumpto magnificamente tem bellas paginas, e irrespondiveis deducções. Vê-se que é um trabalho de amor pelas pompas da linguagem, e de consciencia pelo rigor da demonstração.

Verteu do allemão o sr. José Gomes Monteiro uma collecção de poesias que denominou *Eccos da lyra Teutonica*. Sabes tu, meu amigo, que estou desauthorisado para aquilatar versões do allemão. Entrelembro-me de não me ter sido grandemente deleitosa a leitura d'estas poesias, quando sairam do prelo, ha bastantes annos. Recordo-me que a metrificação se desviava da irreprehensivel melopeia em que os poetas moços nos traziam encantados os ouvidos. Póde ser que, se hoje as relêsse, me soasse harmoniosamente á rasão o que n'aquelle tempo me destoava. Seja como for, devemos, conhecida a indole austera do traductor, jurar na fidelidade da copia. Emquanto á harmonia, crês tu que os allemães possam ter harmonia? Uns homens que fallam com espinhas de dois saveis atravessadas nos gorgomilos poderão rhymar melodicamente? Eu creio que a Allemanha faz muita somma de philosophia bronca por não poder fazer versos suaves.

Até aqui os escriptos publicados de Gomes Monteiro, afora artigos litterarios e archeologicos, em diversos jornaes, fragmentos soltos de lucubrações attinentes a profundar alguma materia pouco alumiada da critica. O espirito laborioso e tenaz do douto investigador como que se amesquinha no tracto de assumptos faceis. A sua pujança e energia redobra de vigor quando se lhe faz mister quebrar os sêllos do mysterio, sotoposto ás camadas dos seculos que a mais e mais o obscureceram.

Direi agora dos livros escriptos, e reservados para verem a luz, quando José Gomes Monteiro poder conciliar o trabalho com as quebras intermittentes da sua melindrosa saude.

O romance de cavallaria, attribuido a Vasco de Lobeira, com o titulo *Amadiz de Gaula*, foi longo tempo o afan, tão saboroso quanto fatigante, de Gomes Monteiro. Dois importantes factos extrahio o indagador das suas detençosas confrontações: um, é mostrar que historias verdadeiras symbolisa a ficção do Amadiz de Gaula; a outra, é provar exuberantemente que Vasco de Lobeira não escreveu tal livro. Conjecturemos que prodigios de paciencia custaria isto! Avaliemol-o nós, ou, mais precisamente, seja eu o avaliador de semelhantes pesquizas, eu que me sinto morrer de consumpção nervosa, quando tenho de confrontar um facto relatado por dois auctores diversamente! Theophilo Braga ouviu ler alguns lanços d'este manuscripto. Verás e trasladarás o conceito que elles lhe merecem.

Na pasta de Gomes Monteiro está já para entrar no prelo uma edição da *Menina e Moça*. Lá veremos a perspicacia com que se salvam da obscuridade os poucos traços veridicos da vida de

Bernardim Ribeiro. A edição será depurada de coisas que correm á conta do poeta, e lhe não pertencem. Verás que Bernardim Ribeiro nunca foi commendador da ordem de Christo, nem governador de S. Jorge da Mina. Verás, emfim, a sem rasão com que Almeida Garrett, dando como certo não ter o choroso poeta morrido de paixão, exclama: «Aprendei aqui, ó Beatrizes d'este mundo!»

Tem ainda Gomes Monteiro em curso de publicação um estudo ácerca de Sá de Miranda, como prefacio á restauração do texto. Esperei ver impresso este livro, quando o notavel escriptor, desconfiado de sua actividade para a ultima demão no manuscripto, convidou uma intelligencia esclarecida a coadjuval-o na tarefa das confrontações. Chegou a annunciar-se a proxima publicação; porém, has de notar que José Gomes Monteiro, sem negarmos o devido desconto á sua debil saude, deixou-se vencer de um languor inerte, que simelha muito a preguiçosa indifferença dos provados talentos.

Das notas de Theophilo Braga extrahirás o que diz respeito a outros mais escriptos delineados do distincto litterato.

Sabes tu o que eu queria roubar á gaveta de José Gomes Monteiro? As cartas de Almeida Garrett, as confidencias d'aquelle immenso genio, que se expandiam na alma e intelligencia de José Gomes Monteiro. Estas seriam as paginas de ouro da biographia de ambos. Uma sei eu que existe em que Almeida Garrett, em perigo de vida, ou previsão de morte proxima, encarrega o seu amigo de defender-lhe a honra e a fama, assim que a pedra sepulchral lhe vedar o direito da defeza. Que sublime legado! que legitima e jubilosa vaidade para o coração honrado e generoso de José Gomes Monteiro!

Adeus, meu amigo. Cá me chega ao *Bom Jesus do Monte* o rumor das ovações que te fazem no Porto. Sê feliz pelo trabalho, que te dá as poucas e duradouras alegrias d'este mundo.

Teu amigo

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

O senhor José Gomes Monteiro abandonou o curso juridico da Universidade e sahio de Portugal em 1828, poucos mezes antes da emigração. As suas viagens pela Inglaterra e Allemanha decidiram-lhe a vocação litteraria; sahindo do seio da Academia, onde apenas se liam, já extemporaneamente os livros dos

Encyclopedistas e as obras mais salientes da litteratura franceza do seculo XVIII, deixando um paiz, onde o renascimento não tinha apparecido ainda, que estava por assim dizer, em plena edade media, apezar dos esforços improductivos das *academias*, a familiaridade com as duas linguas com que a solidão e distancia dos seus o iniciavam, abriram-lhe um horisonte immenso.

Foi então que lhe appareceu Garrett, e que foi comprehendida a expressão do chefe da renascença em Portugal—que na nossa litteratura havia tudo para crear.—Garrett revelou-o na variedade dos generos que ensaiou, Gomes Monteiro na assiduidade incansavel que sagrou desde então ao estudo da critica litteraria. Eram duas vocações oppostas e que se completavam; um era essencialmente synthetico, creador, o outro de um caracter profundamente analytico. As litteraturas da edade media começaram a merecer attenção, ia-se-lhe levantando o stigma imposto pela orthodoxia classica. A edade media tanto na Religião, como no Estado, como na Arte, factos que mais revelam o caracter de um cyclo qualquer da humanidade, fóra de uma *individualidade* inaudita.

Era um dos termos da fórmula da civilisação apresentada por Guizot: o desenvolvimento do individuo n'este periodo absorve o desenvolvimento social. A Religião era um pantheismo esplendido, uma sanctificação da natureza, uma como reminiscencia mesma do paganismo; o Estado desdobrava-se em myriades de suzeranias feudaes, a Arte não conhecia typo sobre que se moldasse, foi obra de si mesmo, tomou uma feição propria. Por isso Voltaire ria-se da sublimidade de Dante.

José Gomes Monteiro assistio á rehabilitação das litteraturas da edade media, quiz estudar tambem a nossa. N'uma terra extranha, sem o recurso de livros nacionaes, e com uma vontade immensa, que fazer? Trabalhou sobre os poucos que pôde obter, e assim foi tomando corpo a idéa de uma *historia litteraria de Portugal*, onde a philosophia, a theologia, a medicina, a jurisprudencia, a litteratura apresentariam as phases do progresso ou da decadencia nas suas evoluções complexissimas. Os classicos estavam deturpados, vivia-se da tradição litteraria, ouvia-se dizer, acreditava-se mesmo, mas não appareciam os monumentos. O seu primeiro esforço dedicou-o á restituição d'esses classicos, mutilados, as mais das vezes, pela *censura*, e *licenças necessarias*, e pela estupidez dos editores. As comedias e autos de Gil Vicente, o poeta da côrte de D. Manuel, e D. João III, o perseguido Plauto portuguez, leu-as n'este estado.

A este tempo achava-se em Hamburgo com José Victorino Barreto Feio, traductor de Tito-Livio e Sallustio; emprehenderam ambos restituir esses lavores mutilados pelos iconoclastas da arte. A verdade com que Gil Vicente descrevêra o *viver e crêr* do seculo XVI, o estado de desfallecimento da sociedade portugueza, as maquinações monasticas para dominarem o animo do rei por escrupulos fanaticos e firmarem a autotheocracia, os apodos acerados e incisivos com que descobria esses ardis, a redondilha salgada e prompta com que desenhava os nossos costumes intimos, e no fundo um certo terror que ressumbrava nas cousas mais risiveis do poeta, temendo que a sociedade portugueza fosse absorvida pelo poder clerical, mesmo uma melancholia indizivel, innata no genio, despertaram um vivo interesse pelo mal apreciado dramaturgo. Felizmente na livraria da Universidade de Gottingen encontrou a primeira edição dos Autos, de 1562, que escapára á brutalidade palimpsestica dos tonsurados; restaurou o texto do poeta, ressuscitou-o. O trabalho d'este livro pertence-lhe todo; a profundidade de sua critica avalia-se pela introducção com que precedeu a obra. Quando a escreveu era bastante creança, e é talvez por esta circunstancia, que o auctor hoje não lhe quer dar o alcance, que esse estudo na realidade tem. Desde que proferio este *surge et ambula,* a Allemanha, a Inglaterra, a França, estudaram para de logo o poeta. Tempo depois Garrett escrevia a Gomes Monteiro dando-lhe parte de um drama *Um Auto de Gil Vicente,* com o qual havia, por uma notavel coincidencia, dar vida ao theatro portuguez, apresentando-lhe o vulto do seu creador; n'essa carta dizia-lhe que não sabia a parte que tinha no que acabava de escrever, nem a quem pertencia a paternidade. A renascença em Portugal deve-se a tres homens, Garrett, Alexandre Herculano, e José Gomes Monteiro. A falta de ambições, a despreoccupação de si, uma abnegação quasi indesculpavel, fizeram com que o restaurador de Gil Vicente não atirasse á luz a sequencia das suas explorações; não veio tomar a parte que lhe competia na aureola de gloria que cinge os nossos dois maiores vultos litterarios.

Este descuido fez com que o desmerecessem, não quizeram acreditar na boa fé dos seus thezouros. Firme no seu plano, José Gomes Monteiro continuou a preparar os subsidios para a *historia litteraria de Portugal;* era essencial um trabalho sobre a formação da lingua, fundou-o sobre os monumentos primitivos de poesia, sobre as cartas dos foraes, sobre as locuções da litteratura culta, coadjuvado pelas descobertas recentes, e pela

direcção scientifica que n'esse tempo começára a tomar a linguistica.

No estudo sobre os primeiros monumentos de poesia procurou restituir o periodo dos trovadores, caracterisar os nossos cancioneiros; arrojado ás vezes nas hypotheses que avança, sabe d'ellas tirar uma luz, que obriga a acceitar todas as suas consequencias.

É propriamente n'este logar que devemos citar as investigações immensas e de uma erudição tenaz, allemã, que fez sobre o *Amadiz de Gaula*. Este romance de cavalleria vivia na tradição litteraria; nunca ninguem o vira, dizia-se que era portuguez, como por mau sestro de um preconceito nacional, nos arrogamos sempre a prioridade das grandes descobertas. Dizia-se que era portuguez, e no pouco que até então se tinha escripto sobre o romance passava como incontroversa a feliz illusão.

Em uns artigos de Alexandre Herculano sobre as *Novellas Portuguezas de Cavalleria*, ha a mesma idéa convertida em logar commum.

O processo de critica, que José Gomes Monteiro empregou para interpretar este livro attribuido a Vasco de Lobeira é, sobre original, brilhante. O modo de escrever a historia na edade media é todo dramatico, é assim em Froissart, em Matheus de Paris; a historia era official, pragmatica, não se podiam narrar todos os factos em si, omittiam-se. Feitos criminosos dos reis, escandalos das côrtes era preciso dizerem-se; como, sem comprometter a existencia? Pela *allusão*. A allusão é o centro de evolução na quasi totalidade dos romances de Cavalleria; no *Amadiz* a difficuldade estava em determinar a que época se referiam, a que factos se alludia. Era força compulsar todos os Chronicons da edade media, tanto portuguezes como estrangeiros. Gomes Monteiro affrontou o impossivel, venceu. O *Amadiz de Gaula* é a historia allusiva do periodo dos Plautagenetas; Thomaz de Cantorbery, Saladino, Ricardo Coração de Leão apparecem personificados ahi. Descoberto o fio de Ariadne n'este labyrintho intrincavel, o trabalho reduzia-se á confrontação da historia com a allusão, á metamorphose da realidade no ideal, como se encobria, como se desfigurava; o *Amadiz* apresentou uma face nova para ser apreciado: o processo artistico de sua formação, a successão logica dos factos correspondendo á unidade da acção no romance. Assim determina-se a época em que foi escripto, é do seculo XIII; as luctas de Sancho II e do clero que tanto avultam na nossa historia, não tem ahi a mi-

nima allusão. Não é de lavra portugueza, é a conclusão legitima e infallivel; o linguista leva-a adiante, a ponto de determinar quasi a nacionalidade do livro.

Eis um trabalho immenso para grossos volumes, e que o seu author tendo ido muito além das modernissimas descobertas da Allemanha sobre a litteratura cavalheiresca, devia intitular — Historia geral dos romances de cavalleria. Esta obra está fragmentada, como todos os processos analyticos, falta synthetisal-a, dar-lhe a unidade da generalisação.

Este estudo consciencioso lembra-nos o processo admiravel que na França empregou Alfred Maury para determinar o seculo em que foi escripto o Evangelho Apocrypho de Nicodemos; as metaphoras frequentes dos oradores sagrados do seculo IV apparecem depois convertidas no facto legendar. Na obra de José Gomes Monteiro os paradigmas frequentes da realidade da historia com o ideal do romance, mostram a verdade de seus principios de um modo incontestavel. Este livro não está impresso, por que o seu author escreveu-o como preparatorio para a sua *Historia Litteraria de Portugal*, como uma cousa accidental, preliminar. Uma obra promettida e prompta, e que o publico anceia é a nova edição da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro; apparece ali a mesma lucidez, que soube restaurar o velho Plauto portuguez; a Menina e Moça tem-lhe sido um estudo de predilecção, uma distracção agradavel,—uma educação litteraria no remanso e santidade da familia. A apparição d'este livro é um desengano triste para bibliophilos e eruditos; vem mostrar que a maior parte do livro das Saudades é apocrypho. Os argumentos em que a sua critica se funda são irretorquiveis: o estylo, a condução da acção, as allegorias, vem de mais para o provar; uma edição de Ferrara acabou de convencel-o do que a principio fôra uma hypothese, é um facto incontestavel. Além d'isso este trabalho traz novas descobertas, filhas de uma indução logica, fundada nos escriptos de Bernardim, ácerca da biographia do poeta de que tão pouco se sabe.

Este volume está a entrar no prélo, é um monumento para a critica litteraria; acompanham-n'o as poesias do celebre poeta Christovão Falcão, mais conhecido pelo nome de *Chrysfal*.

Um outro livro prompto para o publico, se o auctor se deixasse rejuvenescer pelo amor da gloria, era um estudo sobre Sá de Miranda, e a restituição do texto da sua obra. Este quinhentista, um dos mais importantes dos nossos poetas pela philosophia sã, pelo sabor didactico, e mesmo pela finura da cri-

tica com que verbera os defeitos do seu tempo, não tem sido comprehendido. Sá de Miranda vive tambem na tradição litteraria. Certos factos inexplicaveis da sua vida, o retiro da corte, especie de ostracismo voluntario, passam para a maior parte desappercebidos. José Gomes Monteiro sabe tirar uma luz immensa da lição de um poeta sobre a sua vida, sobre o seu tempo. É o que ultimamente tem feito sobre a *Diana* de Jorge de Monte-Mayor.

Vimos bastantes materiaes para a historia da chamada *Philosophia Conimbricense*, cuja existencia não foi sonhada por Tenenann, Tiedman e Cousin, mas que é abertamente clara nos profundos commentarios aos livros de Aristoteles, saídos do collegio das Artes no seculo XVI. Quando a philosophia escholastica, com a Reforma, lançava o ultimo arranco pelas Universidades da Europa, engasgada com o seu ergotismo, enforcada nos bicos de seus dilemmas, lançava ella o brilhantismo de seu explendor em Coimbra. Era o clarão da luz que se extingue. O partido clerical era forte entre nós; a Reforma não chegou cá, e a instrucção estava enlutada com um caracter sacerdotal; era preciso dar-lhe uma certa immobilidade, para não transigir com as idéas novas, era força repellil-as. Os espiritos refluiram com todo o vigor e energia sobre os livros do Stagirita, accumularam-se para ali as forças, cuja resultante está anullada hoje nos manuscriptos volumosos expostos aos estragos da humidade e da traça nos gavetões e armarios das bibliothecas. Este livro tão importante para a historia do ensino não está completo, falta-lhe tambem a unidade, ainda não está legivel.

Além d'outros escriptos de menor vulto, passageiros, sobre investigações de pontos contravertidos em litteratura e historia, discripções de manuscriptos antiquissimos como a *Corte imperial*, e a *Arte de Monteria* de D. João I, José Gomes Monteiro depois do estudo e edição de Gil Vicente tem apenas publicado uma edição de Camões, ainda hoje muito superior em lição á do visconde de Jeromenha, uma carta sobre a realidade da ficção poetica da *Ilha dos Amores* assás conhecida do publico para avalial-a e uma collecção de versões e paraphrases das melhores paesias lyricas da Allemanha. O merito dos *Eccos da Lyra Teutonica* é menos palpavel; a primeira qualidade de uma bôa versão é a verdade; ignora-se entre nós o allemão, por isso não póde ser apreciada por muitos. Quanto á parte accessivel á maioria, a execução poetica, o que não é perfeito no original não se salva pela versão, antes muitas vezes ella subsiste pela idéa que se procura verter. Para fazer valer este livro basta-

lhe a ode sublime de Schiller o *Sino*; aqui o poeta esmera-se para nos fazer sentir as maravilhas da arte, teve a consciencia do seu esforço, apresenta ao lado o original para que se confronte. Quando appareceu este livro formava-se a nossa poesia lyrica; a redondilha sendo toda popular e, por assim dizer, comica absorvêra a metrificação; hoje a redondilha está decahida, é a rasão por que o livro não satisfará plenamente aos pechosos. Para mim a intenção salva. Era preciso apresentar ao lyrismo nascente os bons modêlos das litteraturas da Europa; infelizmente não os leram, e fecharam os olhos, esquecidos a rimar solaos ou a cantar nenias em que esgotavam o calix da descrença até ás fezes, etc.

THEOPHILO BRAGA.

A IGREJA PROFANADA

(LENDA)

I

orre socegada a noite, mas não brilha a lua no céu a espargir tristezas, escondendo um devaneio, um sonho de poeta em cada uma das prégas da sua candida tunica; scintillam apenas as estrellas no véu escuro do firmamento.

Formosas são as noites estrelladas, mas não têem a suave melancolia das noites de luar; enleva-se-nos o espirito ao contemplar essas myriadas d'orbes luminosos; porém os raios da lua têem uma linguagem mysteriosa que nos falla ao coração.

Quando no véu nocturno brilhams em rivaes as estrellas, como que percebemos a magestosa melodia das espheras; mas, quando a lua illumina a terra com a sua doce luz, ouvimos então no espaço vagos canticos de saudade, suspiros de virgem enamorada, canto de pescador que se perde ao longe nas ondas, toada de pegureiro, que vem desfallecida expirar no nosso ouvido, intimas melodias, que nos dizem: «amor e tristeza».

Porque as estrellas são desdenhosas rainhas d'outros céus,

sóes de outros mundos, que nos enviam, como que por descuido, um signal de sua grandeza, um tenue raio da sua immensa luz, emquanto a lua é a estremosa amante, que prendeu á nossa a sua existencia, a companheira que nos segue incessantemente n'essa viagem sem fim, que emprehendemos pelo espaço.

As estrellas tornam mais profunda a solidão, e mais espessas as trévas. Os bosques, os valles, as montanhas conservam-se involtos n'um véu sombrio, por mais que os raios dos sóes da noite se esforcem por penetrar na escuridade; as ondas baloiçam com indifferença os seus reflexos, e não fazem caso das palhetas doiradas que avivam aqui e ali a candidez da sua fimbria espumosa.

Mas, quando surge a lua, a natureza anima-se. Desperta a viração nos antros perfumados das florestas, que exhalam vivissimos aromas. As fadas vem pentear as suas loiras tranças no espelho das fontes, cuja cristallina superficie palpita de prazer. Jorram torrentes de prata pela falda dos montes, scintillam diamantes na folhagem das arvores. Erguem-se as ondas em vago enleio de voluptuosidade, como seio de virgem que arfa pela vez primeira. Rescende o meigo perfume no thuribulo da violeta. Rescende a saudade no thuribulo do coração.

As estrellas são os anjos de Deus, que entoam lá ao longe, nas profundidades do Empyreo, o hymno ás glorias do Eterno; a lua é o archanjo consolador que presta um ouvido compadecido aos lamentos da humanidade.

As estrellas são os candelabros de oiro, que ardem constantemente diante do throno do Altissimo; a lua é a urna argentea onde se transformam as lagrimas dos que soffrem em pérolas, que os anjos entornam no regaço do Omnipotente.

As estrellas são o enlevo do philosopho, a lua é enlevo de poetas.

Porque as estrellas revelam o poder de Jehovah, a lua a caridade do Redemptor.

Mas vai a noite socegada, e a luz dos fachos da abobada celeste scintilla frouxamente na face adormecida do mar. As vagas erguem-se vagarosamente, enroscam-se a pouco e pouco, caminham em longa fileira para as praias, e alastram no areial o seu manto escuro.

Negra, bem negra está a superficie do Oceano; os raios das estrellas, naufragos luminosos, debatem-se com as ondas, que mal conseguem doirar. Do seio d'essas trévas sáe um gemido cavernoso. É a voz eterna do liquido leão, é o rugir tranquillo mas terrivel do monarcha da immensidade.

Não páram as vibrações nas espumosas cordas da harpa dos abysmos; ora plangente ora formidavel o cantico incessante resôa no espaço.

E que diversidade de vozes não ha n'esse concerto immenso! o magestoso rugido das ondas ao assoberbarem-se lá no mar alto, o grito que resulta do embate de dois d'esses colossos que se encontram, o uivo de raiva que soltam quando espadanam nos rochedos da praia, o suspiro amoroso que desprendem ao beijarem o areial, o murmurio palreiro das gotinhas de agua ao despedirem-se a custo das conchas das ribas, o lamento que exhalam ao açoital-as o vendaval tudo isto se resume em um hymno sublime, intraduzivel, como os poetas os sonham, mas não escrevem.

Ó mar! A opulenta imaginação da antiguidade grega, povoou de sereias as tuas ondas, poisou no cimo d'estas o velho Glaucus, com as suas barbas limosas, com a sua voz aterradora, poisou no teu leito de espuma ora a rosea concha Acidalia em cujo seio se abrigava a candida Aphrodite, ora a seductora Lamia, ora as horriveis Gréas, e nem assim conseguio traduzir o indizivel incanto com que nos attrahes, e o vago terror que nos incutes, a suavidade da tua voz, e a selvagem energia dos teus hymnos! Ó mar immenso, que lyra infeitiçada te deu o Senhor, de que mysteriosa seducção impregnou as tuas solidões?

Assim perdido nas trévas como é magestoso o Oceano! Nem uma véla se distingue na immensidade solitaria! Ainda, n'aquelle isolamento, não descontinúa o fadario das ondas! Vão, vem, atropellam-se, espraiam-se, beijam-se, desmaiam, agitam-se, revolvem-se, cantam, suspiram, e, lá ao longe talvez, algum scismador, encostado ao peitoril da sua janella, ao ouvir aquelle ruido ineffavel, pensa na eternidade, e em Deus!

Comtudo bem junto da praia, a pouca distancia de uma casa cuja fachada branca mira silenciosa a eterna agitação do Oceano, que envia ás vezes, de enamorado, uma das suas ondas a beijar-lhe os pés, baloiça-se indolentemente uma barca, onde dorme um pescador, cujo somno é acalentado por esse murmurio suave.

As ondas embalam tão docemente o bote, como carinhosa mãe póde embalar o berço do recem-nascido.

A uma das janellas que se rasgam na fachada branca da casa da praia encosta-se um vulto de mulher. Em baixo está um outro vulto varonil e elegante. Ouve-se, por entre o concerto das vagas, o mysterioso segredar de duas vozes.

Leandro e Hero, Rosina e Almaviva, Julieta e Romeu!

O bramir do mar abafa o manso ruido das vozes. Mas o rugido do Oceano, e o flebir sussurrar dos namorados chegam, em murmurio igual, ao throno do Omnipotente; porque são duas notas do hymno immenso do Universo, que se resume n'uma palavra «Amor».

II

Tudo n'este mundo acaba, inclusivamente as doces palestras enamoradas. Mais infeliz do que a desditosa heroina de Shakespeare, a donzella da casa da praia não pôde esperar que o grito matinal da cotovia saudasse o alvorecer. Ainda a noite não chegára ao meio do seu giro, e já era forçosa a separação.

Trocaram-se suaves promessas, mil vezes se affastou o nosso Romeu da fachada branca, mil vezes voltou a ella, como se as ondas, que lhe vinham quasi banhar os pés, o arrastassem comsigo nas incessantes ondulações do fluxo e do refluxo.

Afinal a palavra «Adeus» escoou-se, como um timido murmurio, pelos labios dos dois namorados; o elegante moço affastou-se rapidamente, e, dando um pulo bem calculado, foi caír em pé dentro do barco, que as ondas baloiçavam.

Ao choque inesperado acordou em sobresalto o barqueiro. Ergueu-se á pressa, e, depois de reconhecer seu amo, fitou os olhos com certa inquietação no céu estrellado, chronometro infallivel dos homens do mar.

— Ah! senhor, disse elle com a voz entrecortada, que tanto se demorou! É forçoso apressarmo-nos, e não sei ainda se chegaremos a tempo á praia.

— Que medo tens tu, homem? perguntou o que embarcára, sentando-se commodamente na pôpa do bote. Está o mar de leite, e nem a mais ligeira brisa lhe agita as ondas, nem uma nuvem ameaçadora assoma no horisonte! As tempestades repousam, amigo!

— Não temo a procella, tornou o barqueiro abanando a cabeça; eu e o vendaval somos conhecidos velhos, e não me assusta a tormenta em noite escura, nem receio ser engulido pelas ondas! Assim como assim um homem ha de morrer uma vez, e mais vale adormecer livremente envolto n'esta mortalha de espuma, do que ser cozido n'um lençol branco, e mettido em uma cova, onde o nosso pobre corpo nem uma vez só se poderá regalar com o cheiro da marezia! Mas ainda que a temesse, não é n'uma noite d'estas que um velho marujo receia a tem-

pestade. V. s.ª tem razão: o mar está de leite, e o barco ha de deslisar tão commodamente por sobre as suas aguas como uma carruagem por cima da poeira da estrada real.

— Então o que te assusta, meu velho?

— Está quasi a dar meia noite, senhor.

— Percebo! Receias que o fuso da tua companheira não corra tão ligeiramente nas suas mãos enrugadas, de farta que esteja de te esperar. Socega, homem! Irei eu mesmo acalmar as rabugices da Catharina, e prometter-lhe uma estriga de linho para os serões do inverno. Verás que a velhita ha de ficar tão contente, que nem pensará em ralhar comtigo por causa da desusada demora.

— Não esteja com cuidado na Catharina, senhor, que ella bem sabe que me não demoro por culpa minha. Oh! Se sabe. Antes de ser velha desdentada já foi moça e louçã, e ha de se lembrar de como nós esqueciamos as horas, que passavam, ella sentada á porta da choupana a concertar as redes de seu pai, eu assentado no areial a fallar-lhe fallas de namoro, que lhe punham o rosto mais vermelho do que uma rosa de Maio. Ainda não é isso, meu amo.

— Então o que é, finalmente? perguntou o seu interlocutor já um tanto enfadado.

— É que não resulta bem algum ás almas de dois christãos de estarem assim no mar por estes sitios ao bater da meia noite.

— Porque?

O barqueiro olhou com inquietação em torno de si, e depois murmurou em voz tão baixa, que mal se ouvia.

— É por causa da *igreja profanada!*

O esbelto moço olhou espantado para elle.

Durante a conversação, o pescador desamarrára o barco, e, lançando mão dos remos, déra-lhe um impulso vigoroso. Já estavam longe da praia, as ondas vinham bater no costado do bote com um murmurio queixoso, que acompanhava o som compassado do bater dos remos na agua.

O pescador tornou a fitar o céu com inquietação, e, sem responder a uma nova pergunta do seu passageiro, curvando-se para diante, metteu os remos nas ondas, e, entezando depois os musculos vigorosos, fez, erguendo-os de novo, espadanar uma cascata de espuma de cada lado do ligeiro bote.

Este, como o corsel generoso, que ao sentir enterrarem-se-lhe nos ilhaes as esporas do cavalleiro, se empina primeiro, depois, sacudindo as crinas, desata em vertiginoso galope, hesitou um instante, e, salvando de um pulo uma onda, que vinha orgu-

ibos para elle, passou por sobre as aguas com incrivel rapidez.

Ainda o passageiro não tivera tempo de repetir a pergunta, quando vibrou o espaço com as lentas pancadas da meia noite, que vara lá muito ao longe, no sino de uma igreja situada á beira-mar.

Produzia um effeito sinistro aquelle som distante. Cada uma das vibrações vinha, em intervallos iguaes, expirar no ouvido dos dois navegantes, e cazar-se melancholicamente ao rugir continuo das vagas.

O barqueiro deixou caír os remos, e bradou «Jesus meu Deus». O mesmo seu amo não se póde eximir a um inexplicavel receio.

Ambos silenciosos, o barqueiro com os cabellos em pé, o nosso enamorado com vaga curiosidade, e um tal ou qual terror, contaram as lentas pancadas do bronze sagrado.

Parece que aquellas vibrações não eram produzidas pelo simples sino de uma igreja, mas que fôra o anjo das vinganças do Senhor quem fizera vibrar o bronze, e quem lhe déra aquella voz sobrenatural e pavorosa.

Contaram uma.... duas.... tres.... doze. A ultima vibração assemelhava-se a um gemido terno, ao uivo lamentoso do genio da meia noite, que, abrindo as suas negras azas, annunciasse aos phantasmas o começo do seu imperio.

O barqueiro, que se levantára, caíu de novo no meio do barco e escondeu o rosto entre as mãos, seu amo soltou uma exclamação de espanto.

Um clarão avermelhado tingira subitamente as ondas, como se um incendio começasse a lavrar no fundo do Oceano. As vagas soltaram um gemido plangente, como crianças açoitadas.

E um concerto horrivel, formado por muitas vozes, erguêra-se do fundo dos mares; e essas vozes cantavam os psalmos da penitencia.

Mas as palavras, cheias de uncção, e impregnadas de tristeza das sublimes poesias do rei propheta, tomavam uma accentuação ironica, como se passassem pelos labios requeimados dos anjos malditos.

No meio d'essas vozes roucas fez-se ouvir de repente uma voz suave e argentina de mulher, doce como o gemer da brisa nas solidões do Oceano, feiticeira como a voz das seductoras sereias.

Mas aquella mesma doçura tinha um não sei quê de medonho, e n'essas melodias celestiaes reverberava-se o fogo do inferno.

No meio das notas mais ternas, vibrava subitamente uma outra aspera e dissonante, que produzia o effeito que produziria no meio das harmonias da harpa o som do estalar de uma corda.

E essa voz tinha ao mesmo tempo uma profunda tristeza, uma plangente intonação, uma pungente ironia e um não sei quê d'attrahente e seductor que fazia pensar na fatalidade.

Os olhos do moço passageiro encheram-se involuntariamente de lagrimas, e com os braços estendidos, perdido n'um vago extasi parecia querer voar nas azas da melodia para o antro sub-marinho, onde se aninhava a infeitiçada sereia.

E a voz cantava:

C'o a vossa santa colera,
raio que fere e brilha,
ao impio que se humilha
não fulmineis, Senhor!
N'este meu seio embebe-se
a vossa frecha ardente,
e a mão omnipotente
me opprime em seu furor.

Da vossa ira o halito
seccou-me membro a membro,
e ai! se então me lembro
do meu longo peccar,
de como olvidei, réprobo,
santos dictames vossos,
oh! sinto até meus ossos
um frémito agitar!

O fardo immenso e horrido
da minha iniquidade,
á voz da Divindade,
a fronte me curvou.
Da minha carne as ulceras
corrompe-as a lembrança
da impia atroz folgança,
que a Deus me arrebatou.

Era triste, profundamente triste a voz, que assim cantava nos abysmos do Osceano as primeiras palavras do primeiro psalmo da penitencia. Ia enfraquecendo pouco a pouco até desfallecer quasi de todo no ultimo verso, mas então a voz vibrava de novo com aspereza, e era quasi uma gargalhada infernal, de

desafio ao Eterno, o grito ironico com que voltava a cantar os seguintes versos:

C'o a vossa santa colera,
raio que fere e brilha,
ao impio que se humilha
não fulmineis, Senhor!

N'este momento rasgaram-se as ondas, como se um novo Moysés lhes tocasse com a varinha magica. Entre-mostraram-se aos olhos do espantado moço as profundidades do mar. Foi isso rapido como um relampago, mas deu-lhe tempo sufficiente para vêr o interior de uma igreja gothica esplendidamente illuminada com uma immensa profusão de cirios. Uma longa fileira de guerreiros da edade média cercava os altares, mas no meio da nave campeiava, coisa estranha! a mesa de uma orgia, e as taças de oiro, cheias de vinho espumoso, ostentavam-se em cima da toalha. Uma mulher formosa como os anjos, mas tendo na fronte pallida não sei que inexprimivel sêllo da maldição divina, ergueu-se, como se fosse sustentada por azas invisiveis até á superficie dos mares. Cerrou-se de novo o abysmo, e as ondas purpureadas pelo reflexo dos cirios estenderam por cima d'essa mysteriosa igreja o seu liquido docel.

E o vulto feminino, com as vestes alvejantes ondeando por cima das vagas, e roçando a fimbria na orla da espuma, que o clarão vermelho fazia espuma de sangue, com a corôa da orgia ainda na fronte, encaminhou-se lentamente para o sitio onde o barco parára, porque o pescador ainda não ousára nem sequer levantar-se.

O phantasma deslisava por cima das ondas, como se invisivel mão o impellisse; já estava proximo do bote, e os seus olhos negros, onde scintillava uma chamma infernal, exerciam uma incrivel fascinação no nosso heroe. Afinal parou, e os seus braços estenderam-se vagarosamente para elle, a fronte pallida tombou-lhe para o hombro, como lyrio pendido pelo tufão. Ignota languidez suavisou-lhe o fogo do olhar. As tranças negras desprenderam-se-lhe e fluctuaram-lhe nas espaduas. Os labios descerraram-se, e a sua voz doce e melodiosa suspirou, como um triste queixume, os versos:

N'este meu seio embebe-se
a vossa frecha ardente,
e a mão omnipotente
me opprime em seu furor.

Cégo, louco, fascinado o juvenil passageiro do bote nem forças teve para resistir á seducção. Inclinou meio corpo para fóra do barco, estendeu as mãos, e ia precipitar-se nas ondas.

—Jesus, bradou o barqueiro.

O phantasma soltou um bramido de desesperação, as ondas rasgaram-se de novo, e quando o moço abrio os olhos, que fechára de deslumbrado pela chamma que faiscára nas pupillas negras da gentil desconhecida, já o vulto feminino desapparecéra.

Mas as ondas continuavam a conservar a sua côr escarlate, e o canto dos psalmos vibrava ainda na immensidade.

III

O terror tirára as forças ao barqueiro, o terror lh'as deu de novo. Lançou mão dos remos, e o bote affastou-se rapidamente d'aquelle terrivel sitio.

—Sabes a historia do que estamos vendo? perguntou o companheiro do pescador, com voz ainda agitada.

—Oh! se sei, senhor, é uma historia terrivel. Mas não é n'este sitio nem a esta hora que eu a hei de contar.

—Conta, tornou o interrogador imperiosamente, já estamos longe do ponto fatal, e a voz dos réprobos vai-se perdendo no horisonte.

O barqueiro hesitou um instante, depois principiou em voz tão baixa que mal se percebia, e sem deixar de impellir vigorosamente o bote, a seguinte narração:

—Havia aqui d'antes, ha um bom par de annos, e junto d'aquelle castello, cujas ruinas ainda póde divisar penduradas como ninho de aguias em cima das fragas, uma igreja que fôra mandada construir por um devoto fidalgo d'aquelle solar, fidalgo que morreu em cheiro de santidade. A igreja era tida em conta de milagrosa, e ali concorriam immensos fieis attrahidos pela fama do templo, e pelas virtudes do capellão, homem de vida austera, affectuoso para com os humildes e nada servil com os grandes, a quem dizia as verdades por mais amargas que fossem, quando entendia que assim o exigiam os deveres do seu ministerio.

«Vivia então no castello um fidalgo devasso, filho do fundador da igreja, o qual se lhe herdára as riquezas não lhe herdára as virtudes, porque os thesouros da terra na terra ficam, mas os thesouros do céu esses voltam com o seu possuidor para o seio do Omnipotente..

«Tinha esse fidalgo uma irmã. Linda era ella. Gentil a mais não poder ser. Dizem que o rosto é o espelho de alma, e se assim fosse, ninguem possuia mais formosa indole nem mais candido espirito do que a irmã de Guilherme, e a filha do virtuoso Pelayo. Mas não era assim. A natureza esmerára-se tanto em lhe aprimorar a belleza physica, que se esquecêra de certo de cuidar com igual desvelo na formosura moral. É assim que dizem que Satanaz tem uma belleza seductora, e que seria um guapo archanjo, se o pé caprino não revelasse a quem se deixa fascinar pela etherea gentileza do anjo maldito, que está a contas com o pae da mentira. Infelizmente Ignez não tinha esse signal que a distinguisse dos anjos de que parecia irmã, e, se algum cauteloso enamorado, para tranquillidade de consciencia, lançasse uma vista de olhos para o pésinho encantador da formosa filha de Pelayo não fazia mais do que completar a fascinação, e, em vez da agua benta, com que tencionava aspergil-o era natural que o cobrisse de beijos, tão airoso era elle e tão pequenino, tão pequenino que parecia que a natureza, ao esquecer-se de lhe formar a alma, se esquecêra tambem de lhe formar o pé.

«Quando ella passeava a cavallo por essas ferteis varzeas, montada elegantemente n'um lindo cavallo preto, todos se ficavam enlevados a contemplal-a, e não havia donzel nem rico homem que não sacrificasse de boa vontade a vida para fazer brotar um raio d'amor na pupilla negra da gentil Ignez. Mas ninguem o conseguia, e o marmore d'aquelle rosto adorado nunca se purpureára com o rubor da paixão. Engano-me. Paixão sentia ella, vehemente, incestuosa, horrenda, e que lhe devia incendiar o rosto não no vivo escarlate do pejo de donzella enamorada, mas sim no rubor da vergonha e do remorso. A réproba amava seu irmão!

«E não imagine que ella occultasse essa paixão criminosa. Pelo contrario gloriava-se d'ella impudentemente. E o espectaculo, que davam aquelles dois impios, era um escandalo continuo para os bons christãos dos arredores.

«Não se faz idéa das orgias freneticas e loucas, a que no castello se entregavam aquelles dois abandonados de Deus. Quem passasse á meia noite pelo caminho que serpeia na montanha, e onde estava situado o solar defrontando com a igreja, havia de parar cheio de religioso terror ao ver de um lado o immenso clarão das luzes incendiando as vidraças da sala da orgia, ouvindo os cantores ebrios, os risos descompassados, as blasfemias, as musicas voluptuosas, e dando com a vista do outro

lado na casa do Senhor, muda, deserta, sepultada em trevas, como um terrivel archanjo que contemplasse com olhar severo os folgares dos malditos, e que esperasse silencioso que soasse a hora da punição.

«O mar batia de continuo nos rochedos e aquelle ruido incessante, se o ouvissem nas salas, havia de lhes soar lugubremente como a voz justamente irritada do Deus vingador.

«A igreja *e* o mar! Diante da templo erigido pela piedade dos homens, diante do templo immenso em que mais se revela a imagem da Providencia, como poderia haver quem esquecesse por tal fórma os preceitos da lei divina?

«Pois havia e á noite quando, na mysteriosa soledade da nave, se erguiam os mortos do seu leito de pedra para se ajoelharem diante do altar, quando o vasto Oceano desprendia dos seus labios de espuma o hymno religioso com que celebra a omnipotencia de Deus, accendiam-se as luzes no salão do castello, sentavam-se á mesa da orgia Guilherme e Ignez e alguns cortezãos das suas devassidões, porque os seus iguaes todos se haviam desviado d'aquella Gomorrha amaldiçoada, sobre a qual cedo ou tarde caíria o fogo do céu; e a irmã do castellão, no fim do banquete, cingia a fronte com uma grinalda de rosas, empunhava a harpa, e cantava canções bachicas com essa voz melodiosa, pura e vibrante que os anjos lhe invejavam para descantar os seus hymnos de louvor ao Eterno.

«Um dia o velho capellão, que fôra o primeiro padre que dissera missa na igreja cujo fundador fôra o pai dos dois devassos, dirigio-se ao castello, tencionando chamar para o redil da igreja aquellas duas ovelhas desgarradas por atalhos de maldição.

«Nada conseguiu senão excitar o odio de Ignez, que ouvio furiosa as reprehensões do padre, e que foi immediatamente queixar-se a Guilherme da insolencia do sacerdote, e pedir-lhe, como premio de amor a cabeça do digno homem, como outr'ora Herodías pedia a Antipas a cabeça de S. João Baptista.

«Não ousou conceder-lh'a Guilherme. Conservava ainda, no meio dos seus vicios um respeito supersticioso por seu pai, e não ousava tocar na pessoa inviolavel d'aquelle a quem Pelayo confiára o templo que fundára.

«Não insistio Ignez; mas projectos de vingança atroz calaram immediatamente n'aquelle espirito pervertido.

«Uma noite—noite de Natal—a chuva caía em torrentes, açoitando igualmente as vidraças do castello, illuminadas com o clarão do festim, e os vidros de côr da igreja atravez dos quaes

coava a religiosa luz dos tocheiros accesos para se celebrar a tocante solemnidade da missa da meia noite.

«O mar rugia de encontro aos rochedos, e soltava ora gemidos pavorosos, ora lamentosos queixumes.

«O vendaval corria infrene por sobre as ondas.

«De mais folias ainda do que de costume era testemunha o salão do castello. Os gritos dos ebrios ouviam-se cá fóra distinctamente, e faziam com que todos os que se dirigiam á missa se persignassem com horror.

«Sentada n'uma cadeira de espaldar junto de seu irmão, Ignez com os cabellos em desordem soltos pelas espaduas núas, com a lascivia no olhar e na attitude, desferia a harpa de oiro e descantava as mais alegres canções.

«O vento, e o mar soltavam cá fóra os seus tristes e lugubres lamentos.

«De repente soou meia noite na torre da igreja. Os repiques da sineta annunciaram immediatamente que ia principiar a missa.

«Cessaram os risos e os cantares no castello de Guilherme. Só Ignez com o seu diabolico sorriso a parar-lhe nos roseos labios exclamou:

«De que vos temeis, nobres cavalleiros? Tão desgeitosa estou já no dedilhar da harpa, que lhe prefiram o agudo cantar da sineta? Tão enfraquecida está a minha voz, que cessem de a escutar para ouvirem o bronze de um campanario?

«N'este mesmo instante um raio fuzilou no espaço innundando a sala com a sua luz phosphorica, e o vendaval, redobrando de força, faz em estilhas uma das vidraças.

«Todos sentiram um convulso tremor percorrer-lhes as veias, e o proprio Guilherme limpou o suor frio que lhe escorria na testa. Ignez continuou:

«—Receiaes a tormenta? Quereis um conselho, deixemos esta sala que o vento vai tornar inhabitavel, e que a chuva vai inundar, e vamos procurar um abrigo na igreja. Ali sim que é sala commoda. Utilisêmol-a. Um ultimo copo de vinho, meus senhores, e façâmos a transferencia.

«Todos obedeceram ás ordens da formosa Ignez. Beberam um copo de vinho, e ergueram-se bradando resolutamente: «Para a igreja.»

«O ministro de Deus subira n'esse instante ao altar revestido dos seus sagrados paramentos. Tornavam-n'o respeitavel o seu caracter augusto de immaculado sacrificador, e ainda mais o seu diadema de cabellos brancos, e a invisivel aureola de virtudes que lhe circundavam a fronte.

«A multidão ajoelhada sentia como que o espirito de Deus baixar ao templo, cercado pelo santo sacerdote. O orgão começava a gemer os seus doces cantares. A tempestade parecia reseitar aquelle sacro asylo, suspirando plangente nas frestas ivaes, e não rugindo pavorosa, como quando sacudia as suas ras azas em torno do castello.

.udo era socego e serenidade n'aquella divina estancia.

«Subito irrompeu pelo portal da egreja a turba dos ébrios em descompostos cantares. Ficou gelada de terror a devota multidão. Perturbado quando erguia a Deus o immaculado espirito, o sacerdote voltou-se e deu com os olhos na bella Ignez, que vinha na frente encostando-se com insolente descaro ao braço de seu irmão.

«Inflammado em santa cólera, o velho ministro do Senhor desceu os degráos do altar, e, dirigindo-se aos recemchegados bradou com voz sonora, em que vibrava o echo das iras de Deus.

«— Parai, não profaneis o templo, e não obrigueis a fulminar-vos o raio de excommunhão, que vos está impendente.

«Era venerando o vulto apostolico do santo varão. O povo caíu de joelho, e a tempestade suspendeu os seus bramidos, como que, respeitosa e trémula.

«Ouviam os elementos desvairados a voz do ministro do Omnipotente. Só ficavam cerrados os ouvidos dos impios.

«Era porque chegára a hora fatal, e a taça das iniquidades transbordára emfim.

«Ignez sorrio-se meigamente para seu irmão. Que doce, que angelico sorriso! Quem diria que esse sorriso que rescendia amores, era apenas um incitamento ao assassinio?

«Pois foi. Guilherme allucinado arrancou do punhal, e ferio o velho sacerdote.

«O sangue espadanou da ferida e salpicou, tingindo de escarlate, o candido vestido de Ignez.

«A multidão fugira horrorisada, os criados, impios como seus amos, haviam trazido n'esse instante a mesa da orgia.

«Mas assim que baqueou o sacerdote, a tempestade, suspensa por um momento, soltou-se com novo furor. Rugio o vento nas frestas da igreja, fuzilaram os raios, bramio, quebrando-se nos rochedos, o Oceano enfurecido, e os tumulos de pedra da igreja estalaram como se fossem de vidro.

«E do tumulo de mais primoroso lavor, surgio envolto na mortalha, o espectro de Pelayo, o fundador da igreja. Ondeiavam-lhe ainda as barbas nevadas sobre o funebre escapulario,

coava a religiosa luz dos tocheiros accesos para se celebrar a tocante solemnidade da missa da meia noite.

«O mar rugia de encontro aos rochedos, e soltava ora gemidos pavorosos, ora lamentosos queixumes.

«O vendaval corria infrene por sobre as ondas.

«De mais folias ainda do que de costume era testemunha o salão do castello. Os gritos dos ebrios ouviam-se cá fóra distinctamente, e faziam com que todos os que se dirigiam á missa se persignassem com horror.

«Sentada n'uma cadeira de espaldar junto de seu irmão, Ignez com os cabellos em desordem soltos pelas espaduas núas, com a lascivia no olhar e na attitude, desferia a harpa de oiro e descantava as mais alegres canções.

«O vento, e o mar soltavam cá fóra os seus tristes e lugubres lamentos.

«De repente soou meia noite na torre da igreja. Os repiques da sineta annunciaram immediatamente que ia principiar a missa.

«Cessaram os risos e os cantares no castello de Guilherme. Só Ignez com o seu diabolico sorriso a parar-lhe nos roseos labios exclamou:

«De que vos temeis, nobres cavalleiros? Tão desgeitosa estou já no dedilhar da harpa, que lhe prefiram o agudo cantar da sineta? Tão enfraquecida está a minha voz, que cessem de a escutar para ouvirem o bronze de um campanario?

«N'este mesmo instante um raio fuzilou no espaço innundando a sala com a sua luz phosphorica, e o vendaval, redobrando de força, faz em estilhas uma das vidraças.

«Todos sentiram um convulso tremor percorrer-lhes as veias, e o proprio Guilherme limpou o suor frio que lhe escorria na testa. Ignez continuou:

«—Receiaes a tormenta? Quereis um conselho, deixemos esta sala que o vento vai tornar inhabitavel, e que a chuva vai inundar, e vamos procurar um abrigo na igreja. Ali sim que é sala commoda. Utilisêmol-a. Um ultimo copo de vinho, meus senhores, e façâmos a transferencia.

«Todos obedeceram ás ordens da formosa Ignez. Beberam um copo de vinho, e ergueram-se bradando resolutamente: «Para a igreja.»

«O ministro de Deus subira n'esse instante ao altar revestido dos seus sagrados paramentos. Tornavam-n'o respeitavel o seu caracter augusto de immaculado sacrificador, e ainda mais o seu diadema de cabellos brancos, e a invisivel aureola de virtudes que lhe circundavam a fronte.

«A multidão ajoelhada sentia como que o espirito de Deus baixar ao templo, cercado pelo santo sacerdote. O orgão começava a gemer os seus doces cantares. A tempestade parecia respeitar aquelle sacro asylo, suspirando plangente nas frestas ogivaes, e não rugindo pavorosa, como quando sacudia as suas negras azas em torno do castello.

«Tudo era socego e serenidade n'aquella divina estancia.

«Subito irrompeu pelo portal da egreja a turba dos ébrios em descompostos cantares. Ficou gelada de terror a devota multidão. Perturbado quando erguia a Deus o immaculado espirito, o sacerdote voltou-se e deu com os olhos na bella Ignez, que vinha na frente encostando-se com insolente descaro ao braço de seu irmão.

«Inflammado em santa cólera, o velho ministro do Senhor desceu os degráos do altar, e, dirigindo-se aos recemchegados bradou com voz sonora, em que vibrava o echo das iras de Deus.

«— Parai, não profaneis o templo, e não obrigueis a fulminar-vos o raio de excommunhão, que vos está impendente.

«Era venerando o vulto apostolico do santo varão. O povo caíu de joelho, e a tempestade suspendeu os seus bramidos, como que, respeitosa e trémula.

«Ouviam os elementos desvairados a voz do ministro do Omnipotente. Só ficavam cerrados os ouvidos dos impios.

«Era porque chegára a hora fatal, e a taça das iniquidades transbordára emfim.

«Ignez sorrio-se meigamente para seu irmão. Que doce, que angelico sorriso! Quem diria que esse sorriso que rescendia amores, era apenas um incitamento ao assassinio?

«Pois foi. Guilherme allucinado arrancou do punhal, e ferio o velho sacerdote.

«O sangue espadanou da ferida e salpicou, tingindo de escarlate, o candido vestido de Ignez.

«A multidão fugira horrorisada, os criados, impios como seus amos, haviam trazido n'esse instante a mesa da orgia.

«Mas assim que baqueou o sacerdote, a tempestade, suspensa por um momento, soltou-se com novo furor. Rugio o vento nas frestas da igreja, fuzilaram os raios, bramio, quebrando-se nos rochedos, o Oceano enfurecido, e os tumulos de pedra da igreja estalaram como se fossem de vidro.

«E do tumulo de mais primoroso lavor, surgio envolto na mortalha, o espectro de Pelayo, o fundador da igreja. Ondeiavam-lhe ainda as barbas nevadas sobre o funebre escapulario,

e das orbitas cavadas, coisa horrivel! brotavam lagrimas ardentes.

«Ergueu-se, ergueu-se; já não tocava com os pés no chão marmoreo da igreja. O vento engolphando-se pelo portal do templo, agitava-lhe as prégas da mortalha. Com as mãos unidas, em attitude de oração, o velho finado, subindo lentamente nos ares, parecia um d'esses prophetas que o Senhor Deus arrebatava para as alturas do Empyreo.

«Quando chegou ao tecto, o tecto abriu-se como por incanto e o venerando finado continuou a sua magestosa ascenção na atmosphera que se esclarecia em torno d'elle, como se aquelle cadaver irradiasse luz.

«Os impios haviam ficado immòveis e attonitos de terror. Mas apenas o velho Pelayo se sumio ao longe na região das nuvens, resoou em toda a igreja um terrivel estampido. O orgão vibrou, sem que mão humana o tocasse, e o tremendo *Dies iræ* jorrou em torrentes de severa melodia pela nave do templo. Vacillaram os columnelos, nos frisos e laçarias gemeu o vento em canticos sinistros, e, como se o vendaval a tivesse arrancado pela base, aquella mole immensa levantou-se do chão, oscillou nos ares como impellida por invisivel fundibulario, e arrojou-se ao Oceano, levando no seu seio os profanadores, que soltaram um ultimo rugido de desespero.

«Abriu-se o mar para tragar a preza enorme que se lhe offerecia, depois a liquida superficie uniu-se de novo, e essa mortalha immensa, cujas prégas são as ondas, desenrolou-se para encobrir esse cadaver de pedra.

«Desde então todas as noites, ao bater da meia noite, accendem-se os cyrios na igreja sepultada, e, no fundo do mar, os réprobos entoam os psalmos da penitencia.

«A voz de Ignez sobreleva a todas, e exerce ainda, do fundo do Oceano a sua irresistivel seducção.

«Ás vezes ergue-se o phantasma da formosa até ao cimo das ondas, e arrasta para os abysmos os incautos que cedem ao magico poder dos seus feitiços.

«Proteja-nos o Senhor contra estas tentações. Eis nos chegados á praia.....

.....

.....

.....

O barqueiro amarrou o bote, e saltou em terra. O moço passageiro ficou largo tempo a contemplar o Oceano.

As ondas conservavam ainda ao longe o seu reflexo escarlate,

e a voz dos precitos, enfraquecida pela distancia, vinha expirar na praia em melancolica toada.

Aos primeiros clarões da aurora tudo se dissipou; apagou-se a pouco e pouco a luz vermelha, ao passo que se ía aclarando mais o horisonte, e que as ondas se íam branqueando com o tenue fulgor do alvorecer.

O canto dos malditos foi tambem esmorecendo a pouco e pouco, até que a ultima nota vibrou solitaria no espaço; e esse silencio singular que precede o romper do dia foi apenas quebrado pelo hymno eterno do marulhar das ondas.[1]

M. Pinheiro Chagas.

1 Não é minha a idéa inicial d'esta lenda. Encontrei-a n'um magnifico livro do conde de Résie, intitulado «*Historia e tratado das sciencias occultas.*»

O livro em que fallo é um optimo archivo de todas as tradições européas. Ha ali thesouros de poesia! Traduzo litteralmente o periodo, que me suggerio a idéa d'este conto. É o seguinte:

«Nas costas do Baltico estava outr'ora situada uma igreja que alguns impios profanaram um dia, e que com elles se sepultou no mar. Quando está socegada a noite, ouvem-se ainda esses desgraçados cantar soluçando os psalmos da penitencia; e vêem-se brilhar atravez das ondas tranquillas os cyrios que accendem no altar, junto do qual estão condemnados a chorar até ao fim do mundo.»

E mais nada.

Como vêem, estava tudo por fazer. Mas a idéa era extremamente poetica e prestava-se a um grande desenvolvimento. Pena foi que a não deparassem escriptores como o auctor das *Lendas e narrativas*, ou como esse poeta da prosa portugueza, que soube dar tão esplendido colorido á *Lenda do castello de Santa-Olaia.*» Emfim o conto ahi está, bom ou máo; e com esta nota fica em repouso a minha consciencia litteraria.

VERSOS A CORINA

Car la beauté tue
Qui l'a vue,
Elle enivre et tue.
A. Brisbui.

Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo
N'uma hora de amor, de ternura e desejo,
Unio a terra e o céo. O olhar foi do Senhor,
Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor;
Depois, depois vestindo a fórma peregrina,
Aos meos olhos mortaes, surgiste-me, Corina!

De um jubilo divino os cantos entoava
A natureza mãe, e tudo palpitava,
A flor aberta e fresca, a pedra branca e rude
De uma vida melhor e nova juventude.

Minha alma adivinhou a origem do teu ser;
Quiz cantar e sentir; quiz amar e viver:
A luz que de ti vinha, ardente, viva, pura,
Palpitou, reviveo a pobre creatura;
Do amor grande, elevado, abriram-se-lhe as fontes,
Fulgiram novos sóes, rasgaram-se horisontes;
Surgio, abrindo em flôr, uma nova região;
Era o dia marcado á minha redempção.

Era assim que eu sonhava a mulher. Era assim:
Corpo de fascinar, alma de cherubim;

Era assim: fronte altiva e gesto soberano,
Um porte de rainha a um tempo meigo, ufano,
Em olhos senhoris uma luz tão serena,
E grave como Juno, e bella como Helena!
Era assim, a mulher que extasia e domina,
A mulher que reune a terra e o céo: Corina!

N'este fundo sentir, n'esta muda anciedade
Deixa-me ao teu fulgor, astro da mocidade,
Viver como nasceste, ó belleza, ó primor,
De uma fusão do ser, de uma effusão do amor.

Viver—fundir a existencia
Em um osculo de amor,
Fazer de ambas—uma essencia,
Apagar outras lembranças,
Perder outras illusões,
E ter por sonho melhor
O sonho das esperanças
De que a unica ventura
Não reside—em outra vida,
Nem vem de outra creatura;
Unir um seio a outro seio,
Derramar as mesmas lagrimas
E tremer do mesmo enleio,
Ter o mesmo coração,
A mesma vida viver
Tal era a minha ambição.

Donde viria a ventura
D'esta vida? Em que jardim
Colheria esta flor pura?
De que solitaria fonte
Iria esta agua beber?
Em que incendido horisonte
Podiam meus olhos ver
Tão meiga, tão viva estrella
Abrir-se e resplandecer?
Só em ti:—em ti que és bella
Em ti que a paixão respiras,
Em ti cujo olhar se embebe
Na illusão de que deliras,
Em ti que um osculo de Hebe

Teve a singular virtude
De encher, de animar teus dias,
De vida e de juventude....

Amemos! Diz a flôr á brisa peregrina,
Amemos! diz a brisa, arfando em torno á flôr;
Cantemos esta lei e vivamos, Corina,
De uma fusão de ser, de uma effusão do amor.

Rio de Janeiro, 1864.

MACHADO DE ASSIS.

MYSTICA DA ARTE

AO SENHOR ALEXANDRE HERCULANO

Ideal de Miguel Angelo — Sua evolução artistica — Elemento pagão na arte moderna — Herança do genio

I

elevação da alma até á *transhumanação* de Dante, pela synderese ou amor do bem absoluto, que os mysticos obtinham pela ascese da via purgativa, illuminativa e unitiva, entrevio-a Miguel Angelo no acaso da inspiração, quando n'uma de suas poesias disse que viver é desbastar a mole até descobrir a fórma occulta n'ella. Foi assim que o artista do *Penseroso* se elevou do concreto ao espiritual puro, dos *frescos* da Capella Sextina á melancholia de suas esculpturas, e d'ahi ao bello abstracto, ao ideal da fórma sem real na natureza, á verdade subjectiva do typo que não tem archetypo sobre que se funda, — a Architectura.

Se o tempo não houvesse limitado as evoluções d'aquelle grande astro, iria gravitar em volta de outros mundos, transcendendo o espaço na onda sonorosa da poesia. A linha que se lhe mostrára na sua perfeição, submettel-a-hia a uma lei, entraria na essencia d'ella, e desde esse instante era geometra; d'ahi

baixára ao fundo das cousas, e essa iniciação suprema, como diz Michelet[1], era a Metaphysica.

II

O ideal no mysticismo de Miguel Angelo é o amor, como o sonhára Platão no *Banquete:* «Belleza eterna, increada, não caduca, isenta de decadencia como de augmento, que não é bella n'esta parte e feia n'aquella, bella sómente em tal tempo, em tal logar, em tal relação, bella para estes, feia para aquelles. Belleza que não tem fórma sensivel, que não é tal pensamento ou tal sciencia particular, que não reside em nenhum ser differente de si, como um animal ou a terra ou o céu ou qualquer outra cousa, que é absolutamente identica e invariavel por si mesma, da qual todas as outras bellezas participam, de sorte que o nascimento d'ellas ou sua destruição não lhe traz nem diminuição, nem augmento, nem a minima mudança.»[2]

Vittoria Colonna realisou para o artista este sonho do vidente do Sumnium como Beatriz na alma de Dante. Vittoria Collona! que alma para dal-a a tamanho artista, *l'uom di quatr'alme*. Como a poetisa saberia inspirar o poeta, arrebatar com a melancholia de sua saudade o pintor, dar a sua vida toda ao estatuario para animar o marmore, revelar as perfeições da linha ao architecto! Vittoria Colonna falla d'amor como Dyotima, a estrangeira de Mantinea abrasada pelo sol do christianismo. Os seus sonetos são um dialogo apaixonado de Platão; Miguel Angelo deixa-se vencer, como aquelle poeta da antiguidade que se deixára vencer tambem por Corina. Ella possue-se do amor do céu, foge-lhe na suspensão de um extasis amoroso.

Os sonetos de Miguel Angelo são a sua *Vita Nuova*. Dante e Miguel Angelo, são duas almas gemeas, que saem de um mesmo pensamento do eterno. Ambos poetas, ambos creadores, tem o sentimento profundo da solidão, essa melancholia do genio que paira ermo n'uma região superior. A arte para ambos foi uma corôa de espinhos, mas corôa eterna, immarcessivel.

III

As poesias de Miguel Angelo nasceram quando a sua alma abysmada de tanto crear, se deixava cair na passividade, até

[1] Origin. Introd. LXVII.
[2] Plat. trad. de V. Cousinit. VI.

ser tocada pela dôr, cantava só quando se tornava humana; mas o seu canto era uma reminiscencia do ideal, era um vôo para elle nas azas do platonismo puro. Esta passagem do humano para o divino em que a carne se faz verbo, eis todo o mysticismo. Elle realisa a mystica da arte christã no seu esplendor. O quadro gigante do *Juizo Final* é o retrato da edade media, escurecido com esse caracter de tristeza profunda que lhe imprimiu o christianismo, é como a synthese da trilogia dantesca, em que elle se erige tambem em arbitro supremo do universo.

Na *Divina Comedia* está a epopea toda do mysticismo; essa trilogia representa as tres escalas da ascese religiosa. Miguel Angelo estudou ahi o sentimento, a tradição mystica que se revela em todas as suas creações, do mesmo modo que Dante a estudou em Boocio e na tradição dos padres da egreja.

IV

Os restos do paganismo que transparecem na religião nova conseguio o artista determinal-os na sua obra. O grito tremendo que se repetio por toda a parte *os deuses vão-se*, foi uma mentira, foi um sonho dos chronistas antigos para mostrarem a energia dos martyres da egreja primitiva e o triumpho do verbo sobre a theogonia pagã.

A doutrina stoica foi a percursora do christianismo; uma predispozera os espiritos para a outra. Se o judiciosissimo Tacito falla dos christãos com desprezo é por que seguindo a maxima de Aristoteles sobre a escravidão, julgava-a indispensavel para a manutenção da republica, e a religião nascente proclamava a egualdade.

Se vemos tambem o circo salpicado do sangue dos martyres, não é pelo odio á doutrina, é o genio romano na sua decadencia a inebriar-se nos espectaculos de feras, e sem ter mais escravos no ergastulo para atirar á saturnal do imperio. As religiões tinham fraternisado; o neophyto adorna o altar aonde tem a Virgem e Cupido e Venus confundidos por uma piedade rude; o imperador Galerio manda aos christãos que orem por elle ao seu deus.

Esta verdade foi revelada pela arte á historia; é visivel no poema de Sanazarro de *Partu Virginis*. Todos os criticos exagerando os encomios á pureza de sua latinidade, digna da *urbanidade* do seculo de Augusto e do mimo de Virgilio, lamentam-lhe o defeito capital da união do paganismo com o christianis-

mo. De facto no poema *De Partu Virginis* as nereydes vem receber nos braços o Menino que apparece á luz, e confundidos na turba dos pastores vem os faunos e os satyros; é isto o que dá um caracter de verdade legendar ao idylio de Sanazarro. Os sete dormentes que se escondem no mundo pagão e acordam no seio do christianismo representam esta reminiscencia da arte classica na arte romantica, que tambem Camões sentira.

É o seu primor, a sua caracteristica. Edgar Quinet interpreta o Homero das linguas vivas, vendo ali a união do occidente com o genio do oriente, o enlace do antigo com o novo mundo. Camões deu a conhecer a indole do seu poema: é a tradição da vida aventureira dos mares passada da lyra de Homero e dos rhapsodos do archipelago para o seio do christianismo. Aonde o elemento pagão se torna mais sensivel na arte, é na inspiração da comedia primitiva do moderno theatro europeu.

Miguel Angelo revelou na estatuaria o mesmo pensamento, deixou reflectir na fronte do seu *Moysés* um vislumbre do bruto offuscado pelo raio da intelligencia divina. O elemento pagão na poesia é determinado pela alegoria, na pintura vem com o anachronismo ás vezes rude e sublime.

V

Na *Cupula de S. Pedro* realisou o artista o pensamento do mysticismo reflectido n'aquelle estado em que a alma paira entre a mystica illuminativa e unitiva, quando ella está como suspensa entre o céu e a terra, prestes a absorver-se em Deus. A *Cupula* é o hymno heroico da egreja triumphante, é a expressão aerea e immensa do amor divino.

Como todos os mysticos que se possuem da alegria do pantheismo e parecem confidenciar com a natureza inteira, Miguel Angelo sente esse delyrio pela egreja de *Santa Maria Novella;* celebra pela arte o hymineu mysterioso do estatuario da Grecia, chama-lhe sua *sposa.*

Voando para o céu na elevação dolorosa da melancholia, sua alma parecia pairar incerta para não levar comsigo todo o thesouro da poesia mystica; appareceu Shakespeare, como Elyseu para receber o manto do propheta quando se remontava no carro de fogo.

THEOPHILO BRAGA.

CHRONICA SCIENTIFICA

Resumo da chronica anterior. — A luz corada absorve os raios da mesma natureza dos que emitte.—A luz do sodio opaca para a luz amarella, e transparente para as outras.— Espectros positivos e negativos. — Analise dos corpos pelos espectros. — Descobrimento de corpos novos. — Influencia da temperatura sobre os espectros de diversas substancias. — Explicações e analogias. — Os *duplos espectros* de Plucker — O espectro do sol. — Analise do sol pela observação do espectro da luz por elle emittida. — Analise dos espectros das estrellas — Consequencias.

Permitta-nos o leitor que lhe recordemos, em poucas palavras, o que na ultima chronica buscamos expôr sobre os phenomenos da luz.

A luz não é senão um movimento rapido de vibração das particulas da materia. Esse movimento vibratorio communica-se a um fluido tenue, e immensamente elastico, que enche os espaços, e penetra mesmo por entre os atomos dos corpos. Esse fluido é o *ether*, no qual, por assim dizer, está como mergulhada toda a materia ponderavel do universo. Posto em movimento, pelas vibrações dos corpos luminosos, o *ether* fórma ondas mais ou menos compridas, que se succedem com maior ou menor rapidez, segundo a velocidade e natureza d'aquellas vibrações. Os choques das ondulações do *ether* nos nossos olhos dão-nos a sensação da luz, como os choques das

ondulações do ar nos ouvidos nos dão a sensação do som. O comprimento das ondulações e a sua rapidez determinam a côr com que a luz nos impressiona. Á medida que cresce o numero das ondulações, que se succedem n'um dado tempo, n'um segundo, a luz apresenta continuas modificações de côr, formando assim uma escala comparavel á das notas musicaes.

O menor numero de ondulações do *ether*, por segundo, que dá a sensação da luz é 400 billiões, o que corresponde a ondulações tendo o comprimento de 74 centesimas millesimas partes de um millimetro; a estas condições corresponde a côr vermelha do espetro. Á medida que as ondulações vão sendo mais rapidas, a que corresponde menor comprimento, vão-se mostrando successivamente as outras côres do espectro solar, as quaes, como o leitor sabe, se podem classificar em sete, havendo entre ellas gradações, cambiantes, que estabelecem nas transições uma perfeita continuidade.

Quando se produz o espectro, fazendo passar atravez de um prisma triangular de vidro um raio de luz electrica, ou de luz emitida por corpos não volateis, nota-se n'esse espectro a perfeita continuidade; a faxa de luz corada, desde o vermelho até o violeta, passando pelo alanrajado, amarello, verde, azul, e anillado, essa faxa, a que se deu o nome de espectro, não apresenta nenhuma interrupção, nenhuma parte obscura.

Se, em vez de decompor a luz electrica ou a que emana de um corpo não volatil, se faz passar por um prisma uma luz em que se haja volatilisado um metal, ou que seja produzida, em geral, por um corpo gazozo incandescente, observamos que o espectro é só formado de linhas coradas, mais ou menos vivas, que occupam differentes logares do espectro, segundo a natureza do corpo cujos vapores se introduziram na luz. Se n'uma chama d'alcool se introduz um pouco de sal, immediatamente a luz se faz amarella; decomposta pelo prisma, esta luz dá principalmente uma dupla linha amarella. Com outros metaes, como se disse na chronica anterior, a luz toma uma côr mais ou menos bem caracterisada, e, passando atravez do prisma, essa luz dá um espectro, formado de linhas brilhantes, tendo as côres componentes da côr da luz do corpo volatil incandescente.

Depois de havermos recordado estes factos importantes, podemos proseguir no nosso estudo sobre a luz. Quando n'uma chamma se põe em incandescencia os vapores de uma substancia, cujo espectro é formado de linhas brilhantes, e, fazendo passar atravez d'essa chamma uma luz viva, das que podem dar um espectro continuo, se decompõe por meio de um prisma essa luz, que já passou pelas chammas em que estão os vapores do corpo, cujo espectro luminoso é só forma-

do de linhas coradas, observa-se um phenomeno muito curioso, e interessante. A luz que, antes de passar atravez da chamma, dava um espectro continuo, dá agora um espectro interrompido por linhas obscuras: estas interrupções correspondem exactamente ás linhas brilhantes do espectro, que póde originar o corpo, cujos vapores estão incandescentes na chamma, atravez da qual passou a luz. O *sódio* dá, como vimos, á luz do alcool uma cor amarella; essa luz decomposta fórma um espectro, no qual domina uma dupla linha amarella; se fizermos passar um raio da luz eletrica pela chamma do sodio, observaremos que o espectro d'essa luz apresentará, na zona amarella, uma dupla linha negra. Numerosas experiencias de Kirchhoff e Bunsen mostraram, que um gaz ou um vapor absorve exactamente os raios da luz que póde emittir, quando está em estado incandescente.

A luz tem por origem um movimento periodico das muleculas do corpo luminoso, o qual se communica ao ether, e n'elle produz ondulações; de modo que a emissão de uma certa qualidade de luz mostra, que as muleculas do corpo incandescente tem um movimento definido. Assim o vapor do sodio incandescente, que emitte luz amarella, tem um movimento vibratorio, o qual communica ao ether ondulações, cujo comprimento é, segundo o Dr. Muller, proximamente de *seis decimas millesimas partes de um millimetro*. Pela mesma razão, observa o sr. Stokes, quando o vapor de sodio cerca um foco de luz deve ter tendencia a prender em si a luz da mesma qualidade. Assim deve ser, pois que as ondulações do ether, chocando as particulas do corpo, cujas vibrações são da mesma natureza, devem em grande parte ser neutralizadas: do mesmo modo que dois sons unisonos se atenuam, quando as ondulações se misturam e interferem.

Ha pois para cada substancia, no estado gazoso, dois espectros; um espectro positivo, que resulta da luz, produzida pelo gaz incandescente decomposta pelo prisma; e um espectro negativo, que resulta da absorpção dos raios corados da mesma natureza, quando uma luz branca passa atravez do gaz e é depois decomposta. O primeiro espectro é formado de linhas brilhantes e coradas, em maior ou menor numero, sobre um fundo escuro; o segundo de linhas escuras, occupando exactamente o mesmo logar do que as linhas coradas, interrompendo a continuidade de um espectro formado de todas as côres, á excepção das que são apagadas pelas linhas obscuras.

Assim, quando uma substancia no estado de gaz ou vapor incandescente emite uma luz, que origina um espectro formado de linhas coradas em determinadas posições relativas, póde affirmar-se, em geral, que n'um espectro completo de luz branca, que tenha atravessado

esse gaz ou vapor incandescente, se hão de achar linhas escuras, correspondendo ás linhas coradas do espectro positivo; e, vice-versa, quando um corpo no estado gazoso, a qualquer temperatura, mostra um poder especial de absorpção para uma certa qualidade de luz, esse corpo, em resultado da estructura e disposição das suas particulas, tende a produzir as vibrações correspondentes a essa qualidade de luz; e, quando aquecido até dar chamma, deve dar justamente no espectro os mesmos raios luminosos que absorve: a menos que pela mudança de temperatura, a disposição das suas muleculas não soffra alteração mais ou menos consideravel.

A existencia de espectros dos diversos corpos em estado de gaz ou de vapor incandescente, formados de linhas brilhantes, e bem caracterisadas, levou os srs. Bunsen e Kirchhoff a empregar a observação dos espectros das substancias volatilisadas como meio de determinar a composição chimica d'essas substancias. Um apparelho optico, construido com o fim de tornar facil a observação dos espectros, a medição das distancias entre as linhas coradas ou obscuras, assim como a comparação entre os espectros dos corpos a analysar com um espectro continuo, tornou o processo de analyse espectral de Kirchhoff, de facil applicação. Uma das notaveis vantagens do novo processo de analyse é, sem duvida, a facilidade com que elle dá signal da existencia de uma substancia, ainda que a sua quantidade seja diminutissima no corpo cujo espectro se analysa.

São condições essenciaes para serem proficuas e seguras as analyses espectraes: que se conheçam bem os espectros de todos os corpos; que esses espectros sejam invariavelmente os mesmos, ou que a mudarem, se conheçam as condições em que tem logar a mudança.

Bunsen fez, logo depois da interessante descoberta de que estamos dando noticia, o estudo do espectro de todos os metaes alcalinos no estado de pureza. Assim se chegou a conhecer quaes são as linhas brilhantes e coradas que caracterisam esses diversos metaes, já livres, já combinados; linhas que se mostram, quer elles estejam isolados, quer misturados com os outros. Assim, por exemplo, segundo os resultados primeiro obtidos pelos sabios allemães, cujo descobrimento tem fixado tanto a attenção do mundo scientifico, o *potassium* volatilisado e incandescente, dá um espectro formado de linhas brilhantes; uma na zona vermelha do espectro normal, outra bem definida na zona violeta, e, demais, algumas linhas menos brilhantes no vermelho, no amarello, no verde e no azul. O *lithium* dá um espectro formado de duas linhas, uma situada na zona vermelha, outra na zona amarella do espectro. Reunidos na mesma chamma os dois metaes, observam-se no espectro d'essa chamma as linhas caracteristi-

cas de um e outro. Conhecidas pois as côres da luz, que correspondem aos corpos, e a posição d'essas côres no espectro, ter-se-ha um meio de conhecer quaes os corpos que existem n'uma chamma, no estado de gaz ou de vapor.

A analyse espectral não póde applicar-se a corpos que não estejam volatilisados, porque esses dão um espectro continuo; para applicar pois este systema de analyse aos metaes difficeis de volatilisar, é indispensavel empregar meios poderosos, meios capazes de produzirem altas temperaturas. Foi por isso que na analyse espectral se empregou a electricidade, produzida pelos apparelhos mais inergicos de que se póde dispor. Já na ultima *chronica* fallámos dos espectros de dois metaes, o cobre e o zinco: os espectros d'esses metaes são o resultado da decomposição da sua luz corada, nas côres componentes. A prata a uma alta temperatura, como já dissémos, lança vapores luminosos com uma bella côr verde; o espectro d'esses vapores luminosos é formado por uma linha verde muito brilhante. A luz dos vapores do cobre é tambem verde, mas menos brilhante do que a da prata; decomposta, esta luz dá um espectro onde dominam as linhas verdes: feita, porém, uma analyse mais attenta observam-se, simultaneamente, linhas azues e vermelhas.

Alguns metaes dão espectros muito complicados, isto é, formados de muitas linhas brilhantes em diversas zonas: entre estes deve citar-se o ferro, em cujo espectro se contam mais de sessenta linhas de luz corada.

Pela applicação da analyse espectral a diversas substancias faceis de volatilisar, já se tem descoberto alguns corpos reputados simples, que antes haviam passado desapperecebidos aos chymicos, por não serem tão delicados como este os outros processos de analyse. Sujeitando á observação um mineral da Saxonia, os srs. Bunsen e Kirchhoff notaram o apparecimento de dois systemas de linhas luminosas, que não correspondiam ás dos metaes alcalinos conhecidos. Guiados por esta observação, chegaram os sabios professores a descobrir um novo corpo, a que pozeram o nome de *rubidium*. Mais tarde o sr. Bunsen descobriu, nas aguas mães de uma salina, o *cesimun*, caracterisado por um espectro, em que sobresaem duas linhas azues muito brilhantes.

Um processo identico levou ao descobrimento do *thalium*, caracterisado por ter uma linha verde, como espectro. O apparecimento de um espectro caracterisado por uma bella linha luminosa, de côr anilada, levou ultimamente ao descobrimento do *indium*.

O aperfeiçoamento dos *espectroscopios*, pelo emprego de prismas capazes de produzir uma grande dispersão da luz, de dar espectros de

grande extensão, onde cada uma das partes póde ser observada minuciosa e distinctamente, e a rapida propagação do methodo de analyse, tornou indispensavel fazer do espectro solar, de que em breve fallaremos, uma discripção minuciosa, um mappa com referencia a medidas rigorosas; foi este trabalho que emprehendeu e executou o professor Kirchhoff. Vulgarisando o methodo, aperfeiçoando os systemas e os apparelhos de observação, necessariamente d'ahi haviam de resultar descobrimentos importantes, e, sobre tudo, modificações nas idéas e nos factos, primeiro recebidos como verdades incontestaveis. Os espectros de alguns corpos tem-se observado serem mais complicados, do que se julgára pelas primeiras observações. O espectro, pór exemplo, do *potassium* contém na realidade muito maior numero de linhas brilhantes do que as primeiras observadas, quando se volatilisa entre os *electrodes*, isto é, pela alta temperatura da electricidade. O proprio espectro do sodio não parece ser tão simples como se julgava; outras linhas coradas apparecem, além da dupla linha amarella, tão conhecida e caracteristica, segundo se conclue das observações do sr. William Huggins.

A temperatura, pelo que se observou nas mais recentes experiencias, tem indubitavel influencia na natureza do espectro produzido por uma substancia; é esta uma circumstancia de grande interesse, a nosso vêr, para a analyse espectral, para a theoria da luz, e para o estudo da materia em geral. Aos factos, que ficam citados, devem acrescentar-se alguns outros extremamente curiosos. Segundo as primeiras observações dos srs. Kirchhoff e Bunsen, que já citamos, o *lithium* parecia ter um espectro muito simples, formado apenas por duas linhas brilhantes, uma vermelha e outra amarella: as observações, porém, dos professores Frankland e Tyndall mostram que, se o espectro do lithium é produzido pela luz, que se obtém pela incandescencia do metal á temperatura da lampada de Bunsen, só tem as duas linhas que descrevemos: mas se a incandescencia se faz n'uma temperatura mais elevada, mostra-se logo no espectro uma linha azul muito brilhante.

Estes factos indicam, que a elevação de temperatura, correspondendo a maior rapidez nas vibrações moleculares, e—quando ao calor se associa a luz—a ondulações menores e mais rapidas do ether, modifica a natureza da luz formada por uma substancia, acrescentando, por assim dizer, *mais elevadas* côres, ás côres fundamentaes do corpo, as quaes permanecem. Assim no *lithium* ás linhas vermelha e amarella, que correspondem, como o leitor sabe já, a vibrações das menos rapidas do espectro luminoso, junta-se uma linha azul, que é o resultado de mais rapidas vibrações, ou, por assim dizer, uma *nota*

mais aguda. Um facto que se liga com esta ordem de phenomenos, mas que ao mesmo tempo parece conduzir a considerações interessantes sobre a natureza de alguns corpos geralmente reputados simples, isto é, formados, segundo a chymica, de uma só qualidade de materia indecomponivel; um facto que abre á analyse espectral novos horisontes, é o dos *duplos espectros*, descoberto pelo dr. Plucker.

Fazendo passar n'um tubo capillar contendo o gaz azote, a uma pressão pouco elevada, uma descarga electrica, obtem-se d'este gaz incandescente um espectro formado de duas porções distinctas; uma situada na parte vermelha, outra na parte azul; ficando obscuras as zonas correspondentes ao centro do espectro completo. Uma e outra d'estas duas partes do espectro do azote é cortada por numerosissimas linhas escuras, as quaes dão ás duas faxas luminosas, á avermelhada e á azulada, um aspecto estriado. Cada uma d'estas duas divisões do espectro fórma, por assim dizer, um espectro distincto; pois que, fazendo uso de um tubo largo contendo o gaz, em vez do tubo capillar, obtem-se, pela descarga electrica, uma luz côr de oiro, a qual, decomposta pelo prisma, só dá a faxa corada da metade vermelha e amarellada de espectro; empregando uma pequena botelha obtem-se uma luz azulada, e só, pela decomposição, metade do espectro acima descripto, corresponde a esta luz. O espectro vermelho produz-se isolado, quando a temperatura é relativamente baixa; quando é mais alta torna-se a luz azulada, e forma-se o espectro correspondente. Estes espectros, como dissemos, tambem se podem manisfestar simultaneamente. Empregando uma temperatura ainda mais elevada, do que as que produzem os dois espectros estriados, por meio da electricidade no tubo capillar cheio de azote obtem-se um espectro formado de linhas brilhantes, sem relação alguma com as faxas estriadas dos outros dois espectros.

O enxofre dá dois espectros, um, a uma temperatura relativamente baixa, constituido por espaços luminosos cortados de numerosas linhas escuras; outro, a mais elevada temperatura, em que se observam linhas brilhantes. Phenomeno identico observou o dr. Plucker, com outros muitos corpos. «Achei, diz o dr. Plucker, que certos corpos, que *por emquanto seria precipitado dizer que não são simples*, (azote, enxofre, etc.) dão, segundo a temperatura, dois espectros absolutamente differentes, um que corresponde á mais baixa temperatura, e outro á mais alta.» Este descobrimento lançou uma tal ou qual confusão na analyse espectral, que a ser como a consideravam os seus primeiros descobridores, e nós acima a descrevemos, apresentava notavel simplicidade. Ha corpos de que nós conhecemos um só dos espectros, sem podermos dizer se é o primeiro ou o segundo;

outros, taes como o *barium* e o *stroncium*, que talvez apresentem simultaneamente os dois espectros. Com tudo, se o descobrimento do dr. Plucker traz difficuldades á analyse espectral, é tambem certo que, por elle, se poderá talvez chegar a descobrir meio, de desdobrar em substancias distinctas, chimicamente, algumas das que hoje passam por simples; aproximando-nos assim por desdobramentos successivos da materia primordial.

A breve exposição que acabamos de fazer mostra, que todos os corpos, no estado de vapor ou de gaz, quando estão incandescentes a uma temperatura muito elevada, emittem luz com propriedades especiaes, a qual, decomposta pelo prisma, fórma um espetro interrompido, mais ou menos complicado; mas sempre formado de linhas distinctas, variamente coradas, e occupando, em relação ás zonas em que o espectro continuo e completo se póde dividir, determinadas posições. Além d'isto, notamos tambem que uma luz, capaz de formar um espectro continuo, passando atravez de um d'esses gazes ou vapores incandescentes, e ás vezes mesmo não incandescentes, perde justamente as qualidades de luz, que taes gazes podem emittir; de modo que o espectro formado pela luz, depois de assim modificada, apresenta traços obscuros, collocados exactamente nos lugares, onde os espectros directos dos gazes ou vapores são formados de linhas brilhantes.

Quando se faz passar um raio de luz do sol por um prisma que tenha um forte poder dispersivo, e se analyza a faxa luminosa e corada, o espectro que se fórma em virtude da decomposição da luz, nota-se, que esse espectro é cortado por uma quantidade enorme de linhas escuras. Fraunhofer estudou estas linhas escuras, fixou-lhes a posição no espectro solar, classificou-as, e designou-as por lettras, a fim de se poder a ellas fazer referencias com rigorosa exactidão: as observações modernas, com instrumentos perfeitos, tem tornado patentes uma immensidade de linhas obscuras no espectro do sol, que não eram antes conhecidas; tem provado que muitas linhas, ou riscas, que pareciam simples, são formadas pela união de muitos traços escuros finissimos. Partindo das observações que levaram a reconhecer a reciprocidade entre a emissão e a absorpção da luz, o sr. Kirchhoff poude elevar-se a uma das mais esplendidas generalisações que illustram a sciencia moderna. O sr. Kirchhoff tirou, da observação dos traços escuros do espectro solar, um methodo para analysar a composição chimica d'este astro luminoso. Comparando o espectro da luz do sol, com os espectros positivos e negativos de substancias conhecidas, os srs. Kirchhoff e Bunsen determinaram a correspondencia das linhas escuras do espectro solar com as dos espectros d'essas substancias: ora, quando estes são complicados, como por

exemplo o do ferro, é grandissima a probabilidade de que a correspondencia represente uma causa identica, actuando na producção dos dois espectros que se comparam. Os dois sabios allemães, dos seus estudos comparativos, concluiram, que uma luz emittida pelo corpo central do sol, e capaz de produzir um espectro continuo como a luz electrica, ou a de um corpo não volatil, atravessava, antes de nos chegar, uma athmosphera gazoza incandescente, na qual estão volatilisados os corpos que, pela correspondencia das linhas escuras e luminosas, os espectros do sol e dos corpos terrestres nos revelam. Por este methodo se reconheceu a existencia no sol do ferro, do cobre, do zinco, do calcio, do sodio e de outros metaes, que se mostram em maior ou menor abundancia na terra.

Depois das admiraveis observações dos srs. Kirchhoff e Bunsen em relação ao sol, era natural que observadores se applicassem ao estudo dos espectros de outros astros, com o fim de reconhecerem se n'elles havia ou não linhas escuras, e se d'essas linhas se podia concluir alguma coisa em relação á composição chimica dos astros. Os srs. Donati, de Florença, e Secchi, de Roma, o physico francez Janssen, e o sr. Rutherford, emprehenderam trabalhos d'esta natureza, obtendo resultados que, salvas pequenas differenças, que em parte devem ser attribuidas aos methodos e instrumentos de observação, são concordantes. De todas as observações d'esta natureza merecem particularmente ser citadas as dos srs. Huggins e Miller, expostas n'uma memoria apresentada á Sociedade Real de Inglaterra no fim de maio d'este anno.

Usando de um *espectroscopio* muito perfeito, os dois observadores inglezes, reconheceram que a luz da lua e dos planetas conservava os caracteres da luz do sol, e dava espectros com as mesmas linhas obscuras. Observando os espectros de quarenta a cincoenta estrellas fixas, acharam em muitos d'elles coincidencia entre os traços escuros, e os dos elementos terrestres cujo espectro tem sido estudado. Na estrella Aldebaran, por exemplo, parece reconhecer-se a existencia do sodio, magnesio, hydrogenio, calcio, ferro, bismutho, tellurio, antymonio, e mercurio: em Sirio póde suppôr-se a existencia do sodio (que fôra negada por outros observadores), do magnesio, hydrogenio, e talvez do ferro. É pelo variavel poder absorvente da athmosphera das estrellas, que os dois sabios inglezes procuram explicar a variedade de côres d'esses astros. A luz do nucleo das estrellas deve ser a de um corpo solido; branca, e capaz de formar um espectro completo e continuo; atravessando a athmosphera das estrellas, uma parte dos raios luminosos perdem-se por absorção, ficando só os que dão a côr á estrella.

A analyse espectral é um descobrimento de moderna data. Falta-

lhe ainda muito para chegar a ter aquelle rigor e exactidão, que só uma longa applicação, e numerosas observações podem dar a um processo de observação tão delicado, como este é; comtudo os seus resultados praticos são já da mais elevada importancia, as induções que d'elle se tem tirado das mais sublimes, e os horisontes que elle abre á sciencia dos mais vastos.

J. D'A. CORVO.

CHRONICA DO MEZ

ns restos de Lisboa, gente que não foi ainda ou não vae este anno para o campo, tem entretido o seu ocio e o seu dinheiro todo este mez em ir aos beneficios do Passeio Publico. É mais do que desagradavel, é verdadeiramente reprehensivel o abuso com que de um logradouro publico se arma constante ratoeira aos tostões da familia portugueza! O inverno vae encontrar toda a gente arruinada, por causa das caritativas festas. Pare de uma vez esta mania das commissões philantropicas, e dos beneficios para *todas las cósas del mundo y muchas más;* já se conta de um philantropo encartado, a quem davam não sei que emprego n'uma secretaria, haver respondido todo enjoado:

— Quatrocentos mil réis! Como hei de eu remediar-me com uma bagatella d'essas! Mais do que isso posso eu fazer de ordenado nas commissões de beneficencia!

O Passeio Publico foi o *El Dorado* das especulações de caridade; ha beneficio para concertar egrejas, para restaurar sacristias, para comprar sinos e levantar pulpitos, para todos os asylos e mais alguns, para alcançar votos para as eleições etc. etc.; o divertimento no passeio é simplesmente passeiar e tomar ar: pois, para tomar ar e passeiar, o chefe de familia que tenha sete pessoas é obrigado a gastar de entrada e de cadeiras os seus dez tostões! Fóra do Passeio, encostada ás grades, espreitando as luzes, o movimento, a festa, está a turba avida, a turba dos que não podem comprar ar a tostão; e nas casas ficam familias e familias, que não são bastante ricas para poderem passeiar no Passeio Publico; toda esta gente iria ali, não aos domingos e quintas feiras segundo a methodica convenção que se estabeleceu, mas todas as noites, se a entrada custasse dez réis! «Nem a todos é dado ir a Corintho!» dizia out'ora Horacio, esse folhetinista da antiguidade; hoje poderia com igual razão dizer-se: «Não é dado a todos ir ao Passeio Publico!»

De dia, sim: por isso aos domingos ninguem lá cabe das quatro da tarde ás sete! É um prazer economico e brioso; assiste-se sem quebra d'amor proprio ao espectaculo curioso d'aquelle amalgama de todas as sociedades lisbonenses. Em redor do coreto estão os fanaticos melomanos, que saboream em delicia os *pots-pourris* do sr. Reinhardt e desabafam por vezes em applausos seu soffrego enthusiasmo. Outros, para quem a musica é simplesmente um pretexto para passear, aglomeram-se na rua do centro; é o peior local para ouvir e o melhor para ser visto.

Ha ali tres classes de publico distinctissimas. A raça *philipôa* (de *philipão*, chefe de familia) á qual a chuva, um sol tropical, o vento, a poeira, não fazem móssa. Recrutada entre a burguezia infima, de logistas mal estabelecidos, empregados de terceira ordem, e militares velhos, gente que nunca vae a S. Carlos e anda avida de musica gratuita: nada poderia citar de singular e curioso n'esses adoradores do trombonne, n'esses enthusiastas do clarinete; pela sua immobilidade seria facil julgal-os surdos, se nos trechos maviosos os não vissemos a balançarem a cabeça mui cadentemente para inculcarem uns aos outros que entendem de musica.

Permitta-se-me abrir aqui um breve parenthese a proposito das musicas militares. Quando n'um dia de parada se escutam aquellas symphonias ruidosas mesclando-se ao trote dos cavallos, aos clamores da multidão, ao troar do tambor, ao pregão dos vendilhões, ao motim cadenceado das armas, — sente-se uma pessoa impressionada de jubilo e de coragem, e não ha seguramente sensação que mais sobresalte e enleve; — mas se durante uma hora se escutam attentamente symphonias de opera, actos quasi inteiros, melodias

feitas para instrumentos de corda, e interpretadas por latões, muda muito o caso, e vem o desejo de pedir ás musicas militares que toquem marchas e composições ligeiras, e deixem o *Guilherme Tell* ao theatro italiano.

As outras classes são as das solitarias deidades que por ali se sentam, dando ao Passeio uns ares de jardim de Armida, como se cada arvore désse asylo a uma divindade; — e os janotas de festa de guarda, que expõem nos dias memoraveis a sua elegancia domingueira.

Nas ruas lateraes desapparecem as cathegorias. Todas as classes, todas as edades, todas as posições, todos os mundos se confundem; é um microcosmo da gente da capital. Vae uma fidalga a passo com uma adella, um deputado ao lado de um barbeiro, a cadeira da serenissima esposa de um rico negociante está costas com costas com a de uma actriz da Rua dos Condes, um general é visinho de banco de um veterano, e um socio da academia está ao pé do auctor das rimas da «morte de Maria Rita!»

Ha pessoas que affectam estar de posse permanente do mesmo logar; podia escrever-se-lhes nas cadeiras «concessão perpetua.» Outros mudam a cada instante, vão de grupo a grupo, giram, borboletêam, e parecem considerar o Passeio Publico como uma sala em que estão incumbidos de fazer as honras!

Ás cinco horas principia a musica. Ergue-se o panno: examinemos os actores da comedia.

Já cá está a divindade campestre que preside a este recinto, o Passeio Publico feito homem, o protogonista d'esta theoria immensa; é um barão velho, baixo e leve, galanteador com todas as mulheres, offerecendo-lhes rebuçados e cadeiras, conhecendo todos, conhecido por toda a parte, olho vivo, pé pequeno, chibatinha a meio riste, e uma phrase prompta para a primeira criatura do sexo fragil que lhe fique ao lado.

Uma espectaculosa criatura, que os pobres do asylo dizem «que veio *dos Brazis;* vestido no genero arco iris, regallo de pennas, chapéu que faz mal á vista; uma orgia de côres, que empallidece o marido!

Esta familia não falha; o porteiro já a conhece, e, levando delicadamente a mão á palla do bonet, dirige-lhe umas vezes por outras alguma phrase n'este genero:

— Hoje vêem mais tardinho!

Ou:

— A musica principiou agora!

Ou, se Suas Magestades estão no Passeio:

— Ainda apanham as pessoas reaes!

Ou, se não vem uma das senhoras:

— O ranchinho hoje não está completo. A outra senhora tem cousa de cuidado?

São quatro. Todas ellas baixinhas, espertinhas, e exquisitinhas. Os seus namorados consideram-as elegantes. São visiveis á missa da uma hora, quando está tempo secco, á janella das duas ás tres, e no Passeio das quatro e meia em diante. Seus haveres passam inteirinhos para o mialheiro dos alugadores de cadeiras. Coisa alguma perturba sua impassibilidade; uns poucos de estudantes da Polytechnica divertiram-se uma noite a passar diante d'estas damas e dizer simplesmente: «Aqui está a sr.ª * e suas manas!» Era absurdo mas não deixava de ser bom. Não diziam senão isto, e continuavam a andar muito sérios: Aqui está a sr.ª * e suas manas!

Este sugeito, vem amar. Traz bilhetinhos na algibeira que distribue a uma e outra á sahida, aproveitando-se da penumbra e do apertão; bem devem ter reparado n'elle: barba preta comprida, vigorosa cadeia de oiro por fóra do casaco, calça côr de abobora menina, — é pouco! calça côr de bettarraba é que é. — Esta menina e sua mamã, vão muito a bailes e concertos. O pae era socio da academia das sciencias, — ou, enganei-me, era socio da philarmonica das Pedras Negras. A mãe é mui doutora e a menina *idem*. Muito espirito, e bastante semceremonia. Já lhe ouvi dizer n'um baile, ao seu valsista: «Paremos um momento; estou transpirando como um segredo mal guardado!» Este estylo arranjou ao valsista uma doença, que deu cabo d'elle.

Olhem o commendador! Auctorisado abdomen, presença satisfatoria, e maneiras melifluas: dá o braço a sua esposa, dama comprida como uma noite sem ceia, e traz pela mão o menino que vem vestido de militar.

Passa uma onda, um mar, um oceano de tafues domingueiros, de pescoço encarcerado em colleirinhos assassinos, colletes feitos de um bocado do *arco da velha*, calças funil, côr de pulga assustada, bengalla preciosa, modos conquistadores, insinuantes, irresistiveis, e olhares que parecem *revolvers*, persuadidos de que toda aquella gente vae ali para os ver, e contentes em apanhando uma vista benevola de alguma anafada ratona que cassôe com elles.

Aqui vae o avô, a avó, tres filhas, tres genros, doze meninos; uma das filhas, trigueirinha tentadora, é casada com um cambista; um dia, um individuo fez parar o cambista em plena rua do Passeio Publico, e perguntou-lhe com toda a attenção:

— O sr. não é cambista?

— Sou, sim senhor!

— Eu desejava trocar...

— Uma libra?

— Não senhor: desejava trocar a minha mulher pela sua!

— Quê?!... O sr. é um grandissimo atrevido!

— E ainda lhe torno alguma sobra, se quizer! retorquiu o sujeito imperturbavel.

O pae, a mãe, e a filha: cincoenta contos de dote, e um dia duzentos contos; é agradavel. Tem seus contras, bem sei; mas a gente não casa com o sogro; que elle, por fim de tudo, tem de bom o parecer criado; vão lá adivinhar que é sogro! O que valia a pena era tirar do dote uma pensão, com a condição de elle ir comel-a no Brazil. Dizem por lá que a febre não rapa senão as pessoas intelligentes; podia viver muito!

Estes conjuges grunhem sempre:

A *esposa*. Francisquinha, ponha-se ahi quieta, para ouvir o *Guilherme Tell* do sr. Arthur Reinhardt!

O *marido* (suavemente). Querida filha, o *Guilherme Tell* é de Rossini! O sr. Reinhardt é o director da banda da armada.

A *esposa*. Forte sécca. Olhe que vale bem a pena de me reprehender por isso! Francisquinha, ouves? É a *Semiramis*, estão tocando a *Semiramis!*

O *marido* (ainda mais suavemente) Enganas-te, amorsinho, isto é um trecho da *Velhice namorada!*

A *esposa* (colerica). Quem lhe pergunta o que é? Quando acabará com esse costume de me contradizer? — Lembras-te, Francisquinha, a *Velhice namorada*, que o Paixão cantava em S. Carlos!

O *marido*. Ó filha, pelo amor de Deus! Era o Taborda, que fazia de Paixão, e cantava no Gymnasio!

A *esposa*. (rompendo em pranto). Basta! É de mais! Uma tyrannia por este feitio, diante de nossa filha, diante d'esta gente, diante de toda Lisboa! (*beijando a filha entre soluços*), Francisquinha, adorada filha, nunca te cazes!

Côro de pessoas que presenceam. Pobre senhora! Infeliz senhora! Desditosa senhora!

Ás sete horas, o trombonne exhala a sua ultima nota, os musicos retiram-se, a multidão põe-se em debandada, e vae cada um para suas casas.

Comquanto isto não seja fabula, leitor amicissimo, aqui vae todavia a moralidade:

Ouvi outro dia um moço, bem disposto e agradavel, estar dizendo a uma senhora:

— V. Ex.ª minha senhora detesta o Passeio; tem horror á musica militar, acha duras as cadeiras, e os bancos cançam-a por terem as costas recuadas de mais, e tem rasão; queixa-se V. Ex.ª de que o Passeio fica triste por muito empregado publico que aqui anda, odeia

— O ranchinho hoje não está completo. A outra senhora tem cousa de cuidado?

São quatro. Todas ellas baixinhas, espertinhas, e exquisitinhas. Os seus namorados consideram-as elegantes. São visiveis á missa da uma hora, quando está tempo secco, á janella das duas ás tres, e no Passeio das quatro e meia em diante. Seus haveres passam inteirinhos para o mialheiro dos alugadores de cadeiras. Coisa alguma perturba sua impassibilidade; uns poucos de estudantes da Polytechnica divertiram-se uma noite a passar diante d'estas damas e dizer simplesmente: «Aqui está a sr.ª * e suas manas!» Era absurdo mas não deixava de ser bom. Não diziam senão isto, e continuavam a andar muito sérios: Aqui está a sr.ª * e suas manas!

Este sugeito, vem amar. Traz bilhetinhos na algibeira que distribue a uma e outra á sahida, aproveitando-se da penumbra e do apertão; bem devem ter reparado n'elle: barba preta comprida, vigorosa cadeia de oiro por fóra do casaco, calça côr de abobora menina, — é pouco! calça côr de bettarraba é que é. — Esta menina e sua mamã, vão muito a bailes e concertos. O pae era socio da academia das sciencias, — ou, enganei-me, era socio da philarmonica das Pedras Negras. A mãe é mui doutora e a menina *idem*. Muito espirito, e bastante semceremonia. Já lhe ouvi dizer n'um baile, ao seu valsista: «Paremos um momento; estou transpirando como um segredo mal guardado!» Este estylo arranjou ao valsista uma doença, que deu cabo d'elle.

Olhem o commendador! Auctorisado abdomen, presença satisfatoria, e maneiras melifluas: dá o braço a sua esposa, dama comprida como uma noite sem ceia, e traz pela mão o menino que vem vestido de militar.

Passa uma onda, um mar, um oceano de tafues domingueiros, de pescoço encarcerado em colleirinhos assassinos, colletes feitos de um bocado do *arco da velha*, calças funil, côr de pulga assustada, bengalla preciosa, modos conquistadores, insinuantes, irresistiveis, e olhares que parecem *revolvers*, persuadidos de que toda aquella gente vae ali para os ver, e contentes em apanhando uma vista benevola de alguma anafada ratona que cassôe com elles.

Aqui vae o avô, a avó, tres filhas, tres genros, doze meninos; uma das filhas, trigueirinha tentadora, é casada com um cambista; um dia, um individuo fez parar o cambista em plena rua do Passeio Publico, e perguntou-lhe com toda a attenção:

— O sr. não é cambista?

— Sou, sim senhor!

— Eu desejava trocar...

— Uma libra?

— Não senhor: desejava trocar a minha mulher pela sua!

— Quê?!... O sr. é um grandissimo atrevido!

— E ainda lhe torno alguma sobra, se quizer! retorquiu o sujeito imperturbavel.

O pae, a mãe, e a filha: cincoenta contos de dote, e um dia duzentos contos; é agradavel. Tem seus contras, bem sei; mas a gente não casa com o sogro; que elle, por fim de tudo, tem de bom o parecer criado; vão lá adivinhar que é sogro! O que valia a pena era tirar do dote uma pensão, com a condição de elle ir comel-a no Brazil. Dizem por lá que a febre não rapa senão as pessoas intelligentes; podia viver muito!

Estes conjuges grunhem sempre:

A *esposa*. Francisquinha, ponha-se ahi quieta, para ouvir o *Guilherme Tell* do sr. Arthur Reinhardt!

O *marido* (suavemente). Querida filha, o *Guilherme Tell* é de Rossini! O sr. Reinhardt é o director da banda da armada.

A *esposa*. Forte sécca. Olhe que vale bem a pena de me reprehender por isso! Francisquinha, ouves? É a *Semiramis*, estão tocando a *Semiramis!*

O *marido* (ainda mais suavemente) Enganas-te, amorsinho, isto é um trecho da *Velhice namorada!*

A *esposa* (colerica). Quem lhe pergunta o que é? Quando acabará com esse costume de me contradizer? — Lembras-te, Francisquinha, a *Velhice namorada*, que o Paixão cantava em S. Carlos!

O *marido*. Ó filha, pelo amor de Deus! Era o Taborda, que fazia de Paixão, e cantava no Gymnasio!

A *esposa*. (rompendo em pranto). Basta! É de mais! Uma tyrannia por este feitio, diante de nossa filha, diante d'esta gente, diante de toda Lisboa! (*beijando a filha entre soluços*), Francisquinha, adorada filha, nunca te cazes!

Côro de pessoas que presenceam. Pobre senhora! Infeliz senhora! Desditosa senhora!

Ás sete horas, o trombonne exhala a sua ultima nota, os musicos retiram-se, a multidão põe-se em debandada, e vae cada um para suas casas.

Comquanto isto não seja fabula, leitor amicissimo, aqui vae todavia a moralidade:

Ouvi outro dia um moço, bem disposto e agradavel, estar dizendo a uma senhora:

— V. Ex.ª minha senhora detesta o Passeio; tem horror á musica militar, acha duras as cadeiras, e os bancos cançam-a por terem as costas recuadas de mais, e tem rasão; queixa-se V. Ex.ª de que o Passeio fica triste por muito empregado publico que aqui anda, odeia

o fumo do tabaco, e todavia vem cá regularmente todos os domingos; seria indiscreto perguntar-lhe o que a traz aqui?

— Não, respondia a senhora córando; é que... E o sr. é porventura fanatico dos *pots-pourris* do sr. Reinhardt?

— Nem por isso, minha senhora, mas de verão não ha bailes, estão fechados os theatros, e acho o Passeio um sitio trivial e que não compromette, onde tenho a certeza de encontrar V. Ex.ª...

Não ouvi senão isto, mas partilho plenamente as opiniões d'esse cavalheiro; tanto mais que a musica é um elemento poderoso de civilisação, que suavisa os costumes, lisongeia os corações selvagens, e adoça as mais rebeldes virtudes!

A proposito de virtudes, — tivemos Mr. Charles na praça do Salitre luctando com quatro mariolas, a quem elle offerecia o producto da enchente se o vencessem, e, se fossem vencidos, dois mil réis, para uma *boa acção*, ouvi dizer.

Charles comprometteu-se ridiculamente por uma baboseira nojenta que dirigiu em fórma de carta a um jornal de Lisboa, que não se lhe mostrára favoravel, carta que nenhum periodico publicou nem podia publicar porque tinha tanto de offensiva como de tolla, mas que elle fez espalhar em impressos pelos botequins e lojas de Lisboa, e lhe valeu de alguma fórma o cair... antes de lutar.

O primeiro espectaculo teve logar no domingo 21, mas, como a luta ficou indecisa e se espera segunda funcção, reservemos a historia de ambas para a chronica immediata, e daremos acta completa das duas memoraveis sessões. D'aqui até lá, meditêmos no nada das coisas humanas!...

A companhia do theatro normal continua no Porto, fatigada de triunfos e de telegrammas; Ernesto Biester cercado de pennas riquissimas de oiro e de prata, chega a querer escrever com penna de aço como qualquer de nós e não lho consentem; do actor Santos já não se falla em prosa e quando se lhe querem tecer louvores dirige-se-lhe a palavra em verso; o nosso bom Tasso depois d'aquelle burburinho não poderá resignar-se a voltar para aqui; necessariamente lhe será difficil, depois de tantos applausos, tantas ovações, tantas poesias, tantos artigos, tantos almoços, tantos jantares, tantas ceias, tantos brindes, tornar á vida antiga; é o caso de fazer-lhe a paraphrase do proverbio italiano — *Veder Napole e poi morire!*

Na capital, a monotonia reina em todo o seu cinzento imperio; os jornaes não arriscam a minima sombra de uma novidade; houve cinco incendios n'um dia, creio que para mostrar a bomba nova ao povo e dar-lhe uma distracção; é uma bomba a vapor, que assovia, deita fumo, e contém n'um tanque supplementar uma ou duas pipas

d'agua que despeja subitamente no incendio, inundando as casas; deve fundar-se uma companhia de seguros *para a agua das bombas*, porque as companhias de seguros que por ahi ha são para os incendios... mas não para as inundações, e d'esta fórma o que se salva do fogo fica perdido na cheia!

A esterilidade do mez foi apenas interrompida por dois acontecimentos importantes; o sr. Julio Caldas, escriptor principalmente conhecido pelos litteratos e estudiosos que presam os dotes notaveis da instrucção e talento util d'este cavalheiro, fez a descoberta de uma combinação de farinhas que supprem as rações ordinarias dos gados, não só com vantagem no abatimento do preço, mas na qualidade das substancias: e o sr. Latino Coelho, peregrino talento que tanta honra dá ás letras do nosso paiz, annuncia de collaboração com o mesmo sr. Julio Caldas um diccionario etymologico, prosodico, e orthographico Seria pueril recommendar esta obra; a orthographia entre nós não tem tido autoridade, — quero dizer auctoridade, — isto é, authoridade, — mau! ahi vae a propria auctoridade escripta de tres maneiras — não tem tido, ia eu dizendo, auctoridade a que se encostar. O paiz principiava a sentir-se doente em resultado de uma absorpção prolongadissima de prosa incorrecta, e consta que um dia d'estes se fará uma petição ás camaras de um projecto de lei destinado a reprimir os extravios de linguagem nas publicações quotidianas, podendo o castigo ser graduado da seguinte fórma:

Um erro em cada dez linha	Cinco tostões de mulcta
Dois erros	Meia libra
Tres erros	Seis mil réis
Quatro erros	Dois mezes no Limoeiro
Cinco erros	Um anno de prisão
Seis erros	Grilheta
Sete erros	Costa d'Africa.
Oito erros	Morte

D'ahi para cima, diz-se que hão de ser os tribunaes que julguem, e incumbe-se isso á prudencia e illustração do jury; — não póde ficar mais bem entregue!

Um dos pontos em que se revéla quanto Lisboa actualmente se enfastia, é a ratice dos annuncios; no *Portuguez* de 7 um sujeito entôa um hymno ao regedor da freguezia de S. Lourenço e quasi que pede vista de gloria para o sujeito porque, depois de haver gravemente suspeitado d'elle, o reconhece puro. «Já por vezes, diz o annunciante, tendo visto aquelle regedor as lagrimas me rebentam de mágoa!» Este triunfo sentimental dos regedores deve-se ao verão; não sabe uma pessoa em que ha de passar o tempo, e faz hymnos! — O cambista Peres annuncia que abriu os bilhetes n.os 660 e

661, *que não tinha em seu poder*, e que não se responsabilisa por qualquer premio que nos ditos numeros possa sair. Tudo para entreter! — O sr. João Felix Pereira entretem-se em publicar o seu nome em diversas linguas: *Abrégé de l'Histoire de Portugal* par Jean Felix Pereira. — *Abridgement of the Histoiry of Portugal, by* Jonh Felix Pereira. Espera-se a traducção hespanhola, para o sr. João Felix Pereira ser *D. Juan!* Tudo isto para passar o verão!

JULIO CESAR MACHADO.

CHRONICA PÓLITICA, NACIONAL E ESTRANGEIRA

I

stá proximo o dia das eleições geraes. No dia 11 de setembro escolherá a nação portugueza os deputados que teem de represental-a em côrtes. A agitação politica que era já visivel, é agora mais animada, e em cada dia virá a ser mais activa, e vigorosa.

Dizemos agitação porque os candidatos acodem aos seus respectivos circulos, os partidos empenham-se em proteger os seus amigos, os influentes que são generaes n'esta campanha, passam revista aos eleitores, e o movimento geral além de convergir para um ponto unico, é mais apressado e ruidoso do que nos tempos ordinarios.

Mas assim mesmo a actividade e energia eleitoral differem muito do que foram em outros tempos, e sem que a indifferença ou apathia dos povos a tenham diminuido, desenvolvem-se hoje mais brandamente. Offerece aspecto novo a luta eleitoral em quasi todos os districtos do reino com raras excepções.

Não ha questões politicas, e as economicas, porque assim o digamos, ainda se não manifestaram. A liberdade francamente adoptada e mantida aniquilou a politica geral, e o progresso material, tão estimado n'esta quadra, creou ou antes desenvolveu a politica local. Houve tempo em que por causa da alteração de uma virgula em qualquer dos paragraphos em que o artigo 145 da Carta trata das garantias, metade da nação se armava contra a outra metade. Hoje por uma estrada, por uma ponte, por um ramal de caminho de ferro não faltaria quem desse o artigo inteiro. É mau que seja assim, mas na realidade não é de outro modo.

E não foi só o progresso material que produziu esse phenomeno, a lei das eleições, essencialmente descentralisadora, contribuiu poderosamente para tirar á luta o caracter de combate geral e simultaneo que tinha anteriormente. Hoje tudo é local na regra e nas excepções; nos sitios em que se receia peleja mais renhida, são locaes os interesses que se aggridem reciprocamente, e as individualidades que os representam.

D'ahi resulta que se em alguns circulos se não acatarem respeitosamente as leis, faltará ás infracções a uniformidade de principio que outr'ora dava unidade ás queixas, e ás resistencias que se lhes seguiam. Já se está notando a verdade d'esta observação.

Em Villa Real tem havido alguns acontecimentos desagradaveis a que uns dão e outros recusam origem politica. Sem decidir entre estas opiniões oppostas, poderemos dizer sem erro que os successos d'aquelle districto prendem com os das eleições municipaes, e são resultados das mesmas causas. N'estes ultimos dias parece que os animos se teem mostrado mais dispostos á tranquillidade. Talvez fosse por causa de uma proclamação que chamava o povo ás armas. É moda hoje a medicina homœopathica. *Similia similibus curantur.*

Fallou-se ha dias em que se iam restaurar os conventos, e que teriamos de novo frades e freiras. Causou espanto a noticia, e não faltou quem tocasse a rebate. Appareceu uma declaração do governo desmentindo o boato, e o publico deu-se por satisfeito.

Espalhou-se logo depois que a Hespanha offendida de que a marinha portugueza tomasse nas aguas da nossa costa africana um patacho visivelmente preparado para o trafico, nos reclamava indemnisação e muitas outras coisas. Dizem agora que já se convenceu de que não tinha direito para tanto. Assim o affirmam os jornaes do reino visinho, cujo parecer se nos manteve favoravel.

Estes foram os principaes factos politicos d'este mez, durante o qual o governo publicou o regulamento da lei hypothecaria, extinguio a Companhia das aguas, não aceitou o conselho de restabele-

cer a *União Mercantil*, abriu depositos para os cereaes estrangeiros em Lisboa e Porto, e mandou estudar por diversas commissões assumptos importantes.

Não se modificou o que se chama situação politica. O que era ha um mez, é hoje, e as probabilidades eleitoraes em favor do governo se não augmentaram, com certeza não diminuiram.

II

É toda paz a Europa. Desarma a Russia, desarma a Austria, e até a Prussia despede a sua meia duzia de soldados. Entretanto os soberanos viajam. O rei de Hespanha vae á côrte donde partiu Filippe V fundador da sua dynastia, e é recebido pelo principe que substituio no throno de França o ramo primogenito da casa de Bourbon. O rei da Prussia marcha para Vienna a visitar o seu antagonista natural e hoje alliado e amigo.

Tratam d'estas entrevistas de principes as principaes folhas da Europa, mais para celebrar as festas a que deram causa, do que para calcular as consequencias politicas do caso, porque acima da vontade embora justa dos principes, estão os interesses das nações, e as circunstancias que determinam e regulam a acção dos governos.

Acabou a guerra dos ducados. A Dinamarca ficou reduzida ás ilhas e á Jutlandia. Ha quem diga que ficou melhor. É porém de opinião contraria o povo dinamarquez, e por menor que seja a conta em que o tenham, sempre se póde dizer d'elle: *Que mais sabe o tolo no seu, do que o avisado no alheio.*

Agora a difficuldade está em resolver o que se ha de fazer dos ducados. Não podem ser da Prussia, que o não permitte a Austria; nem podem ser da Austria que o não permitte a Prussia. A confederação germanica protesta que são seus, e que o rei da Dinamarca não podia cedel-os porque não eram d'elle. Mr. de Beust, o infatigavel ministro saxonio, viu talvez n'este caso bom ensejo para o seu papel de Cavour allemão, e tem escripto largas notas diplomaticas, a que em Berlin e em Vienna se não dá de certo a importancia que merecem as locubrações politicas de um ministro para quem Dresda e Francfort já são theatro acanhado.

Por ora vê-se que os allemães sabem o que não querem, porém a respeito do que desejam, estão realmente em desaccordo. Se a inauguração dos ducados em soberania independente, e a escolha do seu soberano fossem dous negocios faceis, seria a melhor solução actual, mas parece ainda remota a epoca em que se ha de chegar a esses arbitrios.

Entretanto os ducados têem de pagar a liberdade prusso-austriaca,

e depois de sairem das mãos dos dinamarquezes, entregarão aos libertadores boa parte dos seus haveres. Parece que não lhes agrada o beneficio. De sorte que ao cabo de uma guerra e de muitos sacrificios, libertadores e libertados, vencedores e vencidos, belligerantes e neutraes, todos estão descontentes!

Na Irlanda ha desordens e na Suissa tambem. Genebra e Belfast andam em tumulto. Na Irlanda não é novidade o que está acontecendo. A Grã-Bretanha á força de exportar liberdade, tolerancia, e bons principios, chegou a ter falta em sua propria casa.

No socego em que está a Europa tem dado que fallar o casamento do principe real de Italia, que anda viajando em quanto os politicos tratam de adivinhar o nome da princeza que virá a ser sua esposa. Que é e que não é a princesa Anna Murat, dizem todos os dias os jornaes da Europa. O tempo nos dirá quaes foram os melhor informados.

Não ha novidades na Europa, e as da America são como sempre. Hoje a fortuna favorece os do Norte; amanhã protege os do Sul. Veremos quando se resolvem a terminar aquella cruenta guerra á sombra da qual o imperador Maximiliano procura organisar o seu perturbado imperio.

Apesar da prespectiva pacifica do mundo, não póde haver grande confiança na duração da paz. Todas as questões estão a pedir decisão, e ninguem lh'a quer ou ninguem lh'a póde dar. É pois um armisticio a que nos temos a benevolencia de celebrar como se fosse paz octavianna.

A. A. Teixeira de Vasconcellos.

D. J. G. de Magalhaens.

Rit. d'Arnd. Rend. R. A. de L.ra

DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES

(Esboço biographico)

I

Um douto escriptor transatlantico[1], de quem houvèmos em vida provas de benevolencia e favor, taes que penhoraram para sempre a nossa gratidão; —arrebatado inesperadamente por uma morte prematura ás investigações e estudos historicos, que de muitos annos lhe serviam de occupação e recreio, e quando de seus bem dirigidos trabalhos promettia dar novos e avantajados fructos:— em um quadro biographico-critico (tão judiciosamente pensado, e correctamente escripto como tudo o que sahia d'aquella penna intelligente), com que, poucos mezes antes do derradeiro transito, ornamentára as paginas do jornal para que destinâmos estas linhas, queixava-se magoado e com rasão sobeja do desdem, ou melhor do esquecimento a que em Portugal parece haver sido condemnada a litteratura brasileira contemporanea, que, no dizer do illustrado

[1] O sr. João Francisco Lisboa, commendador da ordem imperial da Rosa, natural da provincia do Maranhão, e fallecido em Lisboa a 26 de abril de 1863, com cincoenta e um annos de edade, victima de padecimentos chronicos, que occasionalmente se lhe aggravaram.

philologo, póde considerar-se entre nós quasi geralmente desconhecida[1].

O erudito maranhense, com a clareza de raciocinio e relevo de phrase, que lhe conferem jus indisputavel a ser tido (sequer no conceito dos que devidamente avaliam taes predicados) por um dos mais primorosos prosadores da terra de Santa Cruz, ahi mesmo procurou explicar e desenvolver as causas determinativas e occasionaes d'este phenomeno. Insistindo por outra parte na procedencia e justeza do seu reparo, propunha-se obviar aquellas do modo que lhe era possivel, tratando de commemorar em successivos estudos os nomes de alguns vultos mais proeminentes, escolhidos de tantos que na vasta região comprehendida do Prata ao Amazonas se nobilitam pela cultura intellectual das sciencias e lettras, e cujas obras bem merecem lograr entre todos que falam e prezam a lingua de Camões uma popularidade, que de certo lhes não faltára, se não se antepuzessem para empecel-a até hoje os obstaculos provenientes das causas alludidas.

Ninguem melhor do que elle estava a nosso ver no caso de levar ávante o empenho commettido. Aos dotes de imparcialidade não vulgar, espirito penetrante e são juizo, que indispensavelmente se requerem na critica illustrada, reunia os thesouros de uma dicção copiosa, castiça e fluente, affeiçoada nas fórmas de Vieira, seu auctor predilecto e mais perfeito exemplar. A morte que lhe sobreveiu, e que por mais de uma rasão deplorámos, cortando de uma vez o fio de seus trabalhos, deixou n'esta parte um vacuo, que se nos affigura difficil de preencher.

II

Convidado por amigaveis e obrigatorias instancias do director e actual proprietario da *Revista* para com o nosso debil contingente o ajudarmos na proseccução de um proposito já por vezes encetado, qual o de avolumar a parte do jornal applicada á biographia, subministrando aos leitores noticias mais ou menos circunstanciadas de algumas notaveis celebridades contemporaneas de além-mar, cuja maior divulgação será, quanto podêmos julgar, agradavel a todos, folgando uns de rememorar o que já sabiam, outros de conhecer o que por ventura ignoravam, tivemos emfim de aceder a taes solicitações. Não o fizemos, diga-se ingenuamente, sem bastante reluctancia e con-

[1] Vej. a *Revista Contemporanea*, vol. IV, pag. 329.

sideravel sacrificio do nosso amor proprio; certo como estamos da impossibilidade de desempenhar de modo sequer supportavel o encargo que se nos impoz. Quando a voz da intima consciencia nos não advertisse em segredo do pouco que valemos, a nossa inutilidade e insipiencia acham-se official e solemnemente proclamadas para todos os effeitos á face do mundo, não só pelo estacionamento na carreira civil em que entrámos ha vinte e oito annos apoz longos preparatorios, e em que assiduamente nos esforçámos por bem servir; mas, o que é mais, pelo absoluto desprezo e significativa indifferença com que tiveram em bem remunerar-nos aquelles a quem offerecemos o cançado fructo de improbas vigilias, dos penosos labores consumidos em obra litteraria[1] a que provavelmente não faltariam honras e premios, se emprehendida fosse por artifice mais idoneo, que á vontade e desejos que em nós sobram, juntasse para a execução as luzes do ingenho em que tão minguado nos confessâmos.....

Depois de amargos desenganos, e na firme resolução que tomaramos de não mais abusar da indulgencia do publico, forçando-o á leitura de producções cada vez mais desenxabidas e soporiferas—é facil de imaginar o muito que nos custaria variarmos de tenção. Resignámo-nos comtudo, e consentimos que os nossos artigos falhos de «nervo e lustre», sombrios e mal-avindos partos de um cerebro já resequido, iriam obscurecer uma ou outra vez algumas paginas da *Revista*, embora os vejamos contrastando em união desconforme com os trabalhos de tantas e tão exercitadas pennas, que por via de regra abrilhantam mensalmente os numeros d'este magnifico jornal. Differença desconsoladora! É tanto mais para sentir, quanto é certo (a usar das proprias palavras do judicioso escriptor a que de principio alludimos) vivermos actualmente na epocha em que «as fórmas mais que as idéas attrahem a attenção; e o culto da phrase e do estylo se converte não raro em cega e viciosa idolatria!»

Cerrando por aqui o exordio, em que talvez nos alongámos além do que cumpria, entremos na primeira amostra. Será ella, na falta de qualquer outro merito, exempta ao menos da macula da parcialidade, tratando-se de pessoa, a cujo respeito bem podemos, com verdade e no sentido mais absoluto, apro-

[1] O *Diccionario Bibliographico Portuguez*, de que existem já impressos sete volumes, comprehendendo as lettras A-Z. A exposição das causas que nos constrangeram a addiar indefinidamente a publicação do supplemento e indices promettidos (que devem conter ainda mais tres ou quatro tomos) fica de reserva para melhor opportunidade, por impropria d'este logar.

priar-nos a sabida divisa do historiador romano: *nec beneficio, nec injuria cogniti.*

III

Na serie de nomes illustres de que o moderno Brasil se gloria, e que começára a inscrever honrosamente na primeira plana de seus fastos litterarios, logo que a conquista da nacionalidade politica trouxe comsigo para o novo imperio a emancipação das lettras, occupa um logar mui distincto o do sr. dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães. O brado de patricios e estranhos se compraz de render-lhe justiça. Uns e outros têem pago repetidas vezes ao poeta-diplomata em louvores insuspeitos o tributo de admiração devido ao genio, acatando-o como requerem os meritos pessoaes que o condecoram. Estes, sendo de si innegavelmente grandes, são ainda realçados por uma circunstancia mais que muito attendivel — a da PRIORIDADE!

Ávido de maior instrucção, fugindo ás commoções politicas que durante alguns annos agitaram as plagas de Cabral, e arriscaram por vezes a integridade da nascente soberania (base e condição essencial de sua futura grandeza) o mancebo fluminense impulsado do novo mundo para as margens do Sena, sentiu e comprehendeu para logo toda a força, todo o alcance do movimento intellectual que em roda de si se operava. Ao correr d'esse periodo de transformações e peripecias não interrompidas, em que nós, os individuos que hoje orçamos por meio-seculo de existencia, temos visto formarem-se e robustecerem-se idéas, que traduzidas em factos, tendem a preparar sob novos aspectos os destinos futuros da humanidade, o joven Magalhães foi o primeiro adepto brasileiro convertido á nova fé. Renunciando solemnemente o culto das musas pagãs, cujo templo se lhe abrira ao despontar da adolescencia, desertou dos arraiaes da escola classica para alistar-se nas fileiras da regeneração litteraria, capitaneada a esse tempo por Chateaubriand e Lamartine. Não soldado bisonho, mas official já experimentado, entrou affoito na lide e pôde ganhar sem custo o premio do certamen; cabendo-lhe a gloria de ir pouco depois arvorar no solo da patria o pendão do romantismo, inaugurando a nova escola sobre as tradições da antiga.

D'ahi os seus direitos á justa consideração dos que insistem em preconisal-o como verdadeiro fundador da autonomia litteraria do Brasil. E esses direitos temol-os nós por tanto mais legitimos, quanto estamos longe de subscrever á opinião, embora

habilmente propugnada, que pretende contar as epochas ou periodos do que lhe apraz denominar «litteratura brasileira» de tempos que quasi coincidem com o descobrimento, conquista e povoação do paiz pelos primeiros colonos portuguezes, esforçando-se para imprimir-lhe desde então certo caracter peculiar ou typo de nacionalidade. Ha sido defendida essa causa, bem o sabemos, por pennas doutissimas e que muito respeitamos: porém, diga-se a verdade, os argumentos adduzidos ao intento parecem-nos mais especiosos que solidos para lograrem convencer-nos n'este ponto. É possivel que ainda assim laboremos em erro; n'esse caso peccamos de boa fé, e consola-nos ter por companheiros, entre muitos de egual pensar, alguns illustres brasileiros não menos auctorisados, que em seus escriptos manifestam idéas em perfeito acordo e conformidade com as que n'esta parte seguimos[1].

Permitta-se-nos que em abono da nossa opinião traslademos para aqui as phrases textuaes de um d'elles (o proprio sr. Magalhães) em que se nos affigura ver o cabal desengano dos que intentam em vão segregar da litteratura portugueza a do Brasil, traçando entre ambas qualquer linha de demarcação, referida aos tempos que precederam a separação politica dos dois estados. Eis como se exprime a este proposito o assisado poeta[2]:

«Cada povo tem a sua litteratura, como cada homem o seu caracter, cada arvore o seu fructo. Mas esta verdade que para os primitivos povos é incontestavel e absoluta, todavia alguma modificação experimenta entre aquelles cuja civilisação apenas é o reflexo da civilisação de outro povo. Então, similhante ás arvores enxertadas, vêem-se pender dos galhos de um mesmo tronco fructos de diversas especies; e posto que não degenerem aquelles que do enxerto brotaram, comtúdo algumas qualidades adquirem dependentes da natureza do tronco que lhes dá o nutrimento, as quaes os distinguem dos outros fructos da mesma especie. Em tal caso, porém, as duas litteraturas marcham a par, e conhecer-se póde qual a indigena, qual a estrangeira. N'outras circunstancias, quaes as aguas de dois rios, que n'um confluente se annexam, e confundidas n'um só leito se deslizam, *as duas litteraturas de tal geito se alliam, que é impossivel separal-as.*»

À luz de taes principios, que têem para nós o caracter de in-

[1] Citaremos por exemplo o sr. conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro, no seu novissimo *Curso elementar de Litteratura nacional*, impresso em Paris, 1862, na lição XLIII.

[2] No *Ensaio sobre a historia da Litteratura do Brasil*, inserto no *Nictheroy*, revista brasileira publicada em Paris, 1836.

concussos, lidam debalde os que presumem descobrir através dos seculos do predominio colonial, coroados pelo curto e transitorio intervalo em que a elevação do Brasil a reino pelo motu proprio d'el-rei D João VI tornou para logo necessaria a separação politica entre a metropole e a antiga colonia, até vir a realisar-se a emancipação com o grito de independencia levantado nas margens do Ypiranga, presumem descobrir, dizemos, o que impropriamente distinguem com o nome faustoso de «litteratura nacional do Brasil».

Anteriormente a 1823, o Brasil póde em verdade ufanar-se de contar entre os seus filhos escriptores benemeritos, historiadores notaveis, oradores de vulto, e sobretudo poetas distinctissimos: porém esses historiadores, esses poetas nasceram e morreram portuguezes, e d'isso se prezaram.....[1]. Nascidos sob o sceptro lusitano, oriundos de um tronco commum, educados pela maior parte em Portugal, aqui beberam com o leite da sciencia as inspirações da arte. Muitos floreceram considerados e applaudidos até se finarem entre nós; e os que, repassando os mares, viram de novo o solo patrio, para elle transplantaram indeleveis as reminiscencias do Tejo e do Mondego. Finalmente, como diz outro celebrado escriptor: «O desenvolvimento litterario do Brasil por todo aquelle tempo não podia ser senão o reflexo do de Portugal, que era para a colonia o prisma da leitura e civilisação européa.»

Na epocha em que o ascendente da escóla romantica e os elementos da nascente nacionalidade brasileira se deram as mãos, começando a preponderar juntamente, cumpre portanto fixar, se não nos enganamos, o periodo inicial da litteratura a que os vindouros têem de conferir de justiça a qualificação de brasileira. E é sob este aspecto que ao sr. Magalhães pertence inquestionavelmente, como a chefe de escóla, o brazão e prerogativas do primeiro poeta da sua nação.

Vejamos pois de que trabalhos lhe proveiu essa aureola brilhante que o rodêa, e cujo esplendor não diminuirá por certo ante o juizo recto da imparcial posteridade.

«*Pascitur in vivis livor: post fata quiescit.*»

IV

No Rio de Janeiro, para onde as convulsões politicas da Europa haviam pouco antes arrojado o filho de Maria I, quando

[1] Exceptuem-se da regra geral, se o quizerem, quanto á ultima parte, os dois ou tres implicados na conjuração de Minas no fim do seculo passado.

a injustificavel invasão do reino pelas tropas gallo-hispanas o forçára a transpor o Oceano, resolvido a procurar nas possessões ultramarinas refugio e segurança, para forrar-se ao captiveiro que inimigos ambiciosos lhe reservavam: — n'aquella cidade, convertida por então de capital do Brasil em séde da monarchia e côrte do principe regente, nasceu o sr. Domingos José Gonçalves de Magalhães aos 13 de agosto de 1811.

Descendente de portuguezes, e pertencendo, ao que se affirma, a uma familia distincta, nenhumas outras particularidades nos chegaram relativamente ás pessoas de seus progenitores. Sahia apenas da infancia quando o destino providencial, que rege e encadêa os successos e vicissitudes das nações, fez soar no velho Portugal o grito de «liberdade», cujo echo se ouviu para logo repercutido e festejado do Tejo ao Amazonas; e cujas consequencias deram de si, como que instantaneamente, a desmembração da antiga monarchia, inevitavel por certo[1], mas antecipada talvez de alguns annos ao que fôra rasoavel esperar, se não viessem apressal-a as causas determinantes, que por muito sabidas não parece necessario relatar.

Ao som dos hymnos com que o já livre Brasil applaudia a sua proclamada independencia da mãe patria, e durante as luctas enthusiasticas em que se empenhára para a segurar, começava e proseguia o jovèn fluminense os primeiros estudos, dando mostras de natural capacidade e grande aproveitamento. Ensaiado mais que sufficientemente nas disciplinas proprias das que nossos paes chamavam «humanidades», mas que a moderna technologia classifica hoje com o nome, talvez mais pomposo, de «instrucção secundaria» carecia comtudo de um diploma scientifico que na carreira civil, que pretendia abraçar, lhe servisse de titulo e habilitação para subir aos cargos mais elevados.

Das duas escólas, a de medicina e a de mathematica, unicas que por aquelle tempo existiam organisadas no Rio de Janeiro, escolheu de preferencia a primeira, já então condecorada com as honras e prerogativas de faculdade. Frequentando e concluindo o respectivo curso, recebeu no grau de doutor juntamente com o premio devido á sua applicação, um fervoroso incentivo para novos e mais proficuos trabalhos.

Algumas prelecções publicas de eloquencia e philosophia es-

[1] «A independencia do Brasil (diz um nosso politico escriptor) data do dia 28 de janeiro de 1808, em que D. João VI assignou no Brasil a carta regia, que abriu os portos d'aquelles estados á navegação e commercio de todas as nações que estivessem em harmonia com a corôa portugueza.»

cutadas com gostosa benevolencia dos ouvintes, foram as primicias do seu tirocinio escolar, e denunciaram a seus patricios o que podia d'elle esperar-se nas luctas da intelligencia. Pouco depois appareceram as primeiras manifestações da sua vocação poetica, vulgarisadas em um livro que no Rio fez imprimir em 1832, e que sob o titulo de *Poesias* comprehendia em ensaios e tentativas juvenis as inspirações precoces da musa que o acalentára.

Inutilmente diligenciámos ter á vista esse volume, que nos consta ser hoje mui raro, até no Brasil; mas pelo que d'elle nos diz um sabio critico allemão[1] que o examinára, o sr. Magalhães pouco se affastava ainda das veredas trilhadas, pois que no respectivo prefacio elle proprio advertia mui expressamente haver tomado por mestres e guias os poetas classicos portuguezes Ferreira, Camões, Garção, Diniz e Filinto Elysio. Consta a collecção de odes, cantatas, elogios dramaticos e outras similhantes composições, destinadas em grande parte á commemoração de feitos patrioticos, ou a solemnisar dias de regosijo publico; todas modeladas nas fórmas classicas consagradas pelo uso. Através do calor facticio, do enthusiasmo artificial que nas poesias d'esta escola se equivoca uma ou outra vez com a verdadeira inspiração, e por entre o cortejo habitual e luxuoso das allusões mythologicas convertidas em logares communs, transparecem aqui e alli assomos de independencia, que indicam no poeta fluminense o desejo de soltar-se das pêas da imitação, a que de força pretendiam subjeital-o os preceitos da arte. Citam-se, por exemplo, uma *Epistola a Marilia* e outros trechos, nos quaes se revelam, diz-se, os primeiros symptomas d'essa profunda absorpção philosophica, que mais tarde havia de constituir um dos caracteres distinctivos das poesias do sr. Magalhães. Como amostra de tão notaveis tendencias são ainda tidas em merecido apreço as *Noites melancholicas*, serie de cantos elegiacos, inspirados pela musa de Young, que no seu genero se avantajam, chegando alguns a competir honrosamente com os do poeta britannico.

Logo no anno seguinte (1833) o sr. Magalhães emprehendeu a sua primeira viagem á Europa. Depois de uma digressão na Italia, veiu alcançal-o em París em 1836 a nomeação que d'elle fizera o governo brasileiro para addido á legação imperial n'aquella corte.

Corria por esse tempo em França a epocha de maior esplen-

[1] O sr. dr. Fernando Wolf, dignissimo conservador da bibliotheca imperial de Vienna, na sua *Histoire de la Litterature brésilienne*, Berlin, 1863, a pag. 141.

dor para o romantismo, que invadindo os dominios da arte, depois de porfiosas lutas, estava a ponto de levar de vencida os seus adversarios. Os propugnadores de antigas theorias debalde se esforçavam para resistir aos ataques impetuosos dos sequazes das novas idéas, que embora alistados em diversos campos e sob o commando de varios chefes, traziam comtudo em suas bandeiras por divisa commum!—*A queda do clacissismo*—N'esta conjunctura, profundamente impressionado pelo que passava em roda de si, e com as disposições de espirito em que o sabemos, não era crivel que o sr. Magalhães permanecesse espectador impassivel e indeciso no meio dos contendores. De sobra se mostrára inclinado a libertar-se da servidão classica, para que hesitasse em declarar-se estrenuo campeão das doutrinas regenerativas; e tão fervoroso andou em perfilhal-as quão solicito em transmittil-as, exemplificando-as aos seus compatriotas.

Fructos d'essas impressões, e dirigidos a esse intento foram, não só os artigos *Philosophia da religião, Estudos sobre a historia litteraria do Brasil*, que escreveu e vulgarisou no *Nictheroy*, revista brasileira por elle e por dois distinctos patricios seus, os srs. M. de Araujo Porto-Alegre, e F. S. Torres Homem, fundada e redigida em Paris durante alguns mezes, mas tambem um novo livro de versos, que n'aquella cidade deu á luz no já dito anno de 1836, e que intitulou *Suspiros e saudades.* [1]

N'esta admiravel e hoje bem conhecida collecção de poemas lyrico-elegiacos, escriptos com depurado gosto, brilha em toda a plenitude a originalidade nacional e individual do auctor. Rotas inteiramente as cadêas da *imitação* e do *clacissismo* convencional, o sr. Magalhães ao dotar com ella a patria, conquistou para o seu nome os foros da immortalidade. Ahi se encerram os primeiros titulos, que o proclamam restaurador da litteratura no seu paiz, á qual abriu uma nova epocha, e um caminho ainda não trilhado: se é que melhor lhe não cabe o nome de seu primeiro fundador na opinião dos que, como nós, só concebem a existencia de uma litteratura propria e realmente brasileira depois que o Brasil, desligado dos vinculos que o prendiam á metropole, tomou logar no catalogo das nações independentes.

V

De volta para a patria, d'onde o reclamavam saudosas ins-

[1] Ha d'elle segunda edição, revista, correcta e mais accrescentada pelo proprio auctor. Sahiu tambem em Paris, a expensas do editor Moré, 1859, 8.°

tancias de amigos e parentes, o illustre poeta encontrou na estima e applausos do publico as provas mais condignas de consideração devida aos seus trabalhos, e de respeito pelo seu talento. O governo imperial deu-se pressa a empregal-o, talvez menos para galardoar os serviços já prestados, que com a intenção de aproveitar os muitos para que o habilitavam saber e dedicação nas diversas commissões que successivamente lhe confiou.

Em abril de 1838, quando a iniciativa efficaz de um ministro zeloso decretava a transformação do antigo e acanhado seminario de S. Joaquim do Rio de Janeiro, elevando-o á categoria de collegio imperial de Pedro II, com organisação e plano de estudos mais conformes ás exigencias da actualidade, entre os primeiros professores nomeados para as cadeiras do novo instituto foi escolhido para a de philosophia o sr. dr. Magalhães. Não lhe consentiram, porém, que a regesse por longo praso outras importantes occupações do serviço publico a que teve de attender.

Nomeado secretario do governo provincial do Maranhão em epocha difficil, passou mais tarde no mesmo exercicio para a provincia do Rio-Grande do Sul. Seus concidadãos, reconhecidos ao muito que lhe deviam, quizeram á sua parte significar-lhe o apreço em que o tinham, honrando-o com o diploma de seu representante na camara dos deputados.

Alternando cuidados, e repartido o tempo entre a satisfação dos deveres do funccionario, e os desenfados do estudo, a que o levavam inclinação e gosto, continuava antes e depois a colher novas e virentes palmas nos certames litterarios. Attentára no estado de lastimoso abatimento em que jazia o theatro brasileiro, cujo repertorio não continha mais que peças portuguezas de velho cunho, e versões de dramas francezes; doeu-se ao ver tal penuria, e ambicionou para si a gloria de ser tambem o primeiro a dar no seu paiz á arte dramatica o incremento de que necessitava. Tinha já naturalisado com bom exito algumas felizes imitações de Ducis e d'Arnaud, quando tomou a peito a composição original de uma tragedia, que fosse duplamente nacional pela lingua e pelo assumpto. A 13 de março de 1838 subia com effeito pela primeira vez á scena no theatro da praça da Constituição no Rio de Janeiro *Antonio José, ou o poeta e a inquisição*, obra digna do successo que obteve, e que a critica judiciosa não faltou a confirmar-lhe, quando appareceu impressa no anno immediato. As difficuldades provenientes do sujeito, eminentemente patriotico, mas pouco accommodavel á acção tragica, fo-

ram superadas com arte e ingenho, pela ideal elevação dos affectos, e pelas bellezas do estylo pathetico, que n'ella predominam sem quebra de interesse do principio ao fim.

Com pequeno intervalo seguiu-se o *Olgiato*, fabula milaneza, tomada de um episodio da historia das republicas italianas da edade media, representada a 7 de setembro de 1839, na inauguração solemne do theatro de S. Pedro d'Alcantara. Esta segunda tragedia em que o auctor soube sustentar-se habilmente na altura da sua reputação, imprimiu-se, tambem no Rio, em 1841.

Uma e outra são precedidas na impressão de prefacios doutrinaes, em que o poeta exprime concisamente as suas idéas ácerca do theatro, e da direcção que no seu entender devia dar-se á arte dramatica. Ahi se vê quanto ía longe de concordar n'esta parte com os desvairados caprichos, com as exagerações extravagantes, com os *horrores*, que então predominavam nas producções do ultra-romantismo, consideradas por elle como outras tantas aberrações da verdadeira doutrina.

Sem conservar-se adstricto á regra das tres unidades aristotelicas, subjeitou-se comtudo a guardar escrupulosamente a da acção, respeitando não menos a dos caracteres. Entendendo por outra parte que cumpre manter intacta a distincção dos generos, excluiu das suas tragedias o elemento comico, julgando-o inconveniente, senão de todo incompativel com a severa dignidade que deve prevalecer n'esta sorte de dramas. Apreciando finalmente, como diz, a simplicidade, energia e concisão das tragedias de Alfieri e Corneille, filiou-se na escola d'estes grandes mestres, e conseguiu por mais de uma vez attingir no seu dialogo incisivo e travado, o laconismo sublime do primeiro.

VI

Ao fim de algum tempo o sr. Magalhães retomou a carreira diplomatica, e n'ella tem permanecido desde então em activo exercicio, salvas curtas interrupções. Como representante do imperio serviu durante alguns annos com o caracter de encarregado de negocios nas côrtes de Napoles e Turin, e occupa desde 1859 o cargo de ministro residente na de Vienna. Que o desempenho em tão arduas funcções não dissentiu do que devêra esperar-se de suas luzes e idoneidade, attestam-n'o a sua elevação gradual na hierarchia, e as distincções honorificas, espontaneamente conferidas quer pelo seu soberano, quer por aquelles junto dos quaes ha sido acreditado. Condecorado com o gráu

de commendador das ordens de Christo e imperial da Rosa, e de cavalleiro da do Cruzeiro, é tambem commendador da de Francisco I, e da real napolitana do Merito.

Possue de longa data outras, se de genero diverso, não menos recommendaveis e significativas para elle que para os que se glorificaram outorgando-lhas. O Instituto Historico do Brasil, a Academia Imperial das Bellas Artes do Rio de Janeiro, e outras corporações scientificas e litterarias da America e da Europa o collocaram com honroso aprazimento nas listas de seus membros.

Nota-se como facto trivial entre individuos a quem manifestações de talento e esforços de intelligencia na cultura das lettras serviram de azas para subirem ás dignidades e cargos preeminentes da republica, que a maior parte d'elles, embebidos nas especulações emaranhadas e lucrativas da vida publica, olham depois com sobranceria para taes instrumentos da propria elevação, desdenhados por inuteis na posição social a que ascenderam. Os deleites inefaveis e puramente intellectuaes do homem lettrado já não teem valor algum perante os calculos positivos do politico sagaz, do funccionario egoista, do ministro ambicioso. O novo ambiente que os circumda é crasso em demasia para consentir-lhes outras aspirações que não sejam os desejos insaciaveis de maior fortuna e engrandecimento. Cogitando dia e noute nos modos de o conseguir, essa idéa fixa preoccupa-os a ponto de sacrificar-lhe tudo o mais. Cabe todavia a alguns espiritos privilegiados a sorte de fugirem á regra geral, e no numero d'essas felizes excepções podemos contar de justiça o sr. Magalhães. Empregado administrativo, legislador ou diplomata, é sempre primeiro que tudo o poeta eminente, o abalisado escriptor. Em qualquer estado ou logar lhe sobra tempo para entregar-se aos estudos meditativos, ou para recolher disvelado as inspirações da musa fagueira, que por toda a parte o segue.

VII

Não satisfeito de primar vantajosamente como poeta lyrico e tragico distincto, mediu as proprias forças para abalançar-se a nova e mais arriscada empreza. Nada menos que a composição de uma epopéa nacional, genero de poesia que por extremamente difficil, muitos preconisam pelo maior esforço do ingenho humano, e em que, no pensar dos criticos, o numero dos despenhos acompanha de perto o dos commettimentos.

O sr. Magalhães não trepidou em presença das difficuldades,

e soube vencel-as com honra, dando na concepção e execução novo realce aos seus sentimentos patrioticos. O assumpto do poema foi habilmente escolhido na epocha da conquista, e quando as tribus indigenas não de todo submettidas ao jugo dos vencedores, pelejavam ainda com ancia pela conservação da propria independencia, vendo na subjeição, tal como lh'a offereciam, um duro e insupportavel captiveiro. Os protogonistas foram tomados na raça vencida, como o exigia a natureza do sujeito, e caracterisados de sorte que não podem deixar de excitar em alto grau o interesse e compaixão devidos ao infortunio não provocado nem merecido. Assim triumpha a idéa fundamental e philosophica, que de acordo até certo ponto com a historia, e com o principio do desenvolvimento do genero humano, proclama que os indigenas deviam submetter-se á força superior da civilisação, mas que elles representam o papel de defensores do direito e da liberdade natural, entretanto que a seus contrarios n'esta lucta cabe apenas o de conquistadores e oppressores, que prevalecendo-se do logro da civilisação, a tomavam unicamente para si como instrumento exclusivo de utilidade propria, sem que consentissem em estender a sua benefica influencia até aos opprimidos para melhorar-lhes com ella a condição social, depois de esbulhados dos direitos inalienaveis, que a natureza lhes conferira [1].

Na *Confederação dos Tamoyos*, em dez cantos de versos hendecasyllabos soltos, tiveram pois os brasileiros um poema epico de cunho verdadeiramente nacional, em que os preceitos da arte antiga appareceram modificados pelas exigencias do gosto moderno. Acção simples e unica em si, grandiosa nas consequencias, bem ligada por episodios que ora encantam pela suavidade, ora enthusiasmam pelo ardor; caracteres vigorosamente desenhados, dos quaes alguns podem disputar preferencias aos de outras celebradas epopéas; scenas e descripções variadas e fieis no rigor do termo, pelo colorido local que n'ellas transluz por toda a parte; comparações pittorescas, quasi sempre verdadeiras e frisantes; trechos abundantes de solida philosophia, e outros que por muito energicos attingem uma ou outra vez as raias do sublime; finalmente, um cabal e adequado emprego das tradições dos indigenas, e dos seus mythos e usanças: eis aqui, na opinião francamente manifestada por illustrados criticos nacionaes e estrangeiros, dotes mais que sufficientes para constitui-

[1] «Que se nam póde dar christandade a troco de servidam, antes será grave injuria pera nossa sancta fé.» (D. Fr. Amador Arraez, *Dialog.* IV, cap. 26, quasi no fim.)

rem da obra do sr. Magalhães um precioso monumento da arte [1].

Dedicado pelo seu auctor á soberana magestade do sr. D. Pedro II, este esclarecido monarcha não só acolheu a offerta com a boa sombra e gasalhado, que de costume dispensa a sabios e lettrados, mas para maior e mais particular demonstração de apreço, ordenou, segundo consta, que do poema se tirasse uma edição a expensas suas, a qual se imprimiu no Rio em 1857.

Sentimos deveras, que a indole e dimensões do presente ensaio não deem margem para tratarmos mais de espaço d'este poema, que poucos leitores portuguezes terão visto, pois que d'elle não chegaram talvez a Portugal dez ou doze exemplares! Releva confessar que a acceitação e suffragio, que geralmente obteve do publico brasileiro, não foi tão universal e unanime, que se não levantassem contra elle alguns censores, para o julgarem, uns com severidade talvez demasiada, outros com desabrimento e aspereza, que de certo não merecia. [2] Felizmente, os reparos mais attendiveis versaram na maxima parte sobre incorrecções de estylo e defeitos de linguagem, ou no prosaismo de alguns versos, que o illustrado auctor corregirá de certo na seguinte edição, fazendo com facilidade desapparecer essas pequenas maculas, nuvens em todo o caso mui rarefeitas para obscurecerem as luzes de sol tão radiante.

VIII

Os golpes repetidamente dolorosos, com que á providencia aprouve experimentar o coração do insigne poeta, permittindo que a morte lhe arrancasse dos braços tres filhos, todos de tenra edade, seus enlevos e esperanças, foram causa de que, exhalando em tristes e resignados lamentos a magoa que o pungia, elle enriquecesse depois a sua patria com as formosas composições publicadas em Paris, no anno de 1858, sob o titulo *Os Mysterios, cantico funebre á memoria de meus filhos*. N'este cyclo de poesia, dividido em oito trechos, ou *mysterios*, mais

[1] Vej. por exemplo os juisos criticos do sr. dr. José Soares d'Azevedo, na *Revista brasileira*, tomo I pag. 59; do sr. Wolf na obra já citada; do sr. conego Fernandes Pinheiro, no *Curso de litteratura*, pag. 559; do sr. R Ceroni, italiano, mencionado na *Revista popular* do Rio de Janeiro, vol. XIII, pag. 183, etc. etc.

[2] Quasi toda a polemica suscitada a este respeito anda espalhada pelos numeros do *Diario do Rio de Janeiro* e *Jornal do Commercio* de 1856. Imprimiram-se depois em separado as *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos por Ig.*, (attribuidas ao sr. conselheiro Alencar), e sahiu tambem um artigo nos *Trabalhos oratorios e litterarios* do celebre P. Mont'Alverne, opusculo publicado em 1863.

ainda que nos *Suspiros e saudades* reina (para nos servirmos da phrase de um de seus admiradores) o sentimento verdadeiramente elegiaco, a preponderancia da reflexão, e a tendencia para achar solução e consolo aos soffrimentos, duvidas e enigmas da nossa existencia terrestre, em uma fé religiosa na eternidade, e nos dogmas praticos de um christianismo positivo.

Á zelosa e incançavel solicitude do sr. B. L. Garnier, que tão activamente promove ha annos no Rio de Janeiro o gosto e commercio da livraria, já fazendo reviver em dispendiosas e acuradas edições algumas obras notaveis de antigos escriptores brasilienses, já vulgarisando egualmente á sua custa as de muitos distinctos contemporaneos, deveram ainda recentemente os apaixonados das musas brasileiras mais um importante serviço: a publicação da *Urania*, selecta collecção de novos cantos do sr. Magalhães, que em um elegante e nitidissimo volume sahiu em 1862 dos prelos da imperial typographia de Vienna. A composição dos trechos ahi incluidos, e agora publicados, data comtudo de 1847, segundo affirma no prologo das suas *Brasilianas* um velho e intimo amigo do poeta, e como elle tambem poeta e escriptor mui distincto, o sr. Manuel de Araujo Porto-Alegre, cavalheiro que muito nos prezamos de considerar egualmente entre os nossos amigos e honradores, e do qual contamos occupar-nos em breve e mais de espaço, se as circunstancias nos animarem á prosecução d'estes ensaios.

A *Urania*, destinada a celebrar o amor, no que este sentimento encerra de mais puro e ideal, comprehende não menos de cem composições ou pequenos poemas no genero lyrico, escriptos com aprazivel variedade de metros, e em que a sublimidade de alguns contrasta singularmente com a engraçada singeleza de outros. É um tributo pago á ternura de uma esposa idolatrada, a quem são dedicados o livro e a maior parte dos versos que elle contém, e cujo nome (*Januaria*) por um bem combinado anagramma forneceu o proprio titulo para a collecção [1]. Se nas suas composições anteriores o poeta apparecia ás vezes como que eclypsado pelo philosopho, sacrificando a fórma ao pensamento, deu n'estas uma prova convincente aos que por ventura o duvidassem, de que os segredos da fórma lhe são tão familiares como a qualquer dos que sobre-excedem n'essa parte. [2]

[1] Vej. a poesia 1.ª *O anagramma*, a pag. 5 do livro.

[2] O sr Raphael Coelho Machado, natural de Angra do Heroismo, compositor estimado principalmente no Brasil, onde professa a musica ha mais de vinte t

IX

Para completar a resenha succinta dos trabalhos do sr. Magalhães, resta dizer algumas palavras dos seus escriptos em prosa. Na parte scientifica distinguem-se principalmente os *Factos do espirito humano*, livro impresso em Paris em 1858, e logo vertido em francez por M. N. P. Chansselle, cuja traducção se imprimiu na mesma cidade no anno immediato. N'esta obra (recommendavel afora outros predicados pelo de ser a primeira de philosophia escripta por um brasileiro na lingua portugueza, ainda pouco accommodada a este genero de estudos) mostra-se o auctor egualmente versado nos systemas dos philosophos antigos, e nas modernas escolas franceza, escoceza e allemã. Eclectico esclarecido, propende ás vezes para a originalidade, tanto quanto lh'o permittem as doutrinas do espiritualismo que professa, e de que as suas composições poeticas são outros tantos testemunhos.

Já em 1842 publicára no Rio de Janeiro, em fórma de breve dissertação, um *Discurso sobre o objecto e importancia da philosophia*, que não podémos ter presente.

Não devem escapar á commemoração as suas investigações ethnographicas e historicas sobre os habitantes primitivos do Brasil, de que uma parte se acha consignada na memoria que offerecceu ao Instituto historico, e que este já inseriu na *Revista mensal*, tomo XXIII, com o titulo: *Os indigenas do Brasil perante a historia*. Com o zelo patriotico que o caracterisa, propoz-se ahi desfazer os preconceitos dos que pretendendo reduzir os aborigenes á classe de selvagens, os suppozeram incapazes de cultura.

A proposito da historia contemporanea da sua patria escreveu tambem *Memoria historica e documentada da revolução do Maranhão desde* 1833 *a* 1841, coroada pelo Instituto, e inserta no tomo XI da *Revista* d'aquella sabia corporação.

Lembraremos por ultimo os notaveis ensaios, publicados em Paris no *Nictheroy*, em 1836, a que já acima alludimos; — e o romance em prosa *Amancia*, impresso no Rio em 1844, na *Mi-*

annos, acaba de dar á luz sob o titulo *Urania ou os amores de um poeta, album de canto nacional*, Rio de Janeiro 1864, uma apreciavel collecção de dezeseis peças escolhidas entre as do citado volume, compostas em varios estylos, seguindo em algumas os melhores modelos das escolas italiana, allemã e franceza, e empregando n'outras privativamente o gosto e estylo brasileiros. D'aqui lhe agradecemos o bello exemplar d'esta sua nova producção, com que ha pouco nos brindou.

nerva brasiliense, jornal litterario de que o sr. Magalhães foi prestante collaborador.

E com isto damos por terminada esta primeira tarefa. Magôa-nos que a falta absoluta de conhecimento pessoal, ou de quaesquer relações directas com tão respeitavel contemporaneo, nos prive de amplial-a como desejaramos, com a noticia de outros seus trabalhos ineditos, que por ventura jazem ainda na carteira, aguardando talvez o momento opportuno da publicação.

Nos que ficam relacionados cremos haver de sobra com que justificar o elevadissimo conceito em que é tido n'um e n'outro hemispherio, considerado como uma das primeiras summidades do seu paiz, e cidadão benemerito entre os conspicuos da universal republica das lettras.

Lisboa 6 de agosto de 1864.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

P. S. Quando ao traçar este esboço nos lastimavamos da raridade d'exemplares existentes em Portugal da *Confederação dos Tamoyos* (pag. 298) ignoravamos completamente que dos prelos da Imprensa Litteraria de Coimbra estivesse prestes a sahir á luz uma fiel reimpressão d'esse poema em um volume de 16.° com 274 paginas. Por uma feliz coincidencia, na propria occasião em que reviamos as provas do nosso trabalho, acertaram de chegar-nos de Barcellos exemplares das duas tiragens d'essa reimpressão, feitas em papel de diversas qualidades, com que nos brindava o editor, nosso excellente amigo, o sr. dr. Rodrigo Velloso, que emprehendeu tal publicação com animo desinteressado, e movido simplesmente das rasões, por elle proprio explicadas no seu aviso ao leitor.

I. F. S.

POESIA POPULAR

odos os sentimentos, ainda os mais profundos, que o genio do artista consegue determinar nas suas creações, acham-se latentes no coração do povo; são elles que descobrem á mente collectiva certas verdades que a philosophia custosamente entrevê. São todos esses sentimentos que inspiram as grandes epopeas legendares, em que são heroes Prometheo, Faust, Ashaverus, Hamlet, D. Juan, trabalho de seculos, de uma formação lenta, com que a humanidade se vae perpetuando nas suas evoluções. Assim é ella infallivel como quer o audacioso Vico.

O povo tem uma fórma poetica sua — é a legenda, a fórma mais complexa da arte. A religião e a historia idealisa-as a seu modo; escreve-as nas pyramides, nos muros cyclopicos, no poema rude e na canção ligeira; a sua linguagem é o rythmo

e o symbolismo. Ao seu crer e sentir apropria o dogma abstracto e severo, torna-o morphico; ao Deus que se entranha nas alturas, fal-o baixar, soffrer comsigo, commuta as suas dôres, offerece-se-lhe tambem como victima sobre o altar, como os filhos de Ugolino:

Padre assai si fia men doglia
Se tu mangi di noi, tu ne vestiti
Queste misere carni, e tu le spoglia.

O dogma christão exagerado, terrivel na ascese, é modificado pelo genio popular nos principios mais fundamentaes. Se a egreja manda que a alma se despoje dos sentimentos da sua individualidade, que o corpo considerado como carcere d'ella seja macerado na lucta constante da carne com o espirito, toda esta desharmonia é esquecida por um bem ineffavel. Assim o amor de Jesus fez absolver o peccado de Eva, porque por elle nos veio um tal Redemptor:

O certe necessarium Adæ peccatum,
Quod Christi morte deletum est!
O *felix culpa*, quæ talem ac tantum
Meruit habere redemptorem.

No dualismo christão por vezes se exprimiu a supremacia do mal. «Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.» Porém o sentimento mystico creou a syndherese, a aspiração incessante do bem. Dil-o Prudencio n'um dos seus hymnos *Ante Somnum*:

Idem tamen benignus
Ultor retundit iram,
Pancosque non piorum
Patitur perire in ævum.

A revolução que o apparecimento do christianismo produziu no mundo, a egualdade do homem, a dignidade do trabalho, a apotheose da mulher, o amor universal, este grande facto

do espirito perpetuou-o o povo no poema gigante de Ashaverus. É a revelação do sentido recondito do — caminhar! caminhar! — A humanidade retratou-se no Judeu errante. E desde que Ashaverus encetou a jornada interminavel, para de logo as instituições sociaes se multiplicaram, as relações se foram estabelecendo, a lucta das escólas philosophicas recrudesce, os cruzados alevantam-se inspirados pela fé, a cavalleria andante brilha com valor e galhardia. Os trovadores vagam cantando por toda a parte na lyra amorosa de sua crença. O amor cavalheiresco no seu platonismo apparece-nos como uma irradiação do amor divino. Que poesia não achará o peregrino, cansado de affrontar perigos, nos desertos a fera sedenta, nos mares as tempestades e os piratas, que ao cabo de annos chega a avistar do alto da montanha o seu casal ao pôr do sol, á hora maviosa das trindades! Cada badalada é como uma nota desprendida das harpas celestes.[1]

O guerreiro lasso dos combates como não saberia animar as suas recordações de Solyma, sentado no limiar do tecto que lhe dava agasalho! A hospitalidade que fôra primitivamente um culto[2] torna-se lei mais tarde[3], mas a poesia subsistiu sempre. Na antiguidade homerica e na antiguidade biblica aconselha-se o agasalho ao peregrino, porque póde ser um Deus occulto em fórma humana, ou algum anjo enviado do céu; o mesmo apparece ainda hoje no sentimento popular. Procuremos a lei da formação da legenda.

A metaphora é uma das manifestações, a mais frequente das faculdades poeticas do espirito; é por ella que se torna sensivel o abstracto, principalmente no periodo da infancia. O que a moral antiga aconselhava, despido do véu da alegoria, foi, que o agasalho a um peregrino era uma acção boa, reconhecida pelos deuses; mas para ser entendido melhor pelas intelligencias rudes, o facto absorveu a idéa. Assim Jupiter visita Philemon e Baucis, Ceres a casa de Celeu, os anjos são recebidos por Abrahão, a quem annunciam uma progenie immensa como as areas do mar e as estrellas do céu. Descoberta a lei da legenda, isto é a materialisação da idéa no facto, forçosamente se ha de encontrar analogia com as legendas de outros povos.

Tem-na do mesmo modo os sectarios de Tao na China:

[1] Dante Purg. VIII.
[2] Vid. Generalisão da hist. da Poesia.
[3] Capitul. ann. 803.

«Tchéon-Hoei-Hoa disvellava-se esmolando os pobres, nada afrouxava o seu zelo. O deus Tchi-Kouan-Tchin-Sin mudou-se em peregrino, em mendigo para o experimentar. Tchéon apressou-se com alegria a dar-lhe a esmola e immediatamente o deus o levou á mansão celeste onde elle tem o nome de Si-Hoa-Tchi-Sin.»[1]

Na hospitalidade christã, os mendigos apparecem ás vezes como os receberam — na pessoa de Jesus. É a idéa d'estes versículos do Testamento: «Qui recipit vos, me recipit, et qui me recipit eum qui me misit,»[2] traduzida pela metaphora do conto.

Um encontra um leproso de quem a multidão foge; mas seravel era Jesus.[3] S. Julião Hospitaleiro inspirou Fra Filippo Lori um quadro egual. S. Martinho dá metade do seu manto a um mendigo, mas o mendigo que assim agasalha é Jesus. É o que se lê nos versos de uma tapeçaria da Igreja de Montpézat:[4]

Quant d'Amiens Martin se partist
Pour cheminer soubz loy panienne,
Au pauvre son manteau partist
Faisant œuvre de foy chrétienne.
Lui repósant comme endormy,
Dieu se apparut environné
De angelz auquelz disoit ainsi:
Martin le manteau m'a donné.

Jacques Voragine conta o mesmo na *Legenda Aurea*, quando falla de S. João Esmoler.[5]

Na poesia popular portugueza encontramos uma variante d'estas legendas, tão pura, tão repassada de sentimento, ungida de uma crença ingenua. quasi patriarchal. A fórma é quasi hymnica, para fazer sentir o jubilo do reconhecimento; ali a alma não pensa: conhece, porque sente. O genio portuguez

[1] Livro das Recompensas e das penas, trad. de S. Julien, p. 407.
[2] Math. x, 40. Cf. Luc. x, 16. Joan xxii, 25.
[3] D'après Maury, Legendes pieuses, pag. 72.
[4] Lobineau Vie des SS. de Bretagne, l. 2, pag. 180.
[5] Sobre a legenda de S. Martinho ver Sulpicio Severo, c. 2, e Fortunato, Carm var. lib. 10, e sobretudo o judiciosissimo livro de Maury, Legendes Pieuses du Moyen-Age, p. 72.

deixou descobrir o seu caracter mystico, a exaltação do amor divino, não sob o fogo das imagens do ardor peninsular, mas na serenidade da consolação espiritual. Foi o povo que a contou a si mesmo que, para comprehender as palavras do Evangelho, abstractas, incoerciveis para a sua mente rude, materialisou a idéa no facto; é o lavrador que vae para a sua arada e encontra sobre o pó da estrada um pobresinho. Que dialogo o da pobreza com Jesus! Que estribilho doloroso! intercortando o canto, tornando mais melancholica a molopéa:

«Indo um lavrador p'ra arada
Ai Jesus!
Encontrou um pobresinho,
Ai Jesus!
E o pobresinho lhe disse
Ai Jesus!
Leva-me n'esse carrinho,
Ai Jesus!
Levantou-se o lavrador
Ai Jesus!
A pôr o pobre no carro
Ai Jesus!
Levou-o para a sua casa
Ai Jesus!
Para a melhor sala que tinha,
Ai Jesus!
Manda-lhe fazer a ceia
Ai Jesus!
Do melhor manjar que tinha,
Ai Jesus!
De gallinhas e capões,
Ai Jesus!
Mandou-lhe fazer a cama
Ai Jesus!
Da melhor roupa que tinha;
Ai Jesus!
Por baixo lençóes de linho
Ai Jesus!
Por cima cambraia fina
Ai Jesus!
Era meia noite em ponto
Ai Jesus!

O probresinho gemia
Ai Jesus!
Levantou-se o lavrador
Ai Jesus!
A ver o que o pobre tinha
Ai Jesus!
Achou-o crucificado
Ai Jesus!
N'uma cruz de prata fina
Ai Jesus![1]
Cala-te ahi oh lavrador
Ai Jesus!
Não te enchas de phantasia
Ai Jesus!
.....
.....
Onde te tenho guardado
Ai Jesus!
Cadeira de prata fina,
Ai Jesus!
Outra para tua mulher,
Ai Jesus!
Que tambem a merecia
Ai Jesus!»

De todos os poetas portuguezes, depois de Garrett, o que tem um gosto delicado, uma intuição viva do sentimento do povo é indubitavelmente o sr. Castilho. Se o poeta dos *Fastos Historicos* seguisse a indole da sua musa, excederia Uhland, Bürger, Scott. Mesmo o povo portuguez ha saudado no sr. Castilho o seu interprete, vulgarisando-lhe as canções. Um dos grandes merecimentos da poesia popular do sr. Castilho, e qualidade que a torna popular, é a conformidade entre a fórma e a idéa; só o sr. Castilho nos poderia fazer rivalisar com as litteraturas estrangeiras n'estas restaurações. E que ceara tão rica de legendas, como as da nossa historia, e tão mal aproveitadas na quasi totalidade.

THEOPHILO BRAGA.

[1] O sr. José Gomes Monteiro a quem devo esta legenda popular, suppõe faltarem aqui algumas palavras do lavrador.

SONHO DE UMA NOUTE DE VERÃO

The warmest sigh that pleasure heaves,
Is cold, is faint, to those that swell
The heart where pure repentance grieves
O'er hours of pleasure loved too well!

MOORE.

I

Como é bello vagar pelas montanhas
Sob os clarões da lua enamorada!
Como é bello escutar os murmurinhos
Do ribeiro, e do vento que deslisa
Entre as ramas do val! como fascina
O canto enleiador, o doce canto
Do rouxinol, que ao longe accorda os ecos
D'esta soidão de paz! — Deixar por vezes
O bulicio do mundo, e vir sósinho
Tomar todo este aroma das campinas,
É tragar liberdade, amor, e vida,
É sentir-se mais homem do que d'antes!

Mas o que digo eu? que parvo idyllio
Vou, sem sentir, traçando n'estes versos?
Errar á meia-noute sobre os montes,
Ver as bruxas folgar, contar estrellas
Como qualquer astronomo das duzias,
Dizer á viração quantos segredos
Nos estão titillando dentro d'alma,
Certamente que é bom, mas é mais bello
Dormir em fôfa cama a somno solto.

Desculpem-me as leitoras d'estes versos,
(Se é certo que estes versos tem leitoras),
As rajadas brutaes e grosseironas
Que acabo de soltar; mas o que querem?...
Amo as flores, os campos, o perfume,
O musgo das ruinas, os gorgeios
Da natureza toda; o que detesto
São os vates chorões, negros vampiros,
Cerrado batalhão que entôa nenias,
E que atravessa o mundo entre gemidos.
Por isso, não me inlevo apoz seus cantos
De harmonia fatal; do proprio tumulo,
Rozas de amor que brotam junto aos goivos
Nós podêmos colher, e ornar a fronte!

Feita esta confissão, que talvez ache
Muitos odios mortaes na sabia curia,
Vou começar a historia *in continenti*.

II

O barão do Pragal era um papalvo,
Como muitos barões, que ha quatro mezes
Habitava uma casa em Campolide.
Baixo, gordo, rolliço, achavascado,
Em prosa muito pouco, em verso nada,
Tinha milhões, porém; barão da gemma.
Sua patria era o Minho; em pequenino
Fôra para o Brasil, como outros muitos;
O que fez lá, não sei, mas em trinta annos
Tornou a Portugal, pôdre de rico.

Deram-lhe uma gran'cruz, quatro commendas,
Fizeram-o barão, par, e mais cousas;
Juntou-se a fidalguia em sua casa,
Velhos e moços, donas e donzellas,
Tudo fazia a côrte ao heroe ricaço;
E o minhoto estallava de contente.

III

Um dia sentio no peito
Um vacuo immenso e profundo,

Em vão buscou pelo mundo
Conforto para essa dor.
Festas, danças, mil requebros,
Tudo que encerra alegria,
Tudo em balde lhe sorria,
Porque o mal era de amor.

Amor-barão!... Ninguem pense
Que este amor é pequenino,
Cego, pavido, e sem tino,
Como é costume pintar.
Este amor é corpolento,
Tem barriga avolumada,
E na farda agaloada
Duas gran'cruzes a par.

Foi deputado algum tempo,
Mas num doce e ledo engano
Fingio-se republicano,
Fez-se o Marat da nação.
Um dia, meio contricto,
Até Roma andou caminho;
Remio-se,—volveu ao ninho,...
E eis que o fizeram barão!—

Oh, como o bom do minhoto
Andava erradio e inquieto!
As chammas d'aquelle affecto
Cada vez lhe ardiam mais.
Alma accesa, alma inspirada,
Buscava um anjo na terra,
Como as abelhas da serra
Buscam no prado os rosaes.

E achou!—Mimoso da sorte,
Immolaram-lhe a bellesa;
Innocencia e gentilesa
Renderam-lhe o coração.
Ai, como tu eras bella,
Anjo de amor e ternura;
Como em tua face pura
Brilhava a alegria então!...

Eu te vi, se foi peccado,
Se te amei fero e sem tino,
É que foi negro o destino
Que os meus olhos poz nos teus.
Responde, porque sorrias
Quando de mim te apartavas?
Se ao meu lado te encantavas,
Porque me disseste adeos?...

Adeos! e eu fiquei sósinho
N'este val triste e profundo;
Um dia vi-te no mundo,
Bella, graciosa e gentil.
Lembrei-me d'aquelles sonhos
Do nosso tempo da infancia;
Senti de novo a fragrancia
Das frescas tardes de abril.

Comtigo fui, só comtigo
Folguei ditoso no prado;
Quem pensava no peccado
D'essa perfida união?...
Quando o peito arqueja livre,
Quando abrasa o sentimento,
De que serve um pensamento,
Quem se lembra de um barão?...—

Vivemos! foi larga a vida
Que nos deu a providencia;
Senti de novo a innocencia
Dos teus affagos de amor.
Candido lyrio batido
Pelos vendavaes do norte,
Surgias então da morte
Cheio de graça e esplendor!

IV

O leitor certamente está pasmado
Do desvio da acção, dos desatinos
Com que perdi o enredo; a cousa é seria,
Confesso-o, até, com a mão na consciencia;

Porém, o que escrevi está escripto,
Nem costumo emendar duzias de versos.

Quem era a bella em que fallei ha pouco?
Como a conheci eu? quando, em que tempo
Se unio ao tal barão em casamento?...
São pontos que esqueci, mas que não deixam
De ficar brevemente em pratos limpos.

A esposa do barão tinha dez annos
Quando eu a conheci; contava treze
O misero escriptor d'este poema.
Ella habitava além, n'uma casinha
Que se vê d'este monte; eu costumava
Vir passar n'este val a primavera.
Ao pôr do sol, se a tarde estava amena,
Hiamos sós vagar, sós e contentes.
Oh, como nós folgavamos no prado,
Seguindo a borboleta em tantos giros!
O lyrio, o malmequer, a flor singela
Que entre a relva desponta, a madre-silva
Que em festões se debruça pelos muros,
Tudo hiamos colher, tudo enfeitava
Nossas frontes rosadas e innocentes.

Oh, sabe Deos se a voz do amor materno
Se erguia até o ceo, pedindo bençãos!
Sabe Deos, quantas lagrimas furtivas
Se choravam por nós, que palpitantes
Cresciamos em paz, sorrindo a tudo!

V

Corria o tempo assim; talvez seis annos
Passámos longe, isentos d'este mundo,
Felizes n'esse amor, que então mais vivo
Já de pudor lhe avermelhava as faces.
Quem temêra de nós? quem se importára
Co'os folguedos do val, co'as longas tardes
Gastas em conversar pelas campinas? —
Quem sonhára, siquer, que um pensamento
Podia macular aquelle affecto
Nascido na innocencia? — O paraiso

Era alli para nós, o som do vento
Era um canto do céo; de noute, a lua
Banhando-nos de lua, tantas estrellas,
Tanto aroma subtil, tudo fallava,
Aos nossos corações, de um vago extase,
Como haverá no céo entre dois anjos!

Ella crescêra esplendida: o cabello,
Que em seus bastos anneis folgára solto,
Já lhe adornava em tranças luxuosas
A encantadora fronte; os olhos meigos
Resplendiam-lhe subito, se ousado
Lhe pegava na mão, dando-lhe um beijo.
Então, a bocca, o seio palpitante,
A voz sonora, o corpo delicado,
Tudo eu via tremer; e nos meus braços
Vinha depois cair, qual debil planta
Que o vento fustigou, soprando agudo.

Ai, amor, deixa lembrar-me
Das venturas que logramos,
Dos dias que ali passamos
Sósinhos na solidão.
Minha alma é como a harmonia
De uma lyra espedaçada:
Murmura desconsolada
Nos sopros da viração.

Deixa lembrar-me de novo
D'aquelle prazer profundo;
Que te importa a voz do mundo
Que este affecto condemnou?
Não te creára o destino
Para mim? não te fez minha?
Pois de quem, d'onde provinha
A chamma que te abrazou?

Não! voaste do meu lado
Sem saber que era ao martyrio;
Deixavas aquelle empyreo
Buscando mais lindo céo.
Enganaram-te, mentiram
Á tua incauta innocencia;

Porque deves ter clemencia
D'esse amor que não é meu?

Não foi comigo tranquilla
Que passaste a mocidade?
No vago da immensidade
Não fui eu que te guiei?
Não foi para mim que, alegre,
Colheste tantas boninas?
Tantas delicias divinas
Não fui eu que t'as sonhei?

Porque brilhaste ao meu lado?
Porque sorriste contente?
Esse amor casto, innocente,
Não se fadára nos céos?
E então devia quebrar-se
Aquelle affecto profundo,
Porque alguem houve no mundo
Que te fez dizer-me adeos?...

Não creias!—e tu não creste
N'essa illusão mentirosa;
Meiga, santa e venturosa
Sempre ao meu lado te vi.
Dava-te força o destino,
Sorrias vendo-te minha,
Que era do ceo que provinha
O fogo que ardia em ti.

Bem haja! que inda esse tempo
Tem mais ventura escondida,
Do que tem magoas a vida
Que depois cá nos ficou.
Inda temos a harmonia
D'aquelle prazer profundo,
Que responde á voz do mundo
Que este affecto condemnou!

(Continúa.)

E. A. VIDAL.

CHRONICA SCIENTIFICA

Do uso do microscopio — Mysterios que o microscopio descobre — Distincção entre vegetaes e animaes microscopicos — Constituição das plantas rudimentares — Germinação e reproducção n'estas plantas — Methamorphoses — Movimentos de plantas — Plantas animadas — Transformação de uma planta em animal — Plantas envolvidas em conchas — Massas enormes de conchas microscopicas fosseis — Dos bolores — Bolor mudado em animalculo — Poder dos bolores — Fermentação — Doenças.

Os rapidos aperfeiçoamentos, que nos ultimos annos tem tido a construcção dos microscopios, tornaram este maravilhoso instrumento um dos mais poderosos e mais seguros meios, de que hoje dispõem os naturalistas para investigar profundos segredos da natureza viva. Pelo microscopio póde a vista penetrar n'esse mundo mysterioso, variadissimo nas fórmas e nos phenomenos vitaes, que pela sua nimia pequenez escapa inteiramente á observação, sem o auxilio dos meios artificiaes, que ampliam a imagem dos objectos e nos dão como um novo sentido, muito mais perfeito do que a visão natural.

É pelo uso do microscopio que a sciencia tem podido surprehender a natureza no acto da reproducção, alimentação, crescimento, e methamorphozes dos seres organisados; todos estes phenomenos vitaes são mais simples, e por isso mais comprehensiveis nas organisações singelas que o microscopio nos permitte observar, do que nas organisações complexas das plantas e dos animaes mais perfeitos. O microscopio póde originar notaveis illusões, e levar alguns observadores, mais enthusiastas do que reflexivos, a erros graves; porém a perfeição dos modernos instrumentos, as lições da experiencia, assim como a mutua fiscalisação que uns sobre os outros exercem os numerosos observadores, que

hoje se occupam da microscopia, tornam menos provaveis as illusões e menos faceis os erros. Apesar dos trabalhos incessantes de muitos observadores, e não obstante o muito que se conhece ja ácerca d'esses seres vivos, que pululam em miriades n'uma gota de agua, ou de um liquido fermentescivel, no ar que nos circunda, nos tecidos vivos ou mortos das plantas e dos animaes de todas as ordens, e até nos nossos proprios orgãos, muito ha ainda por descobrir pelo emprego do microscopio, e muitos problemas dos mais transcendentes, e entre estes o das *gerações expontaneas*, isto é, da producção de seres organicos, sem predecessores, cujos elementos primordiaes são tirados da materia ambiente, esperam do uso do microscopio a sua solução definitiva.

O emprego do microscopio descobre-nos nos liquidos, que se nos figuram mais puros e transparentes; nas gotas de humidade, que se prendem ás folhas, ou imbebem a terra, ou os corpos organisados; no orvalho; na agua da chuva; no ar das cidades, dos campos, e até mesmo das montanhas; nos tecidos ou nos liquidos das plantas e animaes vivos ou mortos e já em decomposição; descobre-nos emfim em toda a parte seres organisados, mais ou menos complexos, que se podem, em geral, grupar, uns entre os vegetaes, outros entre os animaes; dando comtudo muitos origem a duvidas sobre a posição natural que lhes pertence n'um ou n'outro dos dois reinos organicos, já pela sua organisação, já pelos phenomenos vitaes que manifestam. É do estado em que se acha o estudo do mundo microscopico, e dos graves problemas que mais proximamente se ligam com esse estudo, que desejamos dar hoje breve noticia aos nossos leitores.

Para estabelecer uma distincção clara e positiva entre os dois reinos, o vegetal e o animal, que possa applicar-se ás organisações singelissimas de que o microscopio nos revela a organisação e modo de ser, não tem a sciencia nenhum principio absolutamente rigoroso; e por isso muitos d'esses organismos tem sido reclamados, já pelos botanicos, já pelos zoologos; querendo uns consideral-os vegetaes em virtude da sua constituição, outros animaes em consequencia dos movimentos que executam; procurando os primeiros demonstrar, pela analogia no modo de crescimento, que elles devem incluir-se nas plantas, outros querendo tirar de algumas particularidades de organisação argumento para os classificar animaes; sendo comtudo para notar que, n'esta lucta curiosa e instructiva, a botanica tem alargado os seus dominios á custa da zoologia. De todos os limites, que se podem traçar entre as plantas e os animaes n'estes confins extremos da organisação, o que parece mais racional, por mais de accordo com os factos geraes da vida nas duas grandes divisões do mundo

organico, é o que se funda no modo de alimentação: considerando-se plantas os seres organisados dotados da faculdade de tirar a sua alimentação, por meio de orgãos externos, das substancias inorganicas; e animaes os que se alimentam de substancias organicas, recebidas e modificadas na parte interna do seu corpo. Aceitando este limite, como o mais natural, vemos que nos seres classificados entre os vegetaes se encontram organisações geralmente simples, ainda que algumas por extremo curiosas, principalmente em relação aos modos de se reproduzirem; e que o elemento fundamental d'essas organisações é comparavel ao dos mais perfeitos e grandiosos vegetaes.

Os mais simples organismos vegetaes são unicamente compostos de uma bolsa ou cellula proximamente esferica, formada de uma substancia mais ou menos mole, semi-fluida ás vezes, e cheia de um liquido, tendo em suspensão numerosissimas granulações coradas, além de um corpo, um pouco maior do que estas granulações, a que se dá o nome de *nucleo*. Por successivas modificações a materia liquida e granulosa que enche a cellula separa-se em duas, e ás vezes em mais porções, que successivamente se vão arredondando, se envolvem n'uma camada gelatinosa e transparente, e formam cellulas distinctas, que se libertam por fim da cellula materna, e vivem por si, dando pelo mesmo processo de subdivisão origem a cellulas novas. É este um simples acto de crescimento, analogo ao dos tecidos que compõem as plantas mais perfeitas; uma germinação, e não uma verdadeira reproducção.

Apesar da sua notavel singeleza, estas plantas rudimentares apresentam phenomenos de geração, comparaveis aos que se observam nas flores das plantas mais complicadas e perfeitas. As nupcias d'estes seres, constituidos por uma cellula unica, reduzem-se á approximação de dois individuos, á união intima, e por fim á fusão de um no outro, formando um corpo globoso, uma semente rudimentar, um *esporo* capaz de reproduzir a planta. São estes esporos destinados a perpetuar as plantas, nos periodos em que as condições meteorologicas, o calôr e a seccura principalmente, interrompem a vegetação normal, o desenvolvimento dos seres por subdivisão.

Em plantas de extrema simplicidade, igualmente constituidas de uma simples cellula, tem os microscopistas observado phenemenos extraordinarios de metamorphose. N'estas plantas, de que póde tomar-se para typo uma que muitas vezes se observa nos depositos de agua de chuva, o *Protococcus pluvialis*, observam-se diversos estados perfeitamente distinctos. Em certas condições a planta apresenta-se como uma simples cellula, contendo um liquido glutinoso, transparente e incolor, em suspensão no qual se observam granulas verdes ou amarellas. N'estas cellulas manifesta-se a multiplicação por

subdivisões do liquido e das granulações n'ella encerradas: depois do phenomeno da subdivisão se haver repetido algumas vezes passa-se na plantinha uma curiosa methamorphose. Em vez de cellulas «estaveis» formam-se uns corpos de fórma variada, compostos pela maior parte do liquido glutinoso que enche as cellulas, apenas revestidos por uma tenue membrana, e ornados n'uma de suas extremidades de dois filamentos tenuissimos, que vibram com grande rapidez, e imprimem a esses corpos movimentos comparaveis aos dos *animalculos*, de que o microscopio nos tem dado a conhecer a organisação e caracteres. Estas cellulas moveis, resultado de uma verdadeira metamorphose das cellulas estaveis, tambem se multiplicam por segmentações successivas; até que, dando-se uma segmentação do liquido plastico que enche as cellulas moveis em muitas divisões, estas, ao que parece, podem originar de novo as cellulas fixas. O calor ou o frio, a humidade ou a seccura influem sobre a natureza das cellulas que, por multiplicação, se formam do *Protococcus pluvialis*. Sob a fórma de cellulas estaveis, contendo granulações vermelhas, esta planta póde seccar totalmente, e conservar-se assim por muitos annos, sem perder a faculdade de reviver e de se reproduzir, quando venha a achar-se em condições para isso opportunas.

Movimentos como os que se observam nas plantas rudimentares, de que acabamos de dar uma breve noticia, encontram-se tambem em outros seres organisados de composição muito mais complicada, mas que, sem duvida, se devem classificar entre os vegetaes. Das plantas mais simples, dotadas de movimentos rapidos e complicados, merecem citar-se as denominadas *Volvocinias*, de que existe uma grande quantidade nas aguas esverdeadas de alguns tanques e lagos em Lisboa. Estas plantas passaram entre os naturalistas, muito tempo, por verdadeiros animaes; comtudo a sua maneira de viver, a sua reproducção, os caracteres chimicos das substancias que as compõem e a analogia manifesta que tem com plantas cellulares dotadas de movimentos, tudo torna hoje incontestavel a opinião de que os *volvox* são vegetaes. Constam estes vegetaes, no seu estado completo, de um sacco esferico, marcado regularmente por pontos verdes, ás vezes unidos entre si por traços tambem verdes, que dão ao exterior da cellula a apparencia de uma rede delicadissima: de cada uma das pontuações verdes nascem dois longos filamentos vibrateis, que se movem simultaneamente e imprimem aos volvox movimentos variados. Dentro do sacco piloso existe um liquido e um numero mais ou menos consideravel de globulos escuros, uns mais pequenos fixados á parede interna do sacco membranoso, e outros maiores e já cobertos de filamentos vibrateis. Quando estes globulos attingem dimenções relativamente consideraveis, a cellula que os contém ras-

ga-se, e elles começam a viver sobre si como seres distinctos. Nas cellulas dos *volvox* observam-se pequenos espaços arredondados, abertos no interior do liquido glutinoso, os quaes apresentam um curioso movimento de contracção e dilatação, comparavel aos movimentos rythmicos do coração.

N'estas plantas, como nas menos complicadas de que fallamos anteriormente, ha, além das cellulas com movimento, outras estacionarias, destinadas tambem para a propagação. Em vez de se formarem corpos arredondados e dotados de motilidade, formam-se dentro de alguns *volvox*, no fim do outono, massas irregulares de substancia gelatinosa, em que ficam engastadas as cellulas verdes. Estes corpos são privados de movimento e destinados á propagação.

N'um estudo feito ultimamente sobre estes curiosos seres organisados, o dr. Hicks teve occasião de observar um facto, que mostra de um modo evidente as estrictas relações, que ligam os reinos vegetal e animal n'estes limites inferiores da organisação. Este observador sagaz descobriu, que algumas vezes as cellulas rudimentares crescem mais do que de ordinario; perdem a côr, tornam-se irregulares na fórma, e adquirem a faculdade de se mover, não por meio de filamentos vibrateis, porque não apparecem n'este caso, mas por uma especie de contractilidade da membrana, que forra exteriormente estes corpos; em tudo comparaveis ao de certos animalculos de organisação singelissima, a que os microscopistas deram o nome de *Amœbæ*. Qual é a funcção d'estes corpos na vida dos *volvox?* É um segredo ainda para os naturalistas.

Além d'estes diversos modos de multiplicação, que devem considerar-se como uma verdadeira *germinação*, tem os *volvox* uma reproducção generativa, segundo o dr. Cohn. Alguns d'estes seres, distinctos entre os outros pelas suas dimensões mais consideraveis e pelo maior numero de cellulas rudimentares, que contém encerram uma cellula alongada e interiormente verde; e outra que se enche de corpusculos compridos e delgados, n'uma das suas extremidades terminados por dois filamentos vibrateis: d'estas duas cellulas, a primeira representa o sexo masculino, e a segunda o femenino. Quando chega a época da maturação rompe-se a cellula maxa, e saem os corpusculos alongados, movendo-se com notavel velocidade, espalhando-se no interior do *Volvox;* alguns adherem á cellula femea, e por fim fundem-se totalmente n'ella. D'este acto de «conjugação» resulta um *globo* reproductivo, um *esporo*. Este phenomeno curiosissimo é uma representação, em miniatura, da fecundação e reproducção de muitas plantas, se não de todas.

Organisações curiosas, tanto quanto diversas das que nós conhecemos, pelo estudo dos seres accessiveis á vista, desajudada de instru-

mentos de amplificação, as *diatomaceas*, sendo verdadeiras plantas, apresentam-se envolvidas n'uma concha, e com movimentos comparaveis aos de alguns animaes inferiores.

As *diatomaceas* são pequenissimos seres organisados, que se encontram em abundancia nas aguas correntes doces e salgadas, entre as pedras nos leitos das torrentes alpinas, nas lagoas e pantanos. É tão rapida a sua multiplicação, e é tal a sua abundancia que, ás vezes, estas plantas tornam menos profundos os portos de mar e innavegaveis os canaes. Depositos enormes de *diatomaceas* se encontram em diversos logares de terra: em Victoria, a 70° de latitude sul, observa-se uma camada de *diatomaceas*, de que a espessura não é conhecida, mas cuja extenção excede 400 milhas de comprimento sobre 120 milhas de largura. Camadas de conchas d'estas singulares plantas se acham em muitas outras regiões; nos terrenos proximos do Mediterraneo avultam alguns d'esses depositos: a cidade de Richmond, na Virginia, está construida sobre um banco de esqueletos silicioso d'estes seres microscopicos.

As *diatomaceas*, que n'estes ultimos annos tem sido objecto dos longos e pacientes estudos dos microscopistas inglezes, são constituidas por uma simples cellula, exteriormente revestida de uma crosta de silica, delicadamente bordado de linhas, de pontuações de malhas, e de florões em relevo, O interior de cada cellula está cheio de materia granulosa, córada mais ou menos de amarello escuro, em suspensão n'um liquido incolôr e viscoso, egual ao que se encontra nas cellulas das outras plantas: ás vezes, no meio da materia granulosa, cuja composição é, com pouca differença, egual á substancia verde dos vegetaes, encontra-se um corpo maior do que essas granulações egualmente córado, e proximamente esferico, a que os microscopistas dão o nome de nucleo. Umas vezes cada individuo vive isolado; outras conservam-se unidas muitas cellulas, formando verdadeiras collonias, mas tendo ainda uma vida propria e independente.

As conchas das *diatomaceas*, as *frustulas*, como lhes chamam os naturalistas, são formadas de duas valvulas simetricas, e exactamente unidas pelos bordos, nas plantas novas. Á medida que crescem as plantas, forma-se, entre as duas valvulas da concha, um como anel silicioso, que a ellas se interpõe; a *diatomacea* muda de fórma, a cavidade interna cresce, e por fim ha um desdobramento da planta em duas perfeitamente distinctas e independentes; cada um dos novos seres leva comsigo metade do liquido viscoso e da materia granulosa, que enchia a planta primitiva, sendo formada a concha de metade da *frustula* d'esta planta, e de uma valvula que se desenvolve no acto da multiplicação. Além da multiplicação por subdivisão, reproduzem-se as *diatomaceas* por *conjugação;* approximando-se duas

d'estas plantas pelas roturas das valvulas, trocando entre si a materia córada e o liquido viscoso que as enche, e resultando d'essa coalescencia, uma ou duas sementes rudimentares, um ou dois esporos.

Alguns esporos d'este curioso grupo vivem fixados, por um pediculo flexivel, aos corpos que fluctuam ou se acham fixos no fundo das aguas; outros, livres, manifestam movimentos espontaneos, a maior parte das vezes bruscos e intermitentes. Estes movimentos observam-se bem nas *diatomaceas* ponteagudas, que pertencem ao grupo das *Naviculas*, e de que se acham numerosos exemplares nos lagos dos jardins de Lisboa.

Entre as fórmas inferiores de organisação, que devem considerar-se como pertencendo ao reino vegetal, são notaveis, pelo modo rapido do seu desenvolvimento, pela uniformidade dos seus orgãos de nutrição, pela variedade e grandeza relativa que n'elles tem os orgãos de reproducção, e pelas circunstancias em que vivem, os *fungos*, ou cogumellos. É sobre materias organicas em decomposição, é nos liquidos em fermentação, ou nos tecidos dos seres vivos em particular estado de alteração, que essas organisações inferiores, e ephemeras, apparecem e se desenvolvem mais ou menos completamente. Todos sabem com que rapidez os bolores cobrem as substancias organicas, e tem notado a variedade de côres com que ás vezes elles matizam, quasi instantaneamente essas substancias. Os bolores são as fórmas mais simples, as fórmas microscopicas dos *fungos*. Onde uma cellula se decompõe, onde um liquido organico se altera, apparece um bolor: a vida, na sua fórma mais singela, vem apoderar-se immediatamente dos compostos organicos, que a morte poz em liberdade. Em quanto os outros grupos vegetaes gozam da propriedade de se nutrirem (mais ou menos completamente de substancias inorganicas), os cogumellos só vivem de substancias organicas; mostrando assim notavel analogia com os animaes, a que, em outros caracteres, sobre tudo de composição chimica, notavelmente se assemelham.

Os bolores são constituidos de fios cellulosos de uma extrema tenuidade, cheios de liquido incolor; estes fios apresentam-se umas vezes nadando em liquidos e como formando flocos de materia gelatinosa, outras sobre substancias solidas, mais ou menos humidas, com a apparencia de tenues fibras de lã ou de algodão. O conjuncto d'estes tecidos, simples e uniformes, constitue o denominado *micelio*, e é a porção do fungo destinada para a funcção alimentar. Sobre o micelio dos bolores dissolvem-se muitas vezes diversos corpos cellulosos, destinados para a reproducção; umas vezes são saccos cheios de numerosissimos esporos, que representam, em relação a estas plantas rudimentares, o mesmo que as sementes nas plantas superiores: outras

vezes os orgãos de reproducção são cellulas isoladas, ou unidas umas ás outras como as contas de um rozario, as quaes, separando-se, vão reproduzir a planta. Ás vezes não ha distincção alguma entre as cellulas destinadas á alimentação, e as destinadas á reproducção; cada pequeno sacco transparente e cheio de liquido, a que chamamos cellula, exerce simultaneamente as duas funcções. A faculdade de reproducção n'estas plantas é, por assim dizer, infinita: não só porque cada cellula reproduz os bolores, como por gemação, senão tambem porque o numero de esporos, que um só individuo póde produzir, é realmente prodigioso. N'um só individuo de uma especie muito simples de cogumello mostra-se mais de dez milhões de esporos, e tão tenues que o ar os póde transportar a toda a parte, onde podem chegar os mais imperceptiveis grãos de pó.

Dando noticia d'estas singulares organisações, que todos conhecem, mas cuja formação, e, sobre tudo, o modo de reproducção, é ainda em grande parte um mysterio, mesmo para os naturalistas, não devemos deixar no esquecimento a extrordinaria transformação de um bolor n'um animal rudimentar, que observou e descreveu o dr. de Bary. Collocando na agua os esporos de um bolor, que, com frequencia, se desenvolve nas cascas de carvalho, que serviram para cortir substancias animaes, o dr. de Bary observou, que a membrana exterior se rompe, saindo para a agua os seus contentos em fôrma de cellulas, apenas formadas por uma membrana tenuissima: depois, cada uma d'estas cellulas adquire dois filamentos vibrateis, e se agita velozmente no liquido, até que, ao cabo de alguns dias, perde esses filamentos, augmenta consideravelmente de volume, apresenta prolongamentos irregulares em alguns pontos da sua superficie, e executa movimentos lentos, em tudo iguaes aos que se notam nos animalculos denominados *Amœbæ*, com quem estas singulares organisações em tudo se parecem: no interior d'estes *animalculos*, segundo o dr. de Bary, observam-se particulas organicas, taes como cellulas de algas, esporos de fungos, etc., que parecem destinadas para a alimentação.

Apesar da sua simplicidade e diminutas dimensões, os bolores exercem uma grande influencia na vida do homem. As fermentações uteis ou funestas são o resultado do desenvolvimento de um fungo especial: muitas doenças, que perseguem os animaes e os proprios homens, são o resultado de parasitas pertencentes a este grupo; os terriveis flagellos, que, n'estes ultimos annos, tem atacado muitas especies de vegetaes uteis, resultam da acção destruidora de fungos rudimentares.

O fermento da cerveja é quasi totalmente constituido de cellulas isoladas e redondas. Quando o fermento é collocado n'um liquido

fermentessivel, cada cellula emitte uma ou duas projecções, que rapidamente chegam ao estado de cellulas perfeitas; e assim se vão formando fios de cellulas similhantes a rosarios, em quanto dura a fermentação. Quando esta acaba, as cellulas desarticulam-se geralmente umas das outras, conservando a faculdade de reproduzir-se, quando postas em condições apropriadas. Á formação das cellulas novas, a este acto de vitalidade, é devida a decomposição das substancias organicas fermentessiveis, e a creação dos novos compostos, que são o resultado da fermentação. A transformação do alcool em vinagre, a fermentação que produz este resultado, é devida a um bolor constituido por cellulas curtas e deprimidas, que se dispõem em longos rosarios, e cuja organisação é feita á custa das substancias que ficam livres, no acto da transformação que dá em resultado o vinagre: para produzir vinagre o melhor methodo é *semear* o pequeno cogumello, tirando-o de um liquido que esteja em fermentação: o emprego de vasilhas, em que já se fez vinagre, é muito conveniente para facilitar a fabricação d'este util acido. É ainda esta planta que faz azedar os vinhos; e é separando o vinho, ainda não muito alterado, do fermento, que se póde impedir a sua total transformação, quando se manifestam phenomenos de acidificação. O amargor, alteração frequente em alguns vinhos, é devido a uma especie de fermentação causada por uma determinada especie de bolor, caracterisado por filamentos augulosos e como cheios de nós. Outras alterações dos liquidos alcoolicos são devidas igualmente á acção poderosa de determinadas especies de plantas cellulares, no acto de formação, sobre a composição chimica dos liquidos em que se desenvolvem. Os importantes estudos, de que o sr. Pasteur deu noticia á Academia das Sciencias de Pariz em janeiro d'este anno, lançam uma viva luz sobre os phenomenos de fermentação dos vinhos, e devem ser de grande utilidade industrial, logo que se tornem geralmente conhecidos.

Graves doenças de estomago, dos pulmões e da pele dos animaes, e mesmo do homem, são devidas a bolores parasitas. A *sarcina ventriculi*, que se desenvolve ás vezes em quantidades prodigiosas no estomago do homem, é origem de graves simptomas pathologicos. Ha tempo tivemos occasião de observar um curioso bolor, que se havia desenvolvido no pulmão de uma mulher, e fôra achado pelo nosso amigo e habil microscopista o sr. May Figueira. Na thizica, segundo as abservações do sr. Hall, apparecem organisações vegetaes rudimentares. Algumas doenças da boca, dos bolbos dos cabellos, e da pele, são evidentemente o resultado do desenvolvimento de parasitas vegetaes. Uma das doenças, que tem produzido maiores estragos nos bichos de seda, é causada por um bolor, cujo micelio se

desenvolve dentro dos tecidos do animal, saindo para o exterior as hastes cellulares, sobre as quaes se desenvolvem os orgãos da reproducção.

Nos vegetaes de superior organisação tambem ás vezes se desenvolvem, como parasitas, bolores de diversas especies. A doença das batatas é devida a um fungo parasita: a doença das vinhas, como todos sabem hoje, é devida a outra parasita da mesma natureza. As variadas doenças dos cereaes são, quasi todas, devidas a fungos parasitas, ou pelo menos invariavelmente acompanhados por elles.

Estas rapidas indicações bastam, para se avaliar a consideravel importancia dos vegetaes microscopicos, e a luz que o seu estudo minucioso e profundo póde vir a lançar sobre muitos phenomenos, que são ainda hoje mysterios, que a sciencia não poude penetrar.

Esta breve descripção de algumas das fórmas mais simples, e ao mesmo tempo mais excepcionaes, das plantas microscopicas, que vivem nas aguas e logares humidos, que se desenvolvem sobre os seres organisados vivos ou mortos, que se propagam por toda a parte com rapidez pasmosa, e levam a vida e o *movimento* a todos os logares da terra, onde ainda que seja por curtos periodos, se encontram as condições proprias para a manifestação da vida; esta curta noticia das vegetações rudimentares é talvez insuficiente para se fazer idéa da riqueza de fórmas, variedade de phenomenos vitaes, e prodigiosa propagação, que se observam n'esses limites inferiores da organisação vegetal; bastará ella comtudo, segundo suppomos, para se avaliar o interesse que merecem os trabalhos dos microscopistas, não só em relação ao estudo da natureza, senão tambem em relação á industria e á saude dos homens.

Na *chronica* immediata daremos noticia de algumas das organisações rudimentares, que devem ser classificadas como animaes.

J. D'ANDRADE CORVO.

CHRONICA DO MEZ

historia do homem Charles é uma serie de vicissitudes. Não supponham que por fazer officio de deitar gente ao chão, este ente extraordinario deva ser considerado pela posteridade como um volume de victorias e conquistas! Longe d'isso. Tem-lhe acontecido peor do que cair: — tem estado sem se poder levantar! Como todos os que teem a questionavel ventura de sairem do nivel, este pobre triumphador não tem precisado apenas fazer-se perdoar suas derrotas, mas tambem, e principalmente talvez, as suas victorias. Ralha-se com frequencia da animosidade que reina entre os homens de lettras, e da inveja que os predomina; toda a gente é a mesma, e o publico, em questão de inveja, é um litterato em ponto grande; esse mesmo Charles, esse luctador de praça do Salitre, esse desgraçado que vive de levar encontrões, de lhe rasgarem a carne com as unhas, de lhe atirarem das trincheiras com patacos e batatas, esse mesmo Charles no dia em que o deitarem a terra terá muito menos inimisades, do que em quanto derrubar os outros.

Quando elle appareceu em Lisboa da primeira vez, em 1855, nem a burguezia nem o povo formavam idéa do que vinha este pimpão aqui fazer. Uns tinham-o por jogador de murro de primeira força, *boxeur* experimentado nas barbaras pugnas de socco com que a Inglaterra se recreia e nas quaes tantos *lords* e tantos negociantes empenham enormes apostas por um ou ontro dos contendores, satisfeitissimos da festa em o troar do murro se fazendo ouvir a um quarto de legua de distancia.

Outros diziam simplesmente:

— É um impostor!

Ou:

— É um brigão de feira!

Ou mesmo:

— É um assassino!

Alguns inimigos da união iberica, questão que n'esse tempo andava a ferver, tiveram uma lembrança boa e disseram:

— É um hespanhol!

Á excepção de toda a gente que foi vêl-o ao Salitre, porque essa ao avistal-o anafado, enorme, momentoso, gigantesco, impossivel, disse:

— É um elephante!

Tambem é justo confessar que o dono da praça antes de o vêr despido, e simplesmente ao fazer o contracto com este *rei dos luctadores*, recolhera o seu espirito, por instantes, para melhor ponderar entre si qual o conceito que lhe cumpria formar d'esse ente volumoso e caçapo, e concluira dizendo:

— É talvez um hippopotamo!

Além d'isto tudo, parecia tambem, deve declarar-se para não nos accusarem de omittirmos a minima circunstancia, — parecia tambem, pelo menos aos seus amigos, affeiçoados, sympathicos, a todos emfim que o viam com bons olhos:

— Uma velha gorda, no entrudo, vestida de homem!

No emtanto, affixaram-se cartazes, appareceu o heroe pintado n'uma estampa commemorativa de seu provavel triumpho, representando-o apanhando *á mão*, por não dizer *á unha*, um membrudo latagão, que a natureza confeccionára talvez menos vantajosamente do que o desenhista. Abriram-se as portas, ao chegar do grande dia, a xaranga advertiu os habitantes da capital de que era essa emfim a tarde por excellencia, os contractadores de bilhetes pejaram as ruas do bairro apregoando-os a libra, e diversos soldados de cavalleria municipal estacionaram defronte do circo para darem ares de perigo a uma lucta aliás mui amigavel.

Então, o publico em presença de tanto arruido lembrou-se de ir á funcção, e o povo considerando tanto soldado lembrou-se de fazer desordem.

Porque, diga-se aqui de passagem, o nosso povo, que nem embirra com os ministros nem com os recebedores de decima, emprega toda a sua bilis nas auctoridades policiaes. Nas toiradas, moteja do administrador, apupa o intelligente, grita contra qualquer determinação da presidencia, e delicia-se em estar do lado do que infringe a lei. Na rua, se um soldado prende um larapio, tenta logo

proteger o larapio contra o soldado. Na egreja, pelas festividades da semana santa, se alguem pratica um atrevimento ou um indecoro e o cabo de policia deita a mão ao que commetteu actos indignos, todos clamam a uma voz «Larga o homem!» apesar de se queixarem muito da falta de policia na nossa terra, se um bregeiro no dia seguinte lhes fizer o mesmo a alguem da familia!

Por isso, o povinho vendo muitos soldados na rua e muitos soldados no circo, entendeu que a melhor maneira de embirrar com elles era embirrar primeiro com o luctador; e então, ainda o homem não apparecera e já tudo era vozearia contra o estrangeiro que vinha aqui *desafiar a nação e desfeitear os portuguezes* (*sic*)!

Finda a festa, o rapasio, irritado de que o heroe não houvesse sido derrubado na arena, propoz-se a derrubal-o na rua; intervindo a força armada, o povo, na sua ira contra o poder, juntou-se aos gaiatos; a multidão assumiu o seu ar feroz de turba bruta; fallou-se em vingança, gritou-se morte, luziram navalhas; o commandante Bravo, aquelle excellente homem que já descança em paz, fez um discurso á sedição; elles diziam n'essa noite: «se não fosse o Bravo *fallar uma falla á rapasiada*, haviamos de ver se as tripas do pimpão são mais grossas que as dos mais!» O Charles atravessou tudo isto com a serenidade sublime dos saltimbancos, que nenhuma extravagancia da multidão surprehende, e, duas horas depois da quasi matança do Salitre e do Rocio, achava-se no Café Suisso tomando alguns barris de cerveja distribuida em garrafas para maior regularidade, e, heroe de um dia, desappareceu logo dos cartazes, dos jornaes, e das conversações, sumindo-se de Lisboa, e apagando-se até na lembrança dos lisbonenses.

Decorreram oito annos sem mais ninguem fallar d'elle entre nós, e sem eu ter encontrado uma só vez o seu nome nas folhas estrangeiras ou na memoria dos viajantes. Ha quatro mezes chegando eu de Paris, vi o annuncio de uma mulher com barbas, e fui ver as barbas da mulher.

Era, bem se lembram, perto do palacio da baroneza da Regalleira, n'uma loja mais illuminada por fóra que por dentro, dividida por um balcão, com logares para duas classes. O meu bilhete auctorisava-me a passar o Rubicon, não digo bem, a passar o balcão: achei-me ao lado da mulher barbada e de um homem vermelho e gordo, conservando na mão um velho chapéu de palha com ar mais triste que reverente, e explicando em perfido portuguez as prendas rarissimas da dama que se mostrava.

Nem a cabeça larga e loira, nem o amplo cachaço, nem o olhar vago e azulado d'aquelle homem me eram estranhos. Havia-o visto já fosse onde fosse, e tinha o sentimento de que, por qualquer mo-

tivo, eu havia notado esse homem com attenção quando da primeira vez o vira.

Mas, ao tempo d'estas reflexões, estava elle dizendo a sua ladainha de pregoeiro de barraca, e procurei convencer-me de que não podia haver-me impressionado em época alguma esse desgraçado que nem sequer era companheiro de uma artista, mas de um monstro!

De repente, não sei como, acudiu-me á idéa o luctador Charles, e tentei explicar a sua semelhança pela circunstancia de serem talvez irmãos. Aproveitei um momento em que a mulher se mostrava a uma familia que chegára depois de mim, e depois de fallar ao homem vermelho da famosa Marie Barbe, que eu havia visto dois annos antes em Paris no Café de la Terrasse, perguntei-lhe mui naturalmente se elle conhecia um tal Charles luctador.

— Um americano? retorquiu elle.

— Não sei se o é; um luctador de circo, que se parece immenso comsigo!

— Ah! Eu conheci um Charles, luctador, e será talvez esse. Elle esteve em Lisboa?

— Esteve.

— Ha muito tempo?

— Ha oito annos.

Houve uma pausa, durante a qual elle pareceu ir-se atraz de uma idéa. Depois:

— É francez, o senhor? perguntou-me elle.

— Sou portuguez.

— Os portuguezes fallam as linguas com uma facilidade que me surprehendeu sempre!

— É todavia a primeira vez que vem a Lisboa?

— Não, disse elle com um singular sorriso; passei aqui ha annos, mas demorei-me apenas alguns dias.

Houve uma nova pausa, durante a qual olhei de novo para a mulher barbada. Um instante depois, o homem vermelho perguntava-me com um ar de indifferença:

— Esse Charles luctou em Lisboa?

— Luctou, sim.

— E... que tal?

— Bem. Era um homem forte e agil, que entendia da sua arte.

Houve uma pequena pausa outra vez, durante a qual elle me mediu todo com o olhar; depois, parecendo ter-se esquecido do que eu lhe dissera já, perguntou-me de novo:

— O senhor é francez?

— Portuguez, homem! Já lhe disse uma vez.

Elle callou-se. Ainda ali me demorei instantes, mas não conversá-

mos mais. Quando me levantei dei-lhe as boas noites, e saí. Elle respondeu-me com ar distrahido:

— Boa noite!

Em seguida, quando eu chegava á mesa do que vendia á porta os bilhetes, ouvi uma voz dizer-me «Perdôe!» e senti um braço encaminhar-me para um recanto; era o homem gordo, o homem vermelho, que, estendendo-me a mão e apertando a minha, me disse em voz baixa, n'um tom mysterioso e dramatico:

— *C'est moi!...*

Tão surprehendido de o encontrar ali como do disfarce que elle soubera conservar comigo, balbuciei apenas:

— E porque motivo...? interrogando-o ainda mais com o olhar do que com a palavra.

— Porque motivo me encontra aqui?! Perguntêmol-o á desgraça. Pobre, roubado, arruinado, perdido, achei-me, no fim de revezes de toda a especie, reduzido a ganhar o pão por este rumo. Nem conheço esta mulher que acompanho, nem entendo a lingua em que faço as explicações a respeito d'ella. Lembrei-me de fallar portuguez, como me lembraria de fallar turco se fosse necessario; a extremidade da desesperação tem d'estes expedientes. Esta gente que ahi vem para os segundos logares, encostar-se ao balcão e puchar pelos cabellos d'esta pobre creatura condemnada pela natureza a mostrar-se por dinheiro para poder viver, foi a mesma que ha oito annos me apupou. Olham para mim sem me reconhecerem, e escutam a minha prelenga com um sangue-frio que eu lhes não suppunha!

— E agora? E depois? E d'aqui em diante? perguntei-lhe eu.

Elle pareceu scismar por um momento, depois retorquiu n'um tom de esperança, em que pareciam sentir-se os impetos de um moribundo:

— Se eu conseguir luctar!

— Luctar! No Circo! No Salitre outra vez?! Diante d'este mesmo publico, acordando os odios adormecidos ha oito annos!

N'este momento principiava nova sessão da mulher barbada, e Charles, reclamado pelo seu posto de commentador official do phenomeno, disse-me precipitadamente:

— Adeus! Ha dez pessoas na *sala*, vou fazer o discurso!

Quando eu saía, ouvi-lhe a voz rouca e vellada, rompendo o monologo no sacrilego portuguez a que elle proprio alludira:

— *Messiôres e damas, ei la honôr de presentar devante vus...*

Tres mezes depois, n'um domingo de agosto ultimo, enchia-se a praça do Salitre, reapparecia o antigo apparato de cavalleria e infanteria, e vendiam-se na rua os bilhetes de camarote com augmento de preço: — Charles luctava.

Dias antes, um jornal de Lisboa, annunciando a lucta, gracejara com o luctador; Charles, na intenção provavelmente de fazer ruido com o seu nome, aproveitou a occasião e dirigiu a essa folha uma carta grosseira e estupida: os chronistas passaram senha e castigaram-o, guerreando-o sem tregoa. Por pouco que o povo leia jornaes, lá lhe chega de alguma maneira o opinião d'elles a agitar-lhe o espirito, e as gazetas irritaram a multidão contra a festa e contra o festeiro.

Quando o luctador saiu da sua barraca, duas lonas armadas em dois paus a um canto da praça, houve um d'esses rumores surdos em que se sente rugir o prologo das revoluções; o Charles expunha o seu sorriso mais affectuoso, e saudava para um e outro lado com os modos ternissimos de quem estivesse encantado de nos ver. Ai d'elle! Da primeira vez que estivera em Lisboa, apparecêra n'aquella mesma praça embuçado n'uma ampla capa branca, que lançára por terra quando no meio do circo e depois das cortezias estendêra a mão ao primeiro contendor; e agora! saia da barraca já nú da cintura para cima! A ausencia da capa branca, era a ultima revelação d'aquella miseria de saltimbanco. Que de coisas não haveria elle vendido, antes de decidir-se a abandonar ao barbante atroz de algum adello aquella capa, que era a sua elegancia das tardes de perigo e de lucta! *Poor Iorick!* Pobre capa branca!

Tem-se dito que os contendores de Charles recebem sempre antes de irem para a praça uma somma sufficiente para os animar... a çairem. Ha n'isto uma porção de absurdo, porque, se os contendores são homens para o vencerem, devem aspirar ao premio da receita inteira, e, se não o são, que lucro tira Charles de os fazer cair... á sua custa!?

Charles não é o rei nem o vassallo dos lutadores, é um lutador entre os muitos que ha, sem gosar todavia da celebridade do Arpin, o *terrible savoyard*, ou do famoso Marselha, heroe da sua cidade natal, que lhe deu o nome e o encheu de favores. Não lhe queirâmos todavia mal por se inculcar tanto; têem-lhe feito tal guerra entre nós que é justo que elle se ajude um pouco a si proprio!

Os contendores quando se approximam d'elle na arena parecem estremecer ainda mais de pasmo que de terror: elle é formidoloso; enormes braços solidamente ligados aos hombros montanhosos, torso de Hercules e meio, e pernas de elephante! Os outros parecem sempre magrinhos, debeis, nervosos e fluctuantes, em comparação d'elle!

Os gladiadores e o Hercules-Farneseo trocam um aperto de mão e trava-se o combate. Charles estreita-os entre os formidandos braços, e, quando elles tentam agarral-o, as gordas carnes escorregam-lhes nas mãos como uma heroz hidropica, e, precipitando-se um sobre o ou-

tro, attacam-se, agarram-se, abaixam-se, torcem-se, erguem-se, brilha-lhes no corpo o suor em gottas, todos os corações palpitam de anciedade, a vosearia espalha-se como para impellir a victoria para o portuguez, e, de repente, um grito rancoroso eccôa na assembléa se o nosso compatriota cae vencido, ou um viva de jubilo, se elle consegue ao menos arrastar Charles e rebolarem ambos no pó!

Tudo isto é acompanhado a gritos, apupos, *hourras*, berros, alaridos, estridores, e celeumas;—peor um pouco, tudo isto é acompanhado a batatas, tabuas, pedras e facas atiradas á praça; Charles ao retirar-se faz das mãos um leque e defende a cabeça; o publico tem a habilidade de tornar medonha uma festa nem hedionda, nem perigosa, que os parisienses applaudem na sala Montesquieu, arena elegante dos lutadores. Mas a gente de Lisboa, que acha rasoavel que a auctoridade consinta o pendurar-se uma libra ao pescoço de um toiro e irem os desgraçados arremessar-se-lhe aos paus com o engodo de a tirarem, revolta-se com o espectaculo de um homem lutar com outro homem em vez de lutar com um boi! *E sempre bene!...*

O outro assumpto do mez é o prestigiador Velle, que fez fortuna pelo processo contrario ao que perdeu Charles: Charles foi grosseiro com um jornal, Velle foi amabillissimo com todos; chegou, mandou o seu retrato a cada jornalista, convidou-os a uma soirée, poz-se a fazer cortesias e habilidades, e sahiram todos d'alli encantados com elle, indo logo apregoal-o na imprensa. Assim nasceu Velle de um chá e de uma noticia diversa!

D'ahi em diante tudo é mysterio e caso magico: Velle dá bailes de feiticeiros, em que elle polka em figura de bode, compra ás parteiras creanças recemnascidas para fazer unguentos prodigiosos, deita no lenço essencia de mandragora para o diabo lhe ser propicio, preserva de incendio a casa onde passa a noite, assigna pactos com o sangue do dedo minimo da mão esquerda, tem figuras pintadas na parede da alcova que entram a dançar em elle se deitando, compõe perfumes de corações de meninas, e tem por talisman infallivel o pôr no cabello pomada de figado de donzella!

Ha quem affirme que elle tem o poder de resuscitar os mortos, e que de vez em quando para se distrahir tem um *rendez-vous* com Cleopatra, com Aspasia, e até com Lucrecia, de virtuosa memoria, apesar de se haver suicidado.... depois!

Dizem que consegue evocar as bellezas mais famosas em todo o explendor de seus encantos, e que uma das noites da semana passada fez conhecer Helena a alguns amigos, Helena com os seus grandes olhos negros, cabello loiro e faces rosadas.

Tudo são maravilhas, tudo são casos estupendos e sublimes. Até

se affirma que possue, como Agrippa, a astucia de pagar aos credores com lascas de chifre, que parecem de prata e oiro ao sahirem de sua bolsa, e voltam no fim de instantes á sua verdadeira fórma! mas eu não acredito; porque o diabo deve dar-lhe dinheiro sufficiente para que elle não tenha de recorrer a taes expedientes!

Tem-se dito tambem que é rival de Hermann, e já se disse mesmo que o vencêra. Peço licença para não ser d'essa opinião, e inclinar-me até a considerar o sr. Velle, prestigiador aliás de habilidade, muito inferior áquelle elegantissimo semi-demonio que deixou em Portugal tantas lembranças da sua bruxaria e da sua caridade. Nem o ajuda a sua voz ingrata, nem o ar affeminado do seu todo, nem a semceremonia.... hungara com que escorcha o francez; como trabalho, Hermann dispunha inquestionavelmente de mais recursos: era mais paradoxal, mais inverosimil, mais absurdo, mais impossivel em tudo que fazia; depois, era elegante, satanico, mephisthophelico: o sr. Velle é um bom moço, Herman era um bom diabo!...

JULIO CESAR MACHADO.

CHRONICA BIBLIOGRAPHICA

distincto escriptor e gracioso folhetinista Pinheiro Chagas, já declarou uma vez que aceitára a missão de critico litterario na *Gazeta de Portugal*, fiado unicamente na fertilidade assombrosa de Camillo Castello Branco. Era a esperança que lhe restava e o auxiliar com que contava. Logo no fim de dois mezes tinha provado o que dissera, analisando dois novos volumes do festejado romancista. A justeza da consideração apresentada pelo meu bom collega, ninguem melhor do que eu a reconhecia, pois durante quatro annos foi Camillo Castello Branco o melhor sustentaculo das chronicas litterarias d'este jornal. E agora que vou novamente proseguir na minha tarefa, interrompida por dois mezes de ausencia, que foram para mim dois mezes de gratas recordações, tornando-me tão apegado e reconhecido a uma terra, aonde fui pela primeira vez, como o sou á terra do meu berço, encontro logo em cima da mesa do trabalho tres livros de Camillo Castello Branco: o *Amor de salvação*, a *Filha do Doutor Negro*, e *No Bom Jesus do Monte*. Li immediatamente todos, e reli o primeiro. Apezar das innumeraveis bellezas que matizam os ultimos, ha n'aquelle tanto coração, tanto sentimento, tão pungentes e energicas divagações, tão fundas lagrimas! O amor doira todo o quadro, e doira-o de luz tão suave que a alma se não cança de contemplal-o. Vê-se, que taes paginas foram escriptas sob uma impressão legitima e que desespero e crença as segredára. É a historia de uma paixão, com todas as suas dôres, com todas as suas loucuras, com todos os seus arrebatamentos, com todas as suas provações, com todos os seus enleios, e com todas as suas inconsequencias. Assumpto este em que prima sempre Camillo Castello Branco, e em que consegue fallar muitas vezes sem nunca se repetir.

A *Filha do Doutor Negro*, é um romance mais pensado, mais logico na acção, mais perfeito no desenho dos caracteres. Tem dialogos admiraveis e até profundos. O resultado, pois, é que este captiva emquanto que o outro enthusiasma.

No Bom Jesus do Monte, é uma serie de impressões colhidas nas differentes epochas, em que o auctor ali foi. É um livro, segundo elle mesmo diz, que tem muito com arvoredos, e que foi feito a pedaços, ou a pedaços o coração o foi encadernando nas florestas do Bom Jesus do Monte. Em todos aquelles breves e singelos contos ha um perfume de tristeza e de melancolia que deixa adivinhar o logar em que foram traçados. Ainda assim a narração que mais me impressionou, porque já lh'a tinha ouvido contar ha dois annos, é a que traz a data de 1854. — Que triste drama intimo!

É finalmente um livro tão cheio de poesia como o logar que lhe deu o titulo.

Ao lado d'estas obras de Camillo Castello Branco encontrei tambem um romance de Arnaldo Gama, intitulado o *Segredo do Abbade*. Passa-se no tempo da invasão franceza. É, pois, uma novella entrelaçada de factos historicos. Na investigação e averiguação d'estes, ha verdadeira consciencia; no movimento e acção d'aquella, ha interesse e situações dramaticas de bom effeito. A maioria dos typos tem bom desenho e muito relevo. Só acho exagerado o vulto de *Frei Lopo de Baião*, que é um legitimo descendente da escóla ultra-romantica. Este pequeno defeito, se defeito é, está compensado por innumeraveis bellezas que revelam o talento do auctor e que justificam a merecida reputação que já outros romances lhe conquistaram.

Tenho ainda um volume de poesias a mencionar. Firma-o o nome do sr. Antonio Pinheiro Caldas, distincto poeta portuense. Para attestar o merito do livro basta-me citar os seguintes periodos de um juizo critico de Camillo Castello Branco:

«Aos de fóra é necessario dizer que o sr. Caldas não é bacharel, nem socio da academia real, nem orador de parlamentos industriaes, nem cerzidor de artigos de fundo, nem garrulo impertinente das palestras de botequim. O sr. Caldas é negociante, vende e compra pannos, não subsiste de outro manancial, nem se afflige quando se vê forçado a hospedar as musas no seu estabelecimento, com tanto que o tracto das musas o não cobiba de responder á prosa dos freguezes.

Verdadeiro poeta é, pois, o sr. Caldas. Para lhe ser devido este titulo não seria preciso que o espirito, a graça, o sentimento, a correcção, e a imitação do bello poriassem tanto em formar e colorir as suas poesias. O genio, desajudado das alfaias do estudo, veste-lhe o pensamento de galas, torneia-lhe a dicção com tal donaire, que nem eu sei como o coração póde tanto, ou os artificios de tão pouco servem, quando o homem sente nascer em si de subito o poeta.

O livro que acabo de ler é justamente a evidencia de uma linha

que o auctor escreveu no prologo: «Não prostituí a lyra. De certo que não.»

Tudo o que eu acrescentasse seria ocioso em frente d'esta apreciação.

Cabe aqui publicar uma poesia que me enviaram anonymamente. Quem é o auctor, não sei; mas que é poeta e bom poeta, isso vou jural-o, e depois de a ler tambem o leitor jurará o mesmo commigo. Eil-a:

ESPERANÇA

A M.me J. A. P.

D'anil no oceano ethereo, nau da luz,
navega deslumbrante o sol em fôgo.
D'oiro e arminho é a espuma que produz
o sulco abrasador, que a apaga logo.

Ave não ha no céo, na selva arqueja.
Peixe não surde, immerge no mar fundo.
Tudo o que vive ou sente arde na inveja
das aguas, n'este incendio sobre o mundo.

De paixão e saudade trabalhado,
embrenho-me na sombra d'uma gruta
onde venho pascer o meu cuidado,
da descrença e da fé na eterna luta.

Do rochedo filtrada, a gotta fria,
doce frescura e paz ali derrama;
d'agua a cadencia —triste melodia—
orvalha a languidez do amor na chamma.

Adormeci. Na delicia
innebriante
de terno e languido sonho,
o peito amante
se dilatava de gôso
tão innefavel
á doce e pura caricia
tão amavel
de teus olhos e sorriso...
que, extincto o zelo medonho,
o paraizo
se me abria luminoso.

E, de feito, se abrira o céo clemente
á minha alma. Desperto... e o que eu vejo?!
Fascinador emblema da potente
seducção... Eras tu, que em sonhos beijo.

Oh! que acordar feliz, meu anjo amado!
Que jubilo, que arrobo voluptuoso!

Que bem, que refrigerio! Um tal estado
d'alegria desmaia, e é perigoso.

Que bella e meiga estavas, ó querida
d'este peito em que imperas soberana!
De teus olhos pendia a minha vida,
d'esse olhar que a rasão me torna insana.

Esplendida e gentil, fresca e donosa,
opulenta de graças e riqueza
de mocidade, qual a casta rosa,
exhalavas perfume de pureza.

E de mim te acercaste, que sonhava
ainda, sem fallar, nem crer que via
o meu idolo caro, que ali estava,
e que eu sequer tocar nem me atrevia.

Da tua voz e gesto irresistiveis,
a sublime expressão coou-me n'alma.
«Insensato» — disseste — » que indisiveis
«ciumes te laceram? Pensa, acalma

«esse espirito inquieto. Eu sou senhora
«de ti, mando e ordeno que te abrigues
«do meu carinho á sombra protectora,
«e a fragoa de anciedade assim mitigues.

«Que mais queres de mim? Amo-te, e creio.
«Na vida tormentosa sou-te espr'ança...
«acceitar o teu culto não receio...
«Que mais queres de mim? Dúvida cança.

«Ajoelha a meus pés, tem fé, conhece
«o que me deves, cego, de ventura.
«Que a tua gratidão nobre confesse
«não poder ir além affeição pura.»

E á minha bocca levaste
a tua mão peregrina,
á minha bocca sequiosa
que a beijou... benção divina!

E fugiste, sem querer
Ouvir a prece fremente
da minha alma, que exaltaste
A doce extase de crente.

No proximo numero farei a apreciação de alguns livros de auctores brazileiros ultimamente recebidos; e conto igualmente festejar o apparecimento das *Tempestades sonoras*, de Theophilo Braga, cuja impressão deve concluir-se por estes oito dias.

Ernesto Biester.

S. M. I. o Senhor D. Pedro II.

Duque de Bragança.

Lith. d'Arnod. Rend. R. J. de Ja.ro

DOM PEDRO IV

DUQUE DE BRAGANÇA

Nasceu o Senhor D. Pedro IV a 12 de outubro de 1798, um dos mais memoraveis annos da revolução franceza, sendo o primogenito dos filhos varões de El-Rei o Senhor D. João VI e da Rainha a Senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon. Quiz porém a providencia que o filho fosse a antithese da timidez paterna, e o reverso da mãe no desapego ás tão invejadas e ambicionadas regalias do poder absoluto, não se desmentindo nunca durante o rapido periodo da sua agitada existencia.

Era o Senhor D. Pedro IV ainda creança quando a familia real partiu para o Brasil, em 1807, e a luta travada entre o gigante do seculo e um pe-

queno paiz como é o nosso, achou o no seu termo ainda na puberdade, sendo para suspeitar que em mais robusta idade preferisse a uma expatriação ingloria as alternativas da guerra, tentação e deleite dos animos varonis.

Tendo o Senhor D. João VI elevado o Brazil á categoria de reino em 1816, passou o Senhor D. Pedro IV a ter o titulo de Principe Real do reino unido de Portugal, Brazil e Algarves, correndo-lhe o verdor dos annos nos ocios de uma expatriação já sem causa e sendo para acreditar que a sua clara intelligencia e a não menos notavel actividade do seu espirito já então se recreassem com os sonhos ousados de um melhor futuro para a terra que lhe déra o nascimento, e a que a prolongada ausensia da côrte ia levando a gradual abatimento.

Tanto estas supposições não são casuaes nem arriscadas, que as participações mandadas para o Brazil dos acontecimentos que tinham tido logar na cidade do Porto, em 24 de agosto de 1820, acharam logo disposto o animo do Principe Real para os aceitar como actos de dedicação civica, embora coarctassem as attribuições do poder hereditario e fossem ainda n'essa epocha o phantasma da realeza.

Em 1821 voltava o Senhor D. João VI á Europa, aonde já se viu o papel sempre incerto que representou, ora jurando ora perjurando a constituição, hoje ouvindo os alvitres dos representantes do povo, ámanhã lançando-se nos braços da contra-revolução, mas sem desmerecer no meio de tantas alternativas o epitheto de *Clemente*, que a historia merecidamente lhe conserva.

As idéas do seculo, a demora prolongada da côrte no Rio de Janeiro, as instigações do governo britannico, tudo finalmente contribuiu então para que os brazileiros, pondo os olhos na não afastada emancipação da America ingleza e das colonias, hespanholas, sonhassem redimir-se do jugo, embora suave, da metropole. Ao encontro d'estes desejos acudiu o Principe Real em 1822, assumindo o titulo de Imperador constitucional e perpetuo defensor do Brazil, tornando-se por este facto independente de Portugal, sendo esta separação confirmada pelo Senhor D. João VI, no anno de 1825.

Este passo dado espontaneamente pelo herdeiro da corôa portugueza, tirava todas as duvidas sobre o alcance e generosidade das idéas do Principe Real, que preferia a liberdade de um povo ao poderio que tinha a esperar como herdeiro de um throno na Europa conservando como colonia e dependencia da corôa portugueza o vasto e hoje florescente imperio do Brazil.

Rei philosopho têem os contemporaneos chamado ao Senhor D. Pedro IV, e com rasão lhe quadraria este nome na historia, se a gratidão dos portuguezes lhe não antepozesse o de *Libertador*, por haver briosamente defendido como general a carta constitucional com que felicitára a nação em 29 de abril de 1826, e de que a geração actual está ainda hoje saboreando os fructos.

El-Rei o Senhor D. João VI estava chegado ao termo da sua existencia. A historia olhando para o seu reinado lastima que á bondade natural do seu coração se não alliassem virtudes mais proprias de um rei, o que teria poupado a Portugal uma larga serie de lutas internas e de humilhações externas. Chegada ao Rio de Janeiro a noticia da sua morte, o Senhor D. Pedro IV abdica e cede em 2 de maio de 1826 todos os direitos que tinha á corôa de Portugal na pessoa de sua filha a Senhora D. Maria II, para governar conforme a carta constitucional que elle outorgára um mez antes aos portuguezes, e em que se attendiam e removiam as duvidas que os debates das côrtes constituintes de 1820 tinham posto em evidencia, e que o espirito illustrado do Principe agora trazia a mais seguras e rasoaveis bases. É este o principal titulo de gratidão dos portuguezes á memoria do Senhor D. Pedro IV. A carta constitucional podia e devia ser então o começo da nossa regeneração social, como effectivamente o foi mais tarde, em 1834, se odios latentes e ruins paixões se não revoltassem contra a obra immortal do Rei-soldado.

Somos chegados ao periodo das provações, e com ellas á evidencia do que era e do para quanto chegava a grande alma do Senhor D. Pedro IV.

Ambiguo até nas suas ultimas disposições testamentarias, o Senhor D. João VI nomeára por sua morte uma regencia, até *que o legitimo herdeiro da corôa fizesse saber a sua vontade*, como se o direito á herança fosse controverso, e as leis do reino pouco explicitas sobre o assumpto, ou como se o nosso codigo politico podesse já ser outro que não a carta constitucional.

N'esta epocha conservava-se o Senhor D. Pedro IV ainda no Rio de Janeiro, e o Senhor Infante D. Miguel viajava pela Europa na digressão forçada a que seu pae o condemnára, e d'onde só voltou para se fazer acclamar rei absoluto, em 1828, provando desde logo que nem annos menos verdes, nem as lições do passado, nem as idéas do seculo, tinham podido desvia-lo das tradições maternas, nem desprende-lo da perniciosa influencia de mal escolhidos conselheiros. Lancemos pois um véu

sobre o rapido mas lugubre periodo do reinado do Senhor D. Miguel de Bragança, em que todas as animosidades partidarias se desencadearam, e em que raros foram os portuguezes affectos aos principios illustrados consignados na carta constitucional de 1826, que do exilio não olhassem com saudades para a terra da patria, ou não suspirassem dos carceres pelo dia da redempção.

Ferido nos maiores e melhores affectos do seu magnanimo coração, vendo escrava a patria, desherdada a filha, e morta a liberdade, o Senhor D. Pedro IV só toma conselho do proprio esforço, mede em silencio o alcance do seu alto commettimento, revê-se n'elle, e resolve por fim repor no throno usurpado sua augusta filha, dando um golpe derradeiro no despotismo, e restaurando para sempre a liberdade de que é fiadora e garantia a recente carta constitucional, por elle generosamente outorgada aos portuguezes.

Empreza mais gloriosa e arriscada nunca rei á sonhou, e a realisa-la foi um prodigio de que a geração presente se ufana, e que os vindouros hão de aceitar attonitos, senão descrentes.

Separado da Europa pela vastidão dos mares, sem exercitos que o auxiliem no seu arrojado empenho, com a governação de um novo e vasto imperio a occupar-lhe as vigilias, e com as tristezas que iam por Portugal a enlutarem-lhe o espirito, o Senhor D. Pedro IV não desanima, e desapegado das grandezas terrestres, começa a sua aventurosa epopéa por abdicar em seu filho a corôa do Brazil (7 de abril de 1831) como com igual abnegação fizera á de Portugal, em 1826, em favor de sua filha a Senhora D. Maria II, nossa primeira rainha constitucional.

Como se o solo da America lhe estivesse já sendo exilio depois que o dever a si mesmo imposto o chamava á terra do seu nascimento, tres dias depois da abdicação partia o Senhor D. Pedro para a Europa, incerto do porvir, mas com a consciencia satisfeita como quem deixava no novo mundo um imperio a florescer, e vinha ao velho restaurar um reino que o despotismo avassallava. Duas dynastias constitucionaes uma já fundada, a outra ainda alvo dos seus solicitos cuidados, eram trabalhos dignos de terem por confidentes o oceano, e não superiores ao animo esforçado do Senhor D. Pedro IV.

Subido de Imperador e Rei a primeiro defensor e subdito de sua filha, o Senhor D. Pedro IV chega á Europa, passa por Inglaterra, demora-se em França breve tempo, como que para preparar o espirito para as ousadias que hão de breve immor-

talisar o seu nome como general, e entrelaçar nas palmas civicas já colhidas, os louros gloriosos de renhidos combates e de porfiadas batalhas.

Regente em nome de sua filha a Senhora D. Maria II, mas fiel ao codigo com que brindára os portuguezes, o primeiro cuidado do Senhor D. Pedro IV, ao deixar as praias hospitaleiras dos dois paizes, foi dirigir aos seus compatriotas uma proclamação, datada de 30 de janeiro de 1832, em que o alcance de vistas do legislador só é igualado pelo seu desinteresse pessoal, e pelo entranhado desejo de fazer triumphar os direitos usurpados a sua augusta filha.

Os rochedos da ilha Terceira abrigam fieis o hospede illustre que vem dar a liberdade aos portuguezes, e um punhado de valentes se agrupa em volta da bandeira azul e branca, já então symbolo e esperança dos homens fortes que iam metter hombros á arrojada tentativa de salvar a nação do abysmo em que se despenhára.

Poucos mezes bastaram á incansavel actividade do Senhor D. Pedro IV para tomar no animo de seus camaradas o ascendente que nunca mais perdeu depois, e para preparar uma pequena mas ousada expedição, destinada a vir tentar no continente a fortuna das armas, debellando os inimigos da Rainha e da carta, ou a ser, como os mais cautos se receiavam, aniquilada e desfeita pelas hostes incomparavelmente superiores dos sectarios do absolutismo.

Mas, ou fosse que tamanhos cuidados parecessem pequenos á grandeza do seu animo resoluto, ou que o aperto da occasião lhe estimulasse a natural actividade do espirito, ou finalmente que o Senhor D. Pedro IV quizesse provar que não eram ficticias as suas promessas, alguns decretos, dos mais vitaes para a regeneração social do paiz, são datados de 1832, da primeira terra portugueza que pisára, e que mais tarde mereceu chamar-se *Angra do Heroismo*, pela dedicação dos seus habitantes ás idéas constitucionaes. Na ilha Terceira, como mezes depois no Porto, já ninguem podia licitamente duvidar que o Senhor D. Pedro IV fosse o homem necessario á regeneração do paiz, o iniciador e o apostolo das idéas novas.

«Os decretos de 16 de maio, de 30 de junho e de 13 de agosto de 1832, diz um escriptor contemporaneo, revolviam muito profundamente a terra, a industria, a familia, a governação e os interesses, transformavam de um modo mui violento a constituição physica e social do reino, lançavam ao longe germens mui poderosos de democracia, para a immensa revolu-

ção contida n'elles, não sobresaltar, não encher de espanto até os que não entendiam o seu alcance formidavel.»

E isto tudo feito como e aonde? Na cidade do Porto, ouvindo sem cessar o sibillar dos pelouros, entre os horrores da fome e da peste, e os apertos sempre crescentes de um cerco demorado!

Com 7:500 bravos desembarcára o Imperador nas praias do Mindello, e com elles entrára na cidade do Porto sem disparar um tiro em 7 de julho de 1832! Este primeiro e audacissimo passo, dado com tamanha e inesperada felicidade, não foi seguido de igual fortuna, como era de esperar, no resto do continente portuguez. O terror tinha-se apossado de tal fórma dos animos, mesmo os mais desassombrados, que em breve conheceram os chefes da expedição liberal que só uma luta pertinaz podia resolver a contenda partidaria em que se haviam empenhado. Os gabinetes europeus agora mais favoraveis á causa constitucional, depois da revolução de Paris em 1830, e da quéda do ministerio do duque Wellington, em Inglaterra, pela mesma epocha, ainda assim limitavam a uma restricta neutraidade todos os seus bons desejos pela quéda do governo intruso do Senhor D. Miguel de Bragança.

Foi pois necessario que a pequena mas aguerrida cohorte que dos Açores acompanhou o Senhor D. Pedro IV ás praias do Mindello, se preparasse para correr os azares de uma prolongada e desigualissima luta contra um inimigo dez vezes superior em numero, e dispondo da quasi totalidade dos recursos pecuniarios do paiz. Depois de alguns recontros parciaes, de pequena monta, com que o Senhor D. Pedro IV quiz provar o animo dos seus soldados, e que desde logo achou á altura do seu, se foram em seguida levantando com incrivel celeridade as famosas linhas do Porto, devidas á energia e actividade do Imperador, que de dia e noite as visitava, animando a todos com o exemplo, e sendo por vezes necessario que os seus generaes o forçassem a retirar-se dos sitios em que mais copiosas choviam as balas!

Lhano e pupular no trato, fallando familiarmente a todos com extrema urbanidade, e a todos tambem franqueando as portas do seu palacio, o Senhor D. Pedro IV foi, durante todo o tempo que durou a guerra o idolo dos seus adherentes, a inspiração e a alma de todos os feitos, quasi fabulosos, que tiveram logar durante os dois memoraveis annos de 1832 e 1833.

Pouco tempo depois do desembarque da expedição liberal nas praias do Miudello, começava o memorando cerco da cida-

de do Porto, que dez mezes durou apertado, soffrendo os seus defensores todos os horrores da fome e da peste, que os assaltára no 1.º de janeiro de 1833, e entregues aos mil cuidados da sua difficil e precaria situação. Os actos de heroismo individual praticados durante o cerco da cidade eterna pediam mais demorada escripta que estes singelos apontamentos, mas pódese affirmar sem receio de sermos desmentidos que o primeiro entre tantos heroes foi o Senhor D. Pedro IV, quer contendo perigosas rivalidades dos seus generaes e ministros, quer expondo diariamente a vida com uma cavalheirosa impassibilidade, quer finalmente promulgando leis do mais vasto alcance economico e administrativo, em harmonia com o espirito das instituições liberaes.

Assim corria com varia fortuna a causa constitucional no Porto, soffrendo e repellindo os frequentes assaltos das forças absolutistas, ainda com o horisonte toldado de espessas nuvens, mas desenvolvendo-se de dia para dia o espirito bellicoso de seus defensores.

Durante este tempo lutava tambem o governo de Lisboa com as maiores difficuldades financeiras, incerto e desconfiado de todos e de tudo, como sempre acontece aos governos que não têem por si o auxiliar das boas idéas e vivem pela adherencia ficticia dos seus partidarios. A cada revés que soffriam as forças absolutistas que cercavam o Porto, seguia-se irrevogavelmente a substituição dos generaes que as commandavam, e recrescia a desconfiança do Senhor D. Miguel até dos seus mais ardentes e zelosos conselheiros, chegando por ultimo a ter quasi exclusiva fé nos estrangeiros, que a quéda dos Bourbons em França tinha trazido a defender causa identica em Portugal! Um general francez era, pelo tempo a que somos chegados, a esperança do numeroso exercito do principe intruso.

Tão apertadas tinham sido mezes antes as circumstancias dos heroicos defensores da cidade do Porto, e a taes extremidades os havia reduzido a fome e a peste, que o consul inglez chegára a offerecer-se officiosamente ao Senhor D. Pedro IV para medianeiro de quaesquer ajustes entre elle e seu irmão, ao que o Imperador promptamente respondeu, *que nunca faria tal, resolvido como estava a levar a contenda até á ultima extremidade.*

Triste seria o desfecho da contenda constitucional, se uma serie de providenciaes soccorros não pozessem os liberaes em circumstancias de tomar a offensiva, vindo por uma ousada resolução tomada em conselho militar, a que presidiu o proprio

Senhor D. Pedro, tentar no sul do reino a fortuna dos combates, e com ella o triumpho ou a aniquilação da causa liberal.

Pela noite do 1.º de junho de 1833,[1] surgia em frente do Porto uma esquadrilha, que a commissão mixta de Londres denominada de *aprestos* pozera em circumstancias de vir auxiliar os sitiados, equipando-a convenientemente, e confiando a sua direcção á intelligencia do bravo vice-almirante Napier, que tão relevantes serviços prestou depois aos constitucionaes pelos seus arrojados e felizes commettimentos, quer por terra, quer por mar.

Dez dias depois, a 11 de junho, recebia a esquadrilha do almirante Napier a seu bordo a divisão expedicionaria do duque da Terceira, composta de 2:500 homens de differentes armas, que se dispunha á fabulosa empreza de libertar Portugal, tendo para o conseguir de lutar com um exercito de perto de 80:000 soldados, se antes d'isso não fosse encontrado no mar pela esquadra inimiga numericamente superior! Não ha exageração em se affirmar que nunca mais temeraria empreza, nem de tão terminantes consequencias fôra confiada a dois generaes, como esta que o Senhor D. Pedro IV entregava ao valor do duque da Terceira, e á ousadia e pericia maritima do almirante Napier!

«Apesar de tão consideravelmente desfalcada de gente, a guar-«nição do Porto, diz uma testemunha ocular, animada pela pre-«sença e actividade de D. Pedro sentia bater-lhe o coração de «alegria pela esperançosa perspectiva que se lhe entolhava.» Em breve ás esperanças corresponderam as realidades, desembarcando a divisão expedicionaria no Algarve, para aonde effectivamente se destinára, entrando o duque da Terceira na capital da provincia quasi sem esforço, prologo feliz das suas subsequentes victorias.

Recebida em Lisboa a noticia telegraphica do desembarque das forças constitucionaes no Algarve, curou logo o governo do Senhor Infante D. Miguel de mandar saír a sua esquadra do Tejo, avistando-se esta com a do almirante Napier no dia 3 de julho, na altura do cabo de S. Vicente, e tendo logar a 5 a celebre acção naval de que só escaparam, para trazer a Lisboa a noticia de uma completa derrota, dois dos nove navios que tinham ido em demanda das forças liberaes.

1 Vide *Historia do Cerco do Porto*, por Simão José da Luz Soriano.

O feliz desembarque do duque da Terceira no Algarve, e a esplendida victoria naval do dia 5, foram dois acontecimentos precursores de quasi tantos e tão assignalados triumphos como de combates houve depois entre os dois exercitos belligerantes, sendo notavel por esta mesma época a acção de 25 de julho, em que o conde, depois duque de Saldanha, repelliu no Porto os ataques do general francez Bourmont, disputando-se de lado a lado a victoria com singular bravura e desusado encarniçamento.

Não é nosso intento narrar todos os factos subalternos que foram successivamente tendo logar, nem tão pouco a rapida influencia que elles tomaram no espirito publico até á entrada do duque da Terceira em Lisboa, no dia 24 de julho de 1833, facto que pareceu sair da orbita natural, para se filiar nos contos legendarios, tão fóra estava então das previsões dos mais ousados sonhadores, como ainda agora se nos affigura fabuloso.

Livre Lisboa da compressão em que por tanto tempo a conservára o dominio do governo intruso, grato foi á sua numerosa população poder manifestar os seus sentimentos politicos, festejando agradecida a liberdade que lhe trazia a pequena divisão expedicionaria do duque da Terceira.

Poucas horas se haviam passado depois que em 25 de julho o general Bourmont vira abatido o prestigio do seu renome militar, quando o Senhor D. Pedro IV recebeu a noticia da occupação da capital do reino, annunciando desde logo a tenção de partir para Lisboa, deixando ao duque de Saldanha o commando em chefe das tropas que se achavam no Porto, e das mais que no futuro se lhes fossem reunindo.

Apesar das supplicas instantes da municipalidade do Porto para que adiasse a sua partida, o Senhor D. Pedro IV não pôde annuir a este patriotico desejo, e entrava a barra do Tejo a bordo do vapor *Guilherme IV*, pela tarde do dia 28 de julho, içando o pavilhão real e sendo recebido com indizivel enthusiasmo na capital, ao som de repetidos vivas á Rainha a Senhora D. Maria II e á carta constitucional. Os decretos que haviam sido publicados na Terceira, e depois no Porto, foram-no de novo em Lisboa, desejando assim provar o Senhor D. Pedro IV, que não desmentia nos dias de melhor fortuna o programma que na adversidade achára echo nos corações dos fieis e heroicos companheiros dos seus aturados trabalhos.

Ainda o Regente se achava no Porto quando o ministro dos negocios estrangeiros, duque de Loulé, fôra encarregado de le-

var ao conhecimento da Rainha a Senhora D. Maria II, então residente em Paris, a noticia das victorias alcançadas, e as já fundadas esperanças do proximo e definitivo acabamento da luta civil, acto de deferencia que comprovava tambem a resolução de cumprir a promessa que fizera a sua augusta filha quando ao despedir-se d'ella para intentar a sua aventurosa expedição lhe dissera diante do Rei Luiz Filippe, no proprio palacio das Tulherias: «*Minha Senhora, aqui está um general portuguez que vae defender os seus direitos e restituir-lhe a sua corôa.*»

Depois de algumas medidas energicas, que as circumstancias reclamavam, o primeiro cuidado do Senhor D. Pedro IV foi repetir o seu decreto de amnistia geral para todos os delictos politicos, que infelizmente não achou o echo que devêra achar nos sectarios do Senhor Infante D. Miguel, mas que nem por isso honra menos a magnanimidade e cordura de espirito de quem a concedia.

Senhoras já as forças liberaes das duas primeiras cidades do reino, pelos assignalados successos que acabámos de narrar, e dispondo o Senhor D. Pedro IV de sufficientes recursos navaes para acudir a futuros apertos, ou realisar opportunos desembarques de tropas em qualquer ponto do paiz que os reclamasse, inutil devêra já parecer a effusão de sangue portuguez, se a cegueira partidaria não aconselhasse ao Senhor Infante D. Miguel a continuação da luta civil.

Apesar do reconhecimento do governo legitimo pela Inglaterra e do augmento sempre crescente do exercito liberal, o Senhor D. Pedro IV não se deixou adormecer sobre os louros da victoria, e, receiando ser atacado na capital pelas forças ainda imponentes do absolutismo, resolveu-se, já em circumstancias tão outras das da ilha Terceira e do Porto, continuar a ser o primeiro soldado da causa da Rainha sua filha, e o primeiro obreiro do grande edificio social de que fôra o architecto.

A pé antes de amanhecer, a sua actividade era immensa como os seus cuidados. Quem o via agora nas linhas da cidade ensinando a construir uma trincheira, encontrava-o logo depois adestrando os seus soldados como general, visitando os hospitaes e os quarteis, fallando pelos seus nomes a todos os seus antigos companheiros de armas, evocando da sua prompta memoria as minimas reminiscencias de remotos successos. Quem julgava que o dia lhe fôra cheio com esta incessante direcção dos negocios militares, lia com pasmo á noite um decreto que desarreigava velhos abusos, remoçava instituições viciadas, fundindo em novos moldes decrepitas usanças. A diplomacia nun-

ca o encontrou adormecido nem subserviente, e é á isenção do seu caracter, á consciencia dos seus direitos, e á promptidão com que o Senhor D. Pedro IV executava os mais arrojados planos, que Portugal deveu o restabelecimento seguro da carta constitucional.

L. A. Palmeirim.

MARIA PRATAS

(Lenda da Beira)

I

e todos os innocentes gosos da aldêa, nenhum conheço, que se possa comparar ao serão em noites de inverno. O conchego da lareira, a conversação animada e nem sempre rustica, as galhofas e risadas de mangação, o fulgor da fogueira, que arde e crepita sobre as pedras do lar, tudo isto e muito mais, fórma um mavioso concerto, cheio de harmonias e bellezas.

Em uma das minhas peregrinações pela Beira, no pino do inverno, fui uma vez salteado pela noite no meio de um pinhal. Era escuro o sitio e azado para ladrões.

Na qualidade de estudante, não me podia arreceiar de bandoleiros, que andavam bastos n'aquellas paragens, porque a minguada mala, que trazia na garupa não lhes accenderia a cobiça.

A noite era limpida e serena; brilhava a lua no céo, espargindo no espaço os seus raios frouxos e melancolicos. O frio era

intensissimo e agudo, e a geada começava de cair nos troncos dos pinheiros, formando admiraveis pingentes de cristal.

Era tudo solidão em volta, cortada apenas pelo gemer da brisa gelada por entre as ramas das arvores, que tremiam e abanavam as longas pernadas, como phantasmas descarnados que meneassem os braços em signal de angustia e desespero.

A paizagem, que um luar de janeiro me deixava ver, era triste e algum tanto medonha.

Corria a estrada, (se estrada se póde chamar a um estreito carreiro aberto em schisto escorregadio e bituminoso); corria a estrada a meia encosta de um monte alcantilado. Do caminho á crista surgiam alguns castanheiros infezados e confrangidos, açoitados de nortadas, despojados de folhas, e tomando fórmas sinistras, como se foram gigantes informes e agachados, sentinellas perdidas do inferno a espreitarem os raros viandantes. O terreno era negro, coberto de tojo e urze.

Do outro lado da estrada iam augmentando as arvores, até que na raiz do monte formavam denso pinheiral, cujas copas, sempre verdes, eram illuminadas pela lua e ensombravam a encosta.

Lá em baixo, no fundo do valle, corria o Mondego espumoso e crescido com as ultimas chuvas, e innundando as ferteis varzeas, que lhe orlam o leito.

Ás vezes, por entre o arvoredo, divisava-se de repente o rio que reflectia os raios do astro da noite, e não sei que effeito maravilhoso produzia em mim, aquelle immenso e argenteo listão espraiando-se pelo sopé da montanha.

Defronte de mim erguia-se um monte escalvado e nú, crivado de enormes rochedos, que pareciam ameaçar o vale.

Chegado junto a esse monte abrupto e selvagem, bifurcava-se o caminho. Qual dos dois escolher? O meu guia respondeu-me com um ponto de interrogação. Penetrava-me o frio nos ossos e o estomago revoltava-se-me contra a inopia de alimentos, e total carencia de um cordeal que o alentasse.

Depois de scismar, a tempo que o arrieiro, novo ainda no officio procurava um seixo para fazer fogo com a navalha e isca, resolvi tomar pelo atalho da direita, que se dirigia ao vale, em quanto que o da esquerda era provavelmente alguma vereda, que conduzia ao Caramulo. Dito e feito, e dando duas soffreadas na pobre azemola, que de cançada mal podia arrastar o corpo e firmar o passo por entre os burgáos do caminho, começámos uma descida rapída e ingreme, com grave risco de nos despenharmos pelo monte abaixo até ao Mondego.

Passados uns vinte minutos de caminhar, topámos com uma grande lapa de granito, que nos tolhia o passo.

Desapontamento assim nunca houve. Sobre dois penedos colossaes assentava uma lage titanica, formando um alpendre natural, escuro e lobrego, como a entrada do inferno. Pelas rachas e lesins das pedras penetrava escassa luz, que deixava adivinhar as horrendas profundezas do abysmo.

O vento da noite, que soprava gelido pela boca da caverna, repercutia-se nas anfractuosidades e produzia ora uns sons plangentes e queixosos, qual gemer de creança moribunda, ora uns sons cavernosos, regougo profundo de gigante adormecido, ora um silvar agudo e sibillante. Outras vezes reinava o silencio e só se ouvia ao longe, na solidão que nos rodeava, o bater das aguas do rio, que caiam em cataratas, quando encontravam obstaculo á sua corrente furiosa.

Era a natureza morta em toda a sua mudez hedionda, e lugubre. Não havia o menor indicio de vida; a mão do homem nunca ali havia poisado, deixando o seu vestigio indelevel. Era uma Thebaida alcantilada, pavida, cheia de desolações. Aquella lapa parecia destinada aos negros amores dos seres fabulosos e malfazejos, que perseguem de continuo o nocturno viajante.

Era o leito nupcial, em que os lobishomens, rangendo os dentes aguçados, e açoitando a terra com a cauda, deviam estender os felpudos membros pelo chão humido, lambendo com a lingua viscosa o formoso rosto das moiras encantadas, cujos olhos faiscantes illuminariam aquella scena de voluptia diabolica e revolta.

Que de mysterios não haveria ali? O meu anjo máo de certo me havia guiado, porque ao lado da lapa só havia penedos encastellados uns nos outros, como se fossem montões de ossos dos antigos cyclopes. Como atravessar aquella penedia? Como galgar aquella barreira erriçada de difficuldades, e cortada de precipicios? Descoroçoado e tomado de fatal desanimo, de certo preferira abrigar-me n'aquelle ermo, no concavo de algum rochedo, no fundo de algum fojo accessivel, ou mesmo á boca da caverna hiante e soturna se não ouvira ao longe o uivar dos lobos em concerto infernal e famelico.

Não desanimou em tanto o guia, que depois de muito barafustar, e partindo do principio de que não ha beco sem saida, achou emfim o lado superavel d'aquelle labyrinto de rochedos. Cobrei novo animo e até a esfaimada féra, que eu montava, e que similhava o mytho do desespero e da angustia, com as orelhas pendidas, olhos veládos, corpo immovel, e pernas disten-

didas e hirtas, soltou um rincho de alegria, optimo presagio em tão apuradas circumstancias.

Passada coisa de uma hora, quando já a calada da noite nem mesmo era interrompida pelo grito do pegureiro e pelo chocalhar dos rebanhos, entrámos emfim em uma aldêasinha louçã e verdejante com as suas hortas, prados e nabaes a mirarem-se no Mondego.

Pelas quelhas esguias, e alagadas com a chuva, que dias antes havia caido, não havia nem viva alma; mas por entre as fisgas das janellas, saia a luz consoladora, e das trapeiras levantavam-se columnas de fumo, que entornavam na alma delicias ineffaveis.

Chegados á venda, em cuja frente pendia o classico ramo de loureiro (não sei se Bacho, assim como Apollo, se coroou de louros), apeei-me eu, em quanto o arrieiro batia á porta, que se nos antolhava a do paraizo. Uma voz roufenha e tremula, que me pareceu angelica e celestial, respondeu o costumado *quem é*, e entrei sem mais ti'r-te nem guar'-te. Que prazer senti então! Pareceu-me ver um céu aberto; affigurou-se-me contemplar os esplendores de um gyneceu oriental.

II

E comtudo o espectaculo era trivial, prosaico e comezinho, como era de esperar n'uma arribana de serra. Mas tudo depende das circumstancias. O frio e a fome são uma varinha magica, que transforma o menor alento e conforto em delicias maravilhosas. Ha occasiões em que um pedaço de pão negro vale mais do que todos os manjares e iguarias do Appicio mais sensual.

Pareceu-me cordeal a acolheita. Já era muito n'aquelles apertos.

Crepitava a fogueira no lar; em volta assentavam robustas panellas, cujos bojos respeitaveis eram lambidos por linguas de fogo, que se escoavam por entre as achas de lenha.

Estavam ali duas pessoas em melancolico convivio. Corria triste o serão. Em escabello alto e tosco estava sentado um ancião venerando, longas barbas brancas, raras farrepas formando uma orla alvejante em volta da espaçosa calva, rosto magro e osseo, e olhos vivos. Firmado o hombro direito a um cajado de nodoso carvalho, estendidas as mãos sobre a labareda, recebia nas pernas, revestidas de polainas de burel até aos joe-

lhos, o calor de que muito carecia, porque os gelos da edade já o iam arrefecendo.

Ao lado uma velhinha desdentada e tremula, alquebrado o corpo e como que dobrado já para a sepultura, olhos baços e empanados, membros hirtos e rigidos, sem a flexibilidade, que a vida dá, ora escabeceava com somno, ora fiava, com tardo movimento, um grosso fio de estopa, que ia enrolando no fuso que mal podia suster nos magros dedos.

Devêra ter sido de elevada estatura, quando fosse nova; devêra ter um porte de rainha e magestoso aspecto; hoje parecia uma foragida do coveiro a fiar o debil fio da vida, quasi roto.

Não sei que lugubre pensamento me veiu á mente ao contemplar aquelles dois velhos, derrocadas ruinas do que foram, acocorados no lar, envoltos quasi nas chammas, que lhe emprestavam uns reflexos rubros e sinistros.

O espectaculo, que de principio se me affigurou trivial, antolhava-se-me agora mesmo de mau presagio. O aspecto da velha era horrendo. Parecia ella um cadaver com movimento compassado e automatico. A luz da fogueira fazia destacar aquelle rosto, que já tinha estampada a fixidez da morte. A pelle era encardida e rugosa, mosqueada apenas por uns laivos esverdeados, que um amador das comparações extravagantes, podera assimilhar aos vestigios dos reptis da campa.

Era pois repellente e triste a companhia; mas o frio e a fome são maus conselheiros, não medem difficuldades. Além d'isso se os vendeiros eram velhos e caducos, porque não haviam de apresentar os signaes da caducidade e da velhice?

Affiz-me a esta idéa, e aproximando-me do velho, que me contemplava desconfiado e com uns olhos pouco amigaveis, bradei-lhe, tirando o chapéo, que me ensombrava o rosto, e dependurando a capa:

— Ora boas noites.

— Boa noite, respondeu.

— Póde-me dar acolheita?

— Se v. s.ª se contenta com pouco, sim; senão, não. Em todo o caso é vêzo dizer-lhe: Deus o guarde, quer fique, quer não fique.

— Acceito tudo, porque vae fria a noite, e a geada cae sem licença de Deus. E como os cumprimentos não aquecem, vou-me ahi sentar junto ao fogo, porque tiritar de frio é ruim coisa.

Olhou elle para mim espantado e como que hesitando sobre

se devia zangar-se ou rir do meu desplante. Vendo que eu juntava a acção á palavra, franziu os beiços com uns ares de riso mas saiu-lhe uma contracção fóra do natural, que o povo na sua linguagem pittoresca e figurada, costuma chamar riso amarello.

— Aqui na povoa, ha outra venda, disse elle.

— Se o não incommodo, prefiro não sair outra vez.

— Os hospedes nunca incommodam, porque pagam. Se for mal servido é culpa sua. Morreu-me uma filha que cozinhava, e como minha mulher está louca de todo, serei eu o cozinheiro. Obra acabada não póde sair.

— Não importa, sempre havemos de nos arranjar.

— Ora pois, sua alma, sua palma, como diz o rifão.

Achegue-se á fogueira e aqueça-me esse corpinho, que ha de trazer enregelado com o vento da serra.

Em quanto eu accendia o cigarro, levantou-se o velho para tratar dos aprestos da ceia, que não podia ser farta, e continuou assim:

— Inda que mal pergunte, d'onde vem v. s.ª a taes deshoras? Os caminhos por estas brenhas não são de convidar, e malavisado anda quem poupa esporas de dia, para tropeçar de noite.

— Venho de... e perdi-me na serra. O guia tambem se perdeu.

— Guia que não guia, é candêa apagada em casa escura, respondeu sentenciosamente.

Entrou n'este comenos o arrieiro, e vendo atacados os seus fóros, accudiu logo:

— Que demonio de caminhos! São atalhos de cabras e não de christãos. Vocês por aqui, continuou elle com toda a indolencia, e embrulhando o cigarro com a ajuda da folha luzente do navalhão, vocês por aqui semeiam pelos modos pedras em vez de centeio.

— Os caminhos são como Deos os fez. Que monta andarmos a deitar-lhes terra, se vêem as chuvas que as levam rio abaixo?

— Eu sei lá, homem de Christo! O que eu sei é que andámos perdidos por algares e atoleiros, e que ao cabo de tantos trabalhos topámos com uma lapa, levada de quantos démos ha n'este mundo e no outro.

— Ha de ser a lapa do lobo. Máo sitio é esse para andar de dia, quanto mais de noite! Credo! santo nome de Jesus! Apparecem por ali bruxas e almas penadas, que é da gente fugir a sete pés.

— Ui! grunhiu a velha, levantando de repente o corpo, e er-

guendo o rosto encarquilhado, como pergaminho. Na lapa do lobo viveu Maria Pratas.

— Maria Pratas! Cal'-te ahi, excommungada, bradou o ancião carregando os olhos e meneando a cabeça com uns modos torvos. Não me falles n'essa maldita.

— Maria Pratas, sim, exclamou a consorte pondo-se em pé e mostrando-me as faces lividas e macillentas, e abrindo desmesuradamente os olhos encovados. Maria Pratas, sim, por satanaz! que me cavou estas rugas da desgraça e do soffrimento. Quem ousaria aqui fallar n'essa bruxa senão eu? Arrebatou-me ella os olhos da cara, que eram a minha pobre filha; levou-me a luz da vida, que era a minha neta gentil; tudo me roubou, porque as feiticeiras comem carne humana. Eu cá tambem heide ser bruxa, voltarei a ser moça, cantando nas encruzilhadas e devezas. Maria Pratas é minha senhora, mas hei de tomar-lhe o lobishomem. Ai! que estoiro que ha de dar a alma negra. Ouvi! ouvi! malditos. Sabei que já estou no inferno em carne e osso. Satanaz é meu rei.

— Cruzes! Qu'estás ahi dizendo, negregada?

— O que digo? O que digo? continuou a velha cada vez mais excitada e brandindo com furor infernal a roca, que arrancou da cinta.

Digo que sou amiga de Maria Pratas, e que se agora me mettessem na pia do baptismo, chiava nem que fosse um ferro em braza aquecido nas forjas de Belzebuth...

E a furia, agitando a roca sobre a chamma, que deitou fogo á estriga, a qual se desfizera em longos fios, que esvoaçavam produzindo finas labaredas, similhava o máo genio do lar, que de repente surgisse do meio do fogo, e estivesse amaldiçoando os que a rodeavam.

Ergueu-se o velho imponente e respeitavel, e exclamou com voz rouca e tremula:

— Cal'te ahi, velha. Sê maldita, já que os teus peccados te arrastam, mas não amaldiçôes os outros.

— Velha? respondeu ella, qual Ménade delirante em torva bachanal; velha? que me importa ser velha? Serei nova ainda com a ajuda de Satanaz, quando beber sangue de rapariga, como os feiticeiros beberam o da minha filha e o da minha neta. Maria Pratas tambem já ía perdendo a belleza e o frescor com as caricias abrazadoras do lobishomem; mas tudo ganhou, porque o sangue de raparigas é como o orvalho, que em manhã de S. João, cae na resequida alcachofra.

— Lembra-te da Virgem Santa, senão vais para as profundas.

— Tomára-me eu lá para derreter a neve dos annos. Hei de ser como Maria Pratas, que amou um lobishomem. Quero dançar, deixem-me dançar, continuou ella cada vez mais exaltada, a tempo que o velho soltava um suspiro e deixava pender a cabeça em signal de amargo desalento. Vou dançar. Não vêem, não vêem ali, n'aquelle canto o meu senhor Satanaz? Salta, démo, salta já, e vem bater o compasso com a cauda. Viva! viva! quero dançar, vou dançar. Upa! upa! Lá vem a feiticeira a cavallo n'um corcel de fogo. Tlim! tlim! segue-a um lobishomem com a corrente de rastos. Ui! que fizestes, desgraçados? Fugi, fugi, que vos persegue a cruz do alto do campanario.

Porque fostes la poisar? Fugi, fugi, que não ha luctar contra a cruz. Voltae ámanhã. Comvosco me quero ir. Quero ser moça e feiticeira a tentar os homens com o faiscar dos olhos.

Era medonho este monologo.

No rosto da doida pintavam-se com inaudita fidelidade, as peripecias interiores de um cerebro incandescido. Quem a vira assim de repente, com olhares espantados, com o corpo alto, magro e esguio em horriveis convulsões, agitando os longos e descarnados braços sobre a cabeça do velho, acreditára ver um dos genios malditos da mythologia popular, desgrenhada e repugnante bruxa, que vinha perturbar a consciencia do ancião.

Este nem mesmo tentava já combater contra os delirios da esposa, a qual, ao cabo de mais algumas interjeições e exclamações de pythonisa inspirada, entoou um canto, que variava desde as notas graves e cheias da melopéa, até aos gritos argutos e estridentes da bachante antiga. Os gestos eram desordenados, e o rythmo seguia os gestos.

A letra póde assim traduzir-se:

«Corramos, Maria Pratas,
Á lapa, sem descançar.
Firam fogo as tuas patas,
Meu corcel, voar! voar!

Lança fogo pelas ventas,
Lobishomem 'spera lá;
Cão tinhoso não me tentas,
Teus feitiços tenho já.

Na deveza das montanhas,
Á meia noite serei;

Lobishomem, se me apanhas,
Nos teus braços dançarei.

Abraçada á roca, rompeu depois em dança vertiginosa, em saltos doidejantes, até que, exhaustas as forças e tonta a cabeça, foi cair na tripeça, junto ao lume em modorra tão profunda, que parecia estar morta.

Ficou tudo em silencio. Pasmado e absorto, cuidando assistir a um synhedrio infernal, acheguei-me á pobre sybilla, cuja respiração offegante e espasmodica accusava uma insolente irritação.

Silvava emtanto o vento pelos buracos do pardieiro, e ouvia-se o bramir raivoso das aguas misturado com o ramalhar das arvores.

A fogueira ia-se extinguindo a pouco e pouco, e o fumo subia denso em rolos ennovelados.

—Voltou-lhe a onda, disse emfim o marido abanando a cabeça e olhando espantado em derredor. Esta creatura, Deus me perdóe, tem pacto com Satanaz. Mas não, não. A dôr ha de matal-a. Minha pobre mulhersinha, continuou affagando o rosto enrugado da velha com tocante carinho, como se fôra um rosto angelico e avelludado; minha pobre mulhersinha, foste tão linda!

Duas lagrimas silenciosas prenderam das palpebras do velho, e foram cair a furto nas faces da mulher. Assim tambem das folhas secas do velho roble, que a brisa do outono vae batendo, pendem de madrugada limpidas gotas de orvalho, e cáem na urze rachitica, que cresce junto do tronco.

Era santo aquelle espectaculo, em que um ancião achava no proprio soffrimento, lagrimas de consolação para um soffrimento maior.

Eu estava confrangido diante de tanta tristeza, a que não podia dar remedio, e cuja causa ignorava. Mas era tão suave a resignação do pobre martyr! No meio d'aquelle doidejar havia tanta harmonia! Era tão expressivo o silencio, que nos cercava, e que a todos offerecia allivio!

Mas pouco durou o encanto; rompeu-se a magia reflexiva, com a brutal intervenção do arreeiro, que exclamou:

—Está doida varrida, a pobre velha. Está aqui, está nos anjinhos.

—Doida, sim, doida com a dôr, que a verga para a sepultura, respondeu o triste estalajadeiro.

—O que ella tem, bem sei eu, tornou o guia. Aquillo são

coisas, que ella vê lá por dentro. Se continua n'este caminho vae direitinha ao inferno. Digo-lh'o eu, e basta. Aposto já aqui, um contra cem, que nem ella quer commungar?

— Qual! Duas vezes no anno, recebe o sacramento. O senhor cura diz que isto é fructo da edade e do soffrer. Eu de mim digo que é desgraça nossa.

— Pois sim, sim. Cada qual no seu officio. O senhor cura lá sabe d'essas coisas, assim como eu sei apparelhar um macho a preceito. Mas vamos ao caso. Quer você fazer uma experiencia? Quando ella estiver a dormir, ponha-lhe sobre o coração um raminho bento de alecrim. Se estrebuchar e ranger os dentes, póde ficar certo de que ella tem o démo no corpo.

— Minha mulher é uma santa, retrucou o velho, deitando a cabeça da mulher sobre os seus joelhos. Maria Pratas roubou-nos os filhos, e é por isso que ella tem estes ataques.

— Lá n'isso não me metto eu, tornou o guia. Eu cá vou tratar da ceia do patrão.

Em quanto o tagarella cuidava d'estes arranjos, concheguei-me eu mais á lareira, ateei o fogo e perguntei ao ancião quem era essa Maria Pratas, que parecia um vampiro.

— É uma feiticeira que apparece na Lapa do Lobo. Casou com um lobishomem, e com elle anda de amores, muito tempo ha. É uma historia bem negra, que finda na nossa desgraça.

— Não m'a podia contar?

— Ah! sr., que coisa me pede? De noite máu é fallar em bruxas! Mas assim como assim, que mal nos póde fazer agora Maria Pratas, se já nos levou filha e neta? De que lhe serviamos nós? Ora diga-me, não sentiu nada, quando passou pela Lapa?

— Só senti o gemer do vento na caverna, e o uivar dos lobos ao longe.

— É isso mesmo. Era ella que gemia, para o arrastar aos braços, e requeimal-o no peito de fogo. Mas o lobishomem, que é ciumento, estava uivando para o affugentar. Se fosse á meia noite, estava agarrado, e só se podiá libertar, vendendo a alma ao inimigo, e o corpo á feiticeira. Ora eu lhe vou contar.

Na minha qualidade de amador de lendas populares, não perdi uma só palavra, e o que se segue é a narrativa quasi stenographada do velho.

(*Continúa.*)

OSORIO DE VASCONCELLOS.

SONHO DE UMA NOUTE DE VERÃO

The warmest sigh that pleasure heaves,
Is cold, is faint, to those that swell
The heart where pure repentance grieves
O'er hours of pleasure loved too well!

MOORE

VI

O caso foi assim; a minha Julia,
(Era o nome do anjo), começava
A dar mate ás bellezas mais falladas.
A mãe, cheia de susto, como todas,
Pela sorte futura, ardia em ancias
De a casar bem, — o bem quer dizer rica!
Succedeu appar'cer por este tempo
O barão do Pragal, e de repente
Só se fallava n'elle em todo o sitio.
Um lhe buscava o olhar, outro o sorriso,
Outro lhe mendigava uma palavra,
Palavra de barão, — sempre minhota.
Aqui, vagava o pae, scismando inquieto
Na filha, que podia, sem milagre,
Esse Midas pilhar em casamento;
Ali, a mãe, o irmão, a tia velha,
Appeteciam todos o papalvo.

O mal fez-se epidemico deveras,
Chegou á mãe de Julia; a pobresinha
Não pensava siquer nos desvarios
Da paixão maternal; cega, indiscreta

Quando tudo esfolhava o amor e as rozas
Na senda que feliz trilhava o nobre,
Ella apenas sorria, recordando
As horas do prazer no fim da tarde!

VII

Eu disse no principio d'este conto,
Se inda me lembro bem, que um certo dia
Sentiu-se apaixonar o tal minhoto.
Disse, e foi por então, que, em devaneios,
Comecei a saltar por *tutti quanti*
Tenho visto ditar a alguns Horacios.
Que havia de fazer? quem poderia
Dizer ao coração: «Pára, não falles,
«Segue a regra de tal, pensa n'aquella,
«Porque a carta aos Pisões assim o ordena?...»
Ai de mim, bom seria que eu podesse
Pensar em frioleiras de tal lote!

Desvairei-me, perdi-me, ardi em chammas
De loucura infernal, gritei sem tino,
Sem moral, sem razão, doudo varrido.
Que outra cousa fazer, se a minha Julia,
Se era ella, infeliz, ella, a votada
Á sanha da ambição e da torpeza.

Via-a cair; da flor da laranjeira
Vi-lhe ornar essa fronte, que eu beijára
Em transportes febris de amor immenso;
Vi-a perante o altar, que era patibulo
Da pureza e da paz; vi-a mais tarde,
Sem cor, sem louçania, sem frescura,
Sem o calor dos beijos que eu lhe dera
Sem o tremor da voz que me dizia:
— «Amo-te, sim; sê meu como eu sou tua!» —

Céos! que negro e fatal correu o tempo;
Que noutes que eu passei scismando n'ella!
Se a bossa da lamuria fosse minha
Como é de muitos vates, quantos versos,
Em fel, e sangue, e lagrimas banhados,

Correriam, talvez, côxos e mancos,
N'este canto immortal que eu deixo aos evos!

VIII

Julia uniu-se ao barão. Eu tinha lido,
Não cito o livro já, porque não tenho
A memoria feliz de fr. Macedo,
Que, ás do corpo semelham febres d'alma;
Quem d'ellas se quer livre d'ares mude.
Deixei portanto o val, e em mil loucuras
Quiz affogar a dôr, matar tristezas
Que me andavam rallando os seios d'alma;
Tudo em balde tentei; lembrava-a sempre!

Não sei como vivi, não sei que seculos
Penei, no desalento e desconforto;
Uma tarde, porém, (aquella tarde
Fôra fadada só para delicias)!
Encontrei-a sósinha; o que dissemos
Não sei,... pouco talvez,... sentimos muito!

Fui com ella, tornei de novo ao campo
Onde passára alegre a meninice,
Onde crescêra em paz, onde sorrira
Ebrio de amor, de espaço e de ventura.
O passado volveu; a minha Julia
Fez-se a donzella timida e innocente,
Eu c'roei-a de rosas como d'antes.
Muitas, talvez mil tardes como esta
Nos foi dado gosar; n'aquelle engano
Andava o coração rindo festivo.
Atroz realidade inda tentava
Inlutar-nos o céo onde viviamos,
Mas em balde tentava; uma luz pura
De affeições, de prazer, d'aureos encantos,
Com suave esplendor brilhava em torno!

Ninguem tinha um vislumbre de suspeitas
D'essa união fatal; a minha pomba
Vinha sempre encontrar-me no recosto
Da montanha d'além, passar as tardes
Comigo só, bem longe das angustias

Do seu negro martyrio, e sempre altiva
Me dizia, sorrindo-se contente:
— «Sou tua; o meu amor, a minha vida
«És tu só; que te importa a desventura
«Que este mundo nos deu, se aqui no prado,
«Se além no val refulge um paraiso?
«Viviremos assim, como as palmeiras,
«Que bracejando os ramos namorados
«Vão, apesar do espaço e dos furores,
«Estreitar-se e viver n'um largo amplexo!» —

IX

Uma tarde, era em julho, (inda me lembro
Como se fosse agora) caminhava
Para o sitio feliz, quando ao meu lado
Vejo parar alguem, — saudou-me logo.
Sem nada me dizer, deu-me uma carta
Que em sobresalto vi que era de Julia.
A pessoa partiu; e eu, palpitante,
Tremulo, ancioso, devorei com os olhos
Essas letras fataes que assim diziam:

— «Ai, amor, foi bem negro o destino
Que nos fez encontrar na existencia;
Tantos dias de paz, de innocencia,
Vão ser pagos com dias de dor.
E quão triste é lembrar a ventura
Quando a vemos de todo perdida;
Como custa deixarmos a vida
Quando o peito se inflora de amor!

Fugiu tudo; não venhas agora
Procurar-me de novo na terra;
Vou deixar-te, provar-me na guerra
Dos martyrios mandados por Deos.
Nunca mais hei de alegre, de tarde,
Encontrar-te no amigo recosto,
Nunca mais, aos clarões do sol posto,
Hei de unir os meus labios aos teus.

Vou deixar-te, deixar a alegria,
Que restava aos meus dias de lucto;
Vou tragar os amargos do fructo
Que este inferno da sorte gerou

Vou dizer-te esse adeos malfadado
Que nos quebra mil sonhos ridentes;
Vou deixar esses campos virentes
Onde o seio feliz palpitou!

Ouve, pois; foi quebrado o mysterio
D'este affecto immortal e profundo;
Veiu a voz do dever e do mundo
Condemnar os meus dias de amor.
Uma idéa, um phantasma da mente
Pôde mais que podera o destino:
Desfazer-nos o élo divino
Que estas vidas prendêra inda em flor.

Sim, é hoje no olhar derradeiro
Que este céo, que estes montes contemplo;
Amanhã, solitaria no templo,
Hei de erguer minhas preces a Deos.
Mas que vezes esta alma agitada,
Mesmo em meio da prece fervente,
Pensará n'esse tempo innocente
Em que unia os meus labios aos teus!

Que mal digam, embora, os transportes
D'este affecto immortal e profundo,
Porque a voz do dever e do mundo
Fez culpada esta ardente paixão;
Que mal digam o dedo do Eterno,
E que venham, sem crer no destino,
Desfazer-nos o élo divino
Que estas vidas prendêra em botão!

Hei de amar-te; cresci ao teu lado,
Costumei-me a affagar-te no rosto,
A sorrir aos clarões do sol posto
Co'os meus labios unidos aos teus.
Oh, sou tua, qual são da campina
Estes lyrios que ao longe contemplo,
Serei tua inda mesmo no templo,
Quando erguer minhas preces a Deos!» —

Quando acabei de lêr perdi o accordo,
Faltou-me a luz, gritei, não sei que tive,

Ardeu-me o sangue, n'um febril delirio
Agitei-me por dias; quando a vida
Começou a volver, lembrou-me tudo.
A minha dôr foi muda, ninguem veiu
Sondar-me o coração, seria um crime.

X

O barão do Pragal soubera tudo.
Um devoto sem par, d'estes que zelam
O modo de viver do mundo inteiro,
Fôra contar mui lepido ao minhoto
A criminosa historia d'esse affecto.
O barão recolheu-se, e algumas horas
Ficou virando e revirando o assumpto.
A perfidia era o menos que rallava
O pensamento inquieto d'aquelle homem;
Mas a grã cruz, o titulo manchado,
A vergonha do mundo, a sociedade
Apontando um barão ao riso publico,...
Oh, tres vezes horror! horror tres vezes!
Gritava o parvo heroe com Shakspeare.

A vingança sorriu-lhe; aquella mente
Affeita a meditar sobre as torturas,
Aquelle coração que ensurdecêra
Entre o gemer feroz de mil escravos,
Prégaram-lhe o furor, — cedeu-lhes logo.

Poucos dias depois, a minha Julia
Solitaria chorava n'um convento,
Mas lagrimas de amor, não de remorsos.
Que devia eu fazer? se acaso ousasse
Dar pasto ao meu rancor, o que diria
Este mundo de honestos e beatos?
Depois, a minha luz, a providencia
Da minha vida inteira, a que eu perdêra,
Que pensára de mim? — Martyr e santa,
Dizia-me de lá que perdoasse!

Quando tudo acabou, quando o silencio
Veiu cobrir co'as azas implacaveis
O bulicio fatal, da desventura
Só restava uma victima innocente;

Eu, triste e só; e ao longe, e muito acima
Do mundano rumor, um conselheiro,
Um valido da sorte, um potentado,
Um barão do Pragal, um grande, um nobre,
Y muchas cosas mas que yo callo ahora!...

XI

Hontem, quando vagava solitario
Sobre o monte d'além, onde ha tres annos
Fui passear com ella, olhei em roda;
Vi a mesma campina, as mesmas arvores
Que nos davam out'rora a sombra amiga,
O mesmo escuzo val, ouvi ao longe
O murmurio subtil do mesmo rio
Que deslizava então, senti o aroma
Que embalsamava o espaço, — e olhei em roda.
Ai, de mim, ai, de ti pomba innocente,
Que pensarias tu n'aquellas horas!...

Pouco a pouco, minha alma commovida
Foi socegando então, vaga saudade
O peito me inundou, volvi de novo
Ao passado feliz, — perdido ha tanto.
Quando na balsa o rouxinol soltava
Os seus carmes de amor, lembrei-me triste
D'aquelle doce canto que lhe ouvira
Baixinho murmurar, dando-me um beijo:

— «Recebe amor, consagro-to
N'este anhelante beijo;
Meu unico desejo
É só viver por ti.
A minha vida encerra-se
N'este prazer profundo;
Quanto ha de bom no mundo
Tudo fenece aqui.

Quando pequena e timida
Folgava na campina,
Não sei que voz divina
Dizia então dos céos:
« —Cresce, florinha pallida,

«Nascida entre os abrolhos!...»—
Erguia então meus olhos,
Para fitar os teus.

As faces inflammavam-se,
Sem ter inda motivo;
Ficavas pensativo
Quando eu te olhava assim:
É que a tua alma erguia-se
Pensando no futuro;
É que o teu seio puro
Batia então por mim.

Crescemos, costumaram-nos
Aquelle affecto santo,
Cercaram-nos de encanto,
Abriram-nos o céo.
Quem diz agora: — «Extinga-se
«Essa paixão maldita?...»—
Se em ti meu ser palpita,
Se o teu viver é meu!

Não, não te deixo; encanta-me,
Namora-me a existencia,
E a voz da consciencia
Não turba o nosso amor.
Quero correr esplendida
A luz da madrugada,
Beijar-te afogueada,
Colher no prado a flor.

Quero dizer: — «Escondam-se
«Tristezas d'esta vida;
«Eu sou feliz, querida;
Senhora, amada eu sou!...»—
Quero dizer-te: — «Abraça-me,
«Não tenhas já receio,
«D'este fervente seio
«Todo o prazer te dou!»—

Quero morrer amando-te,
Morrer n'esta ventura,
Como avesinha pura
Revendo-se nos céos.

Oh, vem comigo, apressa-te,
Que é breve esta existencia,
Se de encantada essencia
Cercada foi por Deos.

Recebe amor; consagra-to
N'este anhelante beijo;
Meu unico desejo
É só viver por ti.
A minha vida encerra-se
N'este prazer profundo;
Quanto ha de bom no mundo
Tudo fenece aqui!»—

Não pude mais; quando desci do monte
Inda olhei pelo val, onde passára
Tantos annos feliz; a minha vida,
Os sonhos da minha alma, os meus encantos,
Tudo perdêra ali; e eu dei a tudo,
O que é puro nos homens, — uma lagrima!

Agosto de 1862.

E. A. VIDAL.

DOIS LIVROS

CAMÕES por Antonio Feliciano de Castilho, 3 volumes 2.ª edição

TEMPESTADES SONORAS por Theophilo Braga, 1 volume

a um não sei quê de solemne e de augusto n'esse momento, que precede o agonisar de um povo. Chegada á beira do precipicio, a nação, que vai sêr riscada da carta politica, como que se consubstancia n'um homem só, expressão sublime do genio nacional nos tempos do seu maior esplendor, que envia á posteridade o testamento da patria moribunda, ou o protesto contra os assassinos, que lhe tripudiam sobre o corpo, sulcado de largas feridas, mas não cadaver ainda. Derradeiro e esplendido fulgor de lampada prestes a extinguir-se, triste mas sonoro gemido de corda de harpa, que estala, a voz d'esse homem vibra na posteridade, e vai-se repercutindo de geração em geração, a luz do seu genio resplandece no horisonte das idades, lampadario de um tumulo gigante, facho que illumina as letras do epitaphio tremendo: «Aqui jaz uma nação!»

Quando a Grecia via surgir no horisonte Philippe de Macedonia, estrella precursora de Alexandre, d'esse astro immenso, que, deslumbrando o mundo com o fulgor da sua gloria, havia de devorar as instituições liberaes da sublime peninsula berço da civilisação européa, astro que devia absorver em si o sereno fulgor das estrellas de Sparta, de Thebas, e de Athenas, e que, ao extinguir-se, deixaria ficar immerso nas trevas esse povo, cuja vívida nacionalidade affrontou os exercitos de Xerxes e ainda hoje espanta o mundo com os feitos gigantes das Thermopylas e de Salamina, quando a Grecia presentia, ao vêr sumirem-se no tumulo Agesiláu e Epaminondas, que o papel que ella desempenhára no mundo estava quasi a concluir, que a sua missão ía terminar, apparece em Athenas um homem nutrido das sãs tradições do genio republicano do Peloponeso, eloquente como Pericles, e mais do que Pericles, respeitador da liberdade como Aristides, patriota como Epaminondas, austero como Lycurgo, sabio como Solon, homem de imaginação ardente e colorida, de palavra vehemente, de gesto impetuoso, orador, cujos discursos agitavam as multidões do Ágora, como o vendaval agitava as ondas do Archipelago, homem a quem Philippe temia mais do que a um exercito, a quem Phocion respeitava, a sublime personalisação do genio politico da Grecia, Demosthenes emfim!

Mas debalde o grande orador evocava os manes dos heróes de Salamina e de Marathona, debalde recordava aos athenienses o exemplo dos seus antepassados, tão ciosos da sua liberdade, que chegavam a commetter essa injustiça sublime do ostracismo, debalde a multidão o ouvia commovida e arrebatada, a ultima pagina da vida politica da Grecia estava escripta no livro do destino, e o heróe de Quinto-Curcio sonhava já essa Odysséa gigante, que havia de ser o epilogo da epopéa grega. A patria de Pericles estava á beira do abysmo, Demosthenes escrevia-lhe o epitaphio; as *Philippicas* eram o protesto enviado á posteridade pela nação moribunda.

Revivia n'elle por instantes o ciume de liberdade, que déra vida a essas republicasinhas de dois palmos de territorio.

Em plena embriaguez de vinho e de sangue, prostituida, dissoluta, Roma, a cidade eterna, revolve-se no leito da lascivia, com o pé de Domiciano na garganta; no horisonte do imperio começa lentamente a subir uma nuvem negra, e a Meretriz das gentes, ebria e devassa, com os olhos ainda offuscados do immenso clarão do incendio mal extincto, que a mão de Nero accendeu, não vê a tempestade que se accumula, e dança por

cima do volcão que ferve nas catacumbas, e cujos abalos fazem já oscillar o mundo do paganismo. Passando das saturnaes ao circo, Roma a voluptuosa procura fartar nas ondas de sangue christão a sede, que o phalerno espumoso já não consegue extinguir. Está a dois passos o precipicio; então surge um homem em quem revive a antiga austeridade republicana; nas horas mortas da noite, emquanto Roma se agita no seu voluptuoso estertor, a sombra de Catão vem poisar austera junto d'esse homem, e dar-lhe a espada, que lhe ha de ser buril para inscrever no eterno bronze da historia a punição dos assassinos da patria, o protesto da velha cidade de Quirino contra a nefanda herdeira do seu nome, contra a prostituidora das suas tradições. E emquanto ao longe, muito ao longe, se ouve o confuso estridor das armas dos germanos, emquanto o estranho écco de uns hymnos suaves de uma nova religião vem expirar no ouvido do solitario pensador, de involta com os canticos obscenos da escrava dos Cezares, elle, o descendente directo dos Scipiões e dos Gracchos, escreve o epitaphio de Roma pagã.

Como se chama esse homem?

Tacito!

Aqui na extrema do Occidente houve um povo pequeno, que praticou grandes feitos, cujo nome encheu o mundo, cujas bandeiras tremularam em todos os mares, porque tinha um grande elemento de vida—o patriotismo! Collocou-o Deus aqui, sentinella avançada da Europa, debruçado para o Occeano, a ouvir no marulhar das vagas o écco longinquo dos rugidos do Adamastor, a respirar na brisa humida dos mares os ignotos perfumes das praias americanas. Actor sublime do grande drama da historia, via d'estes bastidores de penhascos desenrolar-se o palco gigante, para onde o impellia o dedo da Providencia. Ufano de si proprio, convicto da importancia do seu papel, não consentia nem podia consentir que a Hespanha o quizesse arregimentar na lista dos seus comparsas. Apenas soou a hora marcada, apenas esse vulto sublime do infante D. Henrique se ergueu no promontorio de Sagres, ahi se arrojam os filhos d'essa nação, com enthusiasmo, com fogo, aos mares, por onde lhes compete, guardas avançadas do progresso, abrir caminho ao exercito civilisador. Desgraça sobre quem os vem perturbar no cumprimento d'esse dever! e elles lá caminham, os heroicos filhos da Lusitania

Povos e mares varrendo
Do Zaire além de Ceylão!

É esse orgulho nacional, essa ufania que todos e cada um têem de se chamarem portuguezes, que lhes dá força, que lhes dá vida, é esse o baluarte impenetravel que rodeia este ninho das aguias dos mares, e conserva em respeito attentas e silenciosas as nações da velha Europa! Portugal isolou-se d'ellas. Desaba uma porção do edificio da igreja, e Portugal não ouve o ruido da queda. Ergue-se Luthero, e Portugal não o conhece. Lutam Carlos v e Francisco I, e Portugal dá mais importancia ás discordias do Çamorim de Calicut, e do rei de Cochim. Nada o consegue distrair. Trabalham com affinco os seus filhos, todos por um, um por todos, ligados por esse energico laço de um ardente patriotismo.

Porém, logo que findam a sua missão, assim que despem a armadura e se recostam nos lubricos palmares do Oriente, apenas os sublimes aventureiros se transformam em negociantes, logo que o avido egoismo do mercador substitue o fervido patriotismo do guerreiro, começa o agonisar d'esse povo. É unicamente o affrouxar d'esse laço, que o conduz á morte. Alcacer-Quibir não produz a sua queda, accelera-a, proporciona o ensejo. A corôa portugueza não se perdeu nos areaes da Africa, caiu florão a florão, arrancada por Antonio de Brito e Garcia Henriques, os salteadores das Molucas, por Faria o roubador dos tumulos dos imperadores da China, e por tantos outros que fizeram execrado o nome glorioso de Portugal. Não é a derrota, por mais completa que seja, de um exercito de dez mil homens, que mata uma nação, se ella já não estiver moribunda. Os povos não morrem de ataques apoplecticos. Mas o energico patriotismo de Portugal perdera todo o seu vigor, e, assim que os braços frouxos dos mercadores da India deixaram pender as espadas, que, unidas em broquel de ferro, escondiam Portugal aos olhos da Europa, a Europa vio Portugal.... e rio-se!

É n'este momento, em que a nossa nacionalidade se desvigorisa, que apparece na scena da historia o seu immortal representante. É n'este momento que surge um homem, que atravessa o Oriente com as mãos limpas do oiro ensanguentado, com o espirito aventureiro dos audazes descobridores, e com a alma ardentemente patriotica dos Alvares Pereira e dos Albuquerques! Esse homem, verdadeira personalisação do genio nacional, vê o imperio portuguez oscillante na India, vê o egoismo infrene produzindo no Oriente atrocidades e villanias, no reino villanias e traições! Então busca as solidões de Macau, e vê na sua gruta apparecerem-lhe os phantasmas epicos do velho Portugal. «É tempo», dizem-lhe elles, e o poeta-soldado

depõe a espada, lança mão da penna, e escreve o testamento da patria, a Biblia do patriotismo, os *Lusiadas* de Camões!

Era lenda vulgar na Escocia que todas as familias nobres tinham um genio protector, o qual, quando essas familias estavam para fenecer, apparecia á noite no alto das torres dos seus castellos, agitando os braços, fazendo ondear as roupas alvejantes, e soltando lamentosos queixumes.

As nações têem tambem o seu genio, que lhes vem prognosticar a morte. Esses vultos, em que ellas se consubstanciam, Demosthenes, Tacito, Camões, apparecem na hora da agonia, e soltam o canto sublime do cysne expirante.

É empreza, que só grandes genios podem tentar, fazer apparecer estes vultos enormes na tela do poema, do romance, ou do drama, e fazêl-os destacar, dando-lhes as devidas proporções, da turba de pygmeus que os rodeia. Tentou-a o senhor Castilho com o vulto do nosso epico, e foi admiravelmente feliz.

O drama *Camões* é um dos monumentos da nossa litteratura.

Não me fallem nos taes francezes, que pelo nome não percam, que se vieram apoderar d'este grande vulto da nossa historia, para fazerem d'elle um heróe de drama como outro qualquer, emprego que podia ser igualmente desempenhado por um poeta da *Phenix Renascida*.

O titulo do livro do senhor Castilho é o seguinte: *Camões, Estudo Historico-Poetico, liberrimamente fundado sobre um drama francez, etc.*

O titulo devia ser:

Camões, Estudo Historico-Poetico, em que liberrimamente se fustiga um drama francez, que veio metter o nariz nas vidas alheias, sem d'ellas saber coisa alguma.

Pois que têem elles com esta obra essencialmente portugueza? Que têem elles com este feiticeiro estylo? Que têem elles com esse maravilhoso auto, que Gil-Vicente affiança ter escripto, por uma indesculpavel vaidade? Que têem elles com esse admiravel panorama da época, que se vai desdobrando lentamente diante de nós, e que nos vai mostrando o espirito interesseiro substituindo em tudo o patriotismo, o filho degenerado dos rudes companheiros d'Albuquerque no effeminado Real, o homem, para quem o espirito da nacionalidade já perdeu todo o prestigio em Martins Gonçalves, os pobres populares, em quem se refugiou o amor da patria, mas que nada podem fazer, porque são, e serão por muito tempo, e estão sendo ainda os párias das nações? Que têem elles com a sublime elegia do quinto acto? Que têem elles com o grandioso vulto de Camões, com

esse espectro da nacionalidade portugueza, que surge aterrador e indignado no banquete dos que a estão assassinando?

O auctor do *Camões* não quiz fazer d'elle um drama, ou antes não quiz condescender com o gosto das platéas. Preferio traçar um quadro historico completo. Acho que fez bem. E pena é, que não haja um theatro com forças sufficientes para dar a perspectiva da scena áquelle panorama, e animar aquellas figuras, que parecem querer saltar da téla. Seria uma noite sublime aquella em que assistissemos não á representação de uma peça, mas á resurreição de uma época.

Quando digo que não ha theatro com forças sufficientes para isso, quero dizer que o nosso theatro normal não póde abstrahir do gosto do publico, e, em vez de lh'o dirigir, tem de se deixar em parte dirigir por elle.

Se assim não fosse, e ainda que o *Camões* precise de grandes despezas para ser posto em scena, e não seja peça escripta expressamente para o theatro, isto é com certas condições de movimento e rapidez de dialogo, parecia-me que seria melhor que o dinheiro gasto com absurdos espectaculosos, com peças escriptas expressamente para servirem de fundo ao scenario, se gastasse em pôr em scena estes quadros monumentaes das épocas da nossa historia.

Mais me quereria estender sobre este assumpto, porém falta-me o espaço, e, depois de ter citado essas magnificas notas, em que bastantes alvitres se propõem dignos pelo menos de attenção, depois de ter apontado ao leitor um bello estudo sobre os Castilhos illustres, escripto pelo filho do mais illustre de todos, pelo digno herdeiro das gloriosas tradições d'esse nome, por Julio de Castilho emfim, moço de um immenso talento, que se esconde teimosamente na sombra, mas cujos clarões intermittentes bastam para nos mostrar o muito que elle vale, depois de ter apontado tudo isto rapidamente, passo á segunda parte d'este meu ligeiro esboço bibliographico, á apreciação das *Tempestades sonoras* de Theophilo Braga.

Que esplendida, que opulenta primavera não é a d'este poeta! que delirio de seiva não ferve dentro d'aquella arvore de benção, que se desata a um tempo em fructo e em flôr, fructo de carnuda polpa, flôr de colorida pétala! que exuberancia de vida, e de imaginação, e de erudição! que desabrolhar de poesia! que esplendor de aurora!

Como n'aquellas magnificas florestas da America do Sul, em que regurgita a seiva fecundada pelo sol, trasbordando e brotando em ramaria intrincada, em vergonteas que se entrelaçam

n'uma verdadeira loucura de vegetação, assim no espirito juvenil do senhor Theophilo Braga se atropella uma grande copia de idéas adquiridas, que, fecundadas pelo sol da imaginação do poeta, dão em resultado esses livros admiraveis, taes como a *Visão dos tempos*, e as *Tempestades sonoras*, em que o poeta, arrastado por esse feliz defeito da opulencia—a prodigalidade, arroja a flux pérolas e pérolas, que poderiam e deveriam formar talvez corôas mais artisticamente entrançadas.

Ali ha um volcão de poesia em constante actividade; irrompem a cada passo d'aquelle espirito torrentes de lava, que elle não poderia reprezar talvez, ainda que o quizesse. Possue-se d'elle não sei que louco frenesi de inspiração, os dedos correm impacientes todas as cordas da lyra da humanidade; hoje é poeta grego, ámanhã biblico, depois christão, no outro dia romano, e a final indiatico. Novo doutor Fausto, viaja pelo mundo no manto de Mephistopheles. Theophilo Braga escreve para si, não escreve para o publico; tanto melhor para o publico se o ouve em certos assumptos, tanto peior se o ouve n'outros.

Theophilo Braga tem um não sei que de sibylla; falla emquanto a inspiração o tem prezo nas suas garras de fogo, cala-se quando a inspiração affrouxa. Isso vê-se principalmente nos seus artigos em prosa. Todos elles são antes fragmentos do que verdadeiramente artigos. Theophilo Braga está pensando, de repente e, por acaso, pensa em voz alta. Esse trecho, que elle pensou em voz alta, é o artigo que apparece continuado depois no seu espirito. D'essa continuação não tem conhecimento o publico. Isto em prosa é de certo um defeito, em verso desculpa-se mais. O vago, dentro de certos limites, não faz mal á poesia, como que a involve n'um mysterio augusto.

O poema da *Bacchante* é formado como que de jorros de poesia hellenica; mas, permittam-me a classica metaphora, esses jorros são pura agua da Castalia.

No novo livro que publicou, e que se intitula *Tempestades sonoras*, segunda parte da *Visão dos tempos* encontra-se já um pouco mais o artista. *As Ceias de Nero* formam, mesmo consideradas debaixo d'esse ponto de vista, um bellissimo poema.

As Ceias de Nero! Ahi temos nós a perola do livro! Que profusão de lyrismo! Como o poeta se compenetrou bem do espirito da época! como estudou Petronio, o cortezão devasso e satyrico, esse elegante Rabelais de uma época, em que o ridiculo é côr de sangue, e em que o latego, que o fustiga, toma por isso não sei que lugubre reflexo!

Parece-me que o sr. Theophilo Braga de nenhum genero de poesia se impregnou tão bem como da poesia grega. Já a *Bacchante* o demonstrára! Veio confirmal-o o poemeto das *Ceias de Nero!* A poesia romana não é senão um reflexo da poesia grega, e Petronio, ao rasgar as veias, entôa um verdadeiro cantico d'Anacreonte.

As Ceias de Nero! que admiravel, e que bem aproveitado assumpto! Que soberbo contraste o dos dois festins, o festim eucharistico do Ágape christão, o festim dissoluto do palacio dos Cesares!

Sim é esse, devia de sêr esse um dos banquetes, que inspiraram a Petronio o sublime e pungente quadro do Festim de Trimalcião. Devia de sêr essa a agonia de Roma. Entre o vinho espumoso, as mulheres pallidas de lascivia, as rosas desfolhadas, os manjares requintados, sente Nero o cançasso, a fadiga! Imperador! o mundo todo o sente! o mundo pagão, adorador de um culto, que perdeu já a mystica poesia do primitivo symbolismo, e que passou a sêr apenas a glorificação dos deleites materiaes, recosta-se junto dos altares dos seus deuzes, sente na alma um vazio horrendo; a lingua que lhe servio outr'ora para traduzir, imperfeitamente sim, a aspiração do seu espirito para Deus, perdeu toda a significação. O vago reflexo de ideal que lhe doirava as crenças, sumio-se, e os idolos vãos, a que sacrifica, prégam todos, com o exemplo, a satisfação infrene dos appettites materiaes. Mas a natureza humana protesta, de vez em quando, contra a bestialisação forçada a que a querem reduzir, uns procuram, como tu, inventar novos prazeres, novas orgias, cujos clamores abafem a voz do coração. Outros prestam o ouvido aos sectarios da nova crença, e vão augmentar as fileiras d'aquelles, que dão á humanidade os thesouros do seu espirito, e que entregam com indifferença ás feras esse corpo vil, que tu, imperador, adoras em ti, e que n'elles não é mais do que o ninho ephemero em terra estrangeira da alma, essa andorinha que espera anciosa a primavera do céu.

Nero, imagem e flagello da Roma pagã, recosta-se cheio de tedio á mesa do banquete. Nada mais póde inventar para erguer esse pezo enorme de aborrecimento que o esmaga! Nada mais? engano-me. Uns frouxos clarões começam a allumiar a um tempo os quatro cantos da cidade, depois vão estendendo a pouco e pouco os seus braços de fogo, afinal, soltando um rugido, apertam a si os edificios ingentes da cidade eterna, e envolvem o Forum n'um manto de chammas. E Nero, que vê sorrindo-se, o marmore das torres e das estatuas tingir-se de

reflexos escarlates, brada: «Faço-te de novo rainha, ó Roma. Eis a tua purpura.»

Sigâmos n'este ponto a magnifica descripção do sr. Theophilo Braga:

Pelas sombras
De procellosa noite luz brilhante
A vista absorta céga. As labaredas
Já, faminlas no ar rubras, fluctuam;
Era o incendio de Roma! A chamma indomita
Lambe por toda a parte, o estrago vôa,
Baqueam altas fabricas, por terra
Ruem torres enormes. O alarido
Da consternada plebe se mistura
Ao crepitar do fogo que a circunda!
As chammas vão do Cœlio ao Palatino,
Como farpadas linguas de serpentes.
A flamma brilha d'entre o espesso fumo,
E coruscante lavra, e se derrama
Madeixa loira e solta sobre o corpo
Da Meretriz das gentes. Brada insano
No ergastulo profundo o escravo, as grades
Vergam-lhe sob os dedos na ancia extrema!
No tumulto se esmagam, se atropellam!
Os monumentos inclytos desabam,
Cobrindo a multidão que tripudia.

N'este poemeto ha uma vehemencia de lyrismo, um tão perfeito tom da era, que nos espantam. Desde o aposento de Celia até á arena do Circo, Theophilo Braga nem um instante só sente affrouxar-lhe a imaginação.

Não desmentiria talvez Ovidio a descripção do aposento da dama romana, e da sua voluptuosa *toilette*. Intercalaria ufano Chateaubriand nos seus *Martyres* o canto, que se intitula as *Horas do Ágape*, e Eudoro não desdenharia contar a Cymodocéa, depois dos seus combates contra os armoricanos, os combates do heróe de Theophilo Braga contra os lusitanos do monte Herminio. É esse effectivamente um dos mais bellos episodios do poemeto.

Ao outro dia, á luz do sol que nasce,
Cahindo a jorros do alcantil dos montes,
Achei por terra as legiões romanas
Sobre as cruentas fragas. No destroço
Fiquei tambem, perdido, extenuado.

Senti a raiva, o opprobrio da ruina!
Ao vir da noite negra, a todo o custo
Ergui-me ás roucas vozes dos abutres
Pairando sobre as cryptas escalvadas
Dos fraguedos do Herminio.

Comtudo n'esta mesma descripção encontrarei, parece-me, um anachronismo. Póde-se suppôr, que Licinio, o cavalleiro romano do tempo de Nero, diga:

Era a ondina *do nevoeiro*
Era a fada *que scisma divagando?*

Supponho que não.

O *Festim de Trimalcião* produz no leitor o effeito do episodio do livro de Petronio, que dá o nome ao canto de Theophilo Braga, misturado com a impressão voluptuosa de alguma das elegias delirantes dos *Amores* d'Ovidio. É aquella verdadeiramente a Roma agonisante. Como Petronio, o devasso historiador da devassidão, tambem Roma tem as veias rasgadas, e esmorece no seio da volupia, empunhando igualmente a taça de phalerno. Cito uma estrophe ao acaso do canto de Petronio moribundo:

Teu braço de neve
Nas dansas ligeiras,
Fogosas, lascivas,
Me prende subtil!
Com passo tão leve
Nos ricos tapetes
Das salas faustosas,
Resvalas não cansas,
Arfando gentil.[1]

Deixando-se arrastar pela sua erudição, continúa o sr. Theophilo Braga a evocar todas as litteraturas. Mostra conhecel-as a fundo, mas, por Deus, o sr. Theophilo Braga é pagão devé-

[1] O sr. Theophilo Braga parte os versos ao meio, e dispõe-n'os da seguinte maneira:

Teu braço
De neve etc.

É mais bonito mas vem a dar na mesma. Não o imito, porque disponho de pouco espaço.

ras, tão pagão como o seu homonymo Theophilo Gautier. É um adorador da fórma! um discipulo de Ovidio e de Anacreonte! É pagão convicto e relapso! O mysticismo israelita, o ascetismo indiano não lhe agradam muito. *Sémida* e a *Pérola de Ophir* são duas glorias para o artista, mas a idéa religiosa, tudo em Israel, tudo tambem na India, apenas se entre-mostra n'essa pastoral e n'esse drama. Maghavan não é nem parente do rei de *Vicrama e Ourvasi*, e em vão procuro a idéa pantheistica nas scenas do drama indiatico. Theophilo Braga, no seu prologo, mostra perceber perfeitamente a poesia do Ganges, a intima ligação da natureza com todos os actos da vida, esse pantheismo tão differente do pantheismo grego, que, em vez de personalisar os objectos inanimados, como o fazia a poesia hellenica, os conserva taes quaes são, e nem por isso deixa de lhes dar voz e alma. Essa tendencia, que, coisa notavel! tornamos a encontrar na poesia moderna, e que se torna até muito sensivel nas *Contemplações* de Victor Hugo, revela-se esplendidamente no episodio do nascimento do Ganges no grande poema do *Ramayana*.

Mas se Theophilo Braga concebeu bem essa idéa foi mais infeliz na execução. Maghavan pensa antes nas delicias do amor carnal do que nas ethereas *rêveries* do amor indiano. Vamadheva, typo que, pela ingenuidade, se approxima sim da Sacountala do drama indico, esquece-se depressa, pensando no seu esposo, da natureza sua irmã. Não ha, na *Pérola de Ophir*, coisa que se assemelhe áquellas palavras de Sacountala:

«Ó meu pai! deixai-me fallar ainda a essa flor do madhavi, a quem eu chamava minha irmã, e cujas purpureas moitas brilham como uma chamma nos bosques.»

Virupa não tem a minima feição dos ascetas brahmanicos. As aguas do Douro não são as aguas do Tomosa, e Brahma, que visitava Valmiki na sua cabana de folhas, não está disposto a fazer uma longa viagem para vir ao Porto visitar o sr. Theophilo Braga.

Mas isto em nada diminúe o elevado merecimento lyrico da *Pérola de Ophir*.

Com os vastos recursos de talento e de erudição, que o sr. Theophilo Braga possúe, parece-me que escusava de desfolhar a sua corôa lyrica ás brisas de todas as poesias, e que podia dar mais unidade á sua obra. Narre-nos o passado, ficando no presente. Não queira, como Cagliostro, fazer-nos suppôr que viveu todas as idades de homem, e, concentrando as suas immensas faculdades no estudo de uma época, legue á humanidade um monumento grandioso. Não imite lord Elgin, arrancando

aqui e acolá aos monumentos gregos uma pedra, uma estatua, um columnelo. Escolha ou a antiguidade classica, ou o nosso passado nacional, essa prodigiosa mina, onde encontrará, por exemplo, os materiaes ainda desaproveitados da conquista da India, entre os quaes, com a sua erudição, e com a facilidade que tem de se impregnar da cor local, podia encontrar assumpto para um poema, que seria de certo mais apreciavel e apreciado do que a *Pérola de Ophir*, e imitando, de preferencia ao lord inglez, Sétinus, o architecto grego, reuna os thesouros que espalha com tanta prodigalidade, e faça com elles um monumento harmonioso como o Parthénon d'Athenas.

M. Pinheiro Chagas.

CHRONICA SCIENTIFICA

Animalculos microscopicos—Foraminiferos—Movimentos dos animaes microscopicos—Voracidade dos animalculos, e pluralidade de estomagos — Propagam-se os animalculos dividiudo-se? — Methamorphoses dos infusorios — Reproducção — Os rotiferos, animalculos de organisação perfeita — Superioridade das femeas sobre os machos — Gerações espontaneas - - Animalculos parazitas no homem, origem de graves doenças.

a *Chronica* publicada no numero anterior da *Revista*, buscámos attrahir a curiosidade do leitor para o estudo d'essas organisações mysteriosas e variadas, que, por causa de suas diminutissimas dimensões, só pódem ser observadas com o auxilio de fortes microscopios. Se o leitor teve a paciencia de ler o que escrevemos, sabe já que, entre essas organisações singelas, umas se podem evidentemente classificar como vegetaes, outras possuem caracteres, que as devem fazer considerar como animaes, e outras emfim são de uma natureza bastante ambigua, para que os naturalistas tenham hesitado em as collocar n'um ou n'outro dos dois grandes grupos, nos quaes naturalmente se dividem os seres organisados em geral.

A observação de vegetaes formados de uma ou mais bolsas mem-

branosas ou cellulas, e das methamorphoses porque passam esses vegetaes, já apresentando-se como pequenas cellulas fixas cheias de liquido glutinoso, já transformando-se em corpos arredondados e coroados de filamentos vibratios, que lhes imprimem movimentos: a existencia de pequenos seres formados de cellulas dispostas como as contas de um rosario, e movendo-se por oscilações successivas, que, até certo ponto, simulam os movimentos dos animaes; a analyse de plantas envolvidas em conchas siliciosas e manifestando uma agitação de natureza particular e intermitente; a difficuldade de seguir nas suas successivas evoluções seres que só pelo microscopio se podem aperceber; tudo tem contribuido para difficultar o estabeleeer-se um limite definitivo entre vegetaes e animaes, n'esses confins inferiores da organisação. A distincção mais natural, que hoje se póde estabelecer entre os dois grupos, é a fundada no modo de alimentação. Os seres que se alimentam pela sua superficie exterior, e, em grande parte pelo menos, de materias inorganicas, são considerados como vegetaes: os seres que ingerem os alimentos, que introduzem em cavidades internas, mais ou menos bem limitadas, substancias organicas, são considerados animaes.

Nem sempre, porém, tem sido possivel observar, de maneira a não deixar duvida, o modo de alimentação de alguns dos seres organisados cuja existencia o microscopio nos tem revelado; e, se notarmos que a esta difficuldade se accrescentam as que resultam das phantasticas methamorphoses, porque passam os seres de organisação inferior, e da existencia de movimentos em organismos cuja natureza vegetal se não póde pôr em duvida, ser-nos-ha facil conceber os motivos, porque alguns naturalistas descrevem como plantas o que outros incluem no grupo dos animalculos microscopicos. Pondo de parte esta questão interessante, mas longa e complicada, dos limites entre os dois reinos, vamos dar uma breve noticia de algumas d'essas curiosas organisações rudimentaes, classificadas pelos microscopistas em geral entre os animaes.

Ha grandes differenças entre os animalculos de que a sciencia hoje tem conhecimento; sendo uns simples cellulas de uma uniformidade e singelesa extrema, e outros possuindo orgãos variados e complicados apparelhos, comparaveis aos dos animaes superiores. Entre as mais simples organisações, que se nutrem pela ingestão de alimentos organicos, e devem por isso considerar-se animaes, estão uns seres formados de um liquido glutinoso, muitas vezes cheio de granulações, liquido envolvido n'uma membrana ou crosta mais ou menos distincta, mais ou menos consistente, os quaes se movem lentamente por meio de umas ramificações irregulares similhantes a raizes, que saem da membrana ou crosta externa. A um typo ana-

logo ao que fica descripto, pela simplicidade de organisação, pertencem as *Amœbas*, a que nos referimos n'outro artigo. São estes animalculos formados de um liquido transparente e granuloso, distinctamente envolvido por uma membrana bem definida: a fórma d'estes curiosos animalculos é extremamente variavel, a cada instante saem da sua superficie prolongamentos, que se fixam aos corpos sobre os quaes o animal se move, rojando-se lentamente; estes prolongementos, pouco depois, desapparecem retraindo-se, para serem substituidos por outros. No interior das *Amebas* observam-se, muitas vezes, os animalculos ou plantas rudimentares, que lhes servem de alimento. Ainda que se possa suspeitar por algumas observações, que n'estes animalculos se dão phenomenos de conjugação e fecundação sexual, comtudo nada se póde ainda dar como certo a este respeito: o modo commum de propagação d'estes seres é por divisão artificial ou espontanea. Cada porção do animal, separada por qualquer modo, é capaz de reproduzir uma organisação em tudo similhante á do animal completo.

Assim como ha plantas, as *Diatomaceas* que o leitor já conhece, de uma extrema simplicidade, que se envolvem de uma concha delicadissima formada de materia siliciosa, assim tambem ha animaes, de constituição igual á das *Amcebas*, que se revestem de conchas, as quaes pela variedade e belleza das suas formas merecem a admiração dos naturalistas.

Quando se observam ao microscopio as areas do mar, distinguem-se conchas calcareas de fórmas variadissimas, mais ou menos contornadas, com uma superficie coberta de relevos, formando geralmente desenhos regulares, e atrevessadas, quasi sempre, por numerosas perfurações; contém estas conchas um animalculo, se a concha tem uma cavidade unica; ou uma collonia de animalculos, se é dividida em compartimentos distinctos. Estes animalculos são apenas formados de uma substancia gelatinosa, sem orgãos distinctos. Movem-se elles, lançando pelas aberturas das conchas que os envolvem, prolongamentos retrateis, similhantes aos que nas *Amebas* servem á locomoção e á prehenção dos alimentos. A propagação d'estes curiosos animalculos é rapidissima, e a sua existencia remonta ás antigas epochas geologicas do apparecimento da vida sobre a terra. Muitas rochas calcareas, margas e calcareos compactos apropriados para construcções, são, em grande parte, formados de conchas d'estes animalculos de singela organisação, a que os naturalistas deram o nome de *Foramimiferos*. Nas pedras de construcção empregadas em Pariz as conchas fosseis de *Foramimiferos* são tão abundantes, que se póde dizer, sem exageração, ser aquella grande cidade construida de conchas d'esses animalculos microscopicos. N'um veio de calcareo, extremamente desagregado e como farinoso, que se encon-

tra proximo de Bemfica, nas visinhanças de Lisboa, encontramos uma grande quantidade de conchas de *Foramimiferos* de varias especies.

Nas infusões de materias organicas apparece sempre uma infinidade de animalculos de fórmas e organisações diversas, muitos dos quaes tem uma organisação complicada, e apresentam phenomenos de methamorphose ainda incompletamente conhecidos. Da natureza dos liquidos em que elles mais geralmente se mostram lhes proveio o nome de *Infusorios*, porque são designados.

Pondo no microscopio uma gota de agua, em que esteve de infusão uma materia organica, observam-se globosinhos moveis e transparentes, que parecem constituidos unicamente por um liquido glutinoso, não envolvido de tegumentos, e tendo fixados n'um ponto da sua superficie alguns, poucos, filamentos, que lhes servem para a locomoção. Estes *infusorios* de organisação singelissima, estas *Monadas* são provavelmente estados transitorios de outros infusorios mais perfeitos; são germens e não seres completos. Ás aguas estagnadas dão, ás vezes, uma côr verde e outras avermelhada certos infusorios formados de uma bolça membranosa, cheia de materia corada de verde ou de vermelho, no meio da qual se destingue um ponto côr de sangue, que representa como um olho do animalculo; a bolsa membranosa que o limita tem, n'uma de suas extremidades, um prolongamento caudal, e na outra um longo filamento vibratil. Estes animalculos, a que Ehrenberg deu o nome generico de *Euglena*, entram em certo periodo da vida n'uma phase de quietação e transformação; n'esse periodo envolvem-se n'uma membrana cellular, umas vezes gelatinosa e redonda, outras resistente e como cornea, e n'este estado agregam-se em grande numero, e formam uma lamina que fica em suspenção na agua. As *Euglenas*, emquanto estão fechadas n'estas cellulas, dividem-se em duas, quatro ou mais porções, cada uma das quaes, ao libertar-se da prizão em que temporariamente esteve encerrada, apparece com todos os caracteres de uma Euglena perfeita.

Nas aguas estagnadas, quer sejam doces quer salgadas, assim como em infusões de materia organica, observam-se numerosas e variadas fórmas de infusorios, cujos tegumentos são cobertos de pellos vibrateis, de *celhas*, mais ou menos abundantes e variamente distribuidas. Para dar idéa da organisação d'estes seres rudimentares, que pela sua extrema mobilidade não podem deixar de fixar a attenção dos microscopistas, basta descrever uma espece que acompanha, quasi sempre, esses bichinhos curiosos chamados *Hidras*, que todos tem observado nas aguas potaveis, parecendo viver como parasita d'elles. Este infusorio, a que os naturalistas deram o nome de *Kerona polyporum*, tem o corpo da fórma de um ovo um pouco alongado e achatado, brando, flexivel, cercado, no sentido do seu

maior comprimento, por um renque de filamentos curtos e vibrateis; além d'este anel de pellos, observam-se, irregularmente espalhados sobre a superficie do infusorio uns espinhos recurvados, e não vibrateis. Uma abertura lateral, cercada de filamentos dispostos em coroa, representa a bôca do animalculo: interiormente é o corpo da *Kerona* formado de um liquido, que tem em suspensão consideravel numero de granulações; n'esta substancia fluida, que constitue a maior parte do corpo do infusorio, notam-se algumas aberturas arredondadas, que podem comparar-se a estomagos, porque n'ellas se descobrem os differentes infusorios, ás vezes vivos ainda, assim como as plantas rudimentares que lhes servem de alimento. Além das cavidades que representam estomagos, ha outras que se contrahem e dilatam com regularidade, imprimindo movimento ao liquido nutritivo, de um modo analogo áquelle porque o coração actua sobre o sangue nos animaes superiores. É pelas vibrações, mais ou menos irregulares e intermitentes, dos filamentos ou *celhas*, que a *Kerona*, assim como os outros infusorios *ciliados*, se movem. Ha n'estes movimentos uma grande variedade, e muitas vezes parecem dirigidos pela vontade; comtudo nada se póde affirmar a este respeito de um modo positivo.

A *Kerona polyporum*, brevemente descripta, póde dar idéa de um typo de organisação, muito commum no grupo de animaes que denominamos infusorios: ha porém um outro typo de organisação, o dos infusorios fixos, para o qual chamaremos a attenção do leitor.

Imagine-se um grupo de hastes flexiveis, umas rectas, outras flexuosas, ou curvadas em espiral, continuas umas e outras bifurcadas; imagine-se cada uma d'essas hastes terminada por uma urna, cuja fórma representa, aproximadamente, em miniatura o envoltorio de uma d'essas inflorescencias muito communs nos jardins, a que chamam jarros: imagine-se cada uma d'estas urnas coroada de pellos vibrateis no seu rebordo superior, e ter-se-ha uma idéa aproximada dos graciosos infusorios fixos, a que se deu o nome de *Vorticellas*. Os pedunculos, que fixam aos corpos em decomposição os curiosos animalculos, são em extremo contracteis; de modo que se enroscam e encolhem rapidamente, quando um corpo estranho ameaça o animalculo, e se alongam, quando este precisa buscar no liquido que o circunda alguma preza, para d'ella se alimentar.

As fórmas descriptas dos infusorios são sufficientes para se ter uma idéa dos typos geraes, mais caracteristicos e dignos de conhecer-se. O estudo microscopico dos infusorios deve ainda considerar-se imperfeito; ha muitos mysterios na vida d'estes seres rudimentares, que nós não podemos descortinar ainda. É sobre tudo assumpto de duvidas, e objecto de curiosidade, a sua propagação.

Propagam-se os infusorios, segundo commumente admittem os microscopistas, por subdivisão longitudinal ou transversal; o corpo assim repartido em dois origina rapidamente dois individuos perfeitos, em tudo similhantes áquelle que se repartiu expontaneamente em duas porções iguaes ou desiguaes. Este phenomeno de *fissiparidade* é difficil de comprehender e de admittir, quando se pensa que os *microzoarios* tem uma constituição mais ou menos complicada, e orgãos distinctos e diversamente distribuidos. E, de facto, observadores conscienciosos não só põem em duvida, mas negam positivamente a existencia da *fissiparidade*, em muitos casos em que ella era admittida até hoje. N'um trabalho recente o sr. Pouchet, o zeloso defensor da *geração espontanea*, nega a existencia da *fissiparidade* nas *Vorticellas*. Attribue este naturalista as illusões dos sabios a duas causas: as monstruosidades e o parasitismo. Ás vezes, diz elle, encontram-se duas vorticellas intimamente unidas, mas em vez de tenderem a formar individuos isolados, conservam-se sempre ligadas, como verdadeiras monstruosidades que são: outras vezes encontram-se duas vorticellas totalmente distinctas na extremidade do mesmo pediculo, mas n'este caso ainda não houve *fissiparidade*, divisão de um ser perfeito, mas uma simples bifurcação do pediculo: emfim, n'outros casos, notam-se pequenas vorticellas livres, segurando-se pelos seus filamentos vibrateis ás vorticellas fixas, e então o phenomeno não é mais do que um caso de parasitismo. A propagação dos infusorios por subdivisão é, pelo menos, mais rara do que se suppunha até hoje, e não se lhe póde attribuir a rapidissima propagação d'esses animalculos nas infusões de substancias organicas.

Muitos infusorios soffrem metamorphoses, e nessa occasião perdem o vigor nos movimentos, tomam uma fórma arredondada, perdem ou retraem os seus filamentos vibrateis, e lançam da sua superficie externa uma materia gelatinosa, a qual, solidificando-se, os envolve, os *enkista*, pondo-os ao abrigo das influencias externas. Os infusorios *enkistados* passam, ao que parece, por modificações diversas, segundo as especies; sendo facto averiguado, pelo que afirmam naturalistas que do assumpto se tem em especial occupado, que do interior dos kistos saem ás vezes individuos numerosos, cujos caracteres são diversos d'aquelles que distinguiam o animalculo que se enkistou.

A historia das transformações porque passam os infusorios é mal conhecida ainda. Segundo Julio Haime, são apenas fórmas de transição, muitas das que tem sido tomadas como caracteristicas de especies totalmente distinctas: com tudo, as opiniões extremas d'aquelle observador foram contestadas por naturalistas de muita auctoridade. Não ha tão variadas e multiplas transformações nos infusorios como

admittiu Haime, mas a existencia de metamorphoses, ainda incompletamente estudadas, é tão fóra de duvida nos infusorios como o é nos insectos, nos molluscos, e em outros dos grandes grupos do reino animal.

Lembrando-se das transformações que soffre o bicho de seda, por exemplo, o leitor póde fazer idéa das grandes differenças de fórma, de organisação, de modo de vida, porque póde passar um animal sujeito a metamorphoses, antes de chegar ao estado adulto, isto é, ao estado de se reproduzir por meio da conjugação sexual: ora, dando-se nos infusorios metamorphoses, sendo a vida ephemera d'estes animalculos difficil de observar, havendo só uma phase n'essa vida em que a existencia dos sexos se manifesta, concebe-se que por muito tempo se não descobrisse n'esses seres rudimentares a reproducção pela acção sexual, e que esta mesmo fosse posta em duvida. Hoje essa duvida não existe. O sr. Balbiani descubriu que, em cada um dos infusorios perfeitos, existiam reunidos os dois sexos; sendo um ovario o orgam arredondado, e mais ou menos corado, que os naturalistas denominavam o *nucleo;* e um orgam de fecundação, um orgão masculino, outro corpo de menores dimensões, que os observadores haviam descripto com o nome de *nucleolo*. A fecundação depende da conjugação de dois individuos; ficando ambos aptos a produzir ovos.

A breve noticia, que acabamos de dar, dos animalculos denominados *infusorios* basta para se reconhecer, quanto é interessante o estudo d'estes seres rudimentares, quantos segredos da natureza elles nos podem vir a revelar, e quanto ha ainda a fazer para que se possa ter d'elles um conhecimento satisfatorio. O que se sabe ácerca dos infusorios é, a nosso ver, apenas bastante para se poder avaliar a importancia dos estudos que sobre elles se podem emprehender: a cada passo se encontra um problema a resolver, uma questão a elucidar, um facto duvidoso a verificar.

O emprego do microscopio revela-nos ainda a existencia de animalculos de organisacão muito mais complicada do que a dos *infusorios*, e comparavel mesmo á dos animaes superiores. Os *Rotiferos*, que vivem pela maior parte nas aguas doces, onde não ha em grande quantidade materias organicas em decomposição, só na exiguidade das dimensões se assemelham aos outros animalculos de que demos noticia. O corpo dos *Rotiferos* é arredondado e sobre o comprido, posteriormente terminado por uma cauda, formada de tubos que se contraem ou se alongam á maneira de canudos de occulo: a pele é transparente, mas tendo, relativamente, bastante consistencia, e mesmo, ás vezes, apresentando-se coberta de uma especie de casca. Na parte anterior tem estes animalculos um disco, muitas vezes re-

cortado em differentes porções, e franjado nos bordos por uma ou duas linhas de filamentos vibrateis. Quando em movimento, estes filamentos dão ao disco a apparencia de uma roda, girando com grande velocidade. Entre estes lobos anteriores ha uma proeminencia, que representa a cabeça do animal; n'ella se abre a boca, e fixam a attenção do observador dois pontos vermelhos, que são os olhos. O canal alimentar é perfeitamente distincto, tendo orgãos destinados para a trituração dos alimentos, um estomago, e glandulas rudimentares, provavelmente analogas nas suas funcções ao figado. Uma circumstancia curiosa é porém para notar: havendo n'estes animalculos a separação dos sexos, observa-se que a voracidade é uma qualidade distinctiva das femeas; os machos vivem só para o amor, e por isso não precisam nem teem canal alimentar. As femeas não só se alimentam abundantemente, mas teem uma tenacidade de vida extraordinaria. *Rotiferos*, perfeitamente secos durante muitos annos, voltam á vida, quando uma gota de agua lhes vem humedecer os tegumentos.

É no estudo do apparecimento e rapida multiplicação d'estes seres rudimentares, de que buscámos dár noticia ao leitor, que os naturalistas procuram a solução de uma das mais interessantes e graves questões de que se occupa a scieneia; a questão das *gerações espontaneas*.

É a existencia das *gerações espontaneas*, isto é, da formação de seres organisados sem predecessores, pela combinação vital de elementos primordiaes tirados da materia organica em decomposição, um dos pontos ainda duvidosos da sciencia. Mostra a analyse microscopica do ar, da agua e de muitos corpos, que por toda a parte se encontram germens, em maior ou menor quantidade, cuja natureza é difficil de reconhecer, mesmo aos mais habeis e experimentados microscopistas. É á presença d'esses germens, que provoam a terra, penetram em toda a parte, e se encontram em todas as infusões, que é devido, segundo os adversarios das gerações espontaneas, o apparecimento das organisações inferiores, vegetaes ou animaes, em toda a parte onde se acha o meio proprio para a sua evolução; isto é agua, ar, calor moderado, e materia organica em estado de servir de alimento aos seres vivos rudimentares. A observação tem feito ver a outros naturalistas, que os germens não são em tanta abundancia quanto se suppunha, nem elles se acham universalmente derramados por toda a parte; a experiencia parece haver-lhes mostrado, que animalculos e plantas rudimentares se desenvolvem em infusões organicas, que se fizeram passar por uma temperatura superior áquella á qual podem resistir os germens dos seres organisados, em presença de ar tambem preivamente aquecido, ou

de oxigenio puro. Multiplicam-se as experiencias; variam as interpretações; dois experimentadores, o sr. Pouchet auctor de um livro notavel sobre as gerações expontaneas, e o sr. Pasteur adversario incansavel dos que admittem taes creações na natureza, travam uma luta tão interessante quanto instructiva; mas qualquer naturalista imparcial não póde deixar de considerar a importante questão como não resolvida ainda. Inclina-se o espirito a admittir a possibilidade das gerações expontaneas; nada tem de repugnante á natureza e á razão a existencia de um tal phenomeno; a sciencia porém não póde ainda senão levantar um canto do veu, que lhe esconde os mysterios da creação, e seriao rgulho injustificavel suppôr-ella conhecer tudo. A paixão com que alguns sabios estão hoje discutindo sobre as gerações expontaneas, é impropria da gravidade, placidez e desprendimento de preconceitos, com que no nosso tempo a sciencia deve estudar a natureza para descobrir a verdade.

As causas de muitas doenças graves, que atacam subitamente o homem e os animaes superiores, produzindo alterações profundas do sangue, e de differentes orgãos, como se no organismo houvesse entrado um poderoso veneno, são ainda um mysterio. O emprego do microscopio vae-nos, com tudo, dando esperança de chegarmos um dia ao descobrimento d'essas causas. Observadores de grande sagacidade tem chegado a reconhecer, pelo uso do microscopio, que á presença de animalculos, em geral pertencendo a um dos grupos mais singelamente organisados, póde ser devida a febre typhoide, a pustula maligna, e as mais graves affecções carbunculosas. Ultimamente, em Inglaterra, o sr. Tigri encontrou os *Bacterios* no sangue de um homem, que havia succumbido a uma febre typhoide. O sr. Davaine observou, que a inoculação de alguns *Bacterios* n'um animal superior bastava para produzir, rapidamente, todos os symptomas morbidos das doenças carbunculosas, e causar a morte em quarenta horas. Na escara de uma pustula maligna achou o mesmo observador uma quantidade immensa de *Bacterios*. É hoje reconhecido, que algumas enfermidades graves do homem e dos animaes domesticos são causadas pela presença, em diversos orgãos, de parasitas animaes, principalmente da classe dos *Entozoarios;* os vermes, que invadem differentes cavidades e os tecidos de diversos orgãos dos animaes, tambem penetram nos vasos destinados á circulação do sangue, produzindo n'este liquido, essencial á vida, alterações profundas.

O microscopio é um dos instrumentos que mais rapidamente se tem aperfeiçoado n'estes ultimos annos; o seu uso tem-se vulgarisado; um mundo novo, e cheio de mysterios, nos é por elle revelado; muitos dos problemas mais interessantes e complicados da physiolo-

gia e da medicina talvez achem ainda uma solução satisfatoria, pelo emprego do microscopio; bastam estes motivos para que os estudos de microscopia excitem interesse nas pessoas, que não são indifferentes aos progressos da sciencia. Na breve exposição, que fizemos n'esta e na *Chronica* anterior, buscamos attrair a curiosidade do leitor para as maravilhas d'esse pequeno mundo, cuja existencia mal se poderia suspeitar sem o emprego do microscopio: se conseguimos este resultado, se chegamos a fazer apreciar a importancia de muitos dos descobrimentos que o microscopio tem feito já, alcançamos o nosso fim.

J. D'ANDRADE CORVO.

CHRONICA DO MEZ

omaram-se banhos.

Essa simples linha podia por si só preencher a chronica, se os jornaes pagassem os conceitos em vez de pagarem as palavras. Todavia, como as palavras é que elles pagam, vamos a amplificar aquella indicação resumida dos ultimos acontecimentos.

Bem sei que se queixam das *barcas:* é caricato, é massador, é insipido, é mau tom, é tudo que lhes lembrar ir banhar-se uma pessoa a um poço, a uma cisterna, a um charco, *et cætera*. E depois, que perda de tempo! Ali se vão as manhãs á espera de vez, e os mirones com a vaga luneta incerta a olharem esta e aquella, e o moço a gritar pelo alphabeto «Quem tem t?» e uma pessoa obrigada a namorar para se entreter, e o marido em casa sem almoçar, e uma anecdota que se escuta d'este lado, e um caso que estão contando ali, e um sugeito que diz uma amabilidade acolá, e as horas a correrem mais que a onda, e o individuo, que costuma ir para o Caes do Sodré, que diz com olhar de intenção: — «Hoje espero pelo bote do Terreiro do Paço!» e o banho tomado á pressa, e os ditinhos convencionaes de «Achou hoje a agua muito fria?» e o sorriso, e o comprimento, e a cartinha, e a palavra ao ouvido, e o marido que não tomou banho e que é quem fica mais molhado!...

Ah! Não me digam mal das barcas; ou antes, vamos a dizer mal d'ellas e a ir lá sempre: que é a regra! Temos por onde escolher até ao S. Martinho, que é o Santo tão protector do vinho como inimigo da agua, que abre as pipas e fecha as barcas. A *Deusa dos mares* é a barca *dos janotas e do madamismo*, como diz o burguez; os quartos são maiores, a sala é mais espaçosa e elegante, as criadas

mais bonitas, do que nas outras barcas, e para arranjar pretexto de estar preso um dia inteiro não ha coisa mais verosimil do que ir tomar um banho ali; a concorrencia é immensa e o sugeito finge-se exasperado de não o aviarem, dando parabens á fortuna de se achar com tal delonga em tão fausta companhia!

A *Flôr do Tejo* é a barca das senhoras verdadeiramente elegantes, e, acaso ou destino, a das formosas. Os remadores dos botes d'esta barca dão quasi sempre em poetas ou em suicidas. Como os gondoleiros venezianos, esquecem-se ás vezes do rio para pensarem no céu, tão celestiaes lhes parecem as damas que conduzem nos seus barcos. Ha dias em que affirmam haverem conduzido Venus de chaile e chapéu, e terem estremecido de jubilo voluptuoso ao darem-lhes a mão para o desembarque. Alta noite, ao recordarem as sensações do dia, deixam-se levar dain spiração e cantam hymnos commemorativos ao Tejo e ás flôres, em que alludem apaixonadamente ás banhistas da *Flôr do Tejo!* Tão depressa as madrugadas principiam a ser mais frias e o sol a nascer mais tarde, começa a tristeza a apoderar-se d'elles. As visões vão desapparecendo nos nevoeiros do outono, e terão de esperar um anno para as avistarem de novo. Uma allucinação momentanea do ouvido, igual á dos maniacos, faz renascer para esses barqueiros infelizes as revelações tradicionaes da ilha de Ceylão e as harmonias aereas do Sinai. Ouvem a voz d'esta e d'aquella banhista passar nas aguas e saudal-os. Quanto mais calada vae a noite, melhor elles ouvem as mysteriosas vozes. Não se atrevem a fallar a ninguem de sereias e genios aquaticos, mas, no intimo da sua consciencia, estão convencidos de que os ha. Quando a barca se vae do rio, parece que os olhos dos pobres barqueiros se despedem com ella; depois ainda por ali se avistam a pescar camarões, ou como remadores subalternos em botes da Ribeira; pouco tempo dura isso; pelos ultimos dias de dezembro costuma succeder que os visitantes do hospital de Rilhafoles encontrem lá algum pobre diabo agachado ao canto de um corredor a fallar sósinho e a dizer com emphase: — «Vamos embora, lá vem a minha patrôa! Larga! Dê-me a sua mão para não cair ao mar!» ou no pateo, sentado no chão, a apanhar um raio de sol, sorrindo a quem olha para elle, e traçando com um pausinho figuras na terra: — é um ex-barqueiro da *Flôr do Tejo!*

Não considerem exagerado nada d'isto. O mar enlouquece a gente por mil maneiras. Recordem-se das historias que ouviram narrar desde a infancia. O mar tem segredos. Póde zombar-se de tudo menos d'elle, nem dos genios que habitam na agua. Pensem nos ondinos e nas naiades! Ahi está que no papão todos nós cremos. Credo! O papão do mar! Que de coisas nos contaram d'elle em crian-

ças! As tradições e as cantigas das amas dizem que é um velhinho magro e esqualido, de barba comprida, e com a cabeça cheia de limos em vez de cabellos. Tem um chapéu verde, e, quando abre a bocca, vê-se-lhe uma fileira de dentes esverdeados. Em Peniche, dizem que é ruivo, com um barrete vermelho, e dentes de ferro. Ainda ha velhas por aquelles sitios que affiançam que n'outro tempo o papão do mar ia ás villas por occasião de feira, e apparecia ás vezes em differentes povos a fazer compras. No logar de Giraldes conta-se que um d'esses papões ia lá d'antes todos os dias comprar carne no talho, mas que nunca pagava senão com moedas de dez réis furadas; um dia o cortador, que já estava farto d'esses trocos suspeitos, aproveitou o apice d'elle estender a mão e cortou-lhe um dedo com a machadinha: desde então nunca mais voltou. É voz geral em toda a costa que os papões do mar vêem ás vezes á terra para namorar as moças, e enganarem-as com palavra de casamento; o signal mais certo para os conhecer é terem a mão molle e fria como gêlo. As amas contam-nos em pequeninos que ha no fundo do mar palacios encantados onde vivem os principes e as princezas das ondas, casinhas de vidro com telhado de escamas; n'aquelle reino debaixo de agua, os noivos guardam as noivas, e as noivas guardam-os a elles sem nunca se poderem tirar uns de ao pé dos outros. Os famulos veem uma ou outra vez á terra, mas dão poucas fallas e mostram-se taciturnos, como se terrivel ameaça lhes fechasse a bocca e se sentissem vigiados pela policia do baixo-mar. Tambem se refere que já não é uma nem duas vezes que alta noite vêem chamar á pressa uma parteira e a introduzem no fundo do mar; e o mais é que se affirma, que todas a quem tal tem succedido voltam depois para a terra a dizerem que viram casas de coral alumiadas do tecto por perolas grandes, que o leito era de ambar, e que o papão lhes offereceu uma rica bandeja cheia de peças de oiro, na idéa de as degolar em seguida se houvessem tirado mais do que uma! Na Serra d'El-rei houve uma rapariga, que esteve a servir tres annos no fundo do mar. Estava contente com a casa, mas não lhe consentiam que deitasse sal na comida: foi o que a desgostou a ponto de se despedir. Dizia a moça depois á familia: — «Quando eu sahi da agua, não tinha mais que sete annos para viver; já se passaram quatro, faltam-me só tres!» Andava sempre triste, e ficava ás vezes uma tarde inteira acocorada, escondendo a fronte com as mãos e a dar suspiros...

O mar antigamente servia para viajar e para a poesia d'estes contos: desde o principio d'este seculo, principiou a ser applicado como particularissimo especifico, e ha mais de vinte annos que se acha promovido a ir toda a gente banhar-se n'elle como regimen geral.

As barcas, honra lhes seja, concorreram immenso para popularisar este genero de tratamento, adoptado hoje universalmente, e se a famosa barca dos *Tonneis* já desappareceu do Tejo *de crystal*, lá se acham em compensação, além das já citadas, a *Diligencia*, barca da gente pacata, a *Flôr de Lisboa* e a Nova *Flôr de Lisboa*, barcas de toda a gente.

A mania elegante n'estes ultimos tres annos correu para as praias; quiz-se viver em communismo, ser visto a toda a hora, não se banhar ninguem fechado á chave e mettido n'uma cella, mergulhar em sociedade na grande tina do mar, emblema da igualdade por excellencia! Já não ha outra coisa senão Ericeira e Cascaes; este anno reviveu Pedroiços. Para muita gente ir estar um mez em Cascaes corresponde á peregrinação da Mécca para os musulmanos. É uma viagem. Ha sugeito que ficou encantado da Ericeira, por ter visto o mar e haver contemplado á sua vontade o elemento perfido; cavaqueava com os maritimos ácerca de suas viagens a *longes terras*, e na volta trazia á esposa uma collecção de conchinhas. A promiscuidade é o principal condão das praias, mas a moda não deixa ir ali os seus direitos.... por agua abaixo; as senhoras, que vão degotadas aos bailes, na praia andam de camisolas até ao pomo de Adão e calças pelo pé adiante; o regulamento supprimiu o collo e a barriga de perna, e, a pretexto de trajo de banho, ficam muito mais vestidas do que nos bailes do Club!

Os antigos representavam Venus saindo das ondas, mas não se lembraram nunca de a enfeitarem de roupeta e coifa! Por isso, comprehende-se bem que n'algumas praias separem o banho dos homens do banho das senhoras; não é escrupulo de modestia; nos banhos do mar o pudor não é virtude; é a justiça que a si proprias fazem; é o sentimento de inferioridade que as senhoras comprehendem melhor que ninguem, e que as leva a esconderem aos profanos o que não merece ser visto. Sempre quero que me digam se viram alguma vez na Ericeira o pé da ex.ma sr.a * que todavia possue dois dos mais respeitaveis!

Os passeios, as excursões, os *pique-niques* são um dos principaes segredos do encanto da vida das praias, e se lhes tirassem isso, ninguem voltava lá a banhar-se. O pequenos vapores do sr. Burnay tiveram entre outras vantagens a de acordarem na burguezia o desejo de ir viajar... até Cascaes. N'um bello sabbado á noite, o amante tendeiro havendo dado balanço á caixa, observára de sorriso nos labios que as velas de cebo tem ainda mais rapida extracção do que as *Tempestades sonoras*. A esposa, debruçada em seu hombro, acariciava com as madeixas de seus cabellos preciosos ou não preciosos a face nedia de seu marido. Mafalda, sua tenra filha, pelava

pera cosida para a metter em calda, e Felisberto, joven estudantinho da mais baixa esperança, unico herdeiro d'aquella casa, por não dizer d'aquella tenda, fazia a côrte, assentado a um canto, a uma caixa de figos passados.

— Minha gente, exclamava o chefe de tal tribu, acho-me satisfeitissimo! O azeite foi-se como canella; o presunto desappareceu por entre os dedos; os queijos, já lá vão todos; os chouriços, nem que andassem pelo seu pé; ganhei oito moedas esta semana: por isso, reservo-lhes uma surpreza para ámanhã.

A esposa ia caíndo para o lado; Mafalda deixou rebolar uma pera; e Felisberto engolio de uma vez duas das suas victimas.

— O que é? O que é? rompia a familia em côro.

— Levo-os a Cascaes!

No dia seguinte, a criadagem da casa teve dia de folia, e quando algum famulo mais curioso pedia informações ao caixeiro ácerca da ausencia do patrão, respondia esse mancebo com entoação importantissima;

— O patrão foi para as praias!

— Mais a familia?

— Exacto.

— E por muito tempo?

— Ha de voltar esta noite muito tarde.

— Onde é então que elle está?

— Em Cascaes!

Pedroiços, este anno, parece todavia haver sido a praia que cantou victoria. A modá ali estabeleceu quarteis, e os janotas correram ao regaço da deusa. Foi um verdadeiro acampamento. Passei uma tarde pela chamada rua da Torre, e aquella azinhaga escura e triste estava com os ares de um paraiso; bellezas nos primeiros andares, nos segundos, nas aguas-furtadas, nas lojas, e á porta da rua; um viveiro! Os janotas escreviam para Lisboa cartas eloquentes que o omnibus trazia: «Exmo sr. * *, no Marrare: — Querido amigo, porque não appareces nas praias este anno? Encontrarias aqui mais de cincoenta amigos que suspiram por ti. A propria onda perfida parece murmurar teu nome ao fustigar a praia; aqui se cavaqueia, aqui se pesca, aqui se tomam banhos, e d'aqui se casa a gente. Dá um abraço ao Mattos, e, se te resolveres a apparecer por cá, traz-me um exemplar do *Cozinheiro completo*, porque a minha criada não está certa de como é que se fazem ovos quentes. Recommendações á rapaziada, e vejam se mandam para cá o Velle. Não imaginas quanto me tenho divertido aqui; ando em permanente folia; já tenho quatro banhos, e sete namoros: tudo me corre que é uma delicia; escreve ou deixa-te ver. Teu, etc. *.

Póde dizer-se que a sociedade das praias se compõe principalmente de elegantes, pessoas nervosas que não têem que fazer, gente que se dá ares de viagem em ir para Paço d'Arcos, e, lá de tempos a tempos, um ou outro doentesito para fazer crer a Deus que o seu divino poder teve em vista com o mar attender á saude dos humanos!

Com os primeiros sopros do outomno chegaram porém as madrugadas humidas, as nuvens de folhas seccas sacudidas das arvores, e as ondas mais frias e encapeladas. Com um tempo assim até a moda esfria e com ella o amor... É provavelmente o que succedeu, porque, pouco a pouco vêem já regressando a Lisboa as prestigiosas fugitivas que haviam abandonado a capital a titulo de regimen de praias. Chegou a época de se despirem...—abriu S. Carlos!

A presente época inaugurou-se pelo *Rigoletto*, de Verdi. Dispenso-os de considerações sobre a escola do popular maestro, e não guizarei mais uma vez os inconvenientes da musica ruidosa. O leitor já sabe tudo isso á legua. Verdi é um revolucionario, os cantores são as suas victimas, o publico é a victima dos cantores, etc. etc. Apesar d'isso e do mais, Verdi é o maestro do nosso tempo, e a empresa que passar sem elle póde passar bem de saude mas passa mal *de platéa*. O *Rigoleto*, e mais não é das operas predilectas da sociedade de Lisboa, foi ouvido ainda este anno com agrado, o que se deve em parte á execução por parte do baritono Squarcia e da dama Volpini. Squarcia possue uma voz vigorosa, que sabe amoldar á expressão do canto, sem fazer valer os seus recursos á força de os exagerar, como tantos, e de boa nomeada, que aqui temos escutado em S. Carlos. Actor intelligente e cantor mui expressivo, Squarcia tem um dos principaes quinhões no exito das tres melhores operas d'esta estação, *Rigoleto*, *Favorita*, e *Sapho*.—A dama Volpini é sympathica, graciosa, fresquissima de voz tanto como de idade. N'uma breve carreira tem feito já alguns theatros importantes; o de S. Carlos marca-lhe mais um triumpho. Ha um tenor no *Rigoleto*, e não póde deixar de haver; por isso a empresa, não tendo senão um Mongini, incumbiu essa parte ao sr. Tombesi; Tombesi não canta como um anjo, mas está longe de cantar como um demonio; uma parte do publico, ridiculamente exigente, castiga-o por não ser um tenor prodigioso; elle proprio se resignára a não ser uma maravilha quando se escripturára em segundo logar: do que se incumbiu, sae-se com bom desempenho; com uma escriptura de segundo tenor, não era para exigir que nos viesse fazer presente de uma voz de primeiro; é um artista joven e sympathico, com bom methodo de canto, algumas notas um pouco veladas e outras extensas e vibrantes; junta a isto não ser doente. É bem mau!

N'outro tempo havia cantores, *si vera est fama*, baratos e excel-

lentes: hoje não é assim; não porque as boas vozes fossem mais vulgares, mas por não serem tão geralmente procuradas, — o que conservava em preço moderado o seu valor commercial. O gosto pela musica ha pouco tempo que invadiu toda a gente: na idade de nossos avós era exclusivo prazer da aristocracia, e nas primeiras epocas de opera em Lisboa não ia ao theatro lyrico todo o *bicho-careta*. Ainda me lembro de ouvir dizer a muitos que não lhes aprazia S. Carlos porque não *entendiam a peça*. Lá por fóra, com pouca differença, tem-se dado o mesmo; a moda, pouco a pouco, é que tem exigido cantores custem o que custarem, e d'esta exigencia resulta que hoje se trabalhe muito menos na arte do canto. Dez annos eram precisos outr'ora para formar um artista capaz de cantar em theatro as primeiras partes; agora, em se tendo voz, bastam mezes para exercer taes funcções. Cantam sem methodo, é certo, declamam mal e representam peior, mas de vez em quando saccam de uma notta como quem dá um tiro, e o publico põe-se a gritar de jubilo, pasmado de haver quem grite mais do que elle! Aqui tivemos ha dois annos um tal Stefano, que trovejou no *Trovador* com alegria e applauso das platéas; era um pessimo cantor, mas dispunha do *vozeirão*, que, atordoando-o, maravilha o timpano do respeitavel publico, e tinha sempre chamadas especiaes no final do terceiro acto, por ir salvar sua mãe com mais gritaria que todos os filhos e trovadores juntos.

A *Favorita*, incumbida a madame Borghi-Mamo, Mongini, e Squarcia, estava destinada a um grande exito, e alcançou-o merecidamente. A sociedade de Lisboa não ouvia cantar assim ha muitos annos: foi verdadeiramente o drama lyrico em toda a elevação das suas exigencias; a Borghi é não só uma cantora mas uma tragica, e o talento de Mongini que Lisboa tanto aprecia, secundou-a admiravelmente; a opera rejuvenesceu pela execução primorosa d'estes dois artistas, e se a doença de Mongini não a houvesse surprehendido á segunda representação, haver-se-hia cantado em successivas recitas com enthusiasmo unanime. A *Sapho* de Paccini acudiu aos embaraços da empreza, graças á sublime interpretação da Borghi, que não só como cantora mas como actriz parece fadada para essa parte; alta, de physionomia ardente, olhar profundo, ondas de cabellos negros, voz forte e grave, voz bronseada como o rosto. Nunca esta opera produziu em Lisboa tão clamoroso enthusiasmo; o lindo e juvenil talento da Sannazarro deixára impressões profundas entre nós; a Borghi triumfou d'ella; no segundo acto principalmente pareceu-me prodigiosa de paixão, de força, de genio; esse é tambem, a meu ver, o melhor acto d'essa *partitura* immortal; no quarto acto mesmo pela Sannazarro a angustia nem eram ais profunda nem mais com-

municativa, por ver despedir da vida e do amor aquella criança apaixonada e sublime, que atirava para longe a lyra, e, ferida da poesia e do affecto, ia refugiar-se na morte; a Borghi é mais a Sapho, o ideal que as imaginações compõem, e ninguem ha que se conforme com o vel-a abandonar o amor e a poesia, apesar mesmo da lyra, dos trinta em deante, escapar por si mesma dos dedos das mulheres! Ó talento! que mocidade eterna tu és!...

JULIO CESAR MACHADO.

Duque de Palmella

Est. d'Amad. Rouel B. d. de Lis.

O DUQUE DE PALMELA

E então como ello a amava e lhe queria
A esta pobre terra portugueza!
Velha tinha a razão, velha a experiencia,
Jovem só esse amor.
Garrett — No Lumiar.

I

gloria, mesmo a mais pura e a menos disputada, sempre traz espinhos. São arduas de subir as eminencias, e o raio alcança-as mais depressa. Se a luz do sol as doura primeiro, se os veos da noute as escurecem mais tarde, expiam bem a primazia. O furacão ennovela-se mais furioso sobre as alturas, as arvores erguidas e frondosas desafiam mais a queda. Exemplo das vicissitudes, que pódem experimentar uma carreira agitada, o varão, cujas memorias tão ricas de feitos nos vemos constrangidos a contrair em breve quadro, provou de todas as illusões e desenganos, conheceu todas as grandezas, supportou as maiores adversidades. Superior aos lances da fortuna, aos rigores dos tempos, e á ingratidão dos homens, atravessou intrepido por meio do cortejo das admirações merecidas, e por entre os uivos das invejas implacaveis, e ao cabo de longa existencia, esmaltada de raros serviços e de nobres rasgos, adormeceu serenamente, sem remorsos, nem arrependimentos, quasi já nos braços da

posteridade, seguro de que legava á historia o seu nome, como um dos brazões explendidos da grande epocha, que viu nascer, resistir, e triumphar a liberdade.

D. Pedro de Sousa e Holstein, primeiro conde de Palmela em 11 de abril de 1812, primeiro marquez de Palmela em 3 de junho de 1825, e primeiro duque do mesmo titulo em 13 de julho de 1833, conde de Sanfré no Piemonte, e decimo terceiro senhor do morgado de Calhariz, Monfalia e Fonte do Anjo, abriu os olhos na cidade de Turim aos 8 de maio de 1781. Foram seus pais D. Alexandre de Sousa e Holstein e D. Isabel de Sousa Coutinho. Foram padrinhos do seu baptismo os reis D. Maria I e D. Pedro III. Ornaram o seu berço todas as pompas aristocraticas, sorriram á sua puericia todos os carinhos e favores da sorte; porém a mão da desgraça, ainda não cansada de pesar sobre a sua familia, reservara-lhe para os annos de joventude os cuidados de homem, e para a idade viril os desterros, as fadigas, e as anciedades do proscripto. Desde que lhe amanheceu a rasão, e amanheceu-lhe cedo, até que exhalou o espirito, nunca mais cessou de combater no campo e no gabinete pela independencia ao lado dos esquadrões inglezes contra Napoleão I, pelas idéas liberaes contra as demasias democraticas e o sombrio fanatismo apostolico, pela carta e pelo throno legitimo contra a indifferença e a cumplicidade das nações, contra o numero e o que a todos parecia rasão dos factos consummados, contra a desgraça, o impossivel, e o desespero, que todos tres se diriam conjurados para cerrarem de uma vez para sempre as portas da patria aos que a lealdade condemnara a padecer as saudades do exilio sem outra força mais, do que o vigor da fé, e a consciencia do dever.

A larga administração do marquez de Pombal uniu ao louvor das reformas intèntadas com acerto e firmeza as nodoas de sangue, que accusam o ministro de confundir a miudo no seu egoismo, endurecido pela omnipotencia do poder, os interesses do estado com a satisfação de vindictas cruentas e inexoraveis. Para demolir em parte os abusos, que apodreciam o edificio da velha monarchia, e sopear as resistencias de uma casta afeita a aborrecer o que não procedia d'ella, ou o que não revertia em proveito de seus privilegios, não era necessario violar os preceitos da justiça, postergar a equidade, e ressuscitar os horrores patibulares da meia idade. Explicar a uma nação as theorias absolutas de uma renascença forçada pela bocca das alçadas, com os verdugos por accessores, e os carceres e sequestros por arguentes equivalia a construir sobre odios

e repugnancias invenciveis os lanços de um monumento, que a fragilidade das bazes alluiria apenas lhe faltasse a mão robusta, que o amparava a custo do terramoto. Foi o que succedeu. A queda do valido de D. José I foi o signal do desmoronamento do systema, que elle se lisongeára de fundir em bronze, e de perpetuar como obra fadada a sobreviver aos seculos.

A familia do duque de Palmela não escapou ás iras do terrivel secretario de estado, maior pela intelligencia, do que pelo coração. D. Manoel de Sousa, seu avô, suspeito de conivencia no attentado de 4 de setembro de 1858, e sepultado por ordem do marquez nas prizões do forte da Junqueira, expirou d'ahi a mezes gangrenado das feridas abertas pelos ferros, que o algemaram! Seus tres filhos, já adultos, penaram desoito annos nas masmorras do castello de S. Filippe de Setubal! Sua avó, desterrada em Santarem, e depois na quinta de Calhariz, gemeu o luto e as magoas de sua amargurada e inconsolavel viuvez entre as recordações do esposo martyr, e as lagrimas dos nettos orphãos. Finalmente, a propria mãe do duque, D. Isabel Juliana de Sousa Coutinho, da casa dos condes de Alva, obrigada pela violencia a aceitar por esposo um dos filhos do ministro, jurou com valor heroico nunca receber no seu leito o filho do perseguidor implacavel de seus parentes, e por espaço de dois annos, debaixo do mesmo tecto, entre o noivo offendido e o sogro irritado, soube executar a sua resolução sem desmaiar. O marquez de Pombal teve de ceder, elle que fazia tremer os poderosos! Uma fraca mulher afrontou sem receio a colera, que escolhia e fulminava as victimas entre os mais illustres. Sebastião José de Carvalho recuou! Mandou instruir o processo de nullidade do matrimonio, e trémulo de raiva acabou de romper aquelles laços, que o terror da sua auctoridade não conseguira estreitar. Incapaz, porém, de um acto generoso quiz vingar-se, e a infeliz donzella, encerradada nove annos na apertada clausura de diversos conventos, se nnnca se arrependeu apesar das dores dos tractos moraes, pelo menos, a preço de bem pesados sacrificios comprou a liberdade da alma e dos afectos.

Estes tragicos successos, tão proximos da sua meninice, os quaes de certo ouvira narrar com a indignação natural dos opprimidos sem culpa, foram um ensino salutar para o animo ainda tenro de D. Pedro de Sousa Holstein. O infortunio diz mais do que as paginas mortas dos livros aos que nasceram dotados de qualidades elevadas, e na catastrophe dos seus aprendeu seguramente o duque mais e melhor a detestar o despo-

tismo, do que nas theses philosophicas explicadas por seus mestres, embora já allumiados pelo immenso clarão do primeiro periodo da revolução de 1789. Os remedios heroicos, applicados pelo marquez de Pombal, escandalisaram o seculo XVIII, o seculo de Becaria, e de Voltaire, de Rousseau e de Filangieri, e se remoçaram por momentos o meio cadaver do absolutismo monarchico provocaram tambem nos homens tolerentes a honrosa reprovação, que não absolve os crimes em nome da supposta necessidade, que os dicta.

Até á idade de dez annos acompanhou D. Pedro de Sousa Holstein a seu pai nas differentes missões, desempenhadas em Roma, na Russia, e em Dinamarca. A sua educação foi esmerada. Sabidas as noções preliminares continuou na cidade de Genebra até aos quatorze annos os estudos de humanidades e sciencias dirigido por um professor habil e instruido. A sua prompta e feliz comprehensão recompensou desde logo os disvelos e a vigilancia dos mentores. Em 1795 viu Portugal pela primeira vez, e ajudado de um talento facil e reflectido, habilitou-se com os preparatorios exigidos para os cursos da Universidade de Coimbra, que se propunha seguir. Interromperam-lhe a vocação os deveres da sua gerarchia. Primogenito de uma casa enrequecida de bens da corôa teve de alistar-se no exercito, e de repartir entre a penna e a espada os melhores dias da mocidade. Datam d'esse tempo, para elle saudoso, as suas relações com a marqueza de Alorna, celebrada pelos poetas da epocha como um prodigio de engenho e de bellesa. As maneiras affaveis e insinuantes do duque, a cultura precoce do seu espirito, e o encanto da sua conversação conquistaram-lhe a benevolencia da formosa Alcippe.

Em 1802 arrancado á doçura d'esta amena convivencia, partia D. Pedro de Sousa Holstein para Roma com seu pai, nomeado embaixador, estreando-se na carreira diplomatica, que havia de pizar com tanto applauso, na qualidade de conselheiro de legação. Detido por algum tempo em Florença durante a viagem, frequentou a casa do grande tragico italiano, o marquez de Alfieri então no apogeu da sua fama. Uma grande desgraça domestica veio perturbar os ocios occupados, que o moço diplomata disfructava. D. Alexandre de Sousa falleceu em dezembro de 1802, e seu filho tal estima e confiança alcançára grangear na côrte de Roma, que o papa Pio VII e o cardeal Gonsalvi pediram com instancia ao governo portuguez, que o nomeasse para o mesmo cargo. Sem defferir inteiramente aos desejos dos protectores, o gabinete de Lisboa honrou o duque com

um testemunho de distincção, notavel para a sua idade, encarregando-o da legação de Portugal até ao anno de 1805

Collocado aos vinte e um annos em lugar já imminente, D. Pedro de Sousa procurava corresponder á amisade e ao favor, que desde os primeiros passos lhe aplanavam o caminho. Estava então em Roma o barão de Humboldt, cuja existencia resumiu todas as glorias da sciencia. Estudavam, ou admiravam os primores da arte antiga e da moderna muitas pessoas conspicuas pelo nome, pelas prendas, ou pela erudição.

O duque buscou a sua conversação, e no seio d'aquella aprazivel sociedade, entre os enlevos, com que a cidade eterna seduz o gosto e a intelligencia, e os estudos com que desejava aperfeiçoar os dotes naturaes, viu escoar-se o tempo, e correrem precipitados os acontecimentos, de que se compoz a epopeia militar d'este seculo. Assistiu aos triumphos milagrosos de Napoleão, á rapida transicção do consulado, e á audaciosa restauração do titulo e dos planos gigantescos do primeiro Cesar. A terra tremia agitada de convulsões profundas. A revolução, grávida do futuro, intimava as resoluções do seu poder, por entre o troar do canhão e o galope dos esquadrões. Os tronos caducos desabavam. Os povos adormecidos principiavam a dispertar. A espada, guiada pela mão irresistivel da victoria, rasgava os seios até então estereis da Europa de fecundos sulcos. A igualdade civil estabelecida; a liberdade politica aclamada; os falsos privilegios dilacerados; a soberania das nações reconhecida, eram as conquistas dos curtos annos de lucta, de grandesas, e de delirios, com que a França espantava o mundo tão invejada pelo ardor heroico de seus guerreiros, como temida pela grandesa e abnegação dos grandes cidadãos, que a illustraram.

II

Á conversação erudita de Humboldt juntára o duque a amisade de Gay Lussac, ao qual acompanhou em uma de suas excursões ao Vesuvio, e depois em uma digressão recreativa, o conhecimento de M.me de Stael, que não hesitou em o apresentar como um estrangeiro distincto á sociedade, que hospedava na sua bella residencia de Coppet. Foi n'este gremio escolhido que D. Pedro de Sousa Holstein apreciou, cultivando-os de perto, os homens, que representaram depois papel tão distincto na scena politica, ou no theatro das lettras. Frederico e Guilherme Schlegel, Sismonde de Sismondi, Benjamim Constant, Barante e outros. M.me de Stael recolhia da sua primeira viagem á

Allemanha, e contava quasi quarenta annos de idade. Não era formosa como Alcippe, porém illuminava-lhe a fronte a aureóla do talento, e armava-a de irresistiveis atractivos a espirituosa expressão do rosto e a fascinação dos bellos olhos, inflammados na chamma de um enthusiasmo apaixonado. Entre a grande escriptora e o fidalgo portuguez a estima e o tracto quasi quotidiano depressa animaram a intimidade, e segundo se crê talvez mesmo um sentimento mais terno.

A estes vinculos suaves foi que nós devemos a traducção em francez dos *Lusiadas* de Camões, tentada por D. Pedro de Sousa a rogos da inspirada musa, que anciava enobrecer tambem com o brazão das artes, aquelle que herdára do berço e da fortuna as preeminencias sociaes. O engenho do duque, docil e flexivel, moldava-se sem reluctancia ao culto das lettras. O gosto era n'elle uma qualidade innata do espirito; e a sua penna tão correcta e tão elegante no estillo politico e no estillo epistolar não carecia de largos ensaios para sobresahir eloquente, e desafectada, em qualquer genero, que se propozesse, em harmonia com as prendas do talento. Escriptor abundante, fluido, e rapido, em cada trecho das obras que possuimos d'elle, realça a singelesa da phrase, sempre concisa e clara, pelo vigor e profundidade das idéas, rara perfeição, que a mais elevada razão e o tacto mais sisudo poucas vezes conseguem adquirir nas manifestações do pensamento. No authographo da versão dos *Lusiadas*, conservado preciosamente pela familla do duque, notam-se escriptas á margem muitas observações de M.me de Stael, provando a maravilhosa intuição, com que ella adivinhava as bellesas de Camões.

Depois que regressou a Roma, onde o chamavam as obrigações do cargo, começou entre D. Pedro de Sousa e M.me de Stael uma activa correspondencia, a qual existe ainda inedita, e que talvez publicada um dia, confirme, ou desvaneça a suspeita de que a creação do personagem de Oswald na *Corima* não é tão ideal e desprendido de allusões á vida da poetisa, como a critica innocente poderia suppor.

O duque passou dois mezes completos do anno de 1806 no seio da illustre sociedade de Coppet representando com M.me de Stael, Benjamin Constant, Mathieu de Montemorency, e Barante varias tragedias do theatro classico, e entre ellas a Zaira de Voltaire e a Phedra de Racine, e não foi sem pezar, que se separou de tão agradavel convivencia. Nos fins d'esse anno voltou a Portugal, aonde o espectaculo da decadencia irremediavel da côrte, do governo e do paiz não havia de ferir e magoar

pouco um animo tão penetrante e perspicaz, já inclinado pelo estudo e reflexão a transigir com os principios, que a revolução de 1789 fizera triumphar. A hora do castigo avisinhava-se entretanto. Napoleão decidira riscar este pequeno reino do mappa das nações, e ajustára com a Hespanha no tractado de Fontainebleau a sua desmembração. A dynastia de Bragança ia cessar de reinar, e Carlos IV e o principe da Paz, em premio da sua cumplicidade, esperavam receber cada qual o seu quinhão nas partilhas da gloriosa monarchia condemnada ao suicidio, não tanto pelos erros e covardias dos ministros, que a regiam, como pela vontade inflexivel do conquistador.

D. João VI, ainda principe regente, vendo a tempestade eminente, nem ousava fugir-lhe, nem affrontal-a. Ao passo que Junot e os corpos hespanhoes se approximavam das fronteiras soava o cantoxão das preces na egreja Patriarchal, e corria as ruas publicas uma solemne procissão de penitencia, concorrida por todo o clero secular e regular de Lisboa, e seguida de mais de sessenta senhoras descalças, rodeando o andor do Senhor dos Passos. A este devoto prologo correspondia a resignação. As tròpas francezas entraram em novembro de 1867 no territorio portuguez, e o principe D. João, a familia real, e os fidalgos principaes embarcavam para o Brasil, entregando, caso novo (!) os subditos sem defesa á clemencia, ou aos rigores da invasão. Depois de tão vergonhosa felonia os destinos da velha monarchia estavam consummados. O povo desamparado pelo rei e pela nobreza combateu e repelliu o estrangeiro, mas se perdoou, nunca esqueceu, e com motivo, que na hora em que todos deviam ser iguaes perante o infortunio, só elle ficára para supportar e combater a escravidão!

O duque de Palmela, retirado por negocios domesticos, e de certo offendido pela deserção sem exemplo de um soberano e de um governo deante do inimigo, ficou em Lisboa inteiramente retirado dos negocios. O seu coração generoso e patriotico não havia seguramente de padecer pouco, vendo o rumo desvairado que tomavam os homens e as cousas, e deplorando o envilicimento de nomes e caracteres, que os annos e o sangue deveriam ter preservado de baixarem a ponto, que só era possivel encontral-os aos pés dos vencedores! A occasião seria unica para regenerar uma terra invejada entre as primeiras no seculo XVI, e credora pela gloria da sua missão historica de ser respeitada pelo genio maravilhoso, que a Providencia constituia n'este momento unico arbitro dos destinos do mundo. Mas Napoleão principiára já a perturbar-se com os fumos da

grandeza. Na immensa altura, a que a sorte o elevara, accommetteu-o a vertigem dos Cezares, e calcando aos pés a justiça e as nacionalidades opprimidas, retalhava a Europa com a espada, celebrando as exequias do passado, de que era o demolidor predestinado, entre os sonhos da monarchia universal e a meia treva, que lhe cegava os caminhos, impellindo-o para os precipicios de Maskow e Waterloo!

Reputando Portugal o servo submisso da Grã-Bretanha só cuidou em cerrar para sempre aos seus adversarios implacaveis estas praias, d'onde elles, mais tarde, haviam de saltar como libertadores, para marcharem sobre Pariz, formando a vanguarda de duas nações heroicas. Junot, verdadeiro proconsul, debalde desejou attrair o amor e a confiança dos portuguezes, lisonjeando-lhes o orgulho, e satisfazendo-lhes as aspirações. De longe o soberano destruia as boas obras com o gesto imperioso. Ao simulacro da mentida alliança succedeu logo a realidade brutal da conquista. As armas do reino picadas sumiram-se atraz do vulto suberbo das aguias corsas. Uma contribuição iniqua exigiu o resgate dos que não tinham sido vencidos. A independencia e a autonomia de um povo, tão cioso de ambas, foram sequestradas sem escrupulo entre salvas militares, como se apenas se tractasse de arriar uma bandeira e de içar outra nas torres de qualquer feitoria ingleza!

A resposta não se demorou. A Hespanha irada deu o exemplo, e Portugal, recordando os dias de D. João I e de 1640, ergueu a fronte e empunhou as armas. As montanhas tornaram-se cidadellas; os desfiladeiros sepulchros. As derrotas, em vez de applacarem, ateiavam o incendio. As villas e cidades, rotas e abertas, desafiavam a vingança dos inimigos, sublevando-se; e rendidas, e assollados hoje, ressurgia no dia seguinte das cinzas, e maculadas de sangue alçavam na haste partida o estandarte das quinas. Foi uma lucta sem quartel, uma lucta como só podem concebel-a o enthusiasmo, o odio, e o desespero. As espadas mais illustres de França quebraram-se na Peninsula contra as fouces e os chuços dos camponezes. Os marechaes mais gloriosos viram seccar os seus louros n'esta guerra, em que o valor dos veteranos pelejava em vão contra a vontade dos povos. Deos, cujos designios insondaveis Bonaparte traduzia, passando, terrivel e armado pela face das nações, Deos, marcára ao conquistador os gelos do norte e as serras anuviadas da peninsula, como limites inaccessiveis, que a soberba, o delirio, e a audacia da sua ambição não haviam de transpor, sem a queda e a ruina os punirem.

Apenas lord Wellington desembarcou, D. Pedro de Sousa Holstein alistou-se no exercito, foi nomeado ajudante de ordens do general Trant, e offereceu todo o dinheiro, que possuia, para accudir a algumas despezas urgentes do Estado. Em 1810 casou com D. Eugenia Francisca Xavier Telles da Gama, filha da marqueza de Niza e de Cascaes, D. Eugenia Xavier, e de D. Domingos de Lima, da casa dos marquezes de Ponte de Lima. Unindo o sangue de Vasco da Gama e de João das Regras, do primeiro navegador e do primeiro publicista, como disse um grande escriptor, ao de tantos varões illustres, esta senhora, que a morte prematura de seu promettido esposo, o conde de Assumar, filho do marquez de Alorna, deixára livre, dava a sua mão aos doze annos de idade ao homem, cujos rapidos e merecidos progressos ninguem de certo antevia então, e por uma prevenção admiravel da bondade divina, logo ao sair da infancia, vinha collocar-se a seu lado para, durante tão longa e attribulada existencia, ser junto d'elle o seu anjo custodio, o anjo das consolações e da caridade, sempre vigilante e resignado, sempre conforme com os decretos da providencia na boa e má fortuna.

Pouco depois do seu consorcio a regencia nomeou D. Pedro de Sousa Holstein para a difficil e importante missão de Hespanha, com o caracter de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario. Partindo com sua esposa para Cadix, aonde a esse tempo estava estabelecido o governo central, foram ambos arrostar os infados e privações de uma cidade sitiada, os incommodos e rebates da guerra, tão tristes e assustadores, sobre tudo para o animo timido de uma senhora moça, que assim entrava na vida de mulher pela dolorosa estrada das maiores calamidades. O flagello da febre amarella veiu agravar ainda os terrores já de si tão grandes d'esta posição, devastando Cadix em 1811, e resumindo em lastimoso quadro o espectaculo mais completo de todas as desgraças e miserias humanas. Apezar d'isso a sua residencia na inquieta corte militar de um paiz insurgido, não foi esteril de todo para nós. Chegou a ajustar a restituição da praça e territorio de Olivença em troca dos terrenos, que a Hespanha pretendia junto de Montevideu; mas o ministro caiu, e o tractado não foi ratificado.

Honrado já com titulo de conde de Palmela, e transferido da missão de Hespanha para a de Londres, muito mais melindrosa, D. Pedro de Sousa, mesmo pela indole do seu novo cargo a braços com as maiores complicações dos negocios geraes, principiou a revelar na sua direcção a capacidade superior, que tão

notavel conceito lhe grangeou na opinião dos principaes estadistas da Grã-Bretanha. A lucta da Europa contra o imperio francez cada dia se animava, e a catastrophe de 1814, que poucos previam, avisinhava-se todavia. O nosso ministro na côrte ingleza, digno de suas funcções pela elevação penetrante da vista politica, soube defender com inteireza os interesses da patria n'este agitado periodo, e quando a restauração dos Bourbons o levou a França, e depois ao congresso de Vienna, em 1815, longe de desmerecer, confirmou por sua prudencia e habilidade a reputação alcançada, prestando ao paiz serviços valiosos, especialmente em relação á fazenda publica exhausta, que exonerou pela convenção addicional de 28 de julho de 1817 de um encargo de seiscentas mil libras, além da indemnisação de trezentas mil que pôde obter em compensação das prezas illegaes dos cruzadores britanicos, enviados contra o illicito commercio da escravatura.

III

Na primavera de 1816 veiu o conde a Lisboa para ver sua mulher, da qual estivera tres annos separado, e abraçar pela primeira vez sua segunda filha a sr. D. Eugenia, depois marqueza das Minas, nascida em 6 de março de 1813. Decorridos poucos mezes porém, era D. Pedro de Sousa obrigado a regressar de novo a Londres, aonde a condessa, o seguiu em 1817, e aonde se demoraram tres annos, conciliando sem esforço no centro da sociedade mais apurada e formalista da Europa o respeito, a estima, e a consideração de todos. Raiou emfim o anno de 1820, e com elle a revolução nas duas peninsulas de Hespanha e da Italia. Portugal, ressentido e descontente, irritava-se com o jugo intoleravel da tutela britanica que parecia reduzil-o á baixesa de colonia sua, e prometteu á regencia do Rocio as commoções, que ella não soube prevenir, e que, mesmo que soubesse, não estaria talvez em sua mão evitar áquella hora. O conde de Palmela, nomeado ministro de estado para o Rio de Janeiro, saira da embaixada de Inglaterra e embarcára com toda a sua familia em maio a bordo de uma fragata, que navegava para o Brasil, fazendo escala por Lisboa. Chegado á capital estalou a revolução de 24 de agosto, que tantos erros provocaram, e a regencia, tremula e desnorteada, convidou-o a guiar os seus passos vacillantes. A proclamação, em que as antigas côrtes eram convocadas para repararem os males publicos com seu voto, foi dictada por D. Pedro de Sousa;

mas o remedio vinha tarde, e não podia satisfazer o ardor das idéas. As cousas tinham mudado de aspecto, e a concessão mezes antes opportuna, não inclinou as armas nas mãos dos que as floriavam em nome da liberdade.

Prevendo que o seu ministerio e a sua residencia no Brasil seriam de curta duração, o conde de Palmela partiu para o Rio de Janeiro, deixando a esposa na Europa. A sua educação e principios decidiam o fidalgo nascido na côrte e creado na diplomacia, a preferir ao impeto violento das subversões politicas os termos medios e as transacções. N'este momento, em que uma revolução triumphante e consules novos se assenhorearam das redeas do estado, sorria-lhe ainda, como possivel, o plano de preparar a transição do regimen absoluto para a monarchia constitucional por via de um accordo entre os subditos e o soberano, accordo sanccionado pela outhorga de uma carta analoga á que Luiz XVIII adoptára, como escudo do throno e da dynastia, quando entrára em França no meio das bayonetas alliadas. O conde amava a liberdade, desejava vel-a plantada na sua patria, mas temia a anarchia, assustava-se facilmente com a exaltação do caracter meridional, e os arrojos da tribuna, os clamores dos jornaes, e a agitação das praças e comicios representavam-lhe a cada instante o espectro terrivel dos crimes, que tinham deshonrado a revolução de 1789, ensanguentando e invertendo a gloriosa emancipação da humanidade.

Os seus votos no gabinete do Rio de Janeiro conformaram-se com este duplo pensamento. Quiz reconhecer o imperio das idéas, mas desejava ao mesmo tempo conter e reprimir a sua exageração. Correm escriptos e impressos os conselhos infructuosos, que então com louvavel firmesa não receou offerecer ao sr. D. João VI, provando a sua inconcussa lealdade e fina previsão. Os outros ministros obsecados oppozeram-se a que el-rei désse os primeiros passos ao encontro da revolução inevitavel do Brasil para moderar a de Portugal; e a camarilha, excrecencia fatal e cancerosa do poder absoluto, em vez de agradecer ao conde a inteiresa, apontou-o desde logo em suas murmurações e enredos como eivado da lepra liberal. Imaginavam os representantes do passado, que desterros e cadafalsos como os de 1817, fariam recuar cheio de terror o espirito do seculo, e ainda cuidavam que bastaria resistir para os esteios apodrecidos de um systema sem vida se terem de pé, apesar de desamparados.

O resultado depressa os desenganou. O conde demittido caiu

no desagrado real por ousar expor claramente a necessidade de ser promulgada sem demora uma constituição, em que o equilibrio e divisão dos poderes, os direitos do povo, e as prerogativas da corôa se respeitassem e attendessem mutuamente. Dias depois a revolução da Bahia, repercutida na capital, varria dos estrados do paço os aulicos e os ministros absolutistas, chamando aos conselhos do soberano a Monteiro Torres, a Quintella, ao conde da Louzã e a Silvestre Pinheiro. D. João VI voltou á Europa entregando o governo do Brasil ao principe real D. Pedro de Alcantara. Todos os precipicios, que se abriram depois, cavaram-os estas funestas e tardias resoluções.

Depois da ingratidão do soberano não devia faltar a ingratidão do povo ao ministro decaido. Os seus sentimentos patrioticos e as suas opiniões prudentes não foram conhecidas, ou bem avaliadas pelos que governavam em Portugal. Fizeram-lhe a injuria de o confundir com muitos dos cortesãos, que rodeavam el-rei á sua chegada, e uma ordem das côrtes mandou-o desterrado de bordo para Borba. O conde de Palmela em um protesto repelliu a accusação injusta, mas obedeceu á auctoridade constituida. Recolhido na socegada e intima convivencia da vida domestica gozou no retiro tranquillo do campo de alguns mezes de felicidade, que o ruido e perturbação dos negocios publicos depressa interromperam, arrastando-o de novo á scena politica. Estava em Borba, afastado dos enredos e conspirações da época, quando a voz da reacção triumphante em 1823 o veiu despertar. D. João VI, depois do passeio militar de Villa Franca, reassumira o poder absoluto com a solemne promessa de uma carta liberal, e D. Pedro de Sousa, creado depois marquez, foi chamado para compor o gabinete, aonde já se combatiam ainda em embrião as duas facções apostolica e moderada. Esperavam os seus amigos, que elle com a auctoridade do seu voto ajudasse o monarcha a perseverar no cumprimento das concessões, abraçadas então com sinceridade por varias pessoas influentes e por varios nobres.

Mas os demagogos do despotismo, não menos perniciosos que os demagogos da liberdade, não perdoavam ao rei a sua bondade, nem ao marquez de Palmela as sympathias constitucionaes. A rainha D. Carlota Joaquina, digna irmã de Fernando VII, anceando o poder para si, não hesitava na escolha dos meios de o empolgar. Centro e estimulo de todas as conjurações annunciou os planos, que meditava, pelo mysterioso attentado, que roubou a vida ao marquez de Loulé, ao confidente fiel do monarcha, cujo delicto fôra sustentar com os mi-

nistros a necessidade de um governo de conciliação e a opportunidade de reformas providentes. O terror e a consternação, que semelhante golpe infundiu nos animos, foram profundos no palacio, na cidade, e no reino. O paço dos reis transformava-se em uma especie de alcassar barbaresco, e o ferro de sicarios tenebrosos puniam com mão invisivel os que a facção apostolica detestava! A acção da justiça, que devera ferir prompta e inexoravel, tremeu deante de falsas condescendencias, e os auctores do homicidio, desassombrados, cobraram animo para apontarem mais alto os tiros.

A revolução, que rompeu dois mezes depois, em 30 de abril de 1824, assim o demonstrou. Preza em um fio inextricavel de intrigas a vontade de el-rei e dos ministros nunca pôde prevalecer. O marquez de Palmela, proscripto pelo partido que por um momento dominou, era preso e conduzido á torre de Belem, seguramente para correr o destino das outras victimas marcadas pelo odio do bando apostolico. D. João VI refugiado por conselho unanime dos embaixadores a bordo da nau *Windsor Castle*, surta no porto de Lisboa, sentia vacillar a corôa, que mão ousada quasi se atrevera a arrancar-lhe da cabeça. O soberano triumphou, a rainha teve de supportar em parte a sorte que dispozera para o esposo, e o infante D. Miguel, docil instrumento de sua mãe, saiu do reino em castigo das temeridades commettidas.

Esta meia victoria ainda enfraqueceu mais o governo. Desafrontado do poder dos facciosos carecia de firmeza e energia para os comprimir, e lhes cortar a esperança de novas tentativas. A alma timida de el-rei não era para rasgos resolutos, e a sua saude melindrosa já inquietava os que receiavam ver por morte d'elle o sceptro nas mãos da reacção. Não admira, pois, que o marquez de Palmela nos fins de 1825 trocasse quasi com alegria as funcções de ministro de estado pelas de embaixador portuguez em Londres, embora a sua demissão fosse mais uma prova da pusilanimidade do monarcha. Obrigado por uma intimação peremptoria de Sir William Á Court a subscrever á queda immediata do marquez de Subserra, ministro do reino, suspeito de demasiado favoravel aos interesses de França, D. João VI cedeu ao medo e executou a ordem; mas para se vingar da coacção, e magoar a Inglaterra, que presava as prendas politicas do marquez de Palmela, assignou no mesmo dia a exoneração do seu ministro dos negocios estrangeiros!...

D. Pedro de Sousa, respirando em fim dos cuidados de um

governo trabalhoso e quasi esteril, partiu com a sua familia para a côrte de Londres, junto da qual era acreditado pela terceira vez, e aonde mal podia conceber então, que o aguardavam os mais difficeis e penosos encargos de toda a sua carreireira diplomatica. Atavam-se então na capital da Grã-Bretanha os nós do trama, que a santa alliança não descansava de tecer para illaquear os povos, soffocando a explosão das idéas liberaes, e propondo-se exterminal-as a ferro e fogo em toda a parte. Portugal não escapára á sua vigilancia, e todos os dias se cruzavam no *Foreing office* as intrigas de Lisboa, do Rio de Janeiro e de Vienna de Austria, aonde residia o infante D. Miguel. No meio das preoccupações d'esta lucta sem repouso o veiu encontrar a noticia da morte de D. João VI, a da abdicação do imperador do Brasil, o sr. D. Pedro, e a da outhorga da carta constitucional de 1826. Redobravam com estes successos as difficuldades politicas, e não era preciso ser tão perspicaz, como elle o foi sempre, para notar no horisonte a ameaça das tempestades, que não se demoraram dois annos a rebentar. Tudo as denunciava, e tudo concorria para ellas engrossarem.

IV

As desgraças inevitaveis, que estão na essencia das cousas, acham sempre quem procure explical-as por motivos apparentes, mais em harmonia com as paixões momentaneas dos partidos, do que com a razão, a verdade, e a logica dos acontecimentos. A facção apostolica e absolutista não tinha sido vencida, nem desarmada. A rainha D. Carlota, o clero, as ordens religiosas, a maior parte da nobreza, e as multidões, todos os abusos e privilegios, todos os preconceitos e interesses, que liam nas paginas da carta, e na execução sincera d'ellas, a sua sentença de morte, detestavam o novo codigo, e estavam resolvidos a passar por cima da legitimidade para o rasgarem. Em quanto a guerra se não travasse em liça aberta, entre elles o os liberaes, em quanto a voz do canhão não decidisse a qual dos dois campos havia de pertencer a victoria, o conflicto não podia terminar, e todas as armas pareciam licitas aos contendores para o inflammarem.

A serie de precipitações, de erros e de imprudencias, que trouxeram a reacção de 1828 nasceram mais ainda do imperio das circumstancias, do que de culpas e leviandades dos homens, que, pilotos illudidos, não conseguiram desviar a nau do estado dos escolhos, aonde naufragou. Proclamado em Por-

tugal o sr. D. Miguel de Bragança, o marquez de Palmela não trepidou um instante entre o dever e a consciencia. Protestou, logo e abertamente contra o que por brios, fé, e principios tinha obrigação de declarar perjurio e usurpação. O sacrificio era immenso. Immolava por largo tempo, talvez para sempre, todas as vantagens de fortuna e posição grangeadas em tantos annos de serviço. Arriscava em um só lance a sorte e o futuro de uma familia querida, da esposa e dos filhos, nascidos e creados no regaço da opulencia e da riqueza. Cerrou os olhos ás consequencias, e não escutando senão a lealdade, seguiu denodadamente a estrada da honra, preferindo mendigar a envilecer-se.

N'esta crise as acções do marquez de Palmela foram as mais nobres e memoraveis. A rainha chegara á Europa, e não obstante a má vontade do duque de Wellington, e do seu gabinete, o nosso embaixador em Londres alcançou que o rumo da viagem fosse mudado, e que em vez de buscar a côrte de Vienna de Austria, sua magestade fixasse em Inglaterra a sua residencia provisoria. Notavel vecissitude das cousas! A soberana ainda na infancia corria os mares sem patria e sem throno, proscripta como os subditos fieis, que por ella padeciam! Em 7 de outubro de 1828 a senhora D. Maria II, na idade de dez annos, recebeu nas salas do *Hotel Grillian* as primeiras homenagens dos vassallos do infortunio, dos crentes perseguidos e desterrados da santa causa da liberdade, que ali juraram, e tão bem o souberam cumprir depois, expulsar do solio portuguez a usurpação e o despotismo, restituindo á herdeira esbulhada de D. Pedro a corôa, que sua avó e seu tio cuidavam ter-lhe arrancado para sempre! Foi tambem na casa da embaixada portugueza de South Audleij Street, que a rainha bordou a bandeira, mandada em seu nome ao batalhão 5 de caçadores!

A revolução do Porto malograda, e as injustas accusações, com que a ingratidão offendeu o coração do marquez de Palmella, não esmoreceram o seu zelo, nem desmaiaram a vivesa do seu patriotismo. Dois cavalheiros da Terceira com o batalhão 5 de caçadores commetteram por fins do anno de 1828 a arrojada e quasi louca empreza de se opporem nos rochedos da pequena ilha a todo o poder de Portugal. A seus rogos acudiram alguns officiaes emigrados, e atraz d'elles algumas praças de voluntarios e do exercito. Assim se constituiu e desenvolveu o nucleo do exercito, que em 1832 veiu immortalisar no cerco do Porto a gloria de suas armas. A esse tempo esta-

vam desvanecidas as esperanças, que a presença da joven soberana reverdecera por momentos no peito dos exilados. A realidade das privações, das saudades, e do desamparo succedêra a este fugitivo clarão. A expedição do conde de Saldanha fôra metralhada nas aguas da Terceira pelos navios britannicos. O conde de Villa Flor, mais feliz, illudindo o cruzeiro entrára na ilha, e governava-a como general; a rainha voltou para o Rio de Janeiro por ordem de seu pai; e a regencia nomeada por D. Pedro partio para os Açores, no principio de 1830, a bordo da pequena escuna *Jack of the Lantern* cujo nome comico ficou na historia.

A ilha estava bloqueada pelos vasos de guerra do governo de Lisboa, e o marquez condemnado á morte pelas alçadas da usurpação! O perigo era tremendo, mas a fé nunca faltou a D. Pedro de Souza na terra do exilio. Cria firmemente que o triumpho seria apenas questão de tempo, e que os proscriptos tornariam a ver outra vez a patria. Deixando os commodos da vida aristocratica ingleza, expoz-se voluntariamente á morte do soldado, ou ao supplicio dos martyres, para do alto dos penhascos da estreita ilha, ultimo asylo de uma nobre causa, associar o seu nome ao dos homens, que d'alli dataram as profundas e decisivas reformas, mais poderosas que os exercitos e as victorias, que extirparam pela raiz as instituições do passado, fundando a sociedade nova.

Dois factos n'este periodo atribulado exaltam o vigor do seu espirito e a integridade do seu caracter. Propoz-se-lhe a restauração da rainha com o sacrificio da carta constitucional. Recusou-a indignado, antepondo o amor da liberdade ao termo immediato do captiveiro. O conde de Calhariz, D. Alexandre, pelos dotes da alma e as prendas da intelligencia era na idade de dezanove annos o seu orgulho e a sua consolação no meio de tantas fadigas e revezes. Adoeceu, cresceram rapidamente os symptomas de assustadora affecção pulmonar, e quando a chegada do imperador D. Pedro á Europa attrahiu o marquez de Palmela a França, veiu encontrar quasi sem esperanças o herdeiro do seu nome. Rasgava-se-lhe a alma entre a dor de se ausentar, deixando-o em tal estado, e a voz imperiosa, que o chamava, roubando-o aos cuidados do coração para o applicar aos aprestes da esquadra de Belle Isle. Obedeceu ao dever, e a afflicta mãi acompanhou o filho moribundo á ilha de S. Miguel indicada pelos medicos para tentar a mudança de ares em climas mais benignos. A expedição libertadora aportou a S. Miguel pouco depois da marqueza e do conde de Calhariz,

e ao passo, que o futuro animava a todos minguavam de hora para hora as ultimas esperanças dos afflictos pais! A perda do conde foi um golpe cruelissimo, de que o duque nunca se convalesceu inteiramente. Supportou-a com a resignação forte e reprimida de um animo viril, porém o luto e a nodoa das lagrimas, que então consumiu comsigo, nunca mais se apagaram.

A expedição navegou para Portugal. Ia tentar uma aventura, que o heroismo chamava sublime, que a razão fria tratava de temeraria e chimerica, e que a fortuna depois de algumas severidades se encarregou de justificar, coroando-a de louros. Tudo estava contra ella, menos o valor indomito, menos a paciencia e a perseverança, menos a resolução firme de vencer. Sete mil e quinhentos homens desembarcados nas praias do Mindello lançaram a luva a oitenta mil, resistiram ás fadigas e vigilias de um longo cerco, e cortados de feridas e de privações, por baixo das ballas e bombas das baterias, entre o açoute do contagio e o flagello das miserias humanas, conquistaram palmo a palmo a terra de seus maiores, e abraçados com o seu estandarte, só pararam, quando o viram ondear victorioso sobre todo o Portugal.

A actividade e a confiança do marquez de Palmela não se desmentiram n'este intervallo doloroso, em que tudo parecia desamparar os cercados. Foi duas vezes a Londres e Pariz empenhar o valimento e influencia n'aquellas cortes em favor de seus irmãos de armas, preparar a expedição do Algarve, e resolver a partida do intrepido Napier, seu amigo particular. Com este valioso soccorro voltou ás agoas do Douro, e como se a providencia quizesse assignalar ao mesmo tempo a sua clemencia, d'esse dia em diante principiaram as cousas a mudar de aspecto. Auctor principal do arriscado projecto de invadir o reino pelo sul coube ao marquez a direcção politica d'elle. A esquadra de Napier e a divisão do duque da Terceira libertaram Lisboa, e uma serie de triumphos encerrou rapidamente a maravilhosa epopeia dos nossos tempos. O marquez de Palmela, creado duque, abraçou seu filho mais velho, o marquez do Fayal, e sua estremosa esposa, dos quaes tantos annos de amargura o traziam quasi sempre apartado.

V

O imperador, chegou a pisar a terra aonde nascera, e a vel-a remida; porém não lhe foi dado acabar a sua obra. Apenas sentou a rainha no throno, e abrio as portas a uma epoca de

paz, na idade em que tantos florecem, desceu ao tumulo, deixando fugir das mãos as redeas do estado, quando mais careciam de quem as regesse com firmeza. A senhora D. Maria II, declarada maior para reinar, chamou aos seus conselhos o duque de Palmela, e confiou-lhe a presidencia do conselho. Os partidos nascidos na emigração, cujos odios envenenavam mutuas offensas, novos ainda nas transações do governo representativo, combatiam-se na tribuna, na imprensa e nas praças com um ardor e arrebatamento, que os tornava a miudo injustos. A morte do principe Augusto, primeiro esposo da rainha, servio de pretexto ao ridiculo e absurdo tumulto das Chagas, ferindo o estadista eminente, que via assim calumniadas pelas vozes do vulgo a sua lealdade e relevantes serviços. As opiniões eram ainda confusas e mal seguras, e as invejas e malquerenças não concorriam pouco para cegar os animos.

A revolução de 9 de setembro de 1836, consequencia das commoções, em que o poder se disputava em nome das suspeitas e das rivalidades, agravou todos os males e incertezas d'esta situação. O seu maior erro foi rasgar fundas e irreconciliaveis divisões no seio do partido liberal, derrubar em uma noute de tumulto o codigo sagrado por tantos sacrificios, e talvez arriscar a propria liberdade se os seus inimigos estivessem menos desalentados. A guerra civil seguio-a de perto, e o paiz dilacerado pelo esforço opposto de facções intolerantes, que empregavam como armas não defezas o ostracismo, as conspirações, e as revoltas, nem pôde colher os beneficios das reformas intentadas pelo imperador, nem semear senão tormentas n'estes primeiros annos de noviciado constitucional, em que os progressos verdadeiros foram constantemente desprezados no meio dos incendios e discordias.

O duque de Palmela teve de emigrar segunda vez; mas apenas se promulgou a constituição de 1838 reconheceu os factos consummados, e eleito senador veio tomar assento na segunda camara. Estava contractado pelos duques o casamento do marquez do Fayal com a filha da condeça da Povoa, menina de dez annos, cuja tutela a duqueza assumio a rogos de sua mãe. No entanto, serenados por um momento os horisontes, foi D. Pedro de Souza nomeado embaixador extraordinario para assistir em Londres á coroação da rainha Victoria, e acompanhado de sua mulher desempenhou com fausto e desinteresse esta honrosa missão, toda a expensas suas. De volta a Pariz principiaram os dissabores por causa do casamento do marquez de Fayal. Falecera o filho varão do conde da Povoa, e em sua

irmã se accumulava toda a herança d'aquella opulenta casa. O duque supportou, com a costumada firmeza os desgostos da iniqua e acintosa guerra, que lhe promovia a cubiça, e ratificado o casamento, vio alvorecer com melhor aspecto o anno de 1841, em que o marquez, seu filho, lhe apresentou uma neta, a sr.ª D. Maria de Souza e Holstein, nascida em 14 de Agosto, primeiro fructo do seu consorcio.

Estão ainda tão recentes os ultimos aconsecimentos politicos, e deve ser tão estranha a um esboço d'esta indole a sua apreciação, que apenas tocaremos de leve alguns pontos capitaes. A carta de 1826 foi proclamada no Porto em 27 de Janeiro de 1842, e o duque encarregado pelo seu espirito conciliador de constituir o gabinete formado para sustentar a constituição de 1838. O movimento progredio e triumphou. Publicou-se o decreto de 10 de Fevereiro, e com elle julgou-se terminado este episodio, de que tantos conflictos haviam de brotar depois. Retirado da scena activa, e quasi neutral entre os partidos, cada vez mais irritados, o duque desaprovou a revolução de 1844, e não estranhou com menos vehemencia a dictadura, em que os vencedores se precipitaram a pretexto d'ella. Os padecimentos da duqueza, agravaram-se n'este meio tempo. A sua saude havia tempo que declinava, e para atalhar os progressos da molestia, distrahindo-a, emprehendeu D. Pedro de Souza uma viagem de longos mezes. De França passou a Italia, aonde ambos visitaram as suas propriedades e antiga casa de Sanfré no Piemonte, continuando depois a digressão por Milão, Veneza, Florença, Napoles e Roma. Nos fins do anno de 1845 regressaram a Lisboa para celebrarem o consorcio de sua filha a sr.ª D. Catharina com o conde das Galveias, D. Francisco.

Abertas as côrtes de 1846 declarou-se o duque em opposição ao ministerio, pronunciando discursos notaveis pela lucidez e vigor do raciocinio. As suas previsões depressa se realisaram. Estalou a revolução popular do Minho, caio o gabinete, e achando-se na sua quinta de Calhariz foi chamado pela soberana e pelo paiz sobresaltado para organisar a nova administração. Cedeu, ainda que constrangido. O seu nome estava na bocca de todos, e invocando-o com igual esperança n'esta hora de confusão e receio amigos e adversarios. Era, diziam, o unico homem capaz de dirigir e moderar n'este momento as paixões exaltadas!

O ultimo ministerio do duque durou poucos mezes. Interrompeu-o a reacção de 6 de outubro. Mandado sair peremptoriamente de Portugal recebeu em premio dos serviços, que aca-

bava de prestar, este documento do odio dos emulos e contrarios. Restituido á capital depois da convenção, que encerrou a guerra civil, partio para a ilha da Madeira, tentando este derradeiro recurso para salvar os dias da esposa ameaçados pela enfermidade, que não cessára de se adiantar. A volta ainda foi mais triste. O remedio não aproveitou, e tres dias depois a duqueza expirava nos braços de seu marido e de seus filhos, despedindo-se d'elles, a 20 de abril de 1848.

A saudade inconsolavel da que lhe fôra companheira querida em todos os trabalhos, jubilos, e tribulações de tão larga carreira, abreviou a vida ao duque. Quasi estranho aos negocios, e só occupado em colligir as memorias dos grandes successos, em que fôra actor e parte principal, a morte veio alcançal-o, preparado para a receber, no dia 12 de outubro de 1850. A sua falta causou em Lisboa e no reino dolorosa e profunda sensação. O seu elogio rompeu espontaneo da bocca do povo e de todas as classes. A posteridade começou para elle, como para Sir Robert Peel, logo ao limiar do tumulo. Compete á historia gravar mais tarde com o seu buril severo as feições d'este nobre vulto, um dos primeiros, senão o primeiro, do nosso seculo, em Portugal.

As qualidades da alma no duque de Palmela realçavam as do espirito. A sua benevolencia atrahia, a sua caridade consolava e protegia, a sua generosidade respondia ás offensas com obsequios. Politico deveu-lhe o paiz os maiores sacificios para reconquistar a liberdade, e a dynastia rasgos admiraveis de abnegação para lhe restituir o throno. Liberal e convencido; mas prudente e moderado, se temeu algumas vezes os impetos da multidão, se a não seguio nos irreflectidos accessos de ardor febril, luctou sempre intrepido até ao ultimo suspiro pela puresa e sinceridade das instituições, que ajudára a restaurar. Orador, se a sua inspiração não levantava os voos audaciosos de Mirabeau, primou na eloquencia persuasiva e lucida da razão e da verdade. Escriptor, a sua penna correcta e elegante sabia todos os estylos e moldava-se a todos os generos. Ninguem o excedeu em patriotismo, poucos o igualaram em serviços, e raros grangearam para si nos annaes modernos uma pagina tão brilhante. Este foi o duque de Palmela. Portugal ha de ufanar-se em todas as épocas de o contar como um de seus filhos mais illustres.

L. A. Rebello da Silva.

MARIA PRATAS

(Lenda da Beira)

III

Em tempos muito antigos havia aqui na povoa uma rapariga tão linda e tão gentil; tinha um rosto tão loução e prazenteiro; um collo tão bem torneado e branco; era emfim um composto de tantas graças e perfeições, que todos á uma começaram a chamal-a Maria de Prata e por abreviatura, Maria Pratas, porque era tão bonita, como a imagem da Virgem feita de prata, que havia na capella do senhor morgado. Não se ensoberbeceu ella com tantos gabos, e se a sua formosura quebrava os olhos ás raparigas da aldeia, não era por culpa sua, que nenhuma tinha mais modestia e recato. Diziam todos os rapazes que ella tinha o coração frio como o gelo, e que, se não se importava com as fallas de amor que lhe fallavam, e com os olhares de paixão, que lhe deitavam, era porque Maria Pratas ambicionará o filho do morgado, moço bem parecido e de feição, que de continuo a perseguia. Mas

era tudo mentira. Maria Pratas desprezava o morgadinho, que só tinha intentos damnosos e filhos do peccado da luxuria.

A linda moça amava um rapaz, mas amava-o em silencio, e esse amor, que lhe levava a vida, e que era sua unica alegria, calava-o ella no peito, e a ninguem o dizia, nem mesmo ás companheiras da mocidade. Era pobre o amante; desvalido e só, engeitado e vivendo á custa das jornas, que lhe custavam o suor do rosto, mal podia costear a vida, quanto mais coalhar vintem, para comprar casinha e horta, que levasse em dote.

Em vão mourejava o triste; em vão chorava a Maria Pratas, e empanava com o pranto o brilho dos seus olhos de anjo; não conseguiam coisa que se visse, e a pobreza e a miseria seguiam-nos sempre, quaes sombras vingadoras, até nas raras conversações, quando elles se encontravam nos escusos caminhos do valle, ou nas desvezas do monte, e confessavam mutuamente o amor, que os abrazava. Olhavam então um para o outro tristemente e dizia o moço: Se este campo fosse meu, ia pedir-te a teu pae; mas a mim, só com a enchada, fechava-me a porta na cara. Debalde lhe respondia Maria, que tivesse paciencia, que atraz de tempo, tempo vem e que ella havia de convencer o pae. Era debalde, que o rapaz voltava a casa, cada vez mais teimoso em tão negros pensamentos de ambição, e Maria vinha sempre com os olhos vermelhos de chorar, estorcia os braços de angustia e desespero, e o amante, lá se ficava com o rosto sombrio e carregado, amaldiçoando Deus e os homens.

Uma occasião, era á bocca de noite, quando os pastores recolhem o gado aos curraes, e os jornaleiros voltam do trabalho. Tocava a campa a Ave-Marias, e o fidalgo vinha do monte onde muitas vezes se ia a montear javardos, e á caça das perdizes, que ali havia em abundancia.

O rapaz encostado á enxada, não attentou no morgado e deixou-se ficar de cabeça coberta. Por amor de Maria Pratas, andavam os dois de rixa velha.

— Tira o chapeu, tunante, bradou o moço fidalgo ao jornaleiro.

Este olhou espantado, tirou o chapeu resmungando e disse:

— Tocou Ave-Marias, e vossa mercê tambem se deve descobrir. É a rainha dos céos quem manda.

— Bem fallado! Por vida minha, que és um guapo conselheiro. Perdôe-me a Senhora Virgem, que por descuido pequei, e não por vontade; e perdôe-te a ti tambem, por não soffreres o castigo que mereces.

O cavalleiro tirou o chapeu respeitosamente e pondo as mãos

começou a rezar uma litania em máu latim, segundo diz o sr. cura.

Todos os monteiros, falcoeiros e mais luzida comitiva seguiram o preceito, a tempo que o aldeão ajoelhando ao pé de Maria, rezaram juntos a reza.

Era tão pura e tão limpida a voz da linda aldeã, que ninguem poude rezar. O morgado não podia despregar os olhos d'aquelle grupo encantador, e revolto de raiva e sanha, com o rosto torvo e os beiços tremulos, mal acabou o sino de tanger a ultima badalada, exclamou:

— Levanta-te, peão, ergue esse corpo maldito, miseravel engeitado, que ousas tocar a minha gentil namorada, porque á face de Deus e do mundo, juro aqui pela minha cruz de cavalleiro, que morto seja eu se cazar com outra, que não seja Maria Pratas. Alça o rosto D. Maria, mulher de rico homem. És minha noiva.

Levantou-se de um pulo o aldeão; era medonho o seu aspecto. Via-se que grande desgraça ia acontecer.

— Villão sois vós, senhor cavalleiro, que me quereis roubar o meu unico thesouro. Arrancae-me primeiro a vida, antes de possuir a minha Maria.

— Calla-te ahi biltre, que te arranco a lingua damnada. Vinde cá, monteiros, largae-me a matilha, açulae os fragueiros, que lhe vão rasgar a vil pelle de judeu com os dentes aguçados.

O aldeão ergueu a enxada, encostou-se ao muro, e gritou:

— Ninguem se aproxime, que juro por Satanaz, que o estendo morto no chão.

— Sus! fragueiros, sus! continuou a gritar o moço morgado, a tempo que os cães mordiam enraivecidos nas correias, que tingiam de espuma ensanguentada.

A scena era terrivel e grande a confusão. A grita da creadagem, o ladrido dos cães, e o fallar offegante do amo misturavam-se em concerto infernal, cheio de ameaças contra o aldeão, que com uma das mãos segurava a enxada, e com a outra arredava Maria, a qual, lavada em pranto, em vão tentava interceder em favor do seu desgraçado amante.

— Senhor, exclamou emfim o velho monteiro, com voz serena, posto que tremula, e com um gesto venerando; senhor, que é isto? Assim se dá em pasto aos cães o corpo de um christão? Que diria seu pae? Se este villão teve o atrevimento de offender a vossa mercê, pagará conforme a justiça d'el-rei, que a todos protege.

— Que dizes ahi, velho? Este peão insultou-me, ha de morrer aqui, e já.

— Não, digo eu. Nunca as mãos do filho do meu amo hão de tingir-se de sangue cobardemente. Não! devesse eu morder a terra, defendendo a honra d'aquelle que a arroja ao lodo.

— Não? respondeu o fidalgo rindo ferozmente. Pois vamos a ver quem vence.

— Senhor! senhor! exclamou a donzella, caindo ajoelhada junto ás patas do cavallo, que o fidalgo montava. Perdoe, senhor, e perdoe-me tambem.

— Que crime commetteste, querida, para te perdoar? Perdoar-me deves tu, porque te amo.

— Senhor, perdão! perdão ao desgraçado que vae morrer por amor de mim, proseguiu Maria, travando da mão, com que o fidalgo lhe affagava o lindo rosto, molhado em pranto.

— Á fé! que tão roseos beiços dignos são de me beijarem as faces. Ainda a barba lhes não veiu; são lizas e macias como as tuas, minha fada gentil

E o morgado firmando-se no estribo, dobrava o corpo e ébrio de amor cingia já o de Maria.

A rapariga ficara-se commovida e receiosa, e como o passarinho, que presentindo o caçador, se aninha tremulo e assustado e só depois, quando o inimigo se foi, ousa deitar a cabecinha de fóra e olhar a furto em redor, antes de alçar o vôo; assim tambem a aldeã passou da timidez a acceitar as caricias do fidalgo; mas córou, e voltando o rosto para o namorado, implorou-lhe perdão com os olhos ainda humidos de lagrimas.

Foi então que o inimigo a tentou. Quando se viu abraçada pelo moço fidalgo, em vez de rezar um *pater*, sentiu um movimento interior de vaidade e orgulho. Depois, olhando para o aldeão, teve medo, porque elle seguia aquella scena horrivel, em que o seu amor se ia esvaecendo a pouco e pouco, com olhares de raiva e desespero. Sem saber a que ater-se, levantou os olhos para a serra. Estava lavrada a sua sentença, sentença de perdição e de morte.

N'este ponto o estalajadeiro parou um pouco a tomar folego e atcou a fogueira, conchegando o corpo da velha, a qual abrindo os olhos espantados, cantou com uma voz cavernosa e tremula a seguinte trova popular:

Lobishomens são lá fóra,
truz! truz! truz! cá vem bater.
Da creancinha que chora,
quente sangue vem beber.

Caiu prostrada outra vez, olhando sempre para a porta, com pertinacia infantil. Contemplando a pobre doida lembrei-me de a comparar a uma caixa de musica arruinada. De vez em quando, e quando menos se espera, ouve-se um fragmento de *aria*, uma cavatina mutilada, seguindo-se logo o silencio e a mudez.

E agora que estou escrevendo, peço desculpa aos que prezam as comparações poeticas, se esta lhes não sae a seu sabor, que me parece expressiva, e tanto basta.

Mal a velha tinha acabado a sua triste cantilena, apertara-me o aldeão o braço, e disse-me em segredo:

— Não ouve raspar á porta?

Appliquei o ouvido e respondi:

— Não, não ouço nada.

— O cão negro raspa á porta, exclamou a velha, erguendo-se de um pulo, com os cabellos erriçados e gestos furiosos. É o senhor Satanaz. Entre! entre! meu senhor, vamos dançar. Entre pelas fisgas da porta, que já estou prompta.

— A santa Virgem se amerceie de nós, dizia o velho resando uma Ave-Maria.

Eu contemplava pasmado aquella scena, e para lhe pôr mate cheguei-me á porta, e abria, resolvido a arrostar com o proprio demo em pessoa, precipitando-o do balcão.

Foi um feito valoroso, porque quando corri a caravêlha, tremia-me a mão, sem vergonha o confesso aqui muito em segredo.

Nada havia; estava tudo em silencio. O manto da noite envolvêra o horisonte com as suas dobras sombrias, apenas tufadas pela gelada viração da serra.

Soltei uma gargalhada que eccoou no valle, e que se foi repercutindo, até de todo se perder na amplidão, como se cada rochedo fosse um demonio, que escarnecesse dos meus terrores involuntarios.

Veiu o velho pé ante pé junto a mim, e deitando em roda um olhar receioso e timido, vendo a sua propria sombra estendendo-se ao longe qual gigante movediço e phantastico, fechou de repente a porta, trancou-a com todo o cuidado e sentando-se outra vez no lar, exclamou:

— Louvado Deus! Era engano.

A doida, depois de se pôr á escuta, regougou umas rezas cabalisticas e seguiu o exemplo do marido.

Fiz o mesmo, e passados momentos assim continuou a narrativa:

Maria estava perdida. Na cumeada da serra, em que se le-

vantam a pino enormes penedos, como que formados em linha de batalha, e desafiando as nuvens com as suas cristas agudas, appareceu Satanaz, o inimigo dos homens, cercado de uma aureola coruscante, e negro, negro como um tição requeimado.

Baixára emfim a noite. Nada vinha turbar a limpidez do céo. Por entre as nuvens azuladas erguia-se sobre um rochedo o demo-maior, fuzilando raios pelos olhos, com as pontas recurvadas, que se perdiam nos ares, e agitando nas mãos aduncas um facho, uma lumeeira brilhante. Dançava pelo ar o maldito, e fitando Maria Pratas, logo lhe influiu a mofina paixão pelas vaidades do mundo. Sumiu-se, e só a perdida o tinha visto. Ainda hoje, no cocuruto do penedo vêem-se as pegadas do demonio.

Maria Pratas, levada da tentação, offereceu então o rosto ao fidalgo, e rindo, recebeu um beijo, que logo ali pagou.

O namorado meneou a enxada, com o desespero n'alma e a sanha no peito, e como o leão que vê arrebatarem-lhe a femea, soltou um rugido, deitou a terra creados e caçadores, e de um pulo, chegou-se á impia, agarrou-a pelo corpo, e levantando-a nos braços deitou a correr por entre sarças e penedias, até que desappareceu.

— Inferno! trovejou o fidalgo; inferno! e damnado seja eu se Maria Pratas não fôr minha mulher. Mil almas que tivera, mil almas vendêra a Satanaz, por ter nos braços Maria Pratas.

E enterrando as esporas nos ilhaes do cavallo, deu este um grande pulo, e começou a correr, a correr serra acima, salvando abysmos, transpondo gargantas e algares. Deixava um rasto de fogo pelo ar, parecia mal tocar a terra com as patas chammejantes; respirava chammas e brazas e voando, voando sempre, cavallo e cavalleiro foram formando um só corpo, até que se transformaram em lobishomem, ouvindo-se ao longe o tlintar da cadeia, que lhe rodeava o pescoço, em signal de preito e homenagem ao demo. Passados uns instantes viram os caçadores affundar-se o lobishomem até que de todo desappareceu na Lapa do Lobo.

Ouviu-se um grande estrondo.

— Deus seja comnosco, que o nosso amo vendeu a alma ao demonio, disse o monteiro em voz baixa, e tirando o chapeu. E todos se persignaram, e cheios de medo e terror, voltaram-se para o solar morgadio a darem tão triste nova ao velho fidalgo.

IV

Que fez emtanto o aldeão?

Correu, correu, como louco, até que perdidas as forças, deitou-se ao lado de Maria, debaixo de uma arvore para tomar o folego a nova correria. Mal sabia o desgraçado o que lhe havia de acontecer.

Quando o fidalgo quiz beijar a linda moça, fez-se ella mui vermelha, mas tentada pelo inimigo, ia estendendo o rosto sem querer. N'um só momento perdeu a alma, porque se tornou ambiciosa e vaidosa. Pensou que viria a ser rica dama; que podia andar em corcel farfante, rodeada de lacaios, escudeiros e aias, como as mulheres dos rico-homens e grandes prestameiros da corôa. Tudo isto pensou a mal aventurada; perdeu-se para sempre. Assim é, que quando o amante a arrebatou, sentiu ella grande tristeza no coração.

Cançado de tanto correr, adormeceu o aldeão em profundo somno, que era obra de Satanaz. Maria Pratas ficou velando mergulhada nos seus negros pensares e de repente viu ella apparecer por entre o mato o fidalgo, voltado já a fórma humana, mas trazendo ainda a corrente ao pescoço. Brilhava-lhe na mão um punhal.

—Jesus! credo! exclamou Maria mal o avistou.

—Não profiras essas palavras que me fazem arripiar.

—Que cadêa é essa?

—É a do nosso amor.

Maria olhou para elle, e apezar de já estar perdida, abaixou os olhos, tal era o fulgor impudico, e a infernal voluptia, que ressumbrava dos do fidalgo.

—Queres ser minha mulher, Maria Pratas?

—Quero voltar para casa; depois responderei.

—Ah! Ah! Ah! riu o morgado. Has de vir para a minha.

—Para a sua, sim, como mulher.

—A minha casa é um pouco humida, mas has de affazer-te. Aquecerás com o bafo do meu amor. Vem, vem, voemos por ares e ventos.

E o morgado ia-se transformando outra vez em lobishomem; crescia a felpa a pouco e pouco; as garras aguçavam-se, e os dentes batiam uns contra os outros. Os olhos eram carvões accesos; pareciam querer sair das orbitas.

—Ui! que é um lobishomem, gritou Maria.

—Por amor de ti, respondeu o fidalgo. E soltou um uivo pro-

longado, affagando o rosto de Maria, que tremia de medo, com a macia cauda.

—E o meu pobre amante? exclamou ella, lembrando-se ainda do antigo amor.

—Teu amante? regougou o lobishomem, meneando o punhal. Já vaes ver o destino, que lhe espera.

Accordou o aldeão e furtando o corpo, evitou a punhalada eminente. Não perdeu coragem, e abrindo a navalha, correu para o lobishomem, porque se o podesse ferir, não só se livrava, mas fazia acabar o encantamento ao desgraçado, que voltaria á fórma humana; mas surgiu de repente o démo, que poisando a mão nos hombros ao aldeão, prostrou-o, deixando-lhe uma queimadura.

O lobishomem, dandó enormes pulos fugiu para a lapa, levando nos braços a feiticeira, que pela cubiça, perdeu a salvação.

No outro dia foi-se o velho morgado, cruz alçada, e sacrario aberto, em cata do filho; mas debalde correram a serra, que nada encontraram. O pobre pai até entrou na lapa, mas baldo foi o empenho. Missas, que se rezaram, procissões, que se fizeram, nada valeu. Veiu até clerezia de fóra, correu um santo bispo, que exorcismou a serra, que tudo foi inutil.

Só toparam com o namorado de Maria, no fundo de um fojo, com uma grande queimadura, onde se conhecia a garra bifida do cão tinhoso.

Trouxeram-n'o; ás perguntas que lhe faziam, nada respondia. Andava em continuos jejuns e penitencias, porque tinha sido tocado pelo inimigo. Vivia uma vida santa.

O velho morgado deixou-lhe muitos bens, quando morreu, e em quanto vivo, sempre o tratou como filho.

Fez-se então eremita, fundou um convento na serra, para a purificar do ruim peccado, que a empestara, e de sacola ás costas, rosario ao peito, foi-se viver na lapa, onde erigiu um altar, com todos os aprestos para dizer missa, depois de ter levantado a excomunhão maior, que pezava n'aquelle sitio maldito.

Mas de pouco valeram as orações do santo eremita, porque todos os dias sentia elle os gemidos de Maria Pratas e os uivos do lobishomem, que estavam fechados ali.

Foi o caso, que o santo eremita, como benzesse a lapa, aspergiu-a com agua benta. Os dois amantes, que viviam em torpe peccado, não podiam fugir para fóra, porque lá estava o hyssope, que os perseguia; foram-se pois mettendo caverna dentro,

até ás mais intimas e soturnas profundezas, porque quando ouviam a campainha, que tocava a *santos*, cameçavam a tremer, que até os ossos se deslocavam.

Não sabia o bom eremita como apanhar os dois impuros, quando se lembrou de um laço de que se não podiam escapar.

Uma noite, que elles andavam em doidas tropelias, disse-lhes elle cá de cima que podiam sair, cada um de sua vez. Acceitaram, e saiu o lobishomem felpudo, rangendo os dentes e aos pulos. Tanto que chegou á boca da lapa e viu o eremita com o sacrario aberto e o santo Christo na mão, estacou, assentou-se, agitou a cauda, erriçou os cabellos, e começou a tremer, não podendo até uivar.

—Aproxima-te, lhe disse o eremita.

Chegou-se o lobishomem, e estendendo o pescoço, manso como um cordeiro, ficou prezo a uma grossa cadêa de ferro, que o santo sellou na rocha.

Chegou a vez de Maria Pratas.

Vinha ella toda lépida, cantando uma cantiga de amores, e era tão linda, tão linda, tão brilhantes os negros olhos, a sua voz tinha um timbre tão mavioso e feiticeiro, que o santo eremita sentiu outra vez ateiar-se no peito a paixão, que elle cuidava extincta. Tremeu-lhe a mão mal avistou a sua antiga amante, mais formosa ainda; o rosto pallido, a que ella deu logo umas sombras de vaga tristeza, era de anjo; os cabellos soltos ao vento, mal encobrindo a nudez de um corpo admiravel, vestido apenas de um delgado cendal, os dentes brancos como neve, o peito arfando em ancias de paixão, e o gesto supplicante e como que arrependido, eram um conjuncto de seducções, de que o santo ia sendo victima. A feiticeira já contava com o triumpho, e ria-se interiormente levantando as mãos, para travar da que o eremita lhe estendia involuntariamente. Ai! d'elle, se tal fizesse, que logo seria tragado. Quiz o seu bom anjo, que elle olhasse para o lobishomem. Este, com os olhos fixos e abertos, escarvando a terra com as unhas, e açoitando os ilhaes com a cauda hirsuta, preparava o pulo fatal. Caiu em si o santo penitente e fazendo o signal da cruz, aspergiu a feiticeira com agua benta. Deu ella um berro, que fez tremer as pedras, e fez-se negra como um carvão. Depois começou a gemer, até que tambem ficou acorrentada defronte do lobishomem.

Assim soffreram elles o castigo, que os seus peccados estavam pedindo; mas, cerrando os ouvidos ás predicas do santo, só pen-

savam na morte d'elle, já que o não podiam tentar, para se livrarem das penas.

Ás vezes, quando o eremita lia o breviario, começavam elles a namorar-se, e os olhos do lobishomem faiscavam chammas A lingua ia-lhe crescendo, crescendo, e as garras augmentavam tambem, para cingirem a maldita feiticeira, que fugia para longe; mas acudia logo o santo com o hyssope, e os negregados tremiam e uivavam, pedindo perdão. Durou este castigo em quanto viveu o santo; mas quando morreu, como ninguem tivesse as suas virtudes, arrebentaram os dois amaldiçoados as cadèas, e voltaram ás correrias antigas. Desde então para cá, de cem em cem annos, necessita a feiticeira do sangue de uma virgem, para recuperar a formosura, que se lhe vae esvaindo a pouco e pouco. O lobishomem come a carne, e Maria suga o sangue. A virgem ha de ser orphã, e foi assim que minha filha morreu, para que minha neta podesse servir áquelle infernal encantamento. A minha pobre mulher endoideceu com aquelle golpe profundo; e hoje, velhos e sós no mundo, sem arrimo nem consolo, arrastamos uma vida de miserias e soffrimentos. Maldita seja Maria Pratas, e maldido, tres vezes maldito o lobishomem.

—*Amen*, respondi eu commovido com aquella narrativa phantastica e legendaria. Parecia-me ter sonhado; tinha o peito oppresso, e contemplando o ancião, curvado sobre o fogo, acariciando ainda a velha, que dormia encostada nos joelhos, com os pés no brazido; vendo-me só, envolto no silencio e na mudez da noite, tive medo, e levantando-me, abri a porta e fui respirar o ar frio e penetrante da serra. Era esplendido o espectaculo. A serra levantava-se em amphytheatro illuminada de chapa pelos raios da lua. Em baixo corria o Mondego, produzindo um soido monotono e continuo, e os salgueiros, meneando a coma esguia, pareciam embalar-se a si mesmos ao som das aguas que vinham beijar-lhes os troncos. O valle era vicejante, mosqueado a espaços de oliveiras negras e sombrias, e de moitas de carvalho, que havendo perdido a folhagem, e sendo agitadas pelo vento, similhavam legiões de demonios com os braços erguidos e enlaçados em perpetua luta.

Contemplando as magnificas profundezas do ceu, serenei o animo e esqueci-me dos phantasmas legendarios; mas avistando a serra, não sei que vultos me pareceu ver surgir, que cerrei a porta, e voltei a sentar-me junto ao lar.

O velho ainda estava na mesma posição, mas a consorte contemplava com um olhar estupido as brazas do lume. De re-

pente erguendo os olhos baços para mim, fitou-me, e disse-me baixinho, fazendo um gesto para que guardasse silencio:

—Maria Pratas sou eu. Eu fui quem matou minha filha, e quem sugou o sangue de minha neta. Ouve? Maria Pratas sou eu, sou eu. O lobishomem, ah! ah! ah! o lobishomem... é meu amante.

Estas ultimas palavras foram cavernosas e lugubres. Parece que quando as proferiu, alguma coisa lhe arrebentou lá dentro.

Pobre louca!

.....

Não pude dormir. Mal o ceu se tingiu com o primeiro alvor da madrugada puz-me a caminho.

.....

A. Osorio de Vasconcellos

Nota

Era necessario esta nota por duas fortissimas rasões:

1.ª Ousando apresentar este conto popular affastei-me do caminho que até agora tenho trilhado, e que faço tenção de continuar a trilhar, diffundindo sciencia pelo povo, nas columnas da *Gazeta de Portugal*. Aos leitores vou eu aqui explicar este pequeno desvio apparente. Com effeito, se sempre tenho tentado iniciar o povo nas verdadeiras sciencias, parece-me que fazer a operação inversa não é desserviço. As lendas mythologicas do povo são os capitulos de um grande livro de sciencias occultas, que vive na tradicção oral, e que assim vae passando de geração a geração, atravez dos seculos, porque ás vezes nem as grandes revoluções sociaes podem obliterar as tradicções, que são a historia legendaria de um povo. Nas lendas populares ha pois uma sciencia occulta, symbolica e poetica, ás vezes rude e indecisa, mas sempre proveitosa e de boa lição. Se até hoje me tenho esforçado por elevar o povo ao nivel da verdadeira sciencia, deixem-me agora convidar os espiritos cultos a que se baixem até ao lar, até ao conversar intimo e amoravel na choupana, até ao viver e crer dos verdadeiros descendentes dos peões, que combateram no pendão de Affonso Henriques e do Lidador.

2.ª Demonstrada a utilidade de tornar conhecidas as nossas lendas, muitas das quaes vão-se perdendo fatal e irremedia-

velmente, porque as novas gerações são mais illustradas, ou antes, menos crendeiras; demonstrada essa utilidade, convinha começar. Abalancei-me á empreza. Foi um desafogo de espirito, depois de alguns estudos um pouco mais serios. Conheço agora por experiencia, que n'estas obras de litteratura ligeira, é necessario juntar aos esplendores das imagens e ao maravilhoso da acção, uma grande quantidade de bom senso, para não cair no ridiculo. Poucos individuos possuem como os srs. Herculano e Rebello da Silva estas qualidades, e eu de mim confesso, que difficilmente tornarei a peccar. Em todo o caso e para terminar, pedirei áquelles dos nossos litteratos, que não trazem agora entre mãos obras de maior vulto, das quaes todos havemos de auferir lucros e ganancias, que viagem pelas provincias do norte, berço da monarchia e das tradições legendarias, sempre poeticas e quasi sempre romanescas, posto que veladas castamente com o manto da superstição innocente. Hão de ganhar em saude, porque vão respirar bons ares, e a litteratura ha de ganhar tambem.

A lenda de Maria Pratas é quasi toda copiada *d'après nature*, os accessorios são pela maior parte verdadeiros, e creia o leitor que não exaggerei o meu papel. Pintei o que vi. Aos *espiritos fortes* peço que desculpem o estratagema do santo eremita, que novo Daniel, teve coragem de viver tanto tempo com um lobishomem e com uma feiticeira. Haverá muita gente, que trocára o logar do santo pelo do lobishomem, que no fim de contas, vivia vida regalada, não precisando do balão de Nadar para sulcar a amplidão, e tendo sempre ao pé de si uma linda feiticeira. Felicissimo! archi-felicissimo lobishomem! D'elle se póde dizer: «Passou vida folgada e milagrosa».

E como esta nota vae tomando uns ares de folhetim semsabor, já aqui ponho ponto.

AS AZAS BRANCAS

(A Camillo Castello Branco)

I

empre o mesmo olhar doloroso! a mesma expressão de magoa, esse abandono, que é o tedio da vida! Como é que na flor dos annos, quando a existencia se purpuréa com todas as graças que se entrevêem apenas em sonho e se veste das alegrias que a rodeam, como uma creança enfeitando-se distrahida com as florinhas do horto, tu, bella, sentida, deixas reflectir pela transparencia de tua face pura um clarão palido e incerto como de agonias e desespero, como a phosphorecencia de um grande mar que se agita? Deante de ti sente-se uma pressão estranha, a mudez sagrada de uma grande floresta, um terror gélido, como na caverna de uma sybilla. Porque é que os teus vinte annos, as fórmas arrebatadoras do teu corpo de sylphide, que verga pela dôr, mais languido e gentil do que uma palmeira solita-

ria embalada nas bafagens mornas vindas da amplidão remota do dezerto, como é que toda esta infancia que te cinge com uma auréola de encanto e attractivos me faz ter medo de ti, me prende a voz temerosa e anciada, que ouza ás vezes perguntar-te:

D'onde vieste? Em que scismas? Que véo te acena e chama de longe? Porque te escondes dos olhos que choram de ver-te assim desolada, na consternação de uma angustia intraduzivel por palavras humanas? Porque não falas, e nos contas o que soffres? Porque te deixas ficar horas esquecidas com a mão firmada ao rosto, suspensa n'uma contemplação divina, irradiante, de um modo, que ninguem ouza dizer se és da terra, se és a incarnação de alguma essencia archangelica, que anda errante no mundo a sanctificar o amor no soffrimento?

II

Ás vezes o teu semblante, onde se póde ler um enigma que se não traduz, tem a lividez da céra, e a claridade que parece conter em si o jaspe. Então julgo ver em ti uma santa, uma penitente que acha em cada successo da vida uma tentação occulta nas apparencias mais risonhas, no folguedo mais descuidado e innocente, do mesmo modo que um áspide se esconde no alegrete das mais perfumadas flores ou o somno lethal na sombra da mancinella verdejante e copada, aberta ao sol, como uma escrava sustentando a umbella com que abriga do rigor das calmas a odalisca voluptuosa.

Os vinte annos são a alegria, a innocencia, a expansão; ainda não viveste bastante para provar o travor amargo da vida, não sabes conhecer a tormenta que ha de vir pela nuvem que negreja, nem a bonança pelo santelmo, nem os parceis pelo reflexo da vaga marulhosa, nem o porto pelo perfume embalsamado da terra. Tu passas na vida como um meteoro luminoso que não procura aonde ha de ir caír, como uma creatura somnambula que não vacilla, não hesita diante do abysmo que transpõe, nem deixa possuir-se da attração irresistivel porque a não conhece. A vida é assim para ti; passas descuidada do mundo, levada na ondulação saudosa d'essas vozes interiores que te segredam mysterios, mysterios que fazem sentir o desejo de voar para o alto, até perder-se no azul.

Os teus cabellos, quando os deixas caír destrançados sobre os hombros de marfim, levados pela brisa vespertina que vem confidenciar comtigo á janella, que olha para o occidente, os

teus cabellos louros, extensos, são como as cordas de uma harpa, em que as imagens incoërciveis de teus pensamentos vem falar do céo, do amor, no frémito ligeiro, quasi imperceptivel d'essa vibração que só tu comprehendes.

Consternada, e muda como uma estatua, a Niobe grega, o teu silencio tem uma sublimidade prophetica; parece guardar a impressão do sêlo mais tremendo do Apocalypse, — a missão da mulher forte.

III

Quem sabe se é o amor que a leva assim para as solidões, como a pomba que vae esconder-se na rocha alpestre? O amor que esmalta a vida de harmonias e encantos, que acorda as virações para levarem longe o pollen fecundante, que abre o calyce das flores para as abelhas tocarem os nectarios delicados, que une o gemido do regato trepido com o ruido, brando que adormece, do canavial que orna as margens sinuosas? O amor é um abraço, a identificação; como podia divorcial-a com a vida, mudar a sua alegria n'uma tristeza que é como o presentimento do sepulchro? Aquelle segredo incommunicavel opprime, como a sphinge propondo o enigma.

Ella cada vez estava mais desfallecida, pendia de cansaço, offegava; mas procurava illudir os desvelos da familia com um vigor que não tinha, como succede ao naufrago quasi a afferrar a terra, de que o refluxo da onda o afasta, e que hesita se deve lutar mais tempo, se deixar-se engolir nas voragens do oceano. Gravitaria ella em volta de um mundo, em que procurasse absorver-se, e a vida da terra, de cá, fosse como o refluxo que a impellia para longe? Pobre flor, que se debruça nas bordas da sepultura, será uma illusão tudo quanto a sua grande alma sente? Serão uma mentira todas as harmonias que se modulam lá dentro? O tapiz verde da relva fresca, lubrica, que a chama para vir doudejar ali n'um volteio férico, febril, esconder-lhe-ha o lodo de um charco estagnado que a ha de engolir para sempre?

Tenho medo de vel-a assim, com os olhos fitos no horisonte, n'essa morbidez do extasi; a vertigem póde impellil-a, e precipitar-se, como a borboleta prateada e indiscreta. A sua alma eleva-se para o céo; porque vôa tão cedo para cima a nevoa da madrugada, de uma alvura brilhante? A andorinha quando parte, vôa na aza da rajada hyberna que a empurra.

Mas o mundo acarinhou a sempre; porque se esconde e foge d'elle? Será a reminiscencia viva do foco de luz d'onde saíu,

que lhe inspira tamanha anciedade, e lhe abre n'alma uma saudade tão viva, que mata? Ás vezes está tranquilla, immovel, como quem ouve a toada de um concerto mavioso que embala e com que se adormece. Oh, quem ouzará despertal-a? Seria perturbar a crystalisação de uma gota de orvalho que se transforma n'uma perola. Outras vezes tem o olhar pavido, firme, como quem contempla e pasma ante uma visão immensa e augusta. Que apparição risonha virá fallar-lhe? Eros na solidão remota da noite? Será o desejo de vel-o, o desalento do impossivel, que a fazem reconcentrar assim n'essa dor? Uma lagrima era a gota do oleo aromatico da alampada escondida; em vez de fazel-o desapparecer, envolto na nuvem branca e etherea, a lagrima trazel-o-hia como um grande astro que leva apoz si myriades de planetas.

IV

A tarde estava amena, festiva, com o ultimo lampejo de graça que deixa pressentir já a melancholia do outono. Emma ergueu-se da meza; o rosto estava deslumbrante de transfiguração, possuida do sentimento do infinito, que lhe dava uma expressão nova, excelsa, que se não podia fitar. Parecia a *Seraphita*, elevada nas illuminações swedenborgianas, transpondo os precipicios icarios, inacessiveis dos *fiords* da Norwega.

N'aquella tarde parecia oppressa por uma agonia mais intima. Segui-a, queria admiral-a na altura a que se remontava, queria que me fizesse herdeiro do seu manto prophetico, no instante em que subisse no carro de fogo, como Elias. E ella era como a prophetisa do dezerto. Aproximei-me. Estava serena e placida, como quem se mergulhava no oceano da contemplação. De mais perto vi que dormia, com um somno hypnotico. Ficára-lhe um sorriso estampado nos labios; parecia o involucro de uma chrysalida mysteriosa; a borboleta voára para a luz, abandonára-o na terra.

Tinha então um livro sobre o seu regaço; a mão inerte repousava sobre a pagina. Um leve signal notava uma phrase profunda em que a sua alma se absorvêra: «*Um anjo está presente a um outro, quando elle o deseja.*»

Procurei ver de quem era o livro. Era escripto por Swedenborg, o patriarcha dos videntes do norte, o que levou mais longe as relações com o mundo invisivel. O livro intitulava-se: *A sabedoria angelica da omnipotencia, omnisciencia, omniprezensa dos que gosam a eternidade, a immensidade de Deos.*

Emma acordou de subito. Senti um estremecimento de terror, começava a comprehender a sua solidão. Eu mesmo tinha estudado a *segunda vista*, colligido os phenomenos que se passavam no meu espirito, conseguira por uma excitação nervosa perenne a hypnotisação voluntaria.

V

Tambem no livro de *Varietate rerum* descreve Jeronymo Cardan a faculdade que tinha de experimentar o extasis espontaneo, e de tornar objectivas as imagens creadas na sua mente: «Quando eu *quero*, vejo o que me apraz, e isto não só com o espirito, mas com os olhos, como essas imagens que eu via na minha infancia. Mas agora creio que ellas são o resultado de minhas occupações. É certo que nem sempre tenho esta faculdade, comtudo não a tenho senão quando quero. As imagens que eu vejo estão sempre em movimento; é assim que eu vejo as florestas, os animaes, os diversos paizes e tudo quanto eu quero vêr. Creio que a causa de todos estes effeitos está na actividade da minha imaginação e n'uma vista penetrantissima. Desde a minha infancia tinha de commum com Tiberio Cesar o poder vêr na obscuridade mais profunda, como em pleno dia. Porém não corservei muito tempo esta faculdade. Apesar d'isso vejo ainda alguma cousa; posto que não posso distinguir bem o que vejo; e attribuo este effeito ao calor do cerebro, á subtileza dos espiritos vitaes, á substancia do olho, e á energia da imaginação.» (Lib. IV c. 43.)

É esta uma qualidade vulgarissima nos povos do norte, principalmente os insulares, conhecida sob a denominação de *Second sight*. Ahi a imaginação tendo pouca novidade de paizagem que a fecunde, volta sobre si o que ha edificado e exagera-lhe as proporções. Por isso as theogonias do norte são terriveis. As avalanches suspensas a precipitarem-se, os nevoeiros diffundidos por toda a parte como um sudario immenso e frio, a aurora dos polos a desdobrar-se esplendida, tudo faz sonhar de um mundo phantastico, escutar essas toadas vagas, indefiniveis dos espiritos que se annunciam pelo ressoar de uma harpa longinqua. O dom da visão é commum; é assim na ilha de Ferroë. Que virgens se não ostentam n'uma apparição repentina, e que o vidente procura sem nunca mais poder encontra-las! Balzac, o observador profundo do coração, sentiu toda a poesia do norte no poema de *Seraphita*; é um mysterio, o enlace da philosophia e da poesia, um extasis indecifravel de Sweden-

borg, contemplado nas *fiords* da Norwega. O delirio de *Seraphita* é o problema incessante da precepção immediata; o seu amor é mais puro que o ideal de Dyotima, é elle que lhe dá a *segunda vista*.

Taishatrim e *Phissichin* são os nomes que em lingoa gaëlica se dão aos que tem esta faculdade. Os factos observados são immensos, o seu estudo é de nossos dias. Kant combateu a doutrina visionaria de Swedenborg, mas não attendeu que este phenomeno psychico era todo sentimental; viu no patriarcha dos videntes do norte um impostor. A vida exemplarissima de Swedenborg é um desmentido completo e irretorquivel aos argumentos d'esta ordem.

Como explicar esta inspiração continua, a *segunda vista?* A alma paira entre dois mundos — o physico com que se relaciona pelos sentimentos, o espiritual com que se relaciona pelos pressentimentos; se é attrahida para o mundo dos corpos, predominam n'ella os instinctos, e as sensações, todas relativas, só lhe advem pela presença dos objectos; se a alma por um desejo vehemente se eleva do estado de *anima* ao de *spiritus*, os sentimentos desprendem-se do nexo das relações terrestres, e conhecem tudo independente das sensações. É o que acontece aos poetas, cantando a belleza de fórmas não sonhadas, a reminiscencia de harmonias não ouvidas.

VI

Emma estava n'aquella tarde tão meiga! tinha como a consciencia de ir em breve completar-se na essencia de algum anjo. As suas falas eram como suspiros. Lançou-me um olhar interrogativo, como quem temia fazer-me uma pergunta indiscreta, e receiava. Eu desconhecia-lhe aquella affabilidade de seraphim; eu, costumado a vel-a sempre suspensa, no abandono do mundo, radiante como na transfiguração do Thabor. Apertei as mãos d'ella entre as minhas, queria tirar um som d'este instrumento celeste, cujo segredo de harmonia era só conhecido pelos anjos. Se podesse desferil-o, havia perguntar-lhe a causa de tanta tristeza, a intensidade d'essa dôr tão intima, tão espiritual, que se não póde dizer na materialidade phonica da palavra. Ella adivinhou o meu desejo.

— Tens uma *vontade* energica? — perguntou-me quasi a medo e de um modo sybillino. Seria uma phrase abrupta para qualquer e inintelligivel até; eu porém que devo á actividade só d'esta faculdade tudo quanto sou, as grandes dores, os im-

pulsos irresistiveis, as glorias, a realisação dos mais exiguos caprichos, que a encontro na intensidade absoluta, que é Deus, que a vêjo nos grandes factos do espirito a Religião, o Direito e a Arte; na religião manifestando-se exclusivamente na fé; no direito, no accordo das vontades individuaes; na arte, no ponto onde ellas diversissimas se harmonisam, isto é o bello; eu, digo, comprehendi aquella interrogação na sua plenitude. E começava a conhecer mais a força da *vontade*, porque acabava de observar o resultado do acto em que a exercêra.

Emma fitou-me com um olhar profundo; o semblante era magestoso e santo, como o frontespicio de uma cathedral da edade media; as flexas, as linhas architectonicas a infinitivarem-se para o alto eram os seus cabellos; o olhar, o olhar que me opprimia n'esse instante era mysterioso como uma ogiva sombria. Tive medo, como um neophyto, que ouve mugir a caverna, e escoar-se a brisa gelida e olorante pela fenda do penhasco, e quasi que cae em terra sem sentidos, ao vêr attonito as convulsões do hierophante. Emma perguntou-me se eu cria nas relações com o mundo invisivel. Hesitei um instante depois volvi:

— Creio, mas não as sei demonstrar, por uma formula, que, embora refutavel, tenha valor philosophico. — Ella ouviu-me com o pezar e serenidade de uma joven esposa na sua viuvez, que ouve o filhinho a perguntar-lhe pelo pae. Depois murmurou, encostando a face sobre o meu peito:

— És tão novo ainda, e porque matas em ti já o sentimento pela reflexão? A reflexão é fria, e da terra, não comprehende sem decompôr para recompôr. Como se ha de ella elevar ao simples, ao absoluto, se o seu attributo supremo é a indivisibilidade? A luz, que é incoërcivel, não se espelha na face quieta do lago? O sentimento é assim; só elle te póde levar adiante das relações e das contingencias. A substancia é unica; esta essencia d'ella é que prende pela unidade a multiplicidade dos attributos. Todas as vezes que te absorveres na unidade que te allia como attributo ou modo á substancia, entraste na essencia de todas as cousas, porque o simples que actua n'esse momento em ti, é o mesmo em tudo que existe.

Ella continuou com palavras quasi imperceptiveis. Estava em extasi, no extasi da abstração, como o sentia Newton, quando determinava a essencia de uma ordem de factos complexos, na lei que havia ficar eterna, e a que havia imprimir o seu nome. Eu tinha vontade de lançar-me por terra, diante d'aquelle espirito incomprehensivel; precipitava-me se ella me dissesse como

satanaz quando arrebatou Jesus ao pinaculo do templo — *haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.*

VII

Quando Emma saiu da sua mudez sublime, encostou-se sobre meus hombros com uma graça infantil:

— Ainda não sabes porque ando triste? Olha, uma tarde, puzme a escutar o murmurio de um regato; parecia-me ser uma musica interior. Tive vontade de saber o que dizia, de confidenciar com elle, de communicar minha alma, que anceava n'uma sêde de amor. Ao trepidar mavioso da vêa crystallina, scismava, devaneiava, enleiada, embevecida. Adormeci. Pareceu-me então aquelle cicio, como de azas de um cherubim, que baixasse a meu lado; via a claridade da alvura de suas roupagens longas, estava silencioso ao pé de mim. Tinha a expressão da serenidade augusta, uma apparencia que consolava. Acordei, e o mundo parecia-me um desterro, a vida era um carcere, tinha uma ancia de voar, de fugir, um desejo irrepressivel de tornar a vêr o semblante risonho d'aquelle que me veiu mostrar o mundo intransitavel para a vida, como sarça espinhosa. Outra vez, appareceu-me, brilhante como Jehová na sarça ardente. Era sempre silencioso. O amor emmudecia-me diante d'elle, quiz seguil-o na visão que se esvaecia lentamente, mas o corpo estava prezo aos limos da terra, como o cordeiro que se prende nas urzes do matagal. A ancia do extremo esforço despertou-me. Foi assim que nasceu esta tristeza profunda, gerada diante do impossivel. Mais tarde conheci o mysterio da *vontade;* isolei-a em mim, para revocar o anjo dos meus sonhos a realidade de um instante. Quasi que me abrazava na intensidade do querer. O anjo appareceu-me mais triste. Perguntei-lhe se amava? Sorriu-se. Que era preciso para completar uma mesma essencia? o sorriso converteu-se em uma alegria douda, e disse-me em segredo — vôa da terra. Nunca mais tornou a visitar-me no desolamento em que vivo. A vida assim é o vegetar do lichen na humidade das lagrimas derramadas de hora em hora. Porque não hei de voar da terra?

VIII

Ouviu-se trindades n'este instante; cerrava-se a noite, fria; o luar vinha saudoso. Emma pediu-me para deixal-a só. Por alta noite via-se a luz derramar-se pela vidraça do seu quarto,

luz viva, silenciosa, veladora, como do philosopho hermetico surprehendendo a natureza em algum dos seus segredos mais reconditos.

Emma lia no seu livro predilecto, que eu achára aberto sobre o regaço. Pouco depois começára a alvorada. Quando o silencio era mais solemnè e a naturesa inteira parecia reconcentrar-se em seus mysterios, sentiu-se em casa um estrondo surdo, como o baque de um corpo morto, depois o bracejar, como quem se debatia nas vascas da agonia. Ergueram-se á pressa, foram apoz o ecco. Era no quarto de Emma. Seria algum pezadello longo? A porta cedeu á promptidão do soccorro. Foram achal-a em terra, morta, a pouca distancia do fogão, que saturava o ar ambiente de exhalações carbonicas. O corpo já estava frio; o rosto tinha a palidez do sepulchro. A pouca distancia d'ella estava aberto o livro fatal das exagerações mysticas de Swedenborg.

Lia-se esta phraze profunda:

«A innocencia dos céos produz uma tal impressão na alma, «que os que são affectados d'ella guardam um transporte que «lhe dura toda a vida, como eu mesmo experimentei. Basta tal«vez ter uma minima percepção d'ella para ser para sempre «*mudado*, para querer ír aos céos e entrar assim na esphera «da Esperança.»

Seguiam-se outras palavras. Tive medo de ler mais, porque começava tambem a sentir a seducção do suicidio.

THEOPHILO BRAGA.

Post-scriptum — Será o que acabo de contar um capricho da imaginação, ou uma realidade? Não sei. Teria eu tambem a *segunda vista* quando tracei estas linhas que hoje vejo confirmadas no n.º 1397 do *Diario Mercantil* do Porto, anno v, de 1864, do seguinte modo:

«**Suicidio** — (Do *Progresso e Ordem*). Uma interessante senhora, filha do sr. Manoel de Sá Costa Guimarães, honrado proprietario, poz termo á sua vida asphyxiando-se por meio dos gazes produzidos pela combustão do carvão, que tinha no seu quarto n'um fogareiro.

«Foi hontem de manhã que o sr. Manoel de Sá, notando que

sua filha não apparecesse á hora costumada chamou-a, e estranhou que o quarto d'ella estivesse fechado por dentro.

«Chamou segunda e terceira vez, e temendo algum accidente, temor que era desgraçadamente bem fundado, arromba a porta ajudado de um creado e viu sua filha sentada n'uma cadeira e tendo diante de si uma carta. Cobria-lhe o rosto a pallidez cadaverica, mas seus labios entre-abertos pareciam respirar ainda o ar puro que entrava pela porta aberta.

«O sr. Manoel de Sá caiu por terra, o que teve por causa o presentimento de que era já impossivel salvar sua filha.

«O creado correu a chamar algumas outras pessoas que havia em casa e em seguida um facultativo.

«Chegado este declarou que a filha do sr. Manoel de Sá estava morta havia já algumas horas e que havia mister occultar a desgraça ao pae em quanto durasse o abatimento em que elle se achava.

A carta da suicida tem apenas quatro palavras segundo nos contaram. Essas palavras encerram em si um poema mystico, e como tal mysteriosissimo. São:

«—Adeos. Adeos. *Amelia.*»

«Uma traducção franceza de um livro de Swedenborg achado no quarto da suicida fundamenta a conjectura de que a leitura de obras d'esse genero tivesse tal influencia no espirito d'aquella senhora que a levasse a um tão triste fim.

«Eis quaes são os resultados de doutrinas d'esses que pertendendo que um ascetismo exaltado põe o homem em communicação com o mundo invisivel, se perdem em extravagancias proprias para confundirem espiritos fracos.»

Estas considerações finaes pertencem ao localista, com certeza tambem honrado pae de familias; por isso se julga com a mesma força de Kant para atacar o genio mais incomprehensivel dos tempos modernos.

CARTAS OBSCURAS

A Ernesto Biester

AMIGO E CONFRADE

Que penso eu da critica entre nós? Penso que não existe. Ricos de poetas, de dramaturgos, de romancistas, de escriptores em todos os generos, somos comtudo pobrissimos de censores. Aqui e ali impertiga-se por momentos um Aristarco lilliputiano, troveveja, barafusta, enrouquece e blasphema, enfia auctores como contas de um rozario, acaba esfalfado mas radiante, e esponjando depois a cabeça, exclama com um ar de satisfação suprema: — «Ahi tendes critica.» *Improbus labor*.

Mas que questões se debateram? que principios se proclamaram? que verdades se estatuiram? em que aproveitou a litteratura? Creio que a resposta está na consciencia de todos. A critica reduziu-se apenas a uma enxertia de logares communs, muitas vezes sem propriedade, e quasi todas sem alcance.

O que é um critico? — É um homem dotado, principalmente, d'esse bom senso litterario que se chama *o gosto,* educado na lição dos bons modelos, e iniciado nos segredos da arte. O que o poeta escreveu muitas vezes inscientemente, as bellezas que lhe sairam expontaneas e não calculadas, deve o critico indica-las e desenvolve-las, tirar-lhes todo o sentido occulto, buscar-lhes toda a philosophia latente.

É o que ha 500 annos estamos vendo com a *Divina Comedia.* O poeta arremessou ao vento, como a sybilla, as suas folhas divinas, e os commentadores tressuam para decifrar os oraculos.

O preceito de Horacio:

Scribendi recte sapere est et principium et fons, entende-se, principalmente, com os criticos. E cumprirão elles o preceito? Creio que me é licito duvidar.

Quem nunca viu o portico de Athenas,
Sequer em caixas opticas pintado;

como dizia chistosamente o nosso Garção, ou, como eu direi pela minha parte, quem ignora todas as noções da arte, quem não possue o sentimento, a intuição do bello, quem carece d'essa logica natural que deduz de um facto muitos factos, de uma belleza muitas bellezas, e que vai assim, de corollario em corollario, até medir a extensão, a força viva de uma intelligencia, quem não póde, sobre o livro de um escriptor, tirar o horoscopo de muitos livros, esse tal será tudo quanto quizerem, menos critico.

Quando mr. de l'Éguille descobria no corso Buonaparte o germen do grande Napoleão, é porque julgava com a mesma presciencia clara e vasta com que Chateaubriand dizia ao moço Victor Hugo: «*Vous venez, monsieur, et je m'en vais. Je me recommande au souvenir de votre muse.*»

Creio que não exagero, concebendo e definindo d'este modo a critica. Sempre a considerei como o tribunal supremo, diante do qual se assenta o mundo inteiro a escutar-lhe o juizo venerando,

O que é, de facto, a posteridade? — É a critica de amanhã. O genio, como o Homem-Deus, passa muitas vezes sem que o mundo o conheça, e vai por fim, cansado e morto, abater o vôo no tumulo solitario. O critico chega e insufla o cadaver. Levanta-te Lazaro! E o poeta levanta-se, caminha, e vai collocar-se no pedestal que lhe compete. É a historia de Chatterton.

Ha um vicio capital na maioria das criticas, vicio que se resume na pequenez insignificante de muitos reparos que suscita. A critica deve ser rasgada e franca, e não acanhada e myope. Contemplar a obra do artista, animada pelo fogo sagrado da inspiração, para lhe apontar uma leve macula, e para lhe babar em cima, é fazer como o miseravel que regatêa e rejeita um vintem falhado que descobriu entre montões de contos de réis.

Dizei mal do diamante porque tem terra, da perola porque traz lodo, da flor porque tem espinhos, do sol porque tem manchas, do amor porque tem angustias, e deixai-me enthusiasmar loucamente, applaudir phreneticamente, admirar brutalmente. *J'admire comme une brute.*

Os censores armam-se, pela maior parte, de microscopios, e observam os infusorios; eu quero ver a olho nu, porque os não distingo. Eu proclamo o erro, talvez; elles procuram a verdade, deixal-os. Quando Mevius acaba de apedrejar Virgilio, chega-se o Dante e adora-o.

O degli altri poeti onore e lume,
Vagliami'l lungo studio e'l grande amore
Che m'han fatto cercar lo tuo volume.

Tu se'lo mio maestro e'l mio autore:
Tu se'solo colui da cu'io tolsi
Lo bello stile che m'ha fatto onore.

O homem do *Inferno* é um idolotra blasphemo, Mevius um critico sagaz.

Non ego paucis, escrevia uma vez Horacio; a razão poetica veiu beliscal-o na consciencia, e oito versos depois traçava elle o famoso *quandoque bonus*. V. Hugo fez d'este verso um ferro em braza e marcou Horacio na face. Que prova isso? — nada. É a 93 litteraria fustigando o seculo de Augusto.

O fim da critica, repito, deve ser descobrir e apontar no escriptor, no poeta, no artista, em fim, o sentimento predominante, a feição caracteristica, a indole, o genio; acompanhal-o nas diversas evoluções, estudar-lhe o caminhar constante, e levantar depois o grande mappa d'estas peregrinações do espirito, peregrinações que em cada qual tem o seu fim distincto e marcado, mas que se fazem sempre, ora atravessando varzeas deliciosissimas, ora caindo em barrocaes tremendos.

Esta critica profunda e philosophica é a que Taine represen-

ta em França, a despeito de todos os ataques de Sainte-Beuve e de Gustave Planche.

Apparece um poema; a critica examina-o e julga-o. Em que consiste o oraculo? Aqui tres versos frouxos, além dois asperos, mais ao longe o hyatus, depois a cesura, depois a rima, depois o como deveria ter feito, depois o porque não fez d'esse modo, e nada de indicar o que o livro representa, nem de inferir racionalmente o que o poeta ha de ser, ou pelo menos, aquillo a que visa, segundo o pendor do seu talento. A primeira manifestação do homem é sempre, em regra, o reflexo das suas manifestações futuras. *Ab unguibus leo.* Hercules já no berço estrangulava serpentes; Napoleão era general em Brienne.

Quando o critico recebe em suas mãos a obra do artista, é como o velho Simeão tomando em seus braços o Christo. As palavras do vidente devem sair-lhe dos labios, e o futuro desenrollar-se visivel e completo. O que o propheta fazia pela inspiração divina, deve o critico fazel-o pelo alcance da razão esclarecida.

É por todas estas considerações, meu caro Biester, que eu principiei dizendo-lhe que não existe critica entre nós. Os poucos que poderiam fazel-a, segundo a entendo, esses andam por ahi arrastados, como Heitor, á roda dos muros da patria que defendem com as suas trabucadas politicas.

Houve um homem entre nós, que, pela lucidez da sua razão, pela finura do seu gosto, e, ultimamente, pela crescente copia dos seus conhecimentos, deveria preencher esta lacuna, se a mais fatal de todas as calamidades o não viesse annullar para sempre. Fallo de Lopes de Mendonça.

A mordacidade ociosa e perversa entreteve-se em diffamar este bello talento, em apodar quanto d'elle emanava, em perder, digamol-o francamente, em perder aquelle moço esclarecido; mas a justiça deve levantar hoje a voz, e dizer ao paiz, que, Lopes de Mendonça era um dos mais atilados dos seus filhos.

Não me cega a paixão da parcialidade; no que digo transparece apenas a consciencia. Quando Lopes de Mendonça desappareceu do mundo, foi então que eu comecei a entrar n'elle. Nunca nos conhecemos nem fallámos, não advogo uma causa de compadrado; quero simplesmente, sem me arrogar direitos que me não competem, recordar que nas obras criticas de Lopes de Mendonça revela-se o bom senso e o gosto, como em todas as demais se patenteam os dotes de um escriptor privilegiado.

É bom não nos esquecermos do passado. Acima d'esse merecimento que por ahi phantasiamos em muitos, merecimento que se eleva entre os vapores de um *grog* e as interjeições de uns parvos, ha o valor real dos que nos legaram, não bons ditos, não sarcasmos, não discursos no Gremio, não arrazoados no Martinho, mas livros, mas trabalhos, mas monumentos, mas filhos do seu lavor pertinaz ou da sua imaginação fecunda. [1]

Não queira Deus que me tomem em má parte estas palavras innocentes; fallando de critica entre nós veiu naturalmente o fallar em Lopes de Mendonça, e d'ahi, lamentar o quanto mal se comprehendeu e avaliou a claresa d'aquelle espirito.

Findo por agora, meu caro Biester, pedindo-lhe muitas e muitas indulgencias para todas estas futilidades com que o importunei. Sou cada vez mais seu admirador e amigo, etc.

Outubro de 1864.

E. A. VIDAL.

[1] D'entre todos os escriptores da geração moderna, os que hoje revelam mais decididas tendencias para o genero, e parece deverem ser um dia os nossos verdadeiros criticos litterarios, são, incontestavelmente, os srs. M. Pinheiro Chagas e Ramalho Ortigão.

CHRONICA DO MEZ

ão houve novidades este mez, e não fizeram falta porque não haveria sido possivel dar-lhes attenção; — Lisboa tem estado a tomar tisanas e chá de flôr de sabugo.

Anda toda a gente constipada, a tossir e a grazinar. Se o meu charo leitor fizer dez visitas, tem a certeza de que nove creadas lhe hão de dizer:

— A senhora não está visivel; o medico deu ordem de não deixar entrar ninguem.

Ou nove creados:

— O senhor está recolhido; tomou hontem um suadoiro, e hoje acha-se debilitado, com muita tosse e a voz tomada.

Os cirurgiões e os boticarios não teem mãos a medir; rheumatismos agudos, defluxos, bronchites, erysipélas; mil entretimentos perfidos!

Os cantores, não se sabe como, teem escapado d'esta enfermidade geral, e apenas o baritono Storti-Gagi, que a empresa despediu já, se apresentou nos *Foscari* tão constipado como qualquer espectador.

Ha operas de quesilia; boa musica, bom *libretto*, tudo quanto quizerem, mas de quesilia: os *Foscari* estão n'este caso; dizem que é uma excellente *partitura*, — mas cae sempre; é excellente... para cair. Eu, para lhes dizer o que sinto, detesto-a, é-me antipathica, quero-lhe mal; apenas a *stretta* do *trio* e a aria final do baritono me parecem de bom effeito dramatico; tudo mais se passa a gritar; a parte da dama é uma berraria: canto verdadeiramente só o tem na cavatina, cujo effeito aliás está todo no allegro; o resto fica suffocado pela orchestra, se ella não largar os pulmões até perigo de vida. Estreou-se n'esta parte a sr.ª Bianchi, cantora moça, formosa, e de voz extensa e sã; o tenor Tombesi cantou alguns trechos bem, outros mal; o baritono Storti-Gagi cantou mal do principio até ao fim, o que é muito mais regular, e fez do Foscari um velho lamurioso, sem saber que elle era um d'esses caracteres grandiosos que exercem sobre si proprios o maior imperio, segundo a historia nol-o apresenta; os coros foram muito bem executados, e o publico não fazendo reparo em tal cometteu uma falta de justiça que eu tento remedear até onde chego.

Deu-se a *Traviata*, com o baritono Squarcia na segunda recita, depois de se haver dado com o baritono Storti Gagi, que de Foscari passou a defuncto por uma vez. Quem é obrigado a ser mau baritono? Pois uma pessoa não póde passar sem isso? É tão facil *não ser* bom baritono, como mesmo não ser baritono bom nem mau! Para que se metteu aquelle imprudente em semelhante teima?

A *Traviata* não é a melhor opera de Verdi, mas a parte de Violeta vae realmente bem á voz e á galanteria de madame Volpini, que é essencialmente uma creatura juvenil e simpathica. Com quanto possua talento dramatico e dê provas d'isso, a joven cantora não tem todavia a mascara da muza tragica, não tem nos olhos o relampago do imperio, não tem collo que sustenha orgulhosamente a fronte como a fronte sustem a corôa; é rapariga, é gallante, é graciosa; fica-lhe bem o vestido de baile, é bonita no primeiro acto da *Traviata*, alegre, *coquette*, ebria de louvores, e entôa a canção do prazer, a canção da festa e da folia, com uma seducção a que se não resiste; é commovente em todo o resto da opera, conservando-se artista inteligente no ultimo acto em que exala o amor e a vida n'um suspiro melodioso. O publico applaude com justiça madame Volpini; é um gentil talento e uma artista utilissima á empreza. — Tombesi é um Armand Duval, que nem pintado para o personagem; perfeitamente um *pauvre sire*, um lindo amante de novella, um trovador de relogio de mesa,... com algumas nottas boas. — Squarcia auxiliou em muito o exito da opera, e deu-nos duas alegrias, não ouvirmos Storti-Gagi, e ouvirmol-o a elle!

Depois da doença que o conservou afastado da scena durante muitas recitas, Mongini, reappareceu na *Lucia de Lamermoor*. Que velhissima opera, e que opera eternamente nova! Digam-me se depois da *Norma e da Somnambula* conhecem musica mais pathetica do que a da *Lucia?* Donnizetti não seria um innovador, mas foi de certo o compositor mais inspiradamente fecundo da Italia, grande no pranto, grande no surriso, poeta da *Anna Bolena* e do *Elixir d'amor!* Mongini n'esta opera, bem sabem que enthusiasmo produziu a época passada; este anno renovaram-se os triumfos e elle soube merecel-os como das outras vezes. — Madame Volpini reuniu na parte de Lucia as qualidades do canto lyrico e do canto de ornato; executa as difficuldades com uma presteza brilhante que lhes dá ares de faceis; é o canto de uma namorada, é o trinar de um passarinho, é a ingenuidade, o surrir gracioso, os lindos olhos humidos de melancolia, que Donizetti, Walter Scott, e Camerano, sonharam em Lucia! — Squarcia tem momentos excellentes, e, no duetto com Mongini, dir-se-hia que se estabelecêra entre estes dois artistas e o publico uma especie de cadeia electrica, e que cada commoção por que elles passavam tinha écco na platéa!

A doença do divino tenor vae felizmente desamparando-o já; é, como sabem, uma enfermidade caprichosa, que o opprime sempre nos primeiros tempos da sua chegada a Lisboa, ás vezes parecendo divertir-se com elle, porque lhe dá excellente voz de dia, deixa-o dizer á empreza que o annuncie para a recita da noite, e depois atraiçoa-o quando chega a hora. É uma diabrura fantastica e singular, semelhante á historia de Bettina no conto do *Sanctus* de Hoffmann. Mongini deve ter curtido exasperações supremas. A que influencia maligna, a que mau olhado, a que encanto cabalistico poderá attribuir-se essa rouquidão subita que lhe opprime a garganta quando menos se espera? Nas primeiras recitas da *Favorita* foi sublime no primeiro acto, e no quarto acto estava já perdido. Ó sortilegio! Ultimamente, porém, nem o clima poude resistir áquella voz prodigiosa, e em vez de vencer o tenor foi o tenor que venceu o clima. Já canta superiormente as operas do principio ao fim, e á proporção que elle toma novo folego... vae-o tambem tomando a empreza e o publico!

A empreza de S. Carlos cedeu generosamente o theatro para uma recita extraordinaria promovida na intenção de levantar no sallão do theatro normal os bustos de Almeida Garrett e de Epifaneo. Não ficou vago um só logar, e a commissão que emprehendeu este espectaculo viu coroados os seus nobres exforços com o melhor exito de concorrencia e de applausos. Todos os artistas concorreram gratuitamente a auxiliar a festa, e Arthur Napoleão, que foi verdadeira-

mente o heroe da noite, executou tres peças ao piano, fazendo-se ouvir pela primeira vez do nosso publico, que o victoriou com a dupla estima devida a um irmão e à um grande artista.

O piano n'aquella noite rejuvenesceu sensivelmente. Apagou-se o fastio, quebrou-se o mau feitiço que nos sensaborisava a todos ao avistarmos um teclado, um pedal, e um banquinho. O exercito instrumental sobresaltou-se no seu mais copioso batalhão, o batalhão dos pianistas! Que trabalho não tem sido preciso áquelle moço de vinte e um annos para chegar a ser o admiravel *virtuose*, tão festejado em S. Carlos n'essa recita! Que de tempo empregado laboriosamente em licções successivas, que estudo constante na edade ainda em que as outras creanças corriam nos jardins, brincavam nos baloiços, faziam manobrar os regimentos de soldados de chumbo, e passavam horas nos passeios divertindo-se em atirar com a pella de uns a outros! Quanta fadiga para um, até conseguir deliciar pela sua aptidão o espirito dos outros, — dos que não pensam n'isso, nem lhe apreciam o heroismo, e continuam a considerar os artistas como uns preguiçosos amaveis, fazendo idéa de Rossini, por exemplo, estirado todo o dia ao sol, ou a comer maccaroni com parmesão, n'uma occiosidade que o deixou produzir tres operas por anno, e lhe permitte tal indisposição contra o queijo que não pôde sequer sentir-lhe o cheiro!

Os pianistas teem esgotado tanto os recursos do apparato na arte, que hoje está-se desconfiado sempre das maravilhas dos *virtuoses*. De que impostura, de que artimanha não se têem servido mil vezes esses *puffistas*, prestigitadores da musica! Já houve um, e dos mais famosos, que pagava mulheres á razão de libra por concerto para fingirem que desmaiavam de enthusiasmo no melhor de uma fantazia executada n'um movimento tão rapido que seria humanamente impossivel terminal-a. O pianista abandonava precipitadamente o piano para voar a soccorrer a dama do deliquio, e toda a gente se persuadia que se não fôra esse lamentavel incidente o prodigioso artista haveria levado ao fim o maior dos milagres. Uma occasião, uma das mulheres compradas para desmaiar adormeceu; o pianista, que contava com ella, achou-se n'um tal apuro, que, á falta de melhor expediente, e não podendo continuar no mesmo movimento impossivel,... desmaiou elle.

Arthur Napoleão, porém, naturesa extremamente nervosa e de uma sensibilidade que toca os delirios e os extases da paixão, vence todas as difficuldades mechanicas da execução, e a sua alma poetica, devaneadôra, caprichosa, brilhante, febril, esteve a ponto de conseguir na noite de 21, sem recorrer ás artimanhas dos puffistas, fazer desmaiar as senhoras, que todas applaudiram com a commoção do

olhar, tão eloquentemente como os homens com os bravos, palmas, e chamadas que o festejaram.

Na noite immediata, 22, cantou-se pela primeira vez a *Martha*, de Flotow. Que frescura nos motivos, que tom original, que poetico clorido na maneira graciosa, popular, ora alegre ora melancholica d'aquelle estillo, que tem o segredo de ser melodico e espirituoso. Tudo é simples n'esta musica, tudo é limpido, transparente, de natural desenho, de uma elegancia que se não desmente, e, ao que dizem os entendedores, de grande perfeição de fórma.

Esta opera que marca uma revolução na arte allemã, é escripta quasi no genero francez. Adivinha-se algumas vezes por um certo sentimento grave, austero, triste, que ha no fundo d'aquella musica a alma de um allemão; é um sorriso que encontra uma lagrima; a melancholia a cobrir-se com um veu. O romance de Martha no segundo acto é uma melodia tão elegantemente elegiaca e tão sincera e naturalmente poetica, que parece quando a gente a ouve ser a nossa alma que a está compondo. Flotow sentiu de certo a mesma sympathia por esse adoravel trecho, pois que o adoptou para a sua opera e o deu á protogonista, sendo esse romance a ballada ingleza *The last rose of summer* composta por David Riccio o famoso amante de Maria Stuart.

Demoremo-nos um instante com o auctor d'esse romance da *ultima rosa de verão*, que o publico tanto tem applaudido estas noites a madame Volpini.

Atravez dos odios que Riccio inspirava á Inglaterra, por ser italiano e por ser catholico, Maria Stuart apaixonou-se por elle no tempo em que não era mais que mestre de musica, e apaixonou-se a ponto de não avistar a nuvem de maldições e iras que se formava em redor d'ella. Foi uma epocha de devastação e vergonha; Maria Stuart caiu no despreso da nação e no odio da nobreza; foi o periodo da sua mocidade, das suas paixões e desventuras. O piemontez Riccio era, ao que dizem os historiadores, um rapaz agradavel, cheio de talento e de espirito, mas era uma criança. A rainha fel-o seu secretario. Citam-se de Randolf estas palavras, nos Archivos do Estado: «David Riccio faz aqui quanto quer. É o unico amigo da rainha, e o predilecto do seu coração. É seu conselheiro e seu ministro. O que por ahi se diz é incrivel. Ninguem suppõe os boatos que já correm. Está tudo entregue a Maria de Güise, Darnley, e Riccio: uma mulher namorada, um ambicioso, e uma criança. Que esperança e futuro de governo!» Cada vez mais poderoso na côrte, cada vez mais amado por Maria, Riccio deixa de ser um rapaz modesto e entra a dar-se ares de senhor. Tem cavallos, pagens, e um viver de fidalgo. O povo rosna e grita. Vão subindo as mal-

dições. Riccio então, no centro d'isso tudo, recosta a cabeça sobre o collo da rainha, e canta-lhe entre dois beijos a sua ballada da *Ultima rosa de verão*. Uma noite, porém, cento e cincoenta homens armados cercaram o palacio de Holyorood. Darnley subiu sósinho uma escada particular que conduzia ao quarto de Maria, levantou o reposteiro de um gabinete onde a rainha estava ceiando com Riccio, Beaton, e a condessa d'Argyla, sentou-se ao lado de sua mulher, passou um braço em redor da cintura de Maria e disse-lhe mil meiguices. Então, viu-se novamente erguer o reposteiro, e passar um espectro livido coberto com uma armadura de aço. — «A ti, Riccio!» lhe disse. N'esse momento os conjurados precipitaram-se no quarto, Riccio abraçou-se á rainha escondendo-se nas largas dobras do seu vestido, Maria implorou debalde os assassinos, a mesa e as luzes foram pelo ar, e Riccio arrastado até á entrada do quarto, ferido por cincoenta e cinco punhaladas, e levando cravado ao meio do peito o punhal do rei, ficou abandonado no chão n'um mar de sangue. Ao motim dos gritos que se deram no palacio, o povo correu ás portas de Holyrood. O rei appareceu e disse ao prevoste: Não ha novidade. É a rainha e eu que nos estamos a divertir!

A execução da *Martha* este anno foi compromettida pela parte do baritono, — um baritono novo; *uno altero Scipione!* — o sr. Marinosi, que o Porto teve durante tres annos a crueldade de applaudir... para nos armar a pirraça de cá o termos. A sua voz é desagravel, e a sua presença *idem:* desde que o viu, o publico esteve sempre a dizer-lhe como na *Clara de Rosemberg:* «*Chel antipathica è vostra figura!*» A differença é que lhe disse isto com os pés! — Mongini canta a sua parte com muita alma, muito colorido, e *muita voz.* — Madame Volpini é talvez hespanhola demais para Martha; Martha é uma d'aquellas loiras e vagas apparições do norte, uma visão d'Ossian; na feira, madame Volpini é criada e aldeã de mais; Martha é uma *lady.* Em todo o caso, o romance da rosa, canta-o na perfeição.

Prepara-se o *Othello,* e a *Vestale* de Mercadante para Madame Borghi-Mamo, *la diva* da estação, que prosegue de triumfo em triumfo nas recitas da *Favorita* e da *Sapho.*

Taes são os acontecimentos theatraes, unicos acontecimentos de Lisboa durante o mez, — a não serem as questões do jornalismo, as discussões, as diatribes, as injurias pessoaes de campo a campo, successos permanentes da politica na nossa terra.

Os caçadores são os heroes do mez. Não se dá um passo nos arrabaldes de Lisboa sem encontrar alguma amostra do caçador lisbonense, de espingarda debaixo do braço e bolsa ás costas; as per-

dizes, os patos bravos, e as galinholas invadem as cosinhas, mas em compensação os campos acham-se povoados.... de caçadores de contracto!

Nas tavernas da capital e das provincias celebrou-se jubilosamente o dia onze d'este mez, que, como sabem, é o do glorioso S. Martinho. Os devotos de Bacho reuniram-se em jantares, em ceias, e em merendas ao descer da noite, festejando em bachanaes mais ou menos sumptuosas esse santo, cuja memoria anda acompanhada de azeitona, vinho, e castanha assada. Em que mereceu S. Martinho tão pouco acredora gloria, é o que não póde averiguar-se; a tradição vae-lhe exigindo saudes e protege os borrachos á sombra do nome d'elle. Na noite do dia onze a alegria popular espalhou-se por toda a parte, e não houve tasca em que não se prégasse o famoso sermão de S. Martinho; aqui, um galego eloquente, inchado de vinho e de prazer, berrava á mesa no centro de um grupo de companheiros: — «Ó tu, Noé, que, outr'ora, plantando a vinha, déste por curioso em bebado, reanima tuas frias cinzas, deixa o Olimpo, e vem vêr teus filhos nadando em vinho!» alli, um *piteireiro* bradava encostado a um balcão: — «Ó Bandarra, sapateiro remendão, que com o soccorro de nove mil moafas passaste por Propheta....» mais adeante, um vadio, que se emprega em beber, cantava a vinha «planta melhor que a mãe natureza»: outro, que por missão escrupulosa anticipa sempre o nascimento da aurora, emborcando um quartilho, declamava contra os que se sujeitam no inverno a ter frio «desde que o filho de Adão mirando a uva madura, lhe espremeu os bagos, deixou ferver o sumo, e, assim que se lhe bebe uma doze na conta que fôr precisa, o frio com as lagrimas nos olhos pede a paz, capitula e confessa a sua ruina, cedendo o throno ao varão da pinga!»

Toda essa alegria de um dia se extinguiu com elle; na manhã immediata os obreiros voltaram para o trabalho e a gloria de Bacho apagou-se. Pelo mez adiante apenas alguns suicidios quebraram a monotonia d'este pluvioso novembro. Os jornaes tiveram ao menos isso para noticiarem n'algumas poucas linhas, que, tantas vezes, resumem um interessante e mysterioso drama. Que peça ou que romance accordará nos animos mais funda impressão do que estas poucas palavras de uma noticia diversa: Hontem ao cair da noite uma rapariga de vinte annos deitou-se de um terceiro andar da rua de ***?!

Comquanto esta chronica não seja bibliographica, permittam-me que eu não resista ao desejo de registar duas publicações.

Os editores da Livraria Central publicaram em nova edição o drama *Camões*, acompanhado de novas e valiosissimas notas con-

tendo alvitres de tanta utilidade que o auctor julgou preciso recommendal-as com esta formula de convite urgente «*para se lerem*». A nova edição fórma tres volumes, no ultimo dos quaes o filho mais velho do grande poeta, o nosso querido e talentoso homonymo, dá uma curiosissima noticia biographica da familia por todos os titulos illustre dos Castilhos. Conta-se que Rivarol quando lhe liam algum elogio de um grande mestre como Corneille ou Molière nunca podia dispensar-se de dizer:

—Está bom, mas tem sobejidões!

—Se estivesse no meu caso, far-lhe-hia cortes?

—Decerto. Contentava-me com o dizer: Um chama-se Molière e o outro Corneille!

Quando mesmo este jornal não houvesse publicado já o excellente artigo de Pinheiro Chagas ácerca da obra, eu dir-lhes-hia simplesmente, e seria este o mais modesto e o mais eloquente louvor, que o auctor do estudo historico-poetico *Camões* chama-se Antonio Feliciano de Castilho. Felizes dos que não precisam de outro elogio para que a sua obra falle tão alto como o seu nome!

O sr. José Maria da Ponte e Horta, vogal da commissão portugueza e membro do jury internacional, publicou no meado d'este mez o seu relatorio sobre a exposição universal de Londres. Os relatorios no nosso paiz gosam para muita gente das regalias da ave phenix, da qual todos fallam e ninguem viu ainda; isto não nasce tanto do descuido de os fazer, como do desleixo que geralmente ha em os ler, e por isso mesmo annuncio com mais prazer este bello trabalho do sr. José Horta, que decerto vencerá, graças aos creditos litterarios do auctor, o sentimento de reserva que uma porção do publico possa ter pelos estudos d'esta natureza. Ha n'esta obra uma parte technica a que nem todos alcançam, mas decerto cabe na indole d'estas chronicas o saudar no trabalho do sr. Horta a seriedade de investigação e de analyse sobre os melhoramentos manifestados na exposição em relação á mechanica industrial, e os primores de fórma que se observam no correctissimo estylo do seu livro. Occupa-se o auctor em successivos quadros dos progressos scientificos e industriaes mais salientes d'este seculo, da origem das exposições e do caracter especial da de 1862, do estudo e classificação das machinas de vapor da exposição ingleza em 1862, e da nenhuma impossibilidade organica que ha para o nosso paiz de vir a ser industrial como os outros, se se estabelecerem por toda a parte escolas praticas onde se encontrem os elementos precisos para qualquer profissão activa de trabalho, attendendo ás analogias de posição que Portugal offerece com a Gram Bretanha e ás vantagens mercantis inherentes a um povo colonial, as quaes por uma habil applicação,

exforços pacientes, assiduidade e audacioso espirito, podemos obter, tratando primeiro de sermos industriaes do que do receio de não termos mercado, que no paiz mesmo se encontrará, bem como no Brazil, e nas colonias que possuimos no ultramar.

O relatorio do sr. Horta pela distribuição do plano, pelo estudo de investigação e pelas condições elegantemente litterarias da linguagem, faz honra á elevação da sua intelligencia e á sisudez da sua applicação. «*Il se laisse lire*» dizia Madame de Sévigné, e essa phrase, que lhe é applicavel, deve ser considerada como o supremo elogio de um relatorio!

JULIO CESAR MACHADO.

Thomas de Amarim.

Est. d'Amed. Rouel. R. A. de Lon.

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

I

Francisco Gomes de Amorim, ajudante do escrivão da Thesouraria da Marinha, servindo em commissão como official da Bibliotheca naval, segundo official da Secretaria da Junta geral da Bulla da Cruzada, socio da Academia Real das Sciencias e de varias sociedades litterarias nacionaes e estrangeiras, nasceu a 13 de agosto de 1827 na linda aldeia, chamada Avelomar, assentada no regaço de uma praia da pitoresca provincia do Minho, dois kilometros ao norte da Povoa de Varzim. Foram seus pais José Gomes de Amorim e D. Marianna Joaquina Bento. Desde a mais tenra infancia lutou com a estreiteza de meios, com a adversidade, e com os lances e fadigas, que de ordinario costumam provar os animos viris em annos robustos.

Citâmos de proposito os empregos e distincções litterarias, que adquiriu, não por alarde de esteril vaidade, mas como

exemplo do que uma vontade firme, ajudada de elevados dotes intellectuaes, póde conquistar em curta carreira, apesar da indifferença com que entre nós foram, e são tratadas as boas artes, por esses, que, alcunhando-se estadistas e homens sisudos, solletram ás vezes a custo, e balbuciando, as phrases mascavadas dos diplomas, que assignam de cruz. Filho de suas obras, e só d'ellas, o poeta do qual vamos esboçar o retrato nunca teve outras recommendações, que não fossem os applausos das platéas festejando o seu engenho na primeira scena portugueza, e o louvor e a acceitação dos escriptos de prosa e verso, com que enobreceu a sua juventude laboriosa.

De toda a familia, composta de lavradores pouco abastados, era seu avô paterno o unico instruido, e o que possuia e presava os livros. Liberal convencido, mas sereno, tinha-se retirado áquella meia solidão talvez para se furtar á vigilancia dos restauradores de 1823, incansaveis em assellarem o seu zelo pelos *direitos inauferiveis*. Fôra empregado? Com a queda da constituição perdêra o logar? O cutello demissorio havia-o alcançado vibrado pela mão perseguidora dos vingadores do throno e do altar? O bom velho era discreto e fallava pouco do passado, provavelmente por prudencia. Em 1827 todos os tios do poeta, e eram muitos, andavam ausentes, e nunca mais voltaram á patria. Dispersos pelo Brasil, e pela India, quando as armas constitucionaes triumpharam em 1833, depois da luta, em que tantos prodigios as illustraram, mais resentidos, do bue saudosos, nenhum d'elles quiz recolher-se ao reino, d'onde os tinham desterrado os odios politicos e a intolerancia.

O unico filho, que se conservou junto do ancião, por estar casado, foi o pai de Gomes de Amorim; mas apenas rebentou a guerra esse mesmo se viu obrigado a tentar fortuna atravessando os mares e dobrando o cabo de Boa Esperança. O seu consorcio, concluido contra o parecer do avô materno do poeta, que as opiniões realistas exaltavam, em vez de trazer a paz, ateou ainda mais a dissensão entre as duas casas, e coegido pela necessidade, e quem sabe se pelo receio tambem, o desconsolado marido, sem protecção, nem recursos, foi constrangido a separar-se da esposa, e a começar a longa serie de peregrinações longiquas, que na maior parte do tempo o sequestraram do conchego e delicias do lar domestico. A grande pobreza, em que seu avô paterno declinára desde 1824, o quasi desapego do avô materno, logo depois reduzido á escacez pelas commoções civis, e os poucos lucros colhidos por seu pai da aventurosa existencia, a que se entregára, concorreram para

que a meninice de Gomes de Amorim corresse penosa e amargurada. Sua mãi, senhora de espiritos varonis, não desanimou com o doloroso quadro de miserias e privações a que a votára a sua meia viuvez. Sem outro amparo mais do que suas virtudes, abrigada por um tecto humilde, cujo preço deveu por alguns annos, pediu forças á sua ternura para não succumbir, e soube ser mãi esgotando todos os sacrificios.

A infancia é naturalmente descuidada. N'ella as lagrimas e as alegrias choram, ou riem como os chuveiros e o sol se cruzam e se interrompem nos dias viçosos de primavera. Da época, em que a razão principiava a amanhecer-lhe, as recordações do poeta, confusas e fugitivas, apenas lhe avivam a saudosa e suave figura da mulher, que repousava das lides de uma vida trabalhosa, velando, reclinada sobre seu berço e o de seus tres irmãos, o somno de innocencia, que todos dormiam ignorantes, ou esquecidos, dos prantos e do suor de sangue, que lhe custava a ella o pão quotidiano. Pobre mãi! Ao menos na idade provecta os respeitos e carinhos entreteceram-lhe de flôres bem gratas ao coração os espinhos da sua coroa de martyrios!

Chegou o dia de se abrir para o poeta e seu irmão mais velho a aula de primeiras lettras, dia de tristeza e de oppressão para a infancia, quando passa da petulancia e dos jubilos pueris para o jugo de uma desciplina n'aquella epocha agravada pelos terrores da ferula. Seu irmão aproveitou, coroando de rapidos progressos, os esforços do sr. Manoel Corval, que ao mesmo tempo se queixava, de que a sua palmatoria, sempre alçada contra a preguiça invencivel de Gomes de Amorim, arrancando-lhe a pelle das mãos, não tivesse o condão de lhe incutir os rudimentos! Mas o alumno afez-se ao supplicio, e desafiando as iras e castigos, parecia comprazer-se em envergonhar o methodo de ensino do honrado velho! No fim de tres annos Manoel Corval tinha estalado umas poucas de ferulas, mas o estudante nem soletrava, nem escrevia o seu nome. Com aquella perspicacia, que Deus concede muitas vezes aos dictadores da cartilha e do *b a ba* o professor subiu ao seu tribunal, e condemnou a pena ultima a capacidade do discipulo. Declarou-o estulto, *urbi et orbi* e jurou por Jupiter que morreria analphabeto. Igual sentença nos feriu a nós e com merecimentos similhantes. Felizmente o poeta vingou a creança, e mais tarde por nossa parte procurámos tambem deixar ficar por mentiroso o funesto vaticinio.

Quem se confrangia com a supposta rudeza do filho era a afflicta mãe, cujo affecto podia anciar, mas não antever, que o

estudo livre e voluntario faria mais do mancebo em poucos mezes, do que muitos annos de licções e de rigores. Ás censuras e prophecias doutoraes do mestre eschola, irritado no orgulho pedagogico, juntavam-se, para acerar a sua tribulação, as caridosas apreciações dos visinhos, que todos em voz unanime, e meneando a cabeça com um gesto melancholico, repetiam como aforismos inconcussos os juizos temerarios do sr. Manoel Corval.

A verdade é que na puericia Gomes de Amorim promettia pouco. Não tinha agudezas, ditos engraçados, nem facilidade de aprender. Elle proprio o confessou. Os seus talentos, aliás variados, assignalavam-se em outras applicações. Inventava todos os dias um pretexto novo para escapar á aula e á ferula implacavel. Atirava á pedra com uma certesa digna dos fundibularios romanos. Não conhecia emulo na grande arte de apanhar os passaros a laço, e na corrida disputava o premio aos mais veloses. A estas proesas uniam-se algumas prendas menos inoffensivas. Trepava ás arvores, vindimava as uvas, e arrombava as paredes dos cerrados aos visinhos. Um d'elles, victima de um desabamento instantaneo, não podendo colher o réo, cuja ligeiresa zombava de seus passos entorpecidos, vingou-se, dando-lhe piparotes na sombra, e exclamando, que ainda havia de vel-o acabar em salteador de estrada. Deus se compadecesse do lunatico propheta por sua alta misericordia! Mas teve desculpa. Nunca houve dôr igual á sua dôr, quando, apar dos destroços do muro, contemplou depenada dos melhores cachos a cepa, que era o seu enlevo!

Não insistiremos, narrando as providencias correccionaes, sugeridas pela cholera dos proprietarios espoliados das mais formosas peras e dos mais gulosos figos á pobre mãe. Aconselharam-a *a que fizesse gente do filho, e o arrumasse;* e um lavrador e um cordoeiro mais lesados, ou mais impacientes, encarregaram-se, vaidosos, e não felizes, de conter no redil a ovelha desgarrada. Ambos perderam a demanda! O poeta aborrecia as artes de Triptolemo, não percebia o sublime ideal da nabiça e do repolho, e detestava de todas as veras da alma a roda nada mithologica de tecer as cordas. Antes a palmatoria do sr. Manoel Corval, cuja infalibilidade exultava com as repetidas provas da indole indomita do discipulo não amado! Quem quizesse encontrar o estouvado trasgo de aldeia, ou havia de apanhal-o a cavallo nos troncos de alguma arvore carregada de fruta, ou vêl-o partir de corrida até á crista dos rochedos para admirar de lá as azas brancas de um navio, voando sobre as ondas, ou os picos an-

nuviados das serras de Barroso e de S. Felix. N'esta occupação para elle unica esquecia almoço e jantar, mestres e parentes!

Crescia a pobresa, entretanto, e sua mãe decidiu-se a deixar partir o filho mais velho para o Brasil ornado de todos os dons, de que soubera enriquecel-o a aula de primeiras lettras. A familia quiz assistir ao bota-fóra, e encaminhou-se de Avelomar ao Porto. Era tal n'esses dias o aperto de meios, que o poeta pediu emprestadas as calças de um visindo, e ainda hoje se accusa de lhas não ter restituido, caso serio, e de eterno remorso. O que é certo é que, resolvendo-se de repente a acompanhar o irmão, e partindo com elle, as calças viram mais mundo, do que seu dono contava seguramente que ellas vissem.

II

Noticias falsas, ou exageradas, ácerca das enormes riquezas do Brazil, desvairavam a esse tempo os mancebos do Minho, Era o visco, de que se valiam os caçadores de homens brancos, para arrastarem, como rebanhos, ás praias do imperio transatlantico as victimas de suas torpes especulações. Manuel Amorim fôra um dos seduzidos, e o nosso poeta, nas frequentes visitas a bordo do navio, que havia de transportal-o, tentado pelos aliciadores e pela sua phantasia ardente, em breve caío tambem na rede. Custou-lhe a arrancar a licença apetecida. As entranhas de sua mãe rasgavam-se com a magoa de ter de dizer ali adeus por tanto tempo aos primeiros fructos do seu amor. Os parentes resistiam; e alguns compatriotas oppunham-se, generosos, ou esquecidos das paredes derrubadas, das arvores torcidas e das hortaliças e searas pisadas pelo rapaz travesso. Por fim a pertinacia do moço aventuroso venceu a ternura assustada. Não houve remedio. Foi preciso deixal o partir!

A viagem tornou-se arriscada. A fome, a sêde, as calmas, e as tempestades juntaram todos os seus tormentos para darem ao viajante inexperiente a amostra do que o esperava na terra estrangeira, que de tão longe vinha buscar. A embarcação aferrou o porto de Santa Maria de Belem no Pará. Apenas desembarcaram viram-se logo formados em turmas no caes da alfandega os emigrados voluntarios, e começou para elles o desengano completo das illusões, que os attraiam. No meio de uma multidão de gente de todas as côres giravam alguns brancos, rindo, chasqueando, e inventariando a mercadoria. Era

a praça dos escravos portuguezes que se abria para substituir a praça da raça negra! Gomes de Amorim, atonito, contemplava aquelle espectaculo, via os seus companheiros desapparecerem uns apoz outros, e ainda não acabava de perceber que estava alli para ser vendido. Um contractador levantou-lhe a cabeça pendida de tristeza sobre o peito, e mandou-o fallar! Um preto aproximou-se, e perguntou-lhe o nome, acrescentando se queria servil-o? Uma figura ignobil, rota, e descalça, carregou-lhe por mofa o bonet sobre os olhos applaudida pelos apupos e algazarras dos que a rodeavam. Ao cabo um comprador mais apressado disse duas palavras ao capitão do navio, que em pessoa ajustava o seu negocio de carne humana, e ordenou ao irmão do poeta, que o seguisse. O pasmo e a afflicção nem consentiram que os dois se despedissem. Arrancaram-os dos braços um do outro, e Manuel foi estrear a sua nova carreira, guardado com tanta vigilancia, que em uma cidade pequena só no fim de seis mezes soube o poeta que elle existia e aonde trabalhava.

Gomes de Amorim, quasi só, e olhado *como refugo* pelos entendedores, nem animo tinha para chorar. Separado por milhares de legoas de quantos amava, ou conhecia, entrava nas amarguras do desterro, aos dez annos de idade, pela porta mais dolorosa e que mais fere o coração, pela porta do captiveiro. Passadas horas chegou-lhe a sua vez tambem. Achou senhor! Um homem trajado de pardo, afagou-o com brandura, e disse-lhe que o acompanhasse. Saltaram-lhe então as lagrimas, as primeiras lagrimas de homem, que o infortunio exprimia de olhos, aonde até ahi só tinha rido a malicia pueril. Sentira a desgraça, affirma elle, no prologo do seu livro dos *Cantos*, do qual colhemos estes traços biographicos, mas não a vira. Agora, que a tinha junto a si, e que o seu peso lhe acurvava a alma, é que entendia e apreciava a miseria da sua posição!

Creança desamparada, a saudade, a memoria dos carinhos perdidos, e da patria distante tornavam-lhe pungente e terrivel aquelle momento, em que lhe lançavam aos pulsos os ferros mal disfarçados da servidão. Mas não havia que escolher! Banhado em prantos obedeceu, e sem saber para onde, seguiu o novo amo. Chamava-se este José Maria Fernandes, e mereceu pela sua bondade, que o poeta se recordasse d'elle com gratidão.

O tempo tudo gasta. Amorim cedo volveu á descuidada alegria propria dos annos de pouca reflexão. Caxeiro na loja de

Fernandes, tão rapidos progressos adiantou dentro de um anno, que, sem vaidade podia olhar-se como o açoute e o flagello dos freguezes do estabelecimento, que a palmatoria infatigavel do proprietario nem sempre resguardava das manifestações violentas do seu patriotismo juvenil. Os pezos das balanças, os copos, e as garrafas voavam despedidas ás faces dos agressores, pretos, ou mulatos, e nos lances duvidosos uma sorriada de pedras, puxada com a pericia adquirida nas campanhas minhotas, rematava a derrota dos mais recalcitrantes. Os vôos d'este heroismo subiram tão alto, que o patrão perdeu de todo a paciencia. Um servo elegante e almiscarado, mas atrevido, do presidente da provincia desafiou com um dito grosseiro as iras faceis do bellicoso caixeiro. A correcção foi prompta. O poeta puniu-o por onde peccava mais. A colher da manteiga, enorme e carregada, barrou-lhe a cara com tal certesa, que parecia mascara adaptada ao rosto para lhe tirar o busto. Ao mesmo passo um barrete de gordura cubria-lhe os cabellos frisados, e uma mordaça de nova especie affogava-lhe a voz. Desatinado e cego o infeliz tractou primeiro que tudo de libertar os olhos, e apenas os pôde abrir rebentou como um raio pela rua fóra, direito ao palacio, que servia. Fez ruido a scena comica, o presidente exigiu a desaffronta do lacaio, e Fernandes, apoz um castigo exemplar, que não amaciou a cholera do rancoroso magistrado, tractou de ceder sem demora os serviços do moço turbulento a algum visinho. Mas a reputação de Amorim chegára longe! Os merciciros e logistas sobresaltados tremiam só de lhe ouvir o nome, e nenhum queria ver-lhe nem a sombra ao balcão de sua casa. Para o accommodar foi necessario procurar-lhe um estabelecimento no extremo opposto da cidade, depressa immortalisado por aventuras iguaes, de que se lembram ainda os patriarchas do eommercio.

Ia fazer os doze annos, e não sabia ler. Envergonhou-se da ignorancia, e em poucos mezes de applicação venceu-a. A primeira obra, que o acaso lhe abriu diante dos olhos foi a «Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França.» As proezas dos paladinos, os requebros da formosa Floripes, as furias do Almirante Balão, e as gloriosas cutiladas de Durindana extasiaram-o. Quiz auditorio, que o acompanhasse na admiração, e recrutou-o. Apenas o amo se ausentava uma pinha de pretos, de tapuios, e de mulatos, suspensa dos labios do leitor, applaudia com elle o valor de Oliveiros contra Ferrabraz, e pranteava em berreiro tragico a heroica morte de Roldão em Roncesvalles. A leitura era n'esses dias fructo defeso no Pará, e por isso mesmo

saboroso. Amorim por indole indocil aos caprichos tyrannicos, estudando, vingava-se do odio geral dos mercadores á lettra redonda. Dentro de algumas semanas decorou e recitava todas as outavas dos «Lusiadas», primeiras licções de historia e de poesia, que tomou. É força confessar que o mestre não podia ser melhor.

Aborrecido da vida de caixeiro jurou deixal-a, e seu irmão e um primo, de que era hospede, debalde teimaram por tornarem a sujeital-o. Convencidos de que luctavam em vão propozeram-lhe outras carreiras — a de artista, a de padre, a de medico, ou a de advogado, obrigando-se a correrem com as despezas necessarias. Rejeitou-as todas. As grandes florestas estavam proximas, e ha muito que elle se sentia como assaltado da nostalgia das selvas, e que ardia em impaciencia de percorrer livre aquellas solidões, cujos perfumes acres nas azas da briza nocturna o convidavam de perto. Via n'ellas, exclama elle, a patria do seu pensamento, a terra de eleição com que sonhára. Decidiu-se. Um dia de madrugada embarcou em uma canôa e partiu para o rio Xingue.

Apenas entranhado nas mattas virgens achou-se no seu reino, no imperio de sua phantasia. A onça, o tigre e o tamanduá não o espantaram. As serpentes, os jacarés, os gentios de todas as raças ainda o assustaram menos. Costumou-se á sua presença. A existencia, os festins e os costumes barbaros transformaram-o quasi em um dos heroes de Cooper. Trocou a espingarda pela frecha, o idioma natal pelo dialeto dos jurumas, ou pela lingua dos tupis, e em breve a vida fragueira bronzeou a sua côr, tornando-a quasi semelhante á dos tapuios. Esqueceram-lhe os livros e só repetia mentalmente uma, ou outra estancia de Camões, quando espreitava com o arco retezado e a tacoára em punho a passagem da anta ou do veado.

Depois de vaguear um anno inteiro pelas matas e cachoeiras do Xingú subiu o Amazonas, e veio completar os trese annos de idade ao seio da linda e viçosa villa de Alemquer assentada na orla de terra banhada por um braço do immenso rio, entre os grandes lagos Curumurú e Surubiú. Foi ahi, em casa de uma familia indigena, e dentro de um cesto forrado de folhas de bananeira, que entre quatro, ou cinco livros velhos, encontrou e leu pela primeira vez o admiravel poema de Camões, por Almeida Garrett, edição do Rio de Janeiro.

A sublime elegia dos infortunios do grande cantor fez da

creança errante um homem, e do homem um poeta. A vocação adormecida dispertou com as harmonias divinas do verso. A alma abrio de repente os olhos, e a natureza appareceo-lhe outra e mais bella. O canto das aves, o murmurio das aguas, o gemido da briza, entre as flores, os seus gemidos por entre as copas das arvores gigantes, soavam-lhe nos ouvidos, afirma elle, com melodias tão novas e deliciosas, que pasmava de si e de tudo o que o cercava. Rios, lagos, selvas, montanhas, e ceus, vestiam gallas e descubriam esplendores, que até ahi não percebera. Uma voz occulta traduzia-lhe estas sensações raras e quasi magicas em palavras vagas e incoherentes. Adivinhava não aprendia. A revolução fazia-se dentro d'elle e fóra d'elle. O seu espirito enchia-se de luz. O dom da revelação poetica descia sobre a sua fronte, dessipando as trevas da idade e da educação. A musa chamava-o e sorria-lhe do fundo das florestas. Encontrava-se em fim com o seu destino. D'ahi em diante ia trilhar sem hesitação a via dolorosa dos que Deus sagrou interpretes das maravilhas da creação e dos mysterios do sentimento!

Em uma carta escripta a Garrett, com a singelesa dos primeiros deslumbramentos, Amorim retratava-lhe esta sua agitação e perguntava-lhe se ella seria indicio de engenho captivo, que desejasse soltar-se e voar? A carta gastou largo espaço em baixar das vertentes dos Andes e em atravessar o Atlantico. Alcançaria resposta? O oraculo consultado a tantas mil leguas de distancia fallaria? Garrett era grande em tudo. No fim de dous annos e meio, em 1844, Amorim recebeu no Pará a boa nova da sua vocação, firmada pela penna do mestre. O grande poeta consolava-o, e animava-o! Estendia-lhe a mão, e dizia-lhe que tivesse confiança! Divulgou-se a noticia, quizeram muitos ver essas linhas do punho do cantor adorado quasi como um semi-deus em todo o Brazil. Os incredulos emudeceram, e os que antes se tinham rido das travessuras da puericia indomita do obscuro caixeiro converteram-se em seus admiradores. Invejavam-lhe como benção aquellas letras, que lhe fallavam do futuro e das grandezas do espirito.

A sorte estava lançada. Gomes de Amorim já não cabia na terra do desterro. Resolveu voltar a Portugal. Queria admirar de perto o homem, cuja gloria havia mais tarde de lançar um raio de luz sobre elle, estimando-o como amigo, e honrando-o como poeta. Não ignorava que novas provações e fadigas o aguardavam na patria, e que para as promessas do mestre se cumprirem carecia de envidar todos os poderes da vontade; resigna-

do aos mais arduos sacrificios. Recolhia-se pobre e sem protecções, como partira. Dos sonhos d'ouro, que o tinham arrancado ao ninho querido de sua infancia a unica riqueza que trazia era a esperança!

(Continua) L. A. Rebello da Silva.

O VÉO

A Ernesto Biester

ive apenas um amigo na infancia.

Sinto abrir este conto com a minha personalidade; e, sem pertenções a *humorismo*, nem a estyllo digressivo, conheço que a pessoa de um auctor inculcando-se na sua obra produz o effeito desagradavel, que o senso esthetico profundo de João Paulo nota no quadro em que o pintor collocasse tambem a palheta, o cavallete e os pinceis. O valor da personalidade nada é; os antigos comprehenderam-n'a perfeitamente, quando deram o nome de *persona* á mascara que o actor trazia para reforçar a voz. A personalidade que se toca, serve para o trato da rua; a individualidade, o caracter, revelado na vontade, são para o livro, são o livro. Antes porém de fechar este parenthesis ahi vão algumas linhas sobre a pessoa do meu unico e primeiro amigo, um *alter ego*, um *fidus Achates*, como diriam dois estudantes de selecta. Não nos démos de repente. Tinhamos o mesmo nome de baptismo, faziamos annos no mesmo dia, começámos a poetar ao mesmo tempo; a affinidade electiva entre nós não provinha d'estas coincidencias; nunca reparámos n'ellas, era uma amizade de ter-

ror, respeitavamo-nos. Na eschola fôramos sempre antagonistas; quando passámos a estudar latim, ficámos surprehendidos ao vermo-nos amarrados ao *hora*, *horae*. Ainda os mesmos desforços, o mesmo orgulho. Então já nos consultavamos, sobre alguma duvida de sintaxe, como de potencia a potencia. Mais tarde encontramo-nos sobre o mesmo banco a ouvir as prelecções estupidas de logica, a logica que nos havia tornar maus, capciosos, ergotistas. Já nos não temiamos, eramos amigos, tinhamos necessidade um do outro. Depois vieram as confidencias estreitar mais esta affeição. Foi elle o primeiro que as fez. Não sei se era amor, compaixão ou cynismo a primeira aventura que me contou. Era assim:

«Eu tive uma prima, não sei em que grau, culpa das subtilesas canonicas. A pobre creança possuia uma morbidez voluptuosa no olhar, não os tirava de mim. A côr morena dizia tão bem com as linhas nitidas da physionomia arabe, que ella sabia animar com um ar doloroso de uma melancholia expressiva, que se lhe reflectia na face! Eu ficara orfão de mãi, e costumara-me a brincar sósinho; ella procurava-me na minha solidão, sentava-se junto de mim, o seu olhar incommodava-me. Tinha medo de fugir-lhe, doia-me esta indifferença; para disfarçal-a trepava acima das arvores carregadas de fructos do pomar onde passavamos o verão, e de lá deixava cahir aquelles que mais se douravam com os raios do sol de agosto, os que me expunham a maiores riscos. Ella aparava-os no regaço com a affabilidade com que se queria associar aos meus brinquedos.

«A final ella teve vergonha de mim, corava, escondia a face entre as mãos, ficava pensativa e depois fugia-me. N'este tempo contava eu algumas lições de desenho; os meus arabescos tinham uma frescura de innocencia, uma rudeza que parecia uma creação pura da edade media. Eu tinha a monomania de delinear cabeças. Não sei quem me pediu que fizesse o retrato d'ella. Fil-o. O acaso deu-lhe uns longes de similhança, tive vergonha da verdade; quando ella me agradecia com um sorriso timido, eu rasgava o papel com a crueldade de uma creança que brinca. Não a tornei a vêr n'aquelle dia, escondera se a chorar. Eu não tinha culpa d'esta frieza brutal; a falta de carinhos perdidos logo no berço, a verdade d'aquelle verso eterno de Virgilio:

Est mihi pater domi et injusta noverca

tornaram-me taciturno, incredulo antes de tempo. Ás vezes obrigavam-me a brincar com ella. Uma vez fômos todos banharnos no Athlantico. A pobre creança tambem foi. As marés eram gigantes; aquelle dia era para mim de um orgulho immenso, gostava que me vissem nadar; era uma superioridade que tinha. O acaso seguia-me o desejo. Uma onda envolveu no seu marulho a infeliz Branca; no refluxo levou-a comsigo. Desfalleceu de susto e foi levada pela vaga, como Ophelia na corrente. Quem sabe se ella no seu coração tecia alguma corôa para mim.

«Abracei-a pela primeira vez, impellido por uma força interior; sustive-a nos braços, estava fria, pallida. Quando abriu os olhos teve vergonha de mim; era já o pudor de senhora. Trouxe-a sem custo para a praia, e continuei a brincar no dorso da vaga, que se encapellava. Era o meu primeiro passo para homem.

«N'esse mesmo dia brincámos, jogando o *anel*, um divertimento pueril, de que ainda tenho saudades. N'este folguedo de creanças o que tem o anel é sentenciado pelos demais a levar beijos ou abraços ou dal-os, segundo o capricho. Tinha o anel a filha de um feitor que brincava comnosco, Martha, uma rapariga de uma candura estreme. Branca pediu-lhe em segredo que ao percorrer a roda deixasse cair o anel entre as minhas mãos. Assim se deu. Um perguntava o que se promettia a quem tivesse o anel. Cada qual se lembrou de uma prenda innocente, e insignificativa; Branca prometteu um beijo e um abraço muito apertado.

«Eu não devia contar-te mais, porque sou infame! Este beijo perdeu-a para sempre, como o beijo de Paulo e Francesca di Rimini. Branca foi crescendo, tornou-se formosa á luz de uma esperança fugitiva, como a flôr de um vaso, quando recebe ao estiolar-se o calor ephemero do ultimo raio do sol da tarde. Quando ella me sorriu, e córou de sua queda, sorri tambem por compaixão, illudi-a. O que havia de fazer se era tão creança, e queria divertir-me, gosar o mundo?

«Uma vez tinha eu voltado pela ante-manhã de uma festa devassa. Dormia a somno solto prostrado pela fadiga, saturado da bacchanal desenfreada. Senti uma mão fria passar-me de leve nas faces, acordei.

«Era ella! Estava desmaiada, como a vi uma vez ao luar silencioso, com uma côr que lhe realçava a candura, e disse-me:

— «Vim vêr-te na despedida do tumulo. Desde que adoeci

nunca mais me appareceste. O esquecimento é frio e pesado como a lagem do sepulchro. Eu não queria dizer-te isto, não quero magoar-te. Olha, hoje acordei de um sonho tão lindo! Deus deu-me forças para levantar-me do leito e vestir-me de branco para vir contal-o a ti só. Como não choraria minha mãi que me vela se o soubesse! Não sei se velava, se dormia; minha alma parecia voar, suspensa n'uma como harmonia vaga, quasi imperceptivel, confundia-se com ella até perder-se no céu. Acordei de subito; restava-me só a illusão. Olhei em roda; a alampadasinha tornava a solidão saudosa, augusta; mysterioso o silencio do meu quarto. Comecei a lembrar-me de ti, dos passados tempos; estava já na terra. Foi quando descobri a meu lado uma apparencia angelica, a falar-me de mansinho uma linguagem que eu mal entendia: que o Senhor o enviara para chamar-me. Eu não pude voar, voar com elle, e sinto agora que a alma me foge, venho dizer-te adeus.

— E o que lhe respondeste? — Elle continuou:

«Disse-lhe que os sonhos mentiam sempre, que elles a matavam. — «Não são os sonhos que me matam, gemeu a desgraçada, é a realidade, a realidade. Bem o sabes, e Deus que tudo vê. As recordações são para mim como um remorso. Que noites, que vigilias inteiras a pensar em ti! cada palavra tua, que eu decorava, era um poema de amor e esperança; ao repetil-as na mente ellas diziam-me quanto a alma anceava, e mais ainda, mas enganaram-me sempre. Lembras-te d'aquella noite? Oh! meu Deus, meu Deus. Não sabes quanto me fizeste soffrer! Não conheceste a profundidade do golpe quando o descarregaste. Disseste-me essas palavras só para perder-me. É impossivel que isto não te dôa? Quando me appareceste n'aquella noite era o luar tão sereno, tudo confidenciava comnosco. Estava adormecida quando appareceste. Depois de me estreitares nos braços e beijares as faces geladas pelo rociar da noite, porque te sorriste de um modo incomprehensivel? Descobriste-me que não casavas commigo, que outro havia polluido a minha candura! Era uma blasphemia torpe. Deixei-me cair em teus braços, sacrificando-te a virgindade para que a reconhecesses. Desde essa noite não me tornaste mais a amar. Illudi-te? Porque assim me fugiste? Não respondes? Uma lagrima só rehabilitava-te deante de Deus. É tarde, muito tarde. Vim só para despedir-me e perdoar-te. Adeus.»

— E tu que lhe respondeste?

«Voltei-me sobre o outro lado, e continuei a dormir.

— Continúa.

«Foi um pezadello atroz aquelle somno. Julgava-me n'uma orgia immensa, na hora ominosa do sabbath nocturno. Um bando de mulheres volteava reunido em uma corêa desenvolta, n'um tripudio infernal ao redor de um carvalho lascado pelos raios que se cruzavam a espaços na solidão e escuridade absoluta da noite. Dançavam como possuidas do mesmo furor, que inspirava o corno de Oberon. Quando eu ia mais arrebatado pelos requebros voluptuosos, enlaçado a um par ligeiro e flexivel, senti um leve suspiro a meu lado, que se perdeu nos ares. Era como o segredo de uma magoa que eu bem conhecia. Parei. Adormecêra a ler uma ballada dos peregrinos do Rheno, contada por Bulwer. Junto a mim descobri uma figura de mulher linda, etherea. O semblante tinha a serenidade de uma grande agonia que cauterisa, uma tristeza mais vaga que a impressão de saudade que a lua desperta quando se reflecte n'uma lagoa quieta. Era como um seraphim quando chora. Não pude olhal-a; a candura do seu antigo amor exprobrava-me o cynismo. A viração que ciciava não repetiria tão brandamente o que ella disse:

— «Não sabes como te amo aínda além da campa! o gelo do sepulchro não podia apagar o fogo em que os teus olhos me abrazaram. Esqueci o teu despreso para perdoar-te. Para que havia ter mais esse flagicio na eternidade? Que destino, que felicidade a nossa, que regosijo no céu, se não houvesses ludibriado este amor! Nossas almas absorver-se-hiam na essencia de um anjo, enlevadas n'um sonho de harmonia, até despertar no empyreo. Assim precipitaste-me na mansão das penas e soffrimentos, onde o meu espirito se apura. O amor terreno tenho-o expiado no fogo. Vês este cendal de alvura transparente? estava quasi a tornar-se brilhante de gloria! Pedi ao meu Deus este momento tão breve para poder ver-te agora; o goso fugitivo de contemplar-te, a esperança de te achar triste, scismando em mim com pezar e saudade, a troco de mais cem annos de novos soffrimentos! Cem annos mais, depois de te encontrar nos braços de outras descuidado, rindo descuidado n'uma orgia dissoluta. Oh, mas eu não sei senão perdoar-lhe.»—E desappareceu-me, continuou elle, como um meteoro fugaz, quando passa nos céus, e deixa apoz si um rasto luminoso. Acordei.

«Em casa ouviam-se gritos, alaridos, como de um successo repentino e funesto. Fui a vêr. Disseram-me que Branca desapparecêra. Cheguei a convencer-me da verdade do sonho, que um anjo a levára comsigo. Perguntei debalde. Passou-me pela

mente um pressentimento horrivel. Branca costumava ir sentar-se sobre uma rocha que se debruça sobre o mar, e em cujas furnas as vagas restrugiam com um stridor surdo, como o anceio do ultimo esforço n'uma luta desigual. Protegida pelo nevoeiro da madrugada, mais veloz que a ondina da mythologia slava, a pobre fôra saciar os pulmões ralados da febre lenta que a devorava. Houve quem a visse dependurada na aresta dos fraguedos, o véo branco que levava fluctuar ao vento, como n'um adeus de despedida. Ella sentira n'esse instante a atracção do abysmo, lembrou-se d'aquella tarde de agosto, em que eu a salvara, trazendo-a com um abraço á vida; quiz morrer com a recordação mais doce que levava do mundo. Precipitou-se. E o mar continuava sereno e manso, como a embalar-lhe o seu ultimo somno.

«Comecei então a sentir uma paixão por ella, depois de morta; se a terra a tivesse escondido, eu a iria arrancar ao repouso sagrado da sepultura, beijal-a, animal-a com o fogo do meu delirio, despedaçal-a n'estes braços convulsos, e cair com ella. Queria sentir bem junto do peito o contacto gélido de um corpo que eu tantas vezes apertei, de umas faces que eu devorava, quando ella se dava toda aos caprichos da minha vertigem. Havia n'este amor um pensamento desvairado, um tanto de selvagem, de brutal; impellia-me uma inquietação contínua, sentia em mim um como ranger de puas do remorso, a voz que interroga Caim. Fugia, não queria consolações. Eu ia sentar-me tambem na rocha escarpada, a vêr o mar, procurava a serenidade que me inspirava a contemplação do sepulchro da minha amante. Vinha visital-o, á busca d'esse alivio de que fala o poeta do Oriente.

«Haviam decorrido já tres dias, não se vira mais o corpo de Branca; o mar queria-o para si, mas eu tinha uma vontade de ferro, absoluta, o desespero de tornal-a a ver linda, rôxa, núa, desfigurada. Era o mais que podia soffrer. Ía a maré na vasante, era no fim da tarde, as ondas gemiam brandamente no areal deserto, as virações da noite sopravam frias, humidas das bandas do poente. Quando desci da rocha alcantilada, encontrei inesperadamente o corpo de Branca deitado na area. Era uma creança descuidada, adormecida; a onda que a tinha despido para namorar-lhe a alvura do seu corpo viera deposital-a na praia. Ía a precipitar-me sobre ella, unil-a a mim no frenesim d'essa loucura. Tive medo! recuei sem encaral-a. Temia profanal-a com a vista, estava núa, estendida ao longo, com os olhos no céu, como pedindo á noite que viesse recatal-a no

seu manto de sombras. Quando tornei junto d'ella com o lençol para a envolver, senti uma ancia do passamento, a lucidez de quem entrevê a eternidade: conheci que o cadaver de Branca se voltara sobre o peito, furtando á vista hallucinada o verticello pudibundo da flôr que eu fizera pender sobre o caule e cahir emmurchecida.»

Não tive coragem para lhe pedir que continuasse.

THEOPHILO BRAGA.

CARTAS OBSCURAS

A Ernesto Biester

MEU CHARO AMIGO

is ahi vai uma historia:

O sr. Esperidião de Mattos era a prosa feita homem. Digo isto em absoluto porque creio tanto nas milesimas encarnações da prosa como os indios nas do deus Brahma. Nascera elle n'uma villeta do Minho, viera para o Porto descalço e fora para o Brasil de soccos. Resumia-se n'isto todo o passado conhecido do sr. Esperidião.

Trinta e dois annos depois de se haver aliciado como colono, voltou para o ninho paterno, implumado e farfalhudo como um gallo, (salva a respectiva crista).

Enjoado até o tedio da afadigosa labutação mercantil, labutação que lhe gastara a melhor parte da vida, mas que lhe dera em estorno algumas dezenas de contos de réis, o nosso homem comprara uma linda vivenda em Bellas, e fora para lá refocilar

com uma creada, preta e velha, digamol-o em abono das virtudes domesticas do sr. Esperidião.

Quanto á idade estou que, bem deitadas as contas, devia de orçar já pelos seus cincoenta; mas os pomos das faces de um rubicundo tirante a maçan bemposta, a faceira em refegos luxuriantes, o sorriso alvar que de continuo se lhe esparralhava no semblante, tudo isto lhe dava um certo quê de meninice engraçada, e até mesmo apetitosa.

Disse que o sr. Esperidião de Mattos era a prosa feita homem, e creio que não fui exagerado. O chetinar constante obsecara-lhe todos os instinctos generosos. Viver era especular; o proveito, em qualquer das suas manifestações, era para elle o idolo supremo. Esta philosophia tinha multiplicadas variantes, mas todas vinham a disparar no principio estabelecido. Ora eu não o censuro por isto. Se nós começarmos a descascar, com a impiedade dos materialistas, quanto por ahi tem justissimos foros de poesia e de espiritualismo, chegamos incontestavelmente á pavorosa conclusão do sr. Mattos, isto é, que o homem vive de pão e de confortos, e não de imaginações ou de idealidades. A ôlha cazeira affigurar-se-nos-ha valendo mais que os versos de Lamartine, uma cabidela succolenta parecer-nos-ha exceder todos os cartões de Raphael, e as camisolas de flanella farão o despreso do 4.° acto do *Propheta*.

O sr. Esperidião de Mattos via as cousas d'este modo, não a uma luz clara e brilhante, mas como era compativel com a vista curta de um minhoto epicurista. Havia, porém, um facto, que contrastava abertamente com a indole do nosso homem; era a tendencia para o amor. O sr. Mattos amava até á ferocidade. Havia n'isto, por força, defeito de organisação; mas, fosse qual fosse a causa, o certo é que as raparigas de Bellas nunca tinham visto em sua vida galanteador mais strenuo, e, seja dito á boa parte, mais ridiculo.

Quando o nosso Lovelace sahia, pela fresca da tarde, a fazer o seu passeio hygienico, as formosuras campesinas aguentavam o fogo vivissimo d'aquelle baluarte amoroso. A maior parte ria-se do sestro concupiscente do sr. Esperidião, mas algumas havia que tiravam d'alli substancia para edificarem muitos castellos de vento, e para planearem o que poderia ser para ellas a existencia, se acaso o provinciano puxasse a terreno menos escabroso as suas inclinações eroticas. Os sonhos dourados do matrimonio desabrochavam, então, n'aquelles espiritos innocentes.

Entre todas as que affagavam esta idéa luminosa, a menina

Gertrudes mostrava-se sobre modo preoccupada. Gertrudes tinha dezenove annos, e era filha de um fazendeiro do sitio. Podia dizer-se baixa e um pouco rechonchuda de fórmas; mas ninguem viu ainda dois olhos mais impressivos, faces de uma côr de rosa mais transparente, e, sobre tudo, bocca mais tentadora.

Se eu tivesse a musa deslavadamente assucarada do cantor da *Marilia de Dirceu* é crivel que dissesse a este proposito:

«Ah soccorre, amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os astros, vôa,
Traze-me as tinctas do céu!»

Mas as tinctas do céu não se desfazem bem na minha palheta, e eu tenho de me remediar com as que se encontram por este mundo de prosa e de *clubs* photographicos.

O que digo, em resumo, é que Gertrudes pensara em explorar as inclinações amorosas do sr. Esperidião, e em tirar d'ellas o maximo proveito. Pela sua parte o provinciano olhava-a com melhores olhos do que a qualquer das outras raparigas, e isto já era para ella de uma vantagem decidida. Em que differiam as tenções dos dois namorados? — no ponto mais importante. O amor do sr. Esperidião era sensual, e o de Gertrudes especulativo; aquelle amava para possuir, e esta para engrandecer-se. De origem damnada provinham ambos igualmente; mas o caso é, que, apezar d'isso, as cousas foram seguindo pelo mais bem posto de todos os caminhos.

Corria o tempo, o amor dos dois estava formalmente declarado, o magote das pretendentes retirava se em boa ordem, deixando o campo livre á menina Gertrudinhas. É verdade, que, na retirada, alguns tiros haviam sido desfechados sobre ella; mas o fogo era de guerrilhas: nem um batera no alvo. E não batera, digo eu, porque as lambarices e os aleives que o despeito ensinara áquelle côro de maldizentes eram immerecidos e injustos.

Isto não é fazer-me campeão da namorada do sr. Mattos; nem elle nem ella m'o agradeciam.

Eu digo as coisas como se me affiguram, ou como as sei de sciencia certa. Lá porque sublimava o romance derrancar uma virtude ou beatificar um escandalo, não serei eu que hei de commetter similhante desacato. O dilemma de *Hamlet* é, para todas as coisas, a minha norma imprescriptivel. Ser ou não ser, luz

ou treva, anjo ou demonio, lyrio ou cogumelo, Alexandre ou Cartouche. Quando estas *torres eburneas* de honestidade me apparecem por encanto, intendo que devo espargir-lhe em roda algumas flores, em vez de as escalavrar com uma pedra. Outros pensarão melhor do que eu; cada qual tem a sua philosophia independente.

Este arrasoado faria muito melhor conservando-se na massa encephalica, com varios outros de egual jaez que por lá me andam amontoados; mas ás vezes uma pessoa começa a escrever na melhor fé que ha no mundo, absorve-se pouco a pouco, o *eu* que se pilha fóra do *eu* deita-se a cabriolar por ceos e terra, perde-se o tempo e o azeite, e quando o misero escriptor julga ter mettido uma lança em Africa, deu apenas com os focinhos n'um sedeiro. D'estas é que não se livra nem o mais pintado, quer seja Sancho ou Martinho, a não ser que minta o *quandoque bonus*... em que toda a gente por ahi falla, sem nunca ter visto Horacio nem d'esguelha.

Trez mezes depois do que fica narrado n'esta viridica historia, por signal que era em dia de S. João de Capistrano, aos 23 de Outubro de 1857, os nubentes Esperidião de Mattos e Gertrudes Corrêa contrahiam o santo sacramento do matrimonio.

Tanto um como outro estavam radiantes de felicidade. N'essa tarde houve banquete opiparo, convidados arrodo, e murmurações por dá cá aquella palha. A festa espaçou-se até á noite, seguio-se a dança, o chá, os bolos, as fatias torradas, os copinhos d'orchata, as semsaborias a meia voz, as tolices em voz alta, e as considerações gravemente immoraes feitas por varias tias velhas, e primas da mesma edade, a propozito dos noivos que coxixavam a um canto da salla.

Quando era meia noite as visitas começaram a debandar.

Silencio! Não perturbemos o amor que adeja em torno da vivenda do sr. Esperidião. O thalamo dos noivos libra-se nas ondulações do éther, e no vapor suavissimo das magnolias; illumina-o o clarão ideal da bemaventurança, e resoa-lhe a musica das espheras. Os anjos quando passam afrouxam o vôo rapido, e suspiram; as estrellas scintillam mais vivas, e banham de luz mysteriosa as discretas vidraças do templo. Do thalamo ao paraiso só dista um passo; é ahi que crescem as rosas do praser, e que o extaze embalsama as auras voluptuosas!

Se o leitor não comprehendeu coisa alguma de todo este palavriado, dir-lhe-hei que não sabe o que é poesia do estylo; mas eu é que não me ponho agora a explicar-lhe em proza de juiz eleito o que, sem vaidade, me saiu na melopéa dos deuses. De-

pois, se não houver quem de vez em quando tome o trabalho de enchouriçar a linguagem patria, estamos caidos na fluencia do padre nosso; e eu detesto a fluencia, comprehende o leitor? Escrever que todos intendam é a coisa mais semsaborona d'este mundo. É preciso nobilitar o palavrão hydropico e rebarbativo, o palavrão dos sermões de canastra e dos dilhyrambos de Curvo-Semedo; é preciso dar-lhe carta de conselho, fazel-o moço fidalgo, socio da academia, critico, sobretudo, e arrasar pelo calcez quanto cheira a naturalidade e a senso-commum. Só assim poderemos passar da cepa torta; d'outro modo duvido. *Dixi.*

Seguiam-se os mezes, o Sr. Esperidião parecia não caber em si de contente, Gertrudes deixara o modesto vestido de chita para se engalanar de seda. Quando aos Domingos sahia a passear com o marido, era para ver a sobranceria com que olhava de revez para as suas antigas companheiras. Coitada! era tambem o seu unico defeito. Se lhe tirassem este chumaçosinho de vaidade, ficava a mais guapa de todas as creaturas. Os primeiros tempos de noivado deslisaram como um mar de rosas. O provinciano passava os dias na mais insulsa das bemaventuranças; um momento affagava a mulher, depois vinha um dito picante, logo uma terna parvoiçada, e por cumulo de tudo isto, a innocente distracção de um *burro em pé*, jogado até ás onze horas.

Apezar do que fica exposto, o Sr. Mattos não tinha podido esconjurar inteiramente o demonio carnal que se lhe mettera na alma. Esposo dedicado e exemplarissimo, peccava sómente por olhar o mundo mais do que devia, e por senão ter forrado contra todas as settas que andam por ahi a montes crivando a humanidade.

Um dia começou a galantear uma visinha fronteira. Gertrudes percebeu a traição, e disfarçou o resentimento. A cousa hia, porém, tomando corpo, e era impossivel que, mais cedo ou mais tarde, não desabasse em tormenta. Assim foi. Uma tarde em que o Sr. Esperidião tinha tocado a meta do escandalo, gesticulando e patorneando para defronte, Gertrudes aproximou-se, pé ante pé, da janella a que elle estava, observou tudo um momento, até que, batendo-lhe no hombro, encarou-o fixamente, dizendo-lhe com um tom de voz que trescalava a indignação e o despreso:

« O Sr. é um miseravel!»

Esperidião corou até a raiz dos cabellos, enfiou, engasgou-se em tres monosyllabos, até ficar immovel e petrificado. Nunca tinha concebido aquelle quinto acto de tragedia. Gertrudinhas

estava sublime de desespero, como se diria em bom estylo: desencadeou sobre o peccador uma saraivada de imprecações e de epithetos, tirou-lhe a pelle ás mãos ambas, como Apollo a Marsyas, apostrophou-o com a energica vehemencia da mulher moça e formosa, que se vê malbaratada por um boroeiro d'aquella estofa.

(Continua) E. A. VIDAL.

DOM PEDRO IV

DUQUE DE BRAGANÇA

---

temos agora o fio dos acontecimentos. Estamos em agosto de 1833. Em 15 d'este mesmo mez convocava o senhor D. Pedro IV a reunião extraordinaria das côrtes geraes, commettendo aos eleitos do povo a obrigação de virem munidos dos necessarios poderes para resolverem as duas importantes questões da regencia e do casamento da rainha. A 18 batia novamente o marechal Saldanha as forças absolutistas do general Almer, obrigando-o a levantar o cerco do Porto, e a 23 partia para a capital, trazendo comsigo o celebre batalhão de caçadores n.º 5, notavel pela sua fidelidade ás instituições liberaes desde 1821, pelos relevantes serviços que prestára na ilha Terceira em 1828, e pelos subsequentes e não menos gloriosos feitos de armas.

Apesar da apathia do marechal Bourmont, que se conservava ainda em Coimbra, como antevendo as suas futuras derrotas em frente de Lisboa, a guerra estava longe do seu termo.

Era porém urgente para ambos os partidos tentar concluil-a, e a isso se decidiu o senhor infante D. Miguel marchando sobre a capital com um exercito de 12:000 homens, e mandando atacar pelos seus generaes as linhas de Lisboa, no dia 5 de setembro de 1833, sem mais resultados para os atacantes do que a inefficacia da tentativa, caindo em seguida na mais completa e inconcebivel inacção até ao dia 14, em que de novo appellaram para a sorte das armas sendo igualmente repellidos. Os pormenores d'estes, embora notaveis acontecimentos, são alheios ao nosso proposito, e por isso deixaremos de os mencionar, bem como os planos feitos e abortados no acampamento realista até á chegada do general irlandez Macdonell, antigo official da guerra peninsular ao serviço da Hespanha.

Os constitucionaes tinham a este tempo por si Lisboa, Porto, e Setubal; e no Algarve, Lagos, Faro e Olhão, conservando-se o resto do paiz ainda obediente ao governo do senhor D. Miguel de Bragança, que, com tão continuados revezes não perdera a esperança de triumphar dos seus adversarios, illudido pelas falsas informaçoes dos seus adherentes na capital, e pelos fogosos arrasoados dos aduladores que lhe pintavam as offertas sinceras, mas clandestinas das potencias estrangeiras, feitas por intermedio de obscuros agentes, como armadilha ao seu decoro e dignidade pessoal, bem como á causa de que elle era o represente natural.

Fosse como fosse, o certo é que a mudança do commando em chefe do exercito do senhor infante D. Miguel, que passára da direcção do marechal Bourmont para a do irlandez Macdonell, em nada melhorou a critica situação dos adeptos do absolutismo, cobrando pelo contrario os constitucionaes novos alentos com a chegada á capital da rainha a senhora D. Maria II, a 22 de setembro de 1833, em companhia de sua madrasta, a imperatriz do Brasil, e de sua joven irmã a princeza D. Maria Amelia, sendo este um dos maiores dias de gala nacional que Lisboa tem presenceado.

A generosa deferencia que o sr. D. Pedro IV mostrára sempre por sua filha em todos os actos publicos, emquanto ella ausente, não afrouxára agora que como rainha pisava o solo portuguez, passando revista ás tropas, junto das linhas; apresentando-lhe os officiaes que tinham sido feridos nos diversos combates, e mostrando-lhe a justiça das condecorações que lhes adornavam o peito, pela sua bravura e relevantes serviços. As promessas do senhor D. Pedro iam ser cumpridas em toda a sua plenitude, demonstrando aos incredulos que só af-

fectos de pai o tinham empenhado nas fadigas da guerra, e nas alternativas da victoria ou do exilio. Um escriptor contemporaneo affirma: «que nunca o senhor D. Pedro IV teve época na sua vida em que mostrasse mais elevação e grandeza de alma, nem mais credor se fizesse da estima e consideração publica.»

Era porém necessario desaffrontar Lisboa da presença importuna do inimigo, e d'esta ousada empreza se incumbiu o general Saldanha com tão prospero successo que dois disputados encontros foram bastantes para obrigar as forças absolutistas a concentrarem-se em Santarem, futura e derradeira base de operações do seu exercito. A verdade historica pede que se louve a bravura pessoal de alguns caudilhos do exercito contrario, a exemplar dedicação dos soldados, bem como a pericia com que Macdonell os soube guiar n'uma retirada difficil, quando a força moral, que é tudo nos corpos collectivos, estava de ha muito resfriada, se não perdida.

Este assignalado feito de armas commemorou dignamente o senhor D. Pedro IV, na pessoa do general Saldanha que o praticára, fazendo-lhe, além de outras distincções, a entrega de um exemplar do decreto de 12 de outubro, que mandava restituir ao pedestal da estatua equestre d'el-rei D. José o busto de bronze em baixo relevo do marquez de Pombal, avô materno do general, que a injustiça dos contemporaneos d'aquelle homem illustre fizera arrancar do monumento para lhe substituir as armas da cidade!

Com estas datas coincidem aproximadamente as atrevidas emprezas maritimas do almirante Napier, e o reconhecimento successivo do governo constitucional em algumas terras da Estremadura, que se iam pouco a pouco libertando do jugo do senhor infante D. Miguel.

A morte de Farnando VII de Hespanha, e a subida ao throno de sua filha Izabel II, veiu encher de alegria os liberaes portuguezes, pela decidida protecção que o gabinete de Madrid dera sempre á causa do absolutismo. O infante D. Carlos, de Hespanha, que identificára a sua causa com a do senhor infante D. Miguel, assumindo illegalmente o titulo de rei, attrahiu sobre este ultimo a animadversão dos hespanhoes, desaffrontando por consequencia os constitucionaes da animosidade de um povo poderoso e visinho, deixando mais desafogado o manejo da nossa politica interna.

Aqui começam, e de novo se enredam sem desenlace possivel as negociações diplomaticas de que é alma o gabinete de

S. James, e com ellas crescem a par as intrigas no acampamento do senhor D. Miguel, tendo como remate a demissão pedida e aceita do general Macdnonell, que não podia, nem sabia já haver-se com as opiniões exaltadas dos validos do infante, e o pernicioso ascendente que ellas iam tomando nas operações da guerra.

Começa o anno de 1834, e com elle as mais auspiciosas esperanças para a causa constitucional, quer pelas tendencias manifestas dos gabinetes europeus para o acabamento da guerra, quer pelo espirito publico que se ia de dia para dia inclinando cada vez mais ás idéas liberaes. Preciso era porém dar novo impulso aos movimentos militares, e o general Saldanha foi ainda o escolhido para os dirigir com a mestria de que já tinha dado anteriormente inequivocas provas. A acção de Pernes, e posteriormente a celebre batalha de Almoster, sem decidirem de um modo positivo a contenda, deram assim ainda subido realce á fama do general que as dirigiu, e desalentaram quasi de vez os já amortecidos brios dos exercitos absolutistas.

Entretanto as negociações diplomaticas continuavam, sem annuencia directa dos partidos contendores, e por consequencia sem resultados visiveis, nem esperança de se obterem sem a intervenção das armas, com sobeja razão chamado a *ultima rasão dos povos.*

Não se póde porém duvidar que a Inglaterra fez quanto lhe era então possivel em favor do senhor infante D. Miguel, e que os seus esforços foram, por uma singular teimosia de partido, interpretados como prova de fraqueza do partido constitucional, que nem os reclamára, nem tão pouco os aceitava de bom grado. D'estas negociações, até á celebrada batalha da Asseiceira, são rapidos os lances do sanguinolento drama que se representou em Portugal durante a luta fratricida a que poz fim a chamada convenção de Evora Monte, e a partida do senhor D. Miguel para fóra do reino.

Deixando de parte, por demasiado prolixas e inuteis ao nosso intento, as operações militares do Algarve, bem como as ousadas excursões do almirante Napier na provincia do Minho, e a porfiada e gloriosissima batalha da Asseiceira, ganha pelo duque da Terceira a 16 de maio de 1844, a que se deve attribuir o coroamento da grande obra que o senhor D. Pedro IV premeditára, e que por tanto tempo estivera paralysada dentro das muralhas da cidade do Porto, mais proxima dos paroxismos que esperançada de tantas e tão miraculosas aventuras.

D'aqui por diante arrasta-se ingloria a luta até á convenção

de Evora Monte, e ao embarque do senhor D. Miguel de Bragança no porto de Sines, no dia 1.º de junho, com destino á cidade de Genova que espontaneamente escolhera para sua futura residencia, tendo previamente renunciado a tomar parte activa nos futuros negocios politicos de Portugal.

Com a feliz conclusão de tão grandiosos acontecimentos, não eram ainda chegados para o senhor D. Pedro IV dias de paz como os que merecia a sua alma generosa, o seu animo esforçado, a sua abnegação civica, a sua persistencia heroica, finalmente a constante dedicação aos interesses e á prosperidade dos dois povos que libertára.

A convenção de Evora Monte, mal interpretada, ou antes não entendida por alguns espiritos acanhados incapazes de conhecerem o alcance das idéas generosas, acarretára ao senhor D. Pedro IV desgostos immerecidos, que, seu animo altivo supportára então resignado senão desdenhoso, só embebido no remate da regeneração social do seu paiz.

Como acontece sempre em todas as grandes revoluções politicas depois de passada a imminencia do perigo, os homens das theorias fixas, titulo com que muitas vezes se disfarçam os ambiciosos de occasião, debatiam já com grande azedume a questão da regencia que o senhor D. Pedro IV assumira por necessidade urgente em dias de desalento para os constitucionaes, e que mais cordato e patriotico fora confiar ao exame desapaixonado dos legitimos representantes do povo.

A 15 de agosto de 1834 abria o senhor D. Pedro IV em pessoa as camaras legislativas, e historiava com ingenua verdade no seu discurso os meios de que se servira para libertar a patria, as provações por que passára para o conseguir, não lhe esquecendo exaltar o valor que o seu pequeno exercito desenvolvera durante dois annos de enormes sacrificios. Os dois pontos capitaes que o senhor D. Pedro IV terminou por confiar á decisão das camaras foram a questão da regencia, durante a menoridade da rainha a senhora D. Maria II e a auctorisação precisa para que ella podesse casar com um principe estrangeiro. Assim desvanecidas as apprehensões intempestivas de um grupo de homens que, antecipando temerarios juizos, mais curava de satisfazer as proprias ambições do que em ser nuncio de fundadas suspeitas, o senhor D. Pedro IV, tres dias depois de abertas as camaras, partia de Lisboa para fazer uso das aguas thermaes das Caldas que os medicos lhe aconselhavam, e que infelizmente de nada lhe aproveitaram.

Na sua ausencia debateu-se larga e calorasamente nas côr-

tes a questão da regencia, que o Senhor D. Pedro IV assumira em extraordinarias, apuradas e especialissimas circumstancias, sendo approvado por 89 votos contra 5 o parecer da commissão que ao extremoso pae da Rainha confiava o arduo encargo de continuar a guiar aquella, cujos direitos á corôa portugueza tão energica e desinteressadamente defendêra com as armas na mão.

A 30 de agosto de 1834 dava o Senhor D. Pedro IV, na sala do throno do palacio da Ajuda, o juramento a que a carta constitucional o obrigava como regente, não lhe consentindo o seu precario estado de saude prestal-o no seio da representação nacional. Em meado de setembro, e resolvido já por ambas as camaras o grave negocio do casamento da Rainha, prevendo o Senhor D. Pedro IV que era sem remedio a doença que o affligia, pediu no dia 17 os soccorros da religião, e n'esse mesmo dia fez e assignou o seu testamento, legando o seu coração á cidade do Porto, e recommendando á generosidade da nação sua esposa e a Princeza D. Maria Amelia, unica filha que tivera das suas segundas nupcias.

No dia seguinte o bispo resignatario de Coimbra entrava na sala das sessões dos deputados, e, tomando a cadeira da presidencia, lia uma carta que o Regente dirigia á camara, e que vamos aqui transcrever na sua integra, como o melhor espelho em que se reflecte o grande vulto do Imperador, desilludido já das vaidades terrestres e preparado para a grande viagem da Eternidade:

«Sempre franco e fiel aos meus pensamentos (dizia o Imperador) e obedecendo á voz da minha consciencia, vou participar-vos que, tendo hontem cumprido com os deveres de filho da Igreja catholica e de pae de familia, julgo tambem de meu consciencioso dever participar-vos que o meu estado de molestia, que hontem me dictou aquellas resoluções, me inhibe de tomar conhecimento dos negocios publicos, em cujas circumstancias vos peço queiraes prover de remedio.

«Eu faço os mais ardentes votos ao céo pela felicidade publica.»

Acalmada momentaneamente a dolorosa impressão que a leitura d'esta carta produzira no animo dos legisladores, eram quatro horas da tarde quando o relator da commissão, encarregada de dar o seu parecer ácerca do grave negocio da regencia propunha, como o mais acertado dos expedientes lembrados, que a Rainha a Senhora D. Maria II fosse declarada maior para todos os affeitos, dispensando-se n'este ponto as disposições da carta constitucional.

Sendo a camara dos pares de parecer igual á dos deputados, uma commissão foi incumbida de ir no dia seguinte ao paço de Queluz pedir á Rainha a sua approvação e sancção á proposta em que as côrtes a declaravam maior, ao que a joven soberana promptamente annuiu, prestando o seu juramento no dia 20 de setembro, na conformidade do artigo 70.º da mesma carta constitucional.

O Senhor D. Pedro IV, que até á sua ultima hora conservou sempre brilhantes as suas faculdades mentaes, recebeu da propria bôca de sua filha a noticia de haver cumprido as formalidades da lei fundamental do estado, e de se achar no uso pleno das suas prerogativas de rainha-reinante, empregando como tal a sua primeira assignatura na carta regia por que nomeava seu pae gran-cruz da Torre e Espada, cujas insignias lhe lançou ao pescoço em recompensa dos grandes serviços que havia recebido. No dia 19 de setembro, conhecendo o Senhor D. Pedro IV que se approximava a sua derradeira hora, abraçou um por um os seus generaes, ordenando em seguida que lhe trouxessem junto ao seu leito de dor um soldado do exercito que tivesse tomado parte nas lutas heroicas da liberdade. Sendo-lhe em consequencia d'esta ordem apresentado um soldado de seu predilecto batalhão de caçadores n.º 5, o Senhor D. Pedro IV o abraçou com effusão, e lhe disse. «Transmitte este abraço aos teus camaradas, em signal da justa saudade que me acompanha n'este momento, e do apreço em que sempre tive os seus relevantes serviços».

Reconciliado novamente com a igreja no dia 20, todo se entregou desde então aos exercicios da religião, até que expirou nos braços de sua Esposa e da Rainha sua filha, no dia 24 de setembro de 1834, deixando, como já dissemos, irrevogavelmente começada a grande obra, que por tão extraordinarias vicissitudes passára, achando em todas ellas o Senhor D. Pedro IV sempre pae extremoso, capitão audaz, legislador previdente e sabio, e inquestionavelmente um dos homens mais notaveis do nosso seculo, pelo arrojo das emprezas a que metteu hombros e pela magnanimidade de todos os seus actos. Principe que mais ao nivel se pozesse das idéas de seu tempo não aponta outro a historia. É como o primeiro dos cidadãos portuguezes, sem esquecer o seu merecido renome de general, que a prosteridade, assim como nós já hoje fazemos, ha de enumerar as suas virtudes civicas, e o entranhado amor que sempre consagrou á terra da patria. O Senhor D. Pedro IV tinha apenas trinta e seis annos quando falleceu, e é para acreditar que os nu-

merosos cuidados da sua agitada existencia contribuiram não pouco para sua chorada e prematura morte.

O monumento que hoje se pretende erigir á memoria do Senhor D. Pedro IV é uma divida de gratidão que o paiz paga ao seu libertador, e não uma ostentação pueril da vaidade nacional. A estatua que resumir em si as feições multiplices do caracter do Imparador, sem prescindir da simplicidade nem esquecer o grandioso, será a mais conforme não só com os preceitos da arte, mas a mais em harmonia com o vulto severo do Imparador, e com a indole das suas elevadas e patrioticas cogitações.

L. A. Palmeirim.

ANGUSTIAS D'ALMA

My soul is dark
BYRON

Mulher de rosto angelico,
Mas coração de vibora,
Que mal te fiz, demonio,
Para um castigo assim?
Nos teus purpereos labios
Porque sorrisos languidos
Mostrares-me entre perolas,
Não sendo para mim?

Era na estação flórida,
Em que suspiram canticos
Nos rosciraes os zephiros,
E alegre o rouxinol
Com seu trinado harmonico
Na verde selva umbrifera
Saúda entre as magnolias
A vinda do arrebol.

Era manhã: surgiste-me
De mil encantos fulgida,
Doce qual o murmurio
De um beijo! — No esplendor

De teu olhar sympathico,
Travez de roseas palpebras,
Senti minha existencia....
Embriagal-a o amor!

Que amor! foi quasi um extasi,
Qual sonho de delicias
Que em paraizo ethereo
Mafoma aos seus fadou!
Sorriu-me n'alma o jubilo,
E do prazer a auréola
Cingiu-me a fronte! — O empyreo
Alfim, disse eu, raiou!

Se eras tão linda! Erguia-se
De ti tanta fragancia,
Que fui depôr-te, soffrego,
Aos pés meu coração!
Todo a tremer, phrenetico
De incanto e amor, ingenuo
Ia a dizer: *adoro-te*....
Que desengano!
Então

Vi.... com desdem, sarcasticos,
Esses teus olhos limpidos,
Fugindo ás minhas supplicas,
Deixarem-me! O prazer,
Que eu já sonhava proximo,
Vi-o e volver-se, ephemero
Como as escassas nevoas
Que o sol vem desfazer.

Fiquei.... qual muda estatua
Ou como debil plantula
A que gentis vergonteas
Veio o Simùm crestar:
Nem um suspiro, um unico,
Soltei de queixa: — lagrimas....
Se as presentisses, perfida
Folgáras de zombar!

. . . . . .

Mulher de rosto angelico,
Mas coração de vibora,
Que mal te fiz, demonio,
Para um castigo assim?
Nos teus purpureos labios
Porque sorrisos languidos
Mostrares-me entre perolas,
Não sendo para mim?

Abril de 61.

OLYMPIO DE FREITAS.

CHRONICA SCIENTIFICA

Machinas de vapor e motores hydraulicos na Exposição Universal de Londres

RELATORIO

PELO

SR. JOSÉ MARIA DA PONTE HORTA

I

homem, pequeno ser que vive um instante apenas n'um pequeno mundo, tem, como preciosa compensação da sua humilissima exiguidade nas duas immensidades do espaço e do tempo, a intelligencia, para comprehender e admirar as maravilhas sublimes do universo, e para sujeitar ao seu dominio efemero a materia e a energia da natureza: a consciencia, para lhe inspirar o sentimento do bem e da justiça, para lhe ensinar o amor pela humanidade, para o instigar ao trabalho, como a um dever, que as gerações que passam tem de cumprir, em beneficio das gerações que vão chegando. Pela intelligencia e pela consciencia o homem acrescenta as suas forças, conquista o mundo em que habita, penetra na amplidão do espaço, prende-se ás tradições do passado, prolonga a sua existencia pela immensidade do porvir, e engrandece-se até poder em espirito elevar-se ao Creador e glorifical-o.

A civilisação é a fraternidade de todos os homens, é a solidariedade das nações no progresso. No progresso verdadeiro, e não no que só consiste em satisfazer melhor as necessidades materiaes dos povos: no progresso, que melhora a moral do homem, ao passo que

alarga a sua esfera de actividade sobre a materia e sobre a energia da natureza: do progresso, que liga as nações pelo vapor e pela electricidade, tanto como pela reciprocidade de interesses commerciaes e moraes; que conquista as regiões mais remotas da terra, não para escravisar senão para civilisar; que trabalha para a liberdade tanto como para a industria; que não vê no homem só um corpo com sentidos, mas vê tambem uma alma com aspirações: no progresso, que não podem accusar de materialismo senão os que o não comprehendem, ou os que o temem. O verdadeiro progresso, que é tarefa e gloria do nosso seculo, não se preoccupa só de uma parte do homem mas do homem todo; da materia e do espirito; do corpo e da alma, e n'esta busca melhorar simultaneamente a intelligencia e a consciencia. Em face da actividade industrial de hoje, vendo as locomotivas e os navios a vapor percorrerem a terra com velocidade pasmosa, ouvindo o estrondo das machinas que, noute e dia, transformam a materia rude em uteis artefactos, notando a sollicitude com que os povos civilisados cuidam de se alimentar, de se vestir, de gosar os explendores da arte, observando a incansavel actividade, com que a rasão humana busca os segredos mais profundos da natureza, discute e peza tudo quanto lhe é accessivel, muitos espiritos timoratos, que não podem desviar os olhos das sombras do passado para os fixar na luz viva do futuro, accusam de materialismo o progresso moderno. A accusação é falça: dil-o a historia.

Os que julgam que a sociedade perde os sentimentos moraes, embota a consciencia, quando a rasão trabalha, e descobre as verdadeiras leis da natureza, erram, e blasfemam. Deus, creando o homem, fez d'elle uma harmonia, e não um contrasenso. A rasão que se esclarece illumina a consciencia e não a oblitera. Os que pensam que a sociedade se desmoralisa, porque a escravidão desapparece da face da terra, porque a machina liberta e ajuda o homem, porque a sciencia ensina a produzir mais e melhor, dando hoje, a muitos, meios de satisfazer as necessidades physicas, de que só poucos podiam dispôr ha menos de um seculo, esquecem que o homem na miseria não póde elevar o espirito acima dos soffrimentos physicos que o opprimem; que n'elle a rasão se cala, e a consciencia emmudece tambem, muitas vezes, para ficarem triumfantes as ruins paixões; que, lutando com a fome, com a doença, com a inercia, resultados inevitaveis da falta de actividade no trabalho e de economia na producção industrial e agricola, um povo se enfraquece e se corrompe. Os que acreditam, que o mundo civilisado não póde viver senão apertado nos moldes, em que o absolutismo e o fanatismo o quizeram encerrar, para dominarem; os que olham

com terror para a liberdade; os que veem com espanto desapparecer as barreiras entre as nações, e aproximar-se o tempo em que o trabalho livre ha de correr com o livre pensamento de um a outro extremo da terra, não comprehenderam ainda o progresso em toda a sua plenitude. O progresso não é o que o querem fazer esses hypocritas que o deshonram, cobrindo com o seu nome augusto ambições miseraveis, e torpezas despresiveis: assim como a religião divina não é o que o fanastimo a quer fazer, por ignorancia ou por ambição.

Os pensadores, que seguem com solicito interesse os progressos da humanidade, que aliam a uma intelligencia illustrada um coração generoso e uma consciencia recta, não podem deixar de vêr na civilisação o engrandecimento moral e o melhoramento physico do homem. Os grandes concursos da industria, que são uma das maravilhosas manifestações da civilisação do nosso tempo, essas lutas de paz, onde as nações medem as suas forças creadoras e fraternisam no trabalho, suscitam, no espirito de quem as contempla e estuda, profundos sentimentos de amor pelo progresso, e de sympathia pela humanidade, tranquilla e inabalavel esperança no futuro, viva fé na fecundidade inexaurivel do pensamento humano.

O sr. Ponte Horta, considerando a Exposição Internacional de 1862 do ponto de vista elevado, em que naturalmente o collocara a sua rasão esclarecida, o seu caracter nobre, mostrou no Relatorio, de que nos propomos dar aqui uma breve noticia, que soube achar nos portentos do progresso industrial, acumulados no explendido concurso de Londres, lições para industriaes, regras para politicos e economistas, esperanças no futuro e nobres aspirações para todos.

Havendo de estudar, como membro da commissão portugueza mandada pelo governo á exposição de Londres, os melhoramentos importantes, as novas creações da mecanica industrial, e reconhecendo a impossibilidade, a não escrever um longo tratado, ou a não apontar de leve assumptos heterogenios de uma multiplicidade immensa, de abranger no seu relatorio todas as machinas e apparelhos de trabalho, motores e utensilios, que se accumularam nas galerias do palacio de Kensington, o sr. Horta julgou, acertadamente, dever restringir o seu estudo ás machinas industriaes onde se exerce a acção do calorico, e aquellas que funccionam pela acção da agua como força motriz. São os motores de vapor e os motores hydraulicos o assumpto difficil e interessante, de que o sr. Horta se occupa no seu relatorio.

Nenhum objecto mais importante e transcendente podia escolher-se para um relatorio ácerca dos progressos modernos da mecanica industrial; nenhum mais caracteristico da vida laboriosa das nações modernas.

A producção industrial não é mais do que a transformação da materia. O homem não póde crear nem destruir um atomo se quer no universo; o que elle póde é tornar uteis os objectos, sobre que actua com o seu trabalho, adaptando-os á satisfação das suas necessidades. O homem, com o trabalho, cria *utilidades*, imprimindo na materia qualidades, que a tornam apta a servir, a ser *util*. Para modificar a materia é preciso empregar a força, encaminhando a sua acção segundo os dictames da intelligencia, a fim de obter, pelos meios mais singelos e mais economicos, os resultados mais proficuos. A *Cynematica*, essa especie de mecanica-geometrica, como diz o sr. Horta, creada por Poncelet, deu ao constructor moderno os meios de adaptar aos variadissimos misteres do trabalho os instrumentos operadores. Seguindo os preceitos d'esta sciencia creadora, póde hoje a industria conseguir instrumentos poderosos ou delicados, multiplices nas fórmas, variados nas aptidões, para executarem todos os trabalhos, que a necessidade ou a fantasia possam exigir-lhe. A *Cynematica* como que cria operarios obedientes, sem iniciativa, mas incançaveis, executando o trabalho com rigor geometrico, incapazes de errar. Para communicar o movimento, podemos quasi dizer a vida, a essas organisações mais ou menos complicadas, é preciso applicar-lhes a *potencia*. O esforço muscular do homem é uma potencia, mas custosa, e impropria para os trabalhos collossaes, que hoje exige a actividade das grandes industrias; a força dos animaes emprega-se muitas vezes com utilidade como potencia motriz, mas ainda esta energia é insufficiente, por limitada e dispendiosa, para satisfazer a actividade moderna. No movimento do ar, no vento; no movimento da agua; na acção do calor transmittido pelos gazes e vapores; na electricidade, achou a industria motores primarios, de que tem sabido tirar quasi todos os prodigios do trabalho moderno. A sciencia, estudando as manifestações variadas da energia da natureza, assignalando as leis a que obedecem, e, modernamente, descobrindo a correlação, a homogenesis que entre ellas existe, abriu os caminhos, que a actividade productora dos povos civilisados vae seguindo sem cançar. Nas locubrações dos sabios se filiam todos os adiantamentos da industria. O pensamento precede a acção. A intelligencia é a causa primordial de tudo quanto nos maravilha, pelos seus resultados economicos e sociaes, na grande officina do progresso actual.

Tendo de estudar os apparelhos, em que a industria escravisa, para o seu serviço, a energia da natureza, sob a fórma do calor ou da agua em movimento, o sr. Horta estabelece os principios admiraveis da sciencia moderna, da *Thermodynamica*, para d'elles deduzir as condições, a que devem satisfazer as boas machinas de calorico, e particularmente as machinas de vapor.

Pôr bem uma questão é resolve-la bem: e foi o que succedeu ao nosso prezado collega no seu excellente Relatorio.

II

O que é o calorico, essa poderosa manifestação da energia da natureza, que nós vemos apparecer, quando sobre a materia se applica uma acção mecanica, quando corpos distinctos se combinam chimicamente, quando se exerce a acção vital, quando os raios do sol dardejam sobre a terra, em tantas e tão variadas circumstancias emfim? O que é o calorico, que nós vemos, em certas condições, produzir movimentos viziveis, gerar trabalho mecanico? É um movimento das particulas dos corpos em que o calor se manifesta, responde hoje a sciencia. Sendo o calorico um movimento, coisa agora perfeitamente demonstrada, claro está que é elle uma das multiplices maneiras porque actua sobre a materia a *energia da natureza;* a qual, ou dá origem a movimentos, ou se accumula, segundo diz Rankine, como «uma tendencia ou esforço para produzir uma mudança», como *energia potencial.*

O calorico é uma das fórmas de movimento, resultantes da acção da potencia universal, que mais geralmente se manifesta nas particulas materiaes de todos os corpos da natureza. Ás poderosas influencias do calor são devidos os grandes phenomenos, que se tem passado, e continuamente se estão passando na terra. As immensas transformações que tem soffrido o globo que habitamos, e das quaes a incansavel geologia tem sabido reconhecer os indicios, e indicar as fazes, foram devidas, principalmente, á acção do calorico. A vegetação exuberante que, n'um dado periodo, no periodo carbonifero, envolveu a face da terra, da luz e do calor do sol recebeu a sua portentosa actividade. As aguas que se elevam nos ares, para depois regar a terra, e, correndo em torrentes até aos mares, produzirem uma enorme força mecanica, recebem do calor do sol o impulso que as põe em movimento. As correntes regulares ou irregulares da atmosphera, as brizas suaves ou os furacões violentos, devem á desigual acção do calor do sol em diversas regiões a sua origem. Grande parte dos phenomenos da vida é o resultado das acções do calorico, que o sol irradia atravez do espaço, conjunctamente com a luz; outra fórma de movimento, que tem com o calorico immediata correlação.

Na vida dos vegetaes domina uma acção reductiva de corpos, compostos de elementos que entre si tem uma poderosa afinidade: para vencer a resistencia á separação dos elementos do acido carbonico e da agua é preciso uma força, essa força tiram-a os vegetaes do ca-

lor e da luz solar. Das condições, em que ficam os elementos nos compostos resultantes da vida vegetal, nasce uma *energia potencial*, a qual se transforma em *energia actual* ou *dynamica*, logo que as circumstancias favorecem os phenomenos da combustão. A luz e o calor do sol, por assim dizer, armazenados nos tecidos das plantas, tanto das que vivem na epocha actual, como d'aquellas de que achamos os residuos nos vastos depositos de combustivel fossil, reapparecem sempre que provocamos a combustão na lenha, ou no carvão de pedra. As plantas, como diz o ilustre e mal apreciado Mayer, constituem o reservatorio, em que se fixam os raios fugitivos do sol, ficando assim depositados, e aptos para servirem em uteis aplicações. A acção reductora, que se passa nos arganismos vegetaes, é a conversão de uma fórma da força em outra fórma, do effeito mecanico em tensão chimica. Nos animaes os fenomenos tem um caracter diverso d'aquelle que distingue os vegetaes. Os animaes, como diz o engenhoso escriptor que acabamos de citar, consomem combustivel, que tiram do mundo vegetal, favorecendo a sua união com o oxigenio: e parallelamente, a este processo, apparece o trabalho mecanico executado pelos animaes. Experiencias de notaveis physiologistas e phyzicos provam, que a respiração é uma verdadeira combustão, de que resulta calor; e que os organismos animaes podem converter esse calor n'uma quantidade *equivalente* de trabalho mecanico.

Dá-se por ventura esta *equivalencia* do calor e do trabalho mecanico? Dá-se em todos os casos? É ella directamente apreciavel? Para responder a estas interessantes questões, devia a sciencia recorrer á experiencia, fixando antes unidades de calor e trabalho, rigorosamente invariaveis e comparaveis; e foi ó que fez a sciencia, obtendo resposta affirmativa para os quesitos propostos. Tomando para unidade do calor, (*caloria*) a quantidade d'este necessaria para elevar de um gráo thermometrico a temperatura de um kilogramma de agua; e para unidade de trabalho, (*kilogrammetro*) o necessario para levantar á altura de um metro, n'um segundo, o peso de um kilogramma: acha a experiencia, que uma caloria póde dar um trabalho mecanico igual a 425 kilogrammetros. Da natureza do calorico, da determinação do seu equivalente em trabalho mecanico, da observação de variados phenomenos physicos, tira á *thermodynamica*, a moderna sciencia a que no futuro se hão de abrir vastos horisontes, os seguintes principios:

1.° Calorico e trabalho são phenomenos da mesma especie, que se geram um do outro, sempre e em todos os casos, em relações certas e determinadas:

2.° Iguaes augmentos de calorico produzem iguaes augmentos de trabalho, quando se tenha partido do zero absoluto de temperatura

Reconhecidos estes principios da thermodynamica, que o sr. Horta exprime no seu relatorio nos proprios termos, em que acabamos de trancrevel-os, e em vista do que dissemos fugitivamente das relações entre os grandes phenomenos da natureza e o calorico, conhece-se; que todas as potencias mecanicas, de que nos podemos servir, tem, mais ou menos immediatamente, a sua origem no calor do sol; e que todas as nossas machinas motrizes não são senão artificios, empregados para prender e transformar em trabalho util uma parte da energia universal, e em especial do calor que agita perpetuamente a materia.

Nas machinas de calorico, isto é, nas machinas destinadas a transformar immediatamente em trabalho mecanico o calorico, artificialmente produzido pela combustão, o que se deve buscar é, que a maior quantidade possivel de calorico se transforme no trabalho util equivalente. Primeiro que tudo é preciso, para operar a transformação, escolher uma substancia que a execute. Essa substancia deve estar, para que o resultado seja proficuo, no estado gazoso, isto é, ser um gaz permanente ou o vapor de um liquido facilmente vaporisavel: por serem os gazes e os vapores as substancias, que mais se dilatam e expandem sob a acção de uma dada quantidade de calorico.

Estudando, em vista dos principios da sciencia moderna do calorico e das condições mecanicas da construcção, as machinas de vapor d'agua, — as mais communs, e, por emquanto, as mais convenientes para o aproveitamento do calorico nos usos industriaes, — o sr. Horta estabelece, de um modo rigoroso e positivo, as condições a que devem satisfazer as machinas d'esta natureza, para dar o maximo effeito util. Em resumo, essas condições são: vapor de alta pressão, isto é, tendo, em virtude do aquecimento, uma tensão de 4 a 10 atmospheras; possibilidade de se dilatar o vapor no cilindro ou cilindros, em que exerce acção sobre o embulo ou embulos, de modo que estes, n'uma parte do seu curso recebam a acção plena do vapor vindo da caldeira, e, n'outra parte, interrompida a communicação com a caldeira, o movimento lhes seja dado pela expanção do vapor já encerrado nos cilindros; condensação do vapor, depois de haver exercido o seu effeito mecanico, em orgam para esse fim destinado, onde a agua de alimentação da caldeira receba um principio de aquecimento, a fim de haver a menor perda possivel de calorico: sobre-aquecimento do vapor em apparelho construido e disposto para isso, com o intuito sobre tudo, de pôr em actividade immediata, em estado de prompta transformação, uma certa quantidade de calorico, e de fazer vaporisar a agua, que o vapor arrasta da caldeira no estado vesicular; entrada do vapor no

cilindro por continuidade, e não por uma subita interrupção de passagem entre o cilindro, em que joga o embulo, e a caldeira, nas machinas de expanção; orgãos de facil movimento, construidos segundo os bons principios da mecanica. Machinas, satisfazendo estas condições, podem gastar apenas um kilogramma de carvão por cavallo vapor e por hora, o que é uma immensa economia em relação ás machinas de que se faz uso commummente.

III

Estabelecidos os principios da Thermodymanica, que devem servir de base á transformação do calorico em trabalho mecanico, e fixadas as regras de construcção de uma machina de vapor, que satisfaça áquelles principios, e em que se empreguem todos os artificios, até hoje conhecidos, para transformar em trabalho util a maior quantidade possivel de trabalho disponivel, o sr. Horta faz no seu Relatorio uma revista das principaes machinas de vapor, que se observavam no palacio de Kensington; acompanhando as rapidas descripções, que dá dos seus caracteres essenciaes, de observações criticas, que mostram o seu cabal conhecimento dos assumptos de que trata, e a sua muita sagacidade e lucido engenho. Nós, não podemos seguir o sr. Horta n'esta parte interessantissima do seu trabalho, mas indicaremos, ao menos, os pontos que n'ella encontramos, a nosso ver, de maior utilidade e merecimento.

É pelo estudo das caldeiras, onde a agua se vaporisa pela acção do calorico, e que por isso bem se podem considerar os orgãos fundamentaes das machinas de vapor, que o sr. Horta começa o seu estudo technico. Nas caldeiras e nas fornalhas de combustão, que lhe estão immediatamente annexas, ha a conseguir: que o combustivel arda activa e completamente; que possa servir o carvão de pedra tal qual sae das minas, em vez do coke, evitando-se porém os inconvenientes do fumo, por um systema que integralmente o queime: que a vaporisação da agua nas caldeiras se faça depressa, mas não tumultuosa; que o vapor adquira a tenção conveniente; que a caldeira receba agua, de modo que esteja sempre sufficientemente alimentada, que as encrustações, resultantes dos saes dissolvidos na agua, os quaes, pelo aquecimento e vaporisação, se precipitam, se possam evitar, ou pelo menos minorar. Para dar intensidade á combustão, e queimar o fumo, o que permitte ao mesmo tempo o uso do carvão em vez do coke, empregam-se meios que activem as correntes de ar no fogão: disposições especiaes das grelhas do fogão, injecção mechanica de vapor sobre a chamma, ou modificações de fórma nos espaços em que tem logar a combustão, são tudo

artificios, cujo resultado é pôr em contacto com o combustivel, e os gazes que elle gera, uma grande massa de ar. Para activar e facilitar a vaporisação, o que se busca é augmentar a superficie de aquecimento nas caldeiras, e, para isso, se empregam com vantagem as caldeiras tubulares, as quaes não são isentas de inconvenientes. Na exposição observava-se uma caldeira singular, formada de esferas occas, unidas entre si por pequenos tubos; o aquecimento e vaporiçação da agua passa-se, n'estas caldeiras, dentro das esferas, e o fim d'esta construcção exquisita é facilitar a producção do vapor, evitando os inconvenientes da incrustação, communs nas caldeiras tubulares. Para alimentar de agua as caldeiras, um apparelho simples, engenhoso e efficaz, merece hoje os suffragios de todos os constructores; é o injector Giffart. Um jacto de vapor, emanado da propria caldeira, é quem imprime movimento á agua de alimentação, e a introduz na caldeira, vencendo a pressão do vapor, que se oppõe á sua entrada. Para minorar os inconvenientes das incrustações, o systema mais simples parece ser actualmente, o do purificador de Wagner, o qual consiste n'uma serie de discos metalicos horisontaes, sobre os quaes a agua corre, aquecendo-se, perdendo uma parte dos gazes que traz em dissolução, e deixando precipitar porção consideravel dos saes que a inquinam.

As machinas de vapor classifica-as o sr. Horta, em relação ao genero de trabalho a que se applicam: 1.º Em machinas fixas; 2.º Em machinas locomotivas; 3.º Em machinas locomoveis; 4.º Finalmente, em machinas de tracção, machinas de um typo moderno, as quaes, pela força do vapor communicado ás rodas, se movem nas estradas ordinarias.

Nas machinas fixas ha a distinguir as machinas de officina, ou terrestres, das maritimas. Das machinas terrestres, que se podiam estudar na exposição, umas eram notaveis pela simplicidade de sua construcção, e outras pela economia de combustivel com que davam o trabalho.

Em geral, notava-se em todas as machinas de vapor grande tendencia á singeleza de construcção. As machinas de grandes dimenções, occupando grandes espaços nas officinas, ostentando, muitas vezes, na sua disposição e ornamentação, caracteres architectonicos, tendem a desapparecer. O vapor, operario incançavel, conscio da sua utilidade, mostra-se hoje modesto, esconde-se n'um canto da officina; de modo que, ao entrar n'uma grande fabrica, e ao vêr em movimento um sem numero de rodas, de apparelhos, de utensilios, que trabalham incessantemente, o observador busca ás vezes em vão a causa de tanta actividade, a origem de tanta força empregada em lavores mais ou menos defficeis, mais ou menos rudes. O grande

obreiro, o calorico e a machina que o transforma, está afastado do ruido e da labotação da fabrica.

As machinas de typo horisontal tinham, na exposição de 1862, conquistado decidida primasia, sobre as dos outros typos mais volumosos ou menos singelos. A proficuidade dos motores a vapor, nos empregos industriaes os mais variados, achava-se provada n'aquella exposição, pelos numerosos exemplares dos motores d'esta especie, que ali se observavam, solidariamente unidos ao utensilio de trabalho que eram destinados a pôr em movimento.

O sr. Horta trata com severidade, talvez excessiva, a maior parte das machinas que descreve; é isto a consequencia necessaria de as comparar com o typo perfeito, que concebeu e de que expoz os caracteres essenciaes. Como prova, porém, de que o seu typo de machina de vapor não é puramente ideal, irrialisavel nas condições da construcção mecanica, estavam na exposição duas machinas de officina, que se approximavam muito da perfeição, ambas construidas na Prussia, segundo os planos de um americano. Estas machinas eram, diz o sr. Horta, as mais perfeitas, as mais scientificas, e as mais economicas de quantas machinas fixas decoravam a Exposição. Fazei, acrescenta o sr. Horta, trabalhar as machinas de Corliss com vapor sobre-aquecido, e tereis realisado os instrumentos mais proprios, e mais economicos para o emprego util do calorico. Outras machinas d'este grupo se approximavam mais ou menos da perfeição, já em relação á economia, já em relação á simplicidade; sob este ponto de vista nenhuma excedia a inventada pelo americano Allen.

Sobre as machinas de vapor applicadas aos usos da marinha, quer mercante quer de guerra, escreveu o sr. Horta, inspirado pelo amor da patria, um capitulo excellente no seu Relatorio. As suas opiniões acentam com segurança sobre a observação judicioso dos factos, e sobre os dados positivos da sciencia: os seus conselhos devem ser attendidos pelos que dirigem as nossas construcções maritimas, afim de se evitarem desacertos, que prejudicam os nossos interesses economicos e politicos. Se ha vaidades que se offendem com os bons conselhos, dados por quem, como o sr. Horta, tem um caracter elevado, e benevolente, sentimol-o sinceramente; sentimol-o, porque taes vaidades dão sempre pessimos conselhos a quem as tem, e o paiz, se continuar a ser como até hoje pouco sollicito em vigiar pelos seus proprios interesses, soffrerá por longos annos as consequencias de erros e absurdos faceis de evitar, e difficeis de remediar. O sr. Horta descreve os principaes engenhos que enriqueciam as galerias da exposição; e, depois de fazer a critica severa de cada um d'elles, fazendo com tudo á Inglaterra a justiça que este grande paiz merece pela excellencia das suas construcções, chega á

conclusão; de que se deve preferir a disposição horisontal nas machinas maritimas, por se tornar mais commoda a sua instalação, por occuparem menos espaço, por serem mais accessiveis, por actuarem mais directamente sobre o eixo dos navios a helice, por concorrerem mais para a estabilidade do navio, por estarem mais ao abrigo dos tiros inimigos, do que as machinas de outras fórmas e construcção. Nota, com tudo, e lamenta o distincto professor da Escola Polytechnica, que nas machinas maritimas se não hajam generalisado os aperfeiçoamentos das condições physicas, de que resulta a economia no combustivel; concluindo por aconselhar, para os usos da navegação, as machinas de vapor construidas segundo o systema mais completo, que a sciencia recommenda para o maximo aproveitamento do calorico.

Uma das mais importantes applicações da machina de vapor, das que mais tem influido e hão de influir na transformação moral, politica e economica das nações, é aos transportes acelerados, baratos e faceis sobre os caminhos de ferro. As locomotivas tem tal importancia na vida das nações, que nos não deve admirar que o talento de quasi todos os constructores mecanicos de nomeada se haja, mais ou menos, applicado a aperfeiçoal-as. Nenhum progresso, já no melhor aproveitamento do calorico, já no melhor ou mais economico emprego do combustivel, já no uzo de melhores materiaes de construcção, já no addicionamento ás machinas de vapor de algum apparelho accessorio, mas proveitoso, se manifesta na mecanica, sem que d'elle se busque logo tirar partido para melhorar as locomotivas. Força, velocidade e segurança, eis o que se pertende das locomotivas; e basta indicar estas condições, para se apreciar a difficuldade dos problemas a resolver na construcção d'estes complicados e delicados apparelhos. O sr. Horta, descrevendo e discutindo os defeitos e merecimentos das locomotivas, que se encontravam em Kensington, completou, em relação ao estado actual da sciencia, o seu valioso estudo sobre as locomotivas, largamente desenvolvido no seu Relatorio sobre a Exposição Universal de 1855.

Além dos aperfeiçoamentos, que as locomotivas recebem com os progressos da mecanica, em commum com as outras machinas de vapor, ha outros que lhe são especiaes, e se ligam com a natureza do trabalho que ellas são destinados a executar. Das locomotivas póde exigir-se velocidade, ou potencia de tracção; na Inglaterra é á primeira que principalmente se atende, e no continente á segunda. Para alcançar a velocidade é preciso, que seja grande a superficie de aquecimento nas caldeiras; que se eleve a pressão do vapor; que se promova a adherencia das rodas motrizes aos carris, augmentando o pezo sobre essas rodas; que tenham grandes dimensões es-

sas mesmas rodas; e que a provisão de combustivel e de agua seja grande. Para obter potencia de tracção, as condições essenciaes são, grande extensão da superfice de aquecimento; grande adherencia das locomotivas aos carris. Hoje, o que se procura conseguir no continente, é combinar, nas mesmas locomotivas, as duas condições, velocidade e potencia; e, para esse fim, se empregam diversos artificios, que todos se podem resumir no augmento da acção do calorico; e no augmento da adherencia, pelo acrescimo de pezo e multiplicação dos eixos, a que a machina communica movimento. Por uma combinação simples, conseguiram os constructores inglezes poder abastecer d'agua algumas das suas machinas, em plena marcha de grande velocidade; obtendo-se, por esta fórma, que uma machina percorresse, sem parar uma só vez, e na razão de 68 kilometros por hora, uma distancia de 426 kilometros. Locomotivas, com as condições de velocidade dos *expressos* inglezes d'esta natureza, podem, com facilidade, atingir a marcha de 90 kilometros por hora, andando sem parar perto de 150 minutos.

N'outros sentidos tendem ainda a encaminhar-se os melhoramentos, que se vão introduzindo nas locomotivas. Busca-se, nos limites do possivel, adaptar estes motores a vencer rampas maiores do que as, até hoje, admittidas nos caminhos de ferro de primeira ordem, e a transporem, sem risco, curvas de raios menores de 200 metros. A exposição mostrava, que este problema se aproxima da sua solução nos limites das condições mecanicas, e dos principios da economia, a que se não póde deixar de attender. Uma machina austriaca, de construcção bem combinada, exhibida em Londres, podia levar a carga bruta de 150 a 200 toneladas, em curvas de raio menor de 100 metros, em rampas consideraveis, com uma velocidade de 22 kilometros á hora. Outra machina, exposta pela companhia do caminho de ferro do norte, em França, apresentava condições apropriadas para facilitar a tracção de pesados comboyos por grandes rampas. Posteriormente á exposição, notaremos de passagem, tem-se feito notaveis progressos na construcção de locomotivas para vencer fortes rampas, buscando-se a adherencia, para vencer as resistencias, n'um systema de duas rodas horisontaes, apertando entre si um carril, como o laminador aperta a barra de ferro sobre que actua. Além d'isto, tem-se em França experimentado locomotivas, com rodas motrizes do systema ordinario, porém com seis eixos conjugados, grande potencia, grande peso empregado na adherencia, mobilidade para se prestarem ao movimento nas curvas, as quaes podem vencer rampas de 13, 18, e até 25 millimetros, virar em curvas que se estreitam até um raio de 80 metros, e, n'estas condições, dar reboque a trens com um peso de 267:000 kilogrammas, e com velocidades va-

riando, desde a minima de pouco mais de 5 kilometros, até á maxima de 20 a 22 kilometros por hora.

Estas transformações das locomotivas, que facilitam extraordinariamente a construcção dos caminhos de ferro em regiões accidentadas, devem promover uma total transformação nos systemas de locomoção; podendo, como bem diz o sr. Horta, affirmar-se «que o problema da locomoção terrestre a vapor, com quanto possa tornar-se mui difficil em certas hypotheses, não é todavia jámais impossivel, quaèsquer que sejam as circumstancias topographicas a que elle haja de se applicar.»

Uma das cousas que mais curiosidade e admiração excitou, em todos os que visitaram Londres na época memoravel da ultima exposição, foi, sem duvida, o ver correr rapidamente, sobre caminhos ordinarios, poderosas machinas de vapor, arrastando apoz si carros carregados de enormes pesos, subindo consideraveis aclives, virando com facilidade em pequenas curvas, e obedecendo, como o mais bem amestrado cavallo, á vontade de um conductor intelligente. Estas machinas de tracção, para caminhos ordinarios, são destinadas a prestar serviços importantes no transporte de mercadorias pesadas, em toda a parte onde póde chegar a estrada sem rampas excessivas, mas onde não chega o ferro-carril. Estes curiosos e uteis apparelhos mecanicos gozam da dupla vantagem, de servir de machinas de tracção, e de poderem tambem applicar-se, como motores, a qualquer machina, fazendo assim as funcções d'esses uteis motores a vapor, transportaveis sobre rodas, que hoje se encontram em numerosas officinas, e que tantos e tão fecundos serviços prestam já á agricultura. D'estas machinas, as *locomoveis*, e das machinas de tracção dá o sr. Horta no seu relatorio, uma interessante noticia, que a nosso ver pecca só por demasiado concisa.

No relatorio, de que havemos indicado os pontos essenciaes, encontra-se tamhem um capitulo, em que se dá suficiente noticia dos motores de calorico, onde se emprega o ar aquecido e o gaz em vez do vapor.

Conclue o sr. Horta o seu lucido e instructivo estudo dos motores mais notaveis, que se viam na exposição, por uma analyse, conciza mas completa, dos Motores Hydraulicos. Sentimos que a estreiteza do espaço, de que podemos dispôr para a nossa Chronica Scientifica, nos não consinta seguir o nosso collega n'esta parte do seu trabalho, em que se encontram, condensados, os principios mais importantes da sciencia, na sua aplicação a esta qualidade de machinas.

IV

Acumulavam-se tantas e tão variadas maravilhas industriaes no vasto recinto do palacio do Kensington, eram tão grandes as provas da poderosa influencia da sciencia na industria, da mutua acção dos differentes ramos do trabalho humano uns sobre os outros, proporcionavam-se por tal fórma ao estado intellectual e moral dos povos as exposições de cada uma das nações da Europa, que um homem instruido e de talento, como o sr. Horta, ao fazer o estudo dos motores mecanicos, isto é, das forças de que se deriva toda a producção, não podia deixar de inquirir sobre as causas principaes, que promovem ou paralisam o desenvolvimento das forças creadoras, e da actividade das nações. A cada passo se encontram, no bem pensado livro do nosso collega e amigo, justas apreciações das causas economicas e politicas do progresso industrial dos povos, e de cada uma d'essas apreciações sabe elle tirar lição e conselho para Portugal.

O sr. Horta põe, peremptoriamente, a questão, tantas vezes debatida, e a que a nação não pôde dar ainda uma solução pratica: — É Portugal um paiz destinado a ser exclusivamente agricultor? — A observação dos factos, e o estudo das leis economicas, provam que nenhuma industria vive e prospera isoladamente n'um paiz: todas mutuamente se auxiliam, todas são solidarias. São, em cada paiz, mais favoraveis as condições naturaes e sociaes para um ou outro dos ramos do trabalho humano, mas, em torno da industria predominante e próspera outras se levantam e desenvolvem. Para, ao lado da agricultura, florescer a industria, são condições necessarias «as materias primas, a força, os instrumentos do trabalho, o saber, o gosto e facilidade das permutações» diz o sr. Horta: e, analysando depois as condições do nosso paiz, mostra que, no momento em que se manifestam symptomas de progresso, quando parecem reunir-se as condições essenciaes para a expansão da industria, o que é preciso, mais do que tudo, é organisar o ensino industrial em todos os seus gráos; derramar o saber por todos os agentes pessoaes da industria; criar a escóla primaria, ordenar o ensino intermediario, organisar os institutos superiores. Proteger a industria não é estreitar o consumo, e sacrificar os consumidores ás barreiras, levantadas pelo fisco na entrada dos mercados nacionaes; essa protecção asphyxia e não vivifica. Provam-o os exemplos da Inglaterra, da Belgica, da Italia, da França, das nações que prosperam, emfim. O proteger a industria é abrir-lhe mercados; é franquear-lhe estradas; é derramar a instrucção; é moralisar o povo; é fazer do trabalho industrial uma profissão, a mais independente, a mais honrosa, a mais estimada das profissões. A liberdade é o primeiro motor do progresso moral de um povo;

quando esse povo pensa, e trabalha. É este o segredo da grandeza da Inglaterra. As considerações economicas e politicas, com que o sr. Horta desenvolve esta these, são dignas de meditar-se, e fazem tanta honra á sua rasão como ao seu caracter.

O Relatorio do sr. Horta é um bom livro; e nós podemos dizer d'elle, o que o celebre professor Rankine escreveu de uma parte do Relatorio d'este nosso collega e amigo sobre a exposição universal de 1855: «Para encontrar uma descripção clara e magistral das locomotivas expostas em 1855, o leitor deve recorrer ao excelente relatorio escripto pelo Professor José Maria da Ponte Horta» escreveu o sabio professor da Universidade de Glasgow. Ao relatorio sobre a exposição de Londres, dizemos nós tambem, devem recorrer todos os que desejarem instruir-se, sobre as machinas de vapor e os motores hydraulicos expostos em Londres em 1862.

J. Andrade Corvo.

CHRONICA DO MEZ

o sair d'esta chronica, cae da grande ampulheta mais um grão de areia; mais um anno morre e outro anno principia; — um dia dia de menos para viver; na fronte, uma ruga mais! E é a quadra das festas, e é o periodo das sinceras alegrias de familia, que parecem saudar jubilosas o futuro e apagarem ingratamente as lembranças do passado! Que as creanças se alegrem, é justo; ainda não são homens, e cada passo que dão aproxima-as mais do prazer; mas nós! nós, que perdemos quanto ellas ganham, e que não vemos como ellas o anno que chega mas o anno que foge, deixemol-as estender a mão ao desconhecido viajante que se apresenta, mas não recusemos um *shake-hands* ao conhecido companheiro que se despede. Os musulmanos resam pela

manhã voltando o rosto para o oriente; á noite, inclinam-se tambem perante o sol no occaso!

O anno pareceu querer vingar-se, ao dizer-nos adeus, da alegria com que iamos saudar-lhe o successor; a chuva, o vento, a tormenta, o frio, espalharam a desolação por toda a parte. Os estragos foram immensos; por todos os lados, queda e ruina; era um espectaculo afflictivo ver os jardins depois do famoso cyclone, devastados e tristes, com as arvores que ainda na vespera pareciam desafiar a colera das nuvens curvadas ou partidas. A tempestade consagra as coisas; essas pobres arvores abatidas tinham não sei que confidencial caracter, que as recommendava á devoção. O antigos dobravam o joelho diante das columnas, que o rayo ennegrecera! O que a tormenta não consagra, são esses monumentos vivos da humanidade, a que se insultam constantemente as feridas, perseguindo-os, de pedra na mão e injuria nos labios, — os martyres gloriosos do vendaval da existencia, pallidos heroes, heroes infelizes, que teem na fronte as cicatrizes do talento!

São incalculaveis, — bem o teem referido as folhas quotidianas, — os estragos que a tempestade produziu. O mar esteve enorme de horror. Em toda a extensão do aterro tudo estava apinhado de espectadores d'esse lugubre drama, familias de maritimos, varinas que tinham o amante a bordo, mães, irmãs, noivas que viam a formidolosa vaga atirar-lhes o véu da viuvez! Que de clamores de angustia, que gritos de furia, que suspiros, que ais, que arrancos, que preces, que blasphemias, ouviu n'esse dia o mar nos seus abysmos! Inexoravel como a sorte, elle respondia rugindo ás orações, aos sinos, aos gritos de manobra, aos gemidos d'alma, aos tiros de soccorro! E retiravam-se todos, abatidos, exasperados, os que o imploravam, os que o admiravam, os que o insultavam, e os que iam simplesmente vel-o: elle rugia sempre, emblema eterno da destruição e da força!

Como que tudo se resentiu d'essa aterradora convulsão da natureza; o commercio, a politica, os theatros. A capital durante dois dias apresentou um aspecto de desolamento; a chuva jorrava em ondas, caíam as paredes e os telhados á furia impetuosa do vento, fecharam-se as lojas e as salas de espectaculo.

Até o *Tempo dos francezes*, e mais estava na segunda recita, addiou a terceira *por ordem superior* do vendaval, a que nem o regimento 19 pôde fazer frente! Duas noites depois, em tempos de melhor paz, voltou de novo á scena para continuar os seus triumfos populares. A estreia do sr. Florencio Sarmento suscitou graves partidos na platéa, e foram tratados como *jacobinos* os poucos espectadores que patearam. O theatro normal, symbolo da ordem e so-

cego entre a familia portugueza, deu-se o *chic* de ter batalha na sala; um espectador da platéa, que bateu com os pés, foi agredido por um espectador de frisa que lhe arrumou pela cabeça; os extremos tocam-se. A peça lucrou com estas guerras, em celebridade e em enchentes. Já conheci uma cantora, que, quando a applaudiam friamente, dizia na esperança de que a reacção a salvasse: «Não haver alguem que me pateie!» O verdadeiro merecimento da peça reside no estylo, que tem todo o sabor portuguez e familiar, no desenho dos typos que são tambem muito nossos, e no estudo da época que está consciencioso e fiel; é uma peça nacional, digna do theatro que a levou á scena, e compensa pela pureza da linguagem e exacta observação dos costumes a frouxidão dos lances e situações do enredo. O publico tem festejado o auctor, e os amigos enthusiastas pondo desde a segunda recita os pateantes em retirada foram o regimento 19... da platéa!

No theatro de S. Carlos cantou-se o *Othelo*, por madame Borghi-Mamo, Mongini, Squarcia, e Stagno. Grande triumfo, triumfo merecido, para o qual concorreram todos os artistas, mas que, como podem suppor, se alcançou principalmente pelos grandes interpretes do mouro e de Desdemona.

O publico conservava ainda vivissimas as recordações da Lotti, os encantos d'aquella voz prodigiosa, a seducção do seu typo verdadeiramente distincto e bello, as limpidas vibrações do seu canto, que, n'esta opera, soube até encontrar as lagrimas da paixão, e os sublimes extases do talento. Era preciso muito á Borghi, á trigueira, á ardente mas viril tragica, para amoldar a indomavel vehemencia do seu caracter, o vigor um pouco masculino do seu typo á incarnação da diaphana e melancolica figura de Desdemona; conseguil-o foi o successo por excellencia, o divino milagre do genio!

No terceiro acto principalmente a alma teve o seu drama, ao passo que o ouvido tinha a sua opera. Não se cantou nunca, não se sentiu, não se idéalisou melhor a Desdemona e o mouro, a innocencia e o ciume, o amor martyr e o amor tyranno, a paixão cruel e a paixão victima, do que o fizeram madame Borghi-Mamo e Mongini.

Era a noite de Shakspeare em toda a sua lugubre poesia; o terror transformou a morena Borghi na mulher de pelle branca como a neve e lisa como o alabastro dos tumulos; Mongini foi prodigioso, e o publico estremeceu á simples vista d'aquelle braço irresoluto e ardente que agarra primeiro na lampada para apagar a luz, e apaga depois com um punhal a luz da vida á sua noiva. Cada scena, cada phrase, cada notta, foram um poema. Desdemona, ao erguer do panno, alta noite, na sua alcova, a sós com a aia, com a sua tristeza, com os seus presentimentos e as suas lagrimas, está

scismando no exilio de Othello, que o conselho dos dez acaba de expatriar. Vae passando no lago um gondoleiro, a cantar aquelles versos do Dante.

Nessun maggior dolore che riccordarsi
Del tempo felice nella miseria!

Ella escuta-o com uma melancolia infinita e pergunta á aia:

— Quem canta assim?

— É um gondoleiro, diz-lhe a confidente, que cantando abrevia o caminho no tranquillo lago, e pensa nos filhos ao ver o ceu toldar-se!

Desdemona lembra-se n'essa noite de uma trova com que a sua ama a embalava em pequena, toada simples e inspirada, e acompanhando-se pela harpa canta o *Assisa al piè d'un salice*, que Alfredo de Musset immortalisou á Malibran. A tristeza augmenta, a anciedade, o susto, o presentimento, o vago terror; geme o vento na lagôa e vem n'um furacão quebrar um vidro da janella; a trova interrompe-se pelo medo, e só continua depois entre lagrimas, que suffocam a voz de Desdemona. A trovoada augmenta; ella tenta orar e diz n'uma prece rapida *Deh calma, ó ciel!* estendendo-se sobre o leito. Othelo apparece com uma lanterna, impetuoso, implacavel, febril; já não é o heroe grave, nobre e sympathico, que inspirára ao côro do primeiro acto o *Santo imen te guidi amore!* É a figura da vingança, da raiva cega, do ciume exterminador. Ao chegar-se ao leito, ouve Desdemona balbuciar no somno: *Amato bene!* e vae já a matal-a, e recua, e hesita, e espera, e treme, ao accordal-a; é que pergunta a si mesmo qual será o Prometheo, cujo fogo celeste accenda de novo o raio de vida que elle ouse apagar para sempre, e estremece ao aspirar aquelle halito embalsamado e sereno, que persuadiria á justiça o quebrar o seu gladio, e atreve-se a pedir apenas no intimo do desejo que ella seja assim formosa depois de morta para poder matal-a agora, e depois amal-a!

Ahi, principia o duetto, supremo grito de raiva do mouro, sublime ai de angustia de Desdemona. *Ah! Perfido! Ingrato!* diz-lhe ella; e elle ameaça-a, persegue-a, levanta o *cangiar*, cambaléa, estrebucha, mata-a; mata-a, infeliz, e mata-se a si em seguida.

Tudo isto se conta, mas o que não poderá referir-se é a poesia que rescende em toda a composição d'este terceiro acto, o perfume, a serenidade grandiosa, o dom de commover, de enternecer, de amedrontar, sem os recursos ruidosos da moderna instrumentação. É simples e terrivel como a tragedia, todo este acto; que exuberancia de flores n'aquella musica, que raios de luz, que de grinaldas, que de perolas, que de hymnos, que pompa simples!

A Borghi teve uma ovação delirante. Que intimidade de estudo, que verdade de paixão, que prodigio de recursos vocaes! Como desde as primeiras scenas se lhe vê no rosto a pallidez da morte que a espera, como diz Virgilio de Dido: *pallida morte futura!* Divino, divino talento!

De Mongini já dissemos tudo, na época passada, a proposito d'esta opera; este anno é a mesma sensibilidade ardente, o mesmo canto apaixonado, a mesma ousadia, o mesmo vulcão!

Registemos n'uma noticia, concisa como um telegramma, a publicação no *Diario de Lisboa* do relatorio do sr. Sant'Anna e Vasconcellos, official ordinario da secretaria d'estado dos negocios da fazenda, ácerca dos impostos e outros rendimentos publicos anteriores ao anno de 1832; trabalho consciencioso, revelando grande leitura, investigação de manuscriptos e estatisticas, intelligente confrontação das épocas, compendiando toda a parte historica em verdadeiros quadros dos diversos tempos, e apresentando os documentos e datas que obteve e organisou com um vigor de precisão e esmero de de linguagem, que tornam notavel por mais de um titulo este estudo importante do systema tributario. Haverá doze annos o sr. Sant'Anna e Vasconcellos apparecia em Lisboa parecendo apenas pedir á vida a alegria da mocidade e as consolações da poesia; o seu livro de versos, a que Latino Coelho fez uma brilhante introducção, levava por titulo *Patria e amor;* esses dois sentimentos que então o inspiraram teem vigorado na sua alma, mas guiaram-o para outros horisontes, —ao amor, pelo casamento; á patria, pela politica. Na segunda phase da sua existencia poderamtriumphar melhor os dotes que o distinguem, dotes de intelligencia e dotes d'alma; o seu espirito amadurecendo nos annos retemperou-lhe a indole e tornou-o util; o relatorio que hoje annunciamos é um documento inquestionavel do seu talento e da sua applicação.

Um cavalheiro de quem Portugal se recordava por mais de um titulo, o sr. Antonio da Cunha Sotto-Maior, que ha dez annos tem estado nosso ministro em Stockolmo, appareceu este mez em Lisboa. Á sua existencia, tão illuminada outr'ora por mil rasgos de excentricidade, pelo prestigio da sua eloquencia no parlamento e pela voga dos seus folhetins no *Estandarte*, prende-se com justiça a mais viva e grata sympathia. Não foi nunca o homem de um grupo, de um salão, ou de uma classe; as senhoras viram sempre n'elle um esplendido conversador, os *dandys* um principe da elegancia, os politicos um genio ardente, os homens de lettras um scintillante estillista. A par do tirocinio da carreira diplomatica, o sr. Sotto-Maior ganhou n'estes annos as vantagens de viajante, a successão das coisas materiaes, o mar, as montanhas, os edificios das

cidades, a diversa gente, os differentes costumes, tudo quanto nas suas apparencias pittorescas nada tem de commum com a diplomacia, mas que completa o espirito do homem de mundo. Não é o mesmo que dizer-lhes que voltou mais original, mais imaginoso, mais attrahente que nunca?

Ao mesmo tempo chegava tambem a Lisboa, vindo de mais perto, vindo de Coimbra, um moço pallido, distrahido, simples, criança sublime, que sabe tudo aos vinte annos, que sem escolher as conversações acceita-as no ponto em que as encontra e esclarece-as logo pela lucidez de um talento de excepção, que tem aprendido muito, que tem adivinhado ainda mais, — Theophilo Braga, o poeta da *Visão dos tempos* e das *Tempestades sonoras*, talvez o successor de Garrett um dia! A litteratura militante recebeu-o de braços abertos. A esta hora, elle regressou já a Coimbra, onde segue o curso de direito, auxiliado por uma pequenissima mesada sobre a venda dos seus livros.

Não esqueçamos a publicação do *Relatorio e Contas da Sociedade promotora das Bellas Artes;* annunciando-o, folgâmos verdadeiramente pelo desenvolvimento de que vae dando provas esta utilissima associação, e registramos com prazer os intelligentes serviços que tem prestado á arte, pela sua dedicação, pelo seu esclarecido talento, pela sua vontade vigorosa, o sr. marquez de Sousa Holstein, presidente do conselho administrativo.

O theatro do Gymnasio dá actualmente uma comedia chistosa e viva, *Os medicos*. em que Taborda é o doente. Tres actos de gargalhada; disparate sobre disparate; reccita sobre reccita; enchente sobre enchente.

O antigo Caffé Concerto desejou ser *Casino lisbonense*. Não lh'o levemos a mal. A orchestra franceza que ali tem dado concertos todas as noites, e que possue alguns artistas de merecimento, teve já este mez de ir visitar o Porto na esperança de um acolhimento mais auspicioso do que encontrou em Lisboa, — na opinião do empresario e do bilheteiro, que divergem n'este ponto dos triumfos que os noticiarios lhe têem proclamado. Na Persia, em outros tempos, era uso tocar timbales emquanto o rei jantava para affugentar as aguias e os falcões, que tão depressa ouviam tocar n'essa qualidade de tambores largavam o vôo e fugiam; o nosso publico, que é um pouco *falcão*, foge muito tambem assim que ouve musica!

Fechemos por uma novidade alegre: ha um novo salão de concertos e bailes, que debaixo do titulo de *Salão Meyeerber* deu ha poucas noites o seu concerto de inauguração. A concorrencia foi diminuta. O amor das simphonias não leva quasi ninguem até adiante da rua Nova da Palma, bairro em que ha mais eleitores que melomâ-

nos. A orchestra, dirigida pelo sr. Reinhardt, executou algumas peças com muita proficiencia; é todavia para sentir que não figurasse no programma de abertura uma unica composição do celebre *maestro,* cujo nome se invocou para dar titulo aos concertos. O salão é espaçoso e bonito, mas o proscenio, além de não ter fundo, pareceu-me deficiente em condições de gosto no que respeita aos ornatos. Havia poucas senhoras, infelizmente, e estas festas não podem viver sem ellas, porque a paixão pela musica no nosso paiz limita-se a uma vaidade elegante. A grande curiosidade da noite foi ver a sala; um espectador, cego de um olho, dizia ao bilheteiro:

— Para a galeria nobre?

— Seis tostões.

— Aqui tem tres; dê-me um bilhete; quero só ver a sala!

— É a mesma coisa, custa-lhe seis tostões!

— Mas se eu tenho só um olho!?

JULIO CESAR MACHADO.

Conde de Sila

Est. d'Ernest Rieul R. J. de Janeiro

CONDE D'AVILA

chámo-nos entre Scylla e Carybdes. Ou haviamos de demorar o apparecimento d'este numero da *Revista Contemporanea*, ou haviamos de apresentar o retrato do illustre estadista, sem a devida biographia. Convinha tomar uma resolução. Qual havia de ser? Uma falta podia resgatar-se, a outra, não. Preferimos a que não tinha resgate. Ahi vai pois, o retrato que já tarde nos chegou de Pariz, aonde foi gravado, e n'um dos proximos numeros, irá a biographia que está confiada a um dos nossos mais distinctos homens de lettras. D'esta fórma mantemos a regularidade da nossa publicação, regularidade a que nos obrigámos e que até hoje nos prezamos de haver mantido.

Limitamo-nos agora a registrar os cargos que tem exercido e as merecidas honras e distincções que o trabalho e a intelligencia lhe conquistaram. É do Conselho de Sua Magestade, Par do Reino, commendador das ordens de Christo e da Rosa do Brasil, grão cruz das de Leopoldo da Belgica, e S. Mauricio da

Sardenha, cavalleiro da Legião da Honra de França, Ministro e Secretario de Estado honorario, deputado ás côrtes em quasi todas as legislaturas desde 1834 em diante, socio e vice-presidente da academia real das sciencias de Lisboa, e membro de outras corporações litterarias e scientificas estrangeiras.

Antonio José d'Avila é tambem auctor das seguintes obras:

Relatorio sobre o cadastro — Relatorio sobre os trabalhos do congresso estatistico reunido em Bruxellas em 1853 — Relatorio ácerca da administração e monopolio do tabaco por conta do governo apresentado ao ministro da fazenda de 1857 — Relatorio do commissario regio junto á commissão especial da exposição universal de Paris — Varios discursos das camaras legislativas, já como deputado, já como ministro.

É mais um nome distincto que illustra a galeria da *Revista Contemporanea*. É mais uma homenagem prestada ao verdadeiro merecimento.

ERNESTO BIESTER.

POESIA DA NAVEGAÇÃO PORTUGUEZA

Ao sr. José da Silva Mendes Leal

uando esse fanatismo sublime da honra se encarnava nos espiritos da idade media, e o valor e o amor eram o ideal dos feitos epicos e do lyrismo, embalando com a sua harmonia magica a formação dos estados e os primeiros alvores da civilisação moderna, como no mytho profundo de Amphion e Orpheu, um povo, que vivia n'um recanto da Europa, aguia ainda implume no seu berço, estava destinado pela providencia a continuar as tradições maritimas dos aédos do Archipelago.

Era de Ulyssea que haviam partir os novos aventureiros, que herdavam pela fatalidade antiga o genio das expedições longiquas do arguto rei d'Ithaca. O impulso dos sentimentos da cavalleria refluira sobre o coração da Peninsula, era preciso uma área mais ampla para a acção gigante, que elles inspiravam, um campo onde se não podessem marcar os limites do tor-

neio. O mar, o mar mostrava-se-lhe diante. O valor levava este povo a affrontar ás tormentas escuras, a ir arrancar pela conquista as perolas do Oriente, como n'um voto denodado, para cingir a fronte da sua dama; o amor, que lhe inflammava a crença, subia mais alto, a dama que levava em seus pensamentos, invocada nos lances imprevistos, era a *patria*, o doce nome da patria, aquella que lhe acordava n'alma esse sentimento puro, estreme, intraduzivel em todas as linguas — a *saudade*.

A honra, o ideal supremo da acção heroica, tocava a rigidez da abnegação e do desinteresse, a santidade estupenda de Pacheco, de Affonso de Albuquerque, de Dom João de Castro. Os paladins errantes eram as armadas; ellas íam, como diz Jacintho Freire, ao longo d'aquella parte de Africa, que corre do Cabo da Boa Esperança até ás portas do Estreito do Mar Roxo, rodeando o mundo em distancia de mais de vinte mil leguas.

Estes sentimentos novos, em que o genio do Oriente se deixava surprehender e confundir com o Occidente, haviam de crear por certo uma nova poesia. Era a poesia da grande navegação; é ella a unica e verdadeiramente portugueza, apesar de se lhe não sentir o perfume balsamico na aridez classica da maior parte dos nossos velhos quinhentistas. A poesia intima de um povo, os sentimentos, as aspirações, é a que se encontra ás vezes menos em seus poetas. É assim em Roma; ahi os mais antigos poetas, onde se esperava encontrar uma poesia propria, não influenciada pela muza attica, o verso saturnino accentuando-se na sua ingenuidade rude, n'esses mesmos é palpavel esta falta de nacionalidade; Livio Andronico ensaia-se traduzindo a *Odyssea*, Naevio e Ennio cantam os annaes e tradições de Roma pelas suas reminiscencias de Euripides. Roma, *patria legum*, como lhe chamavam os antigos jurisconsultos, tinha essa poesia immensa, a mais profundamente humana, cuja acção é a vida — a poesia do Direito.

Um facto egual se dá comnosco; sómente em Camões se acha reconcentrado o espirito d'essa poesia da expedição maritima, é pela tradição conservada por elle, que ainda vivemos entre as nações modernas.

A poesia dos mares tem o caracter mystico e heroico da idade media. Depois que o espirito de Deus foi levado por sobre as aguas na hora suprema do genesis, o mar possuira-se de uma magestade sagrada. Como o não haviam divinisar as velhas theogonias, elle que é o agente primario da organisação e da vida? A agua apparece-nos como um elemento

de culto nas lustrações antigas; o christianismo poetisou-a do mesmo modo no baptismo. A sorte da creança que abria pela primeira vez os olhos á luz, era incerta e terrivel; Lucrecio descreveu-a revelando o interior da familia antes de Christo. A mesma imagem com que elle nos descobre o sentimento primitivo é a que apparece appropriada, convertida nas lindas formulas dos baptismos nos rituaes da meia edade, Lucrecio canta:

Tum porro puer, ut saevis projectus ab undis
Navita, nudus humi jacet, infans indigus omni
Vitai auxilio, cùm primùm in luminis óras:
Nixibus ex alvo matris Natura profudit;
Vagituque locum lugubri incomplet, ut aequum est,
Cui tantum in vita restet transire malorum [1].

A purificação da alma pelo baptismo, este renascimento para a sociedade universal, a iniciação da vida futura, está symbolisada em uma gota de agua. A egreja primitiva rude mas crente, deu aos seus canticos a unção religiosa dos mares. Dil-o este canto de benção da fonte baptismal: (Ex missali gothico gallicano.)

«Stantes, fratres carissimi, super ripam vitrei fontis, novos homines adduc eis de terrâ litori, mercaturos sua commercia. Singuli navigantes pulsent mare novum, non virgâ, sed cruce; non tactu, sed sensu; non baculo, sed sacramento. Locus, quidem, parvus, sed gratiâ plenus. Benè gubernatus est Spiritus Sanctus. Oremus ergo etc.» [2] Sus, irmãos carissimos, sobre a borda da vitrea fonte, conduzi novos homens, que da terra á praia venham fazer troca e commercio. Que elles navegando cada um pulse o mar novo, não com o remo, mas com a cruz, não com a mão, mas com o sentido, não com a vara, mas com o sacramento. O logar é pequeno, é verdade, mas está cheio de graça. O Santo Espirito foi dirigido por um bom piloto. — Esta formula maritima do baptismo, é provavel que appareça tambem na sua essencia nos nossos rituaes, porque o baptisterio tinha a mesma disposição, para a immersão total. É o que se deduz da phraze *Sahir sobre as fontes*, que servia de prazo em muitos actos juridicos. [3] Na formula baptismal, tirada de Martene, *De antiquis ritibus Ecclesiæ*, Michelet o propheta do passado, pressente o genio das invasões e expedições

[1] Lucret *De Nat. Rer.* lib. V.

[2] Martene I, 175, na Liv.ª da Universid.

[3] Viterbo, Elucid. vb°. *Sahir sobre Fontes*. Du Cange: *Fons Consecratus*.

maritimas conservadas no christianismo, como uma tradição da Odyssea.[4]

Por esta fórmula semi-barbara se adivinha o symbolismo da egreja traduzido nos seus hymnos. O symbolo religioso é sempre immovel e sacrifica á sua immobilidade o espirito que avança. Não ha religião sem martyres. Este pensamento se acha velado sob um terceto de Dante, quando o poeta se viu forçado a quebrar a grade da fonte da egreja de S. João em Florença para salvar uma creança que se afogava nas aguas em que vinham dar-lhe a viabilidade. O baptismo era designado pelos epithetos de *nativitas secunda, vitale lavacrum, unda genitalis*. Santo Agostinho avança mais: « Per mare transitus baptismus est. »[5] Na vida de S. Damaso ha o mesmo pensamento: « patres quoque nostri in typi baptismi per medium mare transierunt. »[6] Nas inscripções das fontes baptismaes, em quasi todas ha este sentimento vago, como nos versos de Santo Ambrosio para a fonte baptismal de Santa Tecla. (Ex codice Palatino.)

Como não havia a egreja sanctificar os mares, ella que era feita como um navio, voltada para o Oriente. As egrejas, segundo estas idéas mysticas, provenientes talvez da tradição biblica da Arca do diluvio, eram edificadas á maneira de um navio. Mandava assim uma Constituição apostolica: « Ecclesia sit ad instar navis et ad Orientem conversa. »[7] O sentimento é sempre pantheista; o christianismo deu uma personalidade ao navio, deu-lhe tambem o baptismo. Nos poetas da egreja as imagens são de preferencia tiradas da poesia dos mares. A cruz, em S. Paulino de Nola é comparada a uma ancora, mesmo a ancora na egreja symbolisa o que ella tem de mais bello—a esperança. Alfred Maury, escriptor de uma erudição tenacissima, considera o symbolo do navio como de uma origem puramente christã.[8] Na edade media a linguagem é essencialmente symbolica, como nos periodos divinos da humanidade, segundo Vico. Nas miniaturas dos illuministas antigos um navio reprezenta a Egreja. O mastro é a Cruz. Os ventos, que no paganismo eram os numes submettidos á divindade de Eolo, o christianismo aproveitou-os para a formação da sua demonologia. Os diabos figuram os ventos.

O amor, o valor e a honra, ideal de toda a poesia cavalheiresca

[4] Michelet Orig. p. 10.

[5] Serm. 213, c. 8.

[6] Biblioth. PP. Max. XXVII, 63.

[7] Constit. apost. lib. 2, c, 61.

[8] Maury, Legendes pieuses au moyen-âge, p. 102.

do christianismo perpetuavam-se na *aventura*. As peregrinaçõess os votos denodados, o santo sepulchro, o Saint-Graal, as descobertas maritimas, as tormentas, os phenomenos estupendos do mar, os piratas, as missões evangelicas em regiões ignotas, trazem ao christianismo esse caracter de aventura, cuja manifestação mais profunda é de um lado a *Jerusalem Libertada*, do outro a *Luziada*. Entre as grandes epopéas da humanidade, independentemente da nacionalidade, a epopéa portugueza occupa este logar. A *Luziada* é o poema da grande navegação, como já lhe chamaram, é a Odyssea do christianismo. « Oh maldito o primeiro que no mundo, primeiro velas pôz em seco lenho ! »

A aventura cavalheiresca é desinteressada. « Nas epocas heroicas da sua historia, diz Humboldt, os Portuguezes e os Castelhanos não foram sómente levados pela sêde de ouro, como se ha supposto, por não comprehenderem o espirito d'esses tempos, todos se sentiam arrastados para o acaso das expedições longiquas. »[9] O poema de Camões, dissemo-lo já, parece uma tradição dos rhapsodos do archipelago grego, modulada na lyra christã. Não é sómente a mistura do paganismo que nos leva a esta consideração. A poesia grega, de uma suavidade de infancia, na sua parte descriptiva absorve a paixão, parece que ella vive só do sentimento da natureza; a natureza, como a amante que a fascina, mostra-se-lhe bella, na harmonia do conjunto—a paizagem; esta mesma harmonia seria discordancia se a não viesse completar o quadro grandioso do mar. É a Venus que se alevanta da espuma, a nayade que passa á flor das aguas ceruleas que murmuram.[10] Em Camões vemos o enlace das duas poesias; é o poeta da geographia. A terra, descreve-a com a mesma paixão, com que contempla os phenomenos mais esplendidos do mar. Só a observação pessoal e immediata, como diz Humboldt, podiam attingir a verdade da grande epopéa, é como um sonho de uma noite dos tropicos, embalado nos effluvios suaves, quasi imperceptiveis das flores da India. O eminente naturalista da Allemanha extasia-se ao vêr as descripções brilhantes da meteorologia; no seu enthuziasmo chama-lhe um pintor inimitavel, *no sentido proprio da palavra, um grande pintor maritimo.*

A aventura, que entretece o poema tem uma certa impressão de fatalidade. No mar tanta tormenta tanto damno ! tantas vezes a morte apercebida ! Ha aqui o sentimento religioso das expedições maritimas do cyclo heroico christão. Que fervor o do nauta

[9] Cosmos, t. II, 60, trad. franc.

[10] Idem, ibid. 9.

angustiado que offerecia a vela rota pelos ventos, só para chegar a beijar a terra de seus pais! O Santelmo vem presagiar-lhe a bonança. A Virgem é a estrella do mar. Cansado do fragor das procellas e dos parceis occultos o mareante a invoca. *Ave maris stella!*

Quando a hymnologia da egreja do occidente tocava a sua expressão mais pura e brilhante, do seculo XII ao XIV, começou a ouvir-se aquella antiphona sublime, e anonyma como todas as grandes obras, a que os italianos chamam o cantico dos marinheiros, a *Salve Regina*, onde o ideal de Maria ainda conserva o sentimento mais bello, que os conventos depois lhe tiraram, o sentimento de *mãi.* [11] Era á mãi de misericordia para quem se erguia a celeuma nas vascas da tormenta.

Esta poesia dos mares, tem uma epopéa cyclica, interminavel—é o naufragio. Ella encontra-se espalhada pelas paginas da Historia tragico-maritima dos Galeões da India, na sua expressão popular, conceituosa, crente; quasi que se surprehende o genio de uma nação no labor mysterioso da sua grande epopéa. Corte Real no *Naufragio de Sepulveda* não comprehendeu este sentimento novo; deixa-se levar pelas personificações insulsas dos deuses pagãos declamando estafados versos de paixão apoz o navio que leva a esposa do capitão Manuel de Souza. É uma poesia sem vida, sem as profundas emoções de que a alma se possue deante da tempestade. Todo o poema de Jeronymo Corte Real não vale estas tres outavas em que o Adamastor prophetisa a desgraçada sorte de Sepulveda:

Outro virá tambem de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, enamorado,
E comsigo trará formosa dama,
Que amor por gram mercê lhe terá dado:
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um crú naufragio vivos
Para verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos,
Verão os Cafres ásperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos;
Os crystalinos membros e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos,

[11] Du Cange vb.°, Antiphona de Podio. É tambem attribuida a San Bernardo.

Depois de ter pizada longamente
Co'os delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes mizeros ficarem
Na férvida e implacabil espessura.
Alí, depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Abraçadas as almas soltarão
Da formosa e mizerrima prizão. [12]

As côres sinistras que Byron espalha sobre o naufragio de *Don Juan*, são frias como o gelo da morte, com que se relucta. Aqui sente-se uma alma, uma alma profunda como o oceano, segundo a bella expressão de Quinet. O horror dos escolhos de que se foge, a tormenta que negreja no horizonte, o Santelmo que vem pousar no tope do mastro a annunciar a bonança, as ondas urrando violentas a despedaçarem contra o grande promontorio, que se desenha gigante de fórmas incertas atravez da penumbra da cerração, o perfume da terra, que se pressente e mal se avista, o amor da patria e a fé viva fortalecendo na aventura, eis o colorido da nossa epopéa nacional, o que lhe dá um logar importante entre as grandes epopéas da humanidade. O Barão de Humboldt, foi o primeiro que veio alargar os horizontes da critica, mostrar que este poema antes de ser nacional é humano. [13]

Os naufragios frequentes dos Galeões da India acharam uma forma livre, espontanea, para revelar a extensão do sentimento, nos cantos do genio popular. A *Nau Cathrinetta* é uma epopéa moderna e porisso incompleta, porque o tempo não deixou accumular os epizodios, nem dependerem mutuamente as variantes. O *gageiro*, que sobe ao mando do capitão, sobre quem cahio a sorte para ser devorado e promette o seu navio, o grau de cavalleiro, a sua filha, se lhe avistar terras de Portugal, é uma das mil personificações do Diabo.

Elle produz a cerração que esconde a praia. O mar, segundo as crenças christãs vindas do paganismo era a mansão do diabo. Typhon, o typo privativo do principio do mal, a quem o mar era consagrado, [14] transforma-se depois no diabo da my-

[12] Luz. C. v. est. 46—8.

[13] Veja-se a bella *Carta sôbre a situação da Ilha dos Amores* onde o meu illustre amigo o sr. J. Gomes Monteiro mostra os resultados da sua critica creadora.

[14] Plutarch. de Is. et Osirid. 356.

thologia christã. [15] O espirito supersticioso, a ignorancia das leis naturaes, ainda não vulgarisadas na idade media, estão representadas no *gageiro*, que suscita a tormenta. Era a crença da egreja. Alfred Maury encontrou na Biblia historiada manuscripta da Bibliothèque Royal, figuras de diabos soprando ventos impetuosos. [16] Na vida de Guibert de Nogent, na historia do Anel de S. Marcos, mesmo na *Summa* de S. Thomaz e no livro de Alberto Magno *De Potentia Daemonum*, apparece este pensamento que encontrámos determinado na nossa poesia popular. Na *Divina Comedia* [17] e na *Jerusalem Libertada* [18] os ventos são attribuidos ao mesmo principio.

Garrett nas poucas linhas com que precede este principal monumento que temos da poesia popular maritima portugueza, admira-se de que um povo que viveu mais do mar do que da terra não exercesse o seu genio creador no romance maritimo.

O seculo XVI é a idade da prosa, comtudo o povo é sempre infante, sempre creador e poeta; mas as imitações classicas infatuadas da sua sciencia absorveram em si as attenções, dominaram a ponto de excluirem do dominio da arte a musa popular. O poema cyclico maritimo tivemol-o nós. Basta ver descriptos nos livros de historia e de viagens os naufragios desastrosos, as fomes, as tormentas. Antes da fórma prosaica com que achámos esses cantos colligidos na *Historia Tragico-maritima*, o povo primeiro os soffreu, ou sentiu a imaginação ferida pelos horrores contados pelos que um dia tinham a dita feliz de tornar a ver a terra de seus pais. Garrett inclina-se a determinar a origem historica da nau Cathrinetta, em uma narrativa, por titulo — *Naufragio que fez Jorge de Albuquerque Coelho vindo do Brasil em* 1565, que vem na referida Historia Tragico-maritima.

Esta *xacara*, como elle duas vezes lhe chama, elle que confessa não conhecer a differença entre as fórmas da poesia popular, parece ser o germen de uma odyssea, onde se encontra a multiplicidade das scenas do naufragio reduzida a uma generalidade a mais tetrica.

A sua formação descobre-se na diversidade das variantes que ella tem. A Estremadura, o Minho, o Algarve, Lisboa, Beira-

[15] Maury *Legendes pieuses* p. 144.

[16] Idem p. 18. Esta materia vem tratada com toda a profundidade de uma critica segura em A. Maury, o primeiro que descobriu um typo geral e commum para a multiplicidade das legendas dos santos.

[17] Purgator. C. v.

[18] Jerusal. Libert. C XIII, 7.

Baixa, Riba-Tejo, trabalharam sobre a mesma legenda. Mais tarde a variante tornava-se episodio, prendia-se á unidade do poema. A imagem do diabo, que mostra as tres meninas debaixo do laranjal é de origem puramente christã. Garrett mostra a nacionalidade do poema, mesmo a sua data, do seculo XV ou XVI, pelas deducções que faz sobre o apparecimento do maravilhoso. A nossa poesia primitiva, quando se serve d'elle é como uma reminiscencia dos bardos e scaldos. O caracter moderno da *Nau Cathrinetta*, determinal-o tambem pela reminiscencia religiosa da poesia da igreja sanctificando os mares.

O galeão de San-Thiago é outra legenda da nossa poesia maritima. Fala d'ella D. Rodrigo da Cunha no Catalogo dos Bispos do Porto. O galeão que trazia o corpo de S. Thiago aportou em Amaya, quando os habitantes folgavam em um festim de noivos. O cavallo, que montava o desposado, levou caminho da praia, rompeu pelas aguas até ao galeão; o mancebo aterrado ahi se viu todo coberto de conchas. D'aqui tiraram os peregrinos, as vieiras, insignia de que usaram. [19]

Tambem nos Autos de Gil Vicente ha este sentimento da poesia popular maritima, principalmente na Trilogia da *Barca do Inferno, do Purgatorio* e da *Barca do Paraizo*. Era o pensamento do seculo de D. Manuel. No *Auto da Barca do Purgatorio* os anjos vão cantando ao compasso dos remos, o seguinte:

ROMANCE

«Remando vão remadores
Barca de grande alegria;
O patrão que a guiava
Filho do Deus se dizia.
Anjos eram os remeiros,
Que remavam á porfia;
Estandarte de esperança,
Oh que bem que parecia!
O masto da fortaleza
Como cristal reluzia;
A vela com fé cozida
Todo o mundo esclarecia;
A ribeira mui serena
Que nenhum vento bolia.» [20]

[19] Viterbo, Elucid. vb.° *Vieiras*, onde se lê uma strophe de um hymno latino, que commemora o facto.

[20] Obras de Gil Vicente. t. I, p. 246, Ediç. de Hamburgo.

Este sentimento que agitava o coração de um povo de argonautas está tambem representado em a nossa architectura. É o mosteiro de Belem. Ali, como diz Edgar Quinet na pompa do seu estyllo, parece estar encerrado o pensamento do povo portuguez:

«Se o terremoto não deixasse subsistir alguns restos, e todas as chronicas fossem perdidas, este monumento falava de per si: a alma maritima de Portugal viveria em cada pedra. No logar do Tejo, onde Vasco da Gama embarcou á busca do continente das Indias, sobre esta praia de lagrimas que viu tantas emoções de temor, de esperança, de dôr, tantas partidas, e despedidas, que se julgavam para sempre, e regressos triumphantes, el-rei D. Manuel mandou edificar uma igreja. A architectura é gothica, mas o rasgo do genio está em ter associado todos os caracteres da vida do mar; cordões de pedra, que ligam uns com outros os pilares gothicos, altos mastros de mezena, que sustentam as ogivas, os florões e as naves, em quanto a vela da humanidade se infuna, no seculo XVI, com a viração do ceu.

«É ainda a casa de Deus da idade media, mas aparelhada como um navio a largar. Se se entra no interior do claustro, já as fructas e as plantas dos continentes novamente descobertas, os cocos, os ananazes, as *pampelinussas*, estão colhidas e dependuradas nos baixos relevos. O espirito da aventura, do perigo, da sciencia, do descobrimento respira-se n'estas paredes mais do que em uma chronica. É a impressão d'este momento indisivel de enthusiasmo, em que Christovão Colombo, Vasco da Gama, Magalhães, D. João de Castro, entoaram de joelhos o *Gloria in excelsis*, ao amainar o panno á vista de terras desconhecidas. Aqui as sereias gothicas nadam em mar d'alabastro, acolá os macacos trepadores do Ganges se embalouçam no cabo da nave da igreja de S. Pedro. Os periquitos do Brasil batem as azas em volta da cruz do Golgotha. Sobre os brazões correm lagrimas. Ajuntai mappas-mundi de marmore, astrolabios, esquadros, aos crucifixos, machados de abordagem, escudos, escadas, por toda a parte maçame, nós de cordas enroladas, que amarram as columnas, as pilastras, sentireis na menor particularidade, uma igreja maritima, a nau empavezada do Christo hespanhol e portuguez, que no meio dos desalentos do homem singra em paz, vento em popa, por mares nunca d'antes navegados. Elephantes de marmore sustentam em triumpho a urna funenaria de el-rei D. Manuel, que presidiu á descoberta das Indias; outros finados jazem perto d'elle. Dirieis pilotos adormecidos debaixo do convés.» [1]

[1] Oeuvres compl. t. IX, p. 235.

Estas linhas brilhantes e de uma verdade artistica profunda devemol-as ao genio, á intuição viva do sr. Edgar Quinet. Copiamol-as textualmente de um estrangeiro, para que as observações estheticas não parecessem filhas do orgulho nacional. Compenetrando-nos das aspirações do nosso passado heroico, fizemos como aquelles ministros da legenda oriental, que se voltaram para o ocaso, para fitarem o ultimo lampejo de luz que se esvaecia, em quanto as trevas espessas se accumulavam sobre o nascente.

THEOPHILO BRAGA.

CARTAS OBSCURAS

A Ernesto Biester

(Continuação)

u deixo á consideração dos leitores as scenas ora joviaes ora tetricas d'este drama conjugal. Esperidião, arrancado subitamente ao seu espasmo momentaneo, começou tambem a fazer côro e a vociferar na oitava alta. Andava o diabo solto n'aquella casa onde inda ha pouco revoava o anjo da paz e dos contentamentos. «*Fortuna vitrea*», como diziam os latinos,—ó felicidade inconstante, como tu te espedaças ao mais simples toque, como te empanna o mais pequeno bafo!

D'este dia em diante começou a desharmonia, a polemica intermittente, o dito saccudido, a má vontade, os maus olhares, a tortura e as lagrymas. Quando se chega a isto não ha regeneração possivel. O arrependimento póde tudo, menos destruir a memoria do passado, com todas as suas ignominias. Além d'isso, arrepender-se-hia o sr. Esperidião? poderia Gertrudinhas affagar esta unica esperança? Affagal-a?... para que? de que lhe

servia o amor d'esse homem? que affecto lhe consagrava ella para pensar, para esperar similhante arrependimento? A esperança é o sonho da felicidade. E seria ella feliz ao pé do marido, ainda que o ceo chovesse sobre os dois o bem-estar e os confortos! Não, nunca.

O casamento fôra-lhe alvitre da ambição, e nada mais. Queria entrar no mundo, no grande mundo da assembléa, do passeio-publico, dos *coupés* do Gomes, das Malvinas, do Chiado, dos sorvetes e do Price. O sr. Esperidião appareceu n'este comenos, offereceu-lhe o que ella apenas devaneava; que tinha o mais? que importava a edade? Estes maridos são como as lettras de cambio: acceitam-se nas conjuncturas apertadas. O ponto é alcançar o que se quer; o fim é chegar onde se deseja.

Vive-se em Bellas mondando o escalracho; planéa-se ir a Lisboa, de seda, penteado á *Maria-Pia*, ouvir a opera a S. Carlos. Vamos ao facto; suscitam-se as difficuldades. De repente apparece um minhoto abastado; toma-se e parte-se. E a maxima do Czar Pedro: — *Viaja-se conforme se póde. Quando não ha cavallos tartaros alugam-se jumentos.*»

Eu digo isto cruamente porque o assumpto não é muito para adubos, e mesmo porque, no fim de contas, a verdade é esta e só esta. Quebrado o affecto apparente que unia aquellas duas creaturas, era impossivel soldal-o. Alli não havia amuos nem arrufos; alli havia a saciedade e o tedio. Os palliativos eram ineficazes; carecia-se de um remedio energico. O expediente era de intuição para ambos, e tanto de intuição que o catrafilaram logo.

Resumindo: n'um bello dia Esperidião disse a Gertrudinhas: «—Minha senhora, vejo que me torno de mais n'esta casa. Não é preciso recordar o porque, nem o porque não; são cousas que passaram, e que para nada vem agora. Cada um de nós é livre, e o mundo grande para vivermos á vontade. Espero que não se ha de oppôr a esta idéa,.... parece-me a unica rasoavel.»

—«Oh, muito rasoavel; — respondeu ella com um sorriso fingidamente triste; — a mais rasoavel de todas!»

Momentos depois despediam-se para sempre, sem uma lagrima, sem uma nuvem no semblante, e com um aperto de mão tão cordeal como os do dia do noivado.

Até aqui não me parece que haja cousa digna de reparo, e sem querer legislar ácerca do desquite, estou que os nossos heroes procederam como é, senão licito, pelo menos excessivamente commodo. Viajantes perdidos n'este deserto immenso da

vida, encontraram-se por accaso, olharam-se, sorriram; passaram a noute na mesma tenda, e ao romper da alvorada ergueram-se e despediram-se com um bom aperto de mão. Cada um tomou seu rumo diverso, continuaram na peregrinação affadigada, e é, portanto, natural que tivessem novos encontros. Deixal--os. Não é o Sr. Esperidião de Mattos nem a Sr. D. Gertrudes Correa que hão de perverter com o seu exemplo este bom povo portuguez.

Durante dous annos perderam-se de vista os divorciados; ninguem sabia dizer que vento mau os levara, nem para onde. Isto fazia dar volta ao miolo de muita gente; e mais de um devoto esbagulhador de mysterios particulares procurava o fio á meada, com uma pertinacia digna dos applausos de mestre Polycarpo, barbeiro de Bellas, e, em caso de aperto, sangrador e dentista.

Um dia começou a correr que o nosso Esperidião vivia maritalmente com a Sr.ª Margarida Pereira, a celebre visinha que dera causa ao rompimento, e que não tardaria que viessem para o sitio, com grande detrimento dos bons costumes e sã moral da visinhança.

Assim foi. *Vox populi, vox dei*, como diz o proverbio. Oito dias depois a villa de Bellas cobria o rosto, como Agamemnon, para não ver similhante escandalo. Pouco a pouco a indignação dos honestos foi tomando o seu curso regular, até se converter n'uma certa bemquerença ao Sr. Mattos, bemquerença evangelica de que participava Margarida. Os freguezes do chá, ás 5.as feiras já procuravam cohonestar os factos da melhor maneira possivel, e d'aqui procedia o veneno que muitas linguas serpentinas babavam na reputação de Gertrudinhas.

—«Pois sim,—dizia uma tarde mestre Polycarpo, surrando os queixos ensanguentados de um paciente,—não sou eu que ponho por ella as mãos no fogo. Lá sem que nem porque não era o Sr. Esperidião que a deixava; ..... olha quem! ... e grandes foram os motivos, que elle não é homem de se turvar de repente.»

—Diz bem, mestre; a gente ás vezes pecca por este diabo da lingua. Aqui estou eu que fui dos que mais o censuraram, e que no fim de tudo tambem hoje me inclino á sua parte. Ninguem deve julgar pelas apparencias..... Irra mestre Polycarpo.»—

A navalha do carrasco tinha dado no beiço do moralista talvez um lanho de dois dedos.

«Não foi nada, não foi nada,—accudio Calcraft de nova espe-

cie, assentando o fio ao serrote; — isto é da barba que é rija.» —

Emquanto estes acontecimentos succediam Gertrudinhas vivia tranquillamente em Lisboa, respirando contentamento e felicidade. Livre, moça, rica, dominando pelo prestigio da belleza, fizera do mundo um Eden, e atravessava-o radiante caminhando sobre alfombras de flores. Ás vezes punha-se a olhar para o passado, e sorria machinalmente do que lhe vinha á imaginação; era um tropel de reminiscencias, de phantasmas, de pensamentos ora sombrios ora luminosos, que se acotovellavam, que redopiavam, que se sumiam e reappareciam de continuo, mas aonde avultava sempre com saudade a lembrança do lar e da menicice, e com enfado, a do Sr. Esperidião.

Mal sabia ella que n'esses momentos estava o nosso homem baloiçando-se n'um mar de prata, contente e bem assombrado, como o cysne que se baloiça nas agoas transparentes de um lago.

Gertrudes contava por este tempo vinte cinco annos. As suas fórmas, d'antes gordanchudamente burguezas, tinham adelgaçado e adquirido uma certa flexibilidade melindrosa. Parecia então mais alta, o que é dizer, mais esbelta. Isto junto á formosura peregrina do rosto, que ainda se conservava em toda a sua florescencia, fazia com que mais de um galanteador a requestasse, e mais de uma tentação a seduzisse.

Resvalar-lhe-hia o pé? cairia no abysmo? Não aventuremos suspeitar. Aproximam-se os tempos, como se diz em algaravia prophetica; vejam os que tem olhos, e ouçam os que tem ouvidos.

Entre todos os admiradores de Gertrudinhas, Anthero de Souza era o que parecia levar melhor partida. Moço, attractivo e intelligente, tinha além d'isso os grossos reditos de quatro herdades no Alemtejo. Ora não é preciso mais para qualquer se pôr em pé de conquista, e com umas certas probabilidades de triumpho; a não ser que acometta alguma pomba de Ozeas, a quem falte o coração pela raiz.

Gertrudes tinha, é verdade, resistido por alguns annos ás blandicias e ás feiticerias do mundo; mas tambem uma pessoa não é feita de penedos, para se aguentar fria e inabalavel. Vem um dia em que as ondas dão mais rijas, e lá se vai tudo por mares em fóra. As Marcos nunca passaram, com certeza, da imaginação dos dramaturgos.

O caso é, que alguns mezes depois Anthero de Souza estabelecia-se em casa de Gertrudinhas.

Deixai correr os tempos e os successos, deitai cinco annos sobre o que fica narrado, esperai que o inverno passe, que a primavera assome, que as flores respirem que o campo nos chame de longe com o seu concerto de aves e de brisas, e vinde comigo até Bellas. O passeio é delicioso, de mais, os *char-à-bancs* são de uma commodidade olympica. Apeai-vos e divagai comigo.

Estes sitios são encantadores, não é verdade? Aquella casa é a do Sr. Esperidião de Mattos; que posição tão pittoresca!..... Além, mora Gertrudinhas?... —como?! como disse, Gertrudinhas.

Ambos vivem na mais completa independencia, e, ouzo mesmo dizel-o, na mais amigavel familiaridade. Esperidião passeia com Authero, e Gertrudes com Margarida. A visinhança comprimenta-os, e mestre Polycarpo faz-lhes grandes barretadas. Uma indisivel aureola de bem estar parece resplender n'aquellas quatro frontes, que passam erguidas sobre este mundo com um certo geito de orgulho e de suprema felicidade.

Se ha quem duvide, indague e convença-se. Eu dei com este romance n'uma tarde de maio em que fui ao campo, estando a contemplar a magestade serena das arvores e das montanhas, e a repetir interiormente estes quatro deliciosos versos de Thomson.

—«*This is the life which those who fret in guilt,*
And guilty cities, never knew; the life,
Led by primeval ages, uncorrupt,
When angels dwelt, and God himself, with man»—

Sou, meu caro Biester, cada vez mais seu amigo, etc.

Novembro de 64.

E. A. VIDAL.

A POESIA ITALIANA

Manzoni—Carrer—Leopardi.

poesia é o anjo da guarda das nações. É ella quem leva, no regaço da candida tunica, ao seio do Omnipotente, os gemidos, as preces, ou os hymnos de louvor dos povos. Consola-os nas suas tribulações, traduz em linguagem divina a vaga aspiração para o infinito, os frementes anhelos do coração da humanidade; da sua fulgida corôa, onde se entrelaçam os diamantes do bom e do bello, irradia luz serena, que é para as gerações a columna de fogo, que as guia á terra promettida do futuro. Suave archanjo que, descido do céu, sente comtudo as dores e as paixões que pungem os habitantes da terra. Creatura de ideal essencia, presta a sua doce voz ás tristezas da vil realidade, como a frecha aguda do cypreste que, ondeando desafogada e altiva no oceano do espaço, geme

comtudo tristemente ao escutar as queixas, que lhe leva dos sepulchros a fria aragem do cemiterio.

O invisivel seraphim, que Deus collocou, como terno guardador, ao lado de cada um de nós, se nos vê dominados de todo pelas más paixões, se vê que cerrâmos o ouvido á voz do céu que nos recorda a missão que temos de cumprir na terra, banha de lagrimas o rosto angelical, e, batendo as azas immaculadas, vôa para a celeste patria. Assim os povos, que adormecem, descuidosos da sua dignidade, nos grilhões enfeitados de flores, com que os prende o despotismo, vêem afastar-se do seu gremio o archanjo, cuja doce voz os infeitiçava e animava.

Os povos escravos não têem poesia.

Quando a humanidade, quebrando os grilhões do feudalismo, e acreditando cégamente na alliança dos reis e dos povos, julgava que se cumpriria o tacito pacto que os monarchas tinham feito com os servos para anniquilarem o inimigo commum, a hydra, cujas mil cabeças silvavam em todos os alcantis onde poisavam as torres ameiadas dos castellos roqueiros; e respirava a plenos pulmões a livre brisa da Renascença, perfumada com as rejuvenescidas flores da antiga Grecia e Roma, um côro encantador de poetas rompeu em suaves canticos de todos os pontos da Europa. Tasso, Ariosto, Ronsard, Du Bellay, Garcilasso de la Vega, Shakespeare, Bernardim Ribeiro, Camões, soltaram ao vento as estrophes, que lhes eram dictadas ou pelo amor da patria, ou pelos doces affectos do coração, ou pelos esplendores do immenso panorama da natureza. Foi a poesia n'esse tempo a interprete verdadeira do aspirar de todos e de cada um para a fonte sublime do ideal. N'esse magico espelho vio o povo as suas crenças, o homem os seus affectos, a patria as suas glorias. Os poetas, debruçados sobre a humanidade, ou escutando attentamente na voz do seu coração a voz do coração de seus irmãos, encerravam, na urna d'oiro da sua phantasia, as flores risonhas ou tristes que por essa forma ceifavam, as quaes vaporavam, depois de mysteriosa elaboração, o perfume de versos deliciosos, que iam enlevar os que sentiam vagamente que esse aroma que os inebriava, se exahalava tambem em silencio das flores da sua propria alma.

Mas o sol da liberdade, que raiára por instantes no horisonte, sumio-se de novo nas trevas ainda mais carregadas do despotismo. Calou-se assustada a turba dos poetas. Assim, n'um dia bonito d'inverno, os passarinhos, sacudindo as azitas molhadas pela chuva, e enxugando-as ao sol que elles julgam já sêr o sol de maio, rompem em canticos festivos para saúdarem a primavera, a sua boa amiga. Mas, logo depois, as nuvens se agglomeram, desabam

de novo as torrentes de chuva, e os passaros gentís, reconhecendo o engano, emmudecem medrosos, e fogem enregelados para os asilos que escolheram.

Por um instincto natural, o despotismo tentou prostituir a poesia e impedir assim os povos de ouvirem o echo sublime dos seus proprios sentimentos, e das suas proprias aspirações. Conseguio-o. A poesia deixou de sêr a interprete da sua época, o pulso da humanidade; fez-se imitadora e cortezã. Luiz XIV, despota habil, protegia Boileau, incitava Racine, mas esquivava-se a Corneille, e fulminava o *Telemaco* de Fénelon. É porque o primeiro sangrava a poesia, e fazia-a engulir beberagens que a extenuavam, o segundo obrigava-a a servir copos d'agua com assucar e flôr de laranja aos reis e aos cortezãos, em quanto que Corneille lhe fazia circular nas veias o fogo do enthusiasmo, e Fénelon a ensinava de novo a dar com a sua doce voz conselhos uteis á humanidade.

Reconhecendo a existencia de grandes talentos poeticos no seculo XVII e no seculo XVIII, não podemos tambem deixar de affirmar que a poesia não habitou n'esse tempo entre os homens. Não lhe podendo ouvir os meigos cantares, aquelles, que se sentiam chamados ás confidencias do anjo, limitavam-se a ser echos da musa antiga, procurando vestir os espectros de Grecia e de Roma com os fatos dos cortezãos de Versailles. Resultava d'ahi uma poesia hybrida, sem nome, que não fallava ao coração do povo, que nenhuma influencia exercia, tal como o despotismo a desejava, tal como convinha ás nações que não ousavam erguer a cerviz curvada ao duro jugo dos tyrannos.

Assim que resoou o primeiro grito de liberdade, apenas os povos surgiram do lethargo, a poesia appareceu de novo, e o movimento litterario, desprezando quasi completamente os dois seculos deinacção da espirito poetico, ligou-se instinctivamente com o movimento litterario da Renascença.

A Europa fitou então os olhos na França, onde tremulavam os pendões da revolução na politica e nas lettras; do mesmo modo que a Carta de Luiz XVIII servia de modelo ás constituições dos outros Estados, assim os livros de Lamartine, de Chateaubriand, e d'Hugo passaram a ser os breviarios do gosto para os poetas e escriptores de todos os paizes. Em Portugal principalmente a admiração degenerou em copia; estudou-se exclusivamente a litteratura franceza, desprezaram-se os excellentes exemplos dos chefes da nossa regeneração litteraria, e a França, que não podéra, pelas armas, triumphar da nossa nacionalidade, estabeleceu ovante a sua bandeira nas letras, e na linguagem.

Consolemo-nos comtudo, vendo que foi quasi endemica essa molestia. Poucas nações se livraram do contagio.

Ha comtudo um paiz, cuja litteratura, menos conhecida entre nós do que o devia ser, conservou o cunho nacional na revolução que emprehendeu, como todas as outras, contra as decrepitas e enfezadas fórmas da poesia do seculo passado. Esse paiz foi a Italia.

Ahi o grande brado de liberdade, se despertou os povos, não póde com tudo fazer cair as muralhas da Jerichó do despotismo. Acordou a nação do lethargo, mas acordou para sentir no peito o joelho dos tyrannos, a comprimir-lhe e abafar-lhe a respiração. Bastou isso para que a poesia, o anjo consolador, viesse debruçar-se sobre essa formosa captiva e prestar-lhe a sua voz para traduzir os seus queixumes e os seus gritos de desespero. A poesia foge dos povos, que acceitam submissos a gargalheira humilhante da escravidão, mas procura e affaga os que lhe mostram os pulsos roxeados pelas algemas, pedindo liberdade. Nas margens dos rios de Babylonia solta Jeremias os seus hymnos de tristeza, nas praias da bella Italia erguem-se Manzoni, Leopardi, Silvio Pellico, Ugo Foscolo, Pindemonte, Monti, Rossetti, Giacometti a protestarem com a sua voz nobre e altiva contra os impios decretos da sorte.

Entre um povo d'opprimidos, a poesia não tem voz senão para cantar as suas tristezas, para conservar, como a vestal antiga, acceso e puro o fogo do patriotismo, para evocar as grandes recordações nacionaes, e não pode consentir aos seus sacerdotes que vão queimar incenso nos altares de estranha musa. Por isso na moderna poesia italiana se respiram ares tão differentes dos da poesia franceza, por isso se sente no theatro de Manzoni e de Silvio Pellico uma inflexão viril, que desdiz tanto do systema theatral das outras nações.

Antonio de Serpa, no bem elaborado epilogo do seu volume de poesias, chamou a attenção do publico para essa literatura italiana, tão pouco conhecida entre nós. Hoje que novos laços nos ligam a esse paiz, que já conseguio na maxima parte recuperar os seus fóros de nação livre, e realisar as aspirações que tão energicamente revelou ao mundo nos cantos dos seus modernos poetas, bom será que percorrâmos as formosas paginas dos annaes litterarios da nova Italia, e que vejâmos n'ellas como se póde seguir o movimento do seu seculo, sem imitar servilmente o paiz, que soltou o primeiro brado de liberdade.

Tres escriptores, emquanto a mim, resumem nos seus versos as feições da poesia italiana. São esses tres poetas Manzoni, Leopardi, e Carrer. Manzoni, austero e solemne como um propheta,

vai procurar no passado as causas da escravidão da Italia, estygmatisa com um ferro em braza aquelles, que, pelas suas dissenções civís, assassinaram a patria e a entregaram inerme ao estrangeiro, e no admiravel côro do *Carmagnola*, e no não menos admiravel côro do *Adelchi* fulmina o anathema sobre os que dilaceram o seio de sua mãi, e sobre os conquistadores que passavam, ao galope dos seus cavallos, n'essa fórmosa terra, esmagando ora uns ora outros esse povo infeliz, que, d'antes dominador do todos os povos, teve o destino de sêr, por uma atroz expiação, tambem de todos os povos escravo.

Manzoni não era, como adiante veremos que o era Leopardi, o Tyrteu das phalanges patrioticas, o que fazia tremular o pendão da antiga independencia, e que animava com os seus hymnos de enthusiasmo o povo da gentil peninsula a reconquistar a sua autonomia e a sua tão appetecida unidade. O recolhimento, a austera meditação constituem a indole do seu genio um tanto sacerdotal. Gosta de se sentar nas ruinas da Italia e soltar, como Ezechiel, o tremendo anathema sobre os que prevaricaram, sobre os que renegaram do seu Deus, ou da patria, que fazem um só na frase enthusiastica do férvido Giacometti.

Dio e patria son uno, son tutto
Per noi....

Em quanto outros não desfitam os olhos do oriente, esperando vêr surgir no horizonte o astro radiante por que tanto anhelam, Manzoni volta pelo contrario as suas vistas para o occaso, e saúda com tristeza o formoso sol da Italia, que vê ao longe atufar-se no Occeano dos tempos. A sua musa costumou-se a sêr a cantora dos crepúsculos, e o auctor de *Carmagnola* só ergue a voz para saudar n'um cantico sublime a estrella de Napoleão, quando a vê sumir-se tambem no pélago do infortunio.

Lui sfolgorante in soglio
Vide il mio genio e tacque,
Quando, con vece assidua,
Cadde, risorge e giacque,
Di mille voce al sonito
Mista la sua non ha.

Vergin di servo encomio,
E di codardo oltraggio,
Sorge or commossa al subito

Sparir di tanto raggio,
E scioglie all'urna un cantico
Che forse non morrá! [1]

Poeta lyrico de inexcedivel vigor, correcção, e sentimento, Manzoni consagrou quasi completamente as suas faculdades poeticas aos hymnos sacros, em que é insigne, e ás patrioticas tragedias, em que o amor pouco ou nada tem que vêr. O amor da patria foi para Manzoni a arca santa de que se fez voluntariamente levita. A corda dos doces affectos não existe na sua lyra, ou raras vezes é vibrada.

Como os prophetas israelitas do exilio, Manzoni pranteia a perdida Sião, fulmina os crimes que motivaram a perda, e entôa os louvores do Omnipotente.

Do mesmo modo que Monti, Silvio Pellico, Nicolini, Giacometti, conservou no seu theatro a forma e as tradições da antiga tragedia, fazendo-a saír formosa e altiva dos ouropeis em que a tinham envolvido os poetas francezes do seculo XVIII, e das roupagens graciosas mas femininas com que o abbade Metastasio lhe transformára a belleza severa. Nas duas tragedias, que d'elle conheço, *Carmagnola* e *Adelchi* ressumbra um vigor lyrico em nada inferior ao dos dramas de Victor Hugo, unido a uma certa sobriedade austera que falta ao genio monstruoso e delirante do auctor do *Hernani*. Vê-se que essas peças foram escriptas não para saciar a curiosidade, e agitar as paixões dos espectadores, mas para excitar e vigorisar a alma d'um povo.

Como se receiasse que não fosse bastante, para impressionar o patriotismo italiano, a ligeira ficção bordada pelo poeta com o matiz da historia, Manzoni introduzio n'essas tragedias o côro,

[1] A fidelissima traducção do sr. Ramos Coelho, publicada no *Archivo Pittoresco* reproduzio da seguinte maneira estas duas estrophes:

Brilhante o vio no solio
O genio meu; caido
Depois; depois no imperio,
Depois em fim vencido;
E do universo ao frémito
Sua voz unir não fez.

Virgem de servo encomio
E de covarde insulto,
Acorda ao sol esplendido
Tão de repente occulto,
E solta á morte um cantico,
Que é do porvir talvez.

em que o seu admiravel genio desprende as azas, e vôa a uma altura tal, que nenhum poeta conseguio ainda acompanhal-o na grandiosa ascensão. O côro do *Carmagnola*, em que se fulmina a guerra civil, ficou modelo inimitavel entre os grandes trechos lyricos d'este seculo. O côro descreve em sublimes versos a batalha entre os Milanezes e os Venezianos, depois a derrota dos primeiros, depois a partida dos que vão noticiar, á rainha do Adriatico, a victoria alcançada sobre os seus irmãos, filhos da mesma Italia, bafejados pela mesma brisa, acarinhados pelo mesmo sol, possuidores das mesmas tradições. Tudo se alegra na passagem dos correios, e o poeta rompe n'esta admiravel apostrophe:

Perché tutti sul pesto cammino
Dalle case e dai campi acorrete?
Ognun chiede con ansia al vicino
Che gioconda novella recó?
Donde ei venga, infelici, il sapete,
E sperate che gioja favelli?
I fratelli han ucciso i fratelli,
Questa orrenda novella vi dó.

Onde se encontra, nas outras litteraturas, um trecho que se equipare a este admiravel côro? É inexcedivel este grito de desespero que o poeta não póde já conter, vendo a impia loucura dos seus compatriotas! « Alegrais-vos? Folgais com a victoria? Regozijais-vos com o triumpho? Quereis saber se vos trago uma noticia conforme com os vossos desejos? Pois bem! Ahi a tendes.»

I fratelli han ucciso i fratelli;
Questa orrenda novella vi dó!

No *Adelchi* pinta Manzoni a derrota dos Lombardos pelos Francos, commandados por Carlos Magno. Já a Italia é escrava, escrava dos vencidos colhe só da sua perda ser escrava dos vencedores. O côro do final do terceiro acto exprime d'um modo sublime esta idéa.

Ás novas da fuga dos Lombardos erguem os servos a cabeça, julgando chegada a hora da liberdade. « Loucos, diz-lhes o poeta, julgais que o estrangeiro possa jámais libertar-vos? Julgais que esses guerreiros que deixam a sua patria, os seus castellos, as doçuras do lar, as commodidades da paz, as esposas e os filhos, venham, em premio de tudo isto, restituir-vos a independencia? Não, voltai pobres escravos, para as vossas choupanas, para os vossos tra-

balhos vís! Sois uma porção da terra conquistada, sois servos da gleba, sois o que foram para os vossos antepassados os Iberos, os Gaulezes, os Numidas, os Parthos, os Persas, e os Gregos. »

Il forte si mesce col vinto nemico,
Col novo signore rimane l'antico;
L'un popolo e l'altro sul collo vi sta!
Dividono i servi, dividon gli armenti;
Si posano insieme su i campi cruenti
D'un volgo disperso che nome non ha.

Leopardi, menos austero do que Manzoni, permitte á sua musa fazer-se algumas vezes borboleta, e esvoaçar pelos differentes vergeis da poesia. Comtudo os seus cantos patrioticos são o seu verdadeiro titulo de gloria. Os versos *All'Italia* são a mais brilhante manifestação do seu enthusiastico talento.

Leopardi não procura, como Manzoni, no passado as causas da degeneração da Italia. O seu genio, mais impaciente, limita-se a comparar a grandeza d'outr'ora com a decadencia da actualidade, e a indignar-se em presença da submissão, com que elle entendia que os seus compatriotas acceitavam os decretos do destino. Como o corcel guerreiro, que ouve ao longe os ruidos da batalha, e que se vê constrangido a permanecer em ocio vil; rincha, escarva o chão impaciente, mastiga espumante o freio, e não póde conter o insoffrido ardor, assim Leopardi presta o ouvido á historia, escuta o estridor das armas, os cantos bellicos dos seus antepassados, ouve o seu nome glorioso repetido com terror pelos echos de todo o mundo conhecido, e, voltando depois a attenção para o presente, vê a Italia vilipendiada, ouve os cantos d'alegria dos estrangeiros, vê, por entre as grandiosas ruinas dos monumentos da antiguidade, perpassar tristemente um povo d'escravos; a indignação e a dôr irrompem então em fervidos borbotões da sua alma de poeta, e esse admiravel cantico *All'Italia* faz correr um frémito de sympathia e de enthusiasmo pelas veias dos seus desanimados concidadãos.

O patria mia, vedo le mure e gli archi,
E le colonne e i simulacri e l'erme
Torri degli avi nostri;
Ma la gloria non vedo,
Non vedo il lauro e il ferro, ond'eran carchi
I nostri padri antichi.....
.....
.....

Come cadesti o quando
Di tanta altezza in così basso loco?
Nessun pugna per te? non ti defende
Nessun de' tuoi? L'armi, quá l'armi, io solo
Combatterò, procomberò sol io!
Dammi, o ciel, che sia foco
Agl'italici petti il sangue mio.

Mas o que! Na formosa Italia só se ouvirão gritos de guerra, imprecações, e brados de vingança? A patria do Dante não é tambem a patria de Petrarcha? O despotismo póde tornar menos azul o seu firmamento, menos suaves as suas noites, menos languidas as suas ondas, menos perfumados os seus laranjaes, menos harmoniosas as suas brisas? E não haverá um poeta que se inspire com essas harmonias, com esses perfumes, com esses canticos dos mares, com esse fulgor dos céus? Oh! se ha, ha um principalmente a quem a doce musa italiana acalentou com o seu mais terno bafo, e esse poeta é Carrer!

Ha flores, ha fructos, ha poetas que por si mesmos denunciam o paiz que lhes deu origem. Quem ha, que, ao respirar o inebriante perfume da flôr da larangeira, não sinta logo que tão doce e voluptuoso aroma só podia rescender em thuribulo doirado por todo o immenso esplendor do sol meridional? Quem ao vêr os vermelhos bagos da romã, a vivacidade d'aquelle escarlate, não adivinha que tão esplendido colorido só podia sêr dado pelos pinceis de fogo do Apollo, que a imaginação grega phantasiou em terra estremecida por elle? Quem ha que, lendo as poesias de Carrer, não veja logo que tão opulenta e mimosa imaginação, só podia desabrochar na formosa peninsula, beijada pelos labios azues das ondas do mar Tyrrenio, recostada n'um leito de perfumes sob o docel de luz do firmamento, em que as fadas da noite bordam um maravilhoso poema com o seu matiz d'estrellas?

Ó noites suaves de Italia, não é verdade que impregnastes o meigo poeta de toda a vossa mysteriosa inspiração? Argentea lua, que fazes sair das trévas a tua enamorada Veneza, com as brancas fachadas dos seus palacios, com as suas formosas gondolas, cysnes do Adriatico, não prestaste o mais languido dos teus raios ao mimoso colorido dos versos do auctor d'*Il Moro?* Languida brisa de Baía não lhe ensinaste a mais amorosa das tuas melodias? Echos de Parthenope, não lhe confiastes os segredos do doce Virgilio? Rosaes de Pœstum não lhe perfumastes a imaginação com os vossos mais inebriantes aromas? Formosa sombra de Laura, não poisaste junto d'elle á noite a repetir-lhe as ternas canções que

te dedicou Petrarcha? Não collaborastes todos vós, echos das serenatas d'outr'ora, vagos murmurios das noites de estio, intraduziveis canticos das ondas, para formardes esse vosso harmonioso interprete?

Carrer soube conservar-se italiano, tratando o estafadissimo genero de balladas, que os trovadores de todos os paizes vasavam nos moldes que importavam de França. E são as balladas as seus mais primorosas poesias. Fez Orientaes sem copiar Victor Hugo, e no *Sultão*, talvez o seu melhor poemeto, soube dar a esse genero um mimo, um perfume meridional, que nos enlevam e nos encantam.

Todas as suas balladas, *La Vendetta*, *La Sposa del Adriatico*, *Il Moro*, *Stradella* são admiraveis. Esta ultima sobretudo é inexcedivel.

Stradella foi um celebre cantor de igreja, por quem se apaixonou uma mulher, tanto que abandonou casa, parentes, tudo para o seguir. Foi na pista d'elles o pai da fugitiva, escaparam-se-lhe por varias vezez, mas a final caíram-lhe nas mãos. Não quiz elle consentir, apezar do que se passára, no casamento; levou comsigo a filha, que enlouqueceu, e Stradella foi assassinado por homens assalariados.

É este o assumpto historico da ballada. A amante do cantor está na casa paterna, louca, recapitulando a sua tragica aventura. A segunda parte em que descreve o encontro do pai n'uma igreja é admiravel não só pelo tom legendario, mas pelo mimo, pela suavidade, e pela inexcedivel melodia e incanto do estribilho. Escutem duas estrophes, e, ainda que não entendam o italiano, digam-me se lhes não soam aos ouvidos como deliciosa musica.

Suppõe a louca fallar com o amante, que lhe pergunta quem era esse velho que a aterrára.

Caro, non chiedermi
Che il veglio sia;
Ha un nome cognito
All'alma mia;
Ma per esprimerlo
Non ho vigor.
Fuggiamo, involati
Mio dolce amor.

Fuggiam dove offrono
Secura vita
Tra i verdi margini
Baia romita.

E l'ampia Napoli
Col suo romor.
Fuggiamo, involati
Mio dolce amor!

Os estreitos limites d'um artigo de jornal obrigam-me a passar em claro os nomes de Felice Romani, suave auctor da *Norma*, de Grossi o interessante narrador, de Vittorelli cujas anacreonticas são cheias de mimo, de Berchet auctor de deliciosas *romanzas*, de Regaldi o famoso improvisador, que enthusiasmou Lamartine, e de quantos mais! Feliz se estas pobres linhas despertarem a attenção d'alguns dos nossos poetas, e fizerem com que, imitando o exemplo do Sr. Ramos Coelho, esmerado traductor do Tasso, vertam na nossa linguagem, irmã, pela origem e pela melodia, do formoso idioma italiano, algumas das muitas joias d'essa esplendida litteratura.

M. Pinheiro Chagas.

A NOIVA DE MESSINA

EXPOSIÇÃO

D. Isabel Princeza de Messina, fallando aos anciães da Cidade.

D'entre as soturnas salas de meus paços,
Anciãos de Messina venerandos,
Para fallar vos saio,— ante vós outros
O rosto descobrindo, não por grado,
Mas cedendo dos tempos á estreiteza;
Que á viuva convem, que o amado esposo
Perdeu, da sua vida luz e gloria,
No retiro occultar do mundo aos olhos
O dó que arrasta, em negro crepe involta.
Com tudo, omnipotente, inexoravel
Deste momento a voz imperiosa
Á luz, que odeio, me retraz de novo.
—Não duas vezes tem a lua as fazes
Renovado, depois que o regio esposo
Conduzi ao seu ultimo jazigo;
Esse que poderozo aqui mandava
E em cujo braço forte apoio achaveis
Contra o mundo, que hostil vos é d'entorno,
Já não existe mais, senão sua alma,

Que sobrevive em dois heróes valentes,
Filhos illustres, de Messina orgulho.
Cresceram entre vós em brio e forças,
Vós o vistes; mas ainda mal, com elles
D'incognita, fatidica semente,
Odio infausto d'irmãos tambem crescia,
Que a juvenil concordia espedaçando
Medrou feroz na madurez dos annos!
Ah! nunca me alegrei de os ver conformes!
Trouxe-os aos peitos com amor a ambos
Iguaes, entre ambos, partilhei caricias,
Com filial amor sei que me acatam
E neste só querer os vejo unidos:
Não mais sangrentas brigas os separam.
—Certo, em quanto temido o pae vivia,
Com justiça d'igual severidade
Respeito impunha á violencia d'ambos,
E sob um jugo só, mas ferreo, unindo-os,
Os porfiosos animos curvava.
Não devêrão com armas encontrar-se,
Nem pernoitar jamais no mesmo tecto!
Assim, por certo, prevenia o Principe
Com lei sèvera e forte o rompimento
De seus instinctos feros: mas d'essa arte,
Incorrigido, no amago do peito
O odio lhes deixava. Em pouco estima
O possante, obstruir fonte que nasce,
Quando pode á torrente impôr barreiras.
—A consequencia foi que mal os olhos
A morte lhe cerrava, e a mão robusta
Não os conteve mais, o odio antigo
Como fogo d'incendio comprimido,
Em fragoa e chammas se revela. Digo
Cousas, que todos vós testemunhastes:
Desune-se Messina, voz tomando
Por um, por outro; dos irmãos a lucta
Rompeu da natureza os santos laços,
Do individuo ás paixões soltando as redeas.
Oppoz-se o ferro ao ferro; esta cidade,
Convertida n'um campo de batalha,
Té nestés atrios vio correndo o sangue!
—Vistes rotos os vinculos do Estado;
Mas não meu coração que se partia;

E os publicos desastres lamentando,
Sem se vos dar das afflicções maternas,
Estas duras palavras me dissestes:
«Tu ves que de teus filhos a contenda
«A cidade retalha em civis bandos,
«Que de visinhos maos se ve cercada
«E só pela união resiste á força.
—«Tu pois que és sua mãe, vê como aplacas
«De teus filhos o odio encarniçado;
«A nós, homens pacificos, qu'importa
«Que os senhores contendam? Pois devemos
«Per'cer porque teus filhos se mal querem?!
«Tomaremos conselho de nós mesmos
«E a outro senhor havemos dar-nos,
«Que o nosso bem consulta, e havel-o queira.»
—Assim fallastes vós incompassivos,
Cuidando em vós sómente, e em vossos lares
E a publica desgraça arremessastes
Sobre este coração, que a dor materna
E cuidados de mais acabrunhavam.
O qúe não era de esperar—tentei-o!
Espedaçado o coração, lancei-me
Entre esses furiosos,—paz gritando.
Sem receio, sem pauza, sem descanço,
Aperto, insisto, junto d'um e de outro,
Té que á força de supplicas consigo
Accordal-os a que nestas muralhas
De Messina, de seus avós no alcaçar
Não imigos se encontrem rosto a rosto,
Caso novo, depois de morto o Principe.

Tentativa de conciliação. A mãe expõe aos seus dois filhos a impiedade dos seus odios e as vantagens da amizade fraterna.

O que de vós devo esperar? Dizei-o!
Com que animo ou proposta aqui viestes?
Acazo o inflexivel odio antigo
Aos tectos paternaes trazeis de novo;
E fóra destas portas vos espera
A guerra, por momentos subjugada,
A morder tão sanhuda o bronzeo freio,
Que apenas me tenhaes voltado as costas
Haverá com mór furia de soltar-se

Còro (Bohemundo)

Ou paz ou guerra! Ainda as sortes jazem
Baralhadas no seio do futuro!
Isso porém vae decidir-se em breve;
Estamos para tudo aparelhados!

Isabel (*percorrendo com os olhos toda a scena.*)

Que temeroso marcial aspecto!
Estes homens, que querem?—Nestas salas
Dispõe-se uma batalha? ou de que serve
Turba de estranhos, quando a mãe deseja
Abrir o coração ante seus filhos?
Pois até junto a mim mostraes receio
De fallaz trama, de traição perversa
Para com tal resguardo precaver-vos?!
Oh! que esses feros homens que vos seguem,
Ministros de vossa ira arrebatados,
Amigos vos não são; nem julgueis nunca
Que esses taes para-o bem vos aconselhem
Com intenção louvavel. Como podem
Acórdes ser de coração comvosco,
Vós, estranhos, linhagem d'invasores,
Que os expellistes da paterna herança
E firmastes aqui vosso dominio?
Crede-me! Todos amam viver livres,
Segundo as proprias leis. Dominio estranho
A custo se tolera. Só á força,
Por medo só, a sujeição vos rendem,
Que aliás com prazer refuzariam
Conhecei-os por fim quaes sejam falsos
Descaroaveis, com prazer maligno,
Da vossa dita elevação se vingam,
A ruina do senhor, do chefe a queda
É-lhes mote a canções, thema a dizeres,
Que de filhos a netos vão narrando,
Com que os longos serões do inverno encurtam!
—Ó filhos meus! hostil e falso é o mundo,
E mal intencionado! Ama sómente
Cada qual a si proprio. Incertos, frouxos
E variaveis são os laços todos,

Que da fortuna aligera são filhos.
O que o capricho atou, solta o capricho
Leal só natureza! ella somente
Firme repouza em ancoras eternas,
Em quanto sobre as ondas procellosas
Da vida, tudo mais fluctua instavel.
—Amigo a inclinação, socio e proveito
Nos grangeia: feliz porém d'aquelle
Que um irmão deve ao berço! Não lh'o póde
Outorgar a fortuna; tem congenito
O amigo, e duplicado, contra um mundo
D'engano e guerras cheio se abalança!

Côro (Caetano)

Grande é por certo, confessal-o devo,
D'uma rainha o pensamento augusto!
Sobre as acções e agitação dos homens
Sagaz discorre; a nós pelo contrario
Confuso empenho á vida desregrada,
Irreflectidos, cegos nos arrasta.

Isabel (*para* **D. Cezar.**)

Tu, que brandiste contra o irmão a espada.
Olha em torno de ti, olha essa turba;
E dize se ahi vês feições mais nobres?

(*para* **D. Manoel.**)

Entre esses a quem dás de amigo o nome,
Ha quem com teu irmão corra parelhas?
Modello cada qual da sua idade
Nenhum cede, nenhum excede ao outro.
Ousae, emfim de olhar-vos rosto a rosto!
Ó loucura dos zelos e da inveja;
A esse, entre milhares, escolhido
Houveras para amigo; contra o seio
Como ente excepcional o apertarias
E quando a sacrosancta natureza
T'o deu, quando no berço em mimo o achaste,
Tu criminas contra o proprio sangue,
Calcas aos pés seus dons com cego arbitrio,

Para lançar-te d'homens máos nos braços,
Para alliar-te a estranhos, a inimigos!

D. Manoel

Escuta-me, Senhora!

D. Cezar.

Escuta!

D. Isabel.

Basta!

A taes lutas palavras não põem termo.
Aqui o meu e o teu vingança e culpa
Descrimes não consentem. Pois quem póde
Achar o antigo leito da corrente
Sulphurea, que expandio o atroz incendio?
D'um soterraneo fogo temeroso
É tudo pasto. O que não foi queimado
De rescaldos de lava jaz coberto,
E um passo mais que deis vos leva ao abysmo.
—Um pensamento só vos quero n'alma:
O mal que o homem feito irroga ao homem,
Esse mal, quero crê-lo não se esquece,
Não se perdôa facil. Quer o homem
Guardar seu odio, e nenhum tempo muda
O proposito que adopta circunspecto.
Mas de vossas porfias desce á origem,
Á temporã, desrazoada infancia!
Tal época devera desarmar-vos.
As causas prescutae de taes discordias...
Não as sabeis, ou, se atinaes com ellas
Tereis pejo de vãos agastamentos.
E todavia são da infancia as brigas,
Prolongadas em misera cadeia,
Que a taes calamidades nos trouxeram.
Que os feitos máos té hoje acontecidos
São da suspeita e da vingança filhos.
E vós! ainda quereis ir por diante
Com lutas infantis, quando sois homens?

(*Pegando nas maõs a ambos.*)

Eia, pois filhos meus, determinae-vos
A dar por saldas vossas mutuas contas,
Que tambem são reciprocos os aggravos.
Magnanimos, heroicos, esquecei-vos
Da incomportavel, desmarcada affronta.
Nada ha mais sancto que o perdão. Na campa
Lançae de vosso pae antigos odios,
Filhos da juvenil quadra immatura,
E começai de agora um viver novo,
Ao amor, á concordia, á paz votado.

(*Recua um passo como para lhes dar espaço de se aproximarem um do outro. Ambos permanecem de olhos fitos no chão.*)

Côro (Caetano.)

Attentos sede aos maternaes conselhos.
Que em verdade solemnes são seu ditos
Baste-vos isso, e ponde termo á luta;
Ou, se mais vos apraz, prosegui nella;
O que aceito vos for temos por justo,
Vós os senhores sois, nós os vassallos.

Isabel (*Depois de estar calada por algum tempo, e tendo debalde esperado alguma manifestação da parte dos seus filhos, continua com voz suffocada.*)

Não sei mais que dizer. Tenho esgotado
Todo o poder de exhortações e preces.
No tumulo jaz quem vos continha á força,
E eu, vossa mãe, fraca entre vós me sinto.
—Sois livres! conclui. Obedecendo
Ao demonio que cegos vos arrasta
Sem respeito ao altar dos deoses lares
Convertei este paço, onde nascestes,
Em theatro dos mutuos assasinos.
Ante o materno olhar exterminai-vos,
Por vossas proprias mãos, não por estranhas!
Corpo a corpo, como os irmãos thebanos
Enlaçae-vos n'um circulo de ferro.
Lutae em furia ardendo encarniçados.

Trocae vida por vida: vençam ambos
Enterrando o punhal no peito do outro.
Nem sane tal discordia a propria morte,
Antes do fogo a ensanguentada chamma,
Que do funéreo rógo ha de elevar-se,
Em bipartidas lingoas se repillam,
Da vossa morte e vida atroz simulacro.

(Sai. Os dois irmãos permanecem no mesmo apartamento um do outro)

Coro (Caetano.)

São palavras sómente o que ella disse;
Porém palavras taes, que me quebraram
No bronzeo peito a varonil audacia
Eu nunca derramei propinquo sangue,
Puras aos ceos as mãos levanto ainda:
Vós sois irmãos, pensai no resultado.

D. Manoel, o irmão mais velho, revela aos cavalheiros do seu sequito como se encontrou com a mulher que elle escolheu para noiva.

Coro *(Caetano).*

Eu te escuto, senhor, a vez primeira
Do aturado silencio a muda bocca
Dissellando! Com olhos curiosos
Ha já bem tempo que te espreito e sigo,
Raro aventando singular segredo.
Não me atrevi porém a perguntar-te
O que em tão densos véos se me occultava.
Já não te enleva mais da alegre caça
Vivo praser, nem de corseis corridas,
Nem de falcões victoria! mas apenas
Vai-se inclinando o sol sobre o horisonte,
Dos companheiros teus somes-te aos olhos;
Nem ousa algum de nós, com quanto socios
Somos leaes em guerras e caçadas
Na solitaria senda acompanhar-te.
¿Porque as glorias do amor nos recatas te
Tão cioso té hoje? Ao homem forte
Póde alguem a disfarces constrangel-o?
Longe vai o temor d'essa alma grande!

D. Manoel

É alada a fortuna e fugidia,
Se aferrolhado cofre a não protege.
Por custodio o silencio lhe foi dado,
E da indiscreta mão, antes do tempo,
Entre-abre o cofre, rapida se esquiva.
Mas o longo silencio romper quero,
E posso agora, já tão perto do alvo;
Porque ao crastino rosicler da aurora
Ha de ser minha, e do demonio a inveja
Nenhum poder exercerá comigo.
Furtivo, nunca mais hei de encontral-a.
Nunca mais roubarei do amor os fructos,
Nem alegrias colherei de assalto.
O dia d'amanhã será constante,
Ao dia de hoje igual, e a minha dita
Não será qual relampago que fulge
E rapido outra vez se immerge em trevas;
Mas similhante ás aguas de um ribeiro
Ou da areia a correr, marcando as horas.

O Côro

Nomeia-nos, senhor, essa, a quem deves
Ventura tal, que só assim podemos
Glorificar tua invejada escolha,
E, qual nos cumpre, honrar a augusta esposa.
Dize-nos onde a viste? onde se occulta!
Em que fundo retiro impenetravel?
Nós que no afan da caça, ao longe ao largo
A ilha toda, e mal sabidas sendas
Percorremos folgados, não achámos
Signal que o teu segredo revellasse!
Por modo tal, que a mim só me parece
Que um nevoeiro magico a recata.

D. Manoel

Desfaço o encanto! — Á luz do sol se mostre
Quanto era occulto. Vós, ouvide attentos
Meu cazo.— Cinco luas são passadas.

Reinava então meu pai, que á juventude
Com poderosa mão curvava ao jugo
A indomida cerviz. Eu, n'essa quadra,
Só conhecia o trafego das armas
E o passa-tempo bellico da caça.
— Já tinhamos folgado o dia inteiro
Nas selvas da montanha. Eis de repente
Alva corça descubro, não mui longe,
E em quanto a sigo, do tropel me afasto.
Pelas voltas dos valles, por barrancos
Por invios espinhaes e moitas foge
O timido animal, e eu sempre o via
Já quasi, quasi a tiro, e nunca o pude
Nem alcançar, nem tel-o a geito d'alvo:
Até que de um jardim galgando a porta
Sumio-se! — Do cavallo ao chão me atiro,
Vou-lhe no encalço de venab'lo erguido,
E vejo, e pasmo!... A corça espavorida
Jaz de uma freira aos pés inda tremendo,
E a sór com brandas mãos a afaga e anima.
Immobil, d'olhos fitos no portento
O venab'lo nas mãos conservo ainda,
Ameaçador no gesto: ella me encara,
E com pasmados olhos me supplica.
Mudos assim ficamos face a face.
Quão longo espaço foi não sei dizel-o,
Que do tempo a medida me esquecera;
Mas fundo o seu olhar entrou-me-n'alma
E desde então meu coração foi outro.
— O que lhe eu disse a ella, — o que em resposta
A creatura angelica tornou-me,
Não m'o perguntem. No passado a vejo
Como remota clara-escura imagem
De um sonhar infantil. Sobre o meu peito,
Voltando a mim, senti o seu pulsando.
Nisto argentinos sons ouvi d'um sino.
Talvez chamando ao côro, e quão veloces
Dissipam-se no ar sombras ligeiras,
Ella tambem aos olhos meus sumiu-se.

Côro

A tua narração terror me infunde!

Pois sacrilego roubo commetteste?

. . . . . .

D. Manoel

Quanto a mim de seguir só tinha um rumo.
Fixados meus desejos inconstantes,
Do meu viver descortinara o emprego;
Se volta, onde almejado o sol disponta,
E qual para o nascente o peregrino
Buscavam meus desejos e esperanças,
Dos céos aquelle ponto luminoso.
Nenhum dia, depois, se ergueu dos mares
Ou nelles se afundou, que não reunisse
Um par ditoso, e do secreto acordo
Que os nossos corações tomado haviam,
Sómente soube o céo, que tudo enxerga
E viu descreto a tacita ventura.

D. Cesar, o filho mais novo, conta a sua mãe a historia dos seus amores.

D. Cesar

. . . . . Escolha!
Escolha chamas ao poder dos astros,
Que na hora prescripta arrasta o homem
A seu fado cumprir? — Pois busquei noivas!
Não, tão futil idéa não podia
Vir-me aos sentidos na mansão da morte,
E ahi foi que a encontrei, que a vi, que amei-a!
Fôra-me até então indifferente,
Menos presado o femenino sexo,
De fallas vãs, onde eu não via alguma
Egual a ti, que eu, como a Deos, respeito.
— De meu pai nas tristissimas exequias
Deu-se o caso. Na mó do povo envolto,
Com disfarce nas vestes, bem o sabes,
Ambos ao rito funebre assistiamos.

Prudente assim mandaras, porque a chamma
De nossos odios não rompesse irosa,
Do morto as honras ultimas manchando.
— De escuro dó paramentada a nave
Da egreja, estavam telamones vinte
Com tocheiras nas mãos, do altar em roda;
Da eça o cadafalso ante elle erguido
Com negro crepe, de cruz branca em cima:
E sobre o crepe viam-se depostas
O bastão do commando, a real c'rôa,
Aureas esporas, da nobreza insignia,
E a forte espada, diamantino o pomo.
— Religioso silencio dominava!
Eis que invisivel do sublime côro
Começa o orgão de mover-se, e o canto
De cem acordes vozes a elevar-se,
E ainda o canto vibrava.... desce
O esquife, e n'elle o corpo, e lentamente
Baixando vae ao subterraneo mundo.
Cobre porém o mortuario crepe,
Largo tendido o disfarçado ingresso,
E sobre a terra as transitorias galas
Ficam de resto, não seguindo ao morto;
Mas nas azas seraphicas do canto
A alma solta para cima adeja
Da graça o fundo asylo e os céos buscando.
— Minucioso te descrevo tudo,
E trago-t'o á lembrança, porque vejas
Se em tal logar, tal acto, no meu peito
Caber podia um desejar mundano.
E esse momento foi solemne e grave
Que o arbitro elegeu da minha sorte,
E co'um raio de amor tocou minha alma.
Como a achei junto a mim, não m'o perguntes
Nem donde vinha. Sei só que, volvendo
Acaso os olhos, quando a vi contigua
Moveu-me o fundo d'alma um sentimento
Inexplicavel, forte, irresistivel.
Não foi do seu sorriso o feiticeiro
Encanto, nem as graças que de entorno
Ás feições lhe adejavam, nem o garbo
Do porte airoso. Do seu ser foi antes
A mais ima porção, a mais secreta

Que sujeitou-me com poder celeste
Com magia indisivel. Nossas almas
Como que se tocavam, — sem palavras
Communicavam-se entre si, voando
D'uma a outra no ar que respiravamos.
Era-me estranha e intima comtudo.
Então, distincto ouvi dentro em minha alma:
«É esta, ou ninguem mais será na terra.»

A. Gonçalves Dias.

CHRONICA DO MEZ

onta-se que um poderoso monarcha de outros tempos, amigo das lettras e protector das artes, tivera a fantasia de empreender uma longa viagem nos seus estados. Não querendo pôr ponto a suas leituras, e receiando difficultar o passeio se levasse a bibliotheca toda, incumbiu alguns sabios de lhe fazerem n'aquellas mil producções do espirito humano uma escolha esclarecida e prudente, uma escrupulosa analyse que lhe permittisse levar apenas a essencia de todas as obras que possuia. Pozeram-se a trabalhar n'isso os litteratos, compulsando e esquadrinhando livro por livro e acabaram por levar ao monarcha um folheto; e o mais é que o folheto, esse mesmo folheto, ia com as paginas em branco!... Supponha o leitor que é o monarcha amante das lettras e protector das artes, considere este mez de Janeiro como a sua bibliotheca, e faça de conta que eu sou sabio;—percebe já a parabola?

Para proteger a chronica do seu proprio jornal, o sr. Biester que presentiu que eu poderia d'esta vez morrer á mingua, deu um drama novo, no theatro normal. Os chronistas da capital estavam já como os naufragos da fragata *Meduza*, expirando de fome e sêde, quando avistaram no horisonte esta vela providencial, que vae salvar-me na *Revista Contemporanea* como já me salvou na *Revolução de Setembro*.

O amigo leitor nunca foi calumniado? Realmente! Então, é que

ainda não fizeram reparo em si. Não vê que ha sempre um fuão que engorda de emagrecer os outros, que vae correndo por essas ruas, á chuva e á lama, e pára ás esquinas, e espreita ás portas, e escuta o que as pessoas dizem entre si, e gira uma manhã inteira ou põe-se de sentinella ao desembocar d'uma travessa,—em procura de algum escandalo para o fazer estalar como uma bomba nas costas de alguem! Scisma, escogita, dá tratos á cachimonia, sem apanhar uma idéa: olha para o tecto, nada: põe-se de murro fechado para a abobeda celeste, e a inspiração sem descer. Torna a ir para a rua, vagabundear nas praças, correr, escutar, planear. Precisa provar que os homens de bem são uns tratantes, que os homens de talento são uns tolos, lisongeando por esta maneira a vaidade dos patetas e a credulidade dos ignorantes. Injuriar os que valem, é defender a causa da immorredoura raça dos biltres, que desejariam que se lavrasse decreto d'este systema de bestealismo nacional!

Que tolo, vejam que toleirão não foi o Plutarco, cujo pensamento unico ao escrever a biographia dos homens illustres era o de compor o livro de nobresa da humanidade! Pois não vale muito mais a pena a tratar de os deshonrar por mexericos, diffamações, calumnias? É o officio que rende mais. Ronda o sujeito toda a noite por becos e azinhagas suspeitas, e depois apresenta descaradamente ao publico a colheita immunda. Olhem para dentro do sacco dos documentos, se não teem nojo; que confusão, que sujidade... Que trapeiros... sem lanterna!

A calumnia é velha, velha e rija infelizmente, e D. Basilio no tom chistoso explica bem as vantagens de tal prenda ao tio de Rosina. A calumnia! Um rumorsinho, ao principio, escorregando-se pelo chão como uma andorinha antes do temporal, murmurando brandamente, esquivando-se, e atirando na corrida o dardo. Lá ha sempre alguem que repara n'isto, e repete depois devagarinho ao ouvido de outra pessoa. Está feito o mal, e germina, e rasteja, e anda, e, engrossando de bocca em bocca, leva-se que é o diabo. Depois, de repente, sem saber como, vê-se a calumnia levantar-se, assoviar, inchar, crescer, a olhos vistos; estende o vôo, redomoinha, embrulha, arranca, arrastra, estala, troveja, e torna-se n'um grito geral, n'um *crescendo* publico, n'um côro universal que por toda a parte eccôa, e o infeliz calumniado, aviltado, opprimido, cae debaixo do peso de geral indignação. Tudo isso é bom! Tudo isso é bom, diz Bartholo; e, se elle vivesse hoje, diria: Isso é o que ha de melhor! Toca a deshonrar, toca a desacreditar, toca a perder, vamos a fazer da gente limpa uma enxovia, e sejamos o guarda em vez de sermos o grilheta!

O sr. Biester viu n'isto um drama e escreveu-o; um drama em

cinco actos... de coragem. Cartas na mesa, olhar firme, e jogo franco; nunca houve duello com peiores adversarios nem com inimigos mais traiçoeiros; expôr-se muito, para vencer melhor: se os homens de bem estão em minoria, pobre dramaturgo, com quem has de contar?

Não se offende n'esta peça a imprensa; açoitam-se os falsos sacerdotes, os impostores que prégam uma doutrina, uma religião, não por convicção nem por fé mas com o simples fim de exercerem uma profissão ganhando dinheiro, e os traficantes de prosa ignara, que allagam jornaes villões com artigos, para desacreditarem alguem e especularem com a honra e a bolsa.

Misero, deploravel officio, de prejudicar, desacreditar, diffamar, ser moço e não ter brio, coxear por gosto, ser rachitico por sua livre vontade, doente e livido, Erostrato sem talento, recreando-se em queimar todos os templos e atirar lama a todas as estatuas, preferindo viver n'um mundo á parte por não achar logar na sociedade, mundo escuro e sujo que corrompe qualquer n'um momento,—porque a moral não admitte distincção; ha uma linha mathematica que a separa da immoralidade; onde começa uma acaba a outra. E é o que faz com que até o espirito deixe logo de ser independente, e ande tudo sujeito a uma senha «nós e os nossos.» Se algum de melhor organisação quer luctar contra a corrente e recusa affogar-se, agarram-o, cercam-o, accommettem-o para mergulharem o luctador audacioso, ajudando em compensação os que trilham aquella mesma estrada, e applaudindo os que os acceitam, porque saudando o triumphador saudam-se a si proprios!

O sr. Biester tem entre outras a inquestionavel vantagem como auctor dramatico de tentar um caminho novo, e em vez de procurar unicamente uma situação e edificar n'aquelle terreno um enredo que se componha de um certo numero de effeitos, prefere fazer um drama com sentimentos, paixões ou vicios. É mais difficil, mais difficil cem vezes este systema, porque, de pouca algebra que disponha um homem, sempre prevê, dando se certo numero de combinações, a quantos arranjos se póde chegar sem erro!

Uma peça do theor adoptado precisa principiar por um namoro e acabar por um casamento; explicar as entradas e as saidas, como se Sancho devesse sempre entrar fatalmente quando Martinho saisse; arranjar um nó, uma chave. um centro; se o centro, a chave, o nó, são uma idéa e não um facto, já o caso não vae bem. Um sentimento, uma paixão... Peior! Um nada é o que deve ser, um acaso, uma cicatriz no braço esquerdo, uma medalha ao pescoço, para lhe andarem á roda durante tres actos ou cinco todos os personagens!

Chega-se por este meio a um resultado agradavel, que dá pouco trabalho, e que significa um triumpho. Mas é triste, porque exclúe a originalidade, a phantasia, a inspiração, a observação, a critica, e é esse exactamente o grande fim da arte dramatica, que se resume n'uma só palavra: moralisar. Algúns teem querido que o theatro não seja mais de que um recreio para o espirito, simples divertimento; outros, que elle seja uma lição. Os primeiros, auxiliando-se pela sua theoria, teem seguido o romantismo puro, a arte pela arte, e teem caido muitas vezes no absurdo; os outros teem feito o drama historico e o drama de ensino, mas a maior parte do nosso publico, que perdeu as tradições das coisas boas e bellas, tem bocejado escutando-os: os *Homens do mar*, do sr. Cesar de Lacerda, levaram a melhor a *Egas Moniz*, do sr. Mendes Leal.

Na composição do novo drama do sr. Biester sente-se de alguma fórma ás vezes a pressa com que este dramaturgo infatigavel confecciona as suas peças. Os typos que figuram n'esta obra lucrariam talvez em serem mais cuidados; o ministro parece-me insignificante; o Desgenais, que moralisa tudo e vive a dar sentenças, já não seduz no theatro e tornou-se insipido á força de apparecer sob todas as fórmas como satirista e sentencioso official de todo o drama que se respeita, muito mais n'uma peça da indole da dos *Diffamadores* em que o verdadeiro Desgenais é o publico; e os tratantes podiam talvez recorrer a expedientes que fizessem com que a fabula interesse tanto pelo engenho da acção como pela utilidade do thema.

Isto não impede o drama de ter notaveis bellezas, o primeiro acto, que é uma elegante exposição, o segundo e terceiro que tem situações de interesse, e o final que é engenhoso e vivo. Apontemos ainda o tom de boa sociedade, que respira de muitas scenas; e louvemos o pensamento geral da peça, pensamento que é um serviço á moralidade e aos costumes d'esta época: são estes os dotes mais valiosos d'esta applaudida composição.

A peça subiu pela primeira vez á scena na noite do beneficio de Tasso; Tasso é mais do que um actor popular, é o actor de toda a gente, povo e senado; o senado deu-lhe corôas e ramos, o povo palmas e lagrimas: teve tudo. No desempenho do seu papel, muita dignidade e sentimento, suffocados ás vezes pela commoção da noite. — Santos teve no 2.º acto uma scena admiravel, Manuela Rey representou o seu papel com a galanteria que a acompanha em tudo, Emilia Adelaide declamou com a melhor intelligencia, Marcolino caracterisou excellentemente o seu personagem, e no papel de ministro um áctor que se estreou, o sr. Polla, revelou grandes condições para a scena, muita distincção no porte e no dizer.

O Gymnasio durante todo o mez não arriscou a mais leve novi-

dade,—a não ser uma explosão de gaz que lhe atirou pelos ares as vidraças e as portas.

Em S. Carlos cantou-se a *Nina* de Coppola, com trechos novos; a execução coube a madame Borghi-Mamo, Squarcia, Stagno, e Topai. Madame Borghi alcançou n'esta opera o mais difficil dos seus triumphos de artista; transformou-a o poder mysterioso do talento na timida e innocente ingenua, que o amor enlouquecera, e imprimiu ao typo da heroina o caracter simples e suave que lhe compete; como cantora foi o que é sempre, prodigiosa. — Stagno mostrou-se n'esta opera extremamente mediocre; nem voz nem alma. —Squarcia cantou com o maior primor a sua parte, — e Topai, estreando-se quasi no fim da época, nem appareceu fóra de proposito nem deu pena de chegar tão tarde. Coppola foi chamado ao proscenio entre applausos; não se compreende que a alma inspirada que cantou as melodias de *Nina* nunca mais segredasse á arte as suas inspirações; *Nina* é um verdadeiro cantico d'amor, espontaneo, original, suavissimo, e ao mesmo tempo uma musica em que os conhecedores admiram grandes perfeições: em todo o caso a opera de Coppola tem um grande defeito para o publico de Lisboa, — o auctor está cá; entre nós estima-se apenas o que vem de longe!

Publicou-se em nova edição a *Noite do Castello*, e *Os Ciumes de bardo*, poemas do sr. Antonio Feleciano de Castilho, formando um só volume. Uma d'estas noites relli os *Ciumes do bardo*, que só conhecem hoje os homens de quarenta annos, e que a geração nova deveria saber de cór porque é o poema por excellencia da gente que ama e soffre. Que vigor, que verdade de paixão, que exaltação sublime, que poesia admiravel de genio, que pintura prodigiosa das torturas do ciume, que revelação dos segredos, agonias, sensualidades, furia e martyrio do amor-paixão, que se extorce, que se abrasa em zelos!

Pescador, quando a lua descobriu
saiam do seu lar, vinham cobertos
de suor e rubor. Quando esta nuvem
cobriu a lua, entravam no arvoredo.
Agora, entre arguições, desculpas, beijos,
raspam do olmeiro os versos, as promessas,
as cifras qu'entalhavamos; não querem
testemunhas incommodas. Oh! louca
Onde irás tu, que o meu amor não vejas!
Se pódes tanto, da memoria risca
a infancia, a mocidade, e ficas solta!

Ha nos gritos do poeta alguma coisa do rugir de Shakspeare;

nas imprecações contra a mulher, nas apostrophes ao velho barqueiro, que vehemencia febril, que devastadora ancia! Sente-se a desgraça em todo aquelle cantico, a desgraça irremediavel, que, como um espirito das trevas converte a natureza n'um deserto, onde só espinhos, onde só cardos brotem; é tudo escuro, aziago, e triste; os anjos trajam lucto e pèrdem ainda mais com o seu halito o grosseiro ar que atravessam; as flores cobrem-se de lagrimas, e murcham; nenhuma esperança, nenhuma consolação, nenhum perfume; fecha-se o coração á piedade, á confiança, a todas as virtudes que tenham feição de ternura; ha um veu que não deixa ver o ceu; tudo é queda e ruina; acabou a lealdade, a franqueza, a crença, a admiração; fica a vida pela metade; vem a dôr, como a serpente, enlaçar o mundo, infectando, silvando, e repartindo um thesouro de venenos que se espalha pelas veias todas! É o ciume, oh! é o ciume que entra no coração para o matar, ou, quando muito, para morrer n'elle deixando-o reduzido a um tumulo, pedra lançada sobre o cadaver de um sapo!

Seria perfeitamente ridiculo recommendar esta nova publicação do sr. Castilho e insistir sobre os titulos do auctor, — a mais alta figura da poesia em Portugal, homem de lettras exclusivamente, todo entregue á sua arte, que, sem emphase o podemos dizer, é para elle uma religião, não querendo, não havendo querido nunca converter a musa em allianças vulgares; poeta simplesmente, mas poeta irmão de Victor Hugo!

A escola academica fez a distribuição dos premios no dia 8, alcançando o director de Suas Magestades a graça de assistirem a este acto. Houve grande numero de convites, e a festa correu com a maior solemnidade. Não resisto a contar-lhes, como m'o contaram a mim, um dos ditos da funcção; não ha funcção sem bons ditos. Estavam adeante do amigo que m'o referiu duas excellentes mães de meninos premiados. A alegria tornava-as expansivas, e as duas senhoras — que decerto se viam pela primeira vez — communicavam entre si a mais de meia voz as fagueiras esperanças de suas almas maternaes. Mostravam uma á outra os filhos, com aquella vaidade de mãe que vê sempre os seus por um prisma côr de rosa:

—O meu Jacintho, dizia uma d'ellas, é aquelle loirinho, delicadinho, de occulos, ali á esquerda, vê?

—Pobre menino! diz a outra. Já de occulos n'esta edade!

—Oh! retruca a mãe com desvanecimento, não é por ter a vista curta; o meu Jacintinho vê que é um gosto! mas o pae, considerando quanto este collegio progride, destina-o ao professorado e quer habitual-o desde pequeno a usar d'occulos.

—Ah!...

Falla-se de uma comedia nova do sr. Mendes Leal em que o poeta Bocage seja uma das principaes figuras; continua a dizer-se que ainda este anno se cantará o *Fausto* em S. Carlos; e annunciam-se bailes de mascaras n'este theatro e no normal—tudo isto são noticias... para o mez que vem, mas não tenho d'outras. Havia um cirurgião d'aldeia, que comprára havia mezes uma porção de trigo a um saloio, e que reclamando-lhe este a paga não encontrava meio de o satisfazer. O saloio berrava:

—Em todo este tempo o sr. não podia arranjar o dinheiro?

—Não poude, não posso; não o tenho!

—Não o tem, é boa! Dê para cá o trigo!

—Já está comido!

—Então dê cá um traste, seja o que fôr...

—Não tenho nada!

—Então, com a bréca... Deite-me bichas!

Eu estou assim para com o mez; chegára a querer que me fizesse uma pirraça qualquer... para eu ao menos me pagar na chronica; mas nem isso; atravez do temporal constante em que tem ido estes trinta dias não me desabou siquer uma arvore aos pés, nem a cheia me fez correr perigo, nem o vento arrancou uma das paredes do meu gabinete...

A fortuna porém que não desampara completamente os chronistas, á ultima hora mesmo, dá-me uma grande representação de cães e macacos intelligentes no circo Price. Estes mesmos macacos e estes mesmos cães haviam tentado já reunir sociedade no Campo de Sant'Anna; mas o vento, a chuva, a tormenta, conspiraram-se contra elles, como contra o amor de Anacreonte, e os pobres animaesinhos vieram pedir agazalho no circo de Price; infelizmente o chicote do director aqueceu-os mais do que a concorrencia do publico na noite do seu primeiro espectaculo.

A companhia é immensa, e os exercicios variadissimos; ha trababalhos de equitação, ha scenas comicas, ha cães amestrados na alta escola, macacos serios, macacos tragicos, macacos comicos. N'um dos intervallos, dois acrobatas executaram uns exercicios gymnasticos; o publico, que não estava prevenido para esta confusão de artistas, ia-os tomando tambem por dois macacos grandes, e principiava a extasiar-se da enormidade de sua configuração, quando lhe chegaram ao espirito gravissimas appreensões de que eram homens; isto abrandou o enthusiasmo que ia acolhel-os, se fossem macacos. O macaco no nosso paiz goza de muita estima. A humanidade, bem considerada, divide-se em cães e macacos; os bons, os tolos, são cães; os maus, os espertos, são macacos. O cão é o amigo da casa, mas o macaco é ainda mais, é cidadão na casa, ao passo que o cão

é simples escravo. O macaco não reconhece senhor, põe-se á vontade, namora a esposa do dono, e deita-se ás creadas. Quem dá n'um cão aprende a desprezar os seus semelhantes; quem dá n'um macaco aprende a respeital-os, porque o macaco deita-se-lhe ás goelas. Os abolicionistas podem trovejar quanto quizerem contra a escravatura; emquanto houver cães, haverá escravos. Chamam-lhe amigo do homem! Mas, se lambe os pés ao amo que o maltrata, não vejam n'isso o symbolo da amisade mas o do martyrio; e principalmente não invoquem o nome d'esse animal sympathico para o converterem n'uma injuria, não o appliquem á peor das raças, á mais temivel, á mais repellente, á mais feia de todas as raças de animaes, —aos crédores! Chamem macacos aos crédores, isso sim; mas, não lhe chamem *cães*. Abaixo, abaixo essa figura de rhetorica, que póde não offender os crédores, mas que offende os cães!

JULIO CESAR MACHADO.

A. López de Mendoza.

Est.d d'Ed.ad Rouat R.d de l'Ex.o

A. P. LOPES DE MENDONÇA

I

Os grandes da intelligencia são tambem muitas vezes os grandes do infortunio. Quem diz realeza diz martyrio, quem diz diadema subentende espinhos. Que distancia vai da purpura ao sudario, de Genezareth ao Golgotha, de Austerlitz a Santa Helena? O raio salteia as eminencias e abrasa os cedros gigantes. A onda espadana furiosa nos alterosos rochedos. A pythonisa feroz, de pé no tripode sagrado, pedia só victimas illustres. Na immensidade dos mares é que é medonha a procella, na solemne vastidão do deserto é que o vendaval assusta. Todas as superioridades se expiam, e os abutres da desgraça estão promptos sempre a cravarem as garras nos membros palpitantes de todos os Prometheus.

Terrivel dom o do genio, funesto fulgor o da intelligencia! O manto esplendido, que deslumbra as multidões, é para esses semi-deuses a tunica de Nessus! Felizes ao menos, se como o Alcides da mythologia, podessem subir á pyra fatal, furtando-se ás dôres da terra, e despregando o vôo para as serenas regiões da eternidade! Não podem, e passam no mundo, tremendos exemplos da omnipotencia de Deus, que, no cerebro humano, lampada vulgar, accende a seu bel-prazer a chamma fulgida do genio, e a apaga depois com um sopro, deixando reinar as trevas onde esplendia a luz, transfigurando no estygma do idiotismo a auréola da intelligencia, que circumdava as frontes sublimes dos grandes homens.

A justiça divina, nos seus insondaveis mysterios, dá muitas vezes ao mundo estas grandes lições, para que os favores, que lhe concede a sua mão liberal, não encham a humanidade de um temerario orgulho.

Ergue do nada Bonaparte, eleva-o ao fastigio da grandeza, curva a seus pés a Europa, acorrenta a victoria ás azas das suas aguias triumphantes, resguarda-o nos pantanos d'Arcola da chuva de metralha que podia rasgar as paginas ainda brancas, onde tinha de se inscrever a gloriosa epopéa do primeiro imperio, manda aos seus anjos que purifiquem em torno d'elle o ambiente pestifero de Jaffa, esconde em mysteriosa nuvem a fragata que o leva á Europa, e que atravessa incolume a frota ingleza que inunda o Mediterraneo, guia-o por sua mão entre as neves do S. Bernardo; no broquel invisivel, com que o antepara, estalam inoffensivas as bombas de Cadoudal, resvala o punhal do estudante austriaco, tudo lhe concede com mão prodiga, realisa-lhe os mais audazes devaneios, satisfaz-lhe os caprichos mais loucos, depois desvia d'elle a vista, e o edificio colossal da sua prosperidade desaba com tremendo fragor, rola-lhe por terra desfeito o diadema imperial, desmorona-se o throno do novo Carlos Magno, e os solios que viviam á sua sombra desconjuntam-se tambem, como as heras baqueiam quando o raio fulmina o roble.

A aguia, que avassallára o mundo tem por unico e derradeiro refugio o ninho de fragas de Santa Helena!

A este o quasi omnipotente, fere-o Deus no seu immenso poderio. Lança-lhe aos hombros todos os arminhos, cinge-lhe a fronte com todos os diademas, junca-lhe a estrada com todos os laureis, abre-lhe de par em par as portas de todos os capitolios, e abrasa depois com o fogo da sua colera esta nova Babel de prosperidades que ia já quasi a topetar com os céus,

e pérolas de diademas, grinaldas de victoria, arcos de triumphos, tudo se desfaz em fumo, symbolo tremendo do nada das humanas glorias!

Será mais feliz a opulencia, e se as summidades do poder chamam a procella, ficarão sempre de pé os montes d'ouro, onde campeiam, invejados por todos, os ricos dos bens do mundo? A mão que abençôa as colheitas de Job tambem lhe mostra quanto é impotente a humanidade, quando o Senhor Deus deixa de velar por ella. Se o poderoso baqueia do solio no exilio, o opulento póde n'um instante descer das salas faustosas do seu palacio oriental ao immundo esterquilinio, onde se revolve o leproso. O poder e a riqueza, da mesma fórma que a vida, são bens que os céus nos emprestam, para fazermos d'elles um uso bom, e que nos pedem de novo quando resolvem dar ao mundo o exemplo atterrador da sua omnipotencia. Attentai bem em Santa Helena, poderosos que vos deixais desvairar pela vertigem das alturas, léde o poema de Job, opulentos que vos enlevais na insensata contemplação das vossas riquezas!

O talento, o dom mais sublime que Deus concede aos homens, raio de luz que o Omnipotente desprende da sua corôa para illuminar com elle a fronte dos seus eleitos, alavanca d'Archimedes com que se agita o mundo, varinha de condão que doma os corações, que faz brotar lagrimas, enthusiasmo das almas sobre que actúa, não está por isso ao abrigo da colera divina. A mão que parte os sceptros, que dissipa as riquezas, pode tocar tambem n'essas frontes sublimes, e deixar o vacuo no sitio, onde se atropellava um mundo de idéas grandiosas.

Quem não se lembra, entre nós, do homem cuja delicada intelligencia, cuja fina critica sabia discriminar tão bem o oiro bom das minas litterarias que revolvia, cujo gracioso espirito pairava com tão brancas azas nas regiões serenas do ideal, cuja penna era habil cinzel que lavrava e torneava as frases, que desbastava o marmore compacto da prosa, e o fazia desentranhar-se em prodigiosos rendilhados, que pareciam ser até ahi o privilegio exclusivo da poesia?

Quem se não lembra do mimoso folhetinista, que transformava os periodos em estrophes harmoniosas, que lhes dava os encantos da musica. que os animava com o sopro da melodia?

E onde está hoje o predilecto dos leitores, o Benvenuto Cellini da palavra, o artista do folhetim, o idolo das salas, o fundador entre nós da litteratura ligeira? Onde se encontra esse vulto sympathico? Caminhou de triumpho em triumpho, e des-

cança agora á sombra dos loiros conquistados? Guia com os seus conselhos, pelos caminhos que trilhou primeiro, os que lhe seguiram os passos? Escuta com justificado orgulho o preludio dos elogios da posteridade?

Contempla serenamente no horisonte o tumulo que se lhe illumina com os resplendores da gloria? Enleva-se ainda com os encantos das melodias, adora o bello, o ideal, investiga com a luz do seu talento as trevas da historia, desenhar algum vulto na tela do romance e prepara-se a adornal-o com o colorido magico da sua palheta?»

Batei á porta do ergastulo da loucura, e alli vereis, apagada a luz da intelligencia, extincto de todo esse delicado talento, cadaver que o sol da vida ainda aquece, alma que jaz em trevas, o gracioso folhetinista, o escriptor elegante, Lopes de Mendonça emfim!

II

Quando os pendões da nova litteratura se despregaram em Portugal, sustidos pelas mãos vigorosas de Castilho, Herculano, e Garrett, todos os talentos correram pressurosos a alistar-se nas fileiras romanticas, e tomaram o posto para onde os impellia a sua vocação. A poesia, o drama, o romance contaram os seus campeões, em maior ou menor numero, mais ou menos habeis, mais ou menos denodados, só o folhetim, genero de litteratura completamente novo, parecia não dever enraizar-se em Portugal. Lopes de Mendonça, luctando então com os infortunios que lhe escureceram a manhã da vida, e que como que lhe presagiaram os horrores do anoitecer, não revelára o seu talento, fadado expressamente para colher viçosos louros n'este campo ainda virgem. Não tardou elle a mostrar-se, e a fazer presentir nos seus ensaios balbuciantes a encantadora magia de estylo, que havia de dar tanta gloria ao mimoso auctor das *Recordações d'Italia*.

Qual era a indole do folhetim, d'esse genero essencialmente francez, que toda a Europa devia depois adoptar com enthusiasmo? Era a indole da borboleta. É velha, mas sempre boa esta comparação. O folhetim devia esvoaçar por todos os assumptos, devia ter as azas matizadas, devia poisar em todas as flores, deter-se algumas vezes em suave contemplação, seguir as leis do seu capricho, divagar por todos os meandros que se lhe offerecessem, comtanto que não saisse do jardim delicado e aprasivel onde lhe cumpria espanejar-se.

Se combatesse, não devia servir-se do ferrão da abelha, mas sim do bater d'aza da mariposa, que derruba o insecto que a importuna. As senhoras deviam ser os seus Mecenas, as salas o seu Capitolio. Que talento, mais do que o de Lopes de Mendonça, podia comprehender este genero, e conquistar n'elle uma indisputavel superioridade?

Outr'ora quando era limitadissimo o circulo dos que se deliciavam com os prazeres do espirito, reuniam-se os poetas, os escriptores, os cortezãos nos salões das mulheres illustres, e alli, em torno do fogão ou em torno da meza, começavam essas interminaveis *causeries* scintillantes de chiste, de mimo, de finura que tanto contribuiram para dar uma gloria incantadora a um seculo, fecundo aliás em tantas scenas repugnantes, como foi o seculo passado. Foi alli, n'essa doce e perfumada atmosphera, á luz esplendida dos lustres e ao fulgor ainda mais vivificante e radiante dos lindos olhos das marquezas, que nasceu essa entidade graciosa que actualmente se chama folhetim.

Transportemo-nos em imaginação a uma d'essas salas aristocraticas, assistâmos a uma d'essas reuniões familiares. Recostam-se languidamente nos macios sophás m.mes de Grammont, de Choiseul, de Racné, d'Amblimont. As ondas de luz, que fluctuam no salão, dão um realce incantador ás suas mimosas physionomias. Ao agitarem levemente a cabeça expandem em torno de si uma nuvem de pós odoriferos, que perfuma o ambiente. Adivinha-se o pésinho delicioso por baixo das sedas roçagantes. Os jovens cortezãos imprevidentes do futuro encostam-se graciosamente ao espaldar das cadeiras, e deixam-se deslumbrar pelos raios que emanam das aveludadas pupillas das senhoras. Acabou talvez de saír Bernardin de Saint-Pierre, depois de ter lido alguns capitulos do seu *Paulo e Virginia*, ou foi talvez Marmontel quem declamou a assucarada prosa dos seus *Incas*. Chamfort o elegante Chamfort, o gentil e espirituoso auctor do *Marchand de Smyrne* prende as attenções de todos. A sua palavra fluente, viva, animada, colorida insinua-se agradavelmente no ouvido das senhoras, que o escutam enlevadas, entretem os homens que o ouvem sorrindo-se, que o acham frivolo talvez; mas que se temem da sua veia sarcastica. E Chamfort entretanto narra elegantemente uma anedocta da côrte, flagella com um dito de bom gosto os periodos do auctor do *Belisario*, ou exprime com animação as impressões, que produziu sobre elle o commovente drama dos dois ingenuos namorados da ilha de França.

É possivel tambem, porque a veia de Chamfort é irmã da de

Beaumarchais, e o *Marchand de Smyrne* é da familia do *Mariage de Figaro*, é possivel que o elegante conversador, a quem a moda tudo permitte, aventure alguma observação chistosa que faça vacillar e tremer nas suas bases o edificio do antigo regimen com applauso (ó cegueira!) dos seus habitantes. O rei da conversação tudo póde, o colorido pittoresco da sua palavra é-lhe sempre egide para tudo. E, no vivo movimento da conversação, poisa, em todos os assumptos, agrada, incanta, extasia. Sabe sêr frivolo na apparencia, profundo na essencia, difficuldade, que não percebem os que são verdadeiramente superficiaes, os que tudo avaliam pelas fórmas exteriores.

Pois ahi tendes o folhetim, o folhetim oral perfeitamente definido, tal como deve sêr para que se lhe conceda um logar de honra entre os differentes generos de litteratura.

Depois, no seculo actual, a illustração invadiu todas as classes, e todos quizeram saborear estas apreciações rapidas, este tiroteio ligeiro, mas que nem por isso deixa de acertar no alvo. O folhetim substituiu a conversação, não deixando por isso de exigir todas as qualidades necessarias outr'ora, quando tinha ouvintes em vez de leitores.

Lopes de Mendonça, cuja excessiva timidez o tornaria completamente improprio para os triumphos de sala, achou-se á vontade logo que póde, no seu tranquillo gabinete, conversar por intermedio da imprensa, com a multidão dos seus enthusiastas. Adquiriu rapidamente a aura, que lhe competia, e o seu nome teve a popularidade, que ainda conserva, apesar do seu desapparecimento da scena da sua gloria, e da proverbial ingratidão do publico.

III

Haverá escriptores de linguagem mais correcta do que a de Lopes de Mendonça, poucos haverá que tenham mais correcção de estylo. Estas duas palavras *linguagem* e *estylo* andam ahi por tal fórma barulhadas, que o periodo antecedente necessita de uma explicação. Consiste a correcção da linguagem na vernaculidade irreprehensivel, na puresa de locução, na proscripção cuidadosa de termos estrangeirados, na escrupulosa obediencia ás regras da grammatica. A correcção do estylo consiste na nobreza da phrase, na formação elegante do periodo, no cuidadoso desbastar de repetições, de battologias, e de outros defeitos que ferem desagradavelmente o ouvido. N'este ponto são modêlos os folhetins e os livros de Lopes de Mendonça.

Ninguem melhor do que elle sabia conservar a fluencia e

nitidez da phrase no meio do luxuriante desabrochar das flores da sua imaginação. O colorido não prejudicava a firmeza do traço, as tentações da phantasia não lhe faziam perder nunca a serena lucidez dos periodos. As imagens e as idéas jorravam-lhe em tropel da mente, mas ordenavam-se e tomavam o seu logar de maneira que formassem um conjuncto harmonioso.

Nas *Recordações da Italia*, que são, em quanto a mim, a sua obra prima, póde-se avaliar bem esta qualidade caracteristica do seu talento. Entrega-se alli a todos os caprichos da sua veia folhetinistica, deixa ir a penna aonde a chama o seu espirito enthusiasta, mas conserva n'este apparente desleixo a immaculada pureza do estylo, a luminosa transparencia da phrase. Aquelle livro é como um d'esses formosos jardins italianos, que desenrolam as suas magnificencias ao limpido fulgor do sol meridional. Delicia-se a vista com a variada perspectiva; as marmoreas escadarias ostentam os primores d'arte das estatuas que as adornam; além os cysnes cruzam, em alvejante flotilha, as aguas tranquillas dos lagos; n'esse crystallino espelho miram-se, entre encantadas e esquivas, as nymphas que fez brotar o voluptuoso cinzel dos esculptores; mais adiante estende-se um taboleiro de aveludada relva; uma alameda frondosa offerece aos amores o seu mysterioso asylo; ri um fauno coroado de hera no verde recanto em que se esconde, mas sobre tudo isto resplende a luz do sol, desenrola-se o docel azul do firmamento, tudo se doira com o mesmo fulgor, e o passeiante, ao percorrer esses jardins encantados, sente a doce impressão, que produz sempre a formosura esplendida, mas harmonica.

Não se imagine por isso que as *Recordações da Italia* pertencem a essa classe de livros fastidiosos, cheios de empolada correcção, que faziam as delicias dos leitores do seculo passado. Entre a impertigada pompa dos periodos academicos e a elegante opulencia da prosa de Lopes de Mendonça ha um mundo. A pautada symetria dos jardins de Versailles, que se salva apenas pela magnitude e magnificencia, mas que, reproduzindo-se muitas vezes, causa por força tédio, nada tem de commum com a graciosa harmonia das *villas* italianas, onde a vista se não cança de contemplar as maravilhas a cada passo renascentes. Que tem que ver o prosaico alinhamento das nossas cidades modernas com o elegante e harmonioso capricho das ruas d'Athenas, ou do Forum romano? E comtudo a desordem repugnaria ao delicado gosto da antiguidade, ainda mesmo que essa desordem fosse o delirio do genio.

O seculo actual, que em questões d'arte não tem gosto pro-

prio, extasia-se igualmente perante os correctos prodigios do Parthénon, e perante o louco espanejar de maravilhas, que fórma a indole principal da architectura da idade média: Sétinus e Affonso Domingues têem direito igual á nossa admiração. As brancas estatuas que o cinzel de Phidias fez brotar do marmore pentelico, as flores, os anjos, os demonios que a imaginação ascetica de algum monge esculptor bordou em mil rendilhados e lavores na tela sombria das igrejas gothicas, as columnas corinthias com o gracioso acantho, os columnellos arabes com os seus frizos e laçarias produzem sobre nós igual impressão extatica. A poesia contemporanea, como a hera das ruinas, enlaça-se igualmente nos porticos derrocados de Roma, e na quebrada ogiva das abbadias allemãs. A critica enthusiastica da actualidade procura, como a scismadora luz do astro das noites, dar igual realce ás columnas troncadas de Palmyra, e ás vetustas muralhas do castello feudal. Mas felizmente tem o bom gosto de se não extasiar nem perante a bruta fachada do convento de Mafra, nem perante o disciplinado alinhamento dos *boulevards* novos de Pariz.

O talento de Lopes de Mendonça não se deixava tentar pelas seducções do estylo gothico (permitta-se-nos o termo) de que a inexhaurivel imaginação de Victor Hugo se tem servido para nos doar monumentos, d'onde saímos pallidos e extenuados, como se tivessemos contemplado minuciosamente as maravilhosas naves de Colonia, ou de Strasburgo. Este genero de estylo, que, applicado ao folhetim, fez a gloria de Theophilo Gautier, não era o que quadrava á indole intellectual do folhetinista da *Revolução de Setembro*. Se teimarmos (empresa sempre ardua, para não dizermos impossivel) em o comparar com algum dos notaveis escriptores francezes, que devem á primazia n'este genero a sua reputação, assemelhal-o-hiamos antes a Paulo de St. Victor, pela fluencia da linguagem, pelas *franches altures* do estylo. Mas, repito, são sempre futeis estas comparações, e Lopes de Mendonça tem o seu caracter, a sua phisionomia particular.

Para fazermos comprehender bem o estylo do auctor das *Recordações d'Italia*, comparemos o nosso viajante com o *touriste* francez, Theophilo Gautier. Ponhâmol-os bem frente a frente, porque são realmente os representantes de duas escólas oppostas, aqui o delirio, além a serenidade, aqui o fogo, além a luz. Gautier viaja, como viaja a caprichosa torrente, fazendo uma infinidade de meandros, não se contentando em espelhar o rochedo, mas envolvendo-o n'um manto de espuma, não refle-

ctindo apenas o sol, mas quebrando-lhe os raios em mil particulas doiradas, arrastando-as no seu curso vertiginoso, scintillante, namorando o arvoredo, mas roubando-lhe um tronco, despenhando-se em cascata, bracejando ramos d'agua para todos os lados, investigando o mais pequeno intersticio, mas não parando no doido turbilhão. Lopes de Mendonça, pelo contrario, é o placido rio dos valles, corre veloz mas tranquillo, reflecte as arvores, o céu, os castellos que encontra na margem, presta o seu cristallino espelho ás graciosas physionomias que n'elle se miram sorrindo-se, não se vai perder nas gargantas, onde lhe falte a luz do céu, mas caminha sempre luminoso, sereno, transparente.

Leiam qualquer dos livros de viagem do folhetinista francez, percorram as mimosas paginas das *Recordações d'Italia* do nosso compatriota, e digam depois se me enganei ou não.

IV

Lopes de Mendonça procurou por mais de uma vez sair do campo dos seus triumphos, e aventurar-se nas regiões do romance e do drama. Não creio que fosse feliz n'essas excursões. A indole especial do seu talento recusava-se a dispôr os personagens, a escolher o assumpto, a tratal-o systematicamente. São admiraveis os rapidos quadros romanticos, que se encontram nas *Recordações d'Italia*, porque são apenas ligeirissimos esboços, em que basta a delicadesa do traço, a elegancia dos contornos, e o mimoso colorido dos horisontes para enlevar os leitores. Mas as mesmas qualidades, que tornavam Lopes de Mendonça inimitavel como folhetinista, deviam prejudical-o quando quizesse escrever obras de maior folego. Aquella natureza movel e impressionavel, aquella alma crystallina que reflectia todos os esplendores, mas que de nenhum se impregnava, como o vidro polido dos espelhos, aquella imaginação que se incendiava com todos os fogos, porém que os não tinha em si mesma, mina de polvora mas não volcão, podiam fazer maravilhas, quando a minima scentelha as inflammasse, não irrompiam em labaredas, originadas pelo fogo intimo.

Nunca viram, ao pôr do sol, essas nuvemsinhas brancas, que fluctuam no azul dos céus? Enleva-se n'ellas a vista, admirando-lhes a immaculada candidez, mas nem suspeita os prodigios que pódem d'ali brotar. De repente o astro moribundo desprende da sua corôa de fogo um raio que vai incendiar a timida nuvem, que se baloiçava pensativa nas azas da aragem, como

pomba longe do ninho. Purpureia-a o subito clarão, tinge-a de reflexos rosados, orna-a de franjas de oiro, e nós estupefactos vêmol-a transformar-se ora em palacio oriental cravejado de rubins e topasios, ora em mansão de fadas illuminada de roseos fulgores, depois em monte de fragas innundado por ondas de sangue, logo em corcel envolto em rico manto de purpura, e todas as maravilhas dos sonhos, todos os prodigios das *Mil e Uma Noites* tudo a nuvem nos realisa, com tudo nos encanta.

Era assim a phantasia de Lopes de Mendonça. Que um raio do sol a illuminasse, que a fada da melodia lhe tocasse com a varinha branca, e eil-a a desentranhar-se em veios inexhauriveis de opulentas imagens, embellezadas por feiticeiro colorido.

Ninguem, como elle, soube adornar os estudos criticos com tantos recamos e lavores, lavores e recamos que não prejudicavam a verdade e a firmeza da observação. O bom gosto é uma qualidade inseparavel de talentos d'esta indole. E gosto fino e delicado possuia-o, como poucos, Lopes de Mendonça.

Percorram as *Memorias de Litteratura Contemporanea,* e ali poderão analysar a feição critica do talento do infeliz escriptor. Encontram uma série de apreciações notaveis pelo estylo elegante, em que estão escriptas, pela delicadeza, e pelo bom gosto que revelam. Não encontram de certo uma obra em que estejam estudadas as tendencias da nossa litteratura, uma historia das letras modernas em Portugal. As *Memorias* são uma collecção de impressões, escriptas logo que foram sentidas, reunidas depois em gracioso panorama. Não são, nem o poderiam ser, uma obra como a exige o espirito moderno da critica, espirito observador e creador a um tempo, que analysa as impressões que sente, e que adivinha as tendencias dos escriptores, tendencias que elles proprios seguem sem muitas vezes as perceberem.

O encantador espirito de Lopes de Mendonça não era feito para estas investigações, que requerem uma tensão fortissima das faculdades da alma. Era critico como Sainte-Beuve, não como Taine, critico delicado, de um gosto apuradissimo, mas que não podia supportar a fadiga de tirar a consequencia das suas proprias impressões, de as entender, de as compendiar. O seu livro é uma collecção magnifica de apontamentos que hão de guiar o espirito laborioso, paciente e severo, que alguma vez appareça com denodo sufficiente para tomar a seus hombros a ardua tarefa de escrever a historia critica da nossa litteratura.

Não sei se é defeito isto que aponto. Parece-me que não. Quem tem o talento de discriminar o bom do mau, o trigo do joio, o oiro das fezes, de exprimir com enthusiasmo as impressões que lhe produz o bello, de apontar sem azedume e com delicadeza os defeitos que se lhe deparam, tem já um formoso papel na litteratura da sua nação.

Affronta por affronta, drama, e *Memorias de um doido*, romance, são duas obras, em que o estylo não desmerece da pompa elegante, que lhe é habitual, mas que nos não auctorisam a apresentar aos leitores Lopes de Mendonça debaixo d'um aspecto, que não seja o de mimoso folhetinista, e delicado critico. *Damião de Goes*, e o *Duque de Palmella* são estudos historicos, a que as qualidades de estylo, e justeza de observação dão certo relevo, mas que fatigavam um pouco o espirito ligeiro de Lopes de Mendonça. O lapis do desenhador historico só a custo se demorava em profundar os factos, e preferia correr ao de leve pela tela, deixando á posteridade graciosos esboços.

V

Eil-o, imperfeitamente desenhado, esse nobre vulto, para quem já começou a posteridade, sem que elle franqueasse os humbraes da sepultura. Cadaver sem tumulo, temol-o ainda entre nós, quando o seu espirito já pousa aos pés do Omnipotente. Harpa éolia emmudecida, sem que se lhe partissem as cordas, adejam-lhe em torno os ineffaveis murmurios da creação, esvoaçam as brizas, bafeja-a o sopro das melodias, roçam por ella as azas invisiveis dos sylphos, que pairam entre céu e terra por noites estrelladas, poisam-lhe ao de leve em cima as rolas das tristezas, desafiam-n'a da ramaria os rouxinoes das florestas, e rouxinoes, rolas, sylphos, melodias, virações, murmurios tudo parece dizer-lhe: «Porque deixaste de gemer, ó harpa solitaria?»

No sanctuario profanado, onde entrou ebria soldadesca infrene, ficam de pé os muros, intacto o edificio, erectos os altares, mas desapparecem os vasos sagrados, baqueiam derrubadas no pó as imagens santas, apagam-se as lampadas do tabernaculo, e com a luz extincta, com o perfume esvaído das flores, que jazem murchas no chão, foge tambem esse augusto mysterio que se respirava no ambiente do templo, e que nos fazia dobrar o joelho com devoção e respeito. A impressão, que se sente, é mil vezes mais amarga do que a que produz sobre nós a vista de uma igreja em ruinas. Os muros esboroa-

dos de uma cathedral, de uma abbadia, de um mosteiro, se o tempo os marcou com o seu venerando sello, se o musgo os enlaça piedosamente, e junta aos capiteis das columnas os seus vérdes ornatos, exhalam um perfume de doce tristeza, de suave melancolia, que enleva o pensador, que os vai contemplar á hora em que o sol poente os doira com os seus poeticos reflexos. Mas o espectaculo da igreja profanada opprime-nos o peito, compunge-nos o coração.

Assim no cerebro de Lopes de Mendonça a mão brutal da loucura despedaçou o mundo de poesia que n'elle se abrigava. A atonia moral profanou o sanctuario e deixou-o ficar erguido, cheio de vida, sem luz que o illuminasse, sem flores que o perfumassem. Pobre templo abandonado, quem não sente uma dôr profunda ao vêr-te assim ermo, sombrio, e silencioso, a ti que outr'ora te povoavas de tantas graciosas imagens, que diffundias tão sereno fulgor, que te desentranhavas em tão melodiosas vozes?

Ha pouco tempo que fui visitar no Porto o tumulo de Soares de Passos. Foi á hora do crepusculo, á hora das tristezas. Senti-me lá tão bem, experimentei um goso tão suave, respirei tão doces effluvios de poesia, a alma librou-se-me em tão ligeiras azas, e pairou n'uma tão pura atmosphera!

Mas que impressão tão amarga que sentimos ao aproximarmo-nos de Lopes de Mendonça, que dôr tão profunda nos salteia, quando debalde tentamos acordar as fibras geladas d'essa alma, reaccender n'esses olhos sem luz a chamma da intelligencia!

Acatemol-o mais do que a qualquer outro! É duplamente sagrada essa fronte, depois que a comprimiu a mão de ferro da desgraça! É mais esplendida essa gloria, hoje que fulgura nas trevas do infortunio! Preito e veneração a esse monarcha do talento, que junta ao prestigio do solio, onde campeou, o do exilio para essas regiões sombrias, onde a loucura sacode os seus horridos guizos! Curvemo-nos respeitosos perante o resplendor que emana d'esse duplo diadema de louros e de espinhos!

M. Pinheiro Chagas.

MODESTO DE MAIS

AO SR. J. D'ANDRADE CORVO

alvez se lembre ainda, meu charo João d'Andrade Corvo, de quanto nós rimos uma occasião conversando sobre as manias de alguns excentricos nossos conhecidos. Desde um anno em que, graças á proximidade das nossas cadeiras no theatro de S. Carlos, eu tinha a fortuna de gozar ás noites da sua conversação tão variada e tão profunda, meu querido Corvo, foi essa a unica vez em que se renovou para mim o prazer de o escutar: não a esqueci; eu, que devo tanto á sua amizade, devo tambem muito ao seu espirito; não me tem apenas dado provas da lealdade raramente obsequiosa da sua indole, tem-me alegrado mil vezes pelos chistes originaes e delicados do seu genio encantador, que a sciencia não tem entristecido, e que se conserva, atravez de uma assombrosa copia de conhecimentos em todos os ramos do saber humano, simples, gracioso e bom. Ora, no *cavaco* a que alludo, escapou á nossa galeria de maniacos, — ainda me estou a rir de um dos seus,

aquelle que se vestia com trages de todas as épocas para tirar o retrato, e enchia depois por este modo as paredes de retratos... de seus avôs!.. — escapou á nossa galeria de maniacos o meu amigo José Manuel, cujo esboço historico vou ter hoje o gosto de lhe offerecer.

José Manuel andou commigo no collegio dos srs. Pontes de Attayde, denominado Collegio do Coração de Jesus e estabelecido na freguezia que lhe dá o nome. Era um moço de desoito annos, filho de um confeiteiro rico que se recreava de o ver medrar no latim, na geographia, e na lingua franceza. Rapaz bem apessoado, muito trigueiro, de rosto agradavel, scismatico e galhofeiro, enthusiasta e humilde, recheado de systemas e de utopias, e levando sempre por diante algum paradoxo, não na palestra como *quem faz espirito*, mas na vida. Estimavamol-o todos pelo seu agrado, e pela saborosa marmelada que lhe liberalisava o auctor de seus dias, da qual esse estimavel condiscipulo repartia á refeição com os companheiros. Desleixado e preguiçoso como um poeta, tão depressa tinha um fato novo ou o estragava dentro de uma semana, ou guardava-o nas gavetas e não havia convencel-o a que se enfarpelasse á moda para ir passear com o collegio aos domingos e ás quintas feiras. Namorava seu bocado, ora com a timidez e acanhamento de Cherubim, ora com o desembaraço de Don Juan; mas esquecia-lhe sempre de ir fallar ás moças no dia em que ellas se propunham a não terem já animo de lhe recusarem coisa alguma.

A toda esta originalidade reunia José Manuel uma muito maior ainda, com ares de opinião philosophica. Na idéa de que a responsabilidade pessoal seja a fonte de todos os males humanos, intendia que não ha senão dois destinos bons n'este mundo, ser mulher ou criado de servir. Na impossibilidade de vir a ser mulher, José Manuel empreendeu na mania de se fazer criado.

—Meu rico, dizia-me elle ás vezes, a felicidade não está n'outra coisa. A libré ou o cesto das compras no braço symbolisam a liberdade, a independencia, a ociosidade, a phantasia, o *não se me dá* do que vae pelo mundo!

Tão habituado andava áquellas ratices d'elle, que já não fazia caso, e ria-me. Sahi do collegio; elle ainda lá ficou; tivemos ambos pena de nos separarmos, porque nos ligava grande sympathia, e cada um de nós prometteu ao outro que o havia de visitar. Tempo depois, n'um domingo de manhã, vi José Manuel entrar-me em casa.

— Prompto! disse-me elle. Acabei com aquillo! Tive coragem para ser feliz! Aproveitei uns tostões que tinha, e não foi preciso empatar tempo; fui ao escriptorio da rua larga de S. Roque, e estás vendo na minha pessoa o creado do sr. Clemente Eloy Barbosa, rico negociante, como se diz no theatro. Não levou mais de dois dias esta empreitada!

Sem querer dar-lhe ouvidos, obriguei-o a metter-se comigo n'uma sege e corremos ao escriptorio de creados, onde resgatei contra sua vontade a palavra d'aquelle doido. Acompanhei-o a casa, fil-o sentar á força na sua propria poltrona, e puz-lhe nas mãos um livro de Castilho. Depois remechi as gavetas de baixo para cima, encontrei um manuscripto intitulado *Pachorra* e principiei a lel-o.

Da segunda pagina em deante já eu estava n'uma consternação de pasmo. O romance era uma maravilha; havia n'essas paginas, que o auctor desdenhava, todas as grandes qualidades das escólas modernas, as altas concepções, as largas vistas moraes e philosoficas, a ousadia e elegancia de um estylo habilissimo, e a viva luz que aquece a harmonia poderosa e serena das composições dos mestres. O unico defeito era o de não estarem desenvolvidos alguns pontos, perfeitamente indiçados, mas que o auctor não tivera paciencia para escrever. Depois de haver devorado o manuscripto todo, disse eu a José Manuel que estava a fumar e a scismar:

— Ó José, eu não te peço que completes este livro, porque sei muito bem que era pedido inutil. Se queres, preencho eu alguma lacuna, e fallo ao meu editor. Pensa unicamente n'uma coisa, é que este livro póde formar a tua reputação!

— Faze o que te parecer, respondeu-me elle, mas que proveito se tira d'ahi? Eu mais dia menos dia hei de ser creado de servir!

Ergui-me furioso, e levei os papeis. Oito dias depois, o meu editor, contentissimo, mandou-me trinta libras, e queria que o romance apparecesse dentro de um mez. Tinha eu que ir ao Porto por essa occasião, e pedi a José Manuel que revêsse as provas com cautela. Parti, demorei-me por lá um mez sempre entretido em festas, e quando voltei vim encontrar uma carta do editor, breve mas energica, que dizia simplesmente: Meu charo amigo, esta pilula é que eu não lhe perdoarei emquanto fôr vivo. O romance, que no manuscripto me pareceu magnifico, acho agora que não presta para nada. Appareça por cá, para eu lhe descarregar algumas maldições, e para fumarmos dois charutos d'aquelles que o meu amigo, aqui ha tempo, tanto gabou. Sempre amigo.»

Corri a casa do meu cumplice José Manuel. O miseravel desapparecêra sem deixar o mais leve indicio que pudesse guiar-me para o encontrar. O mais que fizera foi escrever-me tambem uma carta. A carta dizia: «Meu charo Julio, estiveste a ponto de me perderes para sempre. Se tenho consentido em teus intentos, a *Pachorra* a esta hora estava recommendada nos noticiarios e eu feito litterato sem appellação nem aggravo. Olha que chalaça! Como havia ao depois ter animo para ser creado de servir!?»

Esse gracejo estupido irritou-me. Fui a casa do editor e sem lhe dar os bons dias, sem lhe apertar a mão, atirei-me como um doido ao primeiro exemplar da obra que me cahiu á mão, e li!

Misericordia divina! Nunca se viu dentista que redigisse peior! Imagens tolas, grammatica impossivel, orthografia de cosinheira, estylo de homem que vende agulhas e alfinetes! Atterrado, confuso, pedi ao chão que se abrisse como nas magicas do Salitre.

—Amigo, disse eu ao editor, quasi a chorar, vou fazer-lhe um livro para o indemnisar do dinheiro que lhe fiz perder!

No receio, supponho, de que este meio de salvação acabasse de o perder,...não acceitou.

D'ali a dias já não me lembrava semelhante historia, e pelo que respeita a José Manuel passaram-se tres mezes sem lhe eu pôr a vista. Até que uma vez, era no principio do verão, n'uma lindissima manhã de julho, o ar estava purissimo, o céu azul, eu ia pelo Campo de Santa Anna sem outro fim senão passear, a rama das arvores estremecia de luz, eu não tinha que escrever folhetim n'esse dia, e estava alegre, contente de viver... De repente offereceu-se a meus olhos um singular espectaculo.

Um moço esbelto e forte, mas mal trajado, ia como cangalheiro puchando pela arreata a um burro carregado de hortaliça, e apregoava serenamente:

—Merca dois repolhos!

E embrulhava a arreata ao braço, d'outras vezes ao pescoço, para maior commodidade de attitude, com ares de voluptuosa preguiça. De subito, o cangalheiro vê-me, atira-se a mim aos abraços sem largar siquer a arreata, e diz-me em tom de intimidade:

—Adeus, ó Julio, que é feito de ti?!

—Desgraçado! exclamo.

Reconhecêra Jose Manuel.

Olhei para elle indignado. Sua phisionomia revelava uma sa

tisfação perenne. Parecia um homem amado por seus dotes naturaes, ou um individuo que acaba de embolsar a sorte grande.

—Aqui me tens, meu amigo. Estou independente e livre! Tenho por meu o ar, o espaço, as aguas, o arvoredo, a naturesa, a poesia! Estou a servir na horta da Rabicha; a melhor horta de Lisboa; vê, que repôlhos, que rabanos, que rica alfalce! Disfructo os bens da vida airada, que não conhecem n'este mundo os que pagam renda de casas, os que dão dinheiro todas as manhãs para as compras do dia, os que se vêem obrigados a andar bem vestidos, e principalmente os que por sua desgraça vivem de ter talento!

Apesar de rasões tão solidas, depois de empregar eloquencia, ameaças, supplicas, e um nobre accionado, decidi José Manuel a acompanhar-me. Ao tirar a arreata do pescoço, innundaram-se-lhe os olhos de saudosas lagrimas. Mandámos um galego acompanhar o burro até á horta, e mettemo-nos n'uma sege. José Manuel olhava inconsolavel para as cangalhas, e á proporção que o burro se apartava parecia o moço ver quebrar-se o fio dos humanos destinos.

— Ah! exclamou entre angustiosos soluços; pela segunda vez me impedes de ser feliz. Emquanto fôres vivo, creio que não lograrei ventura! E todavia bem sabes que, no meu modo de vêr, só ha uma profissão que valha a pena: — ser creado!

E eu dizia entre mim:

— Pois ha de extinguir-se d'esta maneira um tão grande talento e sepultar-se semelhante mocidade! Creado de um sonho, escravo de uma chalaça, um demonio d'estes, um poeta, que poderia enlevar-nos as almas nas azas da idéa até ao sublime concerto das espheras; ou, como Theocrito com os seus pegureiros, obrigar-nos a acompanhar com um surriso humído de lagrimas o côro dos amores idylicos, nas verdejantes colinas, ao som do dôce murmurar das fontes; ou mesmo, se nos houvera contado os dramas da sua alma, fazer estremecer a turba aos impulsos da sua paixão e da sua colera; ou tambem, espirito enthusiasta e gracioso que sempre antevia o riso da musa comica atravez dos melodramas da vida, poderia gracejar, deliciando o publico, e continuar o intento de Garrett nas *Viagens na minha terra*; — mas, que lhe haviamos nós fazer, se elle preferia a tudo isto... ir puchando por uma arreata!

Oppôr-se-lhe uma pessoa de encontrão a semelhante mania, era para dar com elle em Rilhafolles; entretanto a difficuldade estava em encontrar um logar de creado que fosse decente.

Para onde havia de arrumar-se um rapaz no seu caso?

Foi ao voltar de uma esquina que me surgiu o expediente. Eu sou antigo e affectuosissimo admirador da senhora P. Ao entrar na vida principiei logo a *brincar* em verso n'um jornal que esta senhora redigia. *A Beneficencia,* e não esquecerei nunca a estima como maternal com que me tratou sempre; o seu genio alegre faz com que em nos encontrando tenhâmos sempre de que rir, e é tão raro n'esta aluvião de semsaborias achar uma pessoa que nos alegre, que, da tal occasião, vendo-a ao voltar de uma esquina, corri a fallar-lhe:

— Quer conversar? me disse.

— Pudéra não! Decerto quero.

— Pois então é fazer como eu e entrar n'este omnibus.

Palavras não eram ditas um aceno ao omnibus, o omnibus a parar, a senhora P. a entrar n'elle, eu a seguir a senhora P. e o omnibus a partir comnosco.

— Para onde vamos então? perguntei.

— Para Carnide!

— Ah! Para Carnide! E porque vamos nós para Carnide?

— Porque estou lá morando, para ficar perto de meu filho que estuda no collegio militar; porque sou esperada a esta hora em minha casa por uma companhia de *marionettes* que dão esta noite uma representação n'uma salla que lhes emprestei para esse fim; porque, não tendo um instante de meu para conversarmos hoje em Lisboa, levo-o para conversarmos em Carnide e para que assista logo á recita dos automatos!

— Essa agora! E como hei de eu voltar esta noite?

— É que não ha de voltar senão ámanhã.

— E um hospede que eu tenho, porque tenho n'este momento um hospede, José Manuel, companheiro de collegio, amigo ante-diluviano!?

— Escreve-se de lá ao hospede, e diz-se-lhe que vá para Carnide ou que espere por si até ámanhã!

Não havia que retrucar; não retruquei; a seducção era por ahi além; grande perspectiva de cavaco; o sr. C. o popular auctor do *Alcaide de Faro* e da *Noite de Santo Antonio* estava na Luz e iria á noite ao espectaculo; os bonecos representariam *O infeliz Florestan,* tragedia cheia de carceres e de situações; todos os saloios de Carnide e circumvisinhanças compareceriam; estava tambem convidada uma padeira da Porcalhota muito amante de poesia; ia ser funcção rasgada e risota toda a santissima noite! — Ó Carnide! exclamei: Tu não és uma vã palavra!

A festa foi a mais risonha possivel. Estava a salla cheia de bancos, os bancos cheios de saloios, e os saloios cheios de ale-

gria. Á frente, proximo do theatrinho dos automatos, seis grandes cadeiras para a dona da casa e sua familia; na qualidade e hospede gozei de uma d'essas cadeiras, e poude disfrutar a um tempo a tragedia dos bonecos, e a farça dos espectadores. Todos os saloios se puzeram de pé quando entrámos, e o empresario fez um breve *speech* em louvor de quem tão generosamente prestára uma das suas sallas para aquelle entretimento, cujos lucros seriam em parte applicados a concertar alguns dos artistas da companhia, que, assaz deteriorados pelas viagens, se achavam quasi todos com uma perna torcida, com a cara escalavrada, ou com um braço sem acção. Em seguida, principiou a funcção, que fez rir muito como sempre succede ás tragedias, e em que, se bem me lembro, havia um boneco preto que dava cambalhotas para exprimir as situações afflictivas, o que era de uma originalidade e philosofia mui divertidas.

Findando a recita os saloios não choraram o seu pataco d'entrada, o que é o maior elogio da festa, e retirando-se contentissimos deixaram aquella linda vivenda de Carnide entregue á tranquilidade, á suave quietação campestre da vida de familia na aldêa.

Era uma noite calmosa de julho, o sino da egreja da Luz deu as dose badaladas da meia noite, e os meus costumes de lisboeta oppozeram-se a que fosse deitar-me a essa hora, que me parecia ser o fusque fusque das ave-marias dos homens de bem. Havia na casa um terraço que deitava para a quinta, e a senhora P., C. e eu, fomos sentar-nos para o terraço e conversar.

— Se o Julio estivesse agora como no tempo em que eu o conheci, isolado, orfão, triste, disse-me a amavel dona da casa, havia de pedir-lhe que viesse passar aqui algum tempo n'esta vivenda tranquillissima, e escrevesse um livro sereno e gracioso em que se sentissem as alegrias da primavera e da mocidade, dotes que possuia a novella antiga e que não se encontram já nos romances de hoje, rapsodias que não fazem senão contar fraquezas das almas enfermas que têem sêde de alegria e que não sabem procural-a nem na terra nem no céu. Talvez haja por Lisboa,— e, se existe, o Julio deve conhecel-o — algum moço poeta, grande e modesto, subjugado pelas invejas ou pela pobresa, que estimasse vir para aqui ler, estudar, escrever, e conversar comigo de litteratura e de poesia. Quem sabe se as sombras e as fontes d'esta quinta isolada de Carnide não dariam a Portugal um escriptor amavel, a quem eu houvesse offerecido no principio da sua carreira a commodidade, a independencia, e o socego d'este retiro!

Lembrei-me logo de José Manuel e affiancei á senhora P. que tinha á sua disposição o desejado poeta. Na manhã seguinte parti para Lisboa, resolvi o meu hospede a ir para Carnide, ao que elle se prestou sem difficuldade assim que eu lhe disse que a casa tinha quinta, informando-se apenas com interesse se a quinta tinha nora. Feito o juramento de haver nora na quinta, coisa que muito o entretinha, José Manuel, que nascera para representar todos os papeis, vestiu-se com muito esmero e foi commigo para a Luz.

— O que essa senhora quer provavelmente, dizia-me elle pelo caminho, é ter uma pessoa ao pé de si com quem converse a respeito de livros e de litteratos, de jornaes e de jornalistas, pessoa que não a contrarie, e que a distraia. Vou ser uma especia de irmã de caridade... litteraria! Esse logar tem sua novidade, e não deixa de me convir.

Chegámos lá muito alegres. Apresentei-o, elle conversou muito, teve bons ditos, contou duas ou tres anedoctas chistosas, e foi para mim aquelle caso como o atravessar de um sonho até á hora em que o deixei instalado em Carnide, todo contente de ter ali casa, cama, e mesa, sem obrigação de trabalhar. Estava o rapaz satisfeito, e eu ainda mais do que elle; era creado, e não era; creado para si, sem ser creado para os outros: que triumpho eu conseguira!

Tempo depois... — é melhor referir simplesmente o que a propria senhora P. me contou:

— Primeiro que tudo, disse-me ella, pedi ao seu amigo para jantar commigo e respondeu-me que queria comer na cosinha conforme era proprio do seu dever. No dia seguinte, quiz ir á quinta buscar a hortaliça, deu-me parte que era preciso comprar-lhe um cabaz, e pediu-me a creada em casamento. Em attenção a si tomei isto por gracejo, e fui-o aturando. Mas recusou ler um livro que lhe quiz emprestar, e entendeu que devia obrigar-me a ouvir um artigo que compoz e que tinha por titulo «*Da inutilidade do amor, das artes, e das litteratura!*»

Ao narrar-me taes loucuras, a senhora P. parecia ter pena do genio disparatado d'aquelle pobre diabo; eu desfiz-me em desculpas e pedi-lhe mais de mil perdões por lhe haver recommendado um maluco assim.

Passou-se mais de um anno; uma occasião, o redactor do jornal em que escrevo ha perto de seis annos, o sr. S. o grande publicista que todos admiram, dava um jantar, onde se encontravam algumas notabilidades politicas e litterarias. Bem entendido que eu me limitava a escutar, e por signal que conheci

bem n'esse dia que pouco eu sabia e o muito que precisava aprender. O sr. S., apesar da franca amabilidade com que trata sempre os seus amigos, não conseguiu dissimular certa impaciencia. É que á hora de irmos para a mesa constara-lhe que adoecera o traductor da folha, e as noticias estrangeiras d'esse dia eram da maior importancia; considerando o jornal acima de tudo, o sr. S., que depois de jantar (segundo o seu costume) devia escrever o artigo de fundo e dois artigos de polemica, estava a ver se lhe lembrava alguem a quem incumbisse a tarefa da revista estrangeira.

Pensava eu n'isso tambem, quando se me prendeu a attenção a um dos creados que serviam á mesa; rapaz sympathico, de boa côr e olhos bonitos, esperto, agil, *zaranza*, que quebrava sua terrina, tirava os pratos àntes de se principiar a comer, estava sempre a deitar vinho no copo a pessoas de gravidade, e dava-se ares de janota.

Qual foi meu pasmo quando o espantalho, que eu contemplava, olha tambem para mim escancarando os olhos, estende a perna direita para diante encolhendo a esquerda como um bailarino, ergue os braços ao ceu em ar de palhaço de feira, e deixa cair no meio do chão uma selladeira que se quebrou com um estrondo por ahi além.

— Olha, diz José Manuel com a maior tranquillidade, — por que, claro está, era José Manuel! — és tu, amigo Julio, como vaes de saude?

— Ó biltre, exclamei suffocado em colera, calla já essa boca.

Apesar de todas as minhas diligencias para disfarçar o caso, toda a gente o presenceára e não havia mais remedio senão tomar uma resolução.

Ao levantar da mesa, metti o braço ao sr. S. e disse-lhe:

— Meu charo amigo, por uma d'essas ratices incriveis que uma pessoa nunca poderá explicar, vim encontrar na sua casa feito creado um rapaz, que, no momento em que lhe dê a *Presse* e o *Times*, faz-lhe um artigo de revista estrangeira que os anjos podem ler; um moço cheio de talento, e que sabe as linguas na perfeição!

O sr. S. largou a rir; pedi-lhe os jornaes, roubei-lhos, dei-os a José Manuel que fez um artigo elegantissimo, um bello trabalho, uma joia de estylo, e que na occasião em que o procuramos para o innundar de louvores... desappareceu de casa!

A ultima vez que o encontrei foi ao Poço do Borratem; parei por causa de um carro de bois e de dois cavallos com ceirões que me embaraçaram o caminho; n'um dos cavallos ia

sentado um homem magro, bilioso, impaciente, praguejando contra o carreiro; pela arreata do cavallo dianteiro puchava magestosamente um moço grave, sisudo, gordo, e de boas côres, que olhava para tudo com a impassibilidade do justo que cantou Horacio.

Era José Manuel.

— Amigo Julio, disse-me elle em tom circumspecto, encontrei finalmente a posição que mais desejava. Este senhor é o patrão Roque, dono do grande padejo a S. Sebastião da Pedreira; casa muito farta, com um quintal que é um paraizo. A familia morre por mim; o patrão acha-me muita graça, serve-me á mesa, e engraixa-me os sapatos. Se gostas de pão saloio, podemos levar-t'o a casa todos os dias; eu saio apenas á noitinha com a fornada da tarde, pão para o chà, fofo como pão de ló, o melhor que ha. Estou contentissimo. Este verão hei de mandar renovar a easa, e fazer um caramanchão no quintal, tudo com o dinheiro do patrão, bem entendido. Dá cá um abraço, quem sabe agora quando tornaremos a encontrarnos?!

Nunca mais a tornei a ver. Referindo-lhe, meu charo Andrade Corvo, a vida e aventuras de José Manuel, dispenso-me de fazer considerações sobre o caso, e peço-lhe encarecidamente que não queira tirar d'isto uma conclusão qualquer, para não prejudicar o conto, porque é quasi sempre a moralidade que deita as fabulas a perder.

JULIO CEZAR MACHADO.

DUAS PALAVRAS

Sobre o progresso litterario em Gôa

India é uma das possessões ultramarinas de Portugal, não só importante pelos elementos de riquesa que encerra, mas ainda, e muito mais, pelas tradições historicas, que a assignalam como theatro de feitos portentosos de capitães e navegadores portuguezes.

Os conquistadores da espada que no seculo XVI, se empenharam em alargar as fronteiras de Portugal, subjugando populosas terras na Asia, não encontraram paiz nenhum como Gôa, que viesse submetter-se ao dominio portuguez, saudando os guerreiros como arautos da civilisação. Os conquistadores da cruz seguindo o caminho aberto pelos guerreiros, se ao principio tiveram de superar obstaculos ponderosos para implantar o christianismo, viram, passados os sobresaltos da guerra, nos proprios neophitos, os mais denodados cruzados da santa crença, que em abraço estreito com os pregadores catholicos cimentaram a lei de Christo entre os seus irmãos.

A civilisação europea não veio illuminar com a sua luz povos

selvaticos, que viviam na noite do mais completo obscurantismo e que eram rebeldes a toda a sorte de organisação, enganam-se os que assim julgam. A civilisação europea veio encontrar os povos já iniciados na civilisação indiana, que conservavam por vestigios do seu passado desenvolvimento, a organisação peculiar das leis, a docilidade dos habitos e o systema admiravel das instituições sociaes, se bem que completamente abatidos pela pressão da conquista mussulmana.

Em quanto de um lado surgiam pavilhões portuguezes sobre as ruinas do crescente, e se erguiam altares, templos e conventos, no mesmo logar onde pouco antes se viam os minaretos e os pagodes; d'outro lado se fundavam collegios e seminarios, e se abriam escólas destinadas á cultura intellectual dos povos. Se os pavilhões revelavam uma conquista ganha ao poder d'elrei D. Manuel, e os templos resgatavam o triumpho dedicado ao Deus dos Christãos; os collegios resumiam em si o *fiat lux* da illustração que convertendo os povos de pariás do orgulho mahometano, em cidadãos illustrados, podesse ver aprofundadas nos seus costumes as raizes da civilisação, que devia firmar por laços de amor e de affecto a conquista, e roborar uma religião augusta, que abraçava a todos como eguaes entre si deante do evangelho do crucificado.

Os sacerdotes que acompanharam os conquistadores para converter os povos, não só devem ser memorados como evangelisadores, que fundaram a religião de Christo, mas como promotores da emancipação moral do paiz, que deveu ao seu zelo e enthusiasmo a iniciativa que tão valente se mostrou para exaltar os povos á altura dos destinos, que lhes estavam reservados.

O que sômos, devemos em grande parte aos religiosos!

Os intuitos que presidem á confecção do presente bosquejo litterario de Góa, não nos deixam acompanhar as phases por que passou o nosso desenvolvimento intellectual, e limitam o empenho a historiar sómente, como e quando a nossa educação litteraria póde chamar os filhos da India a escreverem e darem á estampa os seus pensamentos.

As primeiras publicações litterarias datam do seculo XVII; e versam sobre assumptos religiosos escriptos em lingua vernacula, para o conhecimento dos neophitos, que vinham purificar-se dos seus erros na piscina catholica, sem terem o estudo da lingua portugueza. Impressas na typographia da companhia de Jesus, que desde o seculo XVI estava montada em Góa, as publicações em lingua concani denunciam que os seus auctores, discipulos dos jesuitas, comprehendiam a portugueza, e

que a instrucção havia preparado os indigenas a discorrerem sobre a religião catholica, e a traduzirem fielmente do portuguez em concani varias passagens da escriptura sagrada e noções de idéas theologicas, conhecidas com o nome de *purannas*.

É provavel que no tempo em que saíram á luz os livros destinados á evangelisação dos povos, algum conhecimento das sciencias e das letras se encontrasse em varios talentos; mas é innegavel, que rarissimos eram os que robustecidos nos estudos ousavam escrever ao publico em idioma portuguez. O pensamento não tinha o auxilio da expressão, comprimia-o na intelligencia dos filhos do estudo o desuso da lingua portugueza começado no trato da familia, continuado nas escólas e concluido nas locubrações litterarias feitas em lingua latina, familiar entre os mestres religiosos e os seus discipulos. O theologo entibiava em fallar o portuguez, o jurisconsulto não podia formular os arrasoados em termos faceis, o pregador lido em obras ecclesiasticas, mal podia recitar correctamente uma oração sacra em portuguez. A culpa era do tempo e não dos bons homens.

São por isso dobradamente dignos de attenção os escriptores que ao tempo que a generalidade se expressava em lingua vernacula, se esforçaram por dar aos seus pensamentos a expressão portugueza; e por tanto não podemos deixar de fallar com devido respeito de dois escriptores que nos fins do seculo XVII, e no principio do seculo XVIII, deram á estampa cada um uma obra que ambas podem ser consideradas como marcos que assignalam a actividade intellectual das gerações preteritas. Estes escriptores são o padre Antonio João de Frias, que escreveu a *Aureola dos Indios e Nobiliarchia Bramincia*, impressa em Lisboa em 1700, e o padre Leonardo Reis, que escreveu o *Promptuario das definições indicas*, impresso em Lisboa em 1713. Dando de mão ás preemenencias absolutas da supremacia das castas, que trouxeram entretidos em infructiferas polemicas ambos os escriptores, não temos receio de errar, quando dissermos que os nossos velhos patricios educados nas escólas dos religiosos, revelam nos seus escriptos espirito de observação e erudição, as quaes se devemos lamentar fossem destinadas a investigações inuteis, devemos tambem folgar, que servissem de monumentos para testimunhar que lá nos tempos remotos havia entre os filhos da India, quem podesse escrever em portuguez, como havia quem ousasse ir até á capital do mundo catholico para estudar nos collegios da propaganda, e occupar cargos elevados de bispos e vigarios apostolicos.

O escriptor que segue aos padres Antonio João de Frias e Leonardo Paes, é padre Sebastião do Rego, varão prestante em letras, que encarregado de escrever a chronica da congregação do oratorio de S. Felippe Nery em Gôa, deixou compostas a *Vida do veneravel padre Joseph Vaz*, impressa em Lisboa em 1745, e a *Chronica da congregação*, obra monumental que contém noticias abundantes dos homens notaveis da mesma corporação. Corre ainda manuscripta esta obra, salva dos destroços, que a extincção do monacato da India fez ás bibliothecas dos religiosos, assim como correm pela maior parte manuscriptos os preciosos sermões recitados pelo esclarecido clerigo na côrte dos vice-reis e no gremio dos fidalgos de Gôa, os quaes revelam os dotes de orador sacro, que ornavam o padre Sebastião do Rego.

As investigações bibliographicas não descobrem nos seculos passados, e no principio do presente seculo outros escriptores, que não sejam os que deixamos apontados, e o padre Jacomo Gonsalves, illustre congregado do oratorio que escreveu a *Refutação das quatro seitas, Paganismo, Mourismo, Judaismo e Calvinismo;* e o progresso intellectual só se limita a apontar no campo de escriptores, alguns medicos exaltados a servidores do estado, que escreveram relatorios e noticias hygienicas, clerigos letrados que formularam alguns arrasoados da jurisprudencia ecclesiastica, jurisconsultos que redigiam libellos e rasões do fôro e pregadores que escreveram sermões, trabalhos estes que os seus auctores mal pensavam que um feliz acaso traria um dia a luz da publicidade por meio da imprensa como hoje está acontecendo a pouco e pouco.

Foi preciso que a liberdade se proclamasse em Gôa em 1821, e a typographia chegasse a dar á luz as leis constitucionaes, que nos deviam reger, abrindo campo a discussão livre e illustrada, para virem ao terreno da publicidade muitas pennas prestadias, que feneciam no ocio, as quaes accudindo na defesa das instituições e das suas crenças, deram ao principio tropeços inevitaveis, para se erguerem com o habito de escrever, firmes e seguras. Eram necessarias fontes onde podessem beber a pureza do estylo. Felizmente os barcos de vapor navegando pelo Mediterraneo e Mar Vermelho tendo encurtado as distancias que separavam a metropole da India, o gosto radicado a cultura das letras e a urgencia de ter ao lado mestres que regrassem os nossos escriptores, trouxeram varios livros da Europa, convidaram os periodicos de Lisboa, e levaram muitos dos que aspiravam á gloria de escriptores, a ter trato com as obras escolhidas.

Divergindo os principios politicos, divergiram os seus orgãos entre si; e os nossos compatriotas vendo que a liberdade da imprensa se não era desassombrada em Gôa, foram fundar periodicos em Bombaim, para onde convergia o brado dos filhos de Gôa, fazendo-o repercutir o jornal, que sahia todas as semanas regularmente. Mais de um artigo nos deparam as folhas de Bombaim revelando o nosso progresso litterario; e mais de uma obra escripta em Gôa e impressa em Bombaim, com quanto de dimensões acanhadas prova, que se muitas locubrações não vieram então ao dominio do publico é porque á falta de estimulo e ao receio de limitado numero de subscriptores, se juntava a pouca accessibilidade á imprensa ingleza, onde o proto mais habil no bretão do que no portuguez, estropiava os escriptos cuidadosamente passados a limpo.

O pregoeiro da Liberdade e a *Abelha de Bombaim* são notaveis, o primeiro pela linguagem facil e severidade da lingua, e o segundo pela veia caustica que distinguia o seu redactor. Varios folhetos filhos das paixões politicas dos homens das revoltas de 1821 a 1822 e 1835 vieram na India ingleza á luz da publicidade, e o curioso *Almanak de Gôa de* 1840 do douto padre Caetano João Peres, a *Gramatica da lingua Maratha* do sr. Felippe Nery Peres, e mais publicações foram dadas á estampa em Bombaim.

Mais felizes do que estes escriptores, os nossos patricios, a quem o mandato dos povos havia levado a metropole, encontraram typographias ao pé da porta, para publicar as suas obras, podendo nós mencionar Bernardo Peres da Silva, que publicou os seus *Dialogos sobre a constituição portugueza,* no Brazil, onde estava em 1832 emigrado por causa da sua adhesão á causa da liberdade, e Antonio Caetano Pacheco, que descido da cadeira da camara electiva, prestou como amigo dos povos da India, serviços ao paiz, publicando em 1848 o seu *Plano sobre a instrucção publica em Gôa.* Talentos distinctos robustecidos pelos estudos, a sua subida á cadeira do parlamento e o trato com os escriptores da mãe patria os tornaram notaveis, devisando-se nos seus escriptos elevação de idéas e de estylo, que se ganha com estricta familiaridade com os homens de letras.

A typographia nacional occupada ao principio em dar á luz as folhas officiaes do governo, prestou-se com o volver dos tempos aos serviços não officiaes. Depois do emminente ex-secretario Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda, que disseminou pelo paiz muitas producções da sua habil penna, vulgarisando melhor o gosto das letras e o estylo, o primeiro filho da India,

que teve accesso aos prélos do governo, foi o sr. Felippe Nery Xavier, incansavel chronista das especialidades de Gôa, e varão encyclopedico que dedicou a sua vida ao estudo da historia do paiz. Começando com a publicação de folhinhas historicas e de reportorios das leis peculiares das velhas e novas conquistas, o sr. Xavier metteu hombros á historia de Gôa, e legou aos seus patricios noticias valiosas desenterradas dos archivos da secretaria de grande subsidio aos estudos da nossa India, e que sem o sr. Xavier com difficuldade seriam conhecidas do publico. Nomeado director da typographia, deu facilmente publicidade aos seus numerosos escriptos, cuja menção honrosa faz o sr. Innocencio Francisco da Silva, laborioso e erudito bibliophilo portuguez no tomo segundo do seu *Diccionario Bibliographico.*

Os esforços patrioticos do nosso respeitavel amigo o sr. Xavier em prol da historia patria, imitadós pelo sr. Miguel Vicente de Abreu, cavalheiro estudioso que publicou a traducção do *Bosquejo historico de Gôa* do rio Cotheneau, a *Noticia das nossas alterações politicas de* 1821 *e* 1822 e os *Apontamentos biographicos do arcebispo D. Francisco Manuel de S. Galdino*, publicações todas interessantes, attestando os labores litterarios do illustre patricio, que foram impressas na typographia nacional.

O sr. Felippe Nery Xavier já cançado de annos, ainda cultiva com reconhecido proveito a historia de Gôa, e conta dar ao publico as suas investigações sobre a numismatica e a inquisição, e os documentos da chamada rebellião dos Pintos de Bardes, que devem demonstrar a ficção da sublevação estudadamente inventada no seculo passado, e desafrontar o nome dos nossos patricios victimados em holocausto a resentimentos, que o tempo matou.—O sr. Miguel Vicente de Abreu ainda não satisfeito com o serviço prestado ao paiz, vai colligindo vantajosamente documentos historicos, e é provavel que um dia venha a campo trazendo em offerecimento ao paiz mais alguma obra.

Antes que viessem a lume os escriptos do Sr. Abreu, sahiram da imprensa nacional varias outras obras, sendo notaveis o *Livro das ceremonias religiosas* do sr. Padre Antonio José Nicolau Barreto, as *grammaticas da lingua franceza* dos professores os srs. Francisco Gonçalves Ferreira e Padre Francisco Xavier dos Santos Vaz, e mais alguns folhetos, e jornaes politicos e litterarios. Da imprensa nacional sairam tambem alguns escriptos, que disputaram sobre os direitos das corporações agricolas, e que foram o indicio do progresso, que se resentia no campo do estudo. O publico se entreteve por algum tempo com a leitura d'essas polemicas, onde por entre argumentos e razões escapavam

termos agros, filhos do resentimento dos contendores, em cujas fileiras militavam em posição avançada o sr. Filippe Nery Xavier com a *Defeza das Communidades*, o sr. Joaquim Bernardino Catão da Costa com o *Triumpho da verdade*, e o sr. Francisco Luiz Gomes com os seus *Appensos ao Boletim*.

Cessadas estas discussões, o *Boletim* e a *Abelha de Bombaim* eram as unicas publicações periodicas, que corriam de porta a porta, e mal podiam satisfazer os desejos dos leitores. A tendencia pela leitura era pronunciada, o periodico de Bombaim era devorado em um momento, e os seus artigos de fundo e as correspondencias escriptas sob o influxo da politica d'um partido provocando a attenção de todos, traziam satisfação ao gremio que se accommodava como jornal, e descontentamento a outro, que se mortificava por não ter um periodico, orgão das suas idéas, que pudesse rebater a doutrina adversa, que tinha toda a publicidade. O habito da leitura nascido do estudo das obras e recrudescido pelas exigencias inexoraveis do progresso, requeria a multiplicação dos jornaes: o habito de escrever ganho pelos pequenos ensaios feitos occultamente e submettidos á critica do publico á socapa, exigia que além da imprensa nacional se montassem em Gôa typographias particulares, que pudessem dar livre curso ás idéas. Os projectos tentados para a satisfação d'este progresso não tinham força sufficiente para irem avante; e os desejos de mais de um patricio de fundar estabelecimentos typographicos, constantemente malogrados, mostravam que faltavam a robustez da vontade e a perseverança, que domam todos os obstaculos e superam todas as difficuldades.

Estes obstaculos, estas difficuldades apostadas a suffocar o brado das nossas aspirações, cairam vencidas diante dos esforços de um nosso presado amigo, cuja dedicação patriotica é tão extremada, que uma duzia de homens tão laboriosos e emprehendedores como elle bastaria para fazer adiantar muito o paiz. O sr. Bernardo Francisco da Costa, que todos conhecem na India e na metropole pela distincta posição que occupou no parlamento, como mandatario dos povos da India, depois de fortificar as suas tendencias regeneradoras no gremio das illustrações de Portugal e nos theatros da alta politica, calculou que um dos fundamentos do progresso do paiz era a introducção da imprensa, e voltando á patria não descançou sem que visse montada uma typographia, e fundado n'ella o jornal *o Ultramar*. Gregos e troyanos saudaram o novo jornal, que pela primeira vez vinha á luz de ao pé da porta, e promptas subscri-

pções vieram acolher o periodico que devia trazer alimento aos leitores, que anciavam pela discussão quitediana da imprensa, onde tivessem accesso todos os partidos, todas as cores, todas as intelligencias.

Publicados os primeiros numeros do *Ultramar*, que franqueava as suas columnas a todos os filhos da India, uma pleiade de correspondentes veio apresentar ao publico as suas primicias litterarias, e tantas e tão variadas producções sairam das suas pennas, que por pouco faltou, que o numero das correspondencias tomando espaço no jornal, deixasse o redactor fóra da porta. Folgava o illustre fundador da imprensa, que a sua iniciativa jornalistica despertasse os correspondentes, ha tanto tempo condemnados ao entorpecimento, e acolhia todos quantos lhe chegavam, saudando-os com uma mão e recebendo os artigos com a outra. Queria o incremento do desenvolvimento intellectual, e sabia por experiencia, que provando todos os correspondentes as suas forças na arte de escrever, e passando pela satisfação de verem pela vez primeira os seus artigos em letra redonda, os que tivessem forças para sustentar a marchá, haviam de continuar, e ser uteis a si e á patria; os que eram pouco habilitados haviam de esforçar-se em aparar melhor as suas pennas com o habito ganho á sua propria custa; e os que conhecessem, que Deus não os chamava pelo caminho do jornalismo, haviam de mudar espontaneamente de rumo.

Assim succedeu.

O *Ultramar* foi a pedra de toque, onde se aquilitavam o gosto e a tendencia de muitos nossos patricios, que agora não temem escrever longos artigos, e entrar em posição avançada nas pugnas do jornalismo, sustentando impavidos a discussão e as refregas da luta. O *Ultramar* foi o patriarcha dos jornaes de Gôa que successivamente se fundaram em novas typographias, e devem-lhe todos o nascimento que não teriam, se superados os obstaculos não fosse aberto o caminho, por onde pudessem passar novas typographias e vir a lume quantos jornaes quizessem. O *Ultramar* foi o templo, e pelo seu adito sairam os escriptores, que provando as suas forças no jornalismo, foram provadas na tentativa das obras de diversos intuitos. O *Ultramar* foi o *forum*, em cuja imprensa vieram os nossos talentos já encanecidos pedir publicidade ás suas obras, que ficavam no olvido por causa das difficuldades da impressão.

Hoje o movimento jornalistico tem assumido notaveis proporções e tem-se tornado o alimento de primeira necessidade no paiz, impossivel de ser substituido por outro. A discussão

e controversia quotidianas sobre os negocios publicos tem por seus arautos o *Ultramar*, a *India Portugueza*, a *Aurora de Góa*, a *Harmonia* e a *Sentinella da liberdade*, representando cada qual a feição politica e os intuitos dos seus redactores, tornando-se o echo dos queixumes dos povos e das defezas governamentaes, e o brado das aspirações cada vez tão crescentes, que os leitores ainda não satisfeitos de tanto movimento começam por pedir ao redactor do *Ultramar* maior formato ao seu semanario e a sua publicação bihebdomadaria.

A philosophia e a arte de prégar a palavra sagrada tem vindo a lume em obras publicadas pelos professores o sr. Padre Miguel Filippe de Quadros e o sr. Padre Antonio José Nicolau Barreto. A sciencia theologica vae saindo á luz em tratados impressos pelo Professor o sr. Padre Domingos Salvador Marinho da Silva. Os srs. Augusto Estanislau Xavier Soares, Justiniano Augusto da Piedade Barreto e Antonio Anastacio Bruto da Costa tem publicado, o primeiro os seus estudos sobre a jurisprudencia, o segundo a synopse das leis, que vigoram nos dominios portuguezes, e o terceiro o summario das leis especiaes de Góa.

O sr. Manoel Joaquim da Costa Campos vae publicando as suas poesias e as tentativas de alguns romances. O sr. Padre José Paulo Diniz, residente hoje em Lisboa, acaba de offerecer á mocidade a sua *Grammatica* da lingua portugueza, em que é professo. O sr. Julio Frederico Gonsalves, joven de esperanças, brindou os seus patricios com o *Ensaio Historico de Portugal*, e começou a publicar um jornal litterario *Illustração Goana*, destinada a dar noticias biographicas dos nossos homens notaveis.

Os kalendarios que os nossos maiores iam examinar com os que levados de curiosidade formavam taboas annuarias manuscriptas, ou comprar aos congregados do oratorio de Felippe Nery, que eram os unicos, que traziam nos impressos de Lisboa, esses kalendarios feitos em fórma de folhinhas historicas e de almanaks de lembranças, são numerosos, e andam nas mãos de todas as classes e de todas as idades. Os cavalheiros que disseminam pelo povo esses curiosos amalectos, são os srs. Piedade Custodio Pinto, Manoel Joaquim da Costa Campos, Felippe Nery Xavier Junior, José Pedro da Silva Gampos e Oliveira, João Miguel do Rosario Gomes e Aleixo Mariano de Souza.

Os compatriotas que vivem fóra da terra, que os viu nascer, uns educados e instruidos na India e outros instruidos nas universidades e academias da Europa e America, teem dado á luz producções, que honram os seus conhecimentos, e legam glo-

ria ao paiz. O Dr. Isidoro Emilio Baptista já fallecido deixou escriptos varios artigos no *Archivo Rural* de que foi collaborador; o sr. Dr. Agostinho Vicente Lourenço, familiar com os homens doutos de França e de Alemanha, publicou a sua dissertação sobre o glicol. O sr. Custodio Luiz de Miranda, doutor em medicina formado na universidade do Rio de Janeiro, offereceu aos seus amigos do Brasil opusculos sobre o tratamento da cholera-morbus. O sr. Padre Francisco Sant'Anna da Costa, conego illustrado, ha pouco fallecido em Macau, publicou o seu compendio sobre a geographia. O sr. Dr. Lucio Augusto da Silva, medico prestimoso, que serve o lugar de Cirurgião-mór em Macau, escreveu um opusculo sobre cemiterios e outras obras da sua profissão. O sr. deputado Francisco Luiz Gomes, que tanto honra a tribuna e a imprensa deu á luz o folheto em francez sobre a cultura do algodão em Angola optimamente accolhido em França, o opusculo sobre a agricultura em Gôa, e os apontamentos da vida dos brigadeiros Henrique Carlos Henriques e Joaquim José Xavier Henriques.

Não fallaremos dos resumos de diversas obras, das compilações de alguns escriptos, das notas de varios livros, feitas hoje em Gôa, e que revelam os labores litterarios dos seus editores; como o lisongeiro accolhimento que a nenhuma obra falta, revela o gosto á leitura innoculado no animo da nossa sociedade, que ha de preparar para o futuro grande numero de escriptores, a quem está reservada a gloria de acabar com os vicios patrios, que se resentem nos nossos escriptos, e que os mestres classicos do portuguez condemnam inexoravelmente.

Destituido de talentos e reconhecidamente humilde para fazermos côro com os escriptores habeis, começamos por offerecer os nossos limitados prestimos em serviço ao paiz, dando á luz uma obra, que possa servir de subsidio á historia, com o titulo de *Quadros historicos de Gôa,* cujos dois primeiros tomos que sairam á luz foram obsequiosamente accolhidos pelo publico. Confiado no apoio dos que presam as letras e desejam o seu incremento em Gôa, contamos, se Deus permittir, levar a cabo algumas outras publicações destinadas a historiar as cousas patrias.

Do progresso litterario, que se nota em Gôa, e do futuro brilhante que está por vir, a gloria cabe á mãi-patria, que nos ensinou tudo quanto sabemos, e repartiu comnosco irmammente todos os seus foros e immunidades, e por isso confiadamente esperamos, que não ha de haver irmão nenhum da metropole, que lendo estas mal traçadas linhas não folgue ao sa-

ber, que a terra dos Albuquerques e dos Castros tresentos e cincoenta annos depois da conquista caminha para o progresso, filho da civilisação, lançada em boa hora pelos antigos portuguezes, e fecundada pelos seus generosos successores.

Honra-se a metropole honrando-se as colonias. Honram-se as colonias honrando a metropole.

Gôa (Margão) 20 de dezembro de 1864.

J. C. Barreto Miranda.

A ULTIMA GARGALHADA DE MEPHISTOPHELES

POEMA

I

Silencio de uma noite estrellada e escura. — Vigilia.

O Poeta

Que noite! oh erma alampada,
Oh muda confidente,
Á tua luz tão palida
Esta alma geme, sente.

Pois como a mariposa
A tua luz não ama?
Assim a alma se abraza
Do amor na eterna chamma!
Eil-as, milhões d'estrellas
Bordando a immensidade;
Oh, quem sosinho ao vel-as
Scismar, sentir não hade?
Levadas mansamente
Na onda que as envia,
Vaga no espaço a mente
Absôrta na harmonia.
Quem sabe os mil segredos
Das lubricas espheras?
Ou ler a côr das eras
No musgo dos fraguedos?
O pensamento altivo

Se eleva a Deos, não pára!
Domina a tempestade,
Escuta o côro estranho
De espiritos rebeldes!
Vê despenhar-se a rocha
Ferida pelo raio;
E a flor que desabroxa
Á luz do sol de maio.
Ouve o cedro que verga,
E o vento que bafurda,
E a onça que se alverga
Na furna escura, surda!
Escuta o mar que ruge
Na voz de ao longe e ao perto;
E a chuva que restruge,
E a mudez do dezerto!
E vê baquear em terra
Os idolos das gentes;
E o clarim que aterra
Os esquadrões frementes!
E vôa a toda a parte
No raio d'essa luz;
Dá fórma ao sonho — é a Arte,
A vida em si traduz.

Só elle se remonta,
Prescruta o fundo abysmo,
Abrange a immensidade,
Afunda-se no vacuo;
Aspira, e a eterna sêde
É aguia que o devora!
Que importa a argila fragil?
Não ser eu mais do que homem
A quem persegue a neve,
A gelida nortada,
A duvida, a agonia!

Que noite! oh erma alampada,
Oh muda confidente,
Á tua luz tão palida
Esta alma geme, sente.

Tempestade nocturna e violenta. — Rimbombam a espaços os trovões. — Escuridão absoluta.

Psalmo do incredulo

Oh, quem és tu, a cuja vista os montes
Nos fundamentos firmes estremecem,
E te invocam por Deos?
Que trazes sob os pés redemoinhos
De nuvens, de um palor caliginoso,
Nas azas de escarceus?

Que das narinas fumo espesso de ira,
De indignação exhalas, e na bocca
Tens vulcão que incendeia?
Cuja voz são trovões que o mundo atrôam,
Cujo olhar é relampago frequente,
Que pelo ar volteia?

Que tens por setas raios que se cruzam
Nos espaços, fendendo com assombro
Horrivelmente os céos?
Alegra-te, oh mortal! o teu repouso
Não o perturba o estrépito medonho,
Não existe esse Deus!

Sim, o meu Deus é outro! eu o contemplo
No fundo de minha alma quando exulto,
E sinto-o todo amor!
No canto da avesinha, ao vir do dia,
No ciciar da brisa, ao fim da tarde,
Eu te adoro Senhor!

Nos perfumes da flor, que o prado esmalta,
No deslizar da fonte que suspira,
Contemplo o teu poder!
No orvalho matinal, no ardor da sesta,
E no quebrar da vaga, que o sol doira,
Apprendo mais a crêr!

*

As nuvens poisam sobre
O pincaro do monte,
Estreita-se o horisonte,
E a noite tudo cobre.

Mergulho-me nas trevas
Da noite, e absorto scismo!
E ás bordas do abysmo,
Oh alma, mais te elevas!

Ai, contra Deus meu braço,
Meu braço é fraco, inerme;
Fulmina o ignoto verme,
Ajax, pois te ameaço!

Não sei dizer que sinto
Ao vel-a orar contricta,
Assim *bianco vestita*,
Do templo no recinto.

Mephistopheles *apparece*

Que mais queres de mim? não te hei rasgado
O veu do templo? Pede! O que?

O poeta

Mais mundos!

Mephistopheles

Arrebatado em espirito, até onde
Não tens ido? Tocaste na Arca Santa,
E o sagrado terror não te fulmina!
Revelei-te a Arte núa em seus encantos,
Não te deu ella o beijo mais lascivo?
Queres agora a purpura do genio?
A tunica inconsutil onde jogam
O teu porvir — a duvida, a desgraça?

O poeta

Não quero! dá-me o tel-a entre meus braços.

Mephistopheles

Tu, que és rei na altivez da intelligencia,
Egual a Deus, e creador, me evocas
Do barathro infernal para servir-te;
Quando podes fazer surgir do abysmo
D'essa imaginação escandecida,
Um typo ideal, o teu amor! Poeta,
Cae sobre ti da inspiração o orvalho;
Deixa que as cordas da harpa mysteriosa
Percorra o teu delirio. Á terra a fronte
Curva, adorando a creação brilhante,
Como ante a Galathêa o artista grego.
Hade o mundo imitar-te! achar um nume
Em ti, ao ver uma Eva mais perfeita;
Já te mostrei Helena, Dido e Sapho,
Almas errantes, soltas, confundidas
Na penumbra do mundo antigo! Enlaça
Com o cinto das graças a poesia,
O amor, a infancia, e a belleza,
Se não hade invejar Deus egual obra!

O poeta

Faltas ao pacto nosso!

Ouve-se uma gargalhada fria

Mephistopheles

Insaciavel,
A sede do infinito te devora!
O prazer, a sciencia do passado,
O livro do futuro, o absoluto,
Ante os teus olhos pavidos puz tudo!
Queria que cahindo me adorasses.
Hoje cansado da existencia aéria,
Saturado do esplendido banquete,

Em que tu és o abutre e o cordeiro,
Revoltas-te! Descrês da minha força,
Desprezas-me, como uma vã chimera!

Os relampagos fuzilam. — Vozes confuzas como de uma orchestra remota.

Ah, como o nosso pacto inda recordas!
Eu rompo as cataractas do empyreo,
Mergulho-te na enchente da poesia,
Que me pedes?

O poeta

Não sei! O que te peço?
Oh, deixa os pobres reis vergando ao pezo
Das aureas corôas que os apertam;
Aos bravos, deixa aos bravos seus triumphos,
Aos sacerdotes o altar, o embuste,
Aos Deuses os seus frivolos terrores!
Não quero d'isso nada! Que o Calipha,
Embalado nos sonhos do propheta,
Beba a volupia das huris nos braços!
Que aos cortezãos devassos as entranhas
Retalhe o amfião de perfidos amores;
Oh para mim só a Mulher! Não quero!
Dá-me o real, o real; o vel-a, como
Na primeira manhã do paraizo,
Timida assim, falando face a face
Ante Jehová tremendo! pressentindo
Um regosijo immenso, em que antevia
No futuro a progenie indefinida,
Na cadeia dos seres, elevar-se
Até ao ceu, d'onde ha cahido...

Mephistopheles

É muito.

O poeta

Eu quero erguer-lhe o véo d'essa candura,
Mas não é para mim! beber-lhe o riso,
Trespassar-me do olhar mais vehemente,
Extasiar-me com falas pequeninas,

Fazel-a ideal, e dal-a á humanidade.
Prometheu! Prometheu! não póde a argila
Palpitar sem o fogo que se rouba;
Embora a algema dura me una á rocha,
Á carne, com que o Verbo se faz homem!
Erga-se esta aguia, que me róe faminta
Sobre o gélido leito de granito!

A tempestade rebenta com mais ruido. — O furacão imita um coro ominoso. — A alampada extingue-se. — Trevas visiveis.

Mephistopheles

Tudo te dou! Consume-se este pacto!
Quantos annos me dás da tua vida?
Bem vês, é muito!

O poeta

Eu dou-te os que me restam...

Ouve-se um concerto alegre e frenetico de espiritos das trevas

II

Mephistopheles leva Goethe, o poeta, mostra-lhe Frederica, uma donzella pura, arrebatadora, para ver se a ama.

Mephistopheles

Se a visses á janella
Cuidando em seu bordado!
Pudesses, como eu, vel-a
De traz do cortinado!

Se a visses pensativa
Com a mão firmada ao rosto;
Ingenua sensitiva,
Que é languida ao sol posto!

Quando modula ás vezes
Uma aria favorita;
Se um dia em muitos mezes
É palida e afflicta!

E os anneis dispersos
De nitido cabello!
O seio, o mais que em versos
Não pódes tu dizel-o!...

Se visses isto tudo,
N'um hymineo de graças,
Ficáras, talvez, mudo;
Mas — olhas, rís, e passas.

E quando meia occulta,
Com magico recato,
No véo a mão lhe avulta
Amaciando o gato!

Ou quando ao vir da aurora,
Em alva toalha envolta,
Ao espelho se namora,
E olhar lascivo solta!

O Poeta

Eu amo-a muito, muito,
E então n'esses momentos
A mim mesmo pergunto
Quaes são meus pensamentos?

Mephistopheles

E se á janella, triste,
Vem pôr sua gaiola;
Se vem deitar alpiste
No comedouro á rôla?

O Poeta

Ai rôla, quem pudesse
Gosar os teus carinhos;
Que a vida me parece
Um thalamo de espinhos.

Mephistopheles *mostrando-a:*

Cativa a pobre arrulha

Com peito á angustia dado!
E a dona move a agulha
No lépido bordado!

O Poeta *vendo Frederica:*

Eu vejo-a, sempre esquiva,
A angelica visinha!
Ai, dor, a alma é cativa
Talvez mais que a avesinha.

Vai caindo a tarde lentamente; diz o Poeta para Mephistopheles

O cyclope do dia
No espaço a luz entorna,
Como um martello espalha
Faiscas da bigorna.

Da noite na mortalha
Se envolve o moribundo,
Thuribulo que arde,
E em trevas deixa o mundo.

E quando o sol á tarde
Dardeja além na serra,
Parece o ingente dedo,
Que impõe silencio á terra!

Esta hora é do segredo
Que as trevas me vem dar,
Tambem é da ardentia
Se está sereno o mar!

Amor, melancholia
Inspira sempre esta hora,
Pois a costura, n'ella,
Deixais tambem senhora.

E vindes á janella
Radiante de candura,
Como a primeira estrella
Do ceu em noite escura!

Mephistopheles leva o poeta para vêr Frederica; está costurando distrahida.— O seu gato brinca junto d'ella.

O Poeta

Quando á tarde te assentas á janella
A costurar,
Sobre a cassa a mãosinha, alva como ella,
Deixas mirar!

Como brinca o teu gato! é gosto vel-o
Brincar assim!
Se do regaço teu cae o novello,
Com frenesim,

Elle o toma e o lança pela esteira;
Depois... (com dor
Cuido ao vel-o brincar d'essa maneira
Ver nosso amor;)

Por que, abrazado n'esta ardente sêde,
Pedem meus ais
Um pingo d'agua! e a rir me dizes — vêde,
E escondes mais.

Ainda ao gato de Frederica; Mephistopheles está ao fundo. O poeta:

Gósto de vel-o, com fingido somno
Todo ás caricias que lhe faço, alheio;
Vel-o deitar-se, como ao abandono
Sobre meu collo e conchegar-se ao seio.

Gósto de vel-o no jardim correndo
Leve apoz ave que fugio ao vel-o;
Quando deitado ao sol que vem nascendo,
Lambe, amacia o variegado pello.

Sempre brincando, quando o sol é nado,
Não pára ao menos, quando o sol definha,
Dando lições d'amor sobre o telhado,
Lá no casal da magica visinha.

Mephistopheles leva o poeta ao eirado de Frederica, que o espera anciosa

O Poeta *entra no quarto e vendo-a adormecida:*

Que noite e que sitio! nas horas remotas
Do vago silencio, do meigo luar,
Nem d'Ossian a virgem nas praias ignotas,
De fórmas mais brancas, que a espuma do mar:

Dormia tranquilla,
Scismando talvez!
E vinha tingil-a
Mortal palidez.

O vento de subito as nuvens espessas
Da face da lua dispersa no ceu!
Eu via, lembraram-me as nossas promessas,
Ao ver alvos seios a arfar sob o veu.

Sorrindo n'essa hora
Diria tambem:
— Tão longa demora;
Tão tarde, não vem?

Não quiz acordal-a! quem ha que desperte
Um anjo esquecido dos ceus por amor?
Mas eis se alevanta, vai languida, inerte,
Cendal branco, longo, lhe occulta o palor.

E as fórmas! nas dobras do véo transparente,
Destacam-se, ostentam-me incertos perfís!
Vai linda, ao piano, sentar-se indolente,
Dedilha frenetica, a nota amor diz!

Quaes d'harpa os sons vagam
Nas mudas soidões,
Minha alma embriagam
Fataes tentações!

Fascina-me o abysmo! que importa? a meu lado
Se auréola angelica a vem defender!

Sentada ao piano percorre o teclado,
E os sons, hora e sitio me fazem perder.

Nos braços a aperto,
Magnetico ardor;
Mas novo concerto
Se escuta, é de amor!

Que noite ligeira! rebenta-me a corda
Cantando o delirio da ingenua vestal;
Aperto-a nos braços, sonambula acorda,
Sorri-se, e em meus braços se inclina a final.

III

O Poeta *recebendo o beijo de Frederica:*

Mulher por que amas tanto? quem te obriga
A depôr a meus pés tua innocencia?
És a flôr, que se esvai toda em perfumes,
E que ao calor da sesta se emmurchece.
Não me beijes assim! eu sou de neve,
Sou idolo de bronze, altar sangrento,
O holocausto sagrado não me abranda.
Sou o olympico nume e tu Seméle!
Tenho medo de amar-te! é impossivel,
Inferno! Pois que sinto? o que me agita,
Vendo-te a mim tão candida enlaçada,
Como hera no rochedo! Se entendesses
Que mysterios sombrios ha cá dentro,
Esta brutal frieza perdoáras!

Mephistopheles *apparecendo, e em segredo:*

Poeta! se na mente altiva formas
Dois typos ideaes, tens na tua alma
Tanto amor para dar-lhes! tanto fogo!
Oh salva essa donzella! uma palavra,
Nem isso? um beijo só, que ao ceu a eleve!
Não lhe acceitas o osculo mavioso?
Dou-te d'Hamlet a mascara, afivela-a,
Deixa sonhar Ophelia em seu delirio.

Goethe *voltando a face á donzella, para responder a Mephistopheles. Frederica julga-se desprezada e desfallece.*

Deixa-me! és tu culpado do assassinio.
Déste-me azas tão frageis para erguer-me,
Ao remontar-me achei-me solitario
Na solidão do espaço. Ia subindo
Fez-me a luz baquear na espessa treva.
Prescruto o abysmo sempre, e lá no fundo
Sempre o nada a final! Fóste malvado,
Deixando-me tocar ouzado o pômo
Vedado da sciencia! Cada instante
Que avanço ou retrocedo — só e triste
Me encontro em toda a parte.

Mephistopheles *rindo*

É esse o enigma!
Passaste, ao encontral-o indecifravel
Ias andando, e devorou-te a sphinge!

Baqueas, pobre athleta!
A dor teu peito esmaga?
Mas diz voz solta e vaga:
— Levanta-te! és poeta.

THEOPHILO BRAGA.

CHRONICA DO MEZ

unca comprehendi que gosto póde achar um particular honesto, que viveu bem durante o anno com a sua familia, fez excellente visinhança, trouxe as suas contas em regra, descontou por um preço rasoavel, e casou duas sobrinhas que possuia com sujeitos estabelecidos, em ir pular uma noite inteira, ás escondidas dos seus amigos, em simples trage de macaco?

Nos paizes em que as festas do carnaval symbolisam a embriaguez da mocidade e do amor, é comprehensivel que se registrem na chronica do mez de entrudo esses fastos gloriosos da loucura humana; mas em Portugal onde uma tacita convenção nos obriga a acharmos graça aos ditos tantas vezes insipidos ou grosseiros que se guincham por estas occasiões, é realmente um prazer

questionavel passar a noite em semelhante folia sem ter ordenado nem gratificação para tomar parte no divertimento, como os porteiros ou o homem que guarda os paletots.

Lisboa fica ridicula... quando se diverte. Na pachorrenta existencia em que passa o anno, é toleravel; os paes são sisudos, os maridos virtuosos, as meninas castas, e as esposas innocentes; a mais suave athmosphera de honestidade e morigeração embriaga o espirito d'este povo; a mãe permittirá a sua filha... habitar este paiz; o burguez é estimado, os ministros sinceros, as actrizes recatadas, e os agiotas condescendentes. Caminha tudo á sombra de uma insipidez auctorisada. Os estrangeiros sabendo quanto se dorme bem em Portugal veem aqui dormir de vez em quando; isto percebe-se, e tem vantagens nacionaes!

Quando, porém, chega esta memoravel época do carnaval, é uma afflicção ver accordar Lisboa para andar por ahi tres dias aos tombos a cair de somno! Parecem todos poetas, á força de serem melancholicos. Ao vêl-os nos bailes de mascaras, taciturnos, emproados, gravemente insipidos com ares de meditadores pomposos, está uma pessoa a ponto de os tomar por collegas do visionario da fabula de Sckiler, que chegaram tarde á partilha da terra e em quanto se dividem os quinhões vão entretendo-se em contemplar a augusta face de Jupiter e a grandiosa sobrancelha com que elle embrulha o mundo em a franzindo!

Não, poetas, não são elles. Mas, ricos e felizes, distrahidos e independentes, vivendo como senhores, e tendo cinco cavallos na cocheira, para que imitam o ar triste dos que só teem o Pégaso, pobre rocinante allegorico, que não serve para a sela e conduziria mediocremente um tilbury!? O que fizeram elles, por fim de tudo, para terem o direito de serem tão soberanamente sensaborões n'um carnaval? Estão arruinados pela segunda vez, morreu-lhes a noiva, conserva-se-lhes impiamente fiel a amante, sentem-se com um poema na cabeça, uma mulher no coração, um credor ás costas? Nada d'isto. Vivem socegados e felizes, e falta-lhes alguma coisa para serem poetas — porque teem tudo. Comem, bebem, divertem-se, e passeiam gloriosos com um dominó pelo braço, mostrando ao mundo que são felizes. Mas, como o dominó falla! Mas, o que o dominó diz! Ou antes o que o dominó não diz! A mascara não faz o monge; a mascara é espirituosa ás vezes: mas, regra geral, entre nós, o mascara é tolo!

— De que estás tu vestido que tão bonito ficas? diz um mascara a outro.

— De Luiz XV!

— Elegante costume. De que reinado é?

Este anno, ao menos, para estabelecer lucta entre os bailes de S. Carlos e os de D. Maria, duas sociedades de mancebos, duas companhias de iniciadores, duas emprezas de ratice, propozeram-se a combate leal durante tres récitas; em S. Carlos, os Japonezes, Columela, a descida pela mangueira, e a parodia dos artistas da companhia lyrica; em D. Maria, os caixotes com bailarinas, dirigidas a Francisco Palha com a qualificação de *très fragiles*, a exposição do Porto e a companhia dramatica regressando da cidade eterna. Faça-se justiça, estas mascaradas foram verdadeiramente risonhas, e pela idéa, pela caracterisação, e pelos chistes, salvaram do esquecimento este carnaval.

Pelo que respeita a aventuras, desconfio que foi fraca a colheita este anno, e parece-me que os rapazes de Lisboa estão em crise como os ministros; chegou-lhes a hora da retirada, já olham para toda aquella camara-optica sem sobresalto, sem desejos e sem prazer: o caso vae mal; parece haver chegado o momento penoso em que não ha remedio senão uma pessoa convencionar comsigo mesma que se ainda hoje é amavel, já ámanhã não poderá senão amar, e que é a hora de emprehender a sua ultima conquista de baile de mascaras. Ainda o olhar lhe conserva chamma, os cabellos teem o aspecto sufficientemente preto, mas a palpebra vae descendo e occultando o brilho dos olhos, a fiandeira invisivel vae-lhe presenteando a cabeça com os seus fios prateados, primeiro trama do sudario, e se o coração não acompanhar a lenta degradação do corpo fica o sujeito reduzido a velho janota, lacrau amoroso, que belisca com ternura o braço ás mascaras, situação que se considera comica para não confessar quanto tem de tragica!

E tambem, diga-se em desculpa da gravidade monotona da nossa gente nos bailes de carnaval, tem em grande parte a culpa da falta de alegria dos bailes de mascaras a moda de assistirem as familias em camarote á folia da salla. Aos bailes da Opera de Paris não assiste uma só senhora sem mascara, e compreende-se bem o que ha de caustico para a mocidade em não poder divertir-se com toda a semserimonia da loucura carnavalesca, e vêr de todos os lados, em redor de si, por cima de si, nas frizas e nas primeiras ordens, familias e familias das suas relações — porque em Lisboa toda a gente se conhece e se trata—que olham para elle com escrupulosa attenção e com todos os gestos de o estarem inspeccionando!

Durante todo o mez houve uma verdadeira *rage* de bailes; contando-se um entre elles que marcou epocha e deixou para muito tempo impressões saudosas e profundas, — o dos srs. condes de Penafiel. Não nos esqueça porém registar, pelo seu caracter artistico, a bella *soirée* do sr. Paiva Pereira, que entre outros attractivos nos offere-

ceu occasião de escutarmos o canto largo e inspirado da ex.ma sr.a D. Cecilia Oneil na *Collombe*, lindissimo *romance*, quasi uma *aria*, em que brilharam todos os recursos da sua voz admiravel, e uma excellente peça sobre a *Somnambula* para violloncello e pianno pelos srs. Eugenio Lauvinet e Antonio Cardoso Avelino, amadores distinctissimos, dotados do melhor talento e do melhor gosto musical; uma graciosissima festa.

No theatro de S. Carlos, *Anna Bolena*, *Ballo in maschera*, *Barbiero*, e *Don Pasquale*. Que variado e lindissimo reportorio! E como seria facil encher paginas e paginas d'esta chronica dissertando sobre cada uma d'essas magnificas partituras, que symbolisam de alguma fórma a flôr do talento da flôr dos *maestros*, — Rossini, Donisetti, e Verdi! Sejamos concisos: *Anna Bolena* por Mad. Borghi, Mongini, e Junca, é a opera mais bem cantada d'esta epocha; *Ballo in maschera*, por Mad. Volpini, Mad. Bianchi, Mongini e Squarcia, é talvez a mais applaudida,—o que prova que a mais applaudida não é sempre a mais bem cantada; no *Barbiero*, por Mad. Borghi, Mongini, Squarcia, Toppai, e Junca, ha que festejar todos e tolerar Toppai; no *Don Pasquale*, ha duas coisas a fazer toda a noite,—escutar Mad. Volpini e Squarcia emquanto elles cantam, e applaudil-os.... emquanto Toppai cantar!

JULIO CEZAR MACHADO.

CHRONICA BIBLIOGRAPHICA

ncetarei esta chronica aventurando algumas leves considerações sobre a critica litteraria geralmente exercida entre nós. Fóra de lugar, será; mas fóra de proposito não é, porque ainda não vimos epocha mais fertil em criticos, ou antes em critiqueiros, do que a actual. É uma nova praga como a do Egypto. A differença reduz-se a que estes novos mosquitos só zumbem e não mordem. Eis tambem a razão porque se deixam zumbir impunemente.

Hoje quasi todos se estreiam mestres. Ao ler-se, pela primeira vez, um nome nas columnas de um jornal, lê-se tambem uma lição, e uma lição de arte! Os aristarchos brotam espontanea e naturalmente na imprensa como os cardos no monte. Que admira? Se uns vegetam sem cultivação porque não hão de vegetar os outros?

Uma chusma d'estes critiqueiros escolheu-me ultimamente para alvo dos seus inoffensivos ataques. Cumpria-me não fazer caso, e não fiz. Para eu ficar vingado bastava-me que os lessem. Agora, porém, na vanguarda dos meus detractores surge um nome conhecido litterariamente: é o nome do sr. Andrade Ferreira. Agradeço-lhe a resolução. Tenho, finalmente, um adversario.

Não me surprehendeu todavia, o artigo; já o esperava. Diz o sr. Andrade Ferreira, que, ha muito tempo o instigava o desejo de escrever alguma coisa, mais por extenso, sobre as minhas producções

dramaticas. Aquelle «ha muito tempo» tem uma data pouco distante, que me era facil precisar. Mas para que? Não val a pena. Que o unico empenho do *imparcial* escriptor era deprimir-me, vê-se claramente no artigo. E será justificado o motivo que o levou a isso? talvez. Ora estes accessos de severidade para comigo são periodicos no sr. Andrade Ferreira. A largos espaços, tem-me honrado com tres ou quatro verrinas, brindando-me nos intervallos d'estas, com alguns louvores? o que inspiraria os louvores? o que inspiraria as verrinas? A consciencia, pois que havia de ser senão a consciencia!

A critica applicada pelo sr. Andrade Ferreira ao meu reportorio póde ser applicada ao reportorio de todo e qualquer auctor. O intuito ali é sómente condemnar. A má fé transparece nas insinuações vagas e nas falsas comparações. Na analyse simulada dos *Diffamadores*, desmascara-se completamente o critico de *occasião*. Tudo o que elle diz se desfaz por si mesmo. Mais triste argumentação, ainda não vi. Para que desenhou os typos da *Calumnia* de Scribe, e os typos dos *Diffamadores*, se queria provar que eram os mesmos? Não vê que esses mesmos desenhos o atraiçoaram? Quiz condemnar-me e justificou-me. Os typos que dizia serem os mesmos, prova que são inteiramente outros. Quanto a acção é o proprio sr. Andrade Ferreira, que, depois de esboçar o enredo da peça franceza, declara o seguinte: «Nos *Diffamadores*, passa-se tudo de maneira diversa.» Que plagiato! E vae tão longe na sua mania de querer demonstrar que não ha um unico caracter original na minha comedia que até descobre ter eu feito de uma mulher, duas mulheres! Já é teima. Pois é possivel que duas mulheres que se não parecem uma com a outra, que são dois caracteres distinctos, duas organisações diversas, sejam remodeladas de uma terceira, a não ser que esta tenha duas feições pronunciadas o que não acontece na esmerada producção de Scribe. Do modo como o sr. Andrade Ferreira estabelece o parallelo entre a *Calumnia* e os *Diffamadores*, vou eu provar que não ha obra alguma de arte original. Creia o sr. Andrade Ferreira que os typos do meu drama os *Diffamadores*, foram copiados, mas foram copiados dos originaes que me rodeiam. O meu maior trabalho foi occultar-lhes algumas feições para que os não apontassem a dedo. Ainda assim houve quem encontrasse retratos. Os *Diffamadores*, não são uma fantasia; são um pequeno quadro da nossa historia contemporanea. Aquelles homens e aquellas mulheres vivem entre nós; aquellas peripecias são factos. Ali não ha invenção, ha verdade. Era-me facil mostrar-lhe que taes acontecimentos se realisaram, que taes individuos existem; mas não posso, nem devo fazel-o. O que eu fiz agora, é o que eu tenho feito sempre. A escola que sigo, é a escola

realista. Observar e copiar é a sua missão. Cumpro-a o melhor que posso e o melhor que sei. Gritam alguns que é de pouca ou nenhuma valia tal escola. Será, mas o que é verdade é que, embora ainda não existisse a palavra *realismo*, o primeiro escriptor realista foi Molière. Que fez elle no seu theatro senão retratar a sua epocha? Tal modelo e tal exemplo fallam mais alto do que taes criticos.

Plagiario! não ha escriptor que não tenha sido mimoseado com esta palavra, nem critico que deixasse de a adoptar, como ultimo recurso. É uma accusação que tem sido feita a todos os homens de lettras. Não seria difficil provar que nenhum ainda lhe escapou. Tanto é assim que Alexandre Dumas que é, a meu ver, a imaginação mais fertil, mais engenhosa, mais fecunda e mais rica da França, e talvez do seculo actual, é tambem o homem que mais vezes tem sido accusado de plagiario! A proposito de plagiatos vem a pêlo citar aqui um trecho de um livro de Augusto Vacquerie, intitulado *Profils et Grimaces*. Diz elle:

«Se eu fôra casado e minha mulher estivesse gravida, a minha alegria não consistia de certo na esperança de ter um filho com duas cabeças.

«Se meu filho tivesse uma bocca, dois olhos e duas pernas, por isso não deixaria de me considerar pai. Confesso esta infermidade do meu espirito aos criticos para quem um drama não existe se encontram n'elle os membros dos dramas anteriores.

«Mais uma vez o crime! mais uma vez a maternidade! mais um assassinio! mais uma cortezan! E condemnam a peça. É como, a não ser um monstro, é impossivel que uma criança ou uma peça nada tenha de commum com as outras peças ou com as outras crianças, declaram o presente e o futuro plagiarios, e prohibem-lhes que continuem a fazer dramas,—não ousam ainda accrescentar: nem filhos. Não sentem bastante desprezo pela horrivel vulgaridade d'essas peças que julgam ter uma phisionomia propria sem ao menos possuirem uma cauda em vez de nariz um ramo em vez de orelha.

«Logo, o seculo dezenove, chega tarde. Os grandes poetas são cavallos de corridas, o premio pertence ao que chegou primeiro. Eschylo não existe pelo seu genio, mas pela sua data. A gloria é o direito de primogenitura.

«Um facto que destroe estas bellas affirmativas, é que, até ao seculo dezenove exactamente, os poetas que encetaram os theatros, só trataram de assumptos conhecidos. O creador da comedia em França não fez mais ceremonia em—prendre son bien—a Plauto e a diversos, de que o creador do drama em Inglaterra em aproveitar dos novellistas a acção de *Hamlet*, de *Roméo e Julietta* e do *Othello*. Eschylo, Sophocles e Euripedes dramatisaram os tres os mesmos acontecimentos,

extrahidos das legendas nacionaes. E é unicamente no nosso tempo que os poetas dramaticos principiaram a só querer acções virgens.

«De modo que seriam precisamente os poetas primitivos os plagiarios.»

A originalidade é a fórma, disse Almeida Garrett. A auctoridade é competentissima. É pois debaixo d'este ponto de vista que todas as obras de arte devem ser analysadas e julgadas. *Manon Lescaut*, *Marion de Lorme* e a *Dama das Camelias*, baseam-se todas tres no mesmo assumpto, a mesma paixão domina as tres mulheres, o mesmo stigma as fere, o mesme amor as purifica. E deixam por isso de ser tres dramas originaes? Quem argumentar como o sr. Andrade Ferreira deve considerar plagiatos os dois ultimos. E logo que o meu drama os *Diffamadores*, passe da scena para o livro, o que não tardará, o publico, e os leitores verão, confrontando-o acto por acto, scena por scena, situação por situação, typo a typo com a *Calumnia*, que eu fui plagiario mui inferior a Victor Hugo e a Alexandre Dumas filho. Reservo tambem para então responder detidamente á palavrosa e balofa analyse do sr. Andrade Ferreira, e á critica em geral, o que só fiz agora, ao correr da penna, por falta de espaço. Mas ha ainda dois pontos em que eu desejo tocar. Assim m'o ordena a gratidão e a dignidade.

O folhetim do sr. Theophilo Braga, foi, segundo parece, que mais exaltou a bilis critica do sr. Andrade Ferreira. Tres nomes distinctos e legitimamente festejados nas lettras, haviam já apreciado favoravelmente a comedia. O primeiro foi o sr. Olympio de Freitas, esperançoso talento que se estreiou brilhantemente na *Gazeta de Portugal*, onde todas as semanas justifica a sua valia. É insuspeita semelhante apreciação porque nunca tive o prazer de apertar a mão ao seu auctor, nem pessoalmente o conheço. Folgo até que o sr. Andrade Ferreira, me proporcionasse este ensejo de lhe agradecer tão espontaneo e tão apreciavel juizo. Depois Julio Cesar Machado, o espirituoso e ameno folhetinista da *Revolução de Setembro* tambem acolheu lisongeiramente a minha producção, applaudindo-lhe o pensamento. E finalmente Pinheiro Chagas, o primeiro critico litterario que hoje temos na imprensa, o digno herdeiro do auctor das *Memorias da litteratura contemporanea*, a quem elle n'este numero da *Revista Contemporanea*, presta devido culto em sentidas e bellas paginas, Pinheiro Chagas, foi apologista da comedia *Os Diffamadores*. Julgou-a até isempta de erros que havia notado nos *Homens ricos* e na *Pobreza doirada*. A prova é que diz: «a comedia fundiu-se de um jacto, a estatua appareceu harmoniosa diante dos olhos da platéa.» E accrescenta: «parece-me, repito, a mais aprimorada, a mais bem feita de todas quanto o sr. Biester tem escri-

pto, e o publico applaudido.» Vê-se, portanto, que a opinião do sr. Theophilo Braga é a mesma do sr. Pinheiro Chagas. Porque será então que ao sr. Andrade Ferreira tamanha impressão lhe causou esta opinião manifestada por um, e tão indifferente lhe foi manifestada pelo outro? É um enigma, mas enigma que não vale a pena decifrar-se. O que é verdade, e o que me basta saber, é que festejaram a minha obra Pinheiro Chagas, Julio Cesar Machado, Theophilo Braga e Olympio de Freitas e que só a deprimiu o sr. Andrade Ferreira e mais dois critiqueiros, seus admiradores,—o que lhe não invejo—e meus inimigos—o que me gloría. Agradecendo, pois, aos quatro escriptores, agradecerei tambem a imprensa em geral, que foi igualmente benevola com a minha peça.

E o meu reconhecimento não pára aqui. Ao publico, a esse publico que o sr. Andrade Ferreira, accusa de rude e ignorante porque palmeia os meus dramas, devo eu muito, devo eu tudo. É a voz do publico que me tem bradado sempre «ávante.» É o publico que me tem estimulado a proseguir na espinhosa carreira que encetei. É o publico que me tem continuamente auxiliado e protegido. E é o publico que, incontestavelmente. lavra o principal diploma aos auctores dramaticos. Victor Hugo no prologo de uma das suas mais notaveis obras diz: «*le théatre c'est la foule el sans foule il n'y a pas de théatre.*» Impressionar e commover a multidão é ao que deve aspirar o dramaturgo. O baptismo d'este são as palmas da platéa. A critica póde aquilatar-lhe depois a valia como escriptor, nada mais.

Agora passarei á questão de dignidade, repellindo a idéa de especulação que me attribue o sr. Andrade Ferreira, na dedicatoria do meu drama *Fortuna e Trabalho*, á classe typographica. Em que se firma para o dizer? Até hoje nunca a minha penna soube, nem espero que saberá nunca, o que é especular. Não ha um unico facto na minha vida litteraria, que auctorise a suppôl-o, senão aponte-o. Actos semelhantes só podem attribuir-se a esses aventureiros do jornalismo que alugam a penna a tanto por mez para defender este ou aquelle partido, esta ou aquella situação politica. Boa ou má nunca tive senão uma inspiração—a minha. Depois, o drama por mim dedicado á classe typographica, era o meu decimo oitavo drama original. Se fôra uma estreia, ou se fôra mesmo no principio da minha carreira, ainda se justificaria tal suspeita. E advirta-se que até ali, nunca havia dedicado obra minha a classe alguma, e que muitas d'essas obras haviam sido calorosamente applaudidas. Tambem o sr. Thomaz Ribeiro, offereceu logo em seguida o seu poema *Novas conquistas*, ao Centro promotor? Seria outra especulação do festejado poeta? Ha coisas que só lembram a quem é capaz de as praticar. A minha dedicatoria da *Fortuna e Trabalho*, á classe typographica, foi uma

homenagem sincera e merecida. Considerou-a assim, estou certo, aquella distincta e nobre classe. Foi grande recompensa para tão pequena dadiva, é verdade; mas tambem na minha alma ficou lançada uma divida eterna. Distincções algumas valem, nem hão de nunca valer tanto para mim como as que mereci dos typographos de Lisboa e Porto. São a minha maior gloria e o meu unico brazão.

Terminarei dizendo ao sr. Andrade Ferreira, que tão desaffeiçoado se mostra aos francezismos e aos plagiatos que não é só nas suas estantes que se encontram as criticas de Gustave Planche, Villemain, Sainte-Beuve, Pontmartin, Texier, a Cuvillier-Fleury, e que ha quem as leia embora as não traduza.

Basta. Agora só no prologo do drama *Os diffamadores*, renovarei esta discussão, ainda que seja novamente provocado. Careço de aproveitar melhor o tempo. Em vez de discutir, prefiro trabalhar. O trabalho ha de ser sempre o meu principal argumento. O trabalho ha de ser a minha justificação. O trabalho ha de ser a arma com que hei de flagellar mais os meus detractores.

Prolonguei insensivelmente esta replica mais do que tencionava, e apenas me resta espaço para annunciar a publicação das seguintes obras: *Horas de paz* e o *Esqueleto*, por Camillo Castello Branco; a *Ultima dona de S. Nicolau*, por Arnaldo Gama, e a *Historia da Fundação do Imperio Brazileiro*, por J. M. Pereira da Silva. No proximo numero esboçarei as impressões que me ficaram da leitura d'estes livros.

Ernesto Biester.

Paulino José Soares de Sousa

Visconde do Uruguay.

Lit. d'Anad. Rocl. R.d. de Lo.

O VISCONDE DO URUGUAY

(Esboço biographico)

I

sr. Paulino José Soares de Sousa, 1.º visconde do Uruguay com honras de grande no imperio do Brasil; senador e conselheiro d'estado ordinario; desembargador aposentado; ministro e secretario d'estado em diversas épocas e em differentes repartições; gran-cruz da ordem imperial da Rosa, e de varias outras nacionaes e estrangeiras, como adiante se dirá; nasceu em Paris a 4 de outubro de 1807. Ahi residiam por esse tempo seus pais, o dr. José Antonio Soares de Sousa, e D. Antonia Gabriela Magdalena Soares de Sousa, aquelle natural de Paracatû, na provincia de Minas-geraes, do então estado do Brasil; e esta de nação franceza, e nascida na propria cidade de Paris.

Motivos que ignoramos determinaram a vinda de seu pae para Lisboa, trazendo-o comsigo ainda na primeira infancia. Passando algum tempo depois em companhia do mes-

mo para o Maranhão, ahi começou e continuou o tirocinio escholar, proprio da carreira das lettras, para que o destinavam as tradições de familia, e a sua natural vocação.

Romperam-se entretanto os laços que prendiam o Brasil á metropole. Não obstante o tal qual incremento que, a favor da residencia da côrte no Rio de Janeiro, haviam no periodo immediato tomado n'aquelles estados varios ramos do ensino publico, mediante a fundação de algumas aulas e estabelecimentos scientificos e litterarios, carecia comtudo o nascente imperío dos elementos da instrucção superior, em faculdades ou academias, que só depois e successivamente vieram a organisar-se. O Brasil continuou, pois, ainda por alguns annos apoz a sua emancipação politica, a depender da Europa no que dizia respeito á cultura intellectual de seus filhos, que tinham de transpôr o Atlantico, sempre que se propunham completar a educação scientifica, tal como a haviam mister.

Foi n'essa conformidade que o sr. Paulino, entrado na adolescencia, e pretendendo habilitar-se para a profissão forense, ou da magistratura, passou a Portugal com o fim de graduar-se em leis na universidade de Coimbra.

Matriculou-se effectivamente no curso juridico em outubro de 1824. Proseguindo n'este e nos seguintes, chegara ao quarto anno, e achava-se prestes a fazer acto e tomar o grau de bacharel no de 1828, quando os transtornos politicos do paiz lhe tolheram a consummação dos seus designios. Rebentara a revolução, que abolindo as instituições juradas, proclamou rei *absoluto* de Portugal o sr. D. Miguel de Bragança; e como consequencia necessaria d'esse facto, e das crises que se lhe seguiram, não tardou em apparecer o decreto pelo qual se mandavam suspender os exercicios lectivos, e fechar as portas da universidade, tida na sua maioria por adversa á nova ordem de cousas então inaugurada.

O sr. Paulino, com o discernimento e circumspecção tantas vezes manifestados nos actos da sua longa carreira publica, abstivera-se de tomar parte activa nas dissenções internas do paiz em que vivia como hospede temporario. Subdito de uma potencia livre, e creado entre as aspirações das doutrinas liberaes, faria provavelmente votos para que triumphasse a causa, que por todos os titulos devia considerar como legitima: porém não julgara que na sua qualidade de estrangeiro lhe cumprisse seguir o exemplo de outros seus patricios e collegas, que voluntariamente tomaram armas para sustental-a, alistando-se como elles no batalhão academico, e acompanhando-os na re-

tirada para Hespanha, a que se viram forçados no desfecho da lucta, perdidas de todo as esperanças, e mallograda a reacção que a favor da Carta se tentara no Porto em maio do referido anno.

Esta abstenção, comtudo, não bastou para exemptal-o das perseguições dos vencedores. Preso, e lançado em ferros, teve de jazer por algum tempo nas enxovias da cadéa da universidade, para ahi expiar, não crimes commettidos, mas a divergencia de opiniões; que n'estas épochas procellosas é sempre qualificada como tal pelos bandos triumphantes. A innocencia do seu procedimento, mais poderosa que a má vontade dos que desejavam perdel-o, conseguiu em fim restituir-lhe a liberdade, de que fôra tão injustamente privado.

Apenas franqueadas as portas da prisão, o mancebo estudante deu-se pressa em fugir a novos, e por ventura mais graves perigos. Abandonou para logo a terra inhospitaleira, que lhe negava em tal conjunctura agasalho e segurança, e entregou-se outra vez aos mares em demanda da casa paterna, para ahi refocilar-se dos trabalhos passados, e receber nos abraços carinhosos da familia o consolo efficaz de que necessitava.

II

Por decreto imperial de 11 de agosto de 1827 fôra entretanto creada na capital da provincia de S. Paulo uma faculdade juridica, que desde a sua inauguração realisada no 1.º de março seguinte começara a ser frequentada pela mocidade brasileira, que pretendia iniciar-se nos estudos do direito. O sr. Paulino determinou-se a concluir n'ella a sua interrompida formatura. Não desmereceu ahi n'um apice do credito que alcançara em Coimbra durante o seu quarto anno, sendo geralmente conceituado como um dos melhores alumnos do curso. E pede a verdade que se note, que nos annos anteriores não passara de estudante mediocre, por dar-se de preferencia, e quasi exclusivamente, á poesia (fazia versos!) e á litteratura: porém o elogio acompanhado de amigaveis conselhos, com que por occasião de uma lição o incitara um dos seus mais distinctos lentes, transformara-o completamente, fazendo que se desviasse dos objectos da sua predilecção.

O futuro politico, administrador e diplomata brasileiro cifrava por então em pouco a sua expectativa. Limitava-se unicamente a seguir a carreira da magistratura. E com effeito, apenas obtida a formatura em 1831, deveu ao bom conceito que d'elle for-

mavam o regente José da Costa Carvalho (depois marquez de Montalegre), e o ministro da justiça padre Feijó, que o conheciam de S. Paulo, o seu prompto despacho para juiz de fóra d'essa mesma cidade, onde passou pouco depois a servir o logar de ouvidor da comarca.

Votado inteiramente ao desempenho dos seus deveres, o novo magistrado não poupou diligencias e esforços para corresponder ao que d'elle se esperava. O seu expediente rapido e acertado; a imparcialidade e rectidão com que administrava justiça; a cortezia e affabilidade com que a todos tratava, sem quebra da gravidade e sisudeza proprias do cargo; taes e tão distinctas qualidades não podiam deixar de acarear-lhe as sympathias publicas nos oito mezes que alli permaneceu. Como juiz relator da junta de justiça, então tribunal criminal em toda a provincia, não foi menos solicito em limpar as prisões, preparando e promovendo a expedição de numerosos processos, e apressando o julgamento dos miseraveis réos, que n'ellas estavam esquecidos e amontoados por falta de meios.

Como vagasse entretanto na côrte o logar de juiz do crime do bairro de S. José, o ministro que então era da justiça Honorio Hermeto Carneiro Leão (condecorado mais tarde com o titulo de marquez de Paraná) justo apreciador dos meritos do sr. Paulino, a quem conhecia de Coimbra, quiz aproveitar de mais perto os seus bons serviços nomeando-o para o dito logar. Commetteu-lhe ao mesmo tempo o importante e trabalhoso expediente da intendencia geral da policia, e encarregou-o interinamente da conservatoria dos inglezes, cargo que sempre fôra conferido a magistrados provectos. Extinctos esses logares pelo codigo do processo, passou então a servir a segunda vara do civel da côrte, em cujo exercicio continuou a manter os creditos, de que como magistrado já gozava.

Relações de intimidade contrahidas entre elle e o celebre Evaristo Ferreira da Veiga, levaram esse jornalista distincto (que tamanha preponderancia e influencia exercia nos negocios politicos do tempo, como um dos chefes do partido moderado) a incluir o seu nome na lista que organisou para deputados á *primeira* assembléa provincial do Rio de Janeiro, e que o foi incontestavelmente em mais de um sentido. Essa lista obteve completo triumpho; e o sr. Paulino, que se conservara até então estranho aos bandos e agitações politicas, viu-se, sem o que ambicionasse, collocado no primeiro degrau da nova carreira em que os seus talentos lhe destinavam um futuro tão brilhante.

III

Tomando assento na assembléa, o sr. Paulino recebeu para logo testemunhos não equivocos da consideração e estima de seus collegas, que se apressaram a contemplal-o na lista dos escolhidos para o cargo de vice-presidente da provincia. Na effectividade das funcções, em que entrou pouco depois, distinguiu-se de sorte que, vagando a presidencia em virtude da exoneração concedida ao que então servia, coube-lhe a honra de ser nomeado presidente, por carta imperial referendada em 1835 pelo regente Feijó.

Dando-se execução no anno seguinte á lei, que augmentara com mais dois membros na camara legislativa o numero de deputados por aquella provincia; foi o sr. Paulino eleito por ella seu representante, e votado com grande maioria para um d'esses logares. Successivamente reeleito nas seguintes legislaturas, só deixou de represental-a na camara temporaria, quando na sessão de 1849 os votos reiterados da mesma provincia, confirmados em fim pela escolha imperial, o elevaram ás cadeiras do senado.

Ao entrar no seio da representação nacional, dividida então em diversas parcialidades, que symbolisavam, como de costume, as idéas e opiniões encontradas que tão acaloradamente se debatiam no paiz nos annos tormentosos e difficeis, que mediaram entre a abdicação do primeiro imperador e a declaração da maioridade de seu augusto filho, o sr. Paulino aggregou-se ao partido politico, em cujas fileiras permaneceu sempre, e que tinha n'esse tempo á sua frente dois homens, mais que muito notaveis na historia contemporanea do Brasil — Bernardo Pereira de Vasconcellos, e o futuro marquez de Paraná. E com tamanha dedicação e lealdade o serviu, que ao cabo de dois annos, no de 1840, passou a ser tambem reconhecido, sem contestação, como um dos chefes d'esse partido.

No primeiro anno do seu tirocinio parlamentar poucas vezes tomou a palavra, fugindo de envolver-se em discussões puramente politicas. Tornou-se porém notavel como relator da commissão encarregada do projecto de interpretação do acto addicional, cujos artigos sustentou quasi só, em brilhantes e concludentes discursos, conseguindo que o mesmo projecto passasse sem alteração alguma.

Por occasião da abertura das camaras em 1840, a situação dos negocios internos do paiz assumira um aspecto cada vez

mais grave e complicado. A força moral do regente nomeado por virtude do acto addicional achava-se muito combatida, ou pouco menos que anniquilada. A um ministerio energico e vigoroso, qual o de 19 de setembro de 1837, apoiado por uma numerosa, compacta e decidida maioria dos corpos parlamentares, tinham succedido outros ministerios fracos e sem prestigio, com maiorias igualmente debeis e vacillantes. O partido opposicionista aproveitou-se d'essa fraqueza para apressar a declaração da maioridade do imperador, procurando antecipal-a á época em que deviam legalmente expirar as funcções do regente, na esperança de que assim lhe passaria, como de facto passou, para as mãos a direcção dos negocios.

Foi n'esta conjunctura que, cedendo ao convite de seus amigos politicos, e principalmente ás instancias do deputado Carneiro Leão, um dos que mais influiram na organisação do novo ministerio formado em 23 de maio de 1840, que o sr. Paulino se prestou a acceitar a pasta da justiça. Era porém mui tarde para dissipar a tempestade, prestes a desenvolver-se com toda a sua furia contra o poder regencial. Esse ministerio, apezar de reforçado em 22 de julho com a entrada do senador Bernardo Pereira de Vasconcellos para a pasta do imperio, não teve força para realisar o addiamento das camaras, que decretara, e caiu em 23 de julho, perante a proclamação feita revolucionariamente da maioridade do imperador, assumindo o sr. D. Pedro II as redeas do governo antes do praso marcado na constituição.

A queda d'este ministerio, a lucta que a precedeu, e a das eleições subsequentes, lançaram decididamente o sr. Paulino na arena dos partidos politicos. Tomou parte activa e efficacissima n'essas eleições, que ficaram sendo denominadas do *cacete*, em razão das violencias que para vencel-as se empregaram por parte dos ministeriaes: e em resultado de uma lucta mui renhida, obteve a opposição, dirigida com acerto e firmeza, incluir na lista dos dez deputados pertencentes ao Rio de Janeiro seis dos seus mais conspicuos candidatos, em cujo numero entrava o sr. Paulino.

IV

O ministerio que subira com a maioridade, não teve forças para resistir aos ataques mortiferos contra elle dirigidos por habeis e valentes adversarios. Ao cabo de oito mezes de existencia, viu-se obrigado a resignar o poder. D'ahi resultou a formação do de 23 de março de 1841, no qual entraram dis-

tinctas capacidades brasileiras, não podendo deixar de serem considerados taes, dos fallecidos o marquez de Paranaguá, o visconde de Sepitiba e José Clemente Pereira — e dos que hoje vivem os srs. marquez de Abrantes, visconde de Sapucahy, e visconde do Uruguay, ainda então conhecido pelo nome de Paulino José Soares de Sousa.

Tocou ao ultimo a pasta da justiça, e com ella a opportunidade para prestar ao seu paiz novos e avantajados serviços. Distinguiu-se nas discussões parlamentares da lei de 3 de dezembro de 1841, para cuja adopção muito contribuiu; e desempenhou as obrigações de ministro desenvolvendo e facilitando a execução d'ella, em tudo o que dizia respeito á nova organisação judiciaria por meio de regulamentos praticos. A experiencia sanccionou esses regulamentos, que ao cabo de vinte e quatro annos subsistem ainda, sem notaveis modificações. Nem é para omittir a energia e decisão com que se houve por occasião dos movimentos revolucionarios, que em 1842 rebentaram nas provincias de S. Paulo e Minas-geraes, e que ameaçavam estender-se a outras, se não fossem, como de feito foram, breve e vigorosamente comprimidos.

Se as medidas adoptadas em tal conjunctura tiveram até certo ponto o caracter de violentas, como entre outras a da deportação de varios cidadãos, reconhecidamente influentes no partido que promovera e favorecia a revolta, o procedimento do illustre ministro justifica-se pela lei da necessidade, e pela gravidade das circumstancias em que o governo se via collocado.

O ministerio de 23 de março caiu em 20 de janeiro de 1843 para dar logar a outro, organisado pelo chefe da maioria parlamentar, o senador Carneiro Leão, depois marquez de Paraná. Para elle entrou o sr. Paulino em 8 de junho seguinte, ficando encarregado da pasta dos negocios estrangeiros. No curto periodo em que fez parte d'esse gabinete, podem apenas mencionar-se por mais notaveis algumas discussões vigorosas que teve de sustentar com a legação britannica em assumptos relativos á extincção do trafico da escravatura.

Saindo do poder com todos os seus collegas em 2 de fevereiro de 1844, passou como deputado a sentar-se nos bancos da opposição para combater decididamente os actos do novo governo, representante do partido adverso áquelle em que sempre militara.

Pretendia o novo gabinete nada menos que anniquilar de todo a influencia do partido em que o anterior se apoiava. E

com effeito, dissolvida a camara dos deputados, de tal modo se houve que conseguiu excluil-o quasi completamente do novo parlamento. Ficou esse partido reduzido a contar na nova camara seis ou sete deputados, que formaram o grupo conhecido pela denominação significativa e chistosa — da *patrulha!* O sr. Paulino, que estivera por muitos annos na posse não interrompida de ser sempre pela provincia o mais votado, com excepção de uma vez, que ficara em segundo logar, apenas obteve d'esta a custo o de segundo supplente! Fallecendo porém entretanto o conego Januario, e passando para o senado o marquez de Caxias, que era o primeiro supplente, veiu a tomar assento na camara em 1846 como deputado do numero. Ahi se enfileirou novamente na opposição, e com ella sustentou o seu posto até o fim da legislatura, sendo reeleito deputado para a seguinte em 1848.

Como tivesse n'esse mesmo anno completado os quarenta de edade, e se désse uma vaga de senador na provincia do Maranhão que habitara na sua infancia, por ella se apresentou candidato. Apesar de achar-se na opposição, foi o seu nome acceito por diversos partidos, e inscripto na lista triplice em primeiro logar, com maioria consideravel de votos. A escolha imperial não sanccionou, comtudo, d'esta vez o suffragio popular: pelo que, occorrendo nova vaga de senador na provincia do Rio de Janeiro, e apresentando-se, obteve ser eleito, e contemplado tambem em primeiro logar.

Ainda não foi d'esta vez o escolhido. Teve de ceder o passo ao sr. Sousa Mello, então ministro; porém apresentando-se na mesma provincia em 1849, para occupar a cadeira que deixara devoluta o marquez de Maricá, subiu o seu nome, por terceira vez eleito em primeiro logar, á escolha da corôa, sendo em fim nomeado senador por carta imperial de 31 de março de 1849.

Em 8 de outubro d'esse anno passou a substituir no ministerio organisado em 29 de setembro de 1848, na repartição dos estrangeiros o sr. marquez de Olinda, que circumstancias especiaes tinham levado a requerer a sua exoneração.

V

Eis-nos chegados á época por ventura a mais importante e gloriosa da vida politica do sr. Paulino. Para melhor aprecial-a, permitta-nos o leitor que substituamos n'este logar á nossa desalinhada phrase os rasgos eloquentes do distincto escriptor brasiliense, que ha annos traçou para a *Galeria dos brasileiros illus-*

tres os apontamentos biographicos que n'ella acompanham o retrato do sr. visconde.

«Concorreu (diz elle) efficazmente para a destruição do cancro roedor da sociedade brasileira — o commercio infame de carne humana. Seu brilhante discurso, pronunciado na camara dos deputados a 13 de julho de 1850, elevou-o, e collocou o governo do Brasil em uma posição tão nova, quanto nobre e respeitavel. Foi com effeito a primeira vez que se viu esse governo pronunciar-se com tanta decisão e firmeza: e a correspondencia de s. ex.ª com a legação ingleza, em que se oppõe á arrogancia de uma nação poderosa, que tudo quer levar pela força, a resignação calma e fria da nação fraca, que prefere a extincção ao aviltamento de sua dignidade e de seus brios, é um padrão de gloria para o ministro, para a corôa, e para o paiz.»

Durante o seu ministerio, que d'esta vez se alongou a quatro annos, teve occasião de prestar outros valiosissimos serviços, que a historia não deixará de consignar com a devida justiça nos annaes brasilienses.

O dictador da confederação argentina, de sanguinolenta memoria, D. João Manuel de Rosas, havia-se collocado para com o Brasil na posição mais insolente e ameaçadora. Pedia continuamente ao governo imperial explicações e satisfações por tudo, e até pelas expressões que os deputados proferiam na tribuna parlamentar. Estava a apoderar-se da praça de Monte-Video, occupando já a campanha, por meio do seu apaniguado D. Manuel Oribe, feitura sua, e docil instrumento de suas vontades. Chegara em fim ao ponto de arrojar de todo a mascara, fazendo declarar a guerra ao Brasil na sala dos seus representantes.

O ministro dos negocios estrangeiros do Brasil, depois de prevenir-se com um tratado de alliança, concluido e conservado secreto por algum tempo, entre o Brasil e o Paraguay, que Rosas tambem ameaçava, promoveu egualmente uma colligação com os estados de Entre-Rios e Corrientes. Consumado o abandono de Monte-Video pela Inglaterra e pela França, penetrou o marquez de Caxias á frente das tropas brasileiras no estado oriental. Desarmado ahi Oribe, unidas as forças do Brasil com as do general Urquiza, vencido gloriosamente o formidavel obstaculo do Tonelero, foi em fim abatido e derribado definitivamente na batalha de Monte-Caseros o poder tyrannico de Rosas, quando se reputava em vesperas de infallivel e plenissimo triumpho. Ficou assim o Brasil desassombrado do seu mais figadal, irreconciliavel e perigoso inimigo.

Por effeito da iniciativa efficaz do illustre ministro, e no seu ministerio se assentaram com os referidos estados de Entre-Rios e Corrientes os convenios de 21 de novembro de 1851; e com as republicas do Peru e Uruguay os tratados de commercio, limites e navegação fluvial de 12 e 23 de setembro do mesmo anno.

E por vir a pello, não julgamos fóra de proposito commemorar aqui de passagem a cordura e prudencia com que em 1852 s. ex.ª procedeu ácerca de Portugal, por occasião de certa correspondencia diplomatica que de Lisboa lhe expedira o ministro brasileiro n'esta côrte: o qual por um acto, quando menos irreflectido e inconveniente, prestara ao seu governo informações de todo o ponto inexactas, mas que podiam dar de si a perturbação, sequer momentanea, das relações amigaveis subsistentes entre as duas nações. Quebra tanto mais lamentavel, por dar-se entre povos irmãos, em quem a conformidade de interesses commerciaes, e a communidade de origem, de lingua, de dynastia e de fórma de governo devem estreitar cada vez mais os vinculos que os unem. [1]

VI

Quando em 6 de setembro de 1853 subiu ao poder o novo ministerio, presidido pelo então visconde, e pouco depois marquez de Paraná, e dominado pela idéa de inaugurar no Brasil uma politica, que havia por base a conciliação, ou melhor, a *fusão* dos partidos militantes; o sr. Paulino retirando-se com todos os seus collegas, recebeu passados dois dias a nomeação de conselheiro d'estado ordinario, condigna remuneração de tão longos e valiosos serviços.

Em attenção a elles, e como nova demonstração da augusta benevolencia do soberano, S. M. I. houve por bem conferir-lhe em 2 de outubro de 1854 o titulo de visconde do Uruguay com grandeza.

No anno seguinte foi encarregado como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de uma missão especial e dif-

[1] Vid. *Algumas observações ácerca do commercio das carnes ensacadas de Portugal com o Brasil*, opusculo publicado officialmente em Lisboa, na imprensa nacional, 1852, por ordem do governo. Saiu-nos da penna o officio do governo civil de Lisboa de 25 de outubro, que ahi figura de pag. 10 a 16, cuja redacção nos fôra superiormente encarregada: posto que na minuta respectiva (que ainda conservamos) se cortassem depois alguns periodos, que pareceram talvez asperos, ou pungentes em demasia, attenta a deferencia de que aliás se fizera pouco digno o inexacto informador.

ficil, junto á côrte de Napoleão III, proporcionando-se-lhe com isso occasião de provar mais uma vez a intelligencia e patriotismo que o distinguem; posto que esses dotes, e o seu talento diplomatico não conseguissem remover de todo as difficuldades do assumpto, alcançando para o seu paiz uma solução definitiva, e tal como se desejara.

Era o fim d'aquella missão, que o governo francez insistia pertinazmente fosse tratada em Paris, regular de um modo definitivo os limites dos dois imperios na parte em que a Guyana franceza continúa no proposito secular de estender sua posse até á margem esquerda do Amazonas. Reunidos os negociadores, discutiram largamente o ponto, como se vê dos protocolos impressos, que formam um grosso volume, sem poderem comtudo acordar-se. Com porfiosa tenacidade presistiu a França na sua antiga pretenção, de determinar os limites por um rio, que não existe, segundo se confirmou pelas ultimas explorações. Tiveram, pois, de separar-se, consignando no protocolo o testemunho da cordialidade reciproca que reinara em seus trabalhos, e a expressão da esperança que conservam de que uma proxima solução haja de determinar de um modo satisfatorio para as duas cortes esta questão, a que ambas com egual empenho desejam ver o fim.

Restituido á capital do Brasil em 1856, o sr. visconde retirou-se da arena dos partidos politicos, limitando-se desde então ao cumprimento dos seus deveres como senador e conselheiro d'estado, aos seus estudos de gabinete, e á educação de seus ultimos filhos, prole do consorcio que em 20 de abril de 1833 contrahira com a ex.ma sr.a D. Anna de Macedo Alvares d'Azevedo, e que a providencia abençoara, dando-lhe numerosa successão.

Não se nos affigura que essa especie de abstenção deva considerar-se definitiva, ou que tomasse, por dizel-o assim, o caracter de resolução irrevogavel. Sem ousarmos penetrar nas causas ou motivos que a determinaram, presentimos comtudo que se o bem da patria o requerer, e a confiança do soberano o chamar de novo ao exercicio de mais arduas e laboriosas funcções, sobram ainda no sr. visconde vigor e dedicação bastantes para não declinar qualquer responsabilidade que se lhe offereça; e que retemperadas as forças no descanço, entrará de novo no manejo dos negocios publicos com a mesma energia e destreza de que dera em tantos annos successivas e exuberantes provas.

VII

No anno de 1862 publicou o sr. visconde, impresso na typographia nacional em dois volumes, o seu «*Ensaio sobre o Direito Administrativo*», com referencia ao estado e instituições peculiares do Brasil. Não conseguimos ver até hoje esta obra, nem seriamos competente para aquilatar-lhe o valor. Sabemos porém, que a imprensa periodica do Brasil se pronunciara a seu respeito em sentidos bem oppostos. Temos presentes artigos encomiasticos, em que a vemos excessivamente elogiada, e outros que a censuram com acrimonioso desdem, accusando-lhe sobre tudo *falta de originalidade*. É-nos licito suppor que nas censuras terá tido parte, não pequena talvez, o espirito partidario, que n'estes casos (como a experiencia nos mostra diariamente) costuma cegar os olhos para as bellezas, deixando-os todavia livres e attentos para ver e engrossar os defeitos. Segundo nos consta, este trabalho do sr. visconde não passa de ser o preludio de outro, mais positivo, mais amplo, e adaptado á resolução pratica de importantes problemas governativos, para o qual s. ex.ª tem reunido desde muito voluminosos materiaes.

Além dos altos cargos e dignidades, a que de principio alludimos, não faltam ao sr. visconde do Uruguay as provas de estima e consideração dos soberanos, manifestações d'alta benevolencia, que em diversos tempos tem recebido como galardão do seu merito. Foi em 1850 condecorado pelo rei de Napoles com a gran-cruz da ordem de S. Januario: em 1852 pelo rei de Dinamarca com a da real ordem do Daneborg, e pelo imperador d'Austria com a da ordem imperial da Corôa de ferro. Ao passar por Lisboa em 1855, conferiu-lhe o sr. D. Pedro v a gran-cruz da ordem de Christo: ultimamente recebeu do sultão a ordem de Medjidié da primeira classe; e de S. M. I. o sr. D. Pedro II a gran-cruz da ordem imperial da Rosa.

É membro honorario e effectivo de varias sociedades e corporações scientificas e litterarias da Europa e da America, de que, por não alongar a escripta, omittimos o catalogo.

Elevado gradualmente por merito e serviços, até occupar os cargos mais eminentes da republica; magistrado incorruptivel; politico sagaz e consciencioso; ministro activo e organisador; conselheiro leal e experimentado; caracter affavel e bemquisto; cidadão exemplar no tracto e virtudes domesticas; o sr. visconde do Uruguay é pelos que o conhecem

preconisado benemerito da patria, e um dos seus mais prestantes servidores.

É quanto podemos julgar das informações que obtivemos com o cunho de verdadeiras, e fundadas na maior parte em documentos authenticos, que temos á vista.

Ellas nos serviram de guias ao traçar esta singela e rapida exposição, ácerca do homem que respeitamos sem o ter visto, e ao qual nem por beneficio, nem por injuria conhecemos.

Lisboa 12 de março de 1865.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA

A TORRE DERROCADA

(Lenda do mar)

I

As ruinas derramam sempre não sei que suavissima melancholia, em quem as contempla, por mais prosaico e amante que seja das coisas hodiernas.

O passado, esse astro tão cheio de bellezas e de encantos, que desapparece a pouco e pouco nas sombras do tempo, exercita em todos uma attracção irresistivel, amoravel, uma sympathia por ventura inexplicavel, mas tão forte, tão robusta, que não ha fugir-lhe.

O passado, é o templo meio derrocado das saudades e das illusões, e quem ha ahi que, lembrando-se das velhas lendas, com que o embalaram, e dos contos em que a meninice se lhe foi, quem ha ahi, que, avistando esse templo por entre o negrume da vida real, não ajoelhe, e não sinta no peito um vortice encapellado de sentimento purissimo, a desentranhar-se em jorros de poesia nativa, espontanea e singela, como os quebros dos passaros ao despedirem-se do sol, que doura as cumeadas,

dando-lhes o derradeiro osculo de amor. Assim o peregrino mahometano voltando da cidade santa, da Meca a venturosa, se por acazo cruzando já a orla do deserto, e descançando á sombra da palmeira, volve o rosto bronzeado pelo sol e acerta de contemplar ainda a sagrada mesquita, ajoelha, ergue os olhos ao céu, beija o chão tres vezes, e deixa caír na arêa abrazadora uma lagrima saudosa.

O passado é um tumulo no grande cemiterio das edades, e as ruinas são o epitaphio expressivo e plangente que falla aos olhos do corpo e da alma, epitaphio que na sua nudez austera e afflictiva traduz com magica verdade o abandono, a solidão, o amargor, o vilipendio, o desprezo, e milhares de sentimentos infinitamente varios, mas que todos cortam fundo no coração.

No ermo, quando a lua arroja no espaço ondas de luz melancholica e frouxa, quando a brisa de agosto parece soluçar angustiosa nas fendas das pedras, as ruinas são mais do que um epitaphio, são um altar sacrosanto e rude, aonde o poeta, esse sacerdote de tudo o que foi grande no passado, esse evangelista de tudo o que ha de ser bello no futuro, esse druida inspirado e impolluto de todos os seculos, vae sacrificar ás recordações e á saudade.

Se o leitor se compraz com a solidão, se as ruinas lhe lançam n'alma delicias ineffaveis e voluptuosidades austeras, venha commigo, que ouvirá uma lenda dos priscos tempos, dos tempos cavalheirosos, tão diversos dos que vamos attravessando.

II

À beira-mar, sobre um rochedo empinado que se ergue a prumo a grande altura, alevanta-se uma torre em ruinas, sentinella muda e impassivel das edades, esphynge occeanico que a mão implacavel do tempo veio surprehender na sua contemplação muda e passiva.

A torre vae-se derrocando e fendendo a pouco e pouco; cada dia cae-lhe uma pedra dos membros alluidos com o embate das ondas, crestados com o fogo do raio. Dentro em pouco a obra do homem desapparece, e as pedras voltarão para o mar d'onde sairam. Só ficará de pé o rochedo, em quanto as ondas o não levarem tambem aos abysmos do oceano.

Os pescadores costumam accender no alto da torre uma luz tibia e frouxa, que lhes serve de fanal durante as suas excursões costeiras. Aquella luz prece o olho amortecido do ve-

lho gigante, que debalde se debruça á beira das profundezas para interrogar os mysterios, que já não póde ver. De noite, por entre o gemer raivoso das ondas, que se contorcem em ancias de voluptuosidade infernal, se a athmosphera negra e plumbea se desentranha em raios, que fendem as aguas turbidas e allumiam com a sua luz fatidica aquelle quadro medonho, aquella lucta destruidora, e se o vento fustiga com lufadas gélidas o mar e os rochedos, parece que a torre no meio d'aquelle horrido concerto agita-se e de cada gargalhada que solta, cae-lhe uma pedra no abysmo.

A paisagem em volta é selvatica e solitaria. É rara a vegetação; apenas alguns zimbros rachiticos e enfezados se erguem do meio das arêas movediças.

Parece um sitio maldito, e senão foram as ruinas da velha torre, que indicam que houve ali em tempos vida e movimento, ninguem o podéra acreditar.

Ao ver aquella desolação tão núa e tão terrivel, sente-se um terror instinctivo e natural, e os olhos, contemplando aquelle espectaculo, cerram-se involuntariamente, arreceiando-se de alguma visão medonha.

E a torre como que nos attrae, e inclinando para o abysmo os rijos membros de granito, parece acenar-nos mesmo de longe, dizendo-nos que dentro em pouco, sepulta já no oceano, não mais ha de testemunhar que n'aquella solidão houve outr'ora um romance de amor.

Que importa que as velhas ruinas se afundem no mar, se a tradição nos conta esse romance legendario? Ouçamos os pescadores, que vivem mais á terra, em sitio menos ermo e selvatico; ouçamos os pescadores, que ao passarem por defronte da torre, fazem o signal da cruz, e içam as velas em perigo de darem á costa; ouçamos os rudes habitantes da praia, nas longas noites de inverno, quando o mar ruge féro e ameaçador, e vem açoitar a penedia com a sua baba espumosa, como gigante que accorda e cospe raivoso nas guardas do leito informe e branco.

III

Era no tempo em que os antigos portuguezes, os leões do mar, como lhes chamou Victor Hugo, desfraldavam as santas quinas em todas as regiões do mundo, e espalhavam o renome portuguez pelas boccas dos seus canhões.

O espirito aventureiro arrastava os portuguezes de então; cada anno saiam dos portos de Portugal grandes renques de

galeões, armadas invenciveis, que subjugavam os rajahs da Asia, venciam os selvagens da America, destruiam os terriveis malaios, talavam o Japão, conquistavam a Africa, e operavam gentilezas e feitos, que igualaram as maiores façanhas de todas as idades.

N'esses tempos heroicos Portugal foi um anão que deu o ser a gigantes.

. . . . . .

Mergulhava o sol no oceano, tingindo com rubidas cores a orla extrema do horisonte. As vagas agitavam-se convulsas e como que soluçavam abraçando no tumido e espumoso regaço, os rochedos immoveis, como o destino.

No alto da torre, quasi envolta pelo nevoeiro alvacento, que se alevantava do mar em largos novellões, estava uma donzella, linda e scismadora qual ondina gentil.

A brisa crepuscular impregnada das acres fragancias do oceano vinha beijar-lhe as faces, que um raio do sol, acaso mais voluptuoso, ainda acariciava, cercando-as de uma aureola luminosa.

Quem visse a donzella áquella hora de suprema poesia, em que o peito arquejante se dilata na amplidão, desprendendo-se das angustias e dos cuidados terrenos; quem a visse assim á beira-mar, com um pé no abysmo, salpicada pelas ondas, que dobravam o collo niveo, desatando-se depois em alvas catadupas e frocos de neve, como que em signal de adoração e de amor; quem a visse quasi suspensa no espaço, sustentada pelo vento que lhe gemia em volta, qual sultão namorado, tufando-lhe as candidas vestes, cuidara contemplar a feiticeira oceanica, que vivendo em liquido alcaçar no seio das ondas, subíra ás régiões superiores para admirar os seus vastos dominios.

Mas não. A donzella vivia na torre; lá nascéra, lá se creára e crescéra, e lá lhe correu a infancia descuidosa no regaço da mãi, que via cada anno medrar a filha em encantos e virtudes.

A velha torre pertencia havia muito a uma nobre familia que ali assentára os lares, por doação regia, com o encargo de vigiar e defender as costas, resguardando-as das invasões dos piratas do mar.

Estava a donzellaem conte mplação extactica no alto da torre, quando viu ao longe, mas já distincto, o vulto de um galeão, que se dirigia ao porto.

— Minha mãi, ó minha mãi, gritou a donzella erguendo-se

e descendo a ingreme escadaria do observatorio aereo. Ó minha mãi, não vê? não vê o galeão S. Antonio? Lá vem D. Alvaro, o meu querido guerreiro, que partindo-se para as Indias, me roubou o coração no seu ultimo adeus? Vamos, vamos, minha mãi. Lá vem D. Alvaro, o meu querido guerreiro.

— Que dizes ahi, filha da minha alma? A taes deshoras queres ir ao porto?

— Vamos, vamos minha mãi, vamos em busca do meu coràção que D. Alvaro me levou. Quem me dera ser feiticeira para ir por ares e ventos poisar nos mastros do galeão, a contemplar o meu amante! Quem me déra ser seréa para acompanhar o sulco do navio, que leva quem me levou o coração. Vamos, vamos, minha mãe! lá vem D. Alvaro, o meu querido guerreiro.

—Ai! filha da minha alma. Vae fria a noite, o vento geme triste nas ondas, e as gaivotas batendo os ares com as azas, soltam gritos de desespero e de angustia. Dançam feiticeiras nas devezas, e as seréas vem á flôr d'agua a espremer os cabellos côr de limo, cegando os marinheiros com o brilho dos olhos. A taes deshoras, minha filha, queres ir ao porto?

—Ah! minha mãi, minha mãi, vou-me em busca do meu coração, que D. Alvaro me levou. Qu'importa que o vento gema? Nos braços do meu amante, que valem vaticinios de desgraça? Se a noite vae fria, tenho no peito o calor da febre, que me escalda. As feiticeiras hão de sorrir, e as seréas hão de invejar-me, que D. Alvaro é meu amante. Vamos, vamos, minha mãi lá vem D. Alvaro, o meu querido guerreiro.

—Ámanhã, minha filha, quando o sol raiar nas campinas e beijar as cristas das ondas, irás buscar o teu amante. Quem esperou annos, espera uma noite, que insomnias de amor depressa se passam. Ai! quem n'as podéra passar ainda!

—Ah! minha mãi, minha mãi, insomnias de amor são tormentos do inferno. Vamos, vamos, lá vem D. Alvaro o meu querido guerreiro.

—Seja feita a tua vontade, filha. Parte, vae, e traze nos braços gentis o amante, que te levou o coração, que eu fico ajoelhada a rezar á Virgem, por que te livre de ruins presagios.

IV

Passaram-se horas e a pobre mãi, ajoelhada diante de um crucifixo, esperava anciosa pela volta da filha, que se fôra buscar o erradio amante.

Assim a andorinha, que os cuidados maternos obrigaram a

deixar partir o consorte para outros climas, aguarda a volta do bando, e mal o vê despontar ao longe, bate as azas, segue o vôo, e vae adejar em torno do que lhe arrulhára amores na primavera.

Mas quantas vezes vem o cruel destino cravar fundo golpe de saudades dolorosas e sem remedio no coração, para o qual as saudades passadas eram esperanças floridas e prenuncios de futuros amores! Ai! quantas vezes os alvoroços de ventura se tornam em desvalimentos da desgraça e a candida chlamyde da esperança se transforma em crepe de desenganos!

Assim succedeu á malfadada donzella, á formoza Rosalinda, que chegada ao porto, buscando com os olhos, por entre o tumultuar da multidão, o seu querido D. Alvaro, e interrogando os audazes navegadores, soube que o seu amante se havia finado quasi á vista das costas da patria amada, á qual estendêra os braços já hirtos e rigidos, no derradeiro arranco.

Estas palavras soaram aos ouvidos de Rosalinda como se fossem dobre plagente de finados em capellinha do ermo á beira-mar. Louca, com o peito arquejante, desatou a correr para a torre, em cujos humbraes a estavam aguardando os carinhos maternos.

—Ó minha mãi, exclamou a donzella com a voz rouca e cavernosa, e com os olhos semi-abertos. Ó minha mãi, morreu-me D. Alvaro, e lá me levou o coração para o fundo do mar.

—Ai! pobre filha, não chores não te amofines, que o teu pobre coração bate ahi n'esse peito, que o amor endoidou, e que o amor ha de curar.

—Eu chorar! Chorem antes as pedras, que Satanaz não quer prantos. Ah! D. Alvaro porque me levaste o coração? Quem me déra ser seréa, que já me deitava ao mar em busca do meu pobre coração, que D. Alvaro me roubou.

—Cala-te ahi, filha, lembra-te que és christã. Se D. Alvaro se finou, Deus lhe falle n'alma, e se amerceie de ti ó minha Rosalinda. Chora, chora, que o coração ninguem t'o roubou.

—Ó minha mãi, quem me déra ser seréa para viver no mar, abraçada com D. Alvaro, que me levou o coração.

V

Corria negra a noite e o mar erguia as ondas encapelladas, soltando rugidos angustiosos. A lua baça e pallida em vão tentava fender com os raios frouxos as nuvens caliginosas, que toldavam o firmamento.

Rosalinda, com os cabellos em desalinho, que o vento da noite agitava, estava sentada no alto da torre, debruçada sobre o abysmo, cujas aguas revoltas haviam talvez tragado o corpo do aventuroso amante. Encostado o braço ao peitoril e encostada á mão a face, com os olhos fixos e a boca semi-aberta, deixando entrever os dentes eburneos, era a imagem do desespero silencioso, que se entregou ao demonio por se vingar do destino.

Ouviu-se de repente, por entre o bramir das vagas raivosas e o silvar agudo da rajada um grito afflictivo e plangente, que echoou na solidão, como o ultimo gemido do naufrago moribundo. Logo após surgiu do meio das ondas um vulto, sobre que batiam de soslaio os raios da lua, deixando vêr um rosto pallido e defecado, arraiado de longos cabellos negros, que desciam humidos pelas costas um pouco alquebradas.

O vulto agitou os braços e erguendo-se no ar, exclamou:

—Ouves? Rosalinda. Eu sou D. Alvaro, que te levou o coração, quando me fui a conquistar glorias e riquezas nos palmares da India, para t'as depôr aos pés. Colheu-me a morte no caminho, quando te via já na penumbra do horisonte. Venho buscar-te, ó Rosalinda, porque és minha, porque só a ti posso dar o coração, que te levei. Vem! vem! ó minha amante. Vem, que o mar é nosso, e o dorso das ondas será o nosso leito nupcial, as estrellas os candelabros, a espuma o travesseiro e a amplidão o nosso imperio. Ó Rosalinda! se souberas como te amo. Qu'importa a morte, se o amor lhe sobrevive?

És tu D. Alvaro? respondeu a donzella. Amar-te, amar-te é meu destino, que se não te amára, já não existira ha muito. Vivo ou não, qu'importa? serás sempre o meu amante, que em levou o coração.

E Rosalinda soltando um grito de alegria, chegou-se á beira da torre, mediu com os olhos o abysmo, e deixando pender o corpo, deitou-se ás ondas, como Sapho, se despenhou do rochedo de Leucate.

Recebeu-a D. Alvaro nos braços, e cubrindo-a de beijos e caricias, começou a nadar a nadar, com um vigor vertiginoso.

As vagas abriam-se para lhes darem passagem, e tornavam-se a cerrar formando catadupas de espuma alvacenta, retinta de sangue.

O mar aplacou-se como por encanto. Dilatava-se ao longe, balouçando-se e alvejando tristemente, como se fôra um manto de gaze tufado pelo vento. Já não rugia em ancias de raiva; já não ennovellava as vagas com furia, para depois arrojar sal-

picos de espuma; já não se rojava delirante, para se erguer depois mais feroz ainda. Não. Era manso e placido; dormia nos braços das sereas que cantam toadas maviosas, e envolvem o corpo gentil com o candido manto das aguas. A onda serena e limpida suspirava na praia, gemia e espreguiçava-se, osculava a arêa docemente, para voltar de novo ao seio mádido.

Suspensa nos braços do amante fluctuava Rosalinda na agua, com as alvas roupagens enfunadas. Caminhavam com immensa rapidez e passados momentos a torre esvaeceu-se no negrume do horisonte. Os rochedos já se lhes não erguiam silenciosos, e quedos. Sumia-se-lhes a terra firme. Iam envoltos na magestosa solidão do mar, cubertos pelos esplendores celestes, quando chegaram a um lago, formado por aguas tranquillas d'um verde-escuro e sem ondas. Viu-se de repente a donzella sósinha, nadando á tona de agua, como se uma força mysteriosa a estivesse alevantando.

Espavorida, com os cabellos hirtos e sentindo um calafrio mortal, exclamou com a voz sumida e tremula, que se repercutiu nas aguas, produzindo um som estrondoso:

— Alvaro! meu Alvaro! Ai! não me deixes sosinha no meio das ondas. Alvaro! dá-me o coração, que me roubaste, e vem depois abraçar-te commigo, que tua sou.

Palavras não eram ditas quando levantou os olhos e viu, boiando ao lume d'agua um cadaver horrivelmente desfigurado, com as carnes a despegarem-se da ossada, que os peixes vorazes vinham tragar, escancarando as enormes bocas bordadas de tres fiadas de dentes alvos e agudos.

A donzella soltou um grito de terror e de angustia, e torcendo as mãos, cerrando os olhos quizera orar a Deus, que a protegesse. Mas o demonio ouvira-lhe as queixas, e ninguem lh'a podia roubar, que já a havia marcado com as garras.

O esqueleto levantou-se então na agua. Brilhavam-lhe os olhos como carvões accezos no craneo; os braços longos e descarnados foram crescendo, crescendo até abarcarem o corpo de Rosalinda, e depois de a contemplar um momento, allumiando-lhe o rosto com o fogo dos olhos, soltou uma gargalhada horrivel, e desconjuntando os ossos, sumiu-se na voragem, a tempo que ia dizendo:

— Sou eu, sou eu o teu amante!

Depois começaram a surgir monstros marinhos, trazendo as cabeças enormes á superficie da agua e encobrindo os corpos nas profundezas. Os olhos vitreos e humidos, baços e fixos pa-

reciam devorar a maldicta Rosalinda que olhava espantada em redor.

Os monstros conservavam-se mudos mas aproximavam-se mais e mais, apertando o circulo a pouco e pouco, regular e methodicamente, a tempo que dos abysmos surgiam novos cardumes, cada qual de feitio mais asqueroso e repellente. Envolveram emfim completamente Rosalinda, roçando-lhe o corpo mimoso com as escamas frias e duras, como dentes de serra.

Foi então que o demonio, sulcando a amplidão em um carro de fogo, agarrou Rosalinda pelos cabellos, e levantou-a ao ar, arrojou-a depois ás ondas, para além dos monstros, exclamando:

— Vae-te, serêa, e persegue os nautas com os teus olhos glaucos; prende-os nas tuas tranças côr de limo, e atrae-os com os teus cantares maviosos. Cumpre o téu destino, e viverás eternamente no mar, junto á torre.

Desfez-se o medonho ajuntamento dos monstros, que se afundaram nos abysmos, batendo e chocalhando as aguas com as horrendas caudas.

Desde então a serêa persegue, os nautas, que passam depois do sol posto perto da torre. Ai! do que não fizer o signal da cruz e se demorar n'aquelle sitio amaldiçoado, que será attraído pela serêa, e irá servir de pasto á sua voluptuosidade infernal e á voracidade roaz dos monstros marinhos. [1]

A. Osorio de Vasconcellos.

[1] Esta lenda ou o que quer que seja não é tão sómente de imaginação, como talvez se podera acreditar á primeira vista.

Eu andava uma tarde divagando pelo Tejo, em companhia de dois amigos, com o fim grandemente sanguinario de darmos uma caça ás gaivotas. Um dos meus companheiros, não me lembro já qual delles, por ventura mais feliz ou mais certeiro, feriu uma pobre gaivota, cujo pescoço foi logo ali torcido por mestre José Maria, o catraeiro, que jurou pelos seus penates comer á tripa forra n'aquella noite, e tirar o ventre das miserias, com um *escabeche* de gaivota.

O catraeiro era homem, que tinha visto o mundo; cruzára o oceano indico, dobrára o cabo da Boa-Esperança e passára o estreito de Magalhães.

Sabia muitas historias, e apraziam-lhe principalmente as lendas do mar, que elle contava com enthusiasmo e veia poetica.

Anouteceu-nos no meio do Tejo; despontou a lua esparzindo os seus raios candidos pelas aguas azuladas e espelhentas. A brisa tepida do estio vinha affagar-nos o rosto, sacudindo de leve a vela que esvoaçava, roçando com as pontas flexiveis na agua e deixando um sulco luminoso e phosphorescente.

Docemente embalados pelo arquejar das ondas, pedimos ao catraeiro, que ia sentado á popa, com o cabo da escota na mão, que nos contasse alguma lenda maritima.

Não se fez rogar; e tendo arredado dos olhos a espessa e crescida grenha que lhe ensombrava o rosto, depois de tossir e de engulir tres fumaças a fio, do curto cachimbo de gesso, contou-nos a lenda, que eu, por minha vez, acabo de contar ao leitor.

Seria agora occasião de pedir indulgencia para o rude catraeiro, que verdadeiro descendente dos velhos portuguezes, começou assim: *No tempo em que este Tejo era um pinheiral de mastros, e em que um bom marinheiro podia attravessar o rio pelas vergas dos navios sem molhar uma unha....*

Mas o catraeiro não se importa com a grei litteraria, e eu, apenas interprete, não sou responsavel do que por ventura haja de inverosimil ou de demasiado maravilhoso n'esta lenda.

O que todavia é certo, é que as lendas são pouco bastas em Portugal, apezar de havermos sido em tempos o primeiro povo maritimo da Europa, e de ser marinheiro aventuroso o nosso maior poeta.

Se a navegação portugueza, esse ancear gigante e estupendo pelo infinito e pelo desconhecido, teve a sua poesia grandiosa e epica, quasi que lhe faltou a feição legendaria, que as trovas populares se encarregam de transmittir ás gerações porvindouras.

Esta antinomia, que raras vezes se observa, nas edades heroicas dos povos, tem rasoavel explicação nas circumstancias especiaes de Portugal, na dominação de Castella, nos grandes feitos dos Albuquerques e Castros, feitos que retumbavam no mundo pasmado e absorto, e escureciam as gentilezas e os actos de valor parciaes, que só no remanso da paz e no conchego do lar se rememoram com prazer e dão origem á lenda, a qual lhes dá um sabor sobrenatural e mythico.

A nossa historia porém, diz-nos que após aquellas eras fugazes de brilho e valor, a estrella empallideceu, e as quinas que tremularam em mil combates por todas as regiões do mundo, foram rotas pelas garras do leão de Castella.

Nas tribulações e estreitezas da tyrannia, fôra impossivel encontrar o socego do lar, a conversação amoravel e a lembrança dos perigos passados, essenciaes para que a lenda cresça e robusteça, e se espalhe pelo povo. No meio dos cuidados e perseguições do presente esquece o passado.

Esta parece-me a explicação do facto, o qual ia de encontro á concatenação dos phenomenos, unico fundamento da critica natural, estudada na Allemanha, e que hoje tem estendido profundas raizes em todas as litteraturas, como bem demonstrou Emile Deschanel.

POESIA MYSTICA PORTUGUEZA

odo pantheista, como é, o mysticismo não podia deixar de ter uma fórma poetica. Na via purgativa, pela abnegação, pelo desprezo do mundo, de si, a alma desprende-se do real, aspira á idealidade; na mystica unitiva, depois de sentir a illuminação d'esse ideal que busca, o enthusiasmo fal-a esvair-se na harmonia do hymno que entôa, deixa-lhe o vacuo apoz a vertigem, e o tedio da inanição, a indifferença, que os contemplativos descreveram terrivelmente com o nome de *acedia*. A alma, no impulso intimo para o ceu, não póde desprender-se do real: é a sensualidade do amor divino. O mystico para exprimir a elevação do espirito, o jubilo interior, a aspiração ardente, materialisa a idéa na imagem, sacrifica a imagem ao symbolo. Assim o lyrismo, todo subjectivo, expressão do sentimento ainda o mais vago e indefinivel, é ás vezes frio, monotono, obscuro; e quando é suscitado pela hallucinação

piedosa, toma o caracter da inspiração hymnica, objectiva, onde na essencia permanece a mesma monotonia, pelo tropel de imagens similhantes que fluctuam em volta de uma mesma idéa. Na fórma, apparece a suavidade, a variedade que seduzem o ouvido. S. Francisco de Assis para falar da sua paixão por Jesus, na odesinha inspirada pelo delirio do amor divino, sem poder determinar o ideal de sentimento tão mavioso, descreve uma lucta, em que se mostra vencido, ferido, abrazado. *In fuoco amor mi mise.* S. João da Cruz na *Noite escura*, para exprimir o mesmo amor purissimo, como póde sentil-o um coração fervoroso, symbolisa a alma, que no silencio do ermo se remonta até Deus, na virgem que desce a escada do lar paterno, na hora mais remota da noite, para vir abraçar o amante que a espera. Nos versos de Santa Thereza de Jesus, sibylla do christianismo, Sapho vertiginosa que se precipita n'um pelago de amor e morre por não poder morrer, ahi é sublime a loucura d'esse amor do ceu; parece ás vezes um amor carnal, insaciavel, que a fatiga. Depois eleva-se nas azas diaphanas do espiritualismo radiante e paira na serenidade do extasis, para receber a grinalda de esposa nas nupcias do Cordeiro.

A poesia mystica portugueza tem um caracter differente. Quem abrir o livro das poesias do monge austero da Arrabida, Frei Agostinho da Cruz, ou as encontrar dispersas pelos chronicons da sua Ordem, e respirar n'ellas o perfume de melancholia, parecer-lhe-ha sentir a expressão elegiaca de Bernardes: descobre quasi que são irmãos pelo genio e pelo sangue. A um inspira-o a saudade da terra; o outro canta com a nostalgia do empyreo; um atira-se ao bulicio do mundo, fascinado pela gloria, e ella desfaz-se-lhe diante dos olhos como uma vã sombra; o outro embrenha-se na soledade, amortalha-se no burel aspero da penitencia, vae cavar longe a sepultura, e deixa escoar-se a vida entre as dores da maceração e do cilicio, na vigilia continua, como a luz vivida de uma alampada nocturna, que se vae consumindo lentamente.

Frei Agostinho da Cruz é o poeta da vida monastica. O desgosto do mundo arrasta-o para o ermo, abnega dos louvores do seculo, muda de nome para ser desconhecido. Os seus canticos escreve-os para consolação dos amigos, como Francisco, o Seraphim de Assis, quando a timidez de Clara o inspirava, e os cantava ao povo pela Italia. É por elles que fala da sua alma; os seus canticos não tem aquella paixão tumultuante e ás vezes quasi sensual das palavras de santa Thereza; a sua alma não delira como a alma de S. João da Cruz, quando busca

pelas selvas o esposo de quem anda transviada. Estes são os poetas do extasis, da voluptuosidade do passamento; Frei Agostinho da Cruz é o poeta da penitencia. cada strophe é um gemido de mortificação. Parece-se bastante com Fray Luiz de Leon, poeta espiritual de Hespanha, em cujas odes religiosas não ha aquella vehemencia, que faz com que a exegese piedosa procure o fervor na exaltação profana. A poesia de Fray Luiz de Leon inspira uma consolação intima, um regosijo inefavel, com a serenidade da alma do cantor. Na ode da *Noite serena* descreve a ancia, a pena que lhe causa a contemplação da noite tepida, estrellada. A alma anceia por desprender-se da prisão do corpo

«que desventura
La tiene en esta carcel baja, escura?»

e elevar-se na onda sonorosa das harmonias celestes, para ver das alturas como giram as orbes no espaço, como o carro de Deus percorre ovante a immensidade. A mortificação vem alegral-a, ensinar-lhe a derrubar o carcere que desterra a alma d'aquelles bens. A ode sobre a *Ascensão* é o pranto dos discipulos de Christo ao apartarem-se do mestre. A languidez e falta d cadencia que Quintana lhe acha é o seu maior merecimento; esse descuido e morbidez é proprio do estado em que fica a alma fatigada da contemplação extatica da lenda evangelica.

Como os mystieos e os poetas fraternisam com a natureza, Frei Agostinho da Cruz reprehende a corça que o visita, como Francisco de Assis reprehende as avesinhas; estreita os laços da amisade com ella, como os solitarios com as feras do dezerto. É n'estes sentimentos que o christianismo se mostra poetico e sublime; elle mesmo ensinava ao povo os dialogos com que havia dirigir-se ás alimarias da terra, como se vê d'esta formula tirada de um manuscripto de Saint-Gal, para reunir um enxame de abelhas. É assim que se devia falar á abelha mestra: «*Adjuro te, mater aviorum, per Deum regem cœlorum, et per illum Redemptorem, filium Dei, te adjuro, ut non te altius levare, nec longe volare, sed quam plus cito potest, ad arborem venire; ibi te allocas cum omni tuo genere, vel cum socia tua, ibi habeo vaso parato, ut vos ibi in Dei nomine laboretis.*» [1]

Este pantheismo caracterisa toda a poesia mystica.

O asceta da Arrabida canta a infancia de Jesus; é o ideal da pobreza, mas sem a melancholia suavissima e humana de Lope

[1] Baluze, Capitul. t. II, pag. 663.

de Vega no dialogo da Virgem quando adormece o Menino. [1] Os seus sonetos tendem para aquelle espiritualismo a que os elevara Camões; cada um d'elles é como uma prece fervorosa. A fórma classica do *bucolismo* não dá realce aos seus dialogos espirituaes. Era o contagio da época. A allegoria da *Alma* e do *Esposo* em S. João da Cruz, é toda biblica; é uma ecloga voluptuosissima que excede por vezes em pompa e explendor de imagens o luxo oriental da Pastoral de Sulem. Os dialogos da *esposa* fazem lembrar as expressões apaixonadas de santa Thereza; as falas consoladoras do *amado*, as do seu coadjutor na reforma da Ordem carmelitana. As expressões de Hafez não são mais fogosas e sentidas; parece um hymno de algum diwan da Persia, interpretado por um padre da egreja. Apezar d'esta inferioridade, Frei Agostinho da Cruz merece ser estudado, como um dos primeiros, d'entre os nossos poetas, que tentou desprender a poesia do christianismo das ficções do velho d'Ascra.

O mysticismo não podia encontrar uma época mais adequada para as suas elevações do que o seculo XVII; escrevia-se por toda a parte livros de piedade. Os requintes do gongorismo prestavam-se á revelação das finezas do amor divino. Pela descoberta da imprensa os copistas de devoção tornaram-se auctores. A face do mysticismo n'esta época é toda especulativa, como o foi na Eschola de Alexandria. Appareceram as palestras e as thezes dos conventos, os casos, os escrupulos, e quanto o sobreadmiravel Pascal soube cobrir de um ridiculo eterno. Ao lerem-se as poesias espirituaes de Frei Antonio das Chagas, que se encontram no, de arrebicado prolixo, livro do padre Manoel Godinho sobre a vida do veneravel religioso, conhece-se o seculo XVII na poesia e na crença.

O delirio de imagens e sentimentos, ás vezes sublime, que caracterisa a poesia de seiscentos, espande-se nas suas elegias. O *conceito* parece ter nascido da especulação mystica. A Peninsula é a terra do mysticismo; é o genio do Oriente, a exaltação febril da imaginação, que nos ficou, como o aroma de uma urna de alabastro que guardou uma essencia tenuissima. A Allemanha foi a que mais profundamente o desenvolveu desde que vaporisou o dogma na abstracção philosophica. A poesia mystica é o grito da alma absorvida pelo infinito; a poesia espiritual não tem paixão, é mais descriptiva do que lyrica. É o caracter da poesia religiosa portugueza desde o Pontifice S.

[1] Pastores de Belem, lib. III.— Colleç. Rivadaneyra, vol. XXXVIII, p. 273.

Damazo, S. Martinho de Braga, Frei Agostinho da Cruz até S. Francisco Xavier. [1]

Possuido do horror do claustro, para Frei Antonio das Chagas é o habito a mortalha, a cella onde se abriga a sepultura; deprime-se, compara-se ao guzano, que se esconde no tumulo que vai abrindo. Os desvarios de uma mocidade turbulenta passam-lhe pela imaginação, como uma nuvem que tolda um ceu esplendido e aberto. A primeira elegia é uma allusão á sua vida mundana. Ella é o logar commum da vida de todos os ascetas. O agiographo não cessa de tirar-lhe o horoscopo do nome, para fazer o parallelo com Antão solitario. *Respondent rebus nomina saepe suis* disse Ovidio. Pelos nomes do baptismo se descobre o sentimento mystico da familia na edade media. Em todas as edades religiosas existio este horoscopo, como se vê nas leis de Manu [2]; na edade media era elle frequente, porque a ascese consistia na *imitação*. É o que Dante nos revela n'este terceto:

O padre suo veramente Felice,
O madre sua veramente Giovana
Se'nterpretata val como si dice! [3]

O mesmo horoscopo do nome se encontra nas lendas de S. Victor, de S. Vicente, de S. Christovam, de S. Renato. Como Antão, o poeta varatojano ficou na adolescencia orfão de pais; o que S. Jeronymo diz do patriarcha do dezerto, o apologista vae applicando a Frei Antonio das Chagas.

As doutrinas mysticas que professava, acham-se nas cartas a suas irmãs tambem religiosas, e nos apophtegas espirituaes. Sobre o primeiro passo da ascese diz o poeta: «os bens d'este mundo falso e enganoso dita é não chegal-os a possuir mais que para os despezar: nem ha para que fazer caso mais que d'aquillo que por Deus se deixa e só por se deixar se estima.» Aonde a sua linguagem é conceituosa e equivoca, é na discripção, aliás bella e difficil, do amor divino, e do estado psychico. O amor divino é o ideal de toda a poesia mystica, o sentimento, como diz Hegel, que só determina o absoluto na fórma.

O religioso poeta em tudo encontra imagens para exprimir a saudade do céu. Vendo o sol cantava um hymno, como a

[1] Werfer, no Dicc. Theolog. de Goschler, appresenta o Apostolo das Indias como um dos principaes hymnologos da egreja no seculo XVII.

[2] L. de Manu, p. 32, § 31, 33.

[3] Parais. C. XII; porque Giovana significa *cheia de graça*, e Felice tem o sentido do adjectivo.

seu irmão Sol modulava o seraphim de Assis. A terra e o mar, as sombras e a luz, as fontes, os rios, os canticos das aves, motivavam-lhe um pensamento do amor divino. As flores lembram-lhe a brevidade da vida, e ella «que é mais do que uma flor que se murcha! Que é mais do que uma luz que se apaga! E que é mais do que uma sombra que foge, uma figura que desapparece! Como nau que não sente o curso do caminho, que vai fazendo, como setta que em um ponto travessa os pontos a que tira, como ave que um momento penetra os ares que vôa. Assim como entre espinhos nasce a rosa, assim entre as afflicções a graça.»

Outras vezes arrebatado na vehemencia d'esse amor, eleva-se na inspiração hymnico-dithyrambica de alguns cantos da igreja; o epitheto converte-se em strophe, é a ladainha. O que a doutrina mystica de Frei Antonio das Chagas tem de pueril e ridiculo mostra-se já nos titulos das suas obras; tinha um pouco d'aquella faculdade inventiva de Escobar, cuja aberração para o *quietismo* inspirou a poesia obscena no seculo XVIII.

A quadra de maior luta na vida dos mysticos é a tentação da carne: Francisco, o solitario da Ombria, o novo Jesus da edade media, combatia-a com o gelo e com brazas, Bento e Ignacio com as alagoas, com as silvas, com os flagicios mais atrozes. O diabo escolhia, preferia a apparencia de mulheres lindissimas, na soledade, arrebatadoras de fascinação. Nunca a legenda do diabo foi tão ridicula na igreja como no seculo XVII. No tempo de Dante da philosophia hermetica era o diabo quem vinha descobrir os segredos da alchimia a Basilio Valentino; com os padres discutia pontos de controversia theologica, com uma logica de ferro, que o fazia triumphar quasi sempre.

Platão e Aristoteles continuaram o seu antagonismo na Renascença: um é a alma da scholastica, accende o espirito de polemica que apparece na igreja e nos livros dos doutores; Platão torna o amor o *subjectivo*, o ideal supremo. A Diotyma do *Banquete* transfigura-se na Beatriz da Divina Comedia; são como irmãs gemeas, remontam-se no mesmo vôo, unidas como o casal de pombas mansas, a que Dante comprara o abraço de Paulo e a filha de Guido de Polenta. As duas escólas combatiam-se, o gibellino quiz reconcilial-as na *Trilogia*. Ahi, o diabo mostra-se com o seu caracter aristotelico, ergotista. No episodio profundo e nocturno de Bonifacio VIII, o quadro mais verdadeiro de quantos nos deixou de si a edade media, S. Francisco, depois da morte do Pontifice vem buscal-o; mas um dos negros cherubins disputa-lhe a posse, retorquindo com uma fi-

nura de argumentação — que se não póde absolver o que se não arrepende, e que se não póde ao mesmo tempo arrepender e querer, porque ha *contradição*. E arrebatou-o comsigo, dizendo enfatuado da sua logica penetrante:

Tu non pensavi, ch'io loico fossi.

O seculo XIV era assim, retratou-o com a sua côr. O seculo XVII, pela lei eterna das antithezes, do ridiculo em que o despenhara o ascetismo, eleva-o ao fastigio da poesia. Milton tornou-o heroico, fez d'elle um Cromwell. O ideal do diabo, concebido nos mosteiros, capripede, informe, como ainda se vê nos retabulos, na poesia elegiaca de Frei Antonio das Chagas, apparece-nos em um d'esses combates que dava ao espirito do monge:

«Bem que me toquem arma o dia inteiro
As memorias do mundo, e n'esse assalto
Os raios chovam do infernal morteiro:

Nunca na fonte da paciencia falto,
Por ver que aqui franqueio e contramino
Quanto ser possa da alma sobresalto.

Mas se no risco d'este horror continuo
Adrede tarda o celestial soccorro
Lá na estrada encoberta do destino;

Do entendimento á cidadella corro,
Onde, bem que o combate não declina,
Não logo n'elle me esmoreço e morro.

Antes por defender-me na ruina
Faço arnez do burel, elmo o capello,
Malha o cilicio, espada a disciplina.

E val-me tanto d'esta gloria o zelo
Que logo aquella furia formidavel
Co's celestes auxilios atropello.»

As elegias de Frei Antonio das Chagas, umas vezes sublimes de sentimento, outras manchadas de equivocos, levam-nos a fazer uma idéa mais justa da poesia d'essa época, tanto tempo despresada e escarnecida pelos espiritos pautados nos canones

aristotelicos e tropeços horacianos. A novidade de imagens, o arrojo das metaphoras denotam sempre uma actividade intelectual. Aqui o poeta mystico, vai, penitente, chorar as magoas nas covas dos seus olhos. *Ubique daemon!* foi o ecco que restrugiu pelo vacuo do mundo quando os deuses se foram. Por isso em tudo ha uma tentação para o poeta religioso, que tem um amor escondido com a natureza e receia e abnega a final d'esse amor; um ribeiro que deslisa entre flores, compara-o, inspirado pela idéa da tentação, a um *aspide de prata*. «Anguis in herba.»

Corrido, apupado do vulgo, o cantor sublime da *Mater dolorosa*, devorado por uma agonia intima, errava pelas ruas, como doudo, para soffrer todos os sarcasmos; um dia, quando aspirava a paz do claustro, e as portas se fechavam repellindo-o, foi a poesia, a irmã dos tristes, que veio rehabilital-o, revelar o sentimento recondito, celeste, de que estava possuido. É tambem a poesia que faz com que se estudem estas subtilezas da theologia affectiva; na arte moderna ainda se descobrem alguns lampejos da inspiração mystica, principalmente nas creações do sr. Alexandre Herculano. O vulto magestoso de *Eurico*, que escreve na vigilia dolorosa do presbyterio de Cartea os hymnos de amor que vão ser cantados pelas cathedraes, o amor do céu luctando por apagar no coração do presbytero a chamma mal extincta d'uma paixão terrestre, a ruina da patria e a corrupção do seculo provocando o tedio da vida e o gosto da solidão, eis a epopea mystica da igreja militante. A degolação das virgens do mosteiro *Christi carae columbellae*, os canticos fervorosos, e a alegria com que pedem a morte ante o furor sensual dos sarracenos, encerram todo o perfume da poesia legendar; o *Eurico* é a revelação profunda da poesia sagrada dos godos. Orencio, Draconcio, Merobaude inspiram-se como *Eurico* do mesmo ideal do christianismo.

No *Monge de Cister*, que typo angelico como o de Frei Lourenço o bacharel! que unção suavissima de amor na voz com que falla á alma transviada de Vasco: «Vamos, Frei Vasco, em que scismas? Ha mais de meia hora que levas os olhos pregados na corrente do rio, ergue-os para o céu, vê como está formoso, imagem do empyreo onde mora aquelle que só te póde dar, que só te ha dado consolação e esperança.» Frei Lourenço e Frei Vasco; um cançado do estudo e da vigilia remontando-se ao céu na irradiação do amor divino, o outro enredado nos limos da terra, vivendo da febre do odio, sem poder abnegar do sentimento da honra, sem poder acordar de um pezadello de vingança. É o abraço da poesia mystica e cavalheiresca.

A litteratura portugueza, se os livros da religião poderem formar exclusivamente uma litteratura, tem um elemento mystico predominante. A Peninsula foi a que mais produziu n'estas abstracções subtis que nos foram preparando a Metaphysica moderna.

Creado no mundo semitico, o christianismo só se tornou a religião da humanidade depois de absorvido e desenvolvido pelas raças *arianas*, profundamente poeticas e sentimentaes. [1] O mysticismo christão é um pressentimento dos velhos poemas da India; o *Bagavad-Gita* e a *Imitação de Christo* ensinam a mesma escala para a elevação divina. Entre os padres da Egreja e os poetas illuminados do Oriente não havia por certo um élo da tradição que fizesse convergir o pensamento sobre o mesmo ponto; a contemplação pantheista foi dispertada pela identidade dos caracteres que constituem a raça.

THEOPHILO BRAGA.

[1] Pictete, Les Origines Indo-Européennes, t. I, p. 9.

HISTORIA DE JULIO CEZAR

POR NAPOLEÃO III

(1.° Volume.)

---

as magestosas salas do palacio de Versailles, ouvindo o ruido da agua, que jorrava das urnas das naiades dos jardins, contemplando em torno de sì as maravilhas do pincel de Lebrun, aspirando com delicias o perfume de incenso, que essas magnificencias exhalavam, escutando o murmurio universal da lisonjaria cortezã, que lhe dizia: «És grande», Luiz XIV, o monarcha por direito divino, o neto de S. Luiz, a incarnação viva do despotismo, acceito pela rotina, sanccionado pelas tradições, legalisado pela intelligencia, Luiz XIV, o symbolo perfeito da velha realesa, escrevia o panegyrico de Cesar.

Tres seculos depois, nas salas do palacio das Tulherias, Napoleão III, soberano pelo voto popular, imperante, cuja ambula de Reims é a urna do suffragio universal, tira do tinteiro mo-

narchico a penna de Luiz XIV, e escreve o panegyrico do conquistador das Gallias.

Que prestigio exerce então este grande nome sobre os despotas intelligentes, para que se julguem obrigados a curvarem o joelho perante elle, e a tomarem-no, para assim dizermos, como o padroeiro do despotismo, o orago do templo do poder illimitado?

É porque, se ha circumstancias em que se possa desculpar que um paiz entregue nas mãos de um só homem a soberania sem fiscalisação e sem limites, foram de certo aquellas em que a toga republicana se transformou, nos hombros de Cesar, na purpura do dictador. É porque o despotismo, deslumbrando os povos com a facil justificação da dictadura do rival de Pompeu, julga sanccionar por essa fórma o principio em que se esteia o seu poder. O mesmo succederia agora com o heróe de Marengo, se as bombas de Cadoudal prestassem á sua gloria o mesmo serviço, que o punhal de Brutus prestou á fama do vencedor de Pharsalia. Para sanar os males produzidos pelas grandes convulsões sociaes, o despotismo é um energico remedio, que, tomado em pequena dose, cura, em grande dose, mata.

Quando Cesar appareceu, desfazia-se em pó a republica romana. Campeiava descarada a corrupção; calcavam-se aos pés os direitos mais sagrados; pela venalidade do voto prostituia o povo a sua soberania, pela venalidade nas transacções com os reis prostituia o senado o seu prestigio. Seculos antes, ao sair de Roma, Cinéas levava a indelevel impressão da magestade da curia e da magnanimidade da aristocracia, e agora Jugurtha, ao voltar as costas á rainha do Tibre, julgava-a capaz de se vender a si propria em hasta publica, se achasse comprador.

As dissenções civis inundam de sangue a meza d'esta orgia; o mundo subjugado ruge surdamente, e ameaça sacudir o dominio da cidade eterna. No Oriente Mithridates, no Occidente Sertorio! E lá ao longe, no fundo das selvas septemtriônaes, vêem-se luzir vagamente as pupillas dos tigres, que se hão-de chamar, seculos depois, Attila e Alarico.

É então que surge Cesar a um tempo estadista, orador, e guerreiro. Integro no meio da venalidade, democrata no seio d'uma oligarchia desenfreada, respeitador da ordem entre essa chusma de rufiões tumultuarios. O defensor dos direitos das provincias, o vencedor de Vercingétorix, o homem que arvorara a bandeira immaculada em torno da qual se podiam reunir todos os bons cidadãos, não tinha direito a que lhe fossem confiados os destinos da republica? Quem o duvida?

E comtudo é essa a base em que Napoleão III assenta, no seu prologo, a sua theoria da necessidade do despotismo, é esse o principio d'onde elle deduz que os homens superiores têem uma missão divina, que são elles que realisam em alguns annos a obra, para que aliás não bastariam muitos seculos, e que os povos não têem direito de pôr impedimentos á marcha triumphal d'estes homens, que arrastam para a felicidade as nações esmagadas pelas rodas do seu carro ovante, e que as atiram com os pulsos bem roxeados, com os olhos bem vendados, com as carnes bem ulceradas, para dentro dos muros do paraiso do porvir.

E os povos não têem direito de perguntar a esses homens para onde vão! O dever do povo é derramar o seu sangue na estrada por onde o levam, deixar-se guiar cégamente, e cantar *o triumphe!* A estrella protectora, visivel só para esses reis magos, lá brilha no céu! Ávante! A columna de fogo, que esses Moysés conhecem, fulgura no firmamento! Ávante!

O que! pelos serros da Hespanha, calcando aos pés o direito das gentes, pizando todos os principios sagrados, e deixando montões de cadaveres em cada palmo de terreno! Ávante! O que! retalhando, sem o minimo pretexto, o territorio de uma nação heroica, assolando as campinas portuguezas, mergulhando na desgraça completa agricultores pacificos, purpureando as aguas do Douro, do Tejo e do Mondego! Ávante! O que! paralysando o commercio, roubando a todos os povos as mais inquestionaveis regalias! Ávante! O que! sepultando nos gelos da Russia uma geração inteira cheia de juventude e ardor! Ávante! Deixem passar o missionario de Deus!

Os homens superiores, diz o escriptor imperial, fazem percorrer aos povos n'alguns annos o caminho que percorreriam só em muitos seculos, se estas mãos vigorosas os não impellissem! Orgulho insensato que a historia desmente! Louco orgulho de quem julga ter nas mãos a vara mysteriosa, cujo magico poder solta ou contém as torrentes do espirito humano! Que podem fazer Cesar e Augusto, continuador da sua obra, senão susterem um instante nos hombros, Atlantes vigorosos, o mundo romano prestes a alluir-se? O que póde fazer Napoleão senão restabelecer a ordem no chaos republicano, e deixar que dêem fructo em segurança as arvores do novo regimen, plantadas pela iniciativa creadora da assembléa constituinte?

«Crucificam os seus Messias,» diz o imperador fallando dos povos, que se não curvam docilmente á vontade suprema dos despotas reformadores. E n'essa simples frase lavrou a condemnação do seu proprio systema! Os Messias não se sentam no throno dos

Augustos, não se rodeiam de cohortes, não põem a mordaça na boca d'aquelles, a quem desejam regenerar. Os Messias não expulsam do templo senão os vendilhões, e ouvem serenamente a controversia dos proprios phariseus. Os Messias não erguem o seu pulpito sobre cadaveres. Os Messias convencem, não obrigam. Os Messias semeiam a boa nova no espirito dos seus apostolos, e, attrahidos a pouco e pouco pela força invencivel da verdade, os povos vão-se-lhes agrupando em roda; as perseguições redobram o seu ardor, o seu sangue derramado fecunda a planta viçosa da santa doutrina, e a idéa vai-se propagando, vai conquistando adeptos, até que irrompe, alluindo os vãos altares dos idolos, abalando os thronos, soltando ao vento os lábaros sagrados. Tranzigem com ella os Constantinos para conservarem os solios; nada podem contra ella os Julianos, ainda que se queiram impôr ás nações, como os Messias do paganismo, ainda que ergam templos a Jupiter e digam: «Aqui, aqui é que está a salvação!»

«Crucificam os seus Messias!» Mentirá a historia por acaso, e serão Messias os que se inquietavam tanto com as prédicas de Jesus, os que degolavam S. João Baptista, os que prendiam os apostolos? Napoleão III enganou-se. É natural que quizesse dizer: «Crucificam os seus Herodes.»

Pois que! as nações não poderão gosar os beneficios de um governo forte, sem abdicarem, nas mãos de quem o exerce, a sua dignidade, e os seus direitos? Será sempre remedio inevitavel para a anarchia o despotismo? Nunca se conseguirá curar um paiz de uma congestão cerebral senão cortando-lhe a cabeça? Sempre o chamado partido ordeiro, o partido dos egoistas, dos que sacrificam liberdade, direitos, e deveres, e, o que é peior ainda, o legado das gerações futuras ao medo d'esses terriveis abalos sociaes, que se chamam revoluções: sempre esse partido ha-de conseguir nomear um procurador, que se encarregue de pôr o pé no peito de um paiz, e de o reduzir d'este modo á tranquillidade? Nunca essa grande maioria terá animo sufficiente para comprimir por si só os agitadores, e ha-de sempre querer livrar-se d'esse trabalho encommendando um despota, que se encarregue de tratar d'esses negocios, mediante a modica recompensa d'um poder absoluto?

A historia não curará esse partido fatal, e não lhe mostrará os Neros e o Caligulas receberem as heranças dos Cesares, as desgraças de 1814 e 1815 succedendo á idade d'oiro de 1802? A liberdade não será constituida em morgado, e não será prohibido aos usufructuarios o alienal-a?

Não vêem esses regalões, que saboreiam voluptuosamente as doçuras da prospera indolencia, que estão gosando actualmente os fructos das arvores plantadas por essa esplendida geração de 1830? Não lhes ensinaram já os quinze annos da Restauração que o espirito dos povos é uma planta que necessita de ar, e dos raios beneficos do sol da liberdade, e que se atrophia nas estufas do despotismo? Quando se sumiu nas ondas do Oceano o astro esplendido do primeiro imperio, que legado de luz deixou á França e á humanidade? Que conquista preciosa se inscreveu no livro d'oiro dos annaes do progresso; em que contribuiram esses ajudantes de campo para outra gloria, que não fosse a gloria das armas?

Quando desabou o colosso, o anjo da humanidade, que parára um instante, com o rosto inundado de lagrimas, a contemplar esse esplendido obstaculo, despregou as azas candidas, e rasgou de novo as regiões do espaço.

Não sentem agora tambem esse affrouxar da vida, esse desmaiar do espirito, que se traduz pelas pulsações da litteratura? Onde estão os successores dos Hugos e dos Lamartines? Aos grandes genios seguem-se os *beaux-esprits*, indicio constante de decadencia. Os poetas são os Augier, os dramaturgos os Sardou, About os romancistas. É pouco!

Triste do rei, triste do povo que abdica a soberania! Quando um paiz morre voluntariamente para a vida politica, raras vezes resurge, sem que um grande cataclysmo o desperte d'esse somno fatal! Apezar de toda a corrupção, de toda a decadencia, de todo o esphacelamento das instituições romanas, a republica existe, e ergue-se altiva quando um grande homem appella para as tradições e para o brio dos filhos de Romulo. Mas apenas o povo da cidade eterna se deixa inebriar pelo licor com que o despotismo o tenta e o affrouxa, volta contra si mesmo a frase fatal que proferira outr'ora. *Delenda Roma*, podemos exclamar. Cincoenta annos depois do segundo Brutus, não havia um homem na grande cidade, que recalcitrasse contra o dominio de Tiberio!

Eis a influencia *salutar* do governo, aliás tão benefico, d'Octavio!

Depois de Tiberio, Claudio, Caligula, Nero, Commodo calcam aos pés a moribunda lôba do Tibre. Os Titos, os Nervas os Trajanos são inuteis para a regeneração da senhora do mundo. O despotismo não regenera, ainda quando tende só a fazer o bem dos povos. Póde erguer as instituições, não aviventar os espiritos. Os Pygmaliões do imperio podem cinzelar

no marmore bruto, que lhes obedece, estatuas admiraveis, mas para o resto seriam vãs as suas tentativas, só a liberdade possúe o fogo sagrado, que anima as Galathéas, e as faz descer do pedestal.

Não se tem sentado grandes homens no throno despotico da Russia? Pedro I e Catharina II não foram vigorosos iniciadores, reformadores de grandes idéas? Não tinha o primeiro energia bastante para fazer saír do nada uma esplendida cidade, como Napoleão III conseguio fazer brotar da velha Paris a luxuosa capital moderna? E comtudo ouse alguem dizer que esse colosso tem dado grandes passos no caminho da verdadeira civilisação, ouse alguem dizer que a patria dos assassinos da Polonia, a terra onde os proprios servos não acceitam a liberdade, porque nem teem a consciencia de que são homens, a terra onde o knout impera, onde o funccionalismo se roja nas lamas do mais descarado peculato, ouse alguem dizer que essa terra não está atraz e muito atraz de todas as nações europeas.

E comtudo porque ha-de succeder assim? Serão os russos de uma outra tempera do que os inglezes por exemplo, e os progressos que estes podem fazer não o poderão fazer aquelles? Não; é porque a influencia fatal do despotismo embrutece o espirito, atrophia a intelligencia, mata moralmente os povos.

O mais esplendido panorama de prosperidade, pintado pelo despotismo, tem sempre um negro reverso. Sabe agora o mundo illustrado de quantas lagrimas do povo, de quantas amarguras das classes pobres, de quantas miserias emfim se compunham em França os esplendores, as grandezas, as opulencias do seculo de Luiz XIV. O extenuamento da França, que no tempo da republica se desentranhava em batalhões para repellir o estrangeiro que pisava o solo sagrado da patria, e que em 1814 cruzou os braços e esperou a decisão da lucta, estendendo até em parte as mãos aos cossacos brutaes que a calcavam aos pés, revelou claramente qual fôra o preço doloroso porque se haviam comprado Austerlitz e Wagram. Apezar da habilidade financeira de Fould, saberemos dentro em pouco por quanto pagam os povos francezes o throno americano de Maximiliano d'Austria.

Sim; os despotas teem de Deus uma grande missão, a missão que incumbiu a Attila. O despotismo é o castigo inevitavel que recebem os povos, que abusam da liberdade, ou que a não sabem aproveitar. O estabelecimento do imperio na Roma antiga foi a justa punição dos desvarios das ultimas eras da republica. Na sala de sanguinolenta orgia, onde tripudiavam os Balthaza-

res de 93, podiam-se ver lampejar as letras de fogo, que annunciavam a subida ao throno de Napoleão. O segundo imperio era inevitavel, logo que nas ruas de Paris começou a rugir a inqualificavel, a absurda, a disparatada revolução de 1848. Se ao menos os povos aproveitassem estas lições, se os agitadores ambiciosos ou insensatos encontrassem na porção illustrada de um paiz a resistencia, que poria um freio aos tumultos, e tornaria impossiveis estas perniciosas reacções!...

Pois esta ultima lição foi severa! Uma minoria impaciente, saindo do caminho da legalidade, e querendo tambem que em dezoito annos se realisasse um progresso, que leva seculos a cumprir, deu origem ás maiores desgraças! Possuidora da liberdade, revoluciona-se para a obter! Senhora da urna, ergue a bandeira para a conquistar! Exige uma reforma eleitoral, que dê ás massas desillustradas o direito de governarem! Essa reforma, que devia vir a pouco e pouco, e á medida que as luzes se fossem derramando, quer obtel-a n'um impeto! Obteve-a, glorie-se d'isso! *Hosanna!* Está a França livre! Coroêmos de loiros o nosso filho querido, o suffragio universal!... E o suffragio universal escarra-lhes na cara a proclamação do imperio!

Foi bem feito! Utopistas de boa ou de má fé ahi tendes a vossa obra! Como o urso da fabula de Lafontaine, para matar-des uma mosca, que importunava a França, déstes-lhes com um tijolo na cabeça! Santa gente!

E que mosca era essa? A vaidade, a eterna vaidade do povo francez, o desejo de uma gloria vã, a ufania de poder commetter na Europa quantas injustiças lhe aprouver, o desejo de ter, em vez de uma politica moderada, uma politica dominadora! o anhelo de transformar o simples bombardeamento de S. João d'Ulloa na expedição gloriosa do marechal Forey! Ahi tendes a mosca que importunava a França, ahi tendes o motivo da impopularidade do governo de Luiz Philippe.

Que importa que a França, guiada por esse governo esclarecido, desenvolva tranquillamente a sua industria, a sua agricultura, o seu commercio? Que importa que lhe faça dar esses passos rapidos no caminha do progresso, de que o actual governo se appropria como beneficio de inventario? Que importa que a exposição de Paris de 1855 revele ao mundo a prosperidade, cujos elementos foram fundados pelo regimen liberal? Que importa que Luiz Philippe, modelo do pai de familias, se veja rodeado de filhos intelligentes, e magnanimos, penhores da futura liberdade? Que importa que a conquista de

Alger sirva para formar esse exercito, que Napoleão tambem ha de aproveitar para as maravilhas da Criméa e da Italia? Que importa que a marinha se desenvolva debaixo dos auspicios do esclarecidissimo principe de Joinville? Que importa que a França, pelo desenvolvimento livre e sem restricções da litteratura e da sciencia, conquiste no mundo a soberania dos espiritos, soberania, que ainda não perdeu, apesar da esterilidade actual? Que importa que todos os grandes melhoramentos fossem então emprehendidos, e que sempre se tenha de fallar n'essa época, quando se escrever a historia do progresso moderno? Que importa tudo isso? Um côro de cortezãos ha de applaudir, d'aqui a pouco as palavras do prologo da «*Historia de Julio Cezar.*»: «O governo despotico dos grandes homens faz com que os povos percorram em alguns annos o caminho de seculos.»

Ah! quantos males não produzem a pusillanimidade do partido ordeiro, e a perniciosa agitação de certos utopistas!

É grande, parece-nos, o merecimento litterario da *Historia de Julio Cezar*. O estylo forte, conciso, e lucido sem ser esplendido, lembra os grandes modelos romanos. Narração clara, e ampla. Talvez o espirito investigador, e um tanto sceptico da moderna escola historica, ache que Napoleão III acceita com demasiada condescendencia os factos narrados pelos historiadores antigos. Effectivamente a *Vida de Julio Cezar* parece ser uma optima narração historica, não um estudo historico; é verdade que, terminando o primeiro volume na partida de Julio Cezar para as Gallias, ainda não entrou verdadeiramente no seu assumpto, e está ainda, para assim dizermos, no vestibulo da vida politica do seu heróe. A maior parte do volume é consagrada a um esboço rapido da historia romana antes da apparição do celebre dictador.

Esse esboço, é, como dissemos, uma optima narração, e, como tal, o seu principal merito consiste na lucidissima exposição dos factos. O capitulo, que descreve a bacia do Mediterraneo, no tempo em que principiou a primeira guerra punica, revela uma grande erudição, e uma grande habilidade em gravar no espirito dos leitores a noção do que lhes expõe. Erudição ha immensa, effectivamente, e parece que ao imperador não é extranha cousa alguma do que se tem escripto ácerca da antiguidade desde Festus e Strabão, até Mommsen e Duruy. Novidade nas apreciações não a ha, senão no que diz respeito a Cezar.

Ahi o panegyrico toma as proporções de um sermão em louvor de Santo Antonio. O herege do Suetonio é tão fustigado, como o foi *Progresso* de Lyão. Se Suetonio vivesse no nosso tempo,

aconselhava-lhe caridosamente que fosse para Guernesey. Cezar tem a immaculada pureza de vistas de um Messias. Se instarem muito com o imperador, proclama-o Filho de Deus. Cezar não tinha nada de ambicioso, era o bem publico e só o bem publico quem o inspirava. Se, quando o dictador foi assassinado, Marco Antonio tivesse conhecimento d'esta obra, em vez de se cançar a improvisar um discurso sobre o cadaver de Cezar, lia um capitulo d'ella.

Cezar era o representante puro da democracia, e foi a democracia quem com elle subio ao poder. É isso incontestavel, e todos os Cezares têem affagado a multidão para subirem ao throno, como os cavalleiros affagam os corceis antes de montarem em cima d'elles.

Cezar não se queria fazer eleger rei, e, diz o imperador com certa ingenuidade, para que o havia de querer? não era elle maior do que todos os reis? É essa uma grande verdade; tambem o general Bonaparte, o salvador da França, o heroe das Pyramides, o domador da anarchia, era bem maior do que todos os reis, e comtudo não pôde resistir á tentação da corôa, ás seducções do solio, e o grande general transformou-se no despotico imperador.

Tambem o presidente da republica, Luiz Napoleão, podia ser maior do que todos os reis, se....

Estes grandes homens realmente não são comprehendidos pelo mundo! Ha gente tão insensata que os accusa de ambiciosos, que se lembra de dizer que Cezar aspirava ao fim, a que attingiram os Augustos, e os Napoleões! Loucos!

Felizmente, creio que será infructifera a empreza de Napoleão III em proclamar os grandes homens superiores ás fraquezas da humanidade! Creio que o prologo da *Historia de Julio Cezar* não consolidará o seu poder! Como obra litteraria ha de ser bem acolhida pelo mundo pensador; mas não creio que consiga fins politicos, se é que os tem. Os argumentos do despotismo são os batalhões, a sua rasão de ser a pusillanimidade das maiorias! Os grandes povos são sempre maiores do que os grandes homens! Roma é maior do que Cezar, a França é maior do que Napoleão! Contra essa utopia da missão divina ha de se revoltar sempre o sentimento indelevel da dignidade humana.

Lisboa 30 de Março de 1865.

M. Pinheiro Chagas.

ANJO DA GUARDA (?)

A. M. P.

Mãe!... que nome! que ternura
tão doce palavra encerra!
Ai! que não ha sobre a terra
d'amor expressão mais pura!

Que desalinho d'extremo!
que meiga sollicitude!
que avareza e lida rude!
que zelo santo e supremo!

Deos e mãe fazem um só
no carinho protector,
que do perigo, mal ou dôr
escuda o filho no dó.

Ai! d'aquelle que privado
foi do baptismo divino
do materno, peregrino,
fremente e casto cuidado!

Sosinho no êrmo da vida,
orfão da benção do céo,

não pode correr o véo
que lh'enlucta a alma abatida.

Sente a falta indefinivel
d'uma sonhada caricia;
scisma na vaga delicia
de seus anhelos ao nivel.

Passa estranho n'este mundo,
levando a cruz da saudade.
Tem o cunho da orfandade
impresso no olhar profundo.

Severa e nobre ergue a fronte
ao céo, na mudez da noite:
roga a Deos que a dôr lhe acôite,
ou lhe illumine horisonte.

E o scintillar d'uma estrella
de sobresalto o estremece;
pois a cura lhe parece
do que soffre existir n'ella.

Cái de joelhos no chão,
ergue a prece á luz d'espr'ança....
mas vê sorrir-lhe a bonança....
ai! n'outra vida... aqui, não!

. . . . . .

D'amarguras n'este val,
um poeta assim vivia
na agrestè melancolia
d'uma lacuna fatal.

Mas d'esta dor immensa condoido,
a Deos apraz valer ao desgraçado;
e da tortura o lugubre gemido
vae tornar-lhe de jubilo n'um brado.

Da doçura entre os anjos, um extrema
de maga seducção que á terra manda.

«Vai (lhe diz o senhor), e que não gema
«o triste em soledade tão infanda.»

Aos pés do Eterno prostra-se a belleza
immaculada, esplendida, radiante.
Derramam-se os perfumes da riqueza
virginal do sorriso deslumbrante.

«Deixai que me abençôe a mãe, e um beijo
«o seu amor aos olhos meus transmitta.»
Elle pede, annue Deos; e o bemfazejo,
No espaço, anjo de luz se precipita.

Dos celestes rosaes, subtil desliza,
metheoro offuscante, a solta flor,
em sulco diamantino; astro d'amor...
que em fórma de mulher a terra pisa.

. . . . . .

Que mulher! que ideal puro!
que bello, encantado vulto!
Accende espontaneo culto
no peito mais frio e duro.

Nos olhos a esp'rança brilha
innundada em suavidade;
dos labios brota a bondade
do céo no riso da filha.

De jaspe elastico, vivo,
sublime estatua gentil
d'austero e suave perfil,
é d'alto enleio incentivo.

De ondulações na elegancia
lembra o cysne voluptuoso;
no gésto meigo e donoso
a graça ingenua da infancia.

. . . . . .

Solitario, absorto em mágoa,

submerso em funda atonia,
o pobre martyr gemia,
sem tregoas á crua fragoa.

Quando, subito, o anjo encara
no esplendor do seu prestigio.
Surpresa de um tal prestigio,
no peito a vida lhe pára.

Pallido, trépido, anciado,
sai do torpor do desmaio
rendido ao languido raio
da luz que o deixa abismado.

«Quem és tu, ó divindade?»
— balbucia, e cai-lhe aos pés. —
«O meu assombro não vês?
«d'este abalo tem piedade!

Impregnado o olhar divino
do amor do beijo materno,
d'electrico impulso terno,
dóe-lhe ao anjo o desatino.

Dos cabellos no perfume
banha-lhe a fronte abrasada.
Conforta-lhe a alma exaltada
Do sorriso em doce lume.

«Venho do céo, não sabias?»
— diz-lhe a fada misteriosa. —
«Venho do céo, pressurosa,
«trazer-te paz e alegrias.»

«Mandou-me Deos, e eu contente
«venho fazer-te feliz.
«E pois que assim Deos o quiz...
«ama-me docil e crente.

«Trago-te um beijo celeste
«de tua mãe martyr santa.
«E se é mimo que te encanta...
«toma-o... pensa que lh'o déste.

Do cristal ou da harpa aérea
não teem os sons a pureza;
nem do ambar a chamma accêsa
o aroma da voz etherea.

Do magnetismo na vaga
em languidez opulenta,
elle embalde fallar tenta —
que a delicia a voz lhe apaga.

Doce pranto só responde
á protecção seductora.
Rosto, e lagrimas que chora
a bella no seio esconde.

. . . . . .

Rasgou-se o véo de lucto que toldava
o atribulado espirito do poeta.
Da paixão lhe dilue candente a lava
o frescor da ventura que ora enceta.

Engolfado em arrobos de poesia,
solidão, infortunio, tudo esquece;
que a vida amena e suave o anjo lhe tece
de flores e carinho que o innebria.

De mãe, de irman, de filha, de conforto
sollicito lhe serve, firme auxilio
nas duras estreitezas d'este exilio
em que d'alma o vigor era já morto.

. . . . . .

C. Pereira.

CHRONICA DO MEZ

Principiou a primavera. A seiva ignota que a mocidade do anno vae fazer circular nas veias das plantas, irradia tambem as almas ao presentirem a estação em que a terra se expande e offerece os germens todos que contém!

Um dia chegará, ai de nós! em que já nem as flôres nem os jubilos do entrar da primavera nos accordem a fellicidade. O sol hade parecer-nos pallido, as rosas sem cheiro, o céu azul sem encanto, as mulheres bonitas sem seducção, o trinar dos passaros sem poesia, e despida de prestigio a naturesa verdejante! A primavera deve ser horrivel para os velhos. Ter uma pessoa o sentimento de que já não é para si que o anno remoça e que o tempo concede a sua estação festiva! Conservar o collete de flanella, recolher cedo, e insultar o firmamento limpido indo ao quintal depois de jantar com o barrete na cabeça! Fugir de Cintra e ter medo das suas brisas ao cair das tardes! Retirar das toiradas ao quinto boi, para não esfriar! Ter medo de sair de uma sala depois do chá, e jogar a junho o epigramma de ir para a rua de lenço na bocca! Pedir a meia

voz n'um botequim: «capilé quebrado da friura!» Estar velho em pleno estio! *Alas, poor Jorik!*

Para tudo ser, o mez da primavera este anno trouxe um cortejo de festas, o annuncio de uma companhia de *zarzuella* para o Circo Price, e tres touradas dos Carmonas! Os Carmonas! Ceus e terra, quem foi o entrevado que não voou frenetico e ancioso a observar d'esta vez ainda quanta destresa, quanta coragem, quanta arte é precisa para haver conquistado a fama de *el gordito!?*

A praça em todas as tres toiradas, apesar do vento que foi terrivel, ganhou a phisionomia tumultuosa que lhe fica bem; a turba precipitou-se em correntes e encheu até as trincheiras falsas! Ninguem chegava ao seu logar sem se estribar nas mãos, nos pés, e nos cotovelos; não estava a praça cheia, estava acuculada! O aspecto geral era magnifico. Uma liberdade inquieta e nervosa: tudo a fallar, tudo a gritar, tudo a apostrophar o gado na segunda corrida, e a victoriar os bandarilleros, todos a esmagarem-se no furor da concorrencia com o maior desdem pelas leis phisicas, que mandam que o continente seja maior que o contendo. O *gordito* tem, como sabem, azas nos pés, e é mais agil nas pernas do que a serpente na lingua. O que elle fez ao toiro, na ultima das tres corridas principalmente, é uma maravilha que não se reffere. Illudiu-o, captivou-o, prostou-o, fel-o cair mil vezes nos arteficios da sua astucia, e quando o viu mais raivoso, mais implacavel que nunca, poz-lhe o chapeu n'um dos paus, estendeu-lhe a mão como quem a offerece gentilmente a uma senhora, puchou-lhe para o lado uma farpa que parecia incommodal-o, e passou com uma graça extrema por diante mesmo d'elle como occultando-se-lhe sem lhe fugir. D'outras vezes, esperou o indolente para fazer o *cambio*, e quando o toiro chegou, furtou-lhe o corpo, metteu-lhe as farpas, e ficou em pé n'uma attitude elegante! De outras vezes ainda, depois de capear de frente, embuçou-se com o melhor *salero* e capeou de costas até fatigar o toiro e o deixar tonto, para o affagar, para lhe batter, para brincar com elle, para o transformar n'um gato manso com o qual uma creança brinca, para se sentar em frente d'elle, a dois passos d'elle, com uma garrafa de cerveja n'uma das mãos e um copo na outra, fazer saltar a rolha, offerecer-lhe do seu copo, e beber á sua saude!

Os toiros deante d'este *bandarillero* inimitavel, que é o primeiro da Hespanha, como que perdem a furia, pasmados de que o homem possa tirar tal partido de creaturas que habitam com elle este planeta terraqueo, e que a intelligencia lhes alcance tão illimitado poder! Veem que perdem com elle o tempo e a raiva, e no seu estado de submissão parecem ter o desejo de se lhe associarem e tornarem-se companheiros perpetuos d'esse moço, que é para elles um

objecto de pasmo e de preocupação. O rellampago da idéa que brilha no olhar do Carmona, fascina-os e entontece-os; a sua vontade seria de entrarem em communicação com elle e pedirem-lhe a graça de completar-lhe o instincto. É a idéa de uma existencia superior que os agita e seduz! Quereriam ter como o *gordito* um jaleco de chamma de prata n'uma tarde, e um jaleco de chamma de oiro na outra; quereriam parecer-se com elle, pensarem como elle, surrirem como elle: o Carmona produz nos toiros o effeito que os deuses nos produziriam a nós, se tivessem o capricho de descerem á terra!...

Essas tardes de festa constituiram a alegria do mez, assim como o *Propheta* em S. Carlos constituiu a maior tristesa d'elle. A falta de ensaios e o estado de doença dos dois principaes artistas fez da grande opera de Meyerbeer um charivari monstruoso. O beneficio de Madame Volpini veiu logo felizmente como um surriso de bonança depois das tempestades d'essa recita. Houve coroas, *bouquets*, poesias, pombos, com uma prodigalidade que recordou as melhores ovações do theatro lyrico. Quem fez tudo isso? É o que não conseguiu saber-se ainda. Ha grandes obras que não são feitos de um homem mas de um povo. As pyramides do Egyto são anonymas. A ovação a Madame Volpini, tambem. Em todo o caso, rasgo de um admirador solitario ou de um publico inteiro, o caso é que essas demonstrações de enthusiasmo encontraram ecco nos applausos de toda a platéa, principalmente quando Madame Volpini nos cantou depois de uma valsa de Stralbosk uma canção andaluza e nos deixou admirar entre os seus recursos de grande cantôra a sua graça de hespanhola. Foi um delirio!

As rebecas de Mesdemoiselles Clauss vieram tambem alegrar este mez. São duas gentis donzellas, uma de dezeseis, outra de dezoito annos, as meninas Clauss, e as suas phisionomias completam o talento das suas rebecas,—encantadoras. Os jornaes citam-as como allemãs, mas parece que ellas fazem mais gosto em serem francezas, porque dos seus proprios labios ouvi dizerem-se parisienses. Seu pae é allemão, mas sua mãe é franceza, e ellas nasceram em Paris: se esta é a verdade, são ellas francezas ... áparte o pae. A rebeca é sempre um instrumento um pouco fantastico: no braço de uma mulher mais fantastico ainda. Tudo que diz respeito a este instrumento tem o quer que seja de mysterioso. A epocha da sua invenção é duvidosa, e se consultarmos os eruditos que se teem occupado da historia dos instrumentos de musica, não conseguiremos ficar sabendo se ella é de origem hespanhola, allemã, ou franceza; parece que a mais antiga rebeca de que ha noticia era uma rebeca fabricada por um allemão e com data de 1400; outros querem que até da Hespanha lhe venha o nome e que as primeiras rebecas se chamavam em França *vio-*

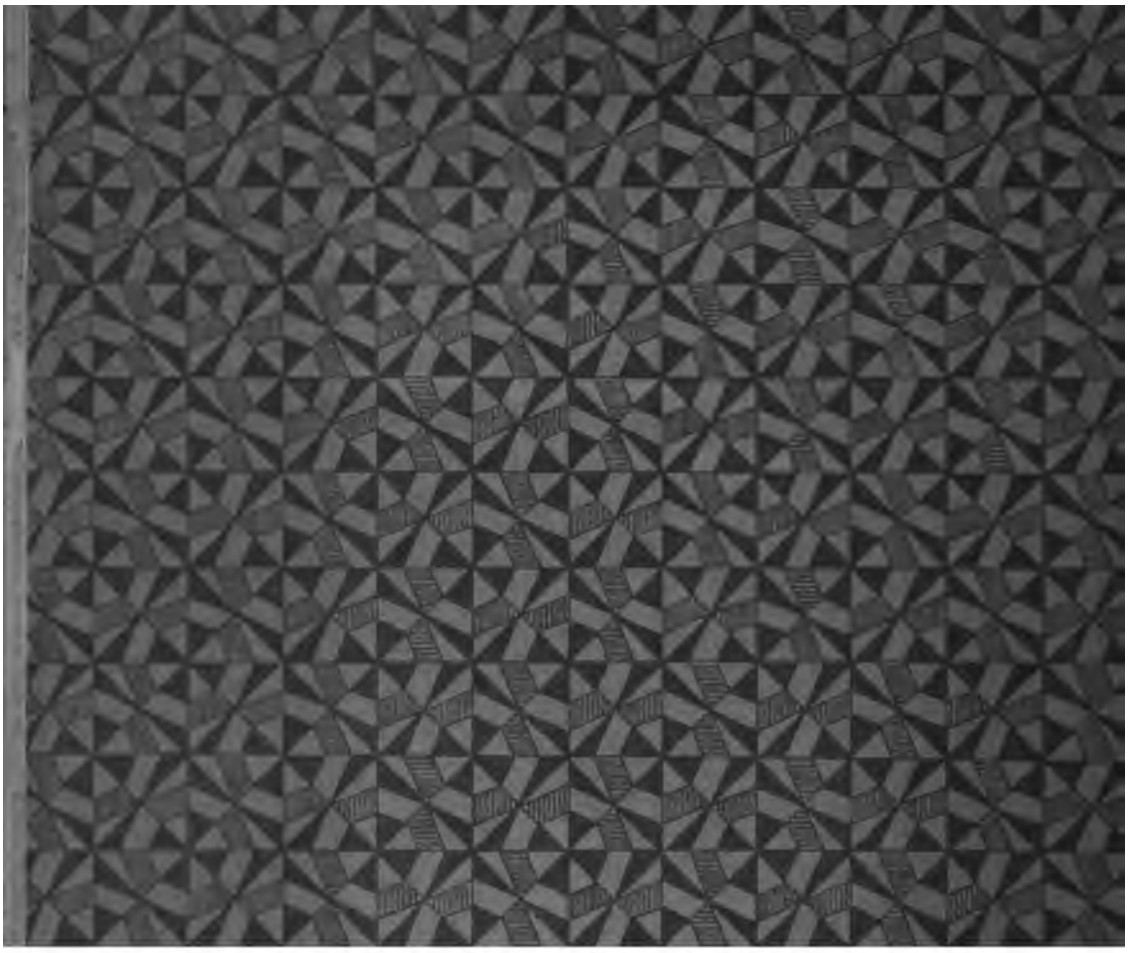
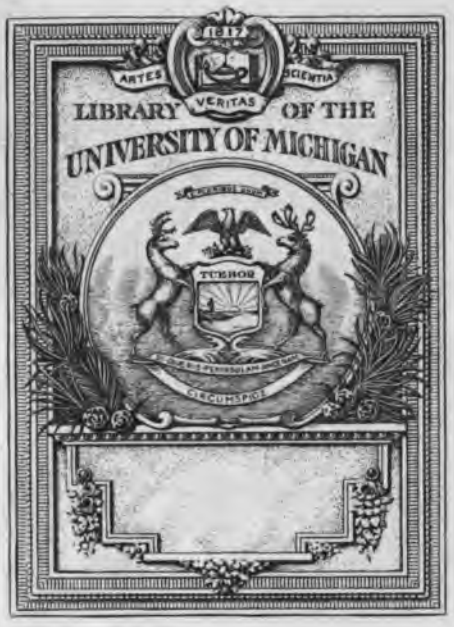
lon de *biolone* hespanhol; algumas velhas partituras italianas designam-o com o nome de *piccolo violino alla francese*. Vão lá adivinhar!

No primeiro concerto que deram, o publico estranhou, no primeiro momento, o espectaculo verdadeiramente novo de duas meninas formosas e elegantes de rebeca ao hombro, mas o talento das graciosas artistas alcançou desde as primeiras notas a estima de todo o publico; teem alma, teem inspiração, teem eschola,—e, sejamos perfitos!—teem mão d'arco. O Eva, ó ideal da mulher, quanto tu estes longe de nós e de tudo isto, tu que não tocaste rebeca, tu que não tinhas mão d'arco!

JULIO CEZAR MACHADO.

INDICE

As Azas Brancas — pag. 431.
Angustias d'Alma — pag. 486.
A Ermida de Castromino — pag. 22.
A. Gonçalves Dias — pag. 173.
Anjo da Guarda (poesia) — pag. 658.
A Igreja profanada — pag. 241.
A Judia — pag. 17.
A Noiva de Messina — pag. 540.
Antonio Pedro Lopes de Mendonça — pag. 561.
A Torre Derrocada (lenda do mar) — pag. 630.
A Ultima gargalhada de Mephistopheles — pag. 594.
Cartas Obscuras — pag. 411, 472, 524
Chronica Bibliographica — pag. 41, 335, 611.
Chronica do mez — pag. 45, 102, 161, 219, 273, 325, 391, 446, 504, 553, 607, 663.
Chronica de Modas — pag. 52, 109.
Chronica Politica Nacional e Estrangeira — pag. 31, 96, 153, 225, 281.
Chronica Scientifica — pag. 144, 208, 263, 315, 381, 489.
Conde d'Avila — pag. 511.
Contos: De noite todos os gatos são pardos — pag. 91, 186.
Dois Livros — pag. 369.
Domingos José Gonçalves de Magalhães — pag. 285.
Dom Pedro IV — pag. 339, 478.
Duas Palavras sobre o progresso litterario em Gôa — pag. 583.
Duque de Palmella (O) — pag. 399.
Francisco Gomes d'Amorim — pag. 155.
Gravura de S. M. El-Rei o Senhor D. Fernando, (uma) — pag. 29.
Historia de Julio Cesar, por Napoleão III — pag. 649.
José Gomes Monteiro — pag. 229.
José da Silva Carvalho — pag. 113.
Leilão de José Estevão (O) — pag. 128.
Maria Pratas — pag. 350, 419.
Mastbodonte (O) — pag. 205.
M[illegible] da Arte — pag. 259.
[illegible]ão de mais — pag. 573.
[illegible]otherres — pag. 9, 69.
[illegible]ão — pag. 465.
P[illegible]stras Artisticas — pag. 137, 193.
Poema da Mocidade — pag. 76.
Poesia Italiana (A) — pag. 529.
Poesia mystica Portugueza — pag. 640.
Poesia da navegação portugueza — pag. 513.
Poesia Popular — pag. 302.
Sonho de uma noite de verão — pag. 308, 360.
Thomaz Ribeiro — pag. 59.
Versos a Corina — pag. 256.
Visconde d'Almeida Garrett — pag. 1.
Visconde do Uruguay (O) — pag. 617.



UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 03473 0468